

BEST-SELLER DO *THE NEW YORK TIMES*

QUE DEU ORIGEM AO FILME

UM CONTO DO DESTINO

ACREDITE EM MILAGRES

MARK HELPRIN

Nova Conceito

SUMÁRIO

Capa

Sumário

Folha de Rosto

Folha de Créditos

Dedicatória

RECADO

NOTA DO EDITOR

PRÓLOGO

I. A CIDADE

- UM CAVALO BRANCO ESCAPA
- A BALSA QUEIMA SOB O FRIO DA MANHÃ
- PEARLY SOAMES
- PETER LAKE PENDURADO EM UMA ESTRELA
- BEVERLY
- UMA DEUSA NO BANHO
- NO MANGUE
- LAGO DAS COHEERIES
- O HOSPITAL EM PRINTING HOUSE SQUARE
- ACELDAMA

II. QUATRO PORTÕES PARA A CIDADE

QUATRO PORTÕES PARA A CIDADE
LAGO DAS COHEERIES
SOB A NEVE
UMA NOVA VIDA
O PORTÃO DO INFERNO

III. THE SUN... E THE GHOST
NADA ACONTECE POR ACASO
PETER LAKE RETORNA
THE SUN...
... E THE GHOST
UM JANTAR DE VERÃO AO CAIR DA TARDE NO PETIPAS
A ERA DAS MÁQUINAS

IV. UMA ERA DE OURO
UMA HISTÓRIA MUITO BREVE DAS NUVENS
A PONTE DE BATTERY
CAVALO BRANCO, CAVALO NEGRO
O CÃO BRANCO DO AFEGANISTÃO
ABYSMILLARD REDUX
EX MACHINA
PELOS SOLDADOS E MARINHEIROS DE CHELSEA
A CIDADE ILUMINADA
UMA ERA DE OURO

EPÍLOGO

NOTAS

MARK HELPRIN

UM CONTO DO DESTINO

Tradução
IVAR PANAZZOLO JÚNIOR



Copyright © 1983 by Mark Helprin
Copyright © 2014 Editora Novo Conceito
Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão digital — 2014

Produção editorial:
Equipe Novo Conceito

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Helprin, Mark
Um conto do destino / Mark Helprin; tradução Ivar Panazzolo Junior. -- Ribeirão Preto, SP: Novo Conceito Editora, 2014.

Título original: Winter's tale.
ISBN 978-85-8163-380-0

1. Ficção norte-americana I. Título.

14-00197 | CDD-813

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura norte-americana 813



Rua Dr. Hugo Fortes, 1885 — Parque Industrial Lagoinha
14095-260 — Ribeirão Preto — SP
www.grupoeditorialnovoconceito.com.br

PARA O MEU PAI.
Ninguém conhece a cidade melhor que ele.

Fui até outro mundo e retornei. Escute o que tenho a dizer.

NOTA DO EDITOR

Muitas das palavras que aparecem neste livro não serão encontradas em nenhum dicionário. Elas foram inventadas pelo autor e foneticamente adaptadas para a língua portuguesa.

Mark Helprin é um artesão do texto, e os seus neologismos ajudam a compor o clima mágico da obra.

PRÓLOGO

Uma cidade grandiosa não é nada além de um retrato de si mesma, e, mesmo assim, no fim das contas, seu arsenal de cenas e imagens é parte de um plano muito emocionante. Como um livro onde alguém pode ler sobre este plano, Nova York é sem igual. Pois o mundo inteiro abriu o seu coração para a cidade próxima dos penhascos das Palisades e a fez prosperar muito mais do que deveria.

Mas agora a cidade está obscurecida, como sempre, pela massa esbranquiçada onde repousa — passando por nós com sua velocidade incrível, crepitando como o vento em meio à bruma, fria ao toque, brilhante e expansiva, rolando por cima de si mesma como o vapor de um motor ou flocos de algodão que caem de um fardo. Embora a ofuscante teia esbranquiçada de sons infindáveis flua de maneira implacável, a cortina está se rompendo... e revela, em meio às nuvens, um lago feito de ar claro e límpido como um espelho, o olho redondo e profundo de um furacão branco.

A cidade jaz no fundo deste lago. Aqui do alto, parece pequena e distante, mas a energia do lugar é visível, pois, mesmo quando a cidade parece não ser maior do que um inseto, ela está viva. Estamos caindo agora, e a nossa descida rápida e discreta nos levará a uma vida que está florescendo no silêncio de outra época. Enquanto descemos lentamente em meio ao silêncio completo, rumo a uma superfície que novamente se descongela, somos confrontados por uma paisagem tomada pelas cores do inverno. Elas são muito fortes, e nos atraem.

I. A CIDADE

UM CAVALO BRANCO ESCAPA

Havia um cavalo branco em uma manhã tranquila de inverno, quando a neve cobria as ruas e não era tão espessa, e o céu estava pontilhado por estrelas vibrantes, com exceção do lado leste, onde a alvorada estava começando numa torrente de azul-claros. O ar estava imóvel, mas logo começaria a se mover quando o sol se erguesse e os ventos do Canadá soprassem com força sobre o Hudson.

O cavalo escapou do pequeno estábulo do seu mestre, construído com tábuas de madeira no Brooklyn. Trotou sozinho pela faixa das carruagens da Ponte Williamsburg, antes do amanhecer, enquanto o homem que cobrava o dinheiro das pessoas que queriam atravessar a ponte dormia ao lado do seu fogão e muitas estrelas ainda resplandeciam sobre a cidade. A neve fresca sobre a ponte abafou o ruído do tropel, e ele às vezes virava a cabeça e olhava para trás para ver se estava sendo seguido. Sentia o corpo aquecido devido ao próprio esforço e tinha a respiração compassada após percorrer sete ou oito quilômetros pela quietude do Brooklyn, passando por igrejas silenciosas e lojas fechadas. Longe dali, ao sul, em meio às águas negras e apinhadas de gelo da região de Narrows, uma luz brilhante indicava que a balsa estava a caminho de Manhattan, onde somente os homens do mercado estavam acordados, esperando os barcos de pesca voltarem de Hell Gate, cortando a noite.

O cavalo estava ensandecido, mas, ainda assim, podia se preocupar com o que havia feito. Sabia que, dentro de pouco tempo, seu mestre e a esposa dele acordariam e acenderiam o fogo.

Totalmente humilhado, o gato seria atirado para fora da casa pela porta da cozinha, caindo de costas sobre uma pilha de serragem coberta de neve. O aroma de mirtilos e da massa de pão se misturaria com o cheiro doce de lenha de pinheiro queimando, e não levaria muito tempo até que o mestre cruzasse a distância até o estábulo para alimentá-lo e prendê-lo à carroça de leite. Mas ele já não estaria ali.

Essa era uma boa piada, a rebeldia que fazia o seu coração bater aterrorizado, pois ele tinha certeza de que o mestre logo viria lhe procurar. Embora soubesse que poderia ser submetido a uma surra dolorosa, ele sentia que o mestre frequentemente se divertia e que se sentia satisfeito e emocionado pela rebelião — se fosse feita de maneira adequada e com coragem. Uma revolução bruta e irracional (tal como escoicear a porta do estábulo) teria a chibata como consequência. Contudo, nem mesmo nesse caso o mestre a usaria, pois admirava um animal espirituoso. E o mestre conhecia e sentia-se grato pela misteriosa inteligência desse cavalo branco, uma inteligência que nem mesmo ele poderia ignorar, a menos que quisesse colocar sua própria vida em perigo e cair na tristeza. Além disso, ele amava o cavalo e não chegava realmente a se importar com o fato de ter que persegui-lo pelas ruas de Manhattan (para onde o cavalo sempre ia), já que isso lhe dava a chance de chamar velhos amigos para ajudá-lo nas buscas e a oportunidade de visitar um número enorme de bares onde ele poderia perguntar, em meio a uma ou duas cervejas, se alguém viu o seu belo e enorme garanhão branco galopando em pelo, sem arreios, estribos ou sela.

O cavalo não conseguia viver sem Manhattan. O lugar o atraía como um ímã, como uma bolha de vácuo, como um punhado de aveia, como uma égua, ou como uma estrada infinita e ladeada por árvores. Ele desceu pela rampa da ponte e parou por um momento. Mil ruas se estendiam à sua frente, silenciosas, exceto pelo zunir do vento. Tomadas pela neve, pelo branco e pelo vazio, eram um labirinto para que ele se deleitasse enquanto o vento recém-chegado assobiava por riachos e córregos intocados. Passou por teatros vazios, escritórios e ancoradouros arborizados onde varas

cobertas de neve pareciam-se com longos pinheiros enegrecidos. Passou por fábricas escuras e parques desertos, e várias fileiras de casas pequenas onde a lenha que acabava de ser acesa enchia o ar com uma doce sensação de segurança. Passou pelos porões que alojavam mendigos e homens sem braços ou pernas. A porta de um bar foi aberta momentaneamente para que uma torrente de água fervente fosse jogada por toda a rua, criando uma nuvem de vapor. Ele passou por homens mortos deitados em meio aos caixões toscos formados por seus próprios corpos congelados. Trenós e carroças começaram a surgir nos mercados, ganhando vida com a puxada dos seus fortes cavalos de carga, correndo pelas ruas principais, tocando sinetas. Mas o homem manteve-se longe dos mercados, porque lá sempre havia o ruído do meio-dia, mesmo durante o amanhecer, e seguiu os afluentes silenciosos das ruas principais, passando pelos esqueletos de aço expostos dos prédios em meio às construções frenéticas. E raramente ficava longe das vistas das novas pontes, que haviam casado a bela donzela do Brooklyn com seu tio rico, Manhattan: estendiam a mão da cidade na direção do país e representavam o final do passado porque cruzavam não somente a distância e as águas profundas, mas também os sonhos e o tempo.

A cauda do cavalo branco balançava para a frente e para trás conforme ele trotava animadamente pelas ruas e avenidas vazias. Movia-se como um dançarino, o que não chega a ser surpreendente: um cavalo é um belo animal, mas talvez o mais notável seja o fato de ele se mover como se estivesse sempre ouvindo música. Com uma certeza que o deixava perplexo, o cavalo branco rumou para o sul, na direção do Battery Park, que estava visível como um campo esbranquiçado ao longo de uma rua longa e estreita, trespassado pelas longas sombras de árvores altas. Perto do Battery o porto ganhava cor com as novas luzes, movendo-se em camadas de verde, prata e azul. Ao final desse arco-íris polar, no horizonte, havia uma massa branca — o fundo reluzente sobre o qual a cidade inteira fora incrustada — que começava a se tingir de dourado com a luz do sol nascente. O dourado pálido se agitava em

ondas crescentes de calor e refração, até parecer um lugar de mil cidades, às bordas do paraíso. O cavalo parou para observar, com os olhos cheios de luz dourada. O vapor saía pelas suas narinas enquanto ele permanecia ali, contemplando a distância impossível e fascinante. O animal postou-se na rua como se fosse uma estátua, enquanto o dourado ganhava força e fervia à sua frente sobre um leito azul. Aquele parecia ser um lugar perfeito, e ele decidiu ir até lá.

O cavalo avançou, mas logo descobriu que a rua estava bloqueada por um pesado portão de ferro que isolava o Battery Park. Voltou por onde veio e tentou outro caminho, apenas para encontrar outro portão exatamente igual. Tentou várias outras ruas e chegou a vários portões pesados, e nenhum deles estava aberto. Enquanto estava preso nesse labirinto, o dourado ganhou intensidade e pareceu cobrir metade do mundo. O campo branco e vazio, certamente, era uma rota que ia na direção daquele outro mundo, o mundo perfeito, e, embora não soubesse como iria atravessar as águas, o cavalo queria chegar ao parque como se isso fosse o seu destino. Galopou desesperadamente pelas vielas, pelos becos e por cima de gramados cobertos pela neve, sempre com um olho mirando o dourado cada vez mais intenso.

Ao final do que parecia ser a última rua que levava para o espaço aberto, ele encontrou mais um portão, fechado por um trinco simples. Resfolegava, e a condensação da sua respiração se erguia ao redor do focinho enquanto ele olhava por entre as barras do portão. Era o fim: ele nunca conseguiria alcançar o Battery para, em seguida, lançar-se por cima das fitas verdes e azuis da água, rumo às nuvens douradas. Estava prestes a dar meia-volta e a procurar o caminho por onde veio para voltar ao Brooklyn quando, em meio ao silêncio que fazia com que sua própria respiração soasse como ondas quebrando em uma praia distante, ouviu o som de muitos passos se aproximando.

No início eram sutis, mas o som continuou até que os passos batiam cada vez mais fortes no chão, e ele pôde sentir um leve

tremor na superfície, como se outro cavalo estivesse passando por perto. Mas o som não era causado por um cavalo; eram homens que apareceram à sua frente como uma explosão gigantesca. Do portão de ferro negro, ele os viu correr pela extensão do Battery. Corriam a passos longos e altos, porque o vento erguia a neve quase até a altura dos seus joelhos. Embora estivessem usando todas as suas forças para correr, a corrida tinha movimentos lentos. Levaram um longo tempo para conseguir chegar até o centro do campo, e, quando o fizeram, o cavalo percebeu que havia um homem na frente, e que os outros, talvez uma dúzia, o perseguiam. O homem perseguido respirava com dificuldade, e às vezes avançava com explosões deliberadas de velocidade. Outras vezes o homem caía, mas erguia-se rapidamente e impelia-se para a frente. Os outros também caíam no chão e se levantavam mais lentamente. Logo isso acabou por abrir espaços entre os homens, formando uma fila irregular. Eles agitavam os braços e gritavam. O homem, por outro lado, estava em um silêncio perfeito, e seu corpo parecia estar quase rígido naquela corrida, exceto quando saltava por cima de bancos de neve ou de barras de ferro e abria seus braços como se fossem asas.

Conforme o homem chegava mais perto, o cavalo começou a sentir certa simpatia por ele. Movia-se com elegância — não como um cavalo, um dançarino ou alguém que sempre ouve música, mas com ímpeto. O que estava acontecendo parecia sê-lo somente por causa da maneira como esse homem se movia, mais intensamente do que se estivesse simplesmente sendo perseguido pela neve. Mesmo assim, os outros se aproximaram. Era difícil entender, já que todos usavam casacos pesados e chapéus-coco, e ele não cobria a cabeça, preferindo apenas um cachecol e uma jaqueta. Usava botas para o inverno, e os outros tinham apenas sapatos comuns, que, sem dúvida, já estavam se enchendo com a neve que entorpeceria seus dedos. Mas eram tão ou mais rápidos do que ele, eram bons no que faziam, e pareciam ter muita prática.

Um deles parou, afastando os pés sobre a neve; ergueu uma pistola com as duas mãos e disparou na direção do homem que

fugia. O estampido da pistola ecoou por entre os prédios que ficavam de frente para o parque e espantou os pombos, fazendo com que voassem em disparada para longe das calçadas geladas. O homem que estava na dianteira olhou para trás por um momento e depois mudou de direção, rumando para as ruas onde o cavalo permanecia, imóvel, como se estivesse hipnotizado. Eles também mudaram de direção, e se aproximavam ainda mais daquele homem enquanto percorriam a hipotenusa do triângulo e ele percorria o segundo cateto. Não estavam a mais de duzentos passos dele quando outro perseguidor parou para disparar. O som veio de tão perto que o cavalo ganhou vida e saltou para trás.

O homem que tentava escapar se aproximou do portão. O cavalo recuou para se esconder atrás de um pequeno depósito de lenha. Não queria tomar parte naquilo. Porém, curioso como era, não conseguiu se manter escondido por muito tempo e logo enfiou a cabeça pela lateral do depósito para ver o que estava para acontecer. O fugitivo abriu o portão com um murro poderoso, atravessou-o e bateu-o com força atrás de si. Sacou um punhal pesado de aço do seu cinturão e, já sem fôlego, golpeou o trinco até emperrá-lo em uma posição em que não poderia ser aberto. Em seguida, com um olhar cheio de agonia, virou-se e continuou a correr pela rua.

Seus perseguidores já estavam na cerca quando ele escorregou em uma poça congelada. Tombou com força no chão, bateu a cabeça na calçada e rolou sobre si mesmo até conseguir parar. O coração do cavalo quase trovejava ao ver aquela dúzia de homens se jogar contra a cerca, como se fossem um batalhão de soldados. Tinham uma aparência típica de criminosos, com rostos estranhos e retorcidos, cenhos protuberantes, queixos miúdos, narizes e orelhas que pareciam ter sido costurados de volta em seus lugares, e cabelos desgrenhados que lhes cobriam as cabeças (nunca uma geleira se aventurou em uma região tão ao sul do seu lugar de origem). A crueldade deles emanava como faíscas por cima de uma fresta. Um deles ergueu sua pistola, mas outro — obviamente o líder — disse:

— Não! Não desse jeito. Nós o pegamos agora. Vamos fazer isso devagar, com uma faca.

E começaram a subir pela cerca.

Se não fosse pelo cavalo que o espiava por trás do depósito de lenha, o homem caído poderia ter continuado no chão. Seu nome era Peter Lake, e ele disse a si mesmo em voz alta: — Você está bem encrencado quando um cavalo sente pena de você, seu estúpido, desgraçado. — E isso fez com que começasse a se mexer. Ele se colocou de pé e olhou para o cavalo. Os doze homens, que não conseguiam ver o cavalo atrás do depósito de lenha, pensaram que Peter Lake havia enlouquecido ou que estava colocando alguma artimanha em ação.

— Cavalo! — chamou ele. O cavalo ergueu a cabeça. — Cavalo! — gritou Peter Lake. — Por favor! — E abriu os braços.

Os outros homens começaram a descer pelo outro lado da cerca. Aproximavam-se devagar, pois estavam a poucos metros de distância, a rua estava deserta, o homem não estava se movendo e eles tinham certeza de que o haviam apanhado.

O coração de Peter Lake batia com tanta força que fazia o seu corpo inteiro estremecer. Sentia-se ridículo e fora do controle, como um motor caindo aos pedaços. — Oh, Jesus — disse ele, vibrando como um brinquedo mecânico. — Oh, Jesus, Maria e José, enviai-me um rolo compressor blindado. — Tudo dependia do cavalo.

O cavalo saltou por cima da poça congelada rumo a Peter Lake, e baixou seu pescoço largo e branco. Peter Lake se recompôs e, colocando os braços ao redor do que parecia ser um enorme cisne, saltou para o lombo do cavalo. Estava ereto outra vez, exultante, mesmo em meio aos disparos das pistolas que estouravam pelo ar frio. Após se transformar em cúmplice com um movimento elegante, o cavalo virou-se e escorregou, apoiando o próprio peso sobre os quartos traseiros para uma largada explosiva. Naquele momento, Peter Lake encarou seus perseguidores estupefatos e riu deles. Todo o seu ser se resumiu em uma gargalhada leve e perfeita.

Sentiu quando o cavalo se inclinou para a frente e depois correram pela rua, deixando Pearly Soames e alguns dos membros da Gangue dos Rabos Curtos encostados contra as grades de ferro, disparando suas pistolas e praguejando — todos os doze homens, com exceção do próprio Pearly, que mordeu o lábio, semicerrou os olhos e começou a pensar em novas maneiras de capturar sua presa. O estrondo de todas aquelas pistolas era ensurdecedor.

Já fora do alcance das armas, Peter Lake cavalgava num galope moderado. Trotando sobre a neve macia, passando pelas lojas fechadas, eles rumaram para o norte, atravessando a cidade que despertava em meio a uma nuvem de velocidade.



A BALSA QUEIMA SOB O FRIO DA MANHÃ

Deixar os Rabos Curtos para trás seria fácil, porque nenhum deles (incluindo Pearly, que crescera na região de Five Points como todos os outros) sabia cavalgar. Eram os mestres do ancoradouro e podiam fazer qualquer coisa com um barco pequeno, mas, quando estavam em terra, andavam a pé, tomavam o bonde e pulavam por cima dos portões que davam acesso aos trens subterrâneos ou à via férrea elevada. Perseguiam Peter Lake havia três anos. Eles o caçavam o tempo inteiro, forçando-o a voltar para o lugar que chamava de “o túnel” — a condição de luta contínua da qual ele sempre esperava livrar-se, mas nunca conseguia.

Exceto quando encontrava abrigo entre os catadores de ostras de Bayonne Marsh, Peter Lake tinha que estar em Manhattan. Não demorava muito tempo até que os Rabos Curtos soubessem que estava por ali e começassem a persegui-lo. Era necessário estar em Manhattan porque ele era um ladrão especializado em roubar casas, e trabalhar em qualquer outro lugar, para um ladrão dessa estirpe, seria uma admissão acachapante de mediocridade. Durante aqueles três anos frenéticos, Peter Lake sempre contemplava a possibilidade de se mudar para Boston, mas acabava concluindo que não havia nada de interessante para furtar naquele lugar. Considerava que a disposição das casas e ruas não favorecia a ação dos ladrões, que a cidade era pequena demais e que ele provavelmente atrairia a inimizade dos Símios Cantarellos (a principal gangue do lugar, o que não era assim tão importante) da mesma maneira que ocorreu com os Rabos Curtos, embora as razões fossem diferentes. Pelo que lhe disseram, quando escurecia em Boston, a noite ficava muito escura, e era difícil andar sem trombar com homens uniformizados. Assim, ele continuava por ali,

esperando que os Rabos Curtos se cansassem de persegui-lo. Isso não aconteceu, entretanto, e sua vida naqueles anos (com exceção das temporadas pacíficas no mangue das ostras) sempre envolveu fugas e perseguições.

Não era incomum ser acordado logo antes do amanhecer pelo tropel das botas dos Rabos Curtos subindo às pressas pelas escadas frágeis de qualquer alojamento temporário onde ele houvesse se enfiado. Teve de se privar dos prazeres de centenas de refeições, inúmeras mulheres e dezenas de casas ricas e mal vigiadas pela aparição repentina dos Rabos Curtos. Às vezes eles se materializavam à sua volta, de alguma maneira que ele não conseguia desvendar, a menos de dois metros de distância. As coisas ficavam muito próximas, o espaço para manobrar era restrito demais, e os riscos eram demasiado altos.

Mas agora, com um cavalo, as coisas seriam diferentes. Por que não pensou num cavalo antes? Poderia estender sua margem de segurança de maneira quase imensurável, e colocar não apenas metros, mas quilômetros entre ele e Pearly Soames a cada vez que Pearly tentasse se aproximar. No verão, o cavalo poderia nadar pelos rios, e, no inverno, levá-lo por cima da superfície congelada. Poderia transformar não somente o Brooklyn em um refúgio (correndo o risco, é claro, de se perder no meio daquela infinidade de vielas confusas) como também os pinheirais desertos, as montanhas Watchung, as imensas praias de Montauk, e até mesmo a região montanhosa de Hudson Highlands — lugares muito difíceis de alcançar de metrô e pouco atraentes para os urbanos Rabos Curtos, que, apesar de se sentirem confortáveis com assassinatos e a corrupção, tinham medo de relâmpagos, trovões, animais selvagens, florestas e do som de rãs e pererecas à noite.

Peter Lake esporeou o cavalo. Mas o cavalo não precisava de qualquer incitação, porque estava assustado, adorava correr e o sol estava alto o bastante para iluminar os tetos das casas e dos prédios, como uma grande fogueira aquecendo tudo e agitando seus músculos, que já eram bastante ágeis. Ele adorava correr. Era

como se fosse um enorme projétil branco, a cabeça empinada e garbosa, a cauda baixa e esvoaçante, as orelhas alinhadas a favor do vento enquanto avançava a galope. Trotava com passos tão longos que Peter Lake o imaginava como um canguru, e, às vezes, parecia que o cavalo estava a ponto de se soltar do chão e alçar voo.

Não fazia sentido voltar a Five Points. Embora Peter Lake tivesse muitos amigos ali e pudesse se esconder nas milhares de câmaras subterrâneas onde eles dançavam e apostavam seu dinheiro, sua chegada em um enorme cavalo branco iria atiçar todos os informantes da região até deixá-los praticamente em brasa. Além disso, Five Points não ficava tão longe. Ele tinha o cavalo. Iria passar por lá e seguir para longe.

Eles correram pelo bairro de Bowery e logo estavam em Washington Square, onde voaram por entre o arco como um animal de circo que pula por dentro de um círculo de metal. A esta hora muitos pedestres já estavam nas ruas, e as pessoas estranhavam a imprudência de um cavalo e seu cavaleiro ziguezagueando por entre o trânsito. Um policial que ficava em um pedestal elevado em Madison Square os viu subindo pela Quinta Avenida. Percebendo que não iriam parar, ele começou a redirecionar o trânsito, pois já testemunhara os resultados horríveis da colisão de um cavalo em disparada contra um automóvel frágil, e não estava disposto a ver aquilo outra vez. O policial havia acabado de conseguir parar as várias faixas de automóveis, caminhões elétricos e carroças puxadas por cavalos que passavam pelo seu pequeno minarete quando se virou e viu Peter Lake e sua montaria se aproximando em alta velocidade. O cavalo parecia um monumento de guerra que ganhou vida, e vinha em sua direção como um torpedo. O homem soprou o apito. Acenou com as mãos enluvadas de branco. Era algo totalmente sem precedentes. Estavam avançando contra o minarete, e deveriam estar a quase cinquenta quilômetros por hora. Babás faziam o sinal da cruz e agarravam suas crianças. Carroceiros se erguiam em seus assentos. Mulheres velhas

desviavam o olhar. E o policial ficou paralisado em sua cabine dourada.

Peter Lake esporeou o cavalo novamente e estendeu o braço direito como se fosse uma lança, apontando-o na direção do policial imóvel. Quando passaram por ele em meio a um turbilhão branco, ele agarrou o quepe do homem e arrancou-o de sua cabeça, dizendo: — Permita-me guardar o seu chapéu, senhor. — Enraivecido, o policial se virou, sacou seu bloco de notas e anotou furiosamente a descrição das nádegas do cavalo.

Peter Lake tomou a esquerda e entrou em Tenderloin, onde as ruas estavam tão abarrotadas que ele se viu imobilizado, preso entre uma carroça que transportava água e várias outras carruagens que não iam a lugar algum. Os condutores estavam gritando; os cavalos relinchavam para mostrar sua impaciência; e um grupo de crianças de rua aproveitou a oportunidade para começar uma guerra de bolas de neve. Desviando-se delas, Peter Lake olhou pra trás e viu meia dúzia de pontos azuis subindo pela rua, vindos da direção leste. Estavam longe, estavam chegando perto, estavam escorregando, estavam deslizando, eram policiais. Sem sela nem estribos, ficou em pé sobre o lombo do cavalo para olhar por cima da carroça que transportava água e das carruagens. A rua estava mortalmente congestionada e precisaria de meia hora para voltar ao ritmo normal. Peter Lake baixou o corpo outra vez e fez o cavalo dar meia-volta, com a intenção de abalroar o batalhão que se aproximava e atropelar os homens de uniforme azul. Mas a coragem do cavalo diferia da coragem do homem, e o animal decidiu não tomar parte naquilo. Ele estremeceu e balançou a cabeça quando Peter Lake tentou, sem sucesso, incitá-lo a avançar. O cavalo não conseguia andar para a frente e certamente não iria retroceder. Apanhou-se andando de lado rumo a um letreiro iluminado, o qual, mesmo sob a luz da manhã, brilhava com as palavras: “Saul Turkish Apresenta: Caradelba, a Cigana Espanhola”.

Com metade da plateia ocupada para o espetáculo da manhã, o teatro era escuro e decorado com um exagero de enfeites verdes e

azuis, com exceção do palco central, onde Caradelba dançava seminua em meio a lampejos de seda branca e amarelo-creme. No início, Peter Lake e o cavalo estavam no topo do corredor central, observando Caradelba e esperando que ninguém houvesse notado a entrada deles. Entretanto, quando a polícia entrou correndo pelo saguão do teatro, Peter Lake esporeou o cavalo outra vez e eles galoparam pelo teatro, rumo ao fosso da orquestra. Os músicos continuaram tocando, mas perderam o compasso quando viram a tremenda cabeça e o corpo do cavalo correndo em sua direção em meio à escuridão como um espantalho branco preso na dianteira de uma locomotiva.

O cavalo ganhou velocidade. Peter Lake disse: — Duvido que você seja um saltador, também. — E fechou os olhos. O cavalo fez mais do que saltar. Para a sua própria surpresa, ele voou por cima da orquestra e pousou no palco, quase sem fazer ruído, ao lado da Cigana Espanhola — um salto de seis metros para a frente e um metro e meio de altura. Peter Lake ficou maravilhado pela proeza do cavalo, que executou um salto tão longo e um pouso tão suave. Caradelba emudecera. Não era mais do que uma menina coberta por quilos e quilos de maquiagem, de constituição esguia e uma expressão confusa no rosto, exceto quando estava dançando. Percebeu a aparição instantânea de um cavalo com um homem no lombo (como se houvessem surgido em pleno ar), subitamente compartilhando o seu espaço no palco, como um insulto grave. Era como se, ao materializar-se de maneira tão imponente em seu enorme garanhão, Peter Lake estivesse zombando dela. A dançarina parecia estar prestes a cair no choro. E até mesmo o cavalo não estava totalmente confiante. Nunca estivera em um teatro antes, e menos ainda sobre um palco. As luzes que brilhavam no meio da escuridão, a música, o cheiro suave e sutil da maquiagem de Caradelba, e a enorme cortina de veludo azul o fascinavam. Estufou o peito como se estivesse em um desfile.

Peter Lake não conseguiria sair dali antes de oferecer algum conforto a Caradelba. Trocando agressões com músicos ressentidos, a polícia tentava abrir caminho por entre o fosso da

orquestra. Encantado pela mágica dos holofotes, o cavalo descobriu a glória do teatro e quis ter tempo de experimentar várias expressões faciais. Peter Lake, que sempre manteve a calma em situações tensas, raciocinou rapidamente, apeou do cavalo e, mesmo enquanto a polícia começava a lutar para subir pelas cordas de veludo presas à borda do palco, aproximou-se de Caradelba com o quepe de polícia nas mãos. Com o típico inglês da Irlanda que ele falava, disse à menina:

— Estimada Senhorita Candelabra, gostaria de lhe oferecer, como prova da minha afeição e da admiração pelas pessoas desta cidade, um *souvenir,* um quepe que acabei de tirar da cabecinha do policial que fica naquela pequena guarita em Madison Square. Como pode ver — disse ele, apontando para a meia dúzia de policiais que recuavam por entre os músicos da orquestra porque não conseguiram subir ao palco —, este é um verdadeiro quepe de polícia, e eu tenho de ir agora. — Ela pegou o quepe e colocou sobre a própria cabeça. O tecido azul do quepe fez com que os braços e ombros nus da garota parecessem ainda mais voluptuosos do que eram, e ela começou a se mover outra vez, num fandango cheio de volteios e arabescos, para o seu próprio prazer e para agradar a plateia.

Peter Lake afastou o cavalo dos holofotes que o ofuscavam. Em seguida, saltou para o lombo do cavalo e eles saíram do palco pela direita, passando por um labirinto de cordas e painéis até voltarem ao inverno e à rua, que já estava descongestionada a essa hora. Depois, voltaram para a Quinta Avenida, galopando novamente para longe da região central.

A lei acabou se distraindo da perseguição de Peter Lake pelo fervor da guerra entre as gangues, que deixava uma pilha de cadáveres a cada manhã em Five Points, na orla do rio Hudson e em lugares pouco comuns como torres de igreja, colégios internos para garotas e galpões de armazenamento de especiarias. Tinham pouco tempo, agora, para ladrões independentes como Peter Lake, mas ele imaginava que, se o seu galope imprudente pelas avenidas

elegantes incomodasse os “gentios” (em sua defesa, ele suspeitava que essa não era realmente a palavra correta), a polícia teria de ir atrás dele outra vez, e, se o fizesse, os Rabos Curtos teriam de se afastar. O problema era simples: uma vez que os Rabos Curtos marcam um homem para morrer, eles nunca desistem. Nunca.

Mas ele tinha várias estratégias para escapar das armadilhas mortais daquela cidade gelada, e os planos se desdobravam à sua frente como nuvens de tempestade, abrindo seus braços e ávidos para serem abraçados. Havia inúmeras maneiras de sobreviver e inúmeras maneiras de morrer, tanto quanto a cidade tinha em ruas, cabos elétricos e paisagens. Mas os Rabos Curtos também eram muito capazes e inteligentes, sabiam usar os ângulos e as linhas do labirinto, assim como as vias e os rios fluidos, com perícia igual à de um bando de ratos em suas tocas e frestas. Os Rabos Curtos tinham uma aura terrível de inevitabilidade e velocidade — como o tempo insaciável, o fluxo da água que desce uma encosta ou um incêndio que se alastra. Escapar deles, mesmo que apenas por uma semana, era uma proeza incrível. E ele era o principal alvo da gangue havia três anos.

Com a polícia e os Rabos Curtos atrás de si, Peter Lake decidiu abandonar Manhattan e deixar que as duas garras do predador atacassem uma à outra. Se as duas organizações chegassem a ficar frente a frente em busca da sua presa desaparecida, o choque da colisão poderia garantir três ou quatro meses de liberdade a Peter Lake. Mas esse tipo de convergência surgiria apenas se ele conseguisse se retirar da equação. Decidiu ir para junto dos catadores de ostras de Bayonne Marsh, sabendo que lhe dariam abrigo e um lugar em terra seca para o cavalo, já que haviam encontrado Peter Lake e o criaram como um dos seus (por algum tempo), como uma alcateia de lobos benevolentes. Eram ainda mais ferozes que os Rabos Curtos, que agora se atreviam a não colocar um remo na água ou lançar suas linhas de pesca dentro da enorme área do seu território, com receio de serem instantaneamente degolados. Ninguém fora capaz de subjugá-los. Não eram apenas lutadores extraordinários e impossíveis de encontrar, mas o seu

reino chegava quase a ser sobrenatural, e qualquer pessoa que entrasse em seus domínios sem sua aprovação tinha enormes chances de desaparecer para sempre em meio às brumas selvagens que varriam as águas espelhadas. Nova Jersey, certa vez, decidiu trazê-los para o seio de uma sociedade ordeira com sua vida, leis e impostos. Trinta policiais federais, a polícia estadual e agentes da companhia Pinkerton desapareceram definitivamente em meio aos nevoeiros brancos e ofuscantes. O corpo do vice-governador foi cortado ao meio enquanto ele dormia em sua mansão em Princeton. Uma das balsas de Weehawken foi explodida em plena água, transformando-se em uma bola de fogo que se ergueu por mais de cinquenta metros, com um estrondo tão forte que fez balançar todas as janelas num raio de oitenta quilômetros.

Peter Lake sabia que, embora pudesse encontrar refúgio no mangue, sempre voltaria a se sentir atraído pelas luzes de Manhattan, do outro lado do rio, independentemente do perigo. Os Catadores viviam perto demais da infinidade pulsante da muralha de nuvens. Eram silenciosos, esforçados e difíceis de compreender, pois o tempo passava por eles tão rápido quanto as paredes de um túnel ferroviário. Um Catador típico era muito parecido com um aborígene frenético, um oráculo profissional que sempre examinava o fígado dos peixes e falava em alta velocidade, num vocabulário próprio e indecifrável. Para Peter Lake, acostumado ao som dos pianos e às garotas que se faziam de difíceis, a vida no mangue era complicada. Contudo, ele era capaz de reverter a situação facilmente, e estava sempre disposto a ir a extremos para testar sua alma.

Talvez ele passasse uma semana ou dez dias pescando no gelo, recolhendo-se antes que a lua surgisse no céu, comendo quantidades enormes de ostras assadas, caminhando pelos estuários salobros que não estavam cobertos pelo gelo e extasiando-se nos abraços desnudos de várias mulheres; elas, com ele, encontravam certa beleza de tirar o fôlego em arroubos selvagens e encantadores do ato de amar enquanto a muralha de nuvens brancas balançava os seus casebres de taipa e os ventos

fortes do inverno despejavam neve sobre todas as trilhas. Ele pensou em Anarinda, de cabelos negros, seios em forma de pêssego, olhos brilhantes como estrelas... e rumou para o ancoradouro de balsas em North Ferry.

— Diabos! — disse ele ao encimar a encosta que havia no caminho, antes de chegarem aos penhascos do sul. A balsa estava ardendo em chamas no meio dos blocos de gelo que cobriam a superfície do rio, imóvel e inalcançável, uma explosão cor de laranja que cuspia grossas nuvens de fumaça negra. As balsas sempre se incendiavam, suas caldeiras explodiam, especialmente no inverno, quando eram atacadas por ilhas flutuantes de gelo pesado e pontiagudo. As belas pontes recém-construídas eram o único remédio, mas quem poderia construir uma ponte sobre o Hudson?

Era um dia perfeitamente azul. Na margem oposta, faixas de cor, árvores, pequenas casas brancas e veios vermelhos e roxos nas partes mais altas dos rochedos se mostravam em todo o seu esplendor. Um vento forte e frio trazia os pedaços de gelo pela correnteza do rio. Em meio aos enormes blocos que se quebravam com o som do dobrar de sinos, bombeiros com seus casacos pretos em barcos baleeiros e rebocadores a vapor lutavam para resgatar os sobreviventes e jogar água gelada sobre as chamas. Centenas de espectadores já estavam ali, apesar do frio da manhã: meninas com seus bordados e patins, encanadores e operários a caminho do trabalho, funcionários, estivadores, carregadores, marinheiros e ferroviários. Havia também vendedores de comida, prevendo a chegada de milhares de pessoas que estariam ali depois que a balsa houvesse se transformado em uma armadilha tristonha de carvão flutuante, e que alimentariam a sua curiosidade com amêndoas, milho verde assado, *pretzels* quentes e espetinhos de carne. Peter Lake comprou um saco de amêndoas de um homem de aparência matreira, cujas mãos já estavam habituadas ao calor do seu fogareiro. Recolhia as amêndoas fumegantes no meio do braseiro ardente. Estavam quentes demais para comer, e assim (depois de olhar para um lado e para o outro para verificar se havia alguma dama por perto) ele enfiou o saco fumegante dentro das

calças. Junto da barriga, elas aqueceram o seu corpo todo. Enquanto observava a balsa queimar, o vento ganhou força, e as longas fileiras de salgueiros se curvaram para o sul e agitaram o gelo que cobria os seus ramos de branco.

Um dos espectadores olhava com bastante atenção — não para a balsa que queimava, mas para Peter Lake, que deixou passar aquela insolência com desprezo. O homem que o observava era um mensageiro do serviço de telégrafos. Peter Lake detestava os mensageiros do telégrafo. Talvez porque devessem ser as esguias contrapartes do deus alado Mercúrio, mas, invariavelmente, eram monstros rotundos, elefantinos e com melaço em lugar do sangue, que demoravam uma hora inteira para percorrer um quilômetro e eram incapazes de subir escadas. Ele certamente não desviaria a sua atenção de uma balsa em chamas por temer um paspalho gorducho em um uniforme enorme e folgado, com um chapéu quadrado e uma plaqueta que o identificava como “Mensageiro Beals”. O que faria se o Mensageiro Beals se misturasse à multidão e desaparecesse? E se ele alertasse os Rabos Curtos? Tudo o que Peter Lake tinha que fazer, caso eles aparecessem, seria montar no cavalo com um salto e deixá-los para trás.

Vários bombeiros tentavam abordar a balsa em chamas. Não havia qualquer razão aparente para fazer aquilo, pois todos os passageiros que não estavam mortos já haviam sido salvos, e os bombeiros não poderiam apagar o fogo simplesmente colocando-se perto das chamas. Por que, então, lutavam tanto para chegar à balsa, pendurados em uma corda que ora se retesava e ora se afrouxava (e que já começava a queimar), mergulhando-os nas águas congelantes do rio enquanto a multidão assistia a tudo? Peter Lake sabia. Eles ganhavam força com o fogo. Quanto mais próximos estivessem para combatê-lo, mais fortes se tornavam. Os bombeiros sabiam que, embora às vezes o fogo os matasse, também podia lhes oferecer dádivas inestimáveis.

Peter Lake, junto a todas as pessoas aglomeradas, aplaudiu quando os bombeiros atravessaram a corda em chamas e

chegaram ao convés. Enquanto observava, descascava as amêndoas e as dividia com o cavalo. Depois de meia hora a balsa estava prestes a adernar. Um rebocador tentava atravessar os blocos de gelo que vinham pelo rio, tentando recolher os bombeiros exaustos. A corda que usaram para chegar à balsa estava queimada, e os bombeiros estavam isolados. Provavelmente afundariam se a balsa adernasse rapidamente no meio do canal.

Com o canto do olho (uma parte do corpo altamente desenvolvida e treinada nos ladrões), Peter Lake viu dois automóveis vindo pela estrada. Havia muitas dessas coisas por aí, e nada de estranho nelas, mas aquela dupla em particular se aproximava a toda a velocidade, um atrás do outro, abarrotados de Rabos Curtos. Quando Peter Lake montou no cavalo, viu o Mensageiro Beals aos pulos (embora fizesse isso bem devagar), repleto de entusiasmo. Os Rabos Curtos provavelmente lhe recompensariam com um enorme jantar e um ingresso para algum espetáculo de música.

Peter Lake galopou para o sul, abandonando a balsa incendiada e rumando para as avenidas abertas que o levariam para além das fábricas, das empresas que engarrafavam o leite, cervejarias e pátios de ferrovias. Ele e o cavalo desapareceram rapidamente em meio aos barris, trilhos e montanhas cúbicas de lenha, às tubulações de gás, aos curtumes, às manufaturas de cordas, cortiços, teatros *vaudeville* e aos altos pilares cinzentos das pontes de ferro.

Os Rabos Curtos estavam perto dele outra vez, ligeiros, embora constrangidos em seus automóveis. Mas Peter Lake continuou à sua frente e seguiu adiante, sempre na direção sul, enquanto o cavalo galopava com passos tão poderosos que quase chegava a alçar voo.

PEARLY SOAMES

Em todo o universo havia uma única fotografia de Pearly Soames, e o retrato o mostrava cercado por cinco policiais — cada um deles segurando-lhe um braço ou uma perna, e o quinto lhe segurava a cabeça. Eles o prendiam com as pernas abertas em uma cadeira, à qual sua cintura e o peito estavam amarrados firmemente. Seu rosto estava retorcido e os olhos, fechados com força; e era possível ouvir, mesmo em preto e branco, o grito que emergia da sua garganta. O enorme policial atrás dele estava com dificuldade para manter o rosto do sujeito virado para a câmera, e agarrava o cabelo e a barba de Pearly como se estivesse segurando uma cobra venenosa e enfurecida. Quando o pó de magnésio queimou sobre a câmera, um suporte para casacos caiu à esquerda, vítima de todo aquele esforço, e sua imagem foi capturada e preservada para todo o sempre como o ponteiro de um relógio ornamentado, apontando na direção do número dois. Pearly Soames não queria ser fotografado.

Seus olhos se pareciam com lâminas e diamantes brancos. Eram incrivelmente pálidos, lúcidos e prateados. As pessoas diziam: — Quando Pearly Soames abre os olhos, é como se a luz elétrica se acendesse. — Tinha uma cicatriz que ia do canto da boca até a orelha. Quem a observasse sentiria uma faca rasgando a própria pele, abrindo um corte profundo e doloroso, porque a cicatriz de Pearly Soames era uma valeta branca reticulada com dolorosos filamentos de marfim gelado. E era assim desde os quatro anos, um presente do seu pai, que tentou — e não conseguiu — cortar a garganta do filho.

Claro, é ruim ser um criminoso. Todos sabem disso, e juram que é verdade. Criminosos são responsáveis por várias das mazelas do

mundo. Mas, apesar disso, são os depositários da fluidez. Na verdade, alguém poderia até mesmo argumentar que Nova York não brilharia sem as suas legiões de demônios insolentes avivando as luzes da bondade com sua oposição e resistência inexplicáveis. Talvez fosse até mesmo possível dizer que criminosos são um componente necessário para o equilíbrio da equação que, de maneira firme e bela, devora todo o tempo que lhe é jogado nas costas. São o açúcar e o álcool de uma cidade, um brilho vermelho no mosaico, o relâmpago em uma noite quente. Assim era Pearly.

Pearly era tudo isso, sabia a cada instante exatamente o que era e que tudo o que fazia era errado, possuído por uma imagem agonizante de si mesmo e uma mente capaz de compreender o significado de seus atos impiedosos. Embora não se importasse com todos os mecanismos que definem o equilíbrio das equações, se ele parasse, a vida da cidade se despedaçaria. Isso acontecia porque precisava (dentre outras coisas) de forças equilibradas, opostas e aleatórias, e ele fora designado para cumprir aquelas três funções. Imagine a magia necessária para fazer um homem gemer ao ver um bebê e sentir o desejo de matá-lo. Pearly tinha essa magia: odiava bebês e queria matá-los. Eles berravam como gatos sobre a cerca, tinham bocas enormes e redondas e não eram capazes nem mesmo de manter suas malditas cabeças eretas. Pearly enlouquecia com todas as necessidades, o comportamento e a inocência dos bebês. Queria perverter o comportamento e destruir a inocência deles. Sentia vontade de discutir com eles, embora não fossem capazes de conversar. Também odiava crianças pequenas que ainda eram jovens demais para roubar. Que paradoxo trágico. Quando eram pequenos e capazes de passar pelas barras de uma cerca ou portão, não sabiam o que fazer e não conseguiam carregar nada. Assim que chegavam a uma idade em que eram capazes de entender o que deviam buscar do outro lado, não eram mais capazes de passar pelas barras dos portões. E não sentia desgosto somente pelas crianças e sua vulnerabilidade. Sentia o peito arder com ondas de incontrolável violência sempre que avistava qualquer aleijado. Cerrava os dentes e sentia vontade de matá-los, esmagá-

los até se transformarem em uma pasta pegajosa, de silenciar aquela autopiedade horrível, de amassar as rodas das suas cadeiras. Ele era um arremessador de bombas, um lunático, um mestre do crime, um diabo, o cão dourado das ruas.

Pearly Soames queria ouro e prata, mas não como os ladrões comuns que visavam apenas acumular riquezas. Ele os desejava porque brilhavam e eram puros. Estranho, atormentado e deformado, ele procurava a cura em meio à abstrata relação que havia entre as cores. Mas, embora se sentisse atraído por cores refinadas e intensas, não era realmente um *connoisseur*. *Connoisseurs* de pinturas, curiosamente, eram indiferentes à cor em si, e raramente se deixavam possuir por ela. Em vez disso, eram eles que a possuíam. E pareciam se saciar facilmente. Eram como os *gourmets*, que precisavam construir castelos com sua comida antes de se deliciarem com ela. Confundiam a beleza com o conhecimento, a paixão com a perícia. Pearly, não.

A atração que Pearly sentia pela cor era como uma infecção, uma religião, e ele se entregava de braços abertos toda vez, como se fosse um homem faminto. Às vezes, na rua ou enquanto atravessava a orla do Hudson num esquife ligeiro, ele testemunharia o brilho do sol criando um plano de cor que recebia (como quase tudo em Nova York) um abraço breve e promíscuo. Pearly sempre parava para olhar, e, se ficasse paralisado no meio da rua, o trânsito era forçado a passar ao seu redor. Ou, se estivesse num barco, ele o virava contra o vento e permanecia à vista da cor enquanto o momento durasse. Pintores de casas eram submetidos a interlúdios de terror quando Pearly surgia repentinamente e permanecia nas proximidades, observando, com seu olhar elétrico, conforme a cor rica e reluzente fluía dos seus pincéis umedecidos. Era ruim o suficiente vê-lo sozinho (todos o conheciam, e todos tinham noção da sua reputação), mas ele frequentemente surgia acompanhado por um punhado de Rabos Curtos. Nesse caso, os pintores tremiam porque seriam castigados posteriormente pelo tempo que os Rabos Curtos foram obrigados a ficar em silêncio com as mãos nos bolsos,

observando o mistério inexplicável da “gravidade da cor” de Pearly, como ele a chamava. Incapazes de se queixar a Pearly, eles deixariam alguns dos seus para trás para darem uma surra nos pintores.

Certa vez, enquanto estavam caminhando rumo a uma guerra de gangues, Pearly e sessenta dos Rabos Curtos saíram marchando pelas ruas como um exército florentino. Levavam consigo não somente o armamento costumeiro oculto em suas próprias roupas, mas também rifles, granadas e espadas. Prontos para a briga, estavam extremamente empolgados. Seus corações batiam com força dentro do peito. Seus olhos corriam de um lado para outro. Quando estavam no meio do caminho que os levaria até o campo de batalha, Pearly viu dois pintores aplicando uma camada fresca de esmalte no batente da porta de um bar. O pequeno exército interrompeu a marcha. Pearly se aproximou dos pintores, que tremiam com a sua presença. Apontou os olhos para o verde e ficou ali, sentindo o cheiro da tinta, perdido nas sensações. Revigorado, emocionado e extasiado, ele recuou um passo, envolvido pela gravidade da cor...

— Passem mais tinta. Gosto de olhar quando ela escorre, quando está úmida. Isso sim é um momento de glória — disse ele.

Os pintores começaram a aplicar uma segunda demão (o dono do bar ficou muito contente). Pearly observou, em puro contentamento. — Uma bela paisagem. Uma linda paisagem — opinou. — Me faz lembrar de certas partes das mansões de homens ricos, onde eles não deixam as ovelhas chegar perto da grama, e a grama permanece pura. Continuem o trabalho, camaradas. Voltarei em um dia ou dois para ver a cor, quando ela secar. — Em seguida, prosseguiram rumo à batalha, com Pearly na linha de frente, lutando como nenhum homem seria capaz de fazer, após receber o poder dos baldes de cor.

Essa gravidade da cor o fazia roubar quadros e pinturas. No início, ele mesmo ia às galerias de arte ou enviava seus homens, mas não encontravam nada lá além de tintas e cavaletes. Depois,

compreenderam como as coisas funcionavam e passaram a assaltar os cofres protegidos de negociadores de prestígio, juntamente com os palacetes mais bem vigiados da parte alta da Quinta Avenida, onde encontravam os quadros mais cobiçados — aqueles que eram vendidos por dezenas de milhares de dólares, que atraíam os jovens cães da imprensa, aqueles sobre os quais os críticos não se atreviam a dizer nada de ruim. Esses eram os quadros trazidos da Europa em iates, viajando em suas próprias cabines, com três guardas da agência Pinkerton para vigiá-los. Pearly sabia quais devia roubar, porque lia os jornais e recebia os catálogos das casas de leilão.

Certa noite, seus melhores gatunos retornaram com cinco telas enroladas, surrupiadas do depósito da Knoedler's. Pearly não foi capaz de esperar até o dia amanhecer. Mandou que as telas fossem desenroladas e emolduradas, e ordenou que trouxessem duas dúzias de lampiões e espelhos para iluminar um enorme salão que ficava perto das pontes, o quartel-general utilizado no momento, pois os Rabos Curtos mudavam de esconderijo com frequência, imitando as Guerrilhas Espanholas. Pearly mandou que as pinturas fossem colocadas em suportes e cobertas com uma cortina de veludo. Os lampiões foram acesos, lançando luzes brilhantes contra o tecido macio. Ele tomou posição e se preparou para um festim. Com um aceno de cabeça, indicou aos seus homens para deixar o pano cair.

— O que é isso? — gritou ele, instintivamente levando as mãos à sua pistola. — Vocês roubaram o que eu lhes mandei roubar?

Os ladrões folheavam freneticamente os catálogos dos leilões, comparando os títulos que Pearly circulou com caneta vermelha com as plaquetas que haviam roubado junto com as telas. Exatamente as mesmas que ele mandara roubar. Os nomes correspondiam, e os ladrões mostraram isso a Pearly.

— Não entendo — disse ele, observando a sua coleção de nomes importantes e famosos. — Tudo isso é lama, preto e marrom. Não

há luz nisso, praticamente não há cor. Quem pintaria um quadro usando apenas preto e marrom?

— Não sei, Pearly — respondeu Blacky Womble, o soldado em que Pearly mais confiava.

— Por quê? Por que alguém faria isso? E por que todas as pessoas e os especialistas gostam dessas coisas? Será que não sabem? Eles são ricos, deveriam saber.

— Eu lhe disse, Pearly. Não consigo entender — acrescentou Blacky Womble.

— Cale a boca! Leve-as de volta. Não as quero aqui. Coloque-as de volta em suas molduras.

— Mas nós as cortamos para tirá-las das molduras — protestaram os ladrões. — Além disso, o dia vai amanhecer em uma hora. Não temos tempo.

— Então levem-nas de volta amanhã à noite. Ao diabo com elas! Que desperdício.

O dia seguinte foi tomado por um grande furor quando os funcionários da Knoedler's descobriram que quadros no valor de meio milhão de dólares haviam sido roubados. E, um dia depois, os jornais enlouqueceram com artigos em que relatavam que as pinturas foram devolvidas. Publicaram na primeira página o conteúdo de um bilhete que estava preso a uma das molduras.



Não quero essas coisas. São lama e não têm cor. Ou, talvez, a cor seja diferente daquilo que estou acostumado. Vão a qualquer cidade americana, no outono ou no inverno, quando a luz faz as cores dançarem e fluírem, e observem-na do alto de uma colina ou num barco na baía ou no rio. Vocês verão em qualquer parte da paisagem pinturas muito melhores do que essa sopa de lentilhas que vocês pagam caro para poder amar. Posso ser um ladrão, mas conheço cores quando as vejo numa nesga do paraíso ou nas artimanhas do Diabo, e eu sei o que é lama. Sr. Knoedler, não precisa mais se preocupar com as suas telas. Não vou roubá-las. Não gosto delas.

Sinceramente,
P. Soames

Para confortar a mágoa da gravidade da cor, os homens de Pearly se esforçaram muito para lhe trazer esmeraldas, ouro e prata. Ele passou dias sem falar com ninguém, até que o calor do ouro e o tilintar visual da prata fina o curaram. Ocasionalmente eles lhe traziam a obra de algum artista americano, ou de algum miniaturista da Renascença, ou qualquer trabalho de algum experimentalista altivo e que não tinha o devido reconhecimento, ou algum artista ancestral cujo trabalho não fora fervido para se transformar em óleo de linhaça, e Pearly finalmente teve o seu festim — sob um ancoradouro, no andar de cima de um bar que vendia cerveja barata, ou em meio aos barris de alguma destilaria. Mas as imagens e cenas maravilhosas, as sutilezas do verdadeiro sacrifício da cor, a santidade da sua coincidência em planos integrais e correntes intermescladas não eram o bastante para Pearly. Na realidade, ele queria viver dentro do sonho que capturava seus olhos, passar seus dias e noites em meio aos vapores e ao aroma do ouro polido.

— Quero uma sala feita de ouro — exigiu ele. — Sólido, polido o tempo inteiro com camurça, ouro puro: as paredes, o teto e o piso feitos de placas de ouro.

Até mesmo os Rabos Curtos ficaram embasbacados. A cidade pertencia a eles, mas nunca pensaram em ser como os reis incas, ou em construir um palácio celestial, ou mesmo em ter um endereço fixo.

Blacky Womble se arriscou a confrontar o seu chefe.

— Pearly, ninguém em Nova York tem um quarto feito de ouro, nem mesmo o banqueiro mais rico. É perda de tempo. Roubar todo esse ouro levaria uns cem anos.

— É aí que você se engana — advertiu Pearly. — Faremos isso em um dia.

— Um dia?

— É igual a roubar galinhas. E você acha que não existe uma sala de ouro? Está enganado. Há muitos milhões de salas e espaços fechados nesta cidade que se estendem, sem qualquer barreira, sob o chão, no ar, e em meio ao labirinto infinito das ruas. Pode haver mais salas de ouro na cidade do que o número de estrelas no céu.

— Como isso pode ser possível? — perguntou Blacky Womble.

— Já ouviu falar sobre a rua Sarganda, ou a Via dos Diamantes, ou as avenidas dos Nove e dos Vinte?

— Em Nova York?

— Sim. Avenidas com centenas, milhares de quilômetros de extensão, que serpenteiam e circulam, com inúmeras ruas que as cruzam, entrelaçando-se entre si, cada uma delas mais exuberante que a anterior.

— Essas ruas ficam no Brooklyn? Não conheço o Brooklyn. Ninguém conhece muito bem aquele lugar. As pessoas sempre vão até lá e nunca voltam. Tem um monte de ruas no Brooklyn de que nunca ouvi falar, como o Funyew-Ogstein-Crypt Boulevard.

— É alguma coisa dos hebreus. Mas, sim, essas avenidas ficam no Brooklyn, e em Manhattan também. Cruzam-se e passam umas por cima das outras.

Os olhos de Pearly brilhavam como lâmpadas elétricas. Blacky Womble nem sempre compreendia Pearly (especialmente quando Pearly o mandava buscar um galão de tinta fresca no meio da noite), mas sabia que ele conseguia ótimos resultados, e adorava vê-lo atiçado e suado, encarando as coisas como se fosse um lutador ou boxeador, arrancando tesouros do próprio ar, possuído e determinado como um oráculo. Pearly continuou:

— As Avenidas dos Nove e dos Vinte estão enroladas, uma ao redor da outra, como duas cobras copulando. Elas se estendem por milhares de quilômetros.

— Em qual direção, Pearly?

— Para cima! Direto para cima! — respondeu Pearly, apontando para o céu escuro, com os olhos desaparecendo e deixando para trás apenas duas ovais brancas.

Blacky Womble também olhou para o teto escuro, e viu espirais negras e lampejos azuis. Era como estar suspenso sobre um fosso sem fundo. Esqueceu-se da gravidade. Voou. Seus olhos foram engolidos pelo emaranhado de ruas que Pearly abriu para ele, apenas por um instante. Quando retornou, encontrou Pearly fitando seu rosto, com uma postura tranquila e profissional, calmo e sóbrio como o funcionário de uma lavanderia no dia depois do Natal.

— Mesmo se a rua Sagranda e as Avenidas dos Nove e dos Vinte...

— E a Via dos Diamantes.

— ... e a Via dos Diamantes realmente existirem, como vamos roubar uma quantidade suficiente de ouro para construir uma sala dourada? Não me leve a mal, gosto da ideia. Mas como vamos executá-la?

— A única maneira é roubar o ouro que é levado por um dos cargueiros que atravessam as Narrows.

Blacky Womble ficou perplexo. Os Rabos Curtos eram a melhor de todas as gangues, a mais poderosa, a mais ousada. Mas nunca haviam assaltado um grande banco, exceto uma vez — e foi uma daquelas agências temporárias que podiam ser arrombadas com um abridor de latas. Os cargueiros de ouro estavam fora de questão. Ninguém sabia ao certo quando eles chegariam ao seu destino, pois estabeleciam seus trajetos de acordo com geradores aleatórios (caixas de metal dentro das quais rolavam cubos de *mahjong* com latitudes e longitudes entalhados).

Esses navios ziguezagueavam pelos mares em rotas inacreditáveis. Por exemplo, para ir do Peru a Nova York, um dos cargueiros mais rápidos poderia parar em Yokohama seis vezes — embora um chamado típico de um cargueiro de ouro consistisse em oferecer uma saudação com um sinalizador azul ainda no mar, a

cinquenta quilômetros da costa, e depois desaparecer no meio da noite. Não havia como saber onde um deles estaria, nem quando; mantinham-se longe das rotas marítimas tradicionais. Suas chegadas eram rápidas e inesperadas. Na verdade, a maioria das pessoas de Nova York mal sabia que eles existiam. Os padeiros assavam suas infindáveis fornadas de biscoitos; mecânicos trabalhavam em motores sujos de graxa que cheiravam a sílex e aço; e caixas de banco trabalhavam em suas cabines, entregando e recebendo somas minúsculas pelas barbatanas organizacionais das suas belas e graciosas mãos humanas, sem nunca perceber que a riqueza de grandes reinos estava à sua volta, escoando pelas ruas da parte baixa de Manhattan como se fosse uma onda contra uma rede de pesca.

Dos muitos milhões de habitantes, talvez uns dez mil já tivessem chegado a ver um cargueiro de ouro no porto ou amarrado ao seu atracadouro fortificado por meia hora até que fosse descarregado. Destes, não mais de mil conheciam os detalhes daquilo que vira. Destes mil, novecentos eram honestos e não pensavam em roubar. Dos cem que pensavam, cinquenta eram vagabundos e maltrapilhos, e não eram criminosos o bastante para roubar de si mesmos. Do restante, vinte poderiam ser capazes de roubar, mas haviam concentrado seus talentos em outras coisas (tais como a ópera, a publicação de livros ou o exército); vinte eram criminosos qualificados, mas não tinham habilidades organizacionais, aliados ou recursos; cinco inventavam planos estúpidos e risíveis; e quatro poderiam tentar um assalto, se não fosse por algum acidente fatal, distrações coincidentes ou uma súbita dispepsia — o que não significa que chegariam a ter sucesso. O único que restava era Pearly Soames, mas mesmo para ele a tarefa era quase impossível, pois estes eram os navios mais rápidos e ágeis do mundo. Eram bem armados e blindados. No interior dos seus cascos havia cofres estupendos, que somente podiam ser abertos quando o navio atracasse em um dos ancoradouros fortificados. Ali, mecanismos especiais extraíam uma série de barras de aço de dentro do casco, instaladas diante de portas equipadas com relógios, construídas

para abrir somente em horários predeterminados. Atrás delas, dez prateleiras de segurança máxima, onde o ouro ficava encerrado dentro de caixas-fortes explosivas. Um exército vigiava cada remoção.

Embora Blacky Womble fosse caucasiano, era mais negro do que o cobalto, e, diferente do resto dos Rabos Curtos, usava uma jaqueta de couro preta e brilhante. Seu cabelo ficava trançado ao redor das orelhas em rolos assustadores, bem parecidos com as curvas da rua Sarganda. Seus dentes eram o que havia de mais parecido com os olhos de Pearly. Eram pontiagudos como espetos, serrilhados como longas cordilheiras ou facas de cortar pão, em forma de lua crescente como as lâminas das cimitarras, afiados como os melhores bisturis e fortes como baionetas. Mesmo assim, de algum modo, ele tinha um sorriso tão gentil e pacífico que podia até mesmo ajudar a embalar um bebê para que dormisse. Apesar dos dentes, Blacky era um bom homem (para os padrões dos Rabos Curtos). Sabia que a gravidade da cor de Pearly o consumia, que Pearly caminhava no limite entre a loucura e a genialidade, sempre correndo riscos cada vez maiores para saciar a obsessão pela cor, e, portanto, mantendo a lealdade dos Rabos Curtos, pois nunca deixava de encantá-los. Mas algum dia isso chegaria ao fim, e eles estavam esperando pela ocasião em que Pearly perderia o juízo. Blacky achava que esse dia havia chegado.

— Pearly, estou preocupado com você — disse ele, diretamente.

Pearly riu.

— Você acha que eu estou biruta.

— Não vou contar a ninguém. Não vou dizer nada. Assim você pode pensar mais um pouco e...

— Já está decidido. Vou contar aos outros. Na reunião.

Eles faziam suas reuniões no subsolo ou bem acima do nível da rua, pois as deliberações secretas dos ladrões não podem acontecer em lugares idôneos como refeitórios ou praças da cidade, onde há risco de se tornarem democráticas e abertas, arejadas,

saudáveis e tranquilas. As reuniões dos Rabos Curtos ocorriam em catacumbas ou nas torres mais altas, onde se confrontava uma tumba ou um penhasco. Pearly usava esses locais para ruminar seus planos e galvanizar a lealdade dos Rabos Curtos. Sentiam-se privilegiados quando se reuniam nos atracadouros da ponte do Brooklyn, enfiados em tanques de água que não estavam totalmente vazios, aninhados e amedrontados entre as barras de sustentação da coroa da Estátua da Liberdade, no porão de um salão de ópio da rua Doyer ou na borda do escoadouro municipal de esgoto, sentados no chão como participantes de um piquenique às vistas das cataratas do Niágara.

— Espalhe a notícia — ordenou Pearly a Blacky Womble. — A reunião está marcada para a meia-noite, na próxima terça-feira, no cemitério dos mortos honrados.

Blacky Womble engasgou e seus olhos pareceram cair para dentro do próprio crânio. Ele poderia entender se a reunião fosse feita ao sabor dos ventos fortes no cume da torre mais alta da cidade, ou se fosse uma daquelas convocações audaciosas que resultavam em um encontro no topo do quartel central da polícia. Mas o cemitério dos mortos honrados! Palavras de protesto transbordaram pela sua boca, rasgando-se em meio ao marfim dos dentes.

— Cale a boca, Blacky! Faça o que lhe mandei.

— Mas eu...

Pearly Soames olhou nos olhos de Blacky. Para Blacky, era como olhar por uma fresta da fornalha de uma fundição. Sabia que, se houvesse qualquer outro indício de resistência, rios de chamas alaranjadas transbordariam em longos açoites dourados para castigar o mundo que ainda ardia.

Humildemente, Blacky perguntou quantas pessoas deveriam estar presentes.

Pearly havia esfriado um pouco a cabeça, e respondeu sem fazer rodeios.

— Todo o nosso contingente, os cem.

O medo fez o leal Blacky Womble desmaiar.

Era realmente uma honra poder ser enterrado no cemitério dos mortos honrados. Pearly decidira que um Rabo Curto morto merecia ser enterrado num local que fosse tão próximo do inferno quanto possível, e que o enterro deveria representar tantos riscos para a vida e a integridade quanto se pudesse imaginar (a última honraria concedida aos mortos). Assim, todos os Rabos Curtos mortos no cumprimento do dever eram levados até as criptas no fundo do sifão do rio Harlem.

Para trazer a água de Croton até Manhattan, a cidade construiu um sifão monumental. Em ambos os lados do rio Harlem, dois fossos foram cavados, buracos com mais de trezentos metros de profundidade, até um túnel pressurizado com quatrocentos metros de extensão escavado em plena rocha. Entre os dois fossos havia uma câmara subterrânea com sete metros e meio de cada lado e mais sete metros e meio de altura. Aqui, durante um verão muito seco no qual o sifão não teve condições de funcionar, os Rabos Curtos instalaram uma centena de criptas hermeticamente fechadas. Na ocasião, foi difícil o bastante fazer o percurso em uma plataforma pequena por cerca de dez minutos, segurando os cotovelos junto do corpo para que não se arranhassem nas paredes de rocha do fosso estreito, e depois rastejar vagarosamente por um túnel de duzentos metros de comprimento coberto de musgo, tão estreito que você se sentiria como se estivesse sendo forçado a atravessar o cano de uma arma, até chegar à escuridão completa da câmara subterrânea, acender uma vela e escutar os ratos gritarem de medo.

Era ruim estar a quatrocentos metros e uma hora de distância da superfície, do ar, dos espaços abertos. Diretamente acima das cabeças de quem estivesse na câmara não havia nada além de duzentos metros de rocha sólida e trinta metros de lama, cascalho e água suja. As duas aberturas arredondadas na câmara subterrânea

eram exatamente do tamanho do túnel, mais estreitas do que um bueiro. Os mineradores que trabalharam nas criptas o fizeram somente porque, se recusassem o serviço, Pearly mataria suas famílias. Eles terminaram rápido e ficaram gratos com o fim dos trabalhos, pois era assustador estar naquele lugar, mesmo em época de seca.

Mas, quando a água estava fluindo e podia ser liberada a qualquer momento, vinda do reservatório de Jerome Park para encher os túneis com mais velocidade do que qualquer cavalo seria capaz de correr, a sensação era consideravelmente pior. Era uma grande honra para o morto ter o seu corpo puxado pelo túnel por dois Rabos Curtos, que o enfiavam rapidamente em uma das criptas enquanto prendiam a respiração para escutar o ruído que indicava que a água estava se aproximando. Depois, os Rabos Curtos rastejavam feito loucos pelo tubo de musgo verde, ansiosos para alcançar o ar puro, acelerando por todo o percurso como se fossem os cordéis alucinados de uma chibata.

Quando E. E. Henry (que foi o parceiro de Peter Lake por um tempo, e um dos melhores meninos acrobatas dos Rabos Curtos) foi estraçalhado por uma locomotiva que corria em alta velocidade pelos trilhos elevados da cidade, durante uma tentativa fracassada de urbanizar a prática de assaltar trens, dois Rabos Curtos — Romeo Tan e Bat Charney — se ofereceram como voluntários para levar o que sobrou do comparsa até a cripta. Um ato de muita coragem, pois E. E. Henry partiu deste mundo em um dia límpido de outubro após duas semanas de chuva incessante. As represas das partes mais altas do estado estavam transbordando com força, assim como os teares mecânicos que vomitavam brocados prateados. O túnel pressurizado estava em uso constante, já que a estação de Jerome Park periodicamente liberava volumes imensos de água gelada.

Entrando sob a luz do luar, tarde da noite, eles desceram com esforço pelo fosso, levando E. E. Henry em pequenos sacos que arrastavam por trás de si com cordões presos entre os dentes. Nas

profundezas do túnel horizontal jaziam muitos centímetros de água. Enquanto venciam o percurso em meio às poças de água, eles sentiram o cheiro do oxigênio, o que indicava que a água estava fresca. Se as comportas de Jerome Park se abrissem enquanto Romeo Tan e Bat Charney se arrastavam rumo à câmara subterrânea, eles acabariam sofrendo uma morte horrenda, pois o túnel era estreito demais para conseguirem dar meia-volta. Eles paravam de tempos em tempos para escutar, não ouviam nada. Finalmente, Romeo Tan chegou à câmara subterrânea. Trabalhando sob um metro e vinte centímetros de água gelada, eles acenderam a vela, abriram uma das criptas, enfiaram nela os sacos que continham E. E. Henry, bateram a portinhola, fizeram uma prece com duas palavras: — Jesus Cristo! —, largaram o martelo e o pé-de-cabra e rumaram para a saída, com os corações batendo aceleradamente.

Bat Charney entrelaçou os dedos para ajudar Romeo a subir. Quando a cabeça de Romeo Tan alcançou o nível do túnel, ele ouviu um som estranho. Era como o vento sibilando sobre os picos das montanhas mais altas, ou o som de um gêiser poucos minutos antes de irromper. Era a água, que começava a atravessar os portões de Jerome Park.

— Água! — gritou ele a Bat Charney.

No início, os dois quase desmaiaram, mas logo estavam serpenteando pelo túnel, avançando mais rapidamente do que imaginaram ser possível. Enfiaram os dedos com tanta força por entre o musgo para atravessarem os túneis que, após algumas dezenas de metros, já não tinham mais unhas, e suas mãos pareciam-se com patas de salamandra. Mesmo assim os dois prosseguiram, mas era tarde demais. Ouviram a água explodir na câmara subterrânea, e sentiram quando o deslocamento de ar os atingiu, passando por eles como um furacão. Em seguida veio a torrente. Sua massa gelada, borbulhante e escura, bateu nos pés de Bat Charney e o impacto fez com que seus dentes postiços lhe caíssem da boca, curvando seu corpo até deixá-lo em posição fetal.

Foi assim que ele se afogou, mas salvou a vida de Romeo Tan, já que o corpo compactado de Bat se transformou em um tampão naquele túnel estreito, impulsionado rapidamente pela coluna de água. Romeo Tan estava deitado com as costas para baixo, deslizando sobre o musgo úmido do fundo do túnel, rápido como uma bala. Chegando ao fosso vertical, a curva para cima aconteceu com tanta velocidade que a carne que cobria o rosto de Romeo Tan foi puxada para baixo, deixando-o com a aparência de um cão perdigueiro. Perguntou a si mesmo o que aconteceria quando chegassem ao topo do fosso, mas não precisou esperar muito pela resposta. Os dois foram cuspidos pela entrada (que deixaram aberta) como duas balas de canhão — ou melhor, como uma bala de canhão longa e esguia e um chumaço amarrotado que vinha logo em seguida.

Romeo Tan sentiu sua cabeça abrir um buraco no telhado de madeira que cobria a entrada do fosso. De repente, ele estava voando livre e solto pela noite, rumo às estrelas e uma lua brilhante que quase o cegava. A cidade, em uma noite de outono, bela e cheia de encantos, se estendia à sua volta. Ele podia ver as luzes, as chaminés fumegantes e as fogueiras ao longo dos parques que recebiam a brisa. O rio Harlem estava coberto pela tinta branca e brilhante do reflexo da lua. Imaginou se chegaria a voar pelo espaço. Mas ergueu-se apenas a sessenta metros acima de Morris Heights antes de começar a cair, e pousou sobre uma macieira. Sua queda foi amortecida enquanto cada uma das maçãs, cerca de quinhentas delas, caíam ao chão com um baque surdo. Romeo Tan observou as maçãs rolarem pela colina e se empilharem contra o casebre de um lavrador. Em seguida, pelo restante da noite, permaneceu sentado em um galho da árvore, sob o luar, tentando reconstruir o que havia acontecido, perguntando a si mesmo se todas as pessoas tinham de passar por uma experiência como essa, cedo ou tarde, ou se, de fato, aquela era uma ocorrência relativamente isolada.

Pearly Soames queria levar uma centena de homens para a câmara subterrânea e passar uma hora ali dentro explicando o seu

plano. Conforme a notícia se espalhou pela cidade, cada um dos Rabos Curtos sentiu seu coração afundar até os pés e encolheu-se como se fosse um cão. Aquela ansiedade era contagiosa. Todos em Manhattan estavam nervosos. Até mesmo os salões de música tocavam canções tristonhas. Mas, às nove horas da noite da terça-feira, os Rabos Curtos reuniram cem homens no pomar de macieiras ao redor da entrada do sifão, esperando para descer. Havia muitas conversas nervosas e amenidades forçadas sobre roubos, as condições das várias cadeias e a situação atual para o crime. Romeo Tan, que agora já estava louco, recebeu a permissão de ser o último a entrar e o primeiro a sair. Pearly, como de costume, foi o primeiro a entrar e seria o último a sair. Depois de três horas, todos os Rabos Curtos estavam enfurnados na câmara subterrânea.

Ali estavam eles, espremidos contra as criptas, todas as orelhas voltadas para Jerome Park. Pareciam não respirar, enquanto Pearly andava de um lado para outro sob a luz de uma dúzia de velas. Todos os ladrões estavam ali usando suas máscaras pretas (alguns, devido ao hábito, trouxeram até mesmo seus sacos de estopa pelo túnel); os ágeis garotos acrobatas *woola-woola,* com suas pernas fortes e musculosas; os vigaristas elegantes; os batedores de carteiras; os pistoleiros (que se encarregavam dos tiroteios durante as guerras entre as gangues, e eram desprezados pelos outros membros por não serem capazes de roubar carteiras nem de arrombar fechaduras); até mesmo o cozinheiro, que se sentia desconfortável se não conseguisse preparar a comida com provisões quentes. Romeo Tan apoiava-se com a mão na beirada do túnel de saída, escutando atentamente, em busca de um rugir que indicasse a presença de água. Pearly parou de andar e olhou para os seus homens. Por cinco minutos eles não se moveram um milímetro, e permaneceram paralisados em meio ao pavor de um dilúvio que poderia desaguar pelo túnel do Bronx na câmara que ecoava com as batidas dos seus corações.

— Por acaso escutei um ruído de água? — perguntou Pearly, inclinando a cabeça. Viu todos os cem Rabos Curtos

empalidecerem, como se acabasse de abrir uma veneziana. — Demoramos três horas para entrar. Assim, levaremos três horas para sair. Ei, o que é isso? — disse ele. Todos se sobressaltaram, e depois suspiraram como se fossem um só, como os detentos do inferno. Pearly continuou: — Imaginei ter ouvido alguma coisa. Acho que não era nada. Será que alguém quer um copo de... água? — E eles gemeram.

Ele andou pelo lugar como se estivesse usando longas pernas de pau.

— Tenho uma proposta para vocês — lançou ele.

Mas um gemido horrorizado passou pelos homens quando um ladrão mascarado gritou: — Olhem! — e ergueu um par de dentes postiços. Todos se lembraram da vergonha de Bat Charney em relação ao que chamava de suas “castanholas de elefante”. Tudo o que restava de Bat repousava na mão do ladrão. Eles fitaram humildemente aqueles dentes, até que Pearly acabou com a devoção deles.

— Devemos proceder, cavalheiros? Ou vocês querem aumentar as chances de ficar presos para sempre nesta chaleira subterrânea (de onde vamos dar um sabor especial à água que as pessoas bebem nesta cidade por vinte anos) por causa de tolices irrelevantes como uma oração silenciosa em homenagem a um par de dentes postiços?

O rosto de Pearly se contorcia em espasmos, indicando uma das várias espécies da sua raiva fria. — Imaginem, por favor — pediu ele —, que não estamos em uma cripta úmida e coberta de musgo, mas em uma sala feita de ouro; que, sobre cada um desses tijolos sólidos, há uma bela e floreada águia, uma coroa, ou uma flor-de-lis em alto-relevo; que raios quentes deixam o ar mais macio e mais amarelo do que a manteiga; que vocês não respiram esta névoa úmida, negra e nojenta, mas uma infusão borbulhante de bronze que foi amaciada pela reverberação constante dentro de paredes de ouro puro.

Ele inspirou o ar antes de continuar:

— A luz desta sala seria apenas a sombra que dizem que, às vezes, se ergue contra as nuvens do outro lado da baía, deixando o mundo dourado assim como dizem que acontece, uma vez a cada... bem... de vez em quando. — Tomado pela dor, retorcendo-se por dentro, ele acrescentou: — Meu plano, como podem ver, é construir uma sala de ouro em um lugar alto, e colocar sentinelas para vigiar as nuvens. Quando elas se transformarem em ouro, e a luz iluminar a cidade, a sala irá se abrir. A luz encherá o interior da câmara. Depois, as portas se fecharão por completo. E todo o brilho dourado ficará preso para sempre.

Os ladrões ouviam aquilo de queixo caído enquanto Pearly ainda falava:

— Vocês poderão ir até lá, todos vocês! Poderão se banhar na luz, inspirar o ar, deslizar as mãos pelas paredes lisas. Mesmo na mais profunda escuridão da noite, a sala dourada estará brilhando intensamente. E ela será nossa. — Tranquilizado pelo desejo, ele olhou para o teto com uma expressão sonhadora. — No centro, eu colocarei uma cama simples, e ali repousarei em meio ao calor e ao ouro... por toda a eternidade.

Por um momento eles se esqueceram de onde estavam e bombardearam Pearly com perguntas. Quando anunciou o que pretendia fazer, os demais responderam sarcasticamente que ele havia perdido a cabeça. Ninguém podia roubar um cargueiro de ouro. Mas Pearly contra-atacou com um plano. Uma sentinela em Sandy Hook vigiaria o mar dia e noite em uma torre que eles construiriam, disfarçada como uma obra de caridade. Outra sentinela no alto do píer de Manhattan, na ponte do Brooklyn, ficaria de olho em Sandy Hook. Os Rabos Curtos diminuiriam seu ritmo de trabalho em dois terços, para o propósito específico de manter uma força de cinquenta homens sempre de prontidão, preparados para tomar o porto de assalto, armados até os dentes em sua veloz armada de *winabouts* — as mais ágeis embarcações de pequeno porte da cidade, das quais eles tinham dez. Quando a sentinela de

Sandy Hook avistar o navio, lançará um sinalizador luminoso para o céu. Quando avistar o sinal luminoso, o homem da torre da ponte telefonará, por uma linha especial, e alertará os Rabos Curtos que estiverem de prontidão em seus barcos sob as docas de Korlaer's Hook.

Os Rabos Curtos rumariam rapidamente ao porto. Lá, instalariam duas boias e percorreriam o caminho entre uma e outra em uma linha perpendicular ao canal usado pelo cargueiro para chegar até o atracadouro fortificado. Os Rabos Curtos, sem exceção, estariam vestidos como mulheres, e, de novo, sem exceção, fariam com que seus *winabouts* fossem abalroados e afundados exatamente pelo navio que planejavam roubar. Seria necessário muita precisão na condução dos barcos e paciência para passar um ou dois meses sentados nas docas usando vestidos de mulher, mas o resultado valeria a pena, pois nenhum capitão permitiria que cinquenta velejadoras se afogassem no Porto de Nova York, e elas seriam indubitavelmente levadas até o convés, onde sacariam o incrível arsenal pelo qual a gangue era famosa. Daquele ponto em diante, bastaria tomar o controle do navio.

— Belo plano — disse alguém. — Os barcos de escolta nos capturariam logo em seguida. A marinha.

— Nenhum barco de escolta é tão rápido ou bem armado quanto um cargueiro de ouro.

— Mesmo assim é impossível, Pearly. Você não pode tirar o ouro desses navios a menos que tenha máquinas especiais, e o trabalho tem que ser feito em um estaleiro de grande porte.

— Construiremos o nosso próprio estaleiro.

— Isso é loucura — gritou um dos garotos acrobatas. — Como vamos construir um estaleiro? Mesmo se isso fosse possível, todo mundo vai perceber. E, quando levarmos o navio para lá, eles irão simplesmente nos seguir e nos capturar.

— Isso mostra para que serve um moleque acrobata — disse Pearly. — Fique com os *Woola-Woolas* até que eu o promova, meu

jovem coelhinho saltitante. Não vamos construir o estaleiro até o navio estar em nossas mãos. Teremos todo o tempo do mundo para fazer isso, e todo o tempo necessário para extrair o ouro fazendo um buraco no seu cofre-forte (um buraco — acho que somos capazes de fazer isso!) e acender uma enorme fogueira embaixo do navio para derreter o ouro, para que ele escorra como lava diretamente para os barris que estarão ali para recebê-lo.

— Vamos ter todo o tempo do mundo, e eu me refiro a uma quantidade enorme de tempo, porque, quando tomarmos o controle do navio, nós o levaremos para o oeste, rumo a Bayonne Marsh, e faremos com que atravesse a barreira de nuvens brancas.

Um calafrio ainda mais gelado se espalhou pela câmara.

— Quando se vai além daquelas nuvens — disse um batedor de carteiras tímido — é o fim. Você não volta. É a morte, Pearly.

— Como saberemos se isso é verdade? — indagou Pearly. — Nunca conheci ninguém que soubesse o que existe do outro lado. Talvez eles voltem e fiquem de bico calado. Talvez aquele lugar seja maravilhoso, montes de mulheres nuas, frutas nas árvores, dançarinas de *hula-hula* com os seios à mostra, comida à vontade, seda, automóveis, pistas de corridas de cavalos onde você sempre ganha... e podemos conseguir encontrar o caminho de volta. Se, e quando, fizermos isso, seremos os homens mais ricos da Terra. É muito melhor do que invadir tabacarias para roubar as etiquetas dos charutos, não é? Pensem em E. E. Henry. Pensem em Rascal T. Otis. Eles morreram a troco de nada. Eu prefiro arriscar tudo o que tenho para conseguir algo muito maior.

Este último apelo convenceu o grupo de ladrões. Estavam dispostos a atacar a barreira de nuvens. Mas um homem com muita experiência na região do porto (sua especialidade era assaltar iates elegantes) indicou que os canais labirínticos que levavam à muralha branca não eram profundos o bastante para permitir a passagem de um navio capaz de atravessar o oceano. Além disso, ele já vira a parede de nuvens a pouco mais de um quilômetro de distância

quando estava em uma ilhota que surgiu logo depois de uma tempestade. A muralha de nuvens, segundo ele, não permanecia no mesmo lugar. Contornava a cidade “como uma daquelas fitas de Moebius”, e oscilava ao longo da superfície. Às vezes ela desaparecia, permitindo avistar o restante do continente que havia além (foi naquela época que os trens de ferro transcontinentais conseguiram passar pelas frestas, rodando sobre trilhos prateados que foram polidos até reluzir pela base agitada da muralha de nuvens), e, outras vezes, erguia-se como a cortina diante de um palco, desaparecendo por inteiro ou parcialmente no céu. Mas, quando estava suspensa, a base se movia rapidamente, cobrindo uma distância de vários quilômetros. Não havia limites certeiros para o seu percurso. Sabia-se até mesmo que as nuvens já haviam atravessado o rio e varrido Manhattan, levando consigo aqueles cuja hora de morrer havia chegado.

Pearly supôs que eles teriam de escavar um canal até o ponto mais próximo que pudessem chegar da muralha, e confiar que a muralha passasse por eles no momento certo. Era arriscado. O homem do porto falou outra vez, dizendo que escavar um canal seria quase impossível. Teriam de atravessar a região de Bayonne Marsh, onde os Catadores de Ostras viviam.

— Chegou a hora, então — anunciou Pearly. — Teremos de declarar guerra a eles, e isso significa matar um por um. Quanto mais cedo isso acontecer, melhor, antes que a notícia se espalhe. Eles são incrivelmente ferozes. Lutei com um deles certa vez e quase morri, e não estávamos nem perto da muralha de nuvens ou do mangue. Foi na terra firme de Manhattan, aonde ele chegou no meio de um vendaval e eu achei que fosse um simples pescador. Suas espadas voam com tanta rapidez que mal se consegue vê-las. Teremos de pegá-los de surpresa. Usaremos canoas para ir até lá enquanto os homens estiverem trabalhando. Mataremos as mulheres e as crianças e esperaremos nas cabanas. Quando os homens voltarem, nós os pegaremos desprevenidos, e vamos nos proteger atrás de alguma cobertura sólida e atirar neles. Não faz sentido buscarmos uma batalha em campo aberto.

Quando todos os Rabos Curtos finalmente se enfileiraram para sair do fosso e chegar até o espaço aberto sob a luz do luar — uma torrente de água negra e congelante encheu o sifão logo depois que eles saíram —, a empolgação tomava conta da gangue. Talvez fosse por causa da beleza da noite, da escuridão fria, suave e aveludada da floresta, o pomar no alto da colina, a vista da cidade serena e resplandecente. Mesclaram-se aos campos e árvores como só eles eram capazes de fazer, contemplando a vitória sobre os Catadores de Ostras, dispostos até mesmo a se vestir como mulheres e ser jogados nas águas do porto, apreensivos com a possibilidade de atravessar as nuvens, ansiosos para acender uma fogueira embaixo do navio para que o ouro derretido escorresse para fora, e deleitando-se com a ideia de que poderiam ser os homens mais ricos do mundo se conseguissem manter a coragem.

Peter Lake, também, estava na câmara subterrânea, encolhido em um canto com um bando de garotos aprendizes de acrobatas, já que era um deles. No início ele ficou encantado pelo projeto. A descrição que Pearly fez da sala de ouro fez Peter Lake pensar nos lindos sonhos que tinha, nos quais animais dourados com a pelagem dourada e macia roçavam-se nele para demonstrar afeição, e ele acariciava e beijava os focinhos lisos de maravilhosos cavalos voadores, leopardos mansos e focas dóceis. Pensar em uma maneira de aprisionar a luz (a qual ele mesmo nunca vira) era algo sujo, imoral e indecente. Mesmo assim, seria uma rebelião admirável.

Peter Lake pensou que, ao querer a luz dourada daquela maneira peculiar, Pearly Soames mostrou até mesmo algumas nuances de inocência. Os ladrões estavam se rebelando para capturar a luz dos céus — embora pensassem que participavam do plano pelos espólios, pela gravidade da cor de Pearly. Durante meia hora, Peter Lake prestou atenção aos planos, desejando que fossem bem-sucedidos. Chegou até mesmo a ignorar o ambiente em que estava, um lugar sem qualquer atrativo, e imaginou que a câmara de granito cinzento era, na verdade, uma sala mágica que brilhava com a luz do sol. Mas, por causa do plano contra os Catadores de Ostras,

Peter Lake criou uma antipatia perpétua pelos Rabos Curtos, e teria de traí-los. Ele, e somente ele, sabia que Pearly nunca conseguiria a sua câmara dourada.

PETER LAKE PENDURADO EM UMA ESTRELA

Muito já se escreveu e se falou sobre Castle Garden, a porta de entrada para os imigrantes, o portal para uma nova vida, uma estrela a alcançar. Mas raramente aqueles que passam por seus espaços solenes e silenciosos estão prontos para confessar que, em outros tempos, Castle Garden se erguia para eles ou seus pais como se fossem os portões do céu, guardados por São Pedro. Seus funcionários, com suas vestes ornamentadas, rechaçavam os doentes ou os feios, em um processo de julgamento que era o trabalho dos burocratas e, ao mesmo tempo, um sonho. Muitos cruzaram o oceano procurando a luz, mas eram subitamente arremessados de volta, rolando sobre águas brancas e oceanos verdejantes até a luz diminuir e se transformar em um ponto distante, uma estrela na escuridão total. Rejeitados, eles morriam.

Perto de Castle Garden, cerca de um quilômetro e meio a sudoeste, próximo à margem ocidental de Governors Island, um navio repousava durante uma noite nevoenta da primavera antes da longa e árdua viagem de volta ao velho mundo — Riga, Nápoles, Constantinopla, não se sabia ao certo. Mas provavelmente rumaria para Constantinopla, pois o grupo de pessoas no convés e nos saguões silenciosos, que há pouco tempo estavam abarrotados e ensurdecedores, ainda era diverso o bastante para representar a grande mescla de raças que, fugindo de ferimentos e incêndios, emigrava da Ásia, da Rússia Asiática e dos Bálcãs.

Os navios que chegavam também partiam. E levavam consigo, sem qualquer alarde, aqueles que seriam forçados a fazer a viagem de volta. Para começar, muitas dessas pessoas já estavam quase mortas, e seu funeral seria realizado no mar durante a viagem de regresso. Outros estavam saudáveis o bastante para voltar a

vilarejos hostis ou desertos, onde passariam o resto dos seus dias relembrando a maravilha de ter viajado a outro mundo e regressado.

Cerca de cem pessoas continuavam despertas naquela noite no pequeno navio a vapor ancorado nas proximidades de Governors Island, olhando fixamente para a muralha reluzente de casas, prédios e pontes do outro lado do rio. Era o final da primavera; o ar estava morno; a neblina estava baixa e causava a impressão ainda mais intensa, aos olhos dos observadores, de que a cidade emergia de um sonho. Mais ainda do que se fosse avistada numa noite mais clara. Incapazes de avistar a terra, eles pensavam que a América era uma ilha brilhante que se estendia até as alturas, no meio de um mar calmo.

Estavam em silêncio porque se sentiam atordoados. Seus corações quase saíram de seus corpos quando a fila de pessoas no convés finalmente começou a avançar, e, com altos gritos de júbilo, mil almas começaram a descer pela rampa até chegar à nova terra. Naquela manhã, o Brooklyn ganhou vida com sons dos sinos das suas igrejas, suas sirenes e com os apitos dos barcos. As ruas que subiam pelas colinas inclinadas brilhavam e se agitavam sob a luz do sol; eram o cenário do tráfego constante, assim como o porto, os atracadouros e as hidrovias. Até mesmo o ar estava tomado por nuvens e pássaros, fugindo juntos do vento com uma impressionante energia branca.

Depois de passar tanto tempo em locais tão inóspitos, os imigrantes quase podiam ouvir música no ar quando os prédios à sua frente se erguiam e cintilavam. Este era um lugar infinitamente variável e rico. Seus portões eram como os portões do paraíso; e, se houvesse alguém do outro lado dizendo que isso não era verdade, tudo o que um imigrante precisava dizer era: — Depois de tudo o que passei, o poder dos meus sonhos faz com que isso seja verdade. Mesmo que este lugar não seja a grande beleza que eu penso que é, eu farei com que seja, de uma maneira ou de outra. — Conforme avançavam pela fila densa, olhavam por cima dos corrimãos e viam pessoas sorrindo além das barreiras, como se

dissessem: — Esperem só! Vocês terão épocas boas e ruins pela frente, assim como eu tive. — Os sinais estavam por toda parte e eram muito fortes. O mundo que encaravam era aterrorizante e belo.

Depois de pisarem em terra firme, a fila se dividia na base da rampa que descia do navio, e eles caminhavam rapidamente até uma sala enorme e cheia de pessoas. As janelas estavam abertas, e, de vez em quando, o ar da primavera entrava gentilmente em brisas mornas que traziam o cheiro das flores e das árvores. Uma família de três pessoas avançou pé ante pé até a dianteira da fila. O homem era forte e loiro, com um bigode cuidadosamente cultivado, e olhos tão azuis quanto os potes de tinta azul na paleta de um pintor de aquarelas. Sua esposa tinha uma boca frágil e formosa que sugeria vulnerabilidade, sensibilidade e compaixão, mas, diferente das pessoas morenas e desengonçadas que estavam ao seu redor, era alta e forte. Trazia nos braços o filho do casal, um bebê. O pai pegou a criança quando ela os deixou para ir até a sala de exame. As pessoas ao lado do homem pensaram que ele era louco, pois acariciava a criança de maneira quase mecânica, murmurando algo para o menino de maneira tensa e desesperada, e não tirava os olhos da porta por onde sua esposa sairia. Quando ela finalmente surgiu, deu de ombros como se quisesse indicar que não sabia o que os médicos haviam determinado. Sem uma palavra, ela tomou o bebê nos braços, feliz por tê-lo novamente junto de si, e o seu marido foi para outra sala. Quando ele se afastou, viu que havia um símbolo marcado com giz nas costas da mulher. Em seguida, eles o examinaram. Mandaram-no cuspir em um frasco; colheram um pouco do seu sangue; e examinaram-no rapidamente enquanto um escrivão anotava o que os médicos diziam. Depois que ele se vestiu, fizeram uma marca com giz em suas costas também.

No começo da noite o significado das marcas de giz já era aparente. O salão estava quase vazio, mas cerca de cem pessoas ainda permaneciam ali. Ela já estava chorando quando um funcionário chegou e disse-lhes, em sua língua natal, que eles teriam de retornar. — Por quê? — perguntaram eles, com medo e raiva. Para responder, ele mandou que virassem de costas para lhes

dizer qual foi a palavra que impediu a sua entrada. Para esse jovem camponês e a sua esposa, a palavra era “tuberculose”.

— E a criança? — perguntou ela. — Há um lugar para ela ficar? Se tivermos de voltar, nós a deixaremos aqui.

— Não — respondeu o funcionário. — A criança fica com vocês. — A expressão no rosto do homem indicava que havia algo de errado com uma mulher disposta a abandonar o seu filho.

— Você não entende — disse ela, tremendo. — Você não entende o que deixamos para trás. — Mas o funcionário continuou percorrendo a fila das pessoas que tinha de condenar, e desapareceu em silêncio. O casal foi deixado com seu filho sob os raios de uma luz elétrica muito brilhante e inclemente.

O navio se afastou da margem e permaneceu ancorado. Especialmente, pelo que imaginavam, para que eles não tentassem saltar e chegar à terra. Mesmo para aqueles que sabiam nadar, a água era fria demais, a distância até a terra era grande demais, e a correnteza era rápida demais. Blocos de gelo passavam flutuando pela superfície, sibilando enquanto derretiam, às vezes batendo contra as placas de metal do casco do navio como se fossem martelos de madeira.

Ele tentou oferecer dinheiro ao capitão para levar a criança até a margem, mas não tinha o bastante. Assim, o capitão não atendeu ao seu pedido. Se tivessem sido rejeitados por outras razões, talvez não seria impensável retornar ao lugar que se sentiram tão felizes em poder deixar para trás. Porém, eles sabiam que iriam morrer, e estavam determinados a deixar o bebê na América, independentemente do quanto fosse difícil abandoná-lo. Tão difícil quanto morrer.

Ficavam junto à amurada ou sentavam-se nos espaços escuros, silenciosamente, assim como os outros. Se estivessem em mar aberto, seria o momento de sentir medo. Mas estavam na base de uma cidade palaciana que brilhava para eles e enchia seus olhos com luzes douradas. Estavam maravilhados com as pontes que se

erguiam em arcos, com cordões de pérolas iluminadas. Como nunca haviam visto nada como aquilo, não compreendiam a sua escala, e imaginavam que as pontes se erguiam por vários quilômetros. Sentiam-se doer por dentro com a inveja e o arrependimento enquanto observavam aquela noite de primavera, sem conseguir dormir.

Ele começou a andar pelos corredores. Por que não sou homem o suficiente para aceitar isso? Por que sou tão ganancioso? A imagem da sua esposa surgiu diante dos seus olhos. Ele começou a chorar, mas, em seguida, foi tomado pela raiva. Desferiu um forte soco numa divisória que estava ao seu lado. Um retrato emoldurado caiu da parede, e o vidro se espatifou pelo chão do corredor. — Ganancioso! — gritou ele, lutando contra o nada e o tudo que aconteceu, ao mesmo tempo. À sua frente havia uma porta de madeira entalhada que implorava para ser chutada. Deu um pontapé tão poderoso que lhe arrebentou as dobradiças. A porta bateu no chão com tanta força e com um ruído tão alto que várias coisas aconteceram. Ele saltou para trás, chocado. As luzes da sala se apagaram. E uma das portas se fechou.

Por um momento, ele ficou paralisado, temendo que algum membro da tripulação houvesse escutado. Mas lembrou-se de que quase todos haviam tomado um barco para ir à cidade. Alguns tripulantes ficaram para trás, sentados em cadeiras e com os pés sobre a amurada, fumando e conversando enquanto também se ocupavam observando a cidade. Estavam longe demais para ouvir.

Ele entrou para desligar a luz. Viu-se numa espécie de sala de reuniões. Cadeiras de couro verdes cercavam uma mesa de madeira escura. Olhou ao redor, apagou a luz e virou-se para voltar ao convés.

Na metade do caminho, ele parou. Sentiu um calafrio passar pelo seu corpo e estremeceu. Depois voltou correndo para a sala, encontrou o interruptor e avistou o que fora até ali para ver. No canto da sala, sob uma das vigias, havia um enorme mostruário de vidro. Dentro do mostruário, um modelo em miniatura do navio, o

City of Justice, uma réplica com pouco mais de um metro de comprimento. Tinha uma quilha pesada, mastros e chaminés. Era um modelo tão detalhado que o fez imaginar que, dentro dele, havia uma pequena sala na qual um homem estava em pé observando um navio em miniatura, dentro do qual havia outra sala e outro modelo, até que o último deles não era pequeno, mas maior do que todo o universo, revertendo os ciclos e ritmos das dimensões em um inevitável ponto de divergência.

Ele era um homem ordeiro, alguém que nunca derrubaria uma porta com um chute ou socaria paredes com o punho. Mas, naquela tarde, ele e sua jovem esposa receberam o que pensavam ser uma sentença de morte. O homem pegou uma das cadeiras verdes, bastante pesada, e usou-a para quebrar o vidro do mostruário. Outra pancada e mais cacos de vidros caíram ao chão. Era uma sensação esfuziante, a seu próprio modo.

Na popa do navio, escura e deserta, ele e a esposa amarraram cordas à pequena embarcação e a baixaram até a água. E ele não apenas flutuou, mas virou até ficar a favor do vento, e recusou-se a virar de cabeça para baixo mesmo quando as enormes marolas causadas pela passagem de um rebocador atingiram o navio maior e explodiram por cima da réplica em miniatura como um vagalhão. Apesar da sua estabilidade notável, o barco navegava acima da linha da água, com quinze ou vinte centímetros de vantagem sobre a superfície. Depois que o recolheram, o homem foi procurar uma caixa de ferramentas. Fácil demais, em um navio semideserto, para um homem que havia aprendido a derrubar portas. Quando retornou, usou um formão para abrir um compartimento na traseira do modelo. Enfiando a mão por dentro, descobriu que o casco oco era espaçoso e seco. Levou várias horas, até o dia raiar, até conseguir construir um pequeno leito no interior do navio e uma portinhola presa com dobradiças que, se fosse atingida por uma onda, iria se fechar e depois abrir novamente.

Quando o sol que esquentava rapidamente trazia consigo a promessa do primeiro dia quente da primavera, eles colocaram seu

bebê no navio em miniatura e baixaram-no por sobre a amurada. Observaram-no singrar rapidamente as águas abertas, verdes e ensolaradas, até não serem mais capazes de enxergá-lo. A mãe chorou, porque tudo o que mais amava estava prestes a se perder.

— Você abandona seus filhos e, mesmo assim, eles encontram seu caminho. Seria quase da mesma forma... — disse o homem, que, incapaz de prosseguir, olhou para o rosto da mulher, para a boca frágil que era como uma linha fina e retorcida. Não era mais o seu protetor. Haviam se tornado duas pessoas terrivelmente iguais, e, quando se abraçaram, foi diferente de tudo o que haviam feito antes. O navio partiu naquela tarde. O apito trovejou. O vapor encheu as chaminés e flutuou em plumas esbranquiçadas que expandiam pelo céu.

A miniatura do *City of Justice* navegava rapidamente sobre as ondas como um pônei em disparada enquanto ziguezagueava pelas ondas na batalha das marés entre o Brooklyn e Manhattan. Ninguém o percebeu navegando em meio a todo o trânsito do porto. Em várias ocasiões, escapou de ser esmagado como um ovo sob as proas de enormes barcaças e navios a vapor, ou abalroado por balsas em seu perambular monótono de uma margem à outra. Quando a noite caiu, estava rumando para a orla de Jersey e os mangues de Bayonne Marsh.

Era um lugar misterioso e ermo, cheio de canais entremeados e traiçoeiros, com amplas baías explodindo diante dos olhos ao final de túneis de água muito estreitos — uma topografia que tinha vida própria, e era constantemente alterada pela atividade frenética da muralha de nuvens. O *City of Justice* navegou tranquilamente pelos canais e por entre os juncos. Em uma baía larga onde a água, em sua maior parte, era mais doce do que salgada, devido aos seis rios que desaguavam nela antes de chegar ao mar, o *City of Justice* chegou até um banco de areia e parou. Ficou ali durante toda a noite morna com cem milhões de estrelas, sem que a criança soltasse um pio sequer. As ondas baixas do lago a embalaram até que dormisse.

Os Catadores de Ostras tinham um ditado enigmático:

— A verdade não é mais redonda do que o olho de um cavalo.

Seja lá qual fosse o seu significado, eles o passavam de geração em geração enquanto caçavam e pescavam. Andavam por entre os juncos com tanta rapidez que nem mesmo os grandes mergulhões conseguiam vencê-los. Eram muito unidos com o ar e a água do mangue, movendo-se por eles como forças privilegiadas da natureza, capazes de deixar para trás até mesmo a muralha de nuvens.

Embora poucas das pessoas que viviam em terra firme tivessem visto algo assim, o surgimento de um grupo de Catadores esfarrapados, uivando e berrando enquanto corriam à frente da cortina de nuvens que se aproximava, era algo extraordinário, já que as nuvens eram rápidas o bastante para encobrir águias. Mas os Catadores conseguiam vencê-las mesmo em suas canoas, com os remos golpeando a água como grandes motores, os rostos barbados contorcidos por caretas, as proas das canoas erguendo-se perigosamente, batendo contra a água branca e os juncos quebrados. Disparavam à frente da muralha de nuvens e, quando a perseguição terminava, jogavam-se na água para se refrescar, como um ferreiro enfia o seu ferro em brasa em uma bacia bulbosa para sibilar e borbulhar.

Assim, os Catadores sujos e vesgos não tinham medo de pescar ou procurar ostras nos belos lagos e canais desertos próximos da grande muralha branca. Na verdade, durante a maior parte do tempo, eles queriam a muralha de nuvens atiçada, passando por cima e por entre os bancos de areia amarelados e os juncos dourados, iluminando a água atrás deles. Gostavam de correr contra a muralha em suas canoas esguias, e eram as únicas pessoas do mundo capazes de enganá-la; se ela os apanhasse, sabiam algumas coisas que poderiam dizer para fazê-la mudar de ideia e deixá-los ir. Havia muitas coisas neles que eram notáveis e boas. Mesmo assim, eram primitivos, ignorantes, violentos e sujos. Embora esse fosse um preço alto a pagar pelo acesso aos lagos

rasos e fecundos na base da muralha de nuvens, era assim que as coisas aconteciam.

Nas últimas horas da noite límpida em que o *City of Justice* chegou ao banco de areia no lago, Humpstone John, Abysmillard e Auriga Bootes, três dos Catadores, saíram para pescar os gordos pargos vermelhos que atravessavam um labirinto de canais desde o rio Hudson e encontravam os lagos. Os três Catadores avistaram a muralha de nuvens agitada, a cerca de três quilômetros de distância. Ela trovejava, contorcia-se sobre si mesma, volteava, borbulhava, crepitava, gritava e cantava — uma cascata de vapor prestes a explodir. Lançaram suas redes. A água estava fresca, e alguns brotos verdes já começavam a despontar nos juncos.

Quando o sol surgiu, o vento fugiu dele, sibilando por entre os juncos, sobre a areia e a água. A luz brilhava e girava diante dos seus olhos: dourada, vermelha, branca ou amarela; e alguns sons surgiam do meio das águas — sons como sinos, oboés ou o canto de corais em mundos inimagináveis. Quando a onda de luz atingiu as espumas brancas na base da muralha e ergueu-se para cobrir o conjunto de cidade e baía com o seu brilho e calor, os Catadores sentiram a presença de algo poderoso e benevolente, como se o som e a luz enviassem o presságio de que uma poderosa maré de ouro passaria algum dia por cima de tudo e colidiria com a muralha. Já haviam escutado coisas a respeito. Ouviram falar do brilho onipotente que se espalharia pelas baías e pela cidade, sobre a luz que faria com que as pedras e o aço se tornassem transparentes. Esperavam poder ver isso algum dia, mas isso não fazia parte dos seus sonhos. Quando a manhã chegava, entretanto, eles observavam os seus restos e reminiscências surgirem na orla.

As redes já haviam sido lançadas e recolhidas várias vezes quando os pescadores pararam para descansar e dividir biscoitos de farinha de peixe, rabanetes, pão duro e cerveja com caldo de ostras. A mais estimulante dentre todas as bebidas alcoólicas, a cerveja de ostras dos Catadores, mudava de cor conforme sua idade e a temperatura, e chegava à perfeição quando adquiria uma

coloração arroxeada. Isso indicava que estava fria, espessa e seca — uma ambrosia indescritível que conferia ao hidromel o mesmo gosto de urina de cavalo. Sentaram-se em sua longa canoa, comendo em silêncio. Auriga Bootes, cujos olhos sempre esquadrinhavam o horizonte e apontavam alternadamente para o céu e o mar, ergueu-se e apontou:

— Um navio no lago — disse ele, bastante surpreso, pois o lago era raso demais para que um navio ancorasse ali.

Humpstone John, um ancião entre os Catadores, olhou naquela direção e não viu nada. Como conhecia as dimensões do estuário, havia ajustado o olhar para avistar um navio de verdade, e sua linha de visão passou dez ou vinte graus acima do *City of Justice*.

— Onde, Auriga Bootes? — perguntou ele.

Abysmillard olhou em volta, ainda mastigando ruidosamente, sem enxergar nada que pudesse se passar por um navio.

— Ali, John. Ali, John — respondeu Auriga Bootes, ainda apontando para a mesma direção. Em seguida, Humpstone John o avistou também.

— Parece estar muito longe — opinou ele. — Mas, ao mesmo tempo, parece estar perto. Não está se movendo. Talvez tenha sido cuspido pela muralha de nuvens e encalhou. Pode haver uma boa carga a bordo. Armas, ferramentas, implementos, melaço... — Ao ouvir aquilo, Abysmillard se empertigou. Para ele, o melaço era uma iguaria magnífica. — E pode haver algumas almas confusas também.

Eles deixaram sua comida de lado e começaram a remar na direção do *City of Justice*. Mais rápido do que imaginaram, aproximaram-se do navio e agora estavam ao seu redor.

Como se fosse um macaco, Abysmillard tocou seu próprio corpo, tateando as costelas, o nariz e o joelho. Não conseguia entender o que estava acontecendo, e pensou que havia se transformado em um gigante. Os outros dois sabiam o que era aquilo, mas a ilusão

continuava porque o navio fora entalhado com bastante esmero e perícia. A madeira dos mastros e dos conveses era mais escura do que uma castanha frita. O aço negro que cobria o casco era fosco e escuro como a pelagem de um touro. E as juntas de latão estavam oxidadas como se houvessem passado anos no mar, não dentro de um mostruário de vidro.

— Está vendo isso? — perguntou Humpstone John, indicando o nome do navio em branco. — São letras.

— O que são letras? — indagou Auriga Bootes, olhando para a chaminé, pensando ser isso que Humpstone John chamou de letras.

— Aquilo ali — expôs Humpstone John, apontando direto para a proa.

Auriga Bootes se agachou e mexeu na âncora com os dedos.

— Isso aqui? — questionou ele.

— Não! Aquela coisa branca, ali.

— Ah, sim. Isso são letras. Para que servem?

— É como conversar, mas sem som.

— É como conversar, mas sem som — repetiu Auriga Bootes. Em seguida, ele e Abysmillard riram alto, gargalhando em golfadas gordas e profundas. Às vezes, pensavam eles, a despeito de sua sabedoria, Humpstone John era realmente um idiota.

O navio em miniatura não era um troféu tão esplendoroso, mas eles decidiram levá-lo para casa assim mesmo, e amarraram uma corda à sua proa para que pudessem rebocá-lo com a canoa. No meio da travessia do lago o bebê acordou e começou a chorar. Os três Catadores interromperam as remadas. Imóveis, com a água escorrendo pelos remos, eles giraram as cabeças para descobrir a origem do som. Humpstone John revirou uma pilha de restos de estopa à sua frente, pensando que um dos Catadores havia esquecido um bebê no meio dos trapos por engano, ou o colocou ali para lhe pregar uma peça. Não encontrou nenhum bebê, mas o

choro da criança continuou. Ainda deslizando por sobre as águas, ele puxou a corda e o *City of Justice* se aproximou.

O barulho vinha de dentro do navio. Humpstone John sacou uma espada de lâmina larga do seu cinturão e usou-a para quebrar o convés do navio, assim como alguém quebra um ovo com uma faca. Especialista no uso da espada, como todos os Catadores de Ostras, ele julgou a espessura e a força da madeira ao desferir o golpe e não penetrou além do necessário para quebrar-lhe a carapaça. A espada já havia voltado para o seu cinto antes que tivesse a chance de refletir a luz do sol, e o bebê flutuou no ar enquanto as duas metades da réplica recém-destruída se separaram e adernaram. Auriga Bootes agarrou a criança antes que ela caísse na água e jogou-a sobre os trapos de estopa. Assim, sem qualquer outra reação ao que havia acontecido, continuaram a remar. Não era necessário falar a respeito. Abysmillard não poderia conversar sobre o caso, mesmo que quisesse. Para ele, mudo e não muito bom da cabeça, era como se nada houvesse acontecido. Pela perspectiva dos outros dois, agora havia mais uma boca para alimentar, outra criança que iria encher as cabanas com seu riso.

Ele foi um deles até completar doze anos. Chamaram-no de Peter, e em seguida, para diferenciá-lo de todos os outros garotos com o mesmo nome, escolheram para ele um sobrenome que se encaixava com aquilo que pensavam a seu respeito — a criança recolhida no lago[1]. Aprendeu rapidamente a maior parte do que os Catadores tinham a ensinar, e era bom nas coisas que eles faziam. Não havia um treinamento formal, e as crianças simplesmente adquiriam as habilidades dos Catadores enquanto cresciam. Por exemplo, sua perícia no uso da espada era sem igual, algo que demandava força e concentração extraordinárias. Mais do que isso, exigia um caminho livre até a dádiva da lâmina, como se a tarefa já estivesse cumprida e precisasse apenas ser confirmada. Peter Lake aprendeu a manejar a espada rapidamente, quando tinha onze anos.

Ele estava em uma das canoas, remando para Humpstone John enquanto o velho lançava sua tarrafa. Viram uma figura vindo em sua direção, andando pelas terras planas que levavam até a muralha de nuvens, que, naquele dia, estava cinzenta e turbulenta. Quando estava agitada, ela frequentemente fazia coisas estranhas. O homem que se aproximava parecia ter saído da própria barreira. Estava atordoado, mas pronto para entrar em combate, como alguma espécie de guerreiro japonês de tempos antigos ou um fugitivo do hospício de Cape May. Veio diretamente na direção dos dois, com a mão na espada, gritando na língua mais estranha que Humpstone John e Peter Lake já ouviram. Não era inglês e não era o idioma que se falava na baía. Presumindo que o recém-chegado pensava estar em outra época ou outro país, Humpstone John disse:

— Este é o mangue. Você provavelmente quer ir a Manhattan. Se parar de gritar, nós o levaremos até lá, onde provavelmente encontrará outros como você. Mesmo que não encontre, é o tipo de lugar onde ninguém vai reparar nesse seu comportamento estranho. E, por favor, pare de balbuciar desse jeito e comece a falar em inglês.

O guerreiro respondeu avançando um passo, imerso até os joelhos na água, em uma postura firme que indicava o início de um combate. Humpstone John suspeitava de que, independentemente do quanto conseguisse ser conciliador, uma luta estava prestes a ocorrer. Ele suspirou quando o samurai, ou seja lá o que fosse, sacou uma longa espada prateada e correu para o barco, gritando como alguém que acabara de ser empurrado de um precipício. Humpstone John jogou sua tarrafa no ar, puxou a espada da bainha e entregou-a a Peter Lake.

— Experimente — disse ele. — É uma boa maneira de aprender.

O samurai avançava sobre eles com gritos ensurdecedores.

— Por onde eu a seguro? — perguntou Peter Lake.

— Por onde segura o quê?

— A espada.

— Pelo cabo, é claro. E ande logo.

O guerreiro estava a menos de um metro da canoa. Sua lâmina longa e pesada se estendia da parte de trás da cabeça até os calcanhares, empunhada como o cutelo de um carrasco antes do golpe fatal. Seu rosto estava contorcido por uma careta, deixando-o com a aparência de um baiacu. A espada começou a se mover.

— É melhor bloquear esse golpe — aconselhou Humpstone John, calmamente.

Peter Lake segurou a espada em posição perpendicular à do seu oponente, bem a tempo de ouvir o som agudo de metal batendo contra metal.

— E agora, John? — perguntou Peter Lake enquanto a espada do guerreiro deslizava ao longo da sua, abrindo um corte profundo na borda da canoa.

— Tente dar um golpe de baixo para cima embaixo do braço que ele usa para brandir a espada. Rápido.

— Ele usa os dois braços, John — respondeu Peter Lake, baixando a cabeça quando um golpe poderoso passou, quase invisível de tão rápido, por onde seu pescoço estava há poucos momentos.

— Sim, estou vendo. — Humpstone John pensou por um momento. — Qualquer um dos braços.

O espadachim adversário soltou um berro horrível quando desferiu uma estocada com a sua espada, segurando-a com as duas mãos e apontando diretamente para o coração de Peter Lake. Peter Lake conseguiu desviar a investida, e a espada decepou um pedaço enorme da barba de Humpstone John.

— Porcaria! — disse Humpstone John. — Acabe logo com isso. Eu adoro a minha barba.

— Tudo bem — disse o jovem Peter Lake, movendo a espada afiada em um rápido golpe ascendente, causando um corte profundo no braço esquerdo do seu oponente. Aquilo pareceu despertar algo dentro dele, fazendo surgir vários outros movimentos, tão rápidos que eram quase invisíveis, tão graciosos que pareciam fazer parte do mesmo movimento que quase chegaram a estripar o seu oponente. O homem largou a sua espada na parte rasa do mar, deu meia-volta e dirigiu-se para a muralha de nuvens — que o recebeu como se fosse uma ambulância ou um agente funerário (e ninguém nunca soube ao certo).

— Quer que eu pegue a espada dele, John? — perguntou Peter Lake, ainda tremendo, mas muito orgulhoso de haver sobrevivido ao seu primeiro combate.

— Espada? Que espada? — Humpstone John, que voltara a se ocupar com a sua pescaria, queria saber.

— O homem com quem eu acabei de lutar.

— Ah, aquele camarada. O que, a espada dele? Diabos, é de lata. Deixe-a aí mesmo.

Peter Lake era capaz, ainda que com dificuldade, de ultrapassar a muralha de nuvens quando ela oscilava sobre as planícies de areia, e sabia que nunca ficaria sem comida ou abrigo desde que houvesse juncos entre as águas, com peixes, ostras e caranguejos nadando, cavoucando e descansando entre eles. Sabia falar o idioma da baía de maneira aceitável, enquanto os anciões olhavam para as fogueiras mortiças, satisfeitos com os talentos dele. Havia acabado de começar, como todas as crianças daquela idade entre os Catadores, a dormir com a sua irmã. Os Catadores tinham essa prática (a razão pela qual Abysmillard era o que era) sem considerar, mesmo por um minuto, que isso poderia não ser uma ideia tão boa. Peter Lake foi empurrado para a sua irmã, Anarinda, ainda cedo. Não eram realmente irmãos, e, de qualquer forma, ela não concebeu — ninguém conceberia tão cedo. Anarinda era muito bonita, e Peter Lake estava encantado. Ele perguntou a Abysmillard

e a Auriga Bootes por quanto tempo alguém conseguiria fazer aquilo que ele acabara de aprender. Abysmillard não conhecia aqueles pormenores, e Auriga Bootes mandou Peter Lake falar com Humpstone John, que respondeu:

— Oh, uns quatrocentos ou quinhentos anos, eu acho. Depende da sua virilidade e de quantos dias você achar que existem em um ano.

Sem dar muita importância a definições, Peter Lake pensou que estava em uma situação muito privilegiada, pois, seja lá quantos dias houvesse em um ano, parecia ser uma eternidade. Além disso, a nudez de Anarinda e o jeito como as coisas aconteciam quando os dois rolavam juntos no calor da cabana eram muito divertidos. Se isso fosse durar por mais quatrocentos ou quinhentos anos... bem, o que mais alguém poderia querer? Naquela primavera ele ficou muito presunçoso, e, pensando que essa situação duraria meia dúzia de séculos, ele cantou, dançou e caminhou de um lado para outro cantarolando para si mesmo os versos que compôs a respeito de Anarinda, tais como:



Oh, Anarinda, dos seios redondos como as ostras
Coxas lisas e macias como a alma de um linguado
Seus cabelos, como o feno, são dourados.
Por você, os meus sinos vão tocar
Anarinda, entre os mangues
Anarinda, ela é a garota mais linda.



Contudo, a sua felicidade não chegou nem perto de durar quinhentos anos. Na verdade, não durou nem mesmo uma semana, pois Humpstone John lhe disse que teria de partir. Não poderia ficar com os Catadores, porque não havia nascido entre eles. Cuidaram de Peter Lake e o protegeram por doze anos, mas agora ele devia seguir seu próprio caminho.

Um ou dois anos mais tarde ele estaria ansioso para atravessar a baía, como acontecia com todos os garotos da sua idade. Mas ainda era jovem o bastante para pensar que o mangue era tudo que havia no mundo, e que não precisava de muito mais para ser feliz. Foi exatamente por esse motivo que eles o mandaram embora. Sabiam que, para sobreviver em Manhattan, ele teria de conhecer um pouco de amargura antes de chegar. E ele sempre traria essa amargura consigo quando pensasse em como eles o expulsaram da vila antes de atravessar a baía. Deram-lhe uma coroa de conchas e um colar de penas (os símbolos da masculinidade dos Catadores de Ostras), uma boa espada de lâmina larga, uma nova rede de pesca, um saco de biscoitos de farinha de peixe e um jarro de cerveja de ostra. Disseram-lhe que, com essas coisas, ele estaria preparado para enfrentar a cidade.

Peter Lake nunca pensou muito em Manhattan, pois lhe parecia apenas um monte de montanhas cinzentas que se iluminava durante a noite. Partiu entristecido, mas imaginou que encontraria belas enseadas cheias de peixes, cabanas confortáveis cheias de anarindas e uma vida que não era tão diferente daquela que conhecia até então. Ele atravessou a baía ao cair da noite, no fim da primavera.

Manhattan, um reino alto e estreito, tão cheio de esperanças quanto qualquer outro, explodiu sobre Peter Lake com toda a sua força, um palácio armado em aço, grandioso e imperfeito, com suas centenas de milhões de câmaras, jardins de vários pavimentos, poços, passagens e passarelas acima de seus rios. Construída sobre uma ilha que estendia pontes para outras ilhas e para o continente, o palácio de mil torres não tinha barreiras. Aceitava quase todos que desejavam entrar, muito maior do que qualquer outra coisa, impossível de ser conquistada, podendo apenas ser visitada. Recém-chegados, invasores e os próprios habitantes ficavam tão confusos com sua multiplicidade, variedade, vaidade, tamanho, brutalidade e graça que perdiam a noção do que a cidade realmente era. Certamente, era uma estrutura única, atabalhoadamente

dividida, bela e agradável, uma colmeia extraordinária da imaginação, a maior casa já construída. Peter Lake soube disso quando se viu no meio do Bowery com suas roupas feitas à mão, sua coroa de conchas e o seu colar de penas, às cinco da tarde, em uma sexta-feira de maio.

Levava o jarro de cerveja de ostra em uma mão e o saco feito com a pele oleosa de um guaxinim que guardava os biscoitos de farinha de peixe na outra. Estava pasmo, mas também aprendendo rapidamente. A primeira coisa que aconteceu foi o roubo da sua canoa quando ele desembarcou em um píer da rua South. Mal chegou a virar as costas quando alguns homens de aparência sombria surgiram por baixo das pilhas de musgo e levaram a canoa com eles, como se estivessem a caminho do inferno. Em poucos minutos, viu alguns moleques carregando as tábuas da canoa, provavelmente quebradas ou cortadas a machadadas, para serem vendidas como lenha. Quando alcançou o Bowery, a madeira queimava sob as carnes crepitantes de aves, porcos e vacas, assadas, cortadas e vendidas aos transeuntes. Assim que as chamas morreram e outro porco ou carneiro foi colocado para assar, os vendedores ambulantes de comida venderam as cinzas para seres cinzentos em forma de gente que carregavam enormes sacos de cinzas e fuligem para vender às indústrias químicas e estufas. Peter Lake se aproximou de um deles e apontou para o enorme saco que quase escondia o seu carregador, não fosse por sua cabeça miúda e castigada pelo tempo e dois olhos saltados, injetados de sangue.

— Esta é a minha canoa — disse ele.

— O que é a sua canoa? — perguntou o miserável.

— Isso aí — respondeu Peter Lake, ainda apontando para o saco.

— Sua canoa, hein? — disse o coletor de cinzas, medindo Peter Lake da cabeça aos pés, desde a coroa de conchas até os sapatos feitos com pele de rato almiscarado. — Bem, acho que você não vai se importar se Jake Salween a usar para navegar até a China, não

é? Um bom dia para você, meu garoto! Logo alguém irá levá-lo a Overweary.

— Overweary?

— Como se você não soubesse! Saia da minha frente, seu anão maluco.

Para Peter Lake, parecia que a cidade, ou o tanto que viu dela, era similar à muralha de nuvens. Seus movimentos, os sons que vinham de todas as direções, a enorme vitalidade, tudo isso lhe parecia uma muralha de nuvens deitada sobre o chão, um carpete em ebulição. Mas, embora a muralha fosse branca, a cidade era uma paleta de cores em profusão. Suas formas e sua geometria o encantavam — o brilho laranja nas janelas transparentes dos andares superiores; o brilho verde e branco de um lampião a gás em forma de sino; labaredas saltitantes de fogo; brasas ardendo em vermelho no meio do carvão; cavalos negros trotando tranquilamente na frente de carruagens envernizadas; tetos pontiagudos e triangulares; o balé das multidões ao subir escadas, virar esquinas e atravessar as ruas; os ruídos guturais das máquinas (ele ouviu ao longe um som forte, como o da muralha de nuvens, mas era o som de motores a vapor, pêndulos e prensas); velas de barco que enchiam as extremidades das ruas com ruflares brancos ou planos angulares e arrojados, e depois batiam contra as paredes dos prédios que as cercavam, ou se transformavam em guilhotinas; os gritos de mascates com suas vestimentas características; prédios (ele nunca chegou a ver prédios antes), dentro dos quais percebia colunas enormes de lampiões reluzentes (ele nunca chegou a ver lampiões antes), pequenas árvores e mesas e milhares de mulheres belas e eretas, que, diferentes das mulheres dos Catadores de Ostras, usavam roupas que lhes davam a aparência de pássaros tropicais com peles de seda, embora com seios maiores e mais distantes, por vezes.

Nunca havia visto uniformes, bondes, janelas de vidro, trens e multidões. A cidade explodiu à sua frente, atravessando o círculo de conchas brancas que lhe enfeitava a cabeça. Ficou atordoado com

o fogo e o tumulto da Broadway e do Bowery, sem compreender tudo o que via. Por exemplo: um homem girava a manivela de uma caixa e ela tocava música, enquanto uma criatura pequena, metade homem e metade animal, dançava na rua e recolhia coisas em seu chapéu. Peter Lake tentou falar com ele. O homem girou a manivela e disse que seria bom dar dinheiro para a criatura.

— O que é dinheiro? — perguntou Peter Lake.

— Dinheiro é o que você dá para o macaco, senão o macaco faz xixi em você — respondeu o homem do realejo.

— Dinheiro é o que você dá para o macaco... senão o macaco faz xixi em você — repetiu Peter Lake, tentando entender.

Ao dar-se conta de que o homem pequenino com roupas vermelhas era “o macaco”, ele percebeu que o macaco já estava fazendo xixi nele. Recuou com um salto, determinado (entre outros sentimentos) a conseguir algum dinheiro.

Depois de uma hora, sentia-se mais cansado do que jamais estivera; seus pés doíam e seus músculos estavam rígidos. Sentia que a cabeça parecia um caldeirão de cobre jogado em uma escadaria. A cidade era como uma imensa guerra — batalhas rugindo por toda parte, e homens desesperados nas ruas, em legiões rastejantes. Já ouvira os Catadores falarem sobre guerras, mas eles nunca disseram que elas podiam ser enfrentadas, forçadas a baixar as cabeças e forçadas a correr sem sair do lugar. Em vários milhares de quilômetros de ruas havia muitos exércitos cataclísmicos, interagindo sem qualquer ordem — dez mil prostitutas apenas na Broadway; meio milhão de crianças abandonadas. Meio milhão de aleijados e cegos; multidões com milhares de criminosos ativos, perpetuamente envolvidos em combates com a mesma quantidade de policiais; e o vasto número de cidadãos de bem, que, em suas vidas normais, eram tão ferozes e agressivos quanto os cães selvagens de qualquer outra cidade. Não compravam e vendiam, simplesmente; matavam e espancavam

uns aos outros. Não caminhavam pelas ruas; avançavam como se fossem lanceiros, com os dentes à mostra e o coração aos pulos.

As divisões entre todas as espécies de gente desesperada e os habitantes regulares eram tão tênues e sutis que era quase impossível identificar um homem decente. Um juiz que sentenciava um criminoso poderia merecer uma condenação dez vezes mais dura, e poderia recebê-la algum dia de um companheiro de trabalho quatro vezes mais corrupto. A cidade inteira era uma roda da fortuna muito mais complicada do que se poderia imaginar. Era um modelo muito aproximado do curso absoluto do destino, onde os inocentes e os culpados eram igualmente jogados dentro de um tambor enorme, empurrados por labirintos cheios de armadilhas, apanhados às portas da morte em porões sem ventilação ou elevados a patamares dignos da realeza.

Peter Lake não sabia por que se sentia daquele jeito, como um paciente numa sala cirúrgica enquanto seu corpo é serrado e cortado. Fora sobrepujado pelas sensações. A cidade era uma caixa de fogo e ele estava dentro, queimando e tremendo, fustigado continuamente por imagens nítidas demais para catalogar. Arrastou-se pelo labirinto de ruas, carregando sua cerveja roxa e seus biscoitos de peixe. Não havia baías, cabanas ou lugares com areia macia onde ele pudesse se deitar.

Mas havia anarindas. Tantas anarindas que ele começou a imaginar se estaria louco. Elas passavam por toda parte, ao seu lado, acima, abaixo, nas profundezas das caixas com paredes de vidro, como peixes nadando animadamente em seus cardumes, despreocupadas e sorridentes. A quantidade era infinita; fluía como um rio. Suas vozes eram delicadas como sinetas, cristais, pássaros e canções. Decidiu que o melhor a fazer seria encontrar uma anarinda que o levasse para casa. Juntos, os dois poderiam comer os biscoitos de peixe, beber a cerveja de ostras, tirar as roupas e rolar nos lugares macios onde as anarindas dormiam. Ele escolheria a melhor que conseguisse. Que anarinda, afinal de contas, poderia resistir a ele e às suas conchas, penas e peles, com um jarro inteiro

de cerveja de ostras para oferecer? Muitas anarindas passaram por ele, todas belas. Mas a anarinda que ele escolheu era realmente especial. Tinha quase o dobro do seu tamanho. Seu rosto largo era tão perfeitamente belo, encimando uma gola alta, cinzenta e felpuda (sobre a qual havia um broche de esmeralda) que a fazia parecer uma deusa. Trazia consigo um xale negro, e tinha outras joias além da esmeralda. Era maravilhosa, especialmente porque estava prestes a entrar em uma caixa negra e brilhante puxada por dois cavalos musculosos.

Peter Lake se aproximou dela. Com um movimento rápido do pulso, mostrou o saco de biscoitos de peixe e depois o jarro. Em seguida, ergueu o queixo e bateu os pés contra o chão, no insolente gesto de acasalamento que era típico dos Catadores de Ostras. A coroa de conchas se agitou e suas penas também. No início ele pensou que tivera sucesso, pois os olhos da anarinda se arregalaram, maravilhados. Mas, em seguida, viu uma expressão de medo cobrir-lhe as belas feições, como uma nuvem passando sobre a lua. A porta se fechou com força diante dele, e a caixa se afastou.

Ele repetiu essa sedução várias vezes, mas até mesmo as anarindas mais esfarrapadas o desdenharam. Exausto como estava, rejeitado, ele continuou a vagar, procurando um lugar para ficar, pois a noite já cobria a cidade. Embora não soubesse para onde estava indo, as ruas eram tão emaranhadas e numerosas que Peter Lake nunca passava pelo mesmo lugar duas vezes. Onde quer que fosse ele via cenas encantadoras (um cachorro fazendo piruetas, um homem envolto em um lençol branco insultando as pessoas na rua, uma colisão entre duas carroças fúnebres). Depois de três horas (ainda eram oito da noite), Bayonne Marsh parecia tão débil e distante quanto um outro mundo, e ele sabia que estava perdido em um sonho longo e magnífico. Cenas e cores se amontoavam, impulsionadas como as ondas de uma tempestade, até ele se ver tomado pela confusão.

Foi quando ele chegou a um pequeno parque, uma praça cercada por casas e prédios feitos de pedra. Era um lugar tranquilo, verde-

escuro, e tão pacífico e promissor quanto a esmeralda em seu campo de pelos cinzentos de angorá. Havia árvores, uma grama macia e espaços escuros. No centro, um chafariz. Ao redor de todo o perímetro, lampiões de gás brilhavam por entre as árvores, movendo-se ao sabor do vento, criando bolsões de luz e escuridão. E uma anarinda estava ali, dançando com outra anarinda. Uma delas era pequena, com cabelos ruivos, e vestia uma camisa verde. A outra era bem maior e muito mais sensual (embora não fosse muito mais velha do que Peter Lake), e tinha cabelos loiros e esvoaçantes, faces avermelhadas e uma bela camisa cor de creme. As duas dançavam ao redor do chafariz, de braços dados, em uma velha dança holandesa, com os rostos colados e as mãos entrelaçadas. Não havia música; elas murmuravam alguma melodia. E Peter Lake não viu qualquer razão para dançar, exceto o fato de que a noite estava extremamente bonita.

Elas usavam sapatos castanhos folgados que batiam no calçamento da praça com um som oco e alegre, e giravam e dançavam com tanta alegria que Peter Lake sentiu vontade de entrar na dança. E foi isso que fez, deixando o jarro, a bolsa e a espada em uma pilha antes de saltar para o espaço aberto e dançar. Sua dança era parecida com a dos índios, com quem os Catadores aprenderam a dançar como as ostras e fazer estranhas imitações de pássaros com flautas de junco. Como as duas garotas estavam muito felizes, Peter Lake fez a dança da lua. Saltou e agachou-se, equilibrando-se em um dos pés envoltos em pele de rato almiscarado e depois no outro. As duas começaram a rodopiar ao seu redor assim que ouviram o tilintar das conchas. A imagem que os três compunham era agradável aos transeuntes, que jogavam círculos prateados aos seus pés, no chão.

Essa coisa, Peter Lake sabia, era dinheiro. Mas, embora soubesse o que era, demorou um bom tempo para compreender seu funcionamento, ficando confuso por várias das suas regras misteriosas. A primeira: era algo quase impossível de obter. A segunda: quando você o conseguia, era quase impossível conseguir

guardá-lo. A terceira: essas leis se aplicavam apenas a cada um dos indivíduos, mas não ao restante deles. Em outras palavras, embora o dinheiro fosse impossível de obter e impossível de guardar, para as outras pessoas ele fluía em enormes bateladas e ficava com elas para sempre. A quarta regra: o dinheiro gostava de viver em lugares limpos, reluzentes e coloridos, com texturas finas e sombras atraentes. Parecia haver muito dinheiro ao redor daquele parque nas casas altas feitas de pedra avermelhada.

Do outro lado das janelas transparentes das casas, luzes aconchegantes brilhavam e longos painéis castanhos, vermelhos, verdes e brancos apareciam, assim como o reluzir da prata e o chamejar do fogo. Ele podia ver isso mesmo enquanto dançava. E podia sentir que estava excluído desses lugares, mesmo que as pessoas que morassem ali lhe jogassem moedas quando fazia a dança da lua. Aquele era mais um mistério. As pessoas lhe jogavam moedas para fazer algo que amava, algo que era fácil, algo que faria mesmo se não recebesse nada em troca. Quando Peter Lake dançou diante do chafariz noturno na praça verdejante e escura e recebeu moedas por dançar, tornou-se um ladrão. Ainda demoraria um bom tempo para entender o princípio: receber dinheiro para dar alegria a alguém significa roubar. Quando aprendeu essa lição, mesmo sem compreendê-la totalmente, sentiu que tinha algum tipo de ligação com ladrões, pois as duas garotas eram trambiqueiras.

— O que são trambiqueiras? — perguntou Peter Lake às garotas enquanto elas molhavam os rostos suados e enrubescidos com a água fresca do chafariz.

— De onde você veio, para não saber o que são trambiqueiras? — indagou a grandalhona.

— Do mangue.

Elas não sabiam do que ele falava. Enquanto dividiam o dinheiro, elas lhe explicaram o que era um trambique.

— Nós dançamos assim, no meio de uma multidão, e atraímos a atenção das pessoas. Elas nos jogam dinheiro...

— Dinheiro é o que você dá para o macaco, senão o macaco faz xixi em você — disse Peter Lake.

As duas garotas se entreolharam.

— As pessoas jogam dinheiro para nós, e a Pequena Liza Jane bate as carteiras delas. É assim que fazemos os trambiques.

— Por que vocês estavam dançando agora, depois que eles pararam de jogar dinheiro?

— Não sei — disse a maior. — Por que não deveríamos?

A garota grandalhona era a Pequena Liza Jane, e a pequenina era Dolly. Havia uma terceira garota, uma menina morena chamada Bosca, mas ela morrera há pouco tempo.

— Como ela morreu? — perguntou Peter Lake.

— Na banheira — respondeu Pequena Liza Jane, sem maiores explicações.

Elas o receberam como o substituto de Bosca. Ele dançaria com Dolly enquanto a Pequena Liza Jane batia as carteiras do público. Perguntou-lhes se tinham um lugar confortável para dormir, e elas disseram que sim. Levaram três horas para chegar até lá. Atravessaram vários riachos e cinco córregos. Caminharam por quase cem vielas tortuosas que se pareciam com cenários em uma ópera. Passaram por cima de pontes enormes, através de distritos comerciais onde homens engoliam fogo e a carne era enfiada em espadas para assar, e por meia dúzia de portas largas que levavam até o interior de fábricas fumacentas com barulhos altos e ritmados, quase como se fossem corações. Enquanto caminhavam, Peter Lake cantarolava os sons que ouvia de dentro das fundições:

— *Bum, atcha atcha rapumbella, bum, bok, atcha atcha, zeeeeeee-ah! Bahlaka bahlaka bahlaka, ooooh-tak! Chik chik chik chik! Beema! Um baba um baba, dilla dilla dilla, mash! Um baba um baba, dilla dilla dilla okk!*

Ele percebeu que, na cidade, as pessoas não caminhavam somente como cavalos em disparada, mas também em estranhas danças rítmicas — seus corpos se moviam para cima e para baixo, seus braços iam e voltavam, os quadris volteando com o zelo típico das mulheres (se fossem mulheres, e, às vezes, mesmo que não fossem). Perguntou às duas trambiqueiras se havia uma guerra ou se algo terrível havia acontecido, porque não conseguia entender as labaredas, os exércitos de mendigos, as montanhas de cascalho e a comoção. Elas olharam ao redor e disseram que não parecia haver nada fora do comum. Ele estava pronto para desmaiar devido à exaustão.

Alcançaram uma rua com cortiços todos do mesmo tamanho. As trambiqueiras não moravam exatamente nos cortiços, mas na praça oculta das vistas do público, atrás dos prédios. Passaram por um túnel escuro com as paredes caiadas de branco e descobriram um pátio enorme e escondido, rodeado por cerca de cem prédios e casas. No centro havia um jardim em ruínas que ainda não fora revivido pela primavera, exceto por uma densa camada de ervas daninhas.

Em um dos lados, à sombra dos enormes cortiços, havia um casebre. As trambiqueiras não moravam nele, e sim em seu porão. Desceram por uma porta que levava ao porão e encontraram uma sala pequena e escura, com uma minúscula janela perto do teto. Algumas brasas ainda ardiam no fundo de um fogareiro feito com um tonel de óleo velho. Havia legumes secos pendurados nas paredes, assim como uma panela e alguns talheres. A única mobília era uma cama enorme cujas pernas tinham alturas diferentes, o que a deixava torta. Sobre ela, meia dúzia de travesseiros, lençóis e cobertores cansados. Surpreendentemente, não estavam tão sujos. Este era o lugar confortável onde as trambiqueiras dormiam.

— A Pequena Liza Jane acendeu uma lamparina de sebo, e Dolly jogou um pouco de lenha no fogão — disse Dolly ao terminar. Ela falava sobre si mesma na terceira pessoa, com frequência. — Vai levar uma hora para ferver a água e os legumes.

Peter Lake mostrou-lhes os biscoitos de peixe e explicou-lhes como poderiam fazer uma sopa se os retalhassem e os amarrassem com alguns nós antes de jogá-los na água fervente para melhorar o sabor.

Pensavam que iriam descansar antes de jantar, mas, em vez disso, beberam quase toda a cerveja de ostra. A Pequena Liza Jane tirou sua blusa ao cruzar os braços, e Dolly fez o mesmo. Peter Lake já estava bem relaxado por causa da cerveja de ostra, e aquela imagem o deixou ainda mais animado. A Pequena Liza Jane tinha dezesseis anos e seu corpo estava completamente desenvolvido. Dolly ainda estava na puberdade, mas o que lhe faltava em volume lhe sobrava em frescor, e, de qualquer maneira, a Pequena Liza Jane tinha volume suficiente para as duas. Seus seios dançantes encheram os olhos de Peter Lake. Ele pensou que aquilo que estava prestes a ocorrer seria igual aos momentos que passara com Anarinda, mas agora com duas anarindas. Gemendo de prazer, ele tirou as roupas. Foi tão difícil quanto enfiar uma sela em uma gaiola de apanhar lagostas. Quando finalmente estava livre, abriu os olhos para se refestelar nos muitos seios e pernas que haviam na cama. Mas as duas já estavam enroscadas uma na outra, e as duas garotas respiravam com resfolegadas lentas e lascivas. Ouviu um pequeno ruído de sucção. O que estava acontecendo aqui? Ele se aproximou para ver se as duas eram, como ele pensava, anarindas. Ambas eram anarindas — não havia dúvida. Isso era novidade, mas, como tudo naquela cidade era novidade, ele não ficou surpreso.

Registrou o momento. Não estavam interessadas nele, embora o deixassem entrar e se satisfazer várias vezes, e, ao final, Peter Lake não estava mais interessado nelas. Depois, horas mais tarde, ninguém mais estava interessado em ninguém, a não ser na sopa. Comeram em silêncio e foram dormir pouco antes do nascer do sol.

Como se fossem fumantes de ópio, os três mal conseguiram ouvir a voz da Pequena Liza Jane.

— Amanhã nós vamos para Madison Square. Há muitos otários em Madison Square.

Em seguida, a fumaça cinzenta do sono encheu aquele pequeno aposento e apertou-os confortavelmente contra a sua cama macia e desnivelada.

Na manhã seguinte, Peter Lake viu a cidade com outros olhos, como aconteceria daquele momento em diante, sempre que acordasse. As coisas nunca eram iguais de um dia para outro. Tardes escuras, claustrofóbicas e fumacentas; oceanos de chuva; dias de outono mais claros do que pesos de papel feitos de cristal. Sol e sombra; todas aquelas eram uma única cidade.

Ele se levantou cedo. As duas garotas estavam enroladas nos cobertores. Peter Lake se vestiu e não demorou a sair do porão, o primeiro a ver a luz do sol tocar na chaminé mais alta dos cortiços ao seu redor. No jardim, com o capim lhe chegando até a cintura, ele imaginou como aquelas estruturas seriam por dentro. Nunca entrara em um prédio. Pelo que sabia, quando abrisse uma porta, veria uma nova cidade ali dentro, tão ampla e atraente como a que ele acabara de descobrir. No final daquela manhã de primavera, quase na época do verão, ele foi até a porta do cortiço mais próximo e a escancarou, esperando enxergar, como se estivesse no alto de uma colina, uma grande cidade no inverno disposta à sua frente em uma manhã fria. Algum dia, talvez, chegasse a ver. Mas agora havia apenas a escuridão e um cheiro que lhe causava enjoo.

Ele subiu cuidadosamente por um lance de escadas (como foi criado no mangue, não era grande conhecedor de alturas) e chegou a um pavimento superior. Havia cordões e barbantes amarrados nos corrimãos. Provavelmente alguma brincadeira de criança, pensou ele. Em meio à escuridão, viu que as paredes escuras estavam arranhadas e tinham furos. Este era um lugar horrível, longe da água, do céu e da areia. Talvez saísse e se esquecesse dessa imagem se, por alguma razão, não houvesse sentido o ímpeto de subir mais um lance de escadas.

Encontrava-se no coração do prédio agora, longe das luzes, como se estivesse no fundo de uma cova. Estava quase dando meia-volta quando, subitamente, ficou imóvel com a autocontenção graciosa e rápida de um caçador que deu de cara com a sua presa. Uma criança estava à sua frente; esperava que não fosse uma criança comum. Não tinha mais do que três ou quatro anos e estava vestida com uma bata preta e imunda. Sua cabeça era enorme, com os cabelos raspados e deformada. A testa e o topo da cabeça eram ressaltados, como se estivessem prestes a explodir. Atrás, era igual. Peter Lake se retraiu. Essa criatura, em pé no meio do cascalho, estava com a mão dentro boca, encostada à parede, olhando para frente com um olhar vazio. Seu queixo tremia e o crânio inchado e hediondo movia-se para a frente e para trás em movimentos convulsivos. Os instintos de Peter Lake lhe diziam que aquele ser não tinha muito mais vida dentro de si. Queria ajudar, mas não tinha qualquer experiência ou lembrança que pudesse guiá-lo. Não poderia ir embora nem ficar. Observou enquanto a criança tremia e oscilava naquela quase escuridão, até que, de algum modo, voltou correndo para a luz do dia.

Deixar uma criança sozinha para morrer naquele corredor era algo totalmente desconhecido no mangue. Mas aqui, ao amanhecer, era a própria mortalidade. Na cidade havia poucos lugares onde alguém poderia entrar para nunca mais sair — sonhos escuros e morte lenta, a morte de crianças, o sofrimento sem simpatia ou redenção, a perda eterna e definitiva. A memória daquela criança permaneceu em sua mente. Mas não seria o fim, pois a realidade dá voltas ao redor de si mesma como um anel retorcido. Até mesmo o irredimível seria redimido, e havia um ponto de equilíbrio para tudo. Tinha de haver.

Ele voltou para o porão das trambiqueiras.

— Largue a espada! Ou os pássaros-frade vão vir atrás de você — alertaram as garotas.

Um Catador de Ostras nunca se separa da sua espada, exceto para nadar ou rolar na cama. — Eu não deixaria a minha espada

aqui — disse Peter Lake, pensando que havia criado uma nova e maravilhosa expressão: — Nem por todo o dinheiro do mundo.

— Essa é boa — disse Dolly. — Espero que os seus trambiques sejam melhores do que isso.

A Madison Square ficava tão longe do porão quanto o parque onde ele as conheceu. Depois de uma balsa, duas pontes, um trem e meia dúzia de túneis, eles tiveram de enveredar por várias horas para atravessar um labirinto de ruas, passagens, becos e arcadas, todos explodindo, repletos de vida. Peter Lake estava exausto, mesmo antes de começar a trabalhar. Mas então, no meio do belo parque cercado por prédios altos e interconectados por uma teia de pontes elevadas, ele começou uma série de danças da lua, danças das ostras e danças dos juncos. Dolly dançou à sua volta, enquanto a Pequena Liza Jane passava por entre a multidão, furtando o conteúdo de alguns bolsos.

A Pequena Liza Jane (uma belezura, de fato) tinha um talento perfeito para o crime. Quando viu o homem gordo de terno xadrez sair do Banco da Turquia, foi até ele como uma abelha rumo a uma flor. Descobriu exatos trinta mil dólares em sua carteira estufada. Tremendo, ela fez Peter Lake interromper uma agitada dança das ostras para que ele e Dolly a acompanhassem até um dos cantos do parque. Lá eles dividiram a quantia igualmente, e a soma que coube a Peter Lake pelo trabalho daquela manhã foi de US$ 10.004,28. A Pequena Liza Jane disse que a polícia viria atrás dele se o gordo reclamasse, e que seria bom se separarem e voltarem a se reunir naquela noite.

— Neste mesmo lugar — disse ela. — Enquanto isso, coloque o dinheiro em um banco.

— O que é isso? — perguntou Peter Lake.

Ela o ensinou a ler a palavra “banco” e disse que, se ele levasse o dinheiro até o prédio onde aquela palavra estava escrita, o dinheiro ficaria seguro. Peter Lake aceitou prontamente o conselho, e os três se separaram. Ele encontrou um banco, entrou pela porta, deixou

sua pilha de notas novas encostada em uma parede e saiu, sabendo que agora tinha dinheiro e que nenhum macaco faria xixi nele. Sem mais nada com que se preocupar, ele entrou no palácio de vidro de Madison Square, pretendendo passar algum tempo à toa até a hora de voltar ao trabalho, mais tarde.

Máquinas. Por toda parte havia máquinas e mais máquinas. No início, Peter Lake achava que eram animais que aprenderam a dançar sem sair do lugar. Para ele, o submundo metálico, ou o mundo metálico da superfície, era imediatamente glorioso e irresistivelmente hipnótico. Nunca vira nada igual àquilo antes. A luz enchia as janelas e cortava esquadrões imensos de palmeiras. Uma orquestra suspensa tocava uma música compassada no mesmo ritmo das estranhas danças mecânicas. Do centro de um enorme bloco de aço, um pistão verde lutava para se erguer, resfolegando. Rodas de todas as cores por toda parte tremiam, giravam para um lado e para outro, e depois começavam a rolar como se estivessem sendo perseguidas por um cão.

Bolas colocadas nas extremidades de bastões subiam e desciam; engrenagens tiquetaqueavam; bate-estacas batiam uns contra os outros repetidamente, como alces enfurecidos. Pequenas nuvens de vapor se erguiam por entre as palmeiras, e jatos súbitos de água e óleo eram cuspidos pelas laterais de imensos motores prestidigitadores, tão grandes quanto uma praça da cidade. Peter Lake adorava aquelas coisas. E havia duas mil delas no chão, cada uma trabalhando e resfolegando. Pela primeira vez ele estava feliz por ter sido expulso do mangue. Nos movimentos das máquinas ele via muito além de tudo o que conhecia. Como as ondas, o vento e a água, elas se moviam. Eram, em si mesmas, o poder e o júbilo.

Caminhando por entre as máquinas — duas mil máquinas! —, ele sentiu-se tonto e extasiado. Não conhecia a serventia de nenhuma delas, e, assim, decidiu perguntar. Ao lado de cada um dos monstros cuspidores havia uma espécie de guardião — na verdade, um vendedor. Peter Lake nunca conversara com um vendedor, e é estranho imaginar que um homem com uma máquina de cinquenta

toneladas para apregoar, ao valor de duzentos mil dólares, estaria disposto a gastar seu tempo com um garoto de doze anos vestido com sapatos e roupas feitos de pele de rato almiscarado, penas e conchas. Mas tudo o que Peter Lake teve de fazer foi se aproximar de um dos imensos motores e dizer ao seu guardião:

— Isso aqui. O que é isso?

— O que é isso? O que é isso! Isso! Meu caro senhor, é a Perfuratriz Especializada Caisson Autoniveladora Subaquática Semiautomática e Espaçadora de Dinamite Barkington-Payson! Você não encontrará, em toda esta exposição ou em todo o mundo, outra PECANSASAED que chegue aos pés desta. Vamos começar pelo projeto. Venha até aqui para ver o belo projeto da sapata socadora fabricada em Düsseldorf. Perceba a sólida peça turca, a iodelagnia brilhante e as molas do fole feitas com o puro aço. Aqui, a peça turca está ligada diretamente até uma vareta meltoniana calibrada com precisão, na base da qual você encontrará uma característica que existe somente nas melhores PECANSASAED — um mandril de cabeça azul! É a melhor qualidade que existe. Eu mesmo a uso. Não costumo dizer isso a outras pessoas, mas vou dizer a você. Eu não chegaria nem perto de outra PECANSASAED. Juro que daria a minha esposa em troca de uma destas. Olhe para estas lâminas de sucção. Já viu lâminas de sucção assim? Só a superfície da broca já vale todo o preço desta máquina. Salínio puro, meu chapa! Um rotor com dupla proteção! Separado do alimentador por uma barreira sólida como rocha! Abra-o e sinta o toque da cobertura calabresa que há por baixo. Bem, mas vamos direto ao ponto. Digamos que você tenha um terreno de meio milhão de dólares para perfurar. Vai usar qualquer cocô de gato para fazer o trabalho? É claro que não, não um homem como você. Reconheço um *expert* quando vejo um. Você não pode me enganar. Você, meu amigo, é realmente um dos mecânicos de Deus! Um artista como você vai preferir atravessar esse terreno com algo belo resistente, algo que seja confiável e bem construído, uma Barkington-Payson. Venha aqui e dê uma olhada no martelete. É volpínio puro! Agora, permita-me contar um segredinho sobre o preço...

Peter Lake escutou o homem por duas horas e meia. O garoto estava de queixo caído, esforçando-se para entender cada palavra. Pensava que aquilo, junto com bater carteiras e macacos de roupas vermelhas, era um dos alicerces da civilização em que fora jogado. Mas foi interrompido por dois policiais e um padre que o agarraram, amarraram suas mãos para trás, colocaram-no dentro de uma carroça-prisão cheia de crianças e o levaram até o Lar do Reverendo Overweary para Crianças Lunáticas.

Por toda a cidade era possível encontrar crianças sem pais reunidas como coelhos assustados, dormindo sob o calor da luz do sol em barris, porões e quaisquer outros lugares onde houvesse um pouco de silêncio e sossego.

À noite, o frio fazia com que se mexessem, jogando-os nos braços das aventuras e depredações para as quais as crianças nunca estiveram aptas e nunca estarão. Havia mais de meio milhão delas, e sucumbiam tão ou mais rápido do que os adultos às doenças e à violência, tanto que, com muita frequência, os caixões em Potter's Field eram de proporções diminutas e tocantes; os coveiros eram capazes de enterrar dois ou três de uma vez só.

Ninguém conhecia os nomes das crianças (em alguns casos, nem mesmo tinham nomes), e ninguém viria a conhecer. Às vezes as pessoas de boa consciência perguntavam: — O que acontece com essas crianças? — referindo-se a todas as crianças das ruas, no inverno ou no verão. A resposta era que algumas cresciam e aprendiam a trabalhar ou roubar; algumas passavam de instituição em instituição, ou de porão em porão; e o restante era enterrado — nos campos dos arredores da cidade, lugares tranquilos, planos e cheios de mato.

Às crianças, às vezes, perdiam a razão e começavam a vagar pela cidade, insanas. Assim, havia o Lar de Overweary, estabelecido para dar abrigo e treinamento aos garotos de rua que enlouqueceram. Em uma de suas excursões, os associados do Reverendo Overweary notaram a existência de Peter Lake por causa de suas roupas.

Ele não demorou a descobrir que a casa era governada por três homens. O próprio Reverendo Overweary, uma figura trágica, perpetuamente incapacitado pela compaixão que sentia pelos garotos. Frequentemente ia às lágrimas, e sofria muito ao testemunhar o sofrimento dos outros. Por causa disso, não tinha tempo nem energia para supervisionar o seu segundo-em-comando, o Diácono Bacon. E o Diácono Bacon se certificava de que era capaz de achar, em cada novo lote, alguns garotos que respondiam com vigor às suas atenções diretas e entusiasmadas durante a primeira sessão para lhes tirar os piolhos.

O momento da verdade surgia quando o Diácono Bacon se juntava aos garotos alegres nas banheiras fumegantes, pronto para aplicar o ácido patúbico. Peter Lake se recusou a deixar que o diácono lhe aplicasse o ácido patúbico, insistindo que ele mesmo era capaz de fazer o serviço. Alguns dos novos internos simplesmente não sabiam. Alguns estavam ansiosos pela aproximação do homem alto e de aparência gentil, com óculos de aro de chifre e um nariz em forma de bico de pássaro. As coisas logo se encaixavam em seus devidos lugares (como sempre acontecia), e o Reverendo Overweary fazia questão de ignorar as ocasiões em que o Diácono Bacon se retirava com seus novos amigos para passar alguns dias em um sobrado, mobiliado e decorado como o salão de festas de um sultão em uma ilha do Mar de Mármara.

Mas quem era o Reverendo Overweary para castigar seu diácono? Sua própria casa se erguia como um palácio, sobrepujando até mesmo as celas feitas com blocos de pedra cinzenta onde mais de dois mil garotos habitavam ao mesmo tempo. O Reverendo Overweary oferecia bailes extravagantes, para os quais convidava os ricos, os intelectuais e membros da realeza que estivessem visitando a cidade. Eles compareciam porque a comida era boa e porque achavam que ele era um homem bem-sucedido que utilizou uma fortuna pessoal de milhões de dólares para criar um abrigo para os seus protegidos.

A realidade era o oposto. Os garotos o sustentavam, pois, sob o pretexto de serem treinados e educados, ele os alugava em gangues para qualquer um que precisasse deles. Os salários pagos a trabalhadores sem especialização era de quatro a seis dólares por dia, doze horas de trabalho, e nada de gracinhas. Overweary mandava seus garotos trabalhar todos os dias a cinco dólares por cabeça. Gastava um dólar para mantê-los alimentados, lucrando assim cerca de oito mil dólares por dia; menos, na verdade, já que o total era erodido por doenças, mortes e fugas (três fatores que frequentemente se combinavam em um único processo). O compassivo reverendo tirava os garotos da rua, ensinava-lhes a trabalhar, salvava-os dos cemitérios de indigentes e ganhava milhões de dólares por ano. Quando os garotos deixavam o Lar para trás, saíam sem um mísero centavo.

Peter Lake ficou por ali até quase chegar à vida adulta. Embora fosse um escravo, estava no paraíso. E isso acontecia por causa da terceira força no equilíbrio do Lar Overweary — o Reverendo Mootfowl.

No dia em que Peter Lake foi capturado no salão das máquinas, quem estava encarregado de recolher os garotos era o Reverendo Mootfowl. Para irritação dos policiais que o acompanhavam, ele insistiu em visitar a exposição porque não era capaz de resistir a qualquer demonstração de tecnologia, engenharia ou maquinário. Foi um dos primeiros funcionários da casa, quando as coisas não eram tão bem organizadas, e, antes da sua “ordenação”, Overweary o fez passar por vários colégios técnicos. Mootfowl parecia não ter emoções, desejos ou preocupações, a menos que o assunto envolvesse metalurgia, forja, construção de máquinas, projetos de aparelhos de bombeamento, posicionamento de vigas, cabos e engenharia estrutural. Passava o dia inteiro na forja ou na bancada de trabalho, torneando, cortando e projetando. Vivia o aço, o ferro e a madeira de lei. Era capaz de manufaturar qualquer coisa. Era um artesão louco, um gênio com ferramentas.

Peter Lake logo se tornou um dos cinquenta garotos da elite, escolhidos para trabalhar dia e noite em frente ao brilho da forja. Apresentados ainda cedo e forçosamente ao assunto, transformavam-se em mestres da arte da mecânica e, junto com Mootfowl, eram as pessoas certas na hora certa, pois a cidade estava começando a se mecanizar. Motores ganhavam vida e iluminavam cada canto, coroando a si mesmos em plumas de fumaça e vapor. Quando alguém lhes dava a partida, lentamente, inexoravelmente, seu esplendor rítmico jamais chegaria ao fim. Acrescentavam não somente músculos e velocidade ao corpo da cidade, mas uma nova vida para a cavalgada incansável rumo ao futuro.

Um número aterrador de coisas diferentes tinha de ser reunido e conectado. A eletricidade estava sendo introduzida por toda parte — um brilho selvagem, veloz e cintilante. Vapor em uma colmeia de túneis, grandes motores para impulsionar dínamos, trens que passavam sob as ruas e prédios que eram construídos cada vez mais altos eram um mundo novo de mecânicos e para os mecânicos. Quando as máquinas começaram sua ascensão, quando a própria cidade se transformou em máquina, milhões de pessoas trabalhavam dia e noite em um ritmo furioso para cuidar do parto, para ter certeza de que as coisas estavam sendo feitas da maneira certa, para fornecer aço, pedra e ferramentas resistentes com as quais o coração pulsante seria mantido vivo.

Construtores de prédios e de máquinas vinham de todas as partes para colocar uma nova camada de aço sobre a cidade. Eram capazes de usar os materiais com a mesma rapidez com que eram produzidos. A Pensilvânia, um lugar ermo e selvagem, tornou-se a sua fornalha fumarenta. Acabaram com as florestas apenas para terem escoras para as estruturas de ferro e aço. Escavavam minas, cortavam árvores e explodiam pedras, levando tudo para a cidade para ser processado. Não é surpresa o fato de haver uma demanda quase infinita por peças pequenas, torneadas com maestria. Essas eram as coisas que Peter aprendeu a forjar e tornear — juntas, parafusos, balancins, retentores, tubos, engrenagens —, peças que

tinham de ser retiradas de fornos incandescentes ou torneadas e fresadas com precisão. Ele também teve de aprender a cuidar da manutenção dos motores que faziam as máquinas funcionarem, dominar a construção das turbinas que mantinham a temperatura dos fornos alta o bastante para aquecer o ferro até deixá-lo branco, a intrincada ação dos foles automáticos, sistemas elétricos, engrenagens e transmissões, motores a gasolina, caldeiras de pressão, metalurgia, engenharia de tensão — em resumo, a vasta física daqueles que se chamam de mecânicos.

Eles trabalhavam em um enorme barracão que rugia e brilhava com dezenas de fornalhas, com montes de ferramentas enegrecidas e cobertas de óleo espalhadas por todo lado, feitas com aço pesado. Conforme as máquinas e as chamas cantavam juntas, soavam como uma orquestra de percussão enlouquecida. Os garotos usavam aventais de couro preto e luvas pesadas. Tinham sua própria sociedade entre as forjas e as bigornas, e trabalhavam dezesseis horas por dia. Mootfowl chegava a trabalhar vinte horas por dia ou mais. O dinheiro recebido em troca daquelas atividades especializadas era substancial, mas eles se importavam apenas com o seu trabalho. Andavam por toda a cidade para executar seus serviços e eram conhecidos pelos aventais negros, pela perícia sem igual e pela devoção insana à arte — na qual se aperfeiçoavam cada vez mais, atendendo às demandas daquela época.

Mootfowl usava um chapéu chinês para que seus cabelos não fossem chamuscados quando se ajoelhava no chão coberto de óleo para inspecionar o estado de um belo pedaço de aço. Sua maneira de manipular metal quente era uma maravilha, cheia de ternura e eficiência. Era capaz de dar um golpe preciso e necessário para criar algo forte a partir de uma substância pastosa e derretida. Mootfowl era bem alto. Mesmo quando Peter Lake já era adulto, sentia que tinha metade do tamanho de Mootfowl. E Mootfowl tinha um rosto forte, com várias superfícies planas e atraentes, sujas pela fuligem e brilhantes, no qual repousavam dois olhos reluzentes de coruja.

Cada vez que via aqueles olhos, Peter Lake se lembrava dos seus dias entre os Catadores de Ostras, quando, vez por outra, comia a carne quente de uma coruja assada no café da manhã, amanteigada e crepitante. Mas aqueles dias haviam terminado há muito tempo. Sob a tutela de Mootfowl, ele aprendeu a ler e escrever, usar a matemática, discutir com maestria o preço do seu trabalho e o valor das suas comissões, e conheceu bem a cidade para conseguir andar pelas ruas sem se perder. Como metade dos garotos era de ascendência irlandesa, Peter Lake aprendeu a falar um dialeto irlandês verdadeiro e flexível. Gostava bastante de falar daquele jeito — era como nadar sobre as ondas — e descobriu, após alguns anos, que não era capaz de falar de outra maneira, exceto quando precisava se lembrar lentamente das frases articuladas do tempo em que morava no mangue.

Ainda assim, ele frequentemente se entristecia pela perda do seu eu original, seja lá o que fosse. Não era realmente um Catador, não era realmente irlandês, e não era totalmente um dos garotos de Mootfowl, pois, diferente dos moleques valentes de cinco anos que ficavam no canto do barracão, aprendendo a trabalhar com ferramentas em miniatura, ele foi tomado como aprendiz depois de já estar relativamente crescido. Não sabia ao certo a quem devia lealdade. Mas presumia que essa incerteza, como os outros tormentos sofridos pelos seus companheiros “lunáticos”, acabaria por desaparecer algum dia.

Enquanto isso, Mootfowl e seu grupo estavam sempre trabalhando, conforme as estruturas da cidade se empilhavam umas sobre as outras, mais rápido do que os corais que se amontoam em recifes. Cada torre tinha um minuto para olhar a paisagem ao seu redor. Depois disso, passaria o resto da eternidade contemplando as canelas das suas concorrentes. Não era assim com as grandes pontes. Elas fluíam por cima dos rios, teriam vistas majestosas e estariam sozinhas para sempre. Mootfowl adorava as pontes. Trabalhara em várias delas e, quando ouviu dizer que estavam construindo outra para atravessar uma curva larga do rio East, na direção do Brooklyn, ele ficou vários dias empolgado, pois sabia que

uma ponte daquele tamanho precisaria de peças especialmente forjadas e de reparos especializados.

Um de seus momentos mais sacrossantos era quando contava aos seus garotos sobre o tempo em que consertou conexões gigantescas para o Coronel Roebling depois que os quatro principais cabos de sustentação da ponte do Brooklyn foram lançados sobre o rio. Mootfowl ficou pendurado a uma altura enorme, tonto feito um pássaro numa tempestade, com uma forja pendurada ao seu lado. Ali ele executou o trabalho, para o deleite de milhares pessoas que cruzavam o rio abaixo dele, na balsa de Fulton.

— Jackson Mead — disse Mootfowl, com reverência e admiração — veio do outro lado do rio Ohio com uma centena de bons homens e várias toneladas de dinheiro e aço, sabe Deus de onde, para construir outra ponte. Chegaram depois de uma tempestade. A muralha branca deixou o continente isolado por vários dias. Quando estava começando a se erguer, o trem no qual eles viajavam a cortou, abrindo caminho por entre a neblina dos trilhos da ferrovia Erie Lackawanna. Foi uma enorme surpresa para os fazendeiros, que diziam que o trem atingiu a base da muralha. Eles dizem, garotos, que o alto do trem ficou arranhado e retorcido, que ele brilhava após entrar em contato com a base da muralha.

— Seja como for, Jackson Mead está aqui e a ponte será erguida. Deveríamos fazer uma oração por ela.

— Por quê? — perguntou um dos garotos que cuidava de uma forja, um garoto pequeno de adenoides inchadas que sempre era bastante cético.

Mootfowl o encarou com um olhar severo.

— Uma ponte é algo muito especial — proclamou ele. — Não viu o quanto são delicadas em relação ao seu tamanho? Elas se erguem no ar como pássaros; estendem e incorporam os nossos esforços mais belos; e utilizam a curva dos céus. Quando um cabo de sustentação com um quilômetro e meio de comprimento é

suspenso sobre um rio, acredite: Deus percebe. Sendo um homem da igreja, eu diria até mesmo que o cabo de sustentação, essa coisa maravilhosa e graciosa, essa joia da física, esse equilíbrio perfeito entre a rebelião e a obediência, é a assinatura do próprio Deus sobre a terra. Eu creio que Ele gosta de vê-los erguidos. Creio que essa é a razão pela qual a cidade é tão rica em eventos. A ilha inteira, perceba, está se transformando em uma catedral.

— Isso deixa o Bronx de fora? — perguntou alguém.

— Sim — respondeu Mootfowl.

Eles soltaram as ferramentas e baixaram as cabeças e, com o fogo das forjas cantando atrás de si, rezaram pela nova ponte. Assim que terminaram, Mootfowl ergueu-se como uma mola de aço.

— Trabalhem — comandou ele. — Trabalhem a noite inteira. Amanhã vamos oferecer nossos serviços para a construção da nova ponte.

Ninguém sabia muito a respeito de Jackson Mead, exceto o fato de que ele havia construído muitas e belas pontes suspensas sobre os grandes rios do Oeste, algumas das quais levaram anos para ser completadas, e foram construídas para cruzar cânions e gargantas de profundidades inimagináveis. Suas frases eram citadas em jornais, mencionando que uma cidade só poderia ser verdadeiramente grandiosa se tivesse pontes altas.

— A imagem do mapa de Londres — disse ele durante uma conferência de imprensa nos escritórios da empresa que construiria a ponte, — e também a de Paris, quando comparadas às de São Francisco e Nova York, são entediantes. Para ser magnífica, uma cidade não pode se parecer com um órgão arredondado, uma coisa em formato de fígado ou coração, sufocada por uma enorme área verde. Ela deve se projetar, se estender, se lançar em todas as direções, sobre a água, em penínsulas, colinas, com torreões altos e ilhas ligadas por pontes.

A imprensa ficou intrigada quando ele incluiu São Francisco em seus exemplos, já que não havia pontes ali. E ele respondeu, com

um sorriso:

— Foi só um deslize.

Os jornais e as mulheres exaltavam sua aparência física. Tinha dois metros e cinco centímetros de altura, mas não era magro. Tinha cabelos brancos como a neve e bigode da mesma cor, e usava ternos brancos com uma corrente de platina à qual prendia o relógio de bolso, que era quase tão grande quanto um relógio de parede, mas, em sua mão enorme, não parecia tanto assim. As pessoas diziam que ele era tão forte e robusto e seus olhos eram tão azuis porque comia carne de búfalo crua, banhava-se em água mineral e bebia urina de águia. Quando era confrontado publicamente com aquelas afirmações, ele dizia: — Sim, é claro que é verdade — e depois, explodia em gargalhadas.

Havia aqueles que o amavam e aqueles que não o amavam. Peter Lake ficou admirado quando ele, Mootfowl e os outros quarenta e nove garotos foram conduzidos a um escritório com pouca mobília, e ali estava Jackson Mead, como uma pintura de dimensões exageradas. Ao seu lado, Mootfowl parecia uma simples estatueta. A imagem que surgiu na mente de Peter Lake era a de Jackson Mead como o noivo em um casamento, e Mootfowl como a sua representação em forma de miniatura sobre o bolo. O jovem aprendiz teve de fechar a boca, pois ela estava aberta com a sensação de encanto. E esforçou-se para estreitar os olhos, que, agindo em consonância com a sua boca, estavam do tamanho de moedas de meio dólar.

Não entendia como alguém poderia odiar esse homem, ou acusá-lo de ser duro e cruel. Afinal, ali estava ele, trajado de branco, com os cabelos e o bigode tão felpudos quanto bem aparados, uma postura equilibrada e relaxada, um homem satisfeito, a encarnação da tranquilidade. Isso era precisamente o motivo pelo qual as pessoas o odiavam, como Peter Lake descobriu. Ele fazia o que devia ser feito, e não havia qualquer sombra de hesitação no homem. Outros, sentindo o peso da ambivalência e incerteza, invejavam alguém que sabia o que devia fazer e o porquê — como

se houvesse passado alguns séculos resolvendo os problemas normais da existência e depois concentrado sua atenção na arte de construir pontes.

Depois que Mootfowl explicou o motivo de estarem ali, Jackson Mead disse que aquela era uma proposta interessante, e que precisava de ferreiros, mecânicos e construtores de máquinas habilidosos. Mesmo assim, disse que não estava convencido de que esses garotos, por mais ansiosos que estivessem, estariam à altura do trabalho.

— Prevendo que isso poderia acontecer, senhor — retrucou Mootfowl — preparei um teste. Escolha, por gentileza, qualquer um dos meus garotos e coloque-o para trabalhar em uma das operações mais difíceis que poderão ser encontradas. Estamos dispostos a ser avaliados dessa maneira.

Em seguida, Mootfowl afastou-se, nervoso e orgulhoso ao mesmo tempo.

Jackson Mead disse que contrataria todos eles se o garoto que escolhesse conseguisse forjar uma luva de junção de cabos de formato heptagonal, sem distorções consideráveis. Quando se ergueu para examinar os candidatos, era como se houvesse subido ao alto de uma torre. Eles, por sua vez, sentiram um calafrio adolescente e coletivo que se transformou em gelo quando o construtor de pontes de cabelos brancos como a neve apontou diretamente para um garoto pequeno e gorducho, encolhido no fundo do grupo, e disse:

— Aquele ali. A força de uma corrente é igual à força do seu elo mais fraco, e para mim, aquele garoto parece ser o elo mais fraco.

Jackson Mead escolhera Cecil Mature — Um metro e cinquenta e três, noventa quilos, o rosto inchado pela gordura e duas frestas sorridentes onde — supunha-se — seus olhos deveriam estar. Era um dos cozinheiros que preparava abobrinhas para o jantar, e implorou para ser aceito na equipe dos mecânicos. Usava uma touca de tricô que se encaixava de maneira redonda e perfeita sobre

os seus cabelos, cortados bem rentes ao crânio. Seus braços eram parecidos com duas linguiças, e, quando caminhava apressadamente, com o corpo balançando de um lado para outro, parecia-se também com uma bala de canhão que ganhara vida. Chegara ao lar de Overweary há pouco tempo, e suas origens eram um mistério, embora ele alegasse ter algumas vagas lembranças da vida em um barco pesqueiro inglês. Tinha quatorze anos e parecia não conhecer muito do mundo.

Quando lhe disseram que fora escolhido para fazer o teste, ele abriu um sorriso enorme e correu para a forja. Todos o seguiram, imaginando o que iria acontecer. Gostavam dele, de verdade, mas da mesma maneira que alguém gosta de um cachorro desajeitado que perde o equilíbrio e tomba por uma escadaria. Mootfowl ainda tinha de terminar de avaliar a extensão da inteligência de Cecil Mature. O garoto era muito interessado pelo ofício, mas raramente fazia as coisas do jeito certo. Assim, quando aqueceu uma das luvas de junção e levou-a até a bigorna, eles gemeram. Cada martelada causava mais danos do que a anterior. Depois de cinco minutos, a luva de junção estava bastante castigada, mas ainda poderia ser salva. Cecil Mature largou seu martelo e recuou um passo. Ajustou sua touca e espiou pelas frestas dos olhos a luva de junção, quase moribunda. Em seguida, voltou à bigorna e começou a golpeá-la com tudo o que tinha. A luva de junção, há bem pouco tempo, era uma conexão complicada parecida com um cruzamento entre a roda de uma carruagem e um arco.

Depois de ser espancada por Cecil Mature durante quinze minutos, era novamente um pedaço de metal bruto, parecida, na verdade, com um meteorito recém-chegado à Terra. Ao terminar, Cecil Mature delicadamente se afastou e misturou-se ao grupo de garotos, escondendo-se rapidamente entre eles. Jackson Mead agradeceu ao pálido e emudecido Mootfowl (que não sabia que Cecil se juntara ao grupo) e partiu em sua carruagem para inspecionar um novo carregamento de braçadeiras de aço.

O trajeto de volta à oficina, em fila indiana, foi visto por muitos como uma procissão fúnebre sem um cadáver. Mootfowl dispensou os garotos, e eles passaram uma semana inteira sem fazer nada. Durante esse tempo, Mootfowl ficou incrivelmente deprimido, passando o dia inteiro deitado, miserável, sobre o seu enorme carrinho de ferramentas, olhando para a claraboia que ardia com a luz do sol. Até que mandou chamar Peter Lake.

Transbordando de alegria porque sabia que, quando estava ativo, Mootfowl era um espírito indomável, Peter Lake correu e encontrou seu mentor trabalhando furiosamente em uma geringonça similar à moldura estrutural, que construíra no meio da oficina. Peter Lake pensou que era uma nova máquina que eles mostrariam a Jackson Mead, para que pudessem se redimir.

Ele auxiliou Mootfowl com alguns ajustes, mas ainda assim não entendia o que estavam construindo, ou por que Mootfowl transbordava com uma empolgação alucinada.

— Está pronta — disse Mootfowl. — Só falta uma coisa. Quando eu der a ordem, bata na ponta desta haste com uma marreta, com toda a força que tiver. Tenho de fazer uma última medição, uma última conexão, e será preciso bastante precisão. — Mootfowl desapareceu por trás de uma cabine de madeira pela qual fez passar a haste e disse: — Com toda a sua força, Peter Lake. Bata agora!

Peter Lake desferiu um golpe inacreditavelmente forte e esperou para receber mais instruções. Esperou, esperou e, quando finalmente olhou atrás da cabine, viu Mootfowl, com um sorriso alerta no rosto, estranhamente calmo, sereno, com a haste de metal trespassando-lhe o coração e prendendo-o contra uma tora de madeira.

— Ah, meu Deus — exclamou Peter Lake, chocado demais para sentir tristeza, mesmo que fosse por um homem que ele tanto amava. Trespassara o corpo de Mootfowl como se ele fosse uma borboleta.

Não é possível atravessar o coração de um homem da igreja com uma estaca de ferro e esperar que não haja um castigo. Assim, Peter Lake foi até a parede (embora não houvesse uma parede, realmente) e aqueles anos chegaram ao fim. Ele aposentou o avental, mas passou a usar a espada.

Andando pelas ruas, indo e voltando pelas avenidas, sentindo o fogo da sua própria força, Peter Lake refletiu sobre a sua posição. Tinha pouco menos de vinte anos e recentemente decidira cultivar um bigode loiro e modesto, embora espesso, tingido de vermelho e prateado. Seus cabelos estavam começando a rarear acima da testa, o que lhe fazia parecer mais velho e ressaltava a sua testa — uma circunstância agradável para um rosto agradável. Era um homem cativante, amigável, gentil e bem-humorado. Parecia-se muito com os homens bons, e tinha olhos astutos, capazes de enxergar cada detalhe. Se fosse um aristocrata, acabaria indo muito longe na vida. Como não era, tinha o mundo inteiro à sua frente, e movia-se com bastante altivez pela cidade, sabendo que era um excelente mecânico, um jovem habilidoso em seu ofício. Sim, a polícia iria atrás dele. Mas, sem precisar carregar nada que fosse pesado, não teria problemas.

Pensava que não teria de carregar algo pesado até se virar e dar de cara com Cecil Mature. Cecil abriu o sorriso imenso que lhe preenchia o rosto inteiro e, de tempos em tempos, forçava-se a fechar a boca para poder abrir os olhos e conseguir enxergar por entre aquelas frestas.

— Que diabos, Cecil. Por acaso eu disse que você podia vir?

— Não, mas eu vim assim mesmo.

— Você tem que voltar. A polícia vai tentar me pegar.

— Não me importo.

— Mas eu me importo. Volte para casa!

— Eu quero ir com você!

— Você não pode vir comigo. Agora, caia fora daqui. Volte para casa, Cecil.

— Eu posso ir aonde quiser.

— Você tem a noção de que, se vier junto comigo, eles me encontrarão em poucas horas? Quando eu entrar no ramo de rebocar cargas enormes, vou lhe avisar.

— Este é um país livre. Posso ir aonde quiser. Essa é a lei. Um juiz disse isso.

— Vou cortar a sua cabeça.

— Não vai, não.

— Vou simplesmente despistar você.

— Não vai, não. Eu consigo andar rápido. Além disso, posso ajudar. Posso conseguir legumes, como no tempo da escola. Eles me ensinaram a cozinhar abobrinhas. Eu sei cozinhar abobrinhas muito bem.

— Justamente o que eu preciso enquanto estou fugindo de uma acusação de assassinato, não é? Um camarada que sabe preparar abobrinhas. — Os dois estavam caminhando a passos rápidos pelo Bowery. Na verdade, Cecil estava trotando para conseguir acompanhar Peter Lake. — Jessie James tinha o seu próprio cozinheiro para preparar abobrinhas. Todo mundo sabe disso. Butch Cassidy também tinha o seu. É *de rigueur*.

— Posso cozinhar outras coisas, lavar roupa, ficar de guarda à noite. Sou um bom ferreiro. Não o melhor, mas sou bom.

Eles abriram caminho por entre os gabardines das pessoas e patronos que corriam e dançavam pelo Bowery. O sol estava se pondo, retorcendo-se e gesticulando contra o vidro imperfeito e enegrecido das janelas. Churrasqueiros ambulantes e cantores de rua foram cobertos pela chegada da noite, e os salões de música começaram a se encher com pinceladas de roxo, verde e laranja. Era possível ouvir a música até mesmo nos barcos a vapor que

cruzavam o rio East na escuridão, deixando as joias de Manhattan para trás em busca de noites quentes e doces, marcadas pelo canto dos pássaros e a lua, no continente e no litoral.

— Sei fazer tatuagens.

Peter Lake ficou imóvel. Olhou para o jovem Cecil.

— Você sabe... o quê?

— Sei fazer tatuagens.

— Como assim?

— Antes de me apanharem na carroça, eu era aprendiz no salão de um tatuador.

— Achei que você havia vivido em um barco pesqueiro.

— Foi depois disso. Virei tatuador.

— Onde?

— Na China.

— Ah, claro.

— Digo... naquele lugar onde os chineses moram. Qual é o nome mesmo? Chinatown!

— Tudo bem, tudo bem. E daí que você sabe fazer tatuagens?

— Posso conseguir dinheiro para comprar comida. Eu fazia tatuagens em mulheres ricas, dentro das mansões em que elas moravam, secretamente.

— Você?

Cecil Mature deu de ombros.

— Eu tatuava coisas nelas, pelo corpo inteiro. Elas ficavam nuas em suas camas e eu fazia as tatuagens. Tinha dez anos.

Peter Lake começou a encarar Cecil de um jeito diferente.

— O que você tatuava nelas?

— Mapas, versos em sânscrito, o *Bill of Rights* (que eu copiava dos livros). Tatuei as *náguedas* da mulher do prefeito. Wa Fung disse o que eu devia fazer enquanto ele e o prefeito observavam por trás de uma cortina. Em uma das *náguedas* eu desenhei um mapa de Manhattan. Na outra *nágueda*, fiz um mapa do Brooklyn. Era o presente de aniversário que ela queria dar ao marido. Pagaram quinhentos dólares a Wa Fung, mas fui eu que fiz todo o serviço.

Impressionado com aquela versatilidade, Peter Lake deixou que Cecil Mature o acompanhasse, sob as seguintes condições: poderiam ter de se separar a qualquer momento, e Cecil teria de jogar fora a sua touca tricotada. Entraram em uma loja de secos e molhados para comprar um chapéu chinês, pois Mootfowl usava um desses chapéus e Wa Fung também, e Cecil lembrava dos dois homens com carinho. A voz de Peter Lake, quando estava em público, tinha um forte sotaque irlandês, ao estilo de um palestrante carismático. O idioma soou de maneira encantadora aos ouvidos do proprietário da loja quando ele disse, com uma ironia palaciana: — Meu cozinheiro de abobrinhas e tatuador particular, o senhor Cecil Mature, gostaria de comprar um chapéu chinês. — O proprietário da loja buscou um dos chapéus e o entregou a ele. Cecil o colocou na cabeça. Era uma visão escandalosa.

Eles moraram em telhados, embaixo dos reservatórios de água, sustentando-se, no início, quase que totalmente com o dinheiro que Cecil conseguia por tatuar as pessoas. Mas, quando as coisas se acalmaram e a morte de Mootfowl desapareceu no passado, Peter Lake conseguiu trabalhar como ferreiro usando nomes falsos, ou mesmo sem usar qualquer nome, e a vida começou a ficar mais promissora para eles. Certa noite, já bem tarde, quando estavam mortalmente famintos após passarem o dia inteiro trabalhando, foram a um bar para tomar cerveja e comer carne assada, pão fresco e verduras. O bar era bem iluminado e barulhento. Havia pelo menos duzentas pessoas ali dentro e um fogo acolhedor. O barulho das conversas subia até o teto e depois voltava a cair sobre as cabeças dos clientes do bar, em uma onda atabalhoada de murmúrios. Um pedaço apetitoso de carne assada, coberto com

sucos borbulhantes, foi colocado entre Peter Lake e Cecil Mature. Estavam prestes a começar o seu jantar, mas o lugar foi tomado por um silêncio súbito. Havia poucos momentos o falatório era intenso, mas agora tudo o que se ouvia era o barulho do gelo derretendo na caixa térmica.

Pearly Soames havia entrado no bar, procurando por algo para fazer. Parecia um enorme gato de pelos eriçados. Seu bigode prateado, sua barba prateada e as costeletas felinas que lhe brotavam das bochechas rosadas lhe conferiam um magnetismo capaz de hipnotizar uma serpente. Emanava autoconfiança, energia e patifaria, como se tivesse uma banda marcial dentro do próprio coração. Adorava silenciar os salões dos bares apenas com sua presença, achando tudo muito divertido. Tornara-se recentemente o chefe dos Rabos Curtos, após o assassinato cruel e calculado de Mayhew Rottinel, seu fundador cruel e calculista. Assim, foi em direção ao balcão do bar, cercado por uma comitiva repugnante de Rabos Curtos, como se fosse um nobre ou o prefeito da cidade. Olhou à sua volta e percebeu Peter Lake e Cecil Mature ao redor do pedaço de carne assada. Apontou os olhos diretamente para a espada curta que estava presa ao cinto de Peter Lake.

— Sabe usar essa espada? — perguntou ele, do outro lado do salão.

Sabendo que aquilo era, ao mesmo tempo, uma pergunta e uma ameaça, Peter Lake se levantou. As pessoas se afastaram para abrir caminho entre ele e Pearly Soames.

— Sim, senhor — respondeu ele.

— Você realmente sabe usá-la?

Peter Lake assentiu.

— Então use! — gritou Pearly Soames, atirando uma maçã com força contra Peter Lake, como se fosse uma bola de beisebol.

Quando a maçã desapareceu, Peter Lake ainda estava com a mesma postura de antes. Parecia que não havia conseguido se

mover com a velocidade necessária para sacar sua espada. Pearly Soames fez uma careta de desprezo. Mas não demorou muito até que os pedaços da maçã surgissem por entre as pessoas que estavam mais atrás e fossem levados até Pearly. A fruta fora cortada em quatro pedaços de tamanho igual, e Pearly declarou que ela devia ter se quebrado quando bateu no peito de Peter Lake. Peter Lake riu e disse que não; ele realmente havia fatiado a maçã.

— Mostre-me a sua espada.

A espada estava limpa.

— Pois não — declarou Peter Lake. — Eu limpei a lâmina antes de embainhá-la.

— Limpou?

— Sim. Bem aqui. — Ele mostrou a Pearly Soames as manchas do suco da maçã em sua coxa, onde limpou a lâmina da espada. Mesmo que Pearly pagasse a carne assada do jantar, junto a montes de cervejas, eles sabiam que estavam encrencados. Mas estavam na idade em que não conseguiriam viver sem uma boa dose de encrenca.

Ele os queria nos Rabos Curtos. Os dois protestaram, dizendo que era perigoso demais.

— Para vocês, certamente, não é! — disse Pearly, num raro elogio. — Mesmo assim, como sou eu que estou pedindo que se juntem a nós, é perigoso demais recusar.

Sem se deixar abalar, os dois homens continuaram a devorar a carne assada. Os olhos de Pearly brilharam.

— Conheço vocês — disse ele. — Sim, conheço vocês. São os dois caras que enfiaram uma estaca no coração daquele marreco religioso. — Eles pararam de mastigar, e olharam nos olhos de diamante de Pearly. — Qual era mesmo o nome dele? Moocock? Barnowl? Blue Bird? Ah, sim... Mootfowl! Um belo trabalho, uma execução muito apurada. Toda a polícia da cidade está à sua

procura. E você, gorducho, tem uma silhueta bem fácil de identificar. Não tenho razão? E então, o que me dizem?

Peter Lake e Cecil Mature se tornaram membros da gangue dos Rabos Curtos naquela noite.

Os dez anos ou mais que passou nos Rabos Curtos serviram para ensinar vários ofícios pouco ortodoxos a Peter Lake. E ele começou a conhecer cada vez melhor a cidade, embora soubesse que ela era vasta e inconstante demais para ser compreendida. Transformava-se incessantemente — assim como ele, passando de uma função para outra nos Rabos Curtos, que eram uma enciclopédia viva do crime. Estar com eles, mesmo que passasse o tempo todo num estado de quase desespero, era uma boa oportunidade para o treinamento. Era capaz de ver a cidade a partir de vários ângulos, como se estivesse andando ao redor de um prisma e olhando por ele para ver a luz.

Na época da reunião que ocorreu na câmara subterrânea sob o leito do rio Harlem, Peter Lake trabalhava como *woola*. Já fora um gatuno, um coletor de dinheiro de apostas em jogos de dados, especialista em trapaças no carteado, ladrão de quadros, operador de rádio, engenheiro, coletor do dinheiro extorquido de pequenos comerciantes à guisa de proteção, emissário da gangue junto à polícia, ladrão da zona portuária e arrebentador de cofres de banco. Ser um dos garotos da turma do *woola* era uma oportunidade relativamente nova, uma subespecialidade bastante específica que fora criada há pouco tempo.

Chamava-se “Woola Woola”, e era uma técnica complicada para assaltar caminhões e carroças. O principal *woola* era Dorado Canes, que comandava uma dúzia de homens na equipe Woola Woola. Dois ou três dos homens da equipe se escondiam sob um pórtico ou um beco e esperavam que uma carroça passasse. Quando isso acontecia, o *woola* surgia abruptamente e corria até o condutor, pulando alucinadamente e gritando — Woola woola woola! Woola woola woola! Woola woola woola! — o mais alto que conseguisse.

Os condutores ficavam assustados e distraídos, e os outros comparsas, escondidos nas sombras, surgiam para saquear a carroça. Um bom *woola* era capaz de saltar a um metro e meio do chão sem precisar tomar impulso. Fazia caretas e dizia outras coisas além de “Woola woola woola”, soltando fortes piados como um pássaro. Os carroceiros observavam aquilo de queixo caído, abismados, e levavam muito tempo até perceber que suas carroças foram repentinamente esvaziadas.

Assim como qualquer profissão, ser um Woola Woola tinha seu próprio refinamento. Condenado a fazer aquilo por toda a eternidade (chamara Pearly de filho de uma prostituta, algo que talvez pudesse ser perdoado se não fosse a verdade), Dorado Canes estava sempre em busca de melhorias e inovações. Primeiramente, estava determinado a conseguir saltar mais alto. Assim, enchia-se de pesos e praticava saltos, ou, como ele mesmo dizia, “essa coisa de subir e descer”. Após algum tempo, era capaz de atar noventa quilos de chumbo a cinturões especiais e correias sobre os ombros. Para compensar o peso extra, os músculos das suas pernas se desenvolveram até que ele se transformou em uma mola viva.

Mesmo que estivesse parado, era capaz de se erguer três metros no ar com um salto — uma visão de tirar o fôlego. Foi então que Peter criou um par de botas com molas acopladas, que aumentou o teto de voo de Dorado Canes em mais um metro e meio. O simples fato de haver um homem saltando a uma altura de quatro metros e meio enquanto gritava “Woola woola woola!” a plenos pulmões era o suficiente para hipnotizar os carroceiros, mas Dorado Canes não parou ali. Criou um par de asas dobráveis de lona, de modo que, ao estender seus longos braços, as asas se estendiam e ele era capaz de planar. Se tomasse impulso, era capaz de pousar a dez metros do ponto de partida. Logo descobriu que a envergadura das asas, as botas com molas e a enorme força e flexibilidade das suas pernas o tornavam capaz de saltar do terceiro andar de um prédio.

Com um pouco de prática, conseguiu fazer aquilo do topo do quarto andar, e depois do quinto. Muito impressionado, Cecil Mature

argumentou que, como as carroças tinham aproximadamente a mesma altura do primeiro andar de um prédio, Dorado Canes seria capaz de saltar de um prédio de seis andares e pousar no teto dos veículos, ou, em outras palavras, seria capaz de operar livremente dos telhados dos cortiços ou de prédios comerciais. Dorado Canes costurou para si mesmo um macacão de renda negra, com um capuz justo que lhe cobria o pescoço e a cabeça, deixando apenas o rosto exposto. Ele se maquiava antes de cada assalto, pintando o rosto e as mãos de laranja, círculos brancos ao redor dos olhos e os lábios de roxo. As superfícies internas das asas eram amarelas. Depois de todo aquele trabalho exaustivo, Dorado Canes se aproximava dos condutores embasbacados e dizia:

— Meu nome é Vinic Totmule. Em nome da igreja, do prefeito e do chefe de polícia, dou-lhe as boas-vindas à nossa cidade. Não aceite moedas de madeira, não se envolva com mulheres pervertidas e, se não houver um sanitário no seu quarto de hotel, não urine na pia.

Peter Lake amava o Woola Woola, e resignou-se alegremente a uma vida de crimes variados. Havia muita coisa a aprender, muito trabalho a fazer, e sempre havia a chance de conseguir um butim imenso. Quando passou dos trinta anos, já estava familiarizado com as regras da mecânica, as artes dos ladrões e as estranhas habilidades dos Catadores de Ostras, e estava se tornando livre o bastante para perceber a enorme beleza da cidade e desfrutar dela. Era um homem tranquilo, contente e resignado à ideia de que seus cabelos estavam caindo. Queria apenas testemunhar a tranquilidade das estações, apontar seus olhos para mulheres bonitas e apreciar a enorme e sempre agradável ópera da cidade.

Tudo mudou naquele buraco escavado abaixo da lama do leito denso e sujo do rio Harlem quando Pearly Soames falou da necessidade de eliminarem os Catadores, começando com as mulheres e as crianças. Peter Lake sabia que, se tentasse dissuadir Pearly, seria morto. A única coisa a fazer era avisar Humpstone John diretamente antes do ataque, e garantir que os Rabos Curtos

seriam castigados com tanta força que nunca mais se atreveriam a olhar na direção de Bayonne Marsh e dos prados de Newark.

E foi o que ele fez. Quando os cem Rabos Curtos chegaram silenciosamente no meio da neblina, presos pela gravidade ao fundo das suas canoas estreitas e marrons, os vilarejos da baía estavam quietos. Os Rabos Curtos empunharam suas armas, antevendo uma matança fácil. Mas os Catadores surgiram inesperadamente. Ergueram-se do meio das águas, a pele azulada pelo frio, depois de respirar pacientemente por canudos feitos com os caules dos juncos. Saíram de túneis escavados na areia. Emergiram do meio das moitas de taboas, e várias dúzias surgiram montadas em cavalos de carga e de corrida, galopando por sobre as dunas de areia. Atacaram os Rabos Curtos e os combateram com golpes tão poderosos que o ar chegava a tremer. Os enormes cavalos pisotearam as canoas, deixando-as em pedaços e manchando a água com sangue e com a tinta marrom. Mulheres e crianças armadas com lanças fustigaram os inimigos que ainda estavam em condições de lutar, perseguiram os que estavam atordoados e mataram os feridos. Rabos Curtos aterrorizados tentavam escapar em meio à água que lhes chegava à altura das coxas, e foram mortos por Catadores que os alcançaram em suas canoas ligeiras ou nos cavalos que cavalgavam pelas águas rasas como pôneis saltadores bem treinados, deixando para trás uma trilha de sangue e espuma.

Romeo Tan, Blacky Womble, Dorado Canes e noventa e quatro outros Rabos Curtos foram mortos. O pobre Cecil Mature, que ainda era apenas um garoto apesar dos seus vinte e poucos anos, correu feito um maluco apesar das instruções que recebera de Peter Lake para ficar próximo a ele. Um espadachim montado a cavalo estava prestes a matá-lo quando Peter Lake emitiu o assobio assustador e inimitável que os Catadores usavam, e o espadachim deu meia-volta. Mas Cecil Mature continuou a correr e desapareceu na muralha de nuvens, agarrado ao seu chapéu chinês. Pareceu ter sido engolido completamente e para sempre.

Mantendo a frieza até mesmo no meio de uma batalha perdida, Pearly Soames deixou de matar vários Catadores (ele também tinha laços especiais e um destino, e não estava disposto a morrer nas mãos de catraieiros e pescadores sujos, independentemente do talento que tinham para a guerra) para observar o efeito do assobio de Peter Lake. Se não fosse por aquele aviso estridente, talvez não viesse a saber que Peter Lake não estava lutando ou atacando. Sendo o último dos Rabos Curtos agora, Pearly Soames abriu caminho com a espada até chegar às águas mais profundas, e escapou mergulhando na correnteza rápida que flui para longe do canal de Kill van Kull.

Com o coração partido, Peter Lake voltou à cidade (os penhascos de prédios marrons exerciam uma atração quente e reconfortante, mesmo para as pessoas desesperadas) e, de lá, observou a distância enquanto Pearly Soames reconstruiu e reformou a gangue dos Rabos Curtos. Não demorou muito até serem cem novamente — soldados sem rosto e cheios de energia, tão malvados, obcecados e forjados em aço quanto a idade que os criou.

Com os dois automóveis bem atrás de si, o cavalo branco voava em grandes saltos sinuosos, pairando no ar em lampejos assombrosos de atividade muscular. Peter Lake estava acostumado aos cavalos do mangue que davam enormes saltos para se mover rapidamente pela água. Mas este cavalo não era simplesmente um saltador prodigioso; era um campeão em processo de descoberta. Antes de escapar definitivamente e juntar-se a Peter Lake, ele nunca foi capaz de correr como corria agora. Pelo menos, não se lembrava de haver feito algo assim. Havia fogo em seus joelhos brancos e protuberantes, assim como em seu peito forte. Com uma precisão que podia envergonhar até mesmo uma flecha lançada, ele rumou para o sul, mais rápido do que qualquer cavalo de corrida seria capaz de fazer. Era capaz de atravessar metade de um quarteirão com poucos passos, e sua capacidade aumentava cada vez mais. Em cruzamentos abarrotados por longas filas de carroças, ele

saltava por cima de qualquer coisa que lhe bloqueasse o caminho, mesmo sem saber o que havia do outro lado do obstáculo.

O cavalo tinha um bom controle sobre si e tempo para se arriscar, pois, no meio de cada salto, era capaz de ver espaços vazios onde podia pousar. Planava na direção desses espaços sem qualquer dificuldade, para retomar o galope logo em seguida. Fez uma coisa nas ruas da região central que deixou Peter Lake intrigado. Um quarteirão inteiro estava bloqueado, logo ao norte da rua do Canal enquanto o tráfego pesado que atravessava a cidade congestionava tudo. Com um relincho mudo e quase assustado, o cavalo se lançou contra o aglomerado de cavalos e caminhões e saltou por cima de uma multidão estupefata, deixando para trás toda a multidão e a rua do Canal também, pousando quase na esquina da Lispenard. Embora quase tenha caído ao pousar, quando chegaram às árvores finas e congeladas perto dos limites de Battery Park, já se havia acostumado a longos saltos, e, daquele ponto em diante, era capaz de executá-los com facilidade.

Peter Lake desmontou e caminhou na frente do cavalo branco, que era tímido e não o olhava nos olhos. Nunca vira um animal tão belo; olhos negros e gentis, bastante espaçados e incrustados em uma face larga e branca, um nariz aveludado rosa e bege, uma expressão que se parecia com um sorriso triste, um pescoço nobre e um peito mais formoso do que aqueles vistos nas melhores estátuas de bronze. As orelhas eram altas, animadas, com pontas afiladas, alertas, eretas e eriçadas. Curvavam-se para trás durante o galope e moviam-se como ailerons para ajudar a atravessar a resistência do ar. Sua cauda arrogante balançava de um lado para outro, sobre quartos traseiros que eram como enormes maçãs brancas.

— O que você é? — perguntou Peter Lake em voz baixa. O cavalo se virou para olhar para ele, e Peter Lake viu, com um calafrio, que aqueles olhos eram infinitamente profundos, abrindo como um túnel para outro universo. O silêncio do cavalo sugeria que a beleza daqueles olhos negros e gentis tinha um pouco de tudo

que já existiu ou que viria a existir. E, assim como todo cavalo, era incorruptivelmente inocente. Peter Lake tocou o nariz macio e aninhou a enorme cabeça em seus braços.

— Você é um bom cavalo — disse ele. Mas, de algum modo, a equanimidade do cavalo deixou Peter Lake muito triste.

As pessoas que Peter Lake conheceu quando era fugitivo também estavam fugindo, rolando por entre a ganância e o fogo, incapazes de respirar enquanto a cidade as esmagava, inverno e verão, arrasando-lhes as forças meramente com o poder da sua escala sem precedentes. O que Peter Lake não teve a oportunidade de aprender em seus mais de trinta anos como órfão foi que essas almas perdidas, aquelas que ele nem sequer conhecia, frequentemente conseguiam se encontrar por um curto período de tempo e silenciar o barulho.

No meio de um pequeno grupo de árvores pelas quais um vento gelado soprava, ele olhava nos olhos de um cavalo. E, como se os dois estivessem completamente sozinhos em um campo vasto e nevado no interior do estado, a cidade se aquietou. Esperava que não fosse para sempre como os muitos milhões de pessoas que estavam fugindo, sempre no meio da confusão, roubadas até mesmo da sua ternura interior. Alguma coisa no olhar do cavalo lhe disse que ele estava prestes a mudar. Viu algo naqueles poços negros que lhe dominou — uma explosão minúscula de ouro, que ele seguiu até se sentir exausto. Suspeitava que, naquela cabeça gentil e naqueles olhos negros e profundos, havia visto tudo o que existia.

Exaustos e com frio, eles deixaram Battery Park e voltaram às ruas. Peter Lake queria encontrar o caminho que o levaria para longe da cidade passando pelo East Side, achar um estábulo para deixar o cavalo e encontrar um lugar para se esconder. O fato de saber precisamente para onde devia ir e como chegar lá era um benefício dos seus dias de mecânico. O melhor refúgio ficava acima da abóbada do céu, além das constelações brilhantes. Para chegar lá, andaram por vários quilômetros, atravessando ruas cobertas de

neve até que a noite arroxeada fez o sono dançar diante dos seus olhos.

Uma floresta de vigas prateadas e arcos metálicos perfurados cercava Peter Lake, que se reclinava confortavelmente em um bosque de árvores retorcidas e sem frutos, onde galhos rebitados eram iluminados aqui e ali pelos reflexos de pequenas lâmpadas elétricas instaladas no chão. O próprio chão tinha o formato de uma enorme abóbada, o teto de uma grade de aço. Tudo era aquecido por jatos quase visíveis de ar que se erguiam sobre as luzes, que eram as estrelas das constelações do enorme teto recurvo de Grand Central Station — recentemente construída, com planos de trazer o céu a um ambiente fechado para brilhar com luzes permanentemente verdes.

Peter Lake era um dos poucos que sabiam que acima do universo visível havia vigas de sustentação e outras estruturas metálicas, suportes fortes para aquilo que parecia flutuar. E ele retornou, pela obrigação e pelos deveres do ofício, para cima do céu, onde certa vez, em outra vida, ajudara a forjar as conexões entre as vigas. Agora, descansava em meio aos detalhes das esplêndidas intenções do projetista. Havia dado a si mesmo uma plataforma sólida feita de tábuas de carvalho; uma cama macia com um colchão de penas; uma cozinha improvisada, mas bem organizada, armada em um dos cantos (havia comida enlatada e biscoitos empilhados entre as vigas); uma pilha de livros técnicos que serviriam como leitura de cabeceira; uma pequena luminária que antigamente era uma estrela naquele céu, e que desapareceu sem que ninguém desse pela sua falta; e uma longa corda enrolada em um tonel, parte de um elaborado sistema de fuga digno do melhor e mais inteligente pupilo de Mootfowl.

Passara uma hora inteira cuidando e alimentando o cavalo no estábulo de Royal Wind para cavalos que puxavam as carruagens da elite. Royal Wind era o filho de um grande fazendeiro do estado da Virgínia cuja propriedade fora confiscada durante a Guerra Civil. Era amargo, pomposo e limpo, e confiável para não sair falando por

aí que Peter Lake estava por perto. O próprio garanhão, que nunca viu tamanha elegância no Brooklyn, estava dormindo no estábulo depois de uma refeição composta por aveia seca e água fresca. Foi coberto com um lençol grosso de caxemira pura, e a lâmpada em sua baia foi coberta com um pedaço de pano para não ofuscar seus olhos.

Perseguições e lutas cansam o coração e demandam longas horas de sono profundo. Peter Lake ansiava por um dia ou dois de imobilidade sobre o forro do teto da estação. Dormiria no eterno crepúsculo acima do céu, pois todo o som fora reduzido a um leve farfalhar de ondas distantes, havia bastante ar fresco e a sua privacidade estava assegurada. Depois de passar a semana inteira correndo em meio a um frio mordaz, ele dormiu tranquilamente durante toda a noite, o dia seguinte e a noite seguinte também. Acordou pela manhã, trinta e seis horas depois, respirando de maneira vagarosa e compassada, completamente descansado. Com sua força renovada, ele percebeu que estava incrivelmente faminto, e começou a preparar uma excelente *bouillabaisse* com as latas de vários tipos de peixe, tomates, vinho, azeite e uma enorme garrafa de água mineral de Saratoga. Em seguida, tomou banho, barbeou-se e trocou de roupa. Ali estava ele, feito Deus no céu ou Emerson em seu estúdio, e começou a pensar e planejar.

Tenho um belo cavalo, pensou ele consigo mesmo, e aprendi a amá-lo por causa dos seus olhos e da sua expressão gentil. Ele é capaz de saltar a uma distância enorme, tanto quanto um dos quarteirões da cidade, e sem dúvida, poderia me levar até a região dos pinheirais desertos, ou para as terras altas, ou mesmo para Montauk, onde Pearly não coloca os pés. Eu poderia descansar. Mas tudo começaria outra vez quando eu voltasse. E estou descansado. Por isso, vou continuar por aqui. Mas ficar é o mesmo que fugir, porque eu sempre tenho de correr para o mangue ou me esconder em porões ou sótãos. Qual é a diferença? É igual às terras altas ou aos pinheirais desertos, mas em miniatura. Não há maneira de fugir, a menos que eu me transforme em outra pessoa. Talvez eu consiga mudar substancialmente... não de modo a ficar

irreconhecível (eles sempre acabarão me reconhecendo, cedo ou tarde), mas de alguma forma que eles não se importem. Se eu me tornar uma freira, por exemplo. Vão achar que fui embora de vez. Ou se eu virasse um coletor de cinzas, se perdesse as minhas pernas, se encontrasse uma devoção, algo em que pudesse me perder ainda maior do que os pinheirais...

Dizem que, em sua devoção, Santo Estêvão se transformava diante dos olhos daqueles que o observavam, que podia se erguer no ar e ser muitas coisas, que conhecia o passado e o futuro, que viajava de uma época a outra, embora fosse um simples homem. Foi por tudo isso (pensou ele, erguendo os olhos e limpando a garganta) que o queimaram vivo.

Bem, não sou nenhum Santo Estêvão, mas, se puder me concentrar o bastante em alguma coisa que não seja eu mesmo, talvez possa ser transformado. Mootfowl disse que aqueles que construíram a ponte foram transformados. Será que quis dizer o que eu penso que ele quis dizer? Ele também disse que a cidade se transformou e... que diabos, Mootfowl não era o tipo de gente que se preocupava com coisas pequenas. E se eu me tornasse um monge? Eles ficariam espantados! Mas iriam me matar em seguida. E se eu entrasse para a política, algo como um vereador? Eles me matariam, com certeza. Caso contrário, teriam de me dar dinheiro. E se eu me transformasse num artista e dançasse em um teatro? Oh, meu Deus, eu nunca seria capaz de fazer isso. E se morasse embaixo da terra... um ermitão, ou um cego? Eu não poderia vê-los, mas eles poderiam me ver. Será que posso me transformar num animal? Não, isso nunca foi feito antes. Invisível! Os cientistas devem ter uma espécie de líquido...

Subitamente, ele ficou paralisado, como um cervo nos arbustos que ouve galhos se quebrando ao longe. Os anos que passou sendo perseguido aguçaram seus sentidos, e ele ouviu passos ligeiros, que mal eram audíveis, vindo de baixo. Tinham o ritmo ambicioso da caçada. Espiou por uma estrela, observando o piso de mármore reluzente, trinta metros abaixo de onde estava, e observou

uma linha de homens se dividir como se fossem cavalos em uma parada militar. Cada um dos grupos foi para uma das escadas que levavam às constelações.

— Os Coelhos Mortos! — disse ele. — São eles, mas por que estão aqui?

Peter Lake abriu uma escotilha que deveria ser usada ocasionalmente, com o passar das décadas, para baixar um cabo de sustentação para um andaime que um pintor poderia usar para renovar a tinta da pintura dos signos do zodíaco no teto abobadado da estação. Ele agarrou a ponta da corda e deixou-se cair. Conforme a corda se desenrolou lentamente do tonel, Peter Lake desceu silenciosamente pelo espaço cavernoso sob as estrelas. Mesmo assim, temia não ter saído do seu esconderijo a tempo, e tinha razão, pois, quando chegou suavemente à metade do percurso, a velocidade da corda começou a diminuir. Até parar. Ficou pendurado a vários metros do solo. Embora milhares de pessoas andassem de um lado para outro, ninguém o viu.

Ele não podia simplesmente soltar a corda e cair no chão. Estava alto demais; iria se chocar contra o piso de mármore como se fosse um ovo. Pensou em balançar de um lado para outro para tentar alcançar um parapeito em uma das paredes. Até que os Coelhos Mortos encontraram a manivela do tonel de fuga, e Peter Lake começou a ascender.

— Coelhos Mortos — disse ele. — Coelhos Mortos.

Mas que nome!

Pouco antes de chegar à escotilha (por onde meia dúzia de Coelhos Mortos o observava), ele colocou a mão na abertura de uma das estrelas e balançou-se, como um macaco, daquela para outra. Embora fosse quase impossível se segurar, conseguiu subir, mão ante mão, pelo chifre da constelação de Touro, pensando em abrir outra escotilha com um pontapé para escapar. Segurando-se apenas com três dedos na última estrela, começou a erguer o corpo

para um chute. Mas a escotilha se abriu e um monte de Coelhos Mortos apareceu por ela.

Sua perna baixou. Olhou para baixo, para o chão, que estava tão longe. Os três dedos começaram a enfraquecer. Suas mãos entregaram os pontos, ele escorregou e gritou quando sentiu o início da queda. Mas um Coelho Morto já enfiara um braço pela escotilha e agarrou o pulso de Peter Lake quando ele passou perto. O Coelho Morto era forte. Puxou Peter Lake para cima do forro com um único movimento.

Peter Lake achou que eles o matariam imediatamente. Embora mal conseguisse respirar, ele perguntou:

— Por que vocês simplesmente não me deixaram cair? Pearly quer que me entreguem a ele vivo? Por que vocês se chamam Coelhos Mortos?

Um dos Coelhos Mortos se dirigiu a ele.

— Não queremos machucar você. Apenas conversar.

Peter Lake fechou os olhos, aliviado e desgostoso.

— Diga-me então, Coelho Morto. Sobre o que vocês querem conversar?

— Ouvimos dizer que você tem um cavalo, e disseram que ele é capaz de voar.

— Disseram, é?

— Sim. Juram que o cavalo voou. Todos estão falando disso agora. Queremos comprar o seu cavalo, por um bom preço, e colocá-lo no circo.

— Seus bastardos idiotas. O cavalo não pode voar.

— Todo mundo está dizendo que pode.

— Ele pode saltar, apenas isso.

— A que distância?

— Um quarteirão, mais ou menos. Talvez dois.

— Dois quarteirões!

— Talvez.

— Nós vamos comprá-lo, Peter. E colocá-lo no Belmont.

— Não — disse Peter Lake. — Vocês não entendem. Ele não salta por dinheiro. Salta porque gosta, por alguma razão ou outra, mas não faria isso por dinheiro, se é que vocês me entendem. Isto é, ele não vai saltar sem mim, e eu não vou... além disso, ele não está à venda.

— Pagamos dez mil dólares por ele.

— Não.

— Vinte mil.

— Não.

Os Coelhos Mortos olharam para o seu líder, que observava a conversa, afastado, no meio das vigas.

— Cinquenta mil — ofereceu ele.

— Não ouviu o que eu disse? Ele não está à venda.

— Setenta e cinco mil e é a nossa última oferta.

— Não.

— Oitenta.

— Não vou vender.

— Certo, cem mil. Mas é tudo que podemos pagar.

— Esqueça — falou Peter Lake. — Você podia me oferecer um milhão, e mesmo assim eu não aceitaria.

Quando os Coelhos Mortos finalmente se convenceram de que Peter Lake não venderia o cavalo, eles se enfileiraram para descer morosamente pelas escadas de pedra que acompanhavam a curvatura do teto. Naquele momento, Peter Lake decidiu que já

passara tempo demais sendo perseguido. — Vou sair dessa vida — disse ele para si mesmo, os lábios firmes com a determinação. — Farei qualquer coisa, mas vou sair dessa vida.

— Vou mastigar pregos! — gritou ele, e acrescentou logo em seguida, discretamente. — Se for necessário.

Em vez de mastigar pregos, ele decidiu roubar uma quantidade suficiente de dinheiro para que pudesse mudar de vida e se transformar em outra pessoa — talvez alguém melhor do que era. Tinha plena convicção de que isso podia ser feito. Não havia somente a lição de Santo Estêvão, mas também o exemplo de Mootfowl, que trabalhou a vida inteira em um ritmo furioso para conseguir se transformar, até se exceder. E fracassou. Mas, durante o processo, ele enxergara, talvez, no dobrar e rolar de um pedaço avermelhado de aço derretido, a mesma coisa que Peter Lake viu nos olhos do cavalo branco.

Peter Lake subiu por uma escada de ferro para chegar ao telhado, do lado de fora da estação. Estava coberto de neve, chegando-lhe até a altura dos joelhos. As verdadeiras estrelas ardiam como sinalizadores brancos distantes, envergonhando as imitações pálidas pintadas no teto da estação de trem: eram cata-ventos de fogo, espirais arredondadas e fosforescentes de luz. Peter Lake deixou o vento bater em si enquanto, ao seu redor, a neve girava em golfadas brilhantes, seu movimento suspenso e interrompido, assim como as estrelas. No fundo dos túneis altos e ardentes, o movimento e a calma se encontravam e se fundiam. O vento que berrava sobre as vigas do teto da estação transformavam a neve em um vapor branco que se enrodilhava em redemoinhos ligeiros. Vistas de longe, as luzes pulsantes da cidade eram como as estrelas, e as avenidas distantes e as nuvens de vapor que giravam e se retorciam também eram como as galáxias.

— Mesmo com tudo que vi — disse Peter Lake para si mesmo —, não vi nada. — A cidade é como um motor, um motor que alguém acabou de acionar. Ele era capaz de ouvir aquilo. Seu rugir, muito parecido com a arrebentação das ondas, combinava perfeitamente

com as luzes. Seu trovejar incessante não poderia existir sem um propósito.



BEVERLY

Isaac Penn, editor do *The Sun*, construiu sua casa no meio dos terrenos e campos de Upper West Side, de modo que ficasse relativamente isolada e tivesse vista para o reservatório de água do Central Park.

— Não tenho qualquer desejo de morar com um bando de idiotas na Quinta Avenida. Nasci numa pequena casa em Hudson, não muito longe do porto. Havia barulho vinte e quatro horas por dia antes de construírem a ferrovia, e os porcos passavam o dia inteiro soltos, grunhindo. Se você parar para pensar, eles também fazem isso em Nova York, mas usam paletós e gravatas. Era lá que vivíamos. Éramos pobres. Lembro que todas as pessoas viviam no mesmo lugar, como um maço de charutos em um fardo. Em sua maioria, era um bando de idiotas que nunca tiveram um único pensamento decente em toda a sua vida. Assim, formavam bandos para se esconder. Gosto da minha casa. Ela fica isolada, cercada por ar fresco. Meus filhos gostam da casa. Ficam isolados, cercados por ar fresco. Eu presto atenção neles, não na Sra. Astor — e ela sabe disso.

Como Isaac Penn era bastante ácido, falastrão, poderoso, rico, sábio e velho, o optometrista ficou muito assustado quando o próprio dono da casa veio recebê-lo na porta e o acompanhou para dentro. Sentia-se como uma criança que imagina estar prestes a ser devorada por um animal enorme e raivoso que mora no escuro. Além disso, não conseguia entender por que motivo mandaram-no vir com todo o seu equipamento até a casa da família Penn. Recebia um tratamento digno da nobreza, e todos os seus clientes mais famosos sempre iam até a sua loja. Ficou confuso, também, ao perceber que Isaac Penn não usava óculos. Achou que aquilo era

muito estranho para um homem velho, cujos negócios passavam diante dos seus olhos, impressos com letras pequenas.

— Nesse caso, creio que não podemos fazer o que o senhor quer — disse o optometrista a Isaac Penn, que foi se sentar em uma enorme poltrona de couro. Mal conseguia se fazer ouvir em meio ao som do piano que era tocado em uma sala adjacente.

— O quê?

— Creio que não poderemos ajudá-lo, senhor.

— O que você quer dizer com “nós”? — indagou Isaac Penn, olhando ao redor da sala.

— O senhor não precisa de óculos, não é?

— Não — respondeu Isaac Penn, ainda perguntando a si mesmo se o optometrista trouxera um assistente consigo. — Nunca precisei de óculos. Passei a infância procurando baleias. Nunca precisei de óculos.

— Seria a sua esposa que precisa de óculos, então, Sr. Penn?

— Ela morreu — declarou Isaac Penn.

O optometrista ficou em silêncio, incapaz até mesmo de forçar uma frase de condolência. Na verdade, estava quase em pânico, sentindo que, por alguma razão, Isaac Penn o considerava uma espécie de coveiro.

— Sou um optometrista — afirmou ele, defensivamente.

— Eu sei — respondeu Isaac Penn. — Não se preocupe, tenho trabalho para você. Quero que faça um par de óculos para a minha filha. É ela quem está tocando piano — disse ele, apontando na direção de onde vinha a música. — Logo vai terminar. Meia hora, talvez uma hora. É bonito, não é? Mozart.

O optometrista pensou em seu cavalo, atrelado à carruagem, no meio da neve. Pensou no seu jantar, que estava esfriando. Pensou na sua dignidade, estraçalhada (afinal de contas, ele era um profissional). E lançou:

— Senhor Penn, não acha melhor dizer a ela que estou aqui para lhe fazer um par de óculos? Não seria de bom-tom?

— Creio que não — replicou Isaac Penn. — Qual é o sentido de uma interrupção? Deixe-a tocar. Quando terminar, você lhe fará um par de óculos. Trouxe suas coisas? Espero que sim. Ela precisará de óculos ainda esta noite. Hoje pela manhã, seu irmão sentou-se sobre os óculos dela, e era o único par que tinha. Ela tem cílios longos, sem igual. Acho que é desconfortável para ela. O senhor é capaz de colocar as lentes longe o bastante do rosto, de modo que os cílios dela não toquem nas lentes? — O optometrista confirmou com um aceno de cabeça. — Ótimo — concluiu Isaac Penn, e recostou-se para ouvir o suave tumulto da sonata. Sua filha era uma pianista excelente, quase perfeita, pelo menos até onde seu pai sabia.

Conforme a música continuava, o optometrista preparou seus instrumentos e tabelas para os olhos. Em seguida, sentou-se e escutou, sem sequer respirar, imaginando por que um homem como Isaac Penn era tão indulgente com sua filha. Na verdade, por razões que não entendia, o optometrista tinha medo dela. Suas palmas suavam. Começou a temer o momento em que terminaria de tocar e entraria na sala, aquela princesa da realeza, para confrontar um reles fabricante de lentes.

A porta da frente se abriu de supetão. Dois garotos adolescentes subiram as escadas correndo e desapareceram antes que o vidro das janelas parasse de vibrar com a sua entrada. Isaac Penn se apercebeu do fato com um leve sorriso, e foi até uma escrivaninha do canto, onde havia vários exemplares recentes do *Sun*. Ruídos de pratos e talheres e o cheiro de frango assado emergiram da cozinha, que ficava nas proximidades. Uma dúzia de lareiras ardia pela casa, e a lenha adocicada do inverno perfumava a casa com o cheiro de resina e cerejas. O piano tocava. A escuridão ganhou força. Finalmente, a noite entrincheirou-se com força no exterior da casa. E dentro dela também, em qualquer lugar em que as luzes dos lampiões lutassem contra as sombras profundas.

Quando o piano parou, o optometrista engoliu em seco. Ouviu o bater da tampa se fechar por cima do teclado. Em seguida, uma jovem apareceu sob o batente da porta, aparentemente corada, com olhos alegres que apontavam na direção das janelas cobertas pelo gelo. Respirava como se tivesse febre, e a expressão em sua bela face sugeria um delírio agradável. Seus cabelos dourados estavam iluminados com tanta intensidade por uma lamparina nas proximidades que pareciam arder como o sol. Ela agarrou o batente da porta com as mãos, uma sobre a outra, para firmar o corpo e indicar que não desejava interromper os dois homens na sala de visitas. Embora, aparentemente, fosse bastante respeitosa, era fácil ver que não precisava respeitar ninguém.

O optometrista achou o seu vestido revelador e sensual demais para uma garota que ainda não havia totalmente se tornado uma mulher, que era uma filha em uma mansão, uma pianista, uma garota com febre na presença do pai. A renda, sem a qual o vestido seria escandaloso, respirava rapidamente, subindo e descendo sobre seu peito. Era hipnótico, rápido demais, incômodo. Ela tinha olhos azuis firmes, mas estava tão cansada após tocar piano que tremia, e segurava-se ao batente da porta agora para impedir-se de tremer.

Com rapidez e cortesia, Isaac Penn a acompanhou até uma cadeira.

— Beverly, este homem veio fazer seus novos óculos — anunciou ele.

Do lado de fora, o vento ganhou força em uma borrasca limpa que veio desimpedida da região norte, descendo com facilidade do polo, porque toda a terra que havia entre aquele lugar e Nova York estava branca e varrida pelo vento. Em noites de vento forte e estrelas quentes, quando a lua se aliava à neve, Beverly às vezes imaginava por que os ursos brancos não chegavam sobre os blocos de gelo que desciam pelo rio, caçando silenciosamente sob a luz prateada. As árvores se curvavam, apesar da resistência ao inverno, e

algumas, desesperadas, batiam e arranhavam as janelas. Se houvesse um canal desimpedido no Hudson congelado, quaisquer barcos corajosamente iluminados estariam navegando rapidamente para o sul, quase voando com a velocidade súbita que o inverno lhes conferia.

Beverly pensou no quanto seria estranho e maravilhoso se a Terra fosse lançada para longe da sua órbita, nos extremos gelados do espaço negro onde o sol era apenas um disco frio e tênue, menor que a metade da lua, e onde a noite seria eterna. Imagine como seria, pensava ela, se cada árvore, cada pedaço de carvão e cada resto de madeira fossem queimados para gerar luz e calor. Embora o mar acabasse por congelar, os homens ainda sairiam na escuridão e perfurariam a superfície vítrea do gelo para encontrar os peixes que nadavam ali embaixo. Mas, após algum tempo, todos os animais se transformariam em comida e seus couros e lãs estariam estendidos, curados e costurados, todo o carvão teria queimado e nenhuma árvore continuaria em pé. O silêncio dominaria a Terra, pois o vento pararia e o mar seria apenas uma camada grossa de vidro. As pessoas morreriam tranquilamente, enterradas sob seus casacos de peles e cobertores.

— O frio vai matar seu cavalo se você o deixar lá fora — disse ela ao optometrista.

— Sim, obrigado por me lembrar. Preciso cuidar disso.

— Temos um estábulo — avisou Beverly, com certa frieza.

— Por que não me disse que veio em sua própria carruagem? — Isaac Penn o repreendeu, saindo para levar o cavalo ao estábulo. Beverly e o optometrista ficaram a sós.

Ela não tinha qualquer desejo de intimidá-lo, e ficou infeliz ao perceber que o homem a temia.

— Venha, examine os meus olhos — disse ela. — Estou cansada.

— Vou esperar até que o seu pai retorne.

O optometrista relutava em se aproximar dela. Não que temesse a sua doença, mas achava inadequado ficar tão perto daquela jovem enquanto ela ardia em febre, sentir o calor emanar dos seus braços e pescoço desnudos, sentir a sua respiração, inalar a doçura que indubitavelmente surgiria, atiçada pela febre, da renda e do linho com que ela se vestia.

— Está tudo bem — disse ela, fechando os olhos momentaneamente. — Você pode começar agora. Se achar que não é adequado, não sei o que posso lhe dizer. Mas faça o que você veio fazer.

Como todos os seus instrumentos já estavam a postos, ele começou imediatamente, respirando pelo nariz quando estava perto dela, tenso e silencioso como um inseto acuado. Ela, por outro lado, respirava pela boca, rapidamente, por causa da febre. Seu hálito era doce. Ele se movia com esmero e cautela enquanto manipulava hastes de marfim, bandeirolas de ébano e lentes em um estojo, alinhadas às dúzias, esperando por seu momento de glória — serem giradas de um lado para outro enquanto ele entoava o seu cântico: — É melhor assim ou assim? Assim, ou assim? Assim, ou assim?

Quantos milhares de vezes, pensou ela, ele diz “assim ou assim?” em um dia? Essas palavras pertencem a ele. *São* dele. Provavelmente elas o deixam tonto.

Ele a achava bonita. E era. Embora parecesse ser uma mulher adulta e se portasse como tal, tinha todos os belos e óbvios atributos da juventude. Ele a desejava, a temia e a invejava. Tinha formas perfeitas, era rica e jovem. E, como tinha que batalhar para ganhar seu sustento apesar de todas as imperfeições físicas, pareceu ao optometrista que ela recebera dádivas e bênçãos além de qualquer limite, apesar de saber que ela sofria de tuberculose e estava cheia da sabedoria daqueles que morrem aos poucos. A febre e o delírio fazem as vezes de um transe divino e inesgotável. Mesmo o ópio não teria um efeito melhor. Longos períodos de febre, com a duração de meses e anos, eram uma maneira digna de

morrer. Ao menos porque a morte levaria muito tempo para finalmente derrubá-la.

O quarto estava cheio de movimentos que emanavam dela em um semicírculo dançante. O fogo saltava e se retorcia, movendo-se sem sair do lugar como uma roda frenética; as janelas rangiam conforme a casa respirava, e as árvores arranhavam os vidros de tempos em tempos, como cães que arranham portas. Beverly podia ver o inverno quando ele corria pela sala iluminada, correndo entre as setas brancas, os raios e cruzes prateadas no vidro ótico, indo até o fogo, até as janelas refletivas e a esfera azul do seu próprio olho. A sala, de acordo com sua perspectiva, era uma teia de movimento, uma sinfonia de partículas travessas dançando, muito similares às notas plácidas e suaves de um belo concerto. Se era capaz de ver tudo isso enquanto um homem mexia nervosamente em suas lentes ao lhe examinar os olhos, o que veria quando a febre ficasse forte demais para suportar? Não importava. Agora, havia apenas estilhaços inexplicáveis de luz se aproximando dela, como se fossem seus súditos.

— O cavalo está no estábulo — anunciou Isaac Penn quando retornou. — Precisa de alguma coisa que está na sua carruagem? Posso mandar trazer...

— Só um momento, Sr. Penn — disse o optometrista. — Assim, ou assim? Assim, ou assim? Assim, ou assim? — Ele se recostou, aliviado e decepcionado, e declarou que Beverly tinha a visão perfeita. Não precisava usar óculos.

— Ela usa óculos desde que era criança — contestou Isaac Penn.

— Bem, o que posso lhe dizer? Não precisa mais usá-los agora.

— Ótimo. Envie-me a fatura, então.

— Por quê? Não precisei fazer um par de óculos.

— Por vir até aqui em uma noite como esta.

— Não sei o quanto devo cobrar.

— Ela pode enxergar com clareza, não é?

— Pode enxergar perfeitamente.

— Então, cobre o valor de um par de óculos perfeitos.

Quando a sineta soou, todas as pessoas da casa começaram a se reunir na sala de jantar. Com uma mesura, o optometrista saiu pela porta rumo à noite fria de dezembro.

O jantar na casa da família Penn era inusitado, porque os membros da família e os criados sentavam-se à mesma mesa. Isaac Penn não era um aristocrata. Como cresceu no lado menos favorecido de um navio baleeiro, não gostava da ideia de refeitórios separados para os oficiais e os marinheiros comuns. Assim, os filhos da família Penn (Beverly, antes de crescer e ficar doente, Harry, Jack e Willa, que tinha três anos) eram estimulados a convidar seus amigos.

— Esta é a nossa sociedade — começou Isaac. — Fora daqui, nós trabalhamos. Mas, aqui, todos são iguais, todos são bem-vindos, e todos devem lavar as mãos antes de comer.

Assim, naquela noite, enquanto o vento frio rasgava as folhagens do parque, enquanto as estrelas rasgavam suas famosas e inevitáveis trajetórias nos céus, e enquanto uma pianola na sala adjacente tocava valsas populares, para desgosto de Beverly (ela gostava de valsas populares, mas invejava as pianolas), os amigos da família Penn (a loira Bridgett Lavelle, Jamie Absonord e Chester Satin) e os criados (Jayga, Jim, Leonora, Denura e Lionel) se reuniam na enorme sala de refeições para jantar. As duas lareiras estavam acesas, nas duas extremidades de uma mesa informal sobre a qual havia louças reluzentes de porcelana e copos de cristal, coberta com uma fileira simétrica de frangos assados e recheados, vasilhas cheias de salada fresca, terrinas de batatas Nantucket com caldo de carne e acessórios como condimentos, água gaseificada, biscoitos secos e vinho.

Chester Satin tinha os cabelos engomados e penteados para trás. Ele e Harry Penn estavam assustados e com uma expressão de

culpa no olhar, demonstrando-a claramente. Haviam faltado à escola naquela tarde para ir até a região central da cidade e compraram ingressos para ver Caradelba dançar seminua, como uma cigana espanhola. E, como Chester Satin sempre fora ousado, embora de modo pouco salutar, aproveitou para comprar uma pilha de cartões postais pornográficos. Agora eles residiam embaixo de uma das tábuas do piso do quarto de Harry Penn, logo acima da sala de jantar.

Tanto Harry Penn como Chester Satin tinham a sensação de que as gravuras iriam cair pelo reboco do teto e envergonhá-los para sempre. E não conseguiam tirar da cabeça a pilha de fotografias de mulheres lascivas, retratadas em vários estados de nudez. Seus corpetes estavam arriados despreocupadamente, e era possível ver suas pernas abaixo dos joelhos, os braços abaixo dos cotovelos, rostos, pescoços e (em um dos cartões) os “bustos”. Aquelas mulheres desonradas haviam passado muito além dos limites da decência, e, embora vestissem uma quantidade de roupas íntimas suficiente para fazer um explorador polar suar a setenta graus abaixo de zero, estavam prontas para mortificar os dois garotos simplesmente caindo pelo teto e flutuando até chegar às mãos de Isaac Penn. Assim, no decorrer do jantar, Harry e Chester se comportaram como dois criminosos condenados.

Jack fazia a sua lição de casa (e tinha permissão para isso; qualquer criança podia ler à mesa naquela casa), a loira Bridgett Lavelle olhava fixamente para Jack (que desejava ser engenheiro), Jamie Absonord se empanturrava com frango assado como se tivesse o dever de comer todos os frangos do mundo, e Beverly comia como um urso. Era magra, mas queimava toda a energia que obtinha com a comida mais rápido do que as lareiras eram capazes de incinerar as toras de lenha. Com uma velocidade impressionante, os frangos se transformaram em ossos brancos como a neve, as batatas desapareceram para sempre e o vinho sumiu das suas garrafas como se houvesse um mágico sentado à mesa. Em seguida, as frutas deixaram para trás os seus caroços e os bolos rapidamente ficaram invisíveis. Enquanto tudo aquilo acontecia, a

pianola tocava rapidamente as valsas tranquilas. Durante uma delas o rolo de música ficou emperrado, e Beverly levantou-se para consertar o aparelho. Quando voltou, encontrou Isaac Penn observando um punhado de fotografias com uma expressão severa. Os dois garotos estavam curvados sobre a mesa, gemendo, e havia um enorme buraco no teto.

— Belas mulheres — disse Isaac Penn a Beverly. — Mas nenhuma delas chega aos pés da sua mãe.

Antes de se deitar naquela noite, Beverly se despiu e olhou para si mesma em um espelho de corpo inteiro. Era mais bonita do que qualquer uma das mulheres nas fotografias de Harry, muito mais bonita. Desejou poder dançar no Mouquin's e deslizar sobre o piso, usando todo o potencial do seu belo corpo e fluir com a música. Desejou que houvesse um homem para despi-la e abraçá-la. A música circulava em sua cabeça enquanto girava cada vez mais sobre um piso imaginário de mármore, e, na falta de um homem, abraçou a si mesma. Em seguida, começou a vestir-se para dormir; algo muito mais prático a considerar, pois Beverly Penn dormia sobre uma plataforma no telhado, e o frio estava inclemente lá em cima. Mas, apesar do frio, ou talvez por causa dele, as imagens que via eram o que as outras pessoas chamariam de sonhos, desejos, milagres.

Para Beverly, lareiras acesas e quartos pequenos eram uma sentença de morte. Se o ar aberto não estivesse soprando em seu rosto, ela se sentia incapaz de respirar. Sua vocação, inclinação e a promessa de salvação eram todas iguais — ficar ao ar livre, e isso fazia durante todas as horas do dia, exceto por umas três ou quatro delas. Nesses momentos ela se banhava, tocava piano e fazia as refeições com sua família. Em todos os outros momentos ela podia ser encontrada em sua tenda, armada sobre uma plataforma especial que Isaac Penn mandou construir sobre as águas inclinadas do telhado. Ali ela dormia. Ali passava o dia lendo ou simplesmente observando a cidade, as nuvens, pássaros, barcos no rio e as carroças e carros que enchiam as ruas abaixo.

No inverno, passava a maior parte do seu tempo sozinha, pois poucas pessoas eram capazes de ficar sentadas por muito tempo sob o frio mordaz quando o vento norte os fustigava como uma cachoeira de águas geladas. Beverly não só estava acostumada àquela situação como não era capaz de viver de outra forma. Seu rosto e suas mãos frequentemente estavam queimados pelo sol, mesmo em janeiro. E, apesar de sua fragilidade e da doença, era tão resistente ao tempo frio quanto qualquer pescador da região de Grand Banks, uma ironia que ficava aparente quando visitantes saudáveis se transformavam em blocos insensatos de gelo, enquanto ela vivia sua vida como se fosse uma flor a desabrochar num jardim no final da primavera. Os visitantes não eram tão resistentes quanto ela. E também não tinham as belas capas, casacos e capuzes costurados e feitos com esmero, para não mencionar as luvas, colchas e sacos de dormir que tinha, todos feitos de lã, forrados com plumas ou pelo de marta. Ela tinha uma parca esquimó forrada com plumas e pelos de marta, provavelmente a melhor peça de roupa de inverno do mundo. Era leve e confortável, flexível, seca e perfeitamente quente o tempo todo. O capuz felpudo que lhe cobria o rosto era como um sol negro. Seus dentes eram tão brancos em contraste que, quando abria um sorriso repentino, iluminava-se tanto quanto alguém que acendesse uma lâmpada.

No inverno e no verão ela subia por vários lances de escada, descansando cada vez que alcançava um novo piso, até chegar a uma escadaria especial que acabava em uma portinhola. Atrás dessa portinhola, uma passarela de aço e madeira a levava à sua plataforma, uma varanda sustentada por um vergalhão de aço que se estendia por dois espigões do telhado. A plataforma tinha sete metros de extensão por quatro de largura, e, sobre ela, uma tenda pequena estava ancorada com mais firmeza que um trapézio de circo, com quase o mesmo número de cabos: o cabeador virtuoso que a prendera construiu um cabo de sustentação estendido sobre duas varas, de modo que o vento pudesse passar sobre a estrutura sem enfrentar resistência.

Três cadeiras de varanda estavam apontadas em três direções diferentes para proporcionar vistas variadas, posições diferentes em relação ao vento e atenções constantes do sol fraco do verão. Tinha também quebra-ventos com dobradiças feitos com vidro pesado, montados sobre um engenhoso sistema de cordas e roldanas. Assim, ela podia erguer paredes de vidro nos quatro lados da plataforma, até a altura de um metro e meio. E tinha também uma fileira de armários à prova d'água. No primeiro havia uma quantidade suficiente de cobertores, travesseiros e colchas para manter todo o exército de Napoleão aquecido durante a invasão à Rússia. No segundo havia espaço para cerca de trinta livros, uma pilha de revistas, um par de binóculos, uma escrivaninha portátil que ela podia usar sobre o colo e alguns jogos (Willa tinha permissão para vir durante o horário menos frio do dia para jogar damas ou cartas). No terceiro havia uma prateleira cheia de garrafas e potes térmicos, nos quais poderia guardar bebidas quentes e qualquer espécie de comida que desejasse. O quarto abrigava uma estação meteorológica.

Ela era especialista em analisar e prever as condições do tempo, e nem chegava a precisar do barômetro, termômetro e da biruta de vento, mas os equipamentos eram úteis porque ela mantinha registros escritos com bastante cuidado — juntamente com comentários sobre os pássaros e seu comportamento, o florescer das árvores, incêndios na cidade (sua direção e também a duração; altura, densidade e cor da fumaça, entre outras informações), a passagem de balões e o surgimento de pipas, a aparência do céu e os tipos de barcos que subiam e desciam o Hudson. De vez em quando uma escuna enorme e antiga passava à sua frente, silenciosa e altiva, e a cidade, frequentemente, estava tão silenciosa que Beverly era a única pessoa a perceber o momento.

À noite, ela se deitava em sua cama ao ar livre ou na tenda com um pouco das lonas enroladas que a cobriam para ver o céu. Observava as estrelas, não por dez ou quinze minutos como a maioria das pessoas, mas por horas e horas e horas. Nem mesmo os astrônomos se dedicavam ao céu com tanta devoção, pois

estavam constantemente ocupados com as cartas astronômicas, medições, a falibilidade de seus instrumentos terrenos e a concentração mais específica em um ou outro problema celestial.

Beverly tinha tudo aquilo para si; era capaz de ver tudo, e, diferente de pastores ou vaqueiros, e também dos homens privilegiados que viviam nas florestas, trabalhando e dormindo ao ar livre, não se sentia cansada com frequência. As estrelas abandonadas eram suas durante as muitas e belas horas das noites cintilantes de inverno. Sem desfrutar da atenção que mereciam, ela as aceitava como se fossem amantes. Sentia que olhava para diante, e não para cima, quando observava o universo espaçoso. Sabia os nomes de todas as estrelas mais brilhantes e todas as constelações, e, embora não pudesse vê-las, estava familiarizada com as vastas e ondeantes nebulosas, nas quais um filamento de uma cauda longa e agitada carregava em si mais de cem milhões de mundos. Em um delírio de cometas, sóis e estrelas pulsantes, deixava seus olhos se encherem com a luz sibilante, crepitante e sussurrante da borda da galáxia, um crepúsculo eterno, uma alvorada cinzenta em uma das muitas galerias do firmamento.

Com o rosto apontado para o frio intenso do céu limpo, ela era capaz de navegar pela Via Láctea, identificando estrelas e constelações como uma criança apontando os estados e seus nomes em um mapa. Hesitava somente quando uma coluna de ar agitado subia por uma das chaminés que estava próxima e fazia tremer os artefatos celestes. Se isso não ocorria, ela dizia seus nomes em um cântico quase hipnótico, como se estivesse recitando para as estrelas altas no ar negro e agitado do céu de dezembro.

— Columba, Lepus, Cão Maior, Cão Menor, Prócion, Betelgeuse, Rígel, Órion, Touro, Aldebaran, Gêmeos, Pólux, Castor, Auriga, Capela, as Plêiades, Perseu, Cassiopeia, Ursa Maior, Ursa Menor, Polaris, Dragão, Cefeu, Vega, a Cruz do Norte, Cygnus, Deneb, Delphinus, Andrômeda, Triângulo, Áries, Baleia, Peixes, Aquário, Pégaso, Fomalhaut.

Seus olhos retornavam para Rígel e Betelgeuse, depois iam de Rígel a Aldebaran e às Plêiades. Na menor parte de um segundo ela viajava de uma para outra, atravessando vários anos-luz. A velocidade e o tempo, aparentemente, eram apenas uma questão de perspectiva.

Sentia que conhecia as estrelas e que já estivera entre elas, ou que algum dia estaria. Afinal, nas palestras no planetário, as fotografias telescópicas projetadas no interior da cúpula eram muito familiares — não somente para ela, mas para todas as pessoas. Fazendeiros e crianças, e mesmo os índios Paumanok em sua lenta e triste corrida rumo à extinção, compreendiam as imagens claras e abstratas, imediatamente, dentro de seus corações.

As nebulosas, as enormes galáxias, os agrupamentos centrífugos — na realidade, nada além de luzes projetadas contra a tinta branca do teto — os levavam para muito longe, como se estivessem num transe. E o diretor do planetário não precisaria dizer uma palavra. E por que é que certos sons, frequências e padrões rítmicos e repetitivos sugeriam a imagem de estrelas, galáxias flutuantes e até mesmo os coloridos planetas opacos que orbitavam em elipses levemente alongadas? Por que havia certas obras de música (pré-galileicas, pós-galileicas, não importava) ligadas em harmonia e ritmo às estrelas, sugerindo os paralelos de luz que choviam sobre a terra em raios ilusórios que se espalhavam sobre tudo?

Ela não tinha explicação para essas nem para outra centena de perguntas sobre o mesmo assunto. Como precisou deixar a escola e aprendera pouco sobre as ciências enquanto esteve lá (as garotas não recebiam lições de química ou física), ficou admirada ao acordar certa manhã e encontrar, em seu caderno, longas equações escritas com sua própria caligrafia. Pensou que Harry, talvez, estivesse fazendo alguma brincadeira. Mas a caligrafia, sem qualquer sombra de dúvida, era realmente a sua. As anotações se estendiam por várias páginas.

Ela as levou ao diretor do planetário, que não soube dizer o que eram. Beverly o observou por uma hora enquanto ele ficou sentado

sob a fraca luz do norte que entrava pela janela, curvado sobre uma escrivaninha, copiando. Disse que, embora não conseguisse encontrar sentido naquelas equações, eram intrigantes. Na caligrafia daquele homem, elas pareciam trazer consigo o peso da autoridade.

— O que elas representam? — perguntou ela.

— Não sei — respondeu o homem. — Mas parecem muito sensatas. Vou guardá-las comigo, se não se importar. Onde você as conseguiu?

— Eu já lhe disse.

— De verdade?

— Sim.

Ele a observou. Quem era ela, esta bela garota de rosto corado, vestida em seda e marta?

— Qual é o significado das equações para você? — questionou ele, recostando-se no tecido espesso do seu paletó cinza.

Beverly voltou a pegar suas páginas e as estudou. Após algum tempo, ela ergueu os olhos. — Para mim, significam que o universo... rosna e canta. Não; grita.

O astrônomo experiente ficou chocado. Ao lidar com o público, ele sempre era confrontado por lunáticos e visionários, alguns que até tinham teorias elegantes, enquanto outros proferiam absurdos; alguns deles, talvez, poderiam estar corretos. Mas eram geralmente homens velhos e barbados que viviam em sobrados cheios de livros e ferramentas, excêntricos que caminhavam por entre a cidade, empurrando carretos cheios com seus pertences, loucos que as instituições do estado eram incapazes de prender. Sempre havia algo de atraente e verdadeiro em seus pensamentos, como se sua loucura fosse, ao mesmo tempo, um dom e uma doença, embora o peso enorme da verdade que sentiam com tanta força houvesse lhes obscurecido o raciocínio, e todas as maravilhas do que diziam estivessem estraçalhadas e dissimuladas.

Talvez se sentisse mais confortável se estivesse conversando com um veterano aleijado da Guerra Civil, ou um inventor recluso que vivesse em alguma velha cidade às margens do rio Hudson; essas eram as pessoas que vinham com folhas e folhas de equações. O fato de haver uma bela garota à sua frente que ainda não completara vinte anos de idade, de família privilegiada e bem cuidada, contrastava tanto com a obsessão daquela jovem que ele se sentiu profundamente entristecido, e até mesmo um pouco assustado.

— Rosna? — perguntou ele, gentilmente.

— Sim.

— Como, exatamente?

— Como um cachorro, mas bem baixo, bem baixo. E depois ele grita, com vozes e tons misturados, um som branco e prateado.

Os olhos do astrônomo já estavam bastante arregalados, mas ela fez seu coração bater com força quando disse:

— A luz é silenciosa, mas choca-se com o estrondo de pratos de orquestra, arqueando-se como a água de uma fonte, para viajar e, ao mesmo tempo, permanecer imóvel. Ela atravessa o espaço, sem se mover, em um feixe fixo, de maneira tão limpa e silenciosa quanto um pilar de rubi ou diamante.

No telhado, ela apontou os olhos para Rígel outra vez, e depois para Órion. As Plêiades, como sempre, estavam perfeitamente equilibradas em uma assimetria surpreendente. Aldebaran piscava. — Você está reluzente esta noite — disse ela ao vento, e Aldebaran explodiu em uma dança cintilante, cega e surda, mas, mesmo assim, agradável ao coração de Beverly.

Rígel, Betelgeuse e Órion também falavam com ela. Não havia igreja ou coral mais belos do que as estrelas cintilando em silêncio para os vários tuberculosos silenciosamente condenados à morte, uma legião empoleirada em telhados escuros e escondidos.

A legião de tuberculosos estava deitada sobre os telhados naquela noite num frio amargo enquanto o vento soprava do norte como um atleta no campo de *lacrosse*, duro e violento, para derrubar todas as coisas vivas. Estavam por ali, longe das vistas, na enorme floresta de cortiços e ao longo das pontes que brilhava e reluzia melhor do que colares de diamantes. Estavam ali, cada um deles sozinho — como acontecerá com todas as pessoas, algum dia —, envolvidos em sua conversa com as estrelas, extraindo um amor efêmero das luzes frias e distantes. O gelo estava por toda parte. O rio estava congelado por uma camada com vários metros de espessura, as passagens e as árvores se despedaçando ao toque, a crosta da neve dura o bastante para suportar o peso dos cavalos. Ainda assim, as pessoas que dormiam em seus telhados continuavam a arder sob seus cobertores bordados como pequenas fornalhas. E, quando Beverly sentia que havia recebido o amor das estrelas em quantidade suficiente naquela noite — sim, as estrelas que faziam as vezes de suas amantes —, ela se virava de maneira silenciosa e contentada, adormecendo em meio aos seus cobertores de peles e plumas.



UMA DEUSA NO BANHO

Em dezembro, todos os membros da família Penn, com exceção de Beverly, iriam viajar para a casa de campo no Lago das Coheeries, um lugar tão isolado no interior do estado que ninguém seria capaz de encontrá-los. Beverly se juntaria a eles na época das festas do final do ano, quando a família já haveria reunido as provisões e materiais para a plataforma de dormir de que ela precisava, e já teriam aberto a casa para recebê-la após a viagem longa e extenuante. Ela teve a ideia de escrever um telegrama, implorando que lhe deixassem de fora da reunião de inverno no lago, pois estava mal-humorada e perturbada, e queria ficar sozinha. Mas, da maneira que haviam combinado, ela viajaria em um trenó, depois embarcaria em um barco a vapor, depois um segundo trenó e um barco menor, projetado para atravessar o gelo, rumo a uma enorme casa construída sobre uma pequena ilha em uma enseada em forma de lua crescente às margens do lago para celebrar o Natal.

Isaac, Harry, Jack e Willa (em suas roupas de neve, Willa parecia um querubim com o corpo feito de travesseiros) partiriam em breve. Entre os criados, apenas Jayga ficaria na casa de Nova York. Mas, assim que a família partisse, Beverly lhe diria para voltar à sua casa e sua família na região de Four Points. Beverly sabia que o pai de Jayga estava morrendo aos poucos, e ela fez com que Isaac enviasse dinheiro suficiente à família Posposils para sustentá-los por muitos e muitos anos.

— Mas nós temos um fundo de caridade — dissera Isaac. — Não distribuímos o nosso dinheiro. É para isso que serve o fundo, e ele é totalmente independente.

— Papai — refutou Beverly. — Em pouco tempo, Harry irá morar sozinho, e Jack também. Willa tem seu próprio fundo de caridade, e eu estarei enterrada há muito tempo. Diga-me, então: para que você vai usar esse dinheiro?

Isaac, então, deu o dinheiro aos borbotões, embora soubesse que nem mesmo todo o seu dinheiro, ou todo o dinheiro do mundo, seriam capazes de influenciar o que acometia a Sra. Posposil e a Beverly com tanta intensidade.

Assim, Jayga partiria e a casa ficaria vazia por vários dias, com exceção de Beverly, que, sem qualquer razão aparente, estava convencida de que algo especial estava prestes a acontecer — talvez acabasse por se curar, ou talvez fosse acometida por uma febre tão súbita e forte que finalmente morreria. Mas nada daquilo aconteceu. A neve caiu duas noites antes que a família partisse, e as estrelas ficaram enterradas. Na noite seguinte, uma camada espessa de nuvens brancas chegou até mesmo a encobrir a lua. Mas Beverly tinha fé e paciência. Esperou. Até que, no dia da partida, o céu clareou outra vez.

Peter Lake pensava tanto em Santo Estêvão que tornou-se temporariamente religioso e até chegou a pisar em uma igreja. Isso quase o matou de susto. Nunca estivera em um lugar daqueles antes, pois o Reverendo Overweary não deixava os garotos entrarem no santuário reluzente e prateado que os obrigou a construir perto da casa turca de Bacon. E não havia um único dia em que Peter Lake e os outros garotos como ele não eram denunciados nos quinhentos e poucos púlpitos espalhados pela cidade. Era o território do inimigo, e ele sentia-se extremamente desconfortável quando passava pelo enorme corredor central, sobrepujado por uma enormidade de raios de luz coloridos que luziam pelos vitrais. Escolhera a Catedral Marítima, a mais bela da cidade. Relacionava-se às catedrais de St. Patrick e St. John da mesma forma que Saint-Chapelle se colocava em relação a Notre Dame. Suas janelas se erguiam como áreas cheias de flores do campo, retratando cenas com navios e o mar. Isaac Penn doara

uma boa quantidade de dinheiro para a construção da Catedral, insistindo que a história do profeta Jonas fosse contada por suas janelas iluminadas. Havia matado muitas baleias.

Ali estava Jonas, com a boca aberta pelo espanto enquanto era engolido pela baleia. E a baleia! Não era um desenho tolo, simbólico e emblemático de uma baleia, com a boca de um homem e os olhos de um hipnotizador de qualquer teatro *vaudeville*, mas uma ilustração plena da beleza das verdadeiras baleias. O animal era longo, negro e pesado, com uma mandíbula imensa e monstruosa. Suas barbatanas eram amarelas e corrompidas, cobertas por um desenho em forma de colmeia como um tabuleiro de xadrez chinês. O gigantesco desgraçado azul estava coberto por velhos ferimentos e cortes profundos. A haste de um arpão ainda estava enfiada no animal, e ele estava cego de um olho. Planava pela água não como um pequeno peixe prateado em uma miniatura renascentista, mas como uma verdadeira baleia, capaz de esmagar e agredir o próprio mar.

Peter Lake ficou bastante surpreso ao encontrar nessa catedral uma centena de belas miniaturas de navio, navegando pela nave e pelo transepto como se estivessem no mar, em uma das maiores rotas de comércio. Se isso era o que podia ser encontrado em uma catedral, então era assim que as coisas eram. Ele queria ver como era a religião, para que pudesse se tornar alguém como Santo Estêvão e rezar por Mootfowl. Embora a morte de Mootfowl estivesse esquecida há muito tempo, qualquer um que se lembrasse da ocasião pensaria que Peter Lake o havia matado. De certa forma, sim, mas não foi isso realmente o que aconteceu. Mootfowl matou a si mesmo — de uma maneira estranha e incomum, prendendo Peter Lake a si para sempre. Por que Mootfowl ficou tão deprimido? Jackson Mead permaneceu na cidade por alguns anos, meio célebre e meio obscuro, enquanto construía uma enorme ponte cinzenta para atravessar o rio East. Era alta, graciosa e matematicamente perfeita. Mootfowl a adoraria. Mas havia outras pontes a construir, e Jackson Mead desapareceu de forma tão inexplicável quanto chegou, sumindo com seu trem cheio de

mecânicos reclusos, não se incomodando nem mesmo em estar presente na inauguração da obra. Disseram que ele estava erguendo pontes na fronteira — em Manitoba, no Oregon e na Califórnia. Mesmo assim, eram apenas rumores.

Peter Lake perguntou-se como faria para rezar. Mootfowl sempre os fez rezar, mas eles simplesmente se ajoelhavam e encaravam o fogo, observando os sóis e mundos que dançavam ali dentro. Aquilo era o bastante. Não havia fogo na Catedral Marítima, apenas a luz pura e fria que tirava as cores majestosas e chorosas das janelas. Peter Lake se ajoelhou.

— Mootfowl — sussurrou ele. — Estimado Mootfowl... — Ele não sabia o que dizer, mas seus lábios se moviam em silêncio ao pensar na forja refletida nos olhos de Mootfowl, em seu chapéu chinês, nas mãos fortes e magras, na devoção absoluta às coisas misteriosas que ele acreditava que podia encontrar na conjunção entre o fogo, o movimento e o aço. Seus lábios se moviam, dizendo coisas que não eram exatamente o que pensava. Queria dizer que amara Mootfowl, mas isso foi muito difícil e parecia inadequado. Assim, ele recuou e saiu da catedral, sentindo-se tão irresoluto e frustrado quanto estava quando entrou no local. Quem eram aquelas pessoas para quem rezar era tão fácil? Será que realmente conversavam com Deus como se estivessem pedindo o almoço em um restaurante? Quando ele mesmo se ajoelhou, as palavras lhe faltaram.

Peter Lake estava sentado em seu cavalo, a uma boa distância da calçada. Frequentemente sentia que o cavalo era uma estátua heroica, um gigante de bronze cujo trabalho era guardar um prédio público sem se mover. Mas, em seguida, o cavalo quis fazer movimentos, e eles avançaram a passos lentos e tranquilos até chegarem ao parque. Peter Lake queria circular ao redor de algumas mansões na parte alta da Quinta Avenida, mas o cavalo saltou sobre o lago e sua parte mais estreita perto da fonte de Bethesda, levando-o ao West Side, à casa de Isaac Penn, alguém que nunca vira antes. Enquanto a neve lhe caía por cima, ele viu Isaac, Harry, Jack, Willa e todos os criados, com exceção de Jayga,

empilhando-se em três grandes trenós. Um dos veículos estava abarrotado pelas bagagens. Começaram a viagem em meio a um retinir de sinos e estalar de chicotes. Os cavalos estavam organizados em grupos de três animais. Peter Lake ficou ao lado do cavalo branco e observou a casa até que a noite caiu.

O cavalo branco sentou-se sobre os traseiros, como se fosse um cão, e observou também. Dentro de uma hora, a escuridão tomou conta da cidade como se alguém houvesse fechado a porta de uma câmara frigorífica com força e ventos poderosos começaram a avançar pelo parque como enormes trens vindos do Canadá a toda a velocidade. Peter Lake estava saltando de um pé para outro. Ergueu sua gola, sentindo seu casaco de lã sibilar conforme o vento o atravessava. Virou-se para o cavalo, mas o animal ainda estava sentado sobre os quartos traseiros. Peter Lake começou a murmurar alguns queixumes.

— Não sou um cavalo. Sinto frio muito mais rapidamente, e não consigo dormir em pé — disse ele.

Mas a possibilidade de congelar lentamente até a morte não colocava seu profissionalismo em risco. Ele percebeu que, das sete chaminés, cinco ainda fumegavam quando a família colocou-se, junto com todas as suas bagagens, nos trenós. Agora, apenas três retorciam as estrelas e o céu com suas espirais viscosas de calor. Suspeitava que elas logo se aquietariam. Mas isso não aconteceu, e, por volta das seis horas, uma quarta chaminé começou a funcionar, e depois uma quinta. — Talvez seja óleo — disse ele, em voz alta. — Um sistema automatizado. Mas não, nem mesmo uma casa como essa teria cinco caldeiras. Talvez duas para a casa, e talvez duas outras para esquentar água, no máximo. Essas são chaminés de lareiras. Ah! Posso sentir o cheiro da lenha. Há alguém ali.

Às seis e meia da tarde, uma luz se acendeu em uma das janelas. Depois de toda a escuridão em que esteve, Peter Lake ficou cego. Sentia-se vulnerável e foi para trás de uma árvore. Estava extremamente frio, mas ele fez a coisa certa ao esperar. A luz se

acendeu na cozinha. Uma garota veio até a janela por um momento. “Deixaram uma criada. Eu devia ter imaginado.” Mesmo assim ele esperou, pois também era daquela classe (a classe baixa, na verdade) e sabia muito bem que, quando os donos da casa saíam, todo tipo de coisa podia acontecer.

— É uma garota — disse ele ao cavalo. — Aposto que ela tem um amante. Aposto que ele vai chegar e os dois passarão seis dias bebendo sem parar. Não me importo com isso. Enquanto estiverem dormindo nus entre os lençóis de seda do dono da casa, eu entrarei e pegarei os objetos de valor do térreo. Agora, tudo o que precisamos fazer é... esperar até que o rapaz apareça.

Às sete da noite, um lampejo de luz surgiu no céu. Peter Lake pensou que poderia ser uma estrela cadente, ou um foguete sinalizador, lançado ao ar para chamar o timoneiro de um barco do rio. Não era nada disso; na verdade, era Beverly abrindo a porta para a escadaria em espiral que descia do telhado. Algumas outras luzes se acenderam. Ela está trocando os lençóis da cama, pensou Peter Lake. Logo ele estará batendo à porta, olhará à sua volta e será levado para dentro como se fosse uma garrafa de leite.

Beverly desceu até a cozinha. Lá, jantou com Jayga, que já estava vestida com as roupas para enfrentar o frio das ruas. Trocaram poucas palavras. As duas eram mulheres apaixonadas por homens que não existiam, e compartilhavam a tristeza resignada que surge com o excesso de sonhos e desejos. Estavam acostumadas a imaginar que, quando estivessem sozinhas, sua graça e sua beleza seriam observadas (no caso de Jayga, elas estariam nos olhos do observador) por um homem que as fitaria em algum lugar, talvez em uma plataforma no ar, invisível. E quando faziam o que quer que fizessem, fosse costurar, tocar piano ou arrumar os cabelos diante do espelho, faziam-no com uma referência carinhosa à sua presença invisível, à qual amavam quase como se fosse real.

Enquanto Jayga recolhia os pratos, Beverly se preparou para ir para a cama. Nada de tocar piano, nada de xadrez ou gamão, nada

de jogos com Willa e suas bonecas. Já sentia saudades de Willa. A criança se parecia muito com Isaac. Ainda não era realmente bonita. Mas era amada por todos aqueles que admiravam as belas qualidades do seu rosto. Uma menina muito meiga. E gritalhona! E risonha! Era a primeira vez que ela seria capaz de se lembrar dos eventos de um Natal no Lago das Coheeries, e, por causa disso, Beverly pensou em não enviar realmente um telegrama. Girou a manivela branca da torneira para fechar um jato espesso de água quente. Pela manhã, quando não houvesse ninguém na casa, passaria uma hora no maravilhoso tanque de banho do seu pai. Mas, agora, estava cansada. Deu boa-noite a Jayga, disse-lhe que a veria em alguns dias, e voltou a subir as escadas.

Peter Lake não percebeu o segundo lampejo quando a porta que levava ao telhado se abriu, pois estava observando as luzes em quartos diferentes quando se apagavam, uma a uma, durante a procissão de Jayga pela casa. Até que a luz da cozinha se apagou. Jayga saiu pela porta da frente e colocou uma mala nos degraus. Girou a chave duas vezes na fechadura e agitou a maçaneta para ter certeza de que estava firmemente trancada. Peter Lake exultou ao ver a criada usando um casaco pesado e um cachecol, levando uma mala de roupas consigo. Depois que Jayga se foi pela rua, ele olhou para o telhado da casa e viu que apenas três das chaminés expeliam o calor, e mesmo essas três estavam começando a se aquietar.

Chegou a hora, pensou ele. Às quatro da manhã, os cinco policiais de plantão em Manhattan estarão sentados ao redor de um fogão a lenha em algum prostíbulo, vigiando a segurança do sargento (que estará no andar de cima, enrolado em uma estola de paetês cor-de-rosa, roncando, com os joelhos dobrados e o corpo encaixado contra as nádegas de uma pobre moça de Cleveland). Vou invadir o lugar às quatro horas e sairei às cinco e meia com toda a prataria, o dinheiro e meia dúzia de Rembrandts enrolados.

Ainda assim, ele perguntava a si mesmo como um prêmio daquele tamanho poderia ser deixado para trás sem qualquer

medida de proteção. Certamente, imaginavam que a criada ficaria de guarda. Mas é claro. Ela aproveitou para dar um passeio. É claro que poderiam ter alarmes elétricos e outras geringonças, mas isso só deixava as coisas mais divertidas.

Ele estremeceu. Precisava comer algumas ostras assadas e rum quente amanteigado, ou morreria. O cavalo precisava comer seus grãos de aveia e o chá de alfafa quente próprio para os cavalos. Dispararam pela noite rumo à música e aos fogos do Bowery, deslizando velozmente pelas trilhas cobertas de neve do parque.

Era possível escutar as pessoas comendo no restaurante que servia ostras assadas a cinco quarteirões de distância. Há algo especial em uma ostra assada, um sabor nítido do mar azul, mais quente do que óleo fervente, embalado de maneira muito inteligente em sua própria estufa seca, que faz até mesmo os clientes mais refinados bufarem, gemerem e sussurrarem enquanto comem. Peter Lake deu de comer ao cavalo e, em seguida, partiu para o recinto das ostras no auge da hora do jantar. Era uma vasta câmara subterrânea entre o Bowery e Rochambeau. As paredes de pedra cinza e branca se estendiam por meia dúzia de enormes galerias. Arcos como os que sustentam um aqueduto romano tocavam o chão e depois se erguiam outra vez. Às sete e meia da noite de sexta-feira, não menos de cinco mil pessoas jantavam dentro daquele caixote subterrâneo de ostras. Quatrocentos garotos que preparavam e serviam as ostras trabalhavam e gritavam como se estivessem puxando um enorme navio para o porto, ou empurrando o canhão de Napoleão durante a invasão da Rússia. Velas, lampiões a gás e, aqui e ali, lâmpadas elétricas transparentes iluminavam os caminhos por entre as pequenas fogueiras crepitantes. O ruído de fundo não era diferente do famoso registro em um cilindro de cera que Thomas Alva Edison fez das cataratas do Niágara, e as trajetórias que as conchas das ostras descreviam quando eram lançadas ao ar traziam lembranças do ar noturno sobre Vicksburg a alguns velhos veteranos de guerra.

Um garoto pobre apareceu diante de Peter Lake, juntou as sobrancelhas e perguntou:

— Quantas vai querer?

— Quatro dúzias — disse Peter Lake. — Da fogueira com o tomilho e a madeira de nogueira.

— Para beber? — perguntou o garoto.

— Não — disse Peter Lake. — Para comer, menino. Para beber, quero uma garrafa de rum amanteigado.

— O rum acabou — disse o garoto. — Temos cidra forte.

— Pode ser. Ah, e você tem uma bela coruja assada?

— Uma coruja assada? — perguntou o garoto que trazia as ostras. — Não temos corujas assadas.

Ele desapareceu em seguida, mas voltou em menos de um minuto com quatro dúzias de ostras assadas, mais quentes do que a melhor lareira em toda a Pittsburgh, e uma caneca flamejante de cidra forte. Peter Lake reagiu a tudo isso como um verdadeiro Catador de Ostras, e, por uma hora, seus olhos estavam apontados fixamente para a frente, sem piscar, enquanto ele resmungava e murmurava, junto com todas aquelas pessoas com cabeças rosadas e longas perucas decoradas com talco, sentadas desordenadamente em meio a mil barrigas inchadas e distendidas pelas ostras, atadas por tendões brancos.

— Gosto de relaxar um pouco antes de roubar uma casa — disse Peter Lake a um advogado que estava por perto enquanto os dois olhavam por sobre o horizonte das suas barrigas inchadas, palitavam os dentes e dançavam com as labaredas alaranjadas, compartilhando o chá quente em canecas de metal com tampas acopladas com dobradiças. — Faz sentido vadiar um pouco antes de exercícios extenuantes, perder o controle antes de executar um grande serviço, não é?

— Eu sempre faço isso — admitiu o advogado. — Sempre me embriago ou vou a algum prostíbulo na noite que antecede um grande julgamento. Para mim, esse tipo de selvageria limpa a minha mente e a transforma em uma espécie de *tabula rasa*, por assim dizer, capaz de realmente aceitar a pressão da energia pitacoriana.

— Bem, não sei o que isso tudo significa, mas suponho que você deva ser um bom advogado, já que fala desse jeito. Mootfowl dizia que o trabalho de um advogado era hipnotizar as pessoas com palavras intrincadas, e depois ir embora com seus valores.

— Esse Mootfowl era advogado?

— Mecânico. Um mestre da forja. Eu o amava. Foi o meu professor. Era capaz de fazer qualquer coisa com o metal. Era capaz de martelá-lo em uma fúria carinhosa, encantá-lo até transformá-lo em espirais brancas e hélices vermelhas de fogo, e depois moldá-lo na forma que seus poderosos olhos desejassem.

— Lindo — disse o advogado.

Peter Lake flutuou até um dos quartos brancos e limpos e, ali, dormiu um sono restaurador até as três horas da manhã, quando se levantou com uma sensação incomum de bem-estar, e cheio de energia. Lavou-se, barbeou-se, bebeu um pouco de água gelada e saiu para encarar o frio. Atravessando as ruas desertas como se fosse o início do verão, sentia-se quente por dentro, pronto para entrar em ação como se fosse uma mola encolhida, feliz, cheio de afeição e forte. E foi uma bela surpresa chegar ao estábulo e ver que o cavalo, também, estava desperto e com os olhos contentes, explodindo com energia e ansioso para trotar.

Quando já eram quase quatro em ponto, os olhos de Beverly se abriram para ver uma cena de primavera em meio às estrelas. Tão agradáveis, pacíficas, claras e tranquilas, com a atenção humana em seu ápice, que mesmo o vento do inverno sobre ela parecia estar morno e gentil. Não viu nenhum espírito, nenhuma estrada aberta; em vez disso, um reluzir de pequenas estrelas bruxuleantes

que poderiam ser o pano de fundo de um espetáculo musical bastante alegre.

Beverly sorriu, contente ao ver o universo se transformar em um artefato da Belle Époque — azul-marinho, estonteante, leve, cheio de graça e alegria, e tão maravilhoso quanto os momentos de lucidez antes de uma tempestade. Não conseguia mais dormir, então sentou-se e depois ficou em pé, sem precisar fazer seu esforço costumeiro. As estrelas, agora, estavam à sua volta, e ela sequer se atrevia a mover-se ou respirar, pois o ar ainda estava fresco e morno, e ela não sentia o corpo febril. Seria possível? Sim. Não sentia os fortes calores da febre ao acordar, não tinha dificuldade para respirar, não tremia. Seria verdade? Sim, mas ela precisava ter cuidado. Voltaria para dentro da casa, tomaria um banho, mediria sua temperatura e verificaria se, após algumas horas, não ergueria a coluna de mercúrio do termômetro aos céus como uma gaivota pairando sobre as ondas de calor do verão.

Peter Lake chegou à casa e começava a circular ao seu redor à luz da lua. Todos os pontos de entrada não acrobáticos estavam protegidos por barras pesadas de metal. Mas isso não seria um problema; em sua valise, ele trazia um maçarico de acetileno portátil que era capaz de fatiar barras de ferro como se fossem linguiças. Estava se preparando para acender o maçarico, mas teve outra ideia. Revirou sua mochila e pegou um voltímetro. Uma corrente elétrica passava pelas barras. Eram tão grossas que, para desviar aquela corrente, precisaria de condutores de um diâmetro similar para imitar sua baixa resistência. Pensou em ir buscar alguns — a loja Amsterdam Machine Works não ficava muito longe, e ele frequentemente ia até lá durante a noite, já que não mantinham um inventário detalhado e Peter Lake tinha a chave da porta da frente —, mas percebeu que as barras tinham espessuras diferentes. Quando as examinou cuidadosamente, ficou espantado ao perceber faixas diferentes de metal incorporadas nelas, em estruturas helicoidais e treliças incrustadas. Precisaria passar um dia inteiro de frente para uma lousa apenas para descobrir a teoria por trás daquele sistema de alarme. Não tinha qualquer esperança de

conseguir burlá-lo no escuro, a quinze graus abaixo de zero. Impressionado, e até mesmo encantado, Peter Lake deu a volta ao redor da casa e subiu até o peitoral amplo de uma janela.

Estava agora no nível do pavimento térreo da casa, após observar, quando estava no chão, que as tiras prateadas e retangulares que frequentemente eram entalhadas com detalhes egípcios ao redor dos beirais das enormes vidraças do salão de estar da casa estavam ausentes — embora nunca tivesse muito trabalho para passar por elas, desde que insistisse em agir com delicadeza. A janela à sua frente estava trancada e com o alarme acionado, mas tudo o que ele tinha de fazer era cortar um belo buraco no vidro e entrar na casa com cuidado, pisando sobre o piano.

A lua o ajudou, pois iluminava os beirais e refletia contra o vidro, iluminando dez milhões de canais finos como fios de cabelo entalhados na superfície interna, como os veios de gelo causados pela geada. Usando alguma técnica sofisticada que nem mesmo ele conhecia, as linhas finas foram preenchidas com filamentos de metal que mal chegavam a ser visíveis. Obviamente, cada abertura da casa tinha suas próprias armadilhas. Peter Lake não sabia que Isaac Penn tinha obsessão por ladrões, e tomara atitudes heroicas para impedir a entrada deles.

— Tudo bem — disse Peter Lake. — Podem colocar ciladas em todas as janelas e portas. Posso viver com isso. Mas não são capazes de estender fios por cada metro quadrado das paredes e do telhado. E, como não há ninguém aqui, vou abrir minha própria escotilha.

No exato momento em que Beverly abriu a porta para as escadas de ferro e o lampejo apareceu no céu, o gancho de escalada de Peter Lake foi lançado em um arco perfeito, viajando suavemente até o telhado. Prendeu-se com o mesmo som que um machado faz quando corta um pedaço de madeira. Mas Beverly não o ouviu, pois o gancho se prendeu e a porta bateu ao mesmo tempo. Com sua bolsa cheia de ferramentas às costas, Peter Lake escalou

lentamente, subindo pelos nós da corda, como um alpinista. Conversava o tempo todo com o gancho, implorando-lhe para que não se soltasse. Beverly desceu em círculos pela escadaria em espiral, como se estivesse dançando pelos degraus de um palácio cheio de música. Às quatro horas da manhã.

Ainda assim, a cidade continuava imóvel. Algumas plumas finas de fumaça se erguiam verticalmente, sem qualquer vento para perturbá-las. No rio, era possível ver algumas luzes nas embarcações ancoradas às boias ou presas em meio ao gelo. Ela distraída, ele obstinado; tanto Beverly quanto Peter Lake agiam furiosamente. Ela rodopiava no segundo andar, tirando as roupas enquanto esperava até que o tanque estivesse cheio de água para que pudesse se proteger do ar frio que encimava o lugar com volteios invisíveis. Não estava acostumada a tanto exercício, e provavelmente seria melhor evitá-lo, mas dançava como as pessoas dançam quando ninguém as observa — tão distraída e desinibida quanto uma criança, saltitando como um carneirinho. Peter Lake trabalhava cuidadosamente no telhado, arfando como um ciclista, girando a manivela de uma perfuratriz.

— Este telhado maldito tem um metro de espessura — disse ele a si mesmo conforme a broca ia cada vez mais fundo, sem conseguir atingir o vão. Pensou que poderia estar perfurando uma das vigas de sustentação, e resolveu furar outro lugar. Depois de alguns minutos, a manivela já tocava a superfície do telhado, e a broca ainda não havia ultrapassado a madeira completamente. — Que diabos está acontecendo aqui? — perguntou ele, com uma irritação tremenda. Geralmente já estaria serrando o telhado para chegar ao forro.

Peter Lake não sabia que Isaac Penn (sendo um velho baleeiro excêntrico e incrivelmente rico) mandou que sua casa fosse concebida pelos melhores construtores de navios da Nova Inglaterra, dizendo-lhes que o telhado deveria ser construído como o casco de um navio baleeiro polar, forjado para sobreviver ao gelo compactado do Ártico. Por algum motivo, Isaac Penn tinha medo de

meteoritos, e por essa razão o sótão da sua casa, de maneira geral, era um bloco sólido de madeira. As vigas de sustentação eram tão espessas e dispostas tão próximas umas das outras que Peter Lake não seria capaz de serrar uma abertura por onde pudesse passar, mesmo que tivesse todo o mês de junho para se dedicar à tarefa. Ficou cada vez mais apreensivo ao perceber que talvez precisasse descer por uma das chaminés. Já era muito ruim fazer isso durante o verão, mas, no inverno, a ação geralmente traria suas próprias complicações.

Enquanto Peter Lake andava pelo telhado, Beverly se preparava para entrar no banho. A banheira de Isaac Penn era um tanque de ardósia negra e mármore bege com três metros de comprimento, dois e meio de largura e um metro e meio de profundidade. A água a enchia, descendo por um beiral de pedra lisa que corria por toda a sua extensão, subindo em uma explosão de bolhas a partir de jatos que ficavam no fundo e dançavam pela superfície ao cair pelas bocas preguiçosamente abertas de baleias douradas. Todas as crianças da família Penn, e Willa foi a última delas, aprenderam a nadar ali. E, apesar da sua merecida reputação como um pilar de virtude, Isaac Penn não fazia qualquer objeção ao fato de homens e mulheres se banharem juntos, nus em pelo, desde que tudo ocorresse sem malícia. Adquirira aquele hábito no Japão e argumentava em seu favor, dizendo que era algo incrivelmente civilizado. Se o público viesse a saber, Isaac Penn teria sido execrado.

O tanque de banho já estava com água até a metade da sua capacidade, um mar gorgolejante de bolhas brancas e mornas. Peter Lake encontrou a porta que levava ao telhado e a escada iluminada em espiral. Pensou que podia ser uma armadilha, mas também pensou que podia ser um golpe de sorte; era feita de aço pesado, e alguém a deixou destrancada por engano depois de descer do solário. Decidindo arriscar, ele sacou sua arma. Beverly ergueu os braços. Nada de febre, ao que parecia. Era lindo ser bela e não estar próxima da morte.

Peter Lake espiou pela porta do telhado, deixando que seus olhos se ajustassem à luz. Deu um passo e Beverly se jogou, com um salto, no redemoinho. Ela abriu os braços e girou tranquilamente em meio à corrente de água. Assim que ele chegou ao piso principal, com a pistola na mão, os olhos correndo de um lado para outro, ela segurou-se em uma das baleias douradas e estendeu as pernas para batê-las contra a água, cantando para si mesma. Prendera seus cabelos em uma trança longa, e a trança flutuava ao sabor da água que lhe escorria pelas costas. Seus braços e pernas, mais lisos e mais perfeitos que o marfim, belos em si mesmo como exemplos de forma, belos em seus movimentos equilibrados um contra o outro, estavam estendidos, e os braços formavam o contorno de um alaúde quando ela se segurou em uma das baleias douradas à sua frente. Se a febre voltasse, isso ocorreria depois do banho, e voltaria a deixá-la mais vermelha do que um canteiro de rosas. Mas não pensou naquilo, apenas batia as pernas e cantava conforme a água enchia o tanque de banho.

Sem temer ser aprisionado, Peter Lake chegou ao escritório de Isaac Penn. Era realmente suntuoso, algo que um ladrão poderia pedir aos céus — dez mil livros encadernados em couro (alguns deles dentro de mostruários de vidro); uma coleção cintilante de instrumentos antigos de navegação, cronômetros e telescópios feitos de latão; e meia dúzia de pinturas a óleo. Ele examinou um livro que estava dentro de um dos mostruários de vidro. Um cartão impresso ao seu lado dizia: — Bíblia de Guttenberg. — Sem qualquer valor, pensou Peter Lake; não poderia ser tão antigo, pois vinha de Guttenberg, uma pequena cidade em Nova Jersey, logo ao sul de North Bergen e ao norte da zona oeste de Nova York. Alguém estava imprimindo bíblias enormes e ilegíveis naquele lugar.

Logo atrás de uma escrivaninha de mogno escuro, tão espaçosa quanto o quarto de um dos criados, havia uma pintura que retratava um cavalo de corrida em um campo vasto. Atrás de pinturas como aquela, Peter Lake sabia, sempre era possível encontrar um cofre. Ele afastou o quadro da parede. — É tão grande quanto o cofre de

um banco — disse ele, em voz alta. E era mesmo, mas estava no escritório de Isaac Penn, e isso certamente tinha algum significado.

De muitas maneiras, Isaac Penn era um gênio. Mas também era um homem peculiar e excêntrico. Admirador das ciências, quis que sua última filha se chamasse Oxigênia, mas todos o obrigaram a escolher uma denominação mais convencional, para a sorte da pequena Willa. Alguns anos antes, entretanto, ele conseguiu dar a Harry um segundo nome relativamente incomum: Brasil. E teve o controle total sobre o projeto da sua casa. Uma das características mais extravagantes era o cofre que Peter Lake ficou tão feliz em encontrar. Embora a casa fosse uma fortaleza em si mesma, Isaac Penn teve o cuidado de se certificar que qualquer pessoa que conseguisse invadi-la passaria um bom tempo ocupado. Assim, o cofre não era realmente um cofre, mas um sólido tampão de aço-molibdênio que se estendia para o interior da parede por um metro e meio. Peter Lake começou a perfurar.

Meia hora depois, a haste da broca de duas polegadas começou a raspar contra o aço. Ele retirou a broca e inseriu uma pequena sonda. Não havia atravessado o metal. Talvez houvesse sido construído de maneira imprecisa, pensou ele, ou talvez a minha broca estivesse gasta. Pegou um conjunto de paquímetros em sua mochila e inspecionou a ferramenta — exatamente duas polegadas. Outra frustração, disse ele a si mesmo, e enfiou uma sovela pontiaguda no buraco que fizera. Golpeou-a com força com um martelo de aço, e, com o impacto, o martelo saiu voando por cima de seu ombro e bateu na parede oposta antes de cair. Uma porta de aço com três polegadas de espessura? Impossível. Não podia ser aberta. Deixe-me verificar isto aqui. Depois de fazer medições e cálculos cuidadosos, determinou que o diâmetro da abertura e o desenho da dobradiça não comportariam uma porta de três polegadas. Mesmo assim, tentaria perfurar três polegadas. Colocou uma broca mais longa em sua perfuratriz e voltou a girá-la.

No andar de cima, Beverly não sabia se a febre havia retornado ou se o calor que sentia era somente devido ao banho. Suava como

se estivesse com quarenta graus de febre e temia que, embora a febre pudesse ter desaparecido, seu flerte com o calor e a água quente a houvessem convidado a voltar. Talvez devesse ter ficado totalmente em silêncio e prendido a respiração, esperando que a febre corresse às cegas pela casa, incapaz de encontrá-la, para arrebentar uma janela e se dissipar na neve. Mas não tinha certeza de que sua indiscrição, no final das contas, não a serviria bem, pois lembrava-se do que seu pai dissera sobre aqueles que esperam demais e não revelam suas angústias a ninguém. Seu pai lhe disse: — Deus não se deixa enganar pelo silêncio. — Disse-lhe para sempre ter coragem, e até mesmo para fazer coisas para as quais não tivesse o talento ou o conhecimento — embora não precisasse realmente lhe dizer aquilo, pois parecia que o temperamento de Beverly sempre fora assim, desde o início.

Assim, ela limpou a condensação do espelho com um longo movimento da mão e revelou uma bela garota que suava, com o brilho da água cobrindo seu rosto e o peito avermelhados. Lute contra a febre. Lute contra a ela, e, se for necessário, morra lutando. A coragem não deixaria de receber sua própria compensação, não é mesmo? Veremos, pensou ela. Mas, enquanto isso, não havia qualquer dúvida — ela lutaria. Envolveu-se em uma toalha grande como um cobertor e prendeu-a sobre o ombro com uma presilha de prata. Com a febre, até mesmo ficar em pé era extenuante. Quando chegou ao corredor, dirigindo-se às escadas para descer ao andar inferior e tocar piano, o ar frio era como uma brisa nas montanhas.

Peter Lake também estava suando. Quando a haste da perfuratriz manual atingiu a superfície do metal outra vez e não conseguia mais girar, ele puxou a broca e soprou as rebarbas do metal. Enfiou a sonda no orifício. Sólida. Enfiou a sovela. Golpeou-a com uma força estupenda, e quase foi morto pelo ricochetear do martelo, que, desta vez, acertou a parede atrás de si com tanta força que ficou alojado nela. Com o pulso e os dedos ardendo, Peter Lake esqueceu os motivos que o levaram a entrar na casa, pegando uma broca de dez polegadas. — Vou arrombar esse desgraçado, mesmo que isso acabe me matando — disse ele, irritado e com um toque de

insanidade. Arregaçou as mangas da camisa e começou a perfurar outra vez. O suor escorria pelo seu rosto, pingando sobre o tapete vermelho-escuro e fazendo seus olhos arderem.

Beverly passou em frente à porta do escritório. Peter Lake viu um reflexo branco e difuso no aço úmido da perfuratriz e virou-se, quase esperando ver um fantasma. Mas ela já estava na cozinha. Ele voltou a se ocupar com sua tarefa, segurando a empunhadura escorregadia e cor de beterraba da ferramenta com toda a sua força à medida que a girava.

Enquanto olhava para o inferno no interior da torradeira, Beverly ouviu o ranger e o desbastar da broca. Abafado no interior das paredes, parecia ser o som de um rato enorme. Seus olhos observaram seus arredores, desconfiados. Desde quando havia ratos na casa da família Penn? Ela o imaginou e estremeceu, visualizando ratos na colmeia de túneis que passava pelos mortos em suas sepulturas, por entre o emaranhado horrível de raízes que abraçavam o chão, pálidos e cegos como vermes. Mas, sem dúvida, o rato acabaria por se satisfazer com qualquer coisa que houvesse no interior das paredes. Além disso, sons de criaturas roendo coisas no interior da casa sempre desapareciam, e depois davam a impressão de que nunca estiveram por ali. Dois pães tostados saltaram da torradeira e ela os agarrou em pleno ar com mãos hábeis.

Peter Lake atingiu a marca de dez polegadas. Seus músculos doíam. Sentia sede. Logo antes de Beverly passar pela porta do escritório a caminho do conservatório (e desta vez o veria, se olhasse para a esquerda), ele se jogou em um sofá de couro, fechando os olhos devido à exaustão.

Ela colocou o pequeno prato de porcelana que continha as torradas e uma xícara branca de chá quente sobre o piano. Quando era criança, seu pai a repreendeu por fazer aquilo. O piano tinha algumas marcas circulares causadas pelo calor das xícaras que foram colocadas sobre ele no decorrer dos anos, mas sempre teve o mesmo o som. Ela abriu a tampa do teclado e, à sua frente, um

monstro sorridente abriu a boca cheia de marfim liso. O que tocaria? Talvez “Les Adieux”. Era uma de suas peças favoritas, e talvez pudesse dar adeus à sua febre com ela. Mas não; a beleza de “Les Adieux” também era um convite para o regresso, forte o bastante para chamar um cavalo a galope e seu cavaleiro.

Lembrando-se do que seu pai disse sobre aqueles que se mantinham em um silêncio resignado, decidiu-se por uma obra que era pura coragem, o allegro do “Concerto para Violino” de Brahms. Possuía uma transcrição da obra para o piano. Ela a pegou e abriu o volume. O vapor do chá se ergueu, passando por cima das notas; sua disposição era parecida com o que uma águia veria enquanto sobrevoava uma cadeia de montanhas íngremes. A abertura era tão ousada e sincera que ela sentiu receio de iniciá-la, pois a melodia era digna do grito que o coração de uma pessoa é capaz de emitir. Beverly estremeceu e começou. A beleza da música explodiu pela casa conforme suas primeiras frases eram sustentadas, ecoadas e elevadas por aquelas que as seguiam.

Peter Lake estava deitado no sofá, entorpecido. Suas ferramentas estavam espalhadas pela sala. Não estava agachado ou alerta, nem pronto para partir com tudo o que trouxera ou o que viera buscar, como sua profissão ditava; estava, ao contrário, atipicamente vulnerável. Quando a música irrompeu furiosamente, apanhou-o completamente despreparado. Levantou-se com um salto. Seu coração parou, e, em seguida, voltou a afundar no sofá com a expressão de um cão que foi acordado de seu sono por uma porta chutada. Recuperou-se bem rápido, entretanto — outra parte de sua profissão —, e, quando estava em pé, não era mais um gatuno atacado por um concerto para violinos, e sim um homem. Deixou suas ferramentas e seu casaco onde estavam e caminhou na direção do som.

Aquele som não vinha do piano típico de um salão de música, doce e triste, mas era algo muito maior. O instrumento o movia não como uma sucessão de sons abstratos, mas como se fosse, em vez disso, tão simples e evidentes quanto os enormes cabos de pérolas

branco-esverdeados que brilhavam ao longo dos cabos de sustentação da ponte à noite. Quando o anoitecer chegava, elas estavam ali, brilhando, o símbolo de tudo que ele amava muito, mas que não conhecia realmente. O que teria feito se as luzes das pontes não se acendessem ao cair da noite? Eram o cerne da sua tranquilidade, seu reconforto, e muito mais do que isso. Esta música soava, aos ouvidos de Peter Lake, como o sinal cintilante que as luzes emitem em meio à neblina.

Ele chegou à porta do conservatório, indefeso, enquanto o eco e o timbre do piano de cauda de Beverly vibrava por ele com uma ressonância tão sólida e direta quanto uma das leis da física. No controle daquele feroz motor negro havia uma garota envolta em uma toalha. Ela suava, tocando com força, perdida enquanto dedilhava a extremidade mais larga do piano, acelerando cada vez mais. Seus cabelos ainda estavam úmidos, ainda estavam trançados, em um delírio. Cantava e conversava com o piano, adulando-o, instigando-o, estimulando-o. Falava em voz baixa, e seus lábios se moviam para enfatizar e verificar. — Sim — dizia ela. — Agora!

Ela murmurava as notas ou as cantava, fechava os olhos e às vezes golpeava o piano com força, ou retrocedia com um sorriso. Mesmo assim, trabalhava; suas mãos se moviam; os tendões e músculos do seu pescoço e dos ombros se moviam e se agitavam como os de um atleta. Peter Lake não conseguia perceber que ela estava quase chorando. Não sabia o que estava lhe acontecendo, e ressentia-se das emoções profundas que tentava controlar e não conseguia, de modo que, embora quisesse, era incapaz de se afastar. Ficou ali, com os pés enraizados no piso, até que Beverly, ofegante, terminou de tocar o concerto e bateu a tampa do teclado com força. Sua respiração era muito particular. Era a respiração de uma pessoa profundamente entrincheirada na lucidez das trevas de uma febre.

Ela colocou as mãos no piano e apoiou-se nele para não cair. Peter Lake não se moveu nem tirou os olhos de cima dela. Estava

profundamente constrangido, mortificado. Viera para roubar, invadira a casa, estava marcado pelo suor e pela sujeira do seu trabalho com a broca e estava observando Beverly sem que ela soubesse.

Sentiu uma admiração inenarrável pela maneira como ela se ergueu, obviamente enfraquecida pelo esforço para cortejar com tanta paixão as notas elusivas e exigentes que ele ouvira. Ela fez o que Mootfowl sempre pregara. Elevou-se acima de si mesma, diante dos olhos de Peter Lake. Erguera-se e depois caiu, enfraquecida, vulnerável e sozinha. Ele sentiu vontade de fazer o mesmo. Além disso, ela era bonita, estava seminua, brilhando como se houvesse acabado de sair de uma banheira. Sua fadiga se parecia muito com a embriaguez ou o desamparo. Seus ombros nus, por si sós, poderiam ter absorvido as atenções dele por muitas semanas. Sentia-se completamente encantado.

Mas como poderia, como iria se aproximar dela? Pareceu-lhe que a alvorada levou uma hora inteira para encher a sala, e os dois passaram todo esse tempo congelados nas posições em que estavam. Ele finalmente concluiu que ela era, simplesmente, inalcançável, e não se atreveu a tentar. Quando o vento do amanhecer balançou as janelas gentilmente, ele recuou um passo, esperando poder sair despercebido enquanto ela estava imóvel ao piano.

Quando o fez, o piso soltou um rangido maravilhoso, torturado e amadeirado que indicava, de maneira inconfundível, a presença de um peso vivo sobre si. Ele ficou paralisado, esperando que o ruído não fosse notado. Ela se ergueu e virou a cabeça. E então o viu. Ainda em meio ao delírio, fixou seu olhar aberto no rosto dele. Embora sua reação crescesse firmemente dentro de si, não deu indicação do que seria. Ele, por outro lado, sentiu a vergonha inundar suas faces como se fosse um gêiser fervente.

Não foi capaz de dizer nada. Não tinha o direito de estar ali, já fora profundamente transformado, não sabia conversar sobre amenidades, ela estava seminua, o sol estava raiando e ele a amava.

Moveu seu pé para cima e para baixo na tábua solta que o entregara. Parecia o brinquedo de uma criança quando é pressionado. Continuou a mover seu pé para cima e para baixo, e parecia estar prestes a explodir em lágrimas.

— Ela range — disse ele, com tanta emoção que pensava que o mundo inteiro havia enlouquecido. — Ela range.

Beverly olhou para o piano, e depois para Peter Lake outra vez.

— O quê? — perguntou ela, com a voz aumentando gentilmente. — O que foi que você disse?

— Nada — respondeu Peter Lake. — Não é importante.

Ela começou a rir. Foi muito alto no início, mas o riso o fez lembrar de que (com exceção da música) a casa estava em silêncio há um bom tempo. Ele também riu, de maneira mais discreta e cuidadosa. Ela levou a mão ao rosto, fechou os olhos e suspirou. Em seguida, ficou em silêncio, ainda com a mão sobre o rosto, até explodir em outro arroubo curto de risos. Depois, pressionou a testa com força, e chorou. As lágrimas surgiram muito rápido. Agora ela também estava chorosa e manchada. Era um choro horrível, amargo, mas logo terminou, e, quando ergueu o rosto outra vez, estava exausta. Ou, pelo menos, era assim que parecia estar.

O sol da manhã, agora, deixava a sala branca como açúcar, e as brisas e lufadas de vento a deixavam gelada.

— Se você é o que eu tenho — disse ela —, então é você que vou aceitar.

Ele poderia se sentir ofendido, mas ela não parecia ter pena de si mesma. Era como se o conhecesse melhor do que ele mesmo. Ele assentiu para dizer que entendia. Pela primeira vez em sua vida, sentia exatamente o que era, e não estava impressionado. Ainda assim, queria abraçá-la. Mas aquilo parecia estar fora de questão, e a sala ficou cada vez mais branca.

Embaixo deles, no porão, a fornalha automática começou a funcionar, e toda a estrutura quase naval da casa dos Penn

estremeceu. Os dois conseguiam ouvir o bater rítmico do aquecedor a óleo e o bater rítmico e amarelado do fogo. Mais do que qualquer coisa no mundo, ele queria abraçá-la. Porém, aquilo parecia estar fora de questão.

Em seguida, ela se virou para ele e estendeu seus braços. E ele foi até onde ela estava, como se tivesse nascido para aquilo.

NO MANGUE

O fato de que o rio estava congelado por uma grossa camada de gelo era motivo para festas e alarme. As pessoas imediatamente fincaram tendas coloridas e armaram fogueiras perigosas sobre o gelo, que, no espaço curto de um dia, se transformou no local de uma feira medieval para aqueles que foram atraídos até o rio para ver a cidade, que agora estava silenciosa, em uma perspectiva de encher o coração. Como as balsas estavam imobilizadas, os carroceiros e fazendeiros eram os primeiros a sair, conduzindo tropas de mulas, caravanas de cavalos e até mesmo caminhões motorizados sobre as novas estradas brancas. Havia muitos dizendo que uma nova era do gelo se aproximava. Agrupavam-se como ratos ao redor de suas lareiras e camas cobertas por flanelas, desesperados e esquecidos do poder da primavera.

Viajando certa noite sob uma forte nevasca, Peter Lake usava o gelo como uma estrada que o levaria até Bayonne Marsh. Embora não conseguisse ver nada além de clarões ofuscantes à sua frente, no meio de um vácuo de azul pulsante, ele avançava resoluto, escutando o rugido distante da muralha de nuvens. Era um som puro, como o de um maçarico ou de um coral misterioso que entoava todos os tipos de sons. Havia indícios de que, além daquela barreira furiosa, um passado profundo e um futuro belo e brilhante estavam, de alguma forma, combinados.

Conforme avançava, ele usava todo aquele som como uma luz, e pensava que, se o som estivesse vivo — um coral de espíritos, algo que fora animado de alguma maneira, talvez um deus —, não ficaria zangado ao ver que ele o usava como farol, mantendo-o sempre dez graus à sua esquerda. E não somente encontrava o caminho certo, mas também o caminho seguro ao escutar os sons do gelo,

abafado pela neve que acabara de cair, conforme ela ressoava sob os passos lentos do cavalo branco.

A maioria dos cavalos, ao sentir a água por baixo de si, ficaria com medo. Cair por entre uma fenda no gelo fino significaria afogar-se nas águas frias e negras, que já estavam sufocadas sob uma placa branca e inclemente e centenas de metros de um ar brilhante e azulado, coalhado por nuvens de algodão. Mas o cavalo branco não sentia medo e movia-se com tanta firmeza quanto se estivesse em uma pista de corridas. Mantinha a cabeça erguida e seguia o som das nuvens com algo que parecia ser afeição. Peter Lake mal era capaz de ver o animal que montava, branco como a neve espessa que caía à sua volta, mas sentia que o cavalo sabia para onde ia, reaprendendo o que já sabia há muito tempo. E não era desagradável, enquanto avançavam lentamente sobre o gelo, descobrir que, dentre todos os meios de tranquilidade que ele agora buscava, o silêncio de uma nevasca era o mais elegante e o mais generoso.

Horas depois, quando sabia que já estava no mangue, pois o gelo se erguia em longos pedaços parecidos com baleias por cima das dunas e as taboas quebradiças rangiam quando eram agitadas pelos cascos do seu cavalo, ele sentiu que estava sendo observado. Entendia bem o quanto os Catadores de Ostras se tornavam cautelosos quando o mangue se congelava e bandos de gente mal-intencionada eram capazes de chegar até ali para destruir seus vilarejos. Os homens do mangue se lembravam dos Hessianos, dos índios e até mesmo de outros que vieram antes destes. Certos de que eles o observavam, Peter Lake avançou contra a pressão dos olhos deles como se acompanhasse o bater de um tambor. O cavalo estava alerta, tentando silenciar seus passos.

Eles se aproximaram com uma velocidade de tirar o fôlego, um círculo inteiro deles em robes brancos com capuzes, forrados com uma grossa camada de pelo de coelho, as roupas que usavam no inverno. O anel que formavam com as pontas das suas lanças era uma expressão mecânica do inelutável, não deixando

absolutamente nenhuma possibilidade de fuga. Era incrível o silêncio com o qual surgiram, a perfeição com que apareceram do meio das névoas ofuscantes, como se fossem parte dela. Peter Lake falou a eles em sua linguagem cerimonial. Eles o reconheceram e lhes deram as boas-vindas.

Ele sempre cuidou bem do cavalo. Afinal de contas, amava aquele animal. E, enquanto limpava o espaço que havia entre dois enormes Percherons malhados para que o cavalo branco, ainda maior que estes, pudesse ficar aquecido e confortável no estábulo de teto recurvo forrado com juncos, Humpstone John entrou pela porta coberta com retalhos de feltro. Quando Humpstone John se acostumou com a luz que fluía de uma lamparina de latão que cercava uma vela, parecia estar atordoado. Não era algo muito incomum, pois ele era um homem que frequentemente se via diante de coisas grandiosas. Ele olhou para o cavalo com uma satisfação tremenda. Peter Lake viu nos olhos de John a alegria de se encontrar com um velho amigo, e viu também que não era o único motivo daquela admiração.

O cavalo bufou. Não conhecia John, decididamente. John conversou com Peter Lake em inglês.

— Onde o conseguiu? — perguntou ele.

— Eu o consegui... bem... eu o consegui...

— Bem, onde você o conseguiu?

— Eu não o “consegui”, por assim dizer. Ele simplesmente estava lá.

— Onde?

— Em Battery Park. Quase fui apanhado. Os Rabos Curtos apareceram. Eu caí. Quando me levantei, não consegui mais correr. Achei que ia bater as botas. E depois ele surgiu...

— À sua esquerda.

— À minha esquerda — assentiu Peter Lake. — Como você sabia?

— Já deu um nome a ele? — perguntou John.

— Não.

— Você não sabe o nome dele, não é?

— Não. Não tinha como saber. — Peter Lake pensou por um minuto. — Ele é capaz de saltar. Meu Deus, ele é capaz de saltar. Os Coelhos Mortos queriam comprá-lo e colocá-lo no circo. — Em seguida, baixou a voz. — John, ele é capaz de saltar quatro quarteirões.

— Não me surpreende.

— Você sabe alguma coisa sobre o cavalo. Como isso é possível?

— Peter Lake, eu sempre achei que você nunca serviria para nada (e isso ainda pode vir a ser verdade). Quando nós o mandamos para o outro lado do rio, sozinho, eu tinha pouca esperança de que você conseguiria encontrar um destino decente naquele lugar. — Quando disse “naquele lugar”, Humpstone John pronunciou a expressão com o medo e o asco que os Catadores de Ostras sentiam pela cidade. — Pensei que você realmente nos deixaria e se tornaria um deles...

— Eu me tornei — afirmou Peter Lake.

— Talvez. Mas não é só isso.

— Por quê?

— Você se lembra que existem dez canções?

— Sim.

— As pessoas aprendem uma por uma, começando aos treze anos. Uma a cada década.

— Sim. Nunca cheguei a aprender.

— Eu sei, Peter Lake. Nós o mandamos embora. A primeira, a canção dos treze anos, tem a ver com o formato do mundo. É a canção da natureza, e fala sobre a água, o ar, o fogo e coisas assim. Não posso mais cantá-la para você, não mais. Mas posso dizer que a segunda canção, a canção dos vinte e três anos, é a canção das mulheres. E a terceira canção, Peter Lake, é a canção de Athansor.

— Athansor?

— Sim — disse Humpstone John. — Athansor... o cavalo branco.

Na manhã seguinte, quando a neve parou de cair e o céu se transformou em cristal frio, todos os Catadores de Ostras, de todas as partes, chegaram para ver Athansor — ou, pelo menos, todos os Catadores que conheciam a canção do cavalo branco. Recusando-se a compartilhar qualquer informação sobre o que a música dizia, embasbacados, eles simplesmente observavam Athansor, que não fazia ideia de que esse era o seu nome, mas que já o reconhecia quando chegou o meio-dia. Peter Lake ficou irritado porque, como ele mesmo dizia, queria saber o que estava cavalgando ao ir de um lado para outro. Não levou muito tempo até parar de se questionar daquele jeito, pois achava que nunca descobriria a resposta — era mais difícil arrancar um segredo de um Catador do que abrir uma ostra doente. Ele foi até o cavalo branco e o reconfortou, e, por sua vez, foi reconfortado ao perceber que a fama súbita e o novo nome do cavalo não significavam nada. Simplesmente não importa, pensou ele. Ele é o cavalo branco; seu nariz ainda é macio e morno. Nada mudou.

Porém, algo tinha mudado ou estava mudando. Tudo sempre mudava, não importa o quanto ele amasse o que tinha. A verdadeira redenção só seria possível se todos os tropeços e mudanças tivessem algum significado. Mas ele não percebia nenhum padrão. Se houvesse uma grande igualdade, um delicado equilíbrio universal que ele pudesse compreender, então ele saberia que era possível haver outros, e que, algum dia, a cortina do mundo se

ergueria em uma calma ensolarada e agradável como a primavera, revelando que nada — nada — aconteceu sem um significado próprio, nem o sofrimento de todas as crianças que ele viu sofrendo, nem a agonia da criança no corredor daquele cortiço, nem o amor que acaba em morte: nada. Duvidava que teria um indício de qualquer propósito maior, e não esperava ver o único instante de justiça inconfundível que, de acordo com as lendas, transformaria a muralha de nuvens em ouro.

Coberto por peles, ele estava deitado em sua cabana, olhando pela porta aberta na direção de Manhattan, a distância, do outro lado da baía branca e congelada. Passara duas décadas na cidade que se erguia no horizonte como se flutuasse sobre as nuvens, e agora sabia o que aquela muralha era: conhecia sua escala, sua música, seu interior, o som dos seus motores e a disposição das suas ruas. Mesmo sendo grandiosas, era possível compreender as pontes. Ele entendia como os novos arranha-céus eram construídos. Mecânicos os construíam, e ele era um mecânico. A distância, sentindo o sol longe dos prédios, não se parecia com nada que ele já houvesse visto. Seguindo sua silhueta marrom até onde a vista alcançava, ele ergueu a cabeça para passar por cima dos topos dos prédios altos. Uma centena de plumas de fumaça e vapor se enroscavam acima daquela coisa adormecida, e ele não se surpreenderia se a cidade imediatamente ganhasse vida. Aquela animação crescente era catapultada por sobre o gelo, e, embora estivesse dormindo, presa com correntes sombrias, ele não tinha dúvidas de que a cidade, algum dia, iria se levantar, como uma baleia que sobe à superfície buscando a luz e o ar.

Era fácil se perder em memórias tão vívidas de uma cidade como aquela, e elas o acossavam com a energia e a desordem das próprias ruas. Em meio ao tráfico de muitas formas e cores, imagens serenas falavam discretamente, mas eram tão brilhantes quanto miniaturas esmaltadas, e igualmente agradáveis de lembrar.

Uma família de sul-americanos endinheirados foi passear no parque num dia de verão, em uma fileira de quatro charretes,

puxadas por cavalos tão cinzentos quanto os céus de novembro. Parecia que estavam acostumados a outra vida em um lugar que era amplo, vasto, cheio de sol e animais. E, durante o passeio nas charretes esmaltadas, portavam-se como se fossem cavaleiros medievais. As mulheres eram mais sedutoras do que dançarinas espanholas no ápice das suas danças; o sexo brilhava ao seu redor como uma aura de metal. Havia um patriarca e uma matriarca silenciosos, cada um deles com olhos velhos e sábios, e com cabelos mais brancos do que a borda serrilhada de um selo postal.

Peter Lake sentiu inveja deles quando se aproximaram; embora não conhecessem a cidade, eram obviamente os donos de algum pedaço de chão no estrangeiro. Quando se aproximaram, ele viu que, sentado ao lado do condutor, na primeira charrete, havia um garoto retardado — um filho, irmão ou neto daqueles que estavam no interior da charrete. Vestia-se como eles, mas seus olhos estavam saltados, e ele babava por entre um sorriso que era amplo demais. Seus cabelos se pareciam com pelos de animais, e seus braços e pernas eram frouxos, pendendo ao redor de seu corpo. De tempos em tempos a avó se levantava na charrete, apoiava o corpo com uma mão e o acariciava como se ele fosse um cachorro, enquanto os outros lhe falavam afetuosamente. Para ele, devia ser ótimo poder fazer o passeio ao lado do condutor. Não se sentiam nem um pouco constrangidos por aquele reverso da fortuna. Pelo contrário; pareciam se beneficiar com a situação, como as velas marítimas que cruzam o ar se beneficiam de um leme sufocado, abrindo caminho às cegas pela água escura. O garoto retardado era um deles, e sempre seria. Eles o amavam. As charretes passaram e foram embora, mas Peter Lake nunca esqueceria o pálido rosto em forma de lua do garoto, balançando para cima e para baixo na frente daquela procissão.

De vez em quando, do alto das plataformas que cruzavam o rio até o Brooklyn, ele via as fileiras de arranha-céus alinhados como soldados de pedra. Certa vez, no final da primavera, ele observou uma ocasião em que os prédios impediram o avanço de um mar continental de nuvens e névoa, represando-o como se fosse a água

de uma represa até se dispersar pelos seus dedos e transformá-los em ilhas individuais. À noite, eram penhascos de luzes piscantes. Muito tempo depois que todos já estavam dormindo, os prédios conspiravam em silvos e vibrações. Erguiam-se em meio ao tempo inclemente, conversando em sua estática estranha, tentando se tocar sobre grandes distâncias, esforçando-se para realizar o casamento entre céu e inferno, do qual faziam parte. Observando em meio a uma tempestade, Peter Lake viu os relâmpagos dançarem por entre os espigões de granito em rajadas de branco puro.

Mas nenhuma lembrança, não importa o quanto fosse bela, nítida ou poderosa, era capaz de se equiparar à lembrança que tinha de Beverly. Era eletrizante e perfeita — exceto pelo fato de não se lembrar da cor dos olhos dela. Eram redondos, brilhantes e bonitos, com certeza, mas eram verdes, castanhos ou azuis? Por que se lembrar da cor dos olhos dela, quando ela estava morrendo? Mas a bela Beverly, com seus olhos azuis (eram realmente azuis?), usando um cachecol vermelho-escuro, o atraía de volta para si quando ele menos esperava e queria.

Peter Lake tentou se distrair. Lembrando-se de uma sequência de verões alegres, ele conjurou, em sua cama em meio aos ventos congelantes, uma imagem de Manhattan reverberando com o calor. Ali estava ele, pairando, flutuando em jangadas de cor muito acima das ruas: cânions prateados e tijolos avermelhados e mornos, o rebordo de um imenso relógio quebrado, árvores com as copas em formato de sinos estremecendo com o som em ruas verdes e silenciosas, tão escuras e elegantes quanto espelhos à meia-luz, mil pinturas à direita e à esquerda — ilhas no riacho que cascateava do céu, o calor das pedras claras, mercadores congelados para sempre que nunca paravam de se mover, pombos arrulhantes e arroxeados em forma de conchas, um arsenal de rosas no parque, ruas que se cruzavam em bifurcações e engrenagens, sombras de leopardos, linhas manchadas. Mas o que era tudo aquilo sem a bela Beverly dos olhos verdes (eram realmente verdes?) e o seu cachecol vermelho?

Ele poderia se esconder nas profundezas da cidade e perder-se entre o borrão das cores, a ação violenta, as ondeantes fornalhas de ar do verão no final de cada rua. Mesmo assim, ao apreciar o prazer de estar perdido, ele daria meia-volta para perceber que fora seguido e transformado. A bela Beverly de olhos castanhos (eram realmente castanhos?), com seu cachecol vermelho, poderia facilmente arrancá-lo de suas contemplações. Uma garota jovem, uma fragilidade, simples e verdadeira, que não era capaz de se levantar da banqueta do piano e tinha de ser carregada; uma garota com metade da sua idade; uma garota que não sabia manejar uma pistola, que nunca esteve numa casa de ostras, no alto de uma torre ou debaixo dos ancoradouros; uma garota que era sempre mais quente do que o sol do meio-dia em agosto; uma garota que não sabia de nada. Ela o havia abalado com tanta força que Peter Lake nunca mais conseguiria recuperar o fôlego.

A cidade tirava vidas em um instante, às centenas, sem qualquer preocupação. Ela logo seria sobrepujada em meio aos cortiços, desapareceria sem deixar rastros, derreteria em meio às barreiras, se perderia, exausta, incapaz de segui-lo conforme ele avançasse por entre o labirinto de lâminas. E mesmo assim, aqueles olhos verdes, azuis, castanhos o seguiam por todas as ruas, por todos os caminhos, por toda parte, sem qualquer esforço.

A melhor coisa a fazer era parar enquanto ele ainda era capaz, já que aquilo não o levaria a lugar nenhum, dolorosamente. Mulheres não lhe faltavam naquele mar de arquitetura que se estendia do outro lado do gelo. As mulheres ali, em número aparentemente infinito, eram tão assustadoras e bonitas quanto uma praça verdejante e tranquila no final de uma rua bastante movimentada. Eram capazes de envolvê-lo com sua conversa, mantendo sua atenção como uma pérola num suporte prateado, porque ele sempre achou fácil se apaixonar por uma voz — uma fonte interminável de problemas quando ele usava o telefone. Uma mulher ficou tão consumida pelo ciúme que tentou matá-lo a tiros enquanto ele estava diante do balcão de um restaurante de ostras. Uma bala ficou alojada no mogno, outra matou uma ostra, e outra ainda

conseguiu perfurar a lâmina de uma máquina de fatiar. Peter Lake virou-se para ela e perguntou: — O que isso tem a ver com romance? — Ela e todas as outras desapareciam rapidamente conforme Beverly tomava conta dos seus pensamentos. Essa jovem coloria sua mente e sua memória como se ele houvesse sido arrastado por uma valeta cheia de tintas.

Como ele poderia explicar isso a Mootfowl, que estava sempre presente no ar, como se Peter Lake vivesse em um quadro artístico e Mootfowl fosse uma figura em uma pintura dentro da pintura? Sentado no topo de uma janela em forma de arco sob o sol, olhando fixamente para a capela da vida de Peter Lake, Mootfowl sempre estava disposto a perdoar, mas tinha de ouvir a verdade. E a verdade, aos olhos de Peter Lake, era que a garota era tuberculosa — e não apenas tuberculosa, mas às portas da morte. Ele sabia de coisas assim após viver muito tempo entre as almas escuras ou reluzentes prontas para partir dos telhados dos cortiços e pairar pelo ar. A criança naquele corredor não era a única que ele viu prestes a fazer a travessia entre os mundos. Eram tão numerosas quanto as flores na primavera e podiam ser encontradas aos montes em salões cheios de camas de ferro ou amontoadas sobre si mesmas nos jardins malcuidados dos hospitais para os pobres. Conforme se erguiam rumo ao firmamento, fantasmagóricas, não eram nem capazes de gritar em agonia.

Ela logo se juntaria às almas que desaparecem, com um brilho tênue e diáfano. Como poderia ter certeza de que a amava? Ela era rica, e havia muito a ganhar. Os ricos também morriam, decepcionando todos aqueles que achavam que, de alguma maneira, isso não lhes acontecia. Peter Lake não tinha ilusões sobre a mortalidade. Ele sabia que a morte fazia com que todos fossem perfeitamente iguais, e que os tesouros da terra eram o movimento, a coragem, o riso e o amor. Os ricos não podiam comprar essas coisas. Pelo contrário: estavam à disposição de quem quisesse pegá-las. Embora Peter Lake fosse, de acordo com sua própria perspectiva, um homem bem-afortunado, não era rico. Isso era algo completamente diferente, que dependia unicamente de coisas como

ouro, prata e papéis comerciais (ele já roubara montes de papéis comerciais de bancos: era difícil revendê-los no mercado negro). Beverly era herdeira de uma fortuna que alterava o caráter de um homem que a contemplasse, o tipo de fortuna que era como uma injeção de estimulantes aplicada diretamente na corrente sanguínea. Seu coração batia forte quando ele pensava nos milhões, as dezenas de milhões, as centenas de milhões.

Como poderia explicar ao espírito de Mootfowl que aquilo que o dominou era o amor, e não a cobiça? Ela logo morreria, e ele amaria outras mulheres que, como Mootfowl dizia, agarravam-se ao mundo com mais firmeza. E como ele explicaria a um espírito clerical em uma janela iluminada que sua luxúria e seu amor haviam finalmente convergido e se transformado em uma coisa só?

Ele a tirou de perto do piano em seus braços e a levou, não para a sala de visitas ou ao escritório do seu pai, mas para um quarto. Lá, ele a deitou sobre lençóis brancos, tão frescos e macios como a seda, e observou, maravilhado, enquanto ela removeu a presilha da toalha que a envolvia, e, enquanto se recostava nos travesseiros como se fosse passar por um exame médico, despiu-se. Respirava com dificuldade — resfolegando em febre — e olhava diretamente para a frente. Em seguida, obrigou-se a olhar para ele, e percebeu que ele estava mais assustado que ela.

Ela respirou fundo e umedeceu os lábios. Em seguida exalou, e disse ao homem que estava ao lado da sua cama:

— Nunca fiz isso antes.

— Nunca fez o quê? — retrucou Peter Lake.

— Nunca fiz amor — disse ela.

— Isso é loucura. Você está ardendo em febre. É difícil demais — respondeu Peter Lake, falando quase tudo de uma só vez.

— Vá para o inferno! — gritou ela.

— Mas, senhorita... Não é que você não seja bonita, é que eu...

— Você o quê? — perguntou ela. Metade da sua pergunta era uma súplica, e a outra metade era desgosto.

— Eu invadi a sua casa. — Ele balançou a cabeça negativamente. — Vim aqui para roubar.

— Se você não fizer amor comigo, acho que ninguém fará. Tenho dezoito anos. Nunca fui beijada na boca. Não conheço ninguém, como deve imaginar. Desculpe. Tenho apenas mais um ano. — Ela fechou os olhos. — De acordo com o médico que veio de Baltimore, talvez um ano e meio. Em Boston eles disseram que eu teria seis meses, e isso foi há oito meses. Assim, já faz dois meses que morri — sussurrou ela. — E você pode fazer o que quiser comigo.

Peter Lake, que era ao mesmo tempo corajoso e decidido, pensou por um momento.

— Isso é exatamente o que vou fazer — disse ele ao sentar-se na cama para tomá-la em seus braços.

Ele a puxou para cima de si e começou a beijar sua testa e seus cabelos. No início ela estava entorpecida e chocada, como alguém que começa a cair de uma grande altura. Foi como se o seu coração houvesse parado.

Ela não contava com aquela afeição. Sentiu-se assustada. Ele beijou suas têmporas, seu rosto, seus cabelos, e acariciou seus ombros com carinho, como se ela fosse uma gata. Ela fechou os olhos e chorou, satisfeita pelas lágrimas conforme atravessavam uma cortina escura e rolavam por seu rosto.

Beverly Penn, que tinha a coragem de alguém que sempre é confrontada por coisas de suma importância, não esperava que outra pessoa também se sentisse daquela maneira. Peter Lake parecia amá-la exatamente da mesma maneira que ela amava tudo o que sabia que viria a perder. Ele a beijava, a acariciava e falava com ela. Ela ficou surpresa com o que ele dizia. Peter Lake lhe falou sobre a cidade como se ela fosse uma criatura viva, pálida e rosada, que tinha uma virilha, sangue e lábios. Contou-lhe sobre a primavera na rua Prince, sobre os becos estreitos cheios de flores,

protegidos por árvores, tranquilos e escuros. Contou-lhe sobre as cores dos casacos e as roupas, sobre os palcos e sob todos os tipos de luzes, e que seus movimentos aleatórios lhes davam vida.

— A rua Prince — disse ele — é *viva*. Os prédios são tão corados quanto a pele das pessoas. Eu os vi respirar. Juro. — Ele até mesmo chegava a se surpreender.

Conversou com ela por horas. Falou até sua boca ficar seca. Ela se recostou sobre os travesseiros, contente em estar nua na frente dele, relaxada, tranquila e sorridente. Ele falava sobre colinas. Falava sobre jardins. O que ele dizia era tão gentil, forte e cheio de contrapontos e rimas que ele próprio não tinha certeza se estava cantando ou não. E, muito tempo antes de esgotar seus assuntos e sentir-se exausto, ela havia se apaixonado por ele.

Sua febre havia diminuído o suficiente para que pudesse sentir o frescor do quarto. Depois de um confortável momento de silêncio que fazia os ouvidos zunirem, ele se curvou sobre ela e, ao beijar-lhe os seios, ficou tomado por um desejo gracioso e móvel. A pele de Beverly estava fria ao toque, e, embora conseguisse imaginar com uma precisão invejável tudo o que eles fizeram na pressa de descobrir um ao outro, não fazia a menor ideia do poder e do êxtase no qual estavam unidos. Era como se estivessem separados há mil anos e não pudessem voltar a se encontrar por outros mil. Mas agora, com um peito contra o outro, braços ao redor de braços, alucinados e leves, sentiam-se como se estivessem girando em uma nuvem.

Como ele explicaria ao etéreo Mootfowl que, quando a febre de Beverly Penn retornou e ela começou a delirar, implorando a Peter Lake que se casasse com ela, ele pensou em fazer aquilo rapidamente para que a garota não tivesse tempo de mudar de ideia? Ela não viveria por muito tempo, e ele estava pensando no dinheiro. Em seguida, ele chorou. Entorpecida pelo sono, ela nem percebeu. Na manhã seguinte, ela estava no degrau mais baixo da escada, despida de todos os seus poderes, os quais ele levou embora com uma indiferença completa, como se, na enorme cama

branca, os dois houvessem trocado sua substância e seus espíritos. Sabia que ela havia lhe dado tudo que tinha, e, quando a deixou, estava pensando em tornos mecânicos, máquinas e medições complicadas, coisas que eram fresadas com precisão, com superfícies tão lisas quanto o vidro ou latão polido.

Estava apaixonado por ela, estava abalado por ela ser filha de Isaac Penn, e as duas facções travavam uma guerra encarniçada. No canto mais claro da pintura, Mootfowl parecia estar se divertindo, o que alegrava Peter Lake, que pensou que era culpado por alguma enorme transgressão. Mas o riso e a cor na janela iluminada no canto da sua visão sugeria que as coisas realmente não eram assim.

E então ele viu uma estranha nuvem branca movendo-se sobre a face dourada dos penhascos da cidade, ao pôr do sol. Ela mudava de forma e volume conforme voava por cima das torres, como um fantasma brincalhão. Sabia o que era — pombos, milhões de pombos, em uma nuvem eletrizada pelo reflexo. Avançavam sobre a linha do horizonte como partículas de fumaça num movimento browniano aleatório, apanhadas de maneira brilhante em uma câmara escura por uma pincelada firme de luz que reverberava entre um céu e um piso de metal amarelado. Ao lado dos corpos dos prédios, eles eram como migalhas, ou flocos de neve, confetes, poeira... mesmo assim eram uma única revoada, erguendo-se como uma pluma no vento.

Ao ver aquilo, Peter Lake sabia que a cidade tomaria cuidado, pois era um portal mágico pelo qual aqueles que adentravam sentiam desejos inocentes, absorvendo cada esperança, mostrando uma coragem tocante — e tudo com boas razões. A cidade tomaria cuidado. Não havia escolha. Era preciso confiar no sonho arquitetônico que se descortinava à sua frente, tão compacto quanto um motor, sólido e preciso, brilhando sobre o gelo cintilante. Ele voltou a se deitar, resignado a não saber a cor dos olhos de Beverly até que a visse outra vez.

E foi então que se sentiu tomado por uma emoção súbita. Foi como se mil relâmpagos convergissem para elevá-lo aos céus. Tudo o que ele via ficou azul, azul elétrico, azul morno, reluzente e úmido, azul sem fim, por toda parte, azul que brilhava e o fez chorar, azul, azul, os olhos da garota eram azuis.

LAGO DAS COHEERIES

No inverno, o Lago das Coheeries era o cenário de um cerco militar. Nenhum motor renascentista arrotando fogo ou lançando pedras era capaz de acompanhar o ritmo de uma nevasca do inverno de Nova York, e o inverno ali castigava a terra tão rudemente quanto a roda propulsora em um dos enormes barcos brancos que passavam pelo lago em tempos antigos. Batalhões de nuvens árticas vinham do norte para bombardear o estado com neve, para tingi-lo de branco como o marfim novo, para cobri-lo com as geadas que permaneceriam por ali de setembro a maio. Perdida no meio desse cerco branco havia uma pequena cidade às margens do Lago das Coheeries, que, em comparação com o lago infinito, estonteante e incrivelmente grande que, de acordo com algumas pessoas, se estendia até a China, era do tamanho de uma caixa de sapatos.

O próprio lago devorava toda a neve até o meio de dezembro. Em seguida, depois que congelava, a neve varria sua superfície em rajadas e criava um labirinto de corredores largos o bastante para lanchas capazes de abrir caminho por entre o gelo, com paredes de neve mais altas do que as margens de alguns canais. Era possível ver os mastros dos barcos que atravessavam o gelo correndo pelos topos. Às vezes alguma alma corajosa subia em um balão para guiar uma equipe de homens armados com pás para cortar as paredes do labirinto, de modo que as lanchas pudessem encontrar um caminho menos tortuoso de um lado do lago até o outro. Mas, dentro de uma semana ou menos, o labirinto voltaria a se fechar devido à mudança dos ventos e aos blocos de gelo à deriva, e os barqueiros teriam novamente de adivinhar qual caminho seguir, chamando uns aos outros e, às vezes, interromper a navegação e escalar um bloco de gelo para olhar ao seu redor. E então, quando o

inverno realmente chegava, em janeiro, a neve cobria o lago completamente, fazendo com que fosse necessário usar cavalos e trenós para atravessá-lo.

Naquele dezembro, o gelo estava vazio e imaculado, perfeito como um espelho, e as lanchas corta-gelo capazes de enfrentá-lo eram capazes de passar por cima dele como gaivotas e mergulhões. Abriam caminho pela superfície vítrea e perfeita como as lâminas dos cortadores de vidro. A família Penn cruzou o lago a mais de cento e vinte quilômetros por hora. Willa estava embasbacada. Enquanto a segurava no colo, de frente para o vento, Isaac Penn explicava. Era o estilo holandês — como se dizer isso pudesse representar a velocidade, o deslizamento, as grandes lâminas que cortavam o gelo para abrir caminho. Mas Willa aceitava tudo sem questionar. Não precisava mais imaginar o que era. A ideia estava dentro da sua própria meia de lã. Alegria, velocidade, horizontes marinhos e gelo azul eram o estilo holandês, e a criança se agarrava com força à magia das palavras.

Não era assim para o funcionário do telégrafo que chegava com uma mensagem para Isaac Penn e atravessava rapidamente o gelo no escuro, dirigindo-se para a margem leste, onde um grupo de luzes marcava a casa de veraneio da família Penn, iluminada com as festividades do Natal. O homem do telégrafo segurava suas cordas com firmeza em luvas de pele e couro. Suas mãos estavam rígidas pela exaustão, os braços quase caindo de seu corpo, o rosto contorcido na tentativa de encontrar o caminho mais curto para atravessar os blocos de gelo negro. No início, as luzes pareciam não se aproximar. Em seguida, foram ficando gradualmente maiores até que, no final, parecia estar chegando perto delas mais rápido do que a velocidade da luz. Teve de controlar sua lancha corta-gelo como se fosse um cavalo — afrouxando as cordas da vela, arrastando o freio e depois erguendo-o para dar a volta. Fez com que sua embarcação se arrastasse vagarosamente pelos últimos quinhentos metros antes de chegar ao atracadouro da família Penn, e vez por outra ele ainda apalpava o telegrama em seu envelope

amarelo, para ter certeza de que o vento não o havia arrancado do seu colete.

Isaac Penn era conhecido por suas depressões lúgubres, melancolias profundas, momentos de equilíbrio celestial e voos loucos de felicidade e alegria. Seu humor infectava todos ao seu redor. Quando Isaac Penn estava triste, o mundo era mais cinzento do que as árvores sobrecarregadas pelo volume das chuvas em Londres. Quando Isaac Penn estava alegre, todos os cômodos ganhavam vida com o ribombar dos timbales e metais; um mercado medieval do coração; a região do Meio-Oeste americano em maio; revoadas de pássaros; era o riso de Willa ecoando pela casa, caprichoso e presente como a arrebentação das ondas. Naquela noite, no Lago das Coheeries, a casa de veraneio brilhava tanto quanto uma vela em um copo de papel. Era a noite anterior à véspera de Natal, e Isaac Penn saltava de um lado para outro como um cabrito ensandecido. Dançava com Willa, curvando-se exageradamente; praticava boxe com Harry; dançavam e rodopiavam em frente à lareira, após enrolarem o tapete e levá-lo para longe — os criados também, e os vizinhos mais próximos, a família Gamely.

Joelhos se erguiam no ar, seguidos por calças de dança e pernas parecidas com fantoches. Vestidos se contorciam sob a luz amarela, alegres com o torque e a pujança. Havia rum, champanhe, bolos e carne assada por toda parte. (Bem, não exatamente por toda parte; não havia nada disso dentro da lareira, em cima da harpa ou grudado ao teto). A casa estava quente e iluminada. Até mesmo os gatos dançavam.

O homem do telégrafo bateu à porta. Quando ela se abriu, ali estava ele, coberto com o gelo e a neve, um arbusto no meio do inverno. Quando entrou, ele protegeu os olhos da luz, que o atacou como se fosse a batida de um tambor, e caminhou pelo ambiente como se fosse um carrapato, fazendo pequenos círculos, até parar, teimosamente. Deram-lhe um copo de ponche de abróteas, e,

enquanto os cristais de gelo do seu bigode derretiam sobre o líquido e o enorme órgão de circo tocava “Turkey in the Straw”, ele disse:

— Telegrama.

Ele ficou bastante surpreso — até mesmo assustado — pela reação da família. Eles dançavam e aplaudiam como um bando de lunáticos.

— Tudo o que eu disse foi “telegrama” — protestou ele. — E não a “Segunda Vinda de Jesus Cristo”.

— Deus o abençoe! — gritaram para ele e o aplaudiram ainda mais, atordoando o homem que acabara de passar uma hora negra cruzando rapidamente o gelo como se fosse um espírito. — Um telegrama! Um telegrama!

Lunáticos, pensou ele consigo mesmo. Lunáticos típicos da cidade grande. Em seguida, entregou-lhes o telegrama.

Harry o leu: “Não posso comparecer Lago das Coheeries Natal. Passarei Natal dançando Mouquin’s com Peter Lake. Amo todos vocês. Minha vida está iluminada. Beijo especial para Willa. Beverly”.

Isaac Penn, no meio da sala, olhava confuso enquanto a música dançante continuava a tocar. Mouquin’s? Como Beverly poderia dançar no Mouquin’s? O lugar era abafado e abarrotado de gente. O que ela planejava fazer? E quem, diabos, era Peter Lake?

Peter Lake estava tomado pelo medo quando, pouco antes do Natal, levou a si mesmo e o cavalo branco (ou, como agora o chamava, Athansor) até a casa da família Penn, no alto do flanco noroeste do parque, coberto pelas nuvens. Suas lembranças mais intensas de Beverly não eram dos estonteantes momentos de amor, e não a maneira como ela o havia transformado, mas a aparência que ela tinha quando ele foi embora. Estava em pé na base da escada, sob a forte luz do norte que se suavizava nas névoas douradas dos seus cabelos desgrenhados. Olhava para ele com uma simplicidade inigualável. Sua expressão não dizia nada, não refletia nada. Não

havia nenhuma ambição por ele, nenhuma armadilha, nenhum plano. Nem mesmo afeição. Talvez estivesse cansada demais para fazer qualquer coisa além de olhá-lo sem qualquer pensamento. Não havia barreiras entre eles naquele momento, e ele sempre se lembraria dela, sozinha, ao pé da escada, prestes a ascender até o topo gelado da luz que se quebrava como as ondas contra seus cabelos. Assim era Beverly.

A casa onde ela vivia não era adequada a essa simplicidade arrebatadora, pois era um arroubo de extravagância, genialidade e risos. Era mais forte do que o casco adernado de um navio, recheada de barreiras e impedimentos, e tão convidativa quanto a guirlanda verde pendurada na porta da frente. A porta de entrada era azul-clara, um tom quase cinzento. Se Pearly passasse por ali, pararia para ver. — Sei como essas coisas funcionam — disse Peter Lake em voz baixa, conversando com a guirlanda. — Foi rápido demais, rápido demais. Uma conversa tão rápida fatalmente terá um final confuso. Ela estará muito envergonhada para me ver. Não vai conseguir olhar para mim. Depois, ficará furiosa. Quatro minutos depois, estarei no olho da rua outra vez.

A porta se abriu para fora, o que foi uma surpresa, pois as portas de entrada geralmente se abrem para dentro. A surpresa ficou evidente em seu rosto. Assim, Jayga disse:

— O Sr. Penn diz que as portas devem se abrir para fora, como uma fenda num papagaio ou algo assim. Ele diz que gosta de encher a casa de pessoas como se estivesse enchendo um bosque de bonecas. Não sei o que ele quer dizer com isso, mas as portas abrem para fora. O que deseja? — Ela o olhou dos pés à cabeça. — Não temos vagas para criados.

— Beverly.

Jayga olhou para um lado e para outro, e disse:

— Ah, Senhor! — Pensando que era capaz de fazer o relógio voltar no tempo, perguntou: — O que deseja? Não temos vagas para criados.

— Beverly — respondeu Peter Lake, calmamente.

— Beverly? Que Beverly?

— Beverly Penn.

— A Senhorita Beverly Penn? A Senhorita?

— A Senhorita Beverly Penn? — repetiu Peter Lake. — A Senhorita.

— Você? — perguntou Jayga, espantada. — Você não parece ser um dos rapazes de Harberd.

— Não sou um dos rapazes de Harberd. Sou igual a você, está entendendo?

Tremendamente incomodada, Jayga o levou até o telhado, onde Beverly estava deitada em uma espreguiçadeira, com o rosto voltado para as nuvens. Parecia estar quase quente na plataforma protegida, e ela parecia estar mais descansada e mais forte do que estava quando ele a conheceu. Na verdade, ela era um estudo em equanimidade, tão tranquila quanto o cinza firme e discreto das nuvens baixas que cobriam o céu. Era muito bonita. Sugeria-lhe as qualidades de força e certeza que ele, um homem que estava sempre em fuga, mais desejava. Fazia-o sentir que suas batalhas haviam ficado para trás, e lhe causava, pela primeira vez, o desejo de se casar. Ele gostava de pensar no belo casal que imaginava que formariam. Isso e muito mais, apenas com um olhar.

Jayga voltou para dentro da casa, toda agitada, como geralmente acontece com os criados quando estão a serviço de seus patrões. Peter Lake sentou-se em uma espreguiçadeira sem forro em frente à que Beverly ocupava. Seu casaco, da cor de carvão, fazia ondas e voltas ao redor dos seus joelhos. Se tivesse um chapéu (ele não usava chapéus), ele o tiraria. A cidade estava se preparando para o Natal. Embora os dois pudessem sentir a tensão que crescia, havia paz.

Foi então que uma coisa rara ocorreu, algo com que homens e mulheres às vezes sonham. Tiveram uma longa conversa em total

silêncio, discernindo emoções, planos, exclamações, piadas, opiniões, risos e sonhos — rapidamente, silenciosamente, inexplicavelmente. Seus olhos e rostos se moviam tanto quanto a luz que incide sobre um banco de areia manchado quando a água limpa passa por cima dele. Peter Lake às vezes roubava diamantes enormes; brancos, amarelos ou rosados. E, durante as belas horas que antecediam seu encontro com o receptador, ele passava muito tempo encantado pela luz que dançava por eles. Os diamantes, assim como Beverly e Peter Lake, eram capazes de falar em silêncio.

Muito daquilo era estranho, não pela sua substância, mas pela maneira que era comunicado, passando entre eles sem resistência. Sim, estavam extasiados pela imagem um do outro à luz do dia, e receber um presente maior do que até mesmo a lembrança podia oferecer era uma surpresa agradável. Declararam um ao outro que estavam apaixonados. O casamento parecia ser uma ideia excelente. Com o que teriam que se preocupar em termos de obstáculos imprevistos, já que Beverly provavelmente não duraria mais um ano?

— Mouquin’s? — perguntou Peter Lake, quebrando o silêncio. — Não posso ir ao Mouquin’s.

— Mas eu quero — disse Beverly, desconsiderando completamente a objeção de Peter Lake, tagarelando egoisticamente enquanto desciam as escadas. — Posso usar o vestido da minha mãe. As roupas que ela tinha, agora, são o ápice da moda. Tenho o vestido de seda azul e branco que pertenceu a ela.

— Que ótimo — respondeu Peter Lake. — Isso é ótimo. Mas...

— E o Mouquin’s, pelo que me dizem, é um prédio amarelo de madeira que, por fora, parece ser uma pensão comum, mas o interior é decorado como um salão de bailes francês, com balaustradas de mármore, canteiros de samambaias, uma orquestra, pessoas indo e vindo e dançando. Elas dançam como se

não houvesse ninguém ali — as pessoas que estão apaixonadas. E todos se vestem com muita elegância. Foi o que meu pai disse. Disse que o que torna o lugar tão maravilhoso e tão feliz é o fato de ter uma atmosfera triste.

— Uma atmosfera triste, com certeza. Uma atmosfera verdadeiramente triste, especialmente para mim. Não posso ir ao Mouquin's. O Mouquin's é o lugar onde Pearly Soames praticamente mora — disse Peter Lake, acomodando-se em um sofá de veludo marrom na biblioteca. Em seguida, contou a ela como Pearly Soames jurou lhe trespassar o corpo com uma espada, e que, apesar da banalidade e do seu andar desengonçado (Pearly frequentemente batia a cabeça nas coisas, tropeçava e fechava as portas nos próprios dedos), ele honrava suas promessas e era capaz das proezas mais extraordinárias. — Já estive no Mouquin's, sabe? Não é tão bom assim. Pelo menos, não parece um lugar pelo qual valha a pena morrer.

Beverly deitou-se sobre o veludo marrom e fechou os olhos. O calor estava começando a deixá-la cansada, de uma maneira bela e ligeiramente controversa. Jayga tentava se ocupar na cozinha, mas não conseguia resistir à tentação de espioná-los, e, a cada minuto, ia até a abertura sobre uma mesinha de canto para espiar pelo corredor longo e escuro que levava à biblioteca, com suas paredes vermelhas e luminárias brilhantes. O Mouquin's dançava diante dos olhos de Beverly em uma visão que não sugeria nada menor do que um novo mundo, uma Páscoa russa silenciosa e coberta de neve comprimida na câmara transparente de um ovo esculpido em alabastro, uma espécie de paraíso em miniatura que, se adentrado, poderia ser o cenário de alguns milagres. Pensava, de maneira imprudente, que dançar no Mouquin's poderia lhe arrancar a doença, inundá-la com uma luz devastadora e lhe dar uma cortina de tempo e beleza pela qual poderia passar para o outro lado, onde não haveria coisas como a febre, e onde aqueles que se amavam viveriam para sempre. As dificuldades de Peter Lake com Pearly não pareciam ter muita importância.

— Não consigo imaginar que Pearly lhe faria mal enquanto você estiver dançando comigo.

— Tem certeza?

— Sim. Tenho uma convicção muito forte, embora não saiba o motivo, de que você estará a salvo comigo, em qualquer lugar; até mesmo no Mouquin's, até mesmo no quarto onde Pearly dorme, até mesmo nas tumbas mais escuras.

Peter Lake estava admirado — não somente pela presunção de que ela era capaz de protegê-lo, mas porque ele, por algum motivo, acreditava nela.

— Prefiro não colocar seus poderes à prova, se você não se importa — disse ele, de qualquer modo, para tentar garantir sua própria segurança.

— Eu quero ir ao Mouquin's! — Beverly gritou tão alto que Jayga pulou com o susto, batendo a cabeça em um caldeirão que estava pendurado sobre si. Como não podia gritar de dor, começou a saltar de um lado para outro sem parar, como se estivesse executando passos de dança.

— Estou lhe dizendo que nada de ruim vai acontecer lá. O risco é maior para mim: entrar em uma charrete usando uma montanha de roupas pesadas para dançar, beber, sentar em um salão quente, tenso e feliz. Pearly não vai encostar um dedo em você.

Ele acreditou naquelas palavras. Quando ela estava cansada, era mais estranha do que um oráculo, entoando certezas e presságios; era insistente, egoísta e delirante. Ela voltou a se recostar, exausta. Ele só conseguia ouvir o som da sua respiração, o pêndulo de um relógio, e um ruído rítmico e surdo que vinha da cozinha. Dançar com Beverly no Mouquin's deixaria Pearly louco. E, se não deixasse, menos mal. Seria um belo final. Ele beberia bastante champanhe, e todo o mundo da alta sociedade, o mundo belo e o mundo baixo que se mesclava livremente no Mouquin's testemunharia sua morte. Que diabos, pensou ele. São os acontecimentos súbitos que indicam que você está vivo.

— Tudo bem — concordou ele. — Irei com você ao Mouquin's. Mas vamos esperar até a véspera do Ano-Novo, quando estarão com uma festa tremenda.

— Ótimo — respondeu ela. — Assim, teremos tempo de ir até o Lago das Coheeries, onde minha família está. Quero ver meu pai e Willa. Quero que você os conheça.

Ela parecia estar fraca, quase adormecendo. Ele perguntou a si mesmo no que estaria sendo envolvido por esta bela jovem que frequentemente falava como se recitasse um testamento. Não tinha ideia de aonde aquilo poderia levá-lo, mas sabia que a amava.

— Para o Lago das Coheeries? — perguntou ele. — Bem, está decidido, então. Vamos ao Lago das Coheeries.

— Fico feliz — disse ela, tão baixo que ele mal pôde ouvi-la.

Um pequeno pinheiro estava preso à chaminé negra do barco de Albany. Seus ramos estavam curvados para trás pela constante batalha contra o vento. Mas não tinha importância; ainda era uma árvore de Natal. Peter Lake e Beverly entraram num porão escuro onde Athansor ficaria em um estábulo confortável com outros dois ou três cavalos, e onde o trenó seria preso ao convés. Luzes elétricas transparentes subitamente se acenderam quando o gerador foi ligado aos motores recém-acionados. Peter Lake e Beverly, ele com um casaco cinza e ela com roupas forradas com pelo de marta que valiam uma pequena fortuna, subitamente ficaram visíveis um ao outro. Ele se satisfez ao perceber que Athansor estava sob bons cuidados e tomou o braço de Beverly para levá-la à cabine na parte superior do navio — não que ele soubesse para onde iria, embora ela soubesse. Já havia ocupado aquela cabine mais de cem vezes.

Logo antes de entrarem, Peter Lake olhou para a doca por cima da amurada. Mascates vendiam pães quentes, nozes, chá e café.

— Seria bom eu buscar pão e chá para a viagem. Não, o chá vai esfriar. Imagino que seria melhor pegar cerveja.

— Não é necessário — respondeu ela.

— Por quê? Temos que comer.

— Há um restaurante a bordo, e, se você quiser, pode chamar um criado às quatro da manhã e pedir ostras assadas, rum quente, costelas de boi, e tudo mais que tiver vontade.

— Nesse caso — respondeu Peter Lake —, danem-se as nozes.

A cabine estava instalada em dois conveses. No andar inferior havia uma enorme mesa de jantar sobre a qual havia um lampião a óleo suspenso por cabos (deixado ali, após a eletrificação, a pedido de Isaac Penn), camas, beliches, uma escrivaninha, um sofá e um banheiro completo. No andar de cima havia outra cama e algumas poltronas de couro colocadas diante de uma vidraça apontada para estibordo. Como o navio sairia ao meio-dia para subir o rio, a vidraça de estibordo mostraria todos os detalhes que o sol poderia iluminar.

— Esta é a nossa cabine — disse Beverly. — O *Brayton Ives* traz o papel de jornal de Glenn Falls para o *The Sun*. O navio ganha um bom dinheiro com a venda do papel, então eles reservam esta cabine para a nossa família usar quando quiser. Temos que pagar, mas o preço é o mesmo de uma cabine comum. São pequenas, mas são muito boas. Certa vez, quando éramos crianças, Harry e eu ficamos em uma, porque havia tantos membros da família Penn subindo o rio que todas as camas foram tomadas.

O navio recolheu as cordas e moveu-se rumo ao canal que estava livre do gelo. Sem tirar os casacos, eles caíram em uma das camas e se beijaram durante todo o trajeto até Riverdale. Mesmo com o ribombar dos motores, os dois eram capazes de ouvir as bandas marciais na região de Upper West Side, e o canto suave dos corais que vinham das igrejas menores. Mas não se levantaram até chegar a Riverdale, quando saíram para o convés e viram as terras ermas. Penhascos esbranquiçados, colinas baixas, árvores congeladas e cintilantes e o Tappan Zee ao longe, alargando-se como uma rota

para os polos, foram o Natal deles, e os sons quentes e rítmicos do motor do navio foram a música natalina.

Em Tarrytown, o sol poente deixou os telhados, torres e prédios de tijolos na colina vermelhos e alaranjados como frutas tropicais. Quando passaram por Ossining, a noite começava a cair e os campos cobertos de neve estavam tingidos de azul e violeta. Todas as casas de Ossining foram construídas nas encostas das colinas, brilhando como vagalumes com suas luzes internas conforme as famílias felizes e as infelizes, assim como aquelas que não eram nem uma coisa nem outra, se reuniam ao redor dos jantares da véspera de Natal, no estilo holandês. E, sem dúvida, havia alguns garotos que ainda estavam nos açudes, correndo no meio da quase escuridão pelas alamedas desobstruídas que se estendiam como cânions gelados por entre as muralhas de carvalho e taboas. O rio, em Ossining, era tão amplo, belo e tranquilo, a geleira em Croton Bay, tão infinita e ártica, as montanhas ao norte, tão montanhescas, as florestas na margem leste, tão belas, os campos e pomares, tão convidativos com as luzes de belas casas ao seu lado ou nos vales entre as colinas que Peter Lake e Beverly permaneceram no convés, embora o vento deixasse seus rostos congelados e entorpecidos.

A baía de Haverstraw estava relativamente desimpedida, mas o canal estava pontilhado por enormes blocos de gelo contra os quais a proa revestida de ferro do *Brayton Ives* se chocava com força quando avançava. A cada vez que isso acontecia, era como se dez mil sinos rolassem por uma escadaria. Isso combinava bem com a enorme pressão do vento, o ruído estrondoso do motor e as explosões aleatórias do apito de vapor. Peter Lake e Beverly, com os rostos castigados e ardendo sob o vento norte, observavam o navio arrebentar um bloco branco após o outro, transformando-os em confetes flutuantes ou simplesmente quebrando-os ao meio.

As montanhas ao redor das quais o rio fluía, agora esbranquiçadas pelo inverno, eram, no verão, colinas verdes e baixas, ou altos picos marrons cobertos por árvores mortas por

relâmpagos, nas quais exércitos de águias construíam seus maiores ninhos. A pouco menos de meio dia de distância de Nova York havia vales sombrios, tão escuros e desertos que poderiam estar nas fronteiras do oeste. Não se via nenhuma luz ao norte de Haverstraw e Verplanck, onde os barcos corta-gelo reinavam, e todos já estavam na cama ou ao redor da lareira, com os lampiões apagados. As colinas estavam estéreis, a água estava negra, o gelo, engrossando a cada quilômetro que o *Brayton Ives* vencia. Mas o navio continuava a quebrar os blocos de gelo; quanto maiores ficavam, com mais força ele lutava.

Dormiram em meio a uma noite onde o navio batia nos blocos de gelo e se movia quase aos saltos, e sonharam que circulavam ao redor da terra como se fossem anjos, com os braços abertos para guiar seu voo. Às vezes a vidraça era encoberta pela fumaça, fazendo seus olhos sonolentos arderem, mas logo se desvanecia outra vez, e eles se viam bem alto sobre o mar, ou assobiando sobre alguma cordilheira escura no interior da Ásia central. Até que, sentindo-se como se houvessem passado a vida inteira quebrando o gelo do rio, acordaram em uma manhã de temperatura abaixo de zero e com uma enorme comoção no convés.

— O que temos para queimar? — gritava o capitão, na casa de máquinas.

— Carvalho e pinheiro, senhor — respondeu um marujo na proa, que estava coberta de neve. — E um carregamento de mogno — acrescentou ele em seguida, como se não houvesse se lembrado daquilo a tempo.

— Comece com o pinheiro. Cubra-o com o carvalho. Se não conseguirmos toda a potência do vapor, jogue o maldito mogno também. Vamos pagar por ele.

O *Brayton Ives* chegara a Conn Hook, onde o rio estava tão estreito que parecia uma enorme estrada de mármore. Tinham que subir sobre o gelo quebradiço (como se a embarcação fosse um pato mecânico subindo pela margem de uma lagoa) e quebrá-lo

com o enorme peso do navio. Não era apenas navegação fluvial; era uma guerra contra o inverno.

O navio retrocedeu por um bom trecho das placas de gelo estraçalhadas que havia acabado de quebrar, e repousou enquanto a madeira se movia em uma corrente, passando de mão em mão até chegar à boca da caldeira. As fornalhas gritavam com o calor, e era possível ouvi-las pelos campos. A pressão crescia. O engenheiro-chefe vigiava suas válvulas, acompanhando o movimento do ponteiro. Três colunas de água colorida mostravam faixas vermelhas de aviso. Ele prendeu a respiração: — 1.750 — 1.800 — 1.850 — 1.900 — 1.950 — 1.975 — 2.000! — Empurrou a alavanca e o navio avançou a toda a velocidade, questionando-se se as máquinas aguentariam o esforço ou redundariam em outra explosão fatal no meio do rio.

Engrenagens e válvulas começaram a girar até ficarem quase invisíveis. As chaminés começaram a soltar fumaça, mesmo que os grumetes as encharcassem com baldes de água fria. As pás do motor começaram a girar, escavando uma valeta na água do rio e vaporizando-a como uma serra. O *Brayton Ives* percorreu a distância até o gelo como uma bala de canhão e bateu contra o bloco. Com um movimento lento, mas irrefreável, o navio subiu sobre o gelo e atravessou trezentos metros com o impulso. Centradas no canal como antes, as pás do motor lascavam o gelo como serras enlouquecidas, o *Brayton Ives* deslizou por uma distância tão grande e estava tão longe da água que os membros da tripulação, o capitão, Peter Lake e Beverly estavam agora no terceiro convés, que se inclinava, sem saber direito o que havia acontecido ou onde estavam.

— Vamos explodir! — disse o engenheiro-chefe ao puxar a válvula de segurança, e uma torrente de valor foi lançada aos céus sobre o Hudson com um sibilar que podia ser ouvido até do outro lado do lago Champlain. Conforme o sibilo perdeu força, eles se viram com o navio inclinado, encalhado sobre o gelo. Os propulsores pararam de girar. O caminho aberto sobre a água,

agora, estava tão distante que não eram mais capazes de vê-lo. O *Brayton Ives* parecia um navio de brinquedo em uma vitrine de inverno.

Um homem perto da proa começou a se mover, mas o capitão fez um gesto mandando-o parar. Como todos os outros, o capitão estava escutando. Os olhos corriam do rio branco para o mestre do navio, que estava com as mãos erguidas. Um minuto se passou, depois dois, três e quatro. Depois de cinco minutos, os descrentes tinham certeza de que o capitão havia encalhado o navio até que um caixote de dinamite pudesse ser trazido de West Point. Mas o capitão permaneceu na ponte de comando, com as mãos ainda na mesma posição, escutando.

— Olhe — disse Beverly. — Ele está sorrindo. — O capitão abrira um sorriso satisfeito, e seus braços caíram ao lado do corpo. A tripulação no convés pensou que ele estava assumindo a derrota com humor, e começou a rir. Ele fez um sinal negativo para eles com o dedo, e olhou por cima das suas cabeças.

Todos os olhos no navio se voltaram para o norte, de onde um ruído parecido com um longo estalar do chicote ecoava pelo vale. Uma linha negra que dividia o gelo se aproximava deles. O capitão já sabia o que iria acontecer muito antes de qualquer outra pessoa (afinal, era por isso que ele era o capitão). Em seguida, o mundo pareceu desabar quando o rio solidificado se abriu em dois por vários quilômetros, e o navio caiu com um enorme estrondo sobre um canal de águas livres. Um caminho estava aberto à sua frente, estreito e livre como uma vaga num atracadouro. A caldeira voltou a queimar o vapor e o navio procedeu tranquilamente para o norte, onde parecia não haver pessoas, mas somente montanhas, lagos, estepes com capim alto cobertas de neve e os deuses do inverno brincando com tempestades e estrelas.

Jayga observou enquanto Peter Lake e Beverly carregaram o trenó com suas malas, prenderam Athansor a ele e partiram, enrolados em casacos de pele. Um minuto depois, ela correu para a delegacia

de polícia para ensurdecer o sargento de plantão com um conto digno de uma das tragédias de Shakespeare que viu ser declamada em alguma cervejaria. Era um cruzamento distante entre *Otelo, Rei Lear, Hamlet* e *When We Were Young in Killarney, Molly* recitado com uma combinação de velocidade e eloquência, impetuoso demais para se ater às regras da gramática.

— A jovem senhorita e seu cisne se escafederam — disse Jayga ao sargento. — Eu sabia que ele não era de qualidade. Diabos, ele fica acordado a noite inteira, fica sim! Empreste-me seus ouvidos! Oitenta e vinte e nove anos atrás! Eu me lembro do forcado do seu rabo quando ele foi lançado ao léu, coberto com robes de cetim e mantas de seda. Não tendes vós um arroubo?

— O que foi? — quis saber o sargento. — Você veio aqui para denunciar um roubo?

— Diabos, estou sim! Maldito seja o seu rosto, rebento de uma meretriz!

Ela pensava que, se tivesse que falar com a polícia em nome da família Penn, aquela seria a maneira correta de fazê-lo. E assim foi, conforme Jayga inventava detalhes que atraíram o sargento para si até que sua barriga cobriu o livro de registros da polícia como um pequeno rinoceronte reclinando-se sobre uma bíblia de bolso. Peter Lake tinha estranhos olhos vermelhos. Relâmpagos dançavam ao redor do seu chicote. O cavalo era capaz de voar (ela o vira no ar, circulando ao redor da casa, enquanto seu dono estava ali dentro). Implorando à sua patroa que ficasse, ela se agarrou aos seus calcanhares e jogou-se na frente do trenó, mas não conseguiu impedi-la de ir embora. Depois de meia hora daquele berreiro, quando a história terminara, Jayga exclamou:

— Oh! Deixei meus biscoitos no forno! — e desapareceu da delegacia tão rapidamente que o policial pensou que havia sonhado com ela.

Telegramas disparavam entre o *The Sun* e o Lago das Coheeries, indo e vindo. O homem do telégrafo trabalhou mais naquele Natal

do que jamais havia feito, e criou uma trilha com a lancha corta-gelo para atravessar o lago que era mais reta que o cano de um rifle Sharps.

BEVERLY DESAPARECEU PONTO JAYGA DIZ QUE FUGIU COM NAMORADO PONTO AGUARDO INSTRUÇÕES PONTO

O QUÊ PONTO DE INTERROGAÇÃO PONTO DE EXCLAMAÇÃO ENCONTRE-A PONTO OLHE O TELHADO PONTO OLHE EM TODOS OS CANTOS PONTO

TODO MUNDO PROCURANDO EM TODOS OS LUGARES PONTO NÃO CONSEGUIMOS ENCONTRÁ-LA PONTO AGUARDO INSTRUÇÕES PONTO

PROCUREM COM MAIS EMPENHO PONTO

AINDA NÃO CONSEGUIMOS ENCONTRAR BEVERLY PONTO

OLHEM TUDO PONTO

ONDE FICA TUDO PONTO DE INTERROGAÇÃO PONTO

QUER QUE EU DIGA EM DETALHES PONTO DE INTERROGAÇÃO PONTO

SIM PONTO

HOSPITAIS HOTÉIS GALPÕES RESTAURANTES CONFEITARIAS PASSARELAS ESTÁBULOS NAVIOS CARGUEIROS LEITERIAS FEIRAS LIVRES CERVEJARIAS ESTUFAS ABATEDOUROS CASAS DE BANHO MERCADOS DE GALINHAS ESCRITÓRIOS DO GOVERNO LOJAS DE VAREJO GALPÕES DE SOLDADORES GARAGENS INDUSTRIAIS GINÁSIOS FORJAS ESCOLAS ESTÚDIOS DE ARTE AGÊNCIAS DE EMPREGO PALÁCIOS DE DANÇA BIBLIOTECAS TEATROS BARES DE OSTRAS OLARIAS QUADRAS DE SQUASH GRÁFICAS CASAS DE LEILÃO LABORATÓRIOS CABINES TELEFÔNICAS ESTAÇÕES DE TREM SALÕES DE BELEZA NECROTÉRIOS ANCORADOUROS ARMORIAIS CAFETERIAS CLUBES FORNOS INDUSTRIAIS MUSEUS DELEGACIAS DE POLÍCIA VELÓDROMOS CURTUMES CADEIAS BARBEARIAS SALAS DE ENSAIO BANCOS BARES CONVENTOS MONASTÉRIOS RESTAURANTES VEGETARIANOS TERMINAIS FLUVIAIS IGREJAS GALERIAS CENTROS DE CONFERÊNCIAS PROSTÍBULOS ESCOLAS DE MÚSICA HANGARES DE AEROPLANOS E TORRES DE OBSERVAÇÃO PONTO

OLHARAM NO PORÃO PONTO DE INTERROGAÇÃO

SIM PONTO

O *Brayton Ives* parou no sopé das enormes montanhas ao longo da margem oeste do rio, e uma rampa foi estendida sobre o gelo.

Tudo estava sereno enquanto os motores funcionavam em baixa potência e chiavam, e não era possível sentir nenhum movimento. Logo, Athansor saiu numa explosão branca pela lateral do navio, com os cascos trovejando sobre a rampa, puxando atrás de si o trenó com Peter Lake e Beverly. Antes que os marinheiros pudessem erguer as tábuas, Athansor estava galopando sobre as estradas brancas que levavam para o interior e por cima das montanhas. Não havia barreiras de proteção nos penhascos imensos, apenas árvores cobertas pelo gelo e arbustos encapsulados em grossos sarcófagos de neve. Subiram cada vez mais, ricocheteando à esquerda e à direita em derrapagens assustadoras, atravessando as montanhas congeladas sob um céu polar sem nuvens. Finalmente, pararam em uma pequena reentrância e olharam para oeste, na direção da maior planície que Peter Lake já vira. Ela se estendia por centenas de milhas em três direções, e era coberta com florestas, campos, rios, cidades e o Lago das Coheeries — a trinta quilômetros de distância, silencioso, coberto pela neve, maior do que o chamado de uma tuba francesa, reluzindo em seu horizonte com ondas brancas e ilusórias, um reino à parte em uma fronteira que não fora mapeada. Desceram a montanha quase voando, e Athansor correu a uma velocidade avassaladora ao longo de uma estrada larga, reta e coberta pela neve que levava até o lago.

Galopava como um cavalo de fogo na trilha para os trenós que corria paralelamente ao caminho entre o gelo do lago quando Beverly se levantou e disse:

— Ali está a minha família! — indicando um barco corta-gelo que vinha velozmente na direção do trenó pela trilha do lago.

Isaac Penn reconheceu seu trenó e afrouxou a tensão da vela enquanto enfiava o freio no gelo, lançando uma onda de partículas brancas e cintilantes no ar. Ao som da respiração grave do cavalo e do adejar do tecido da vela, a família Penn olhava fixamente para Beverly e Peter Lake, e eles os encaravam de volta. Embora ninguém conseguisse pensar em algo para dizer, Willa se inclinou

por sobre a amurada e estendeu os braços para Beverly — sua irmã preferida, sua querida irmã. Peter Lake saltou do trenó e ergueu a criança até os braços de Beverly. Willa parecia um filhote de urso brincando com sua mãe, porque as duas estavam vestidas com roupas forradas por uma camada reluzente de pelos negros, e Beverly a segurava contra o seu corpo como se nunca mais quisesse soltá-la.

Willa fechou os olhos e dormiu, contente. O barco corta-gelo foi virado no sentido oposto ao em que veio; Peter Lake estalou o chicote, e eles saíram em disparada rumo à casa às margens do lago, sob um céu de puro anil.

— Mais rápido, Peter Lake. Mais rápido — dizia Beverly, segurando a criança nos braços.

Ele nunca teve uma família. Mas ali estava ele, subitamente, quase um marido e um pai. Pequenas cenas podem ser muito bonitas, capazes de mudar um homem para sempre. Nunca se esqueceria daquela manhã em um lago de gelo, e nunca esqueceria as palavras dela.

— Mais rápido — dissera ela. Ele iria. As coisas eram diferentes agora. Tudo o que ele desejava agora era o amor.

Eles dormiram até o cair da noite — Beverly em um pequeno gazebo construído do lado de fora da casa e Peter Lake em um quarto do andar superior. Ele acordou numa escuridão completa, atravessando com dificuldade os corredores e passagens até perceber que chegara a uma sala enorme, com as duas lareiras acesas e os membros da família Penn, todos acordados, incluindo Beverly, que entrara na casa para se proteger do frio.

Peter Lake anunciou que tinha de ir ver seu cavalo, e saiu pela porta da frente. O ar era uma montanha de cristal no qual uma enorme lua brilhava. Ele seguiu o rastro do trenó até o estábulo, e espiou para ver Athansor sonhando alegremente sob um grosso cobertor escarlate. Despreocupado, Peter Lake retornou à casa e viu que todas as pessoas estavam ocupadas na cozinha, com

exceção de Isaac Penn, preparando um banquete que seria suficiente para alimentar todos os hunos, os mongóis e os esquimós. Isaac Penn estava entronado em uma poltrona de couro, olhando para o fogo da lareira, tamborilando seus dedos finos no braço sólido.

Peter Lake sentou-se em um banco de madeira ao lado da lareira e olhou diretamente nos olhos de Isaac Penn. Esperava passar por mais uma disputa de olhares, como fez com Pearly. Ele sabia que homens poderosos eram capazes de fulminar as pessoas com seus olhares, e frequentemente o faziam. Jackson Mead e Mootfowl o faziam de forma benevolente, mas o faziam. Assim, Peter Lake esperava ser arranhado, espancado e sacudido, pois Isaac Penn era muito mais poderoso do que Pearly.

Na verdade, para Isaac Penn, Pearly era apenas um filhote de cachorro com dentes afiados. Isso ocorria porque Isaac Penn era o homem atrás do espelho da cidade. Tinha um poder quase supremo sobre o conceito que a cidade tinha de si mesma, e, com pequenos ajustes, era capaz de hipnotizá-la e encantá-la. Se desejasse, poderia fazer com que agitasse seus braços numa convulsão alarmante. Era capaz de matá-la de susto, esvaziar suas ruas ou fazê-la querer se esconder em um buraco. Como Isaac Penn era capaz de mover Nova York de tal maneira que sua força envergonharia os gigantes da terra, ou erguer a mão da cidade para que afastasse a poeira que irritava o olho de um bebê, Peter Lake esperava que essa conversa fosse uma daquelas em que seu interlocutor o fazia sentir-se como um pernilongo insignificante.

Ficou surpreso, então, quando Isaac Penn o olhou nos olhos e disse, parecendo até mesmo constrangido como um carneiro (ele até tinha feições que poderiam lembrar um carneiro, o que provavelmente era responsável pela maravilhosa expressão que tanto distinguia Willa das outras crianças. Beverly não se parecia com um carneiro).

— Bem, ah... você bebe vinho com as suas refeições?

— Às vezes — respondeu Peter Lake.

— Ótimo, teremos vinho hoje à noite. Aceitaria um claret? *Château Moules du Lac*, safra de 1998?

— Ah, é claro. Qualquer coisa. Mas não se pronuncia “clarê”?

— Não. Claret. O “t” é pronunciado, assim como “filet”.

— Filet? Achei que fosse “filé”.

— Não. Filet, assim como Hamlet. Você não diz “hamlé”, não é? Você diz “Hamlet”. Ocorre o mesmo com filet e claret.

Isaac Penn recostou-se em sua poltrona. Peter Lake estava começando a se sentir mais à vontade. Por que, pensou ele, eu esperava qualquer outra reação deste gentil senhor que parece até ser um pouco tímido?

— Sabe de uma coisa? — disse Isaac Penn.

— Senhor?

— Você tem cara de pilantra. Quem é você, o que faz, qual é a sua relação com Beverly, sabe da sua condição de saúde e quais são suas motivações, intenções e desejos? Conte-me toda a verdade, não divirja, pare se uma criança ou um criado entrar na sala, e seja breve.

— Como posso ser breve? São perguntas complexas.

— Você pode ser breve. Se fosse um dos meus jornalistas, já teria concluído a sua história agora. Deus criou o mundo em seis dias. Faça como ele.

— Vou tentar.

— Desnecessário.

— Tudo bem.

— Desnecessário.

— Meu nome é Peter Lake. O senhor tem razão. Sou um pilantra. Um ladrão, mas, na realidade, sou mecânico, e ótimo no que faço.

Amo Beverly. Nosso relacionamento não tem um nome. Não tenho intenções. Estou ciente da sua condição de saúde. Eu a desejo. O que me move... é o amor. Quando atravessamos o lago nesta tarde e Beverly estava segurando a garotinha nos braços, eu senti uma responsabilidade muito mais satisfatória do que qualquer prazer que já conheci. Sei que a menininha é sua filha. Sei que Beverly pode morrer. E estou mais do que ciente das minhas próprias dificuldades para ser um pai, um provedor, um protetor. E, embora eu conheça as máquinas, sou um ignorante. Sei que sou um ignorante. E eu sei... sei que aquela pequena família no trenó deve se despedaçar em breve. Mas Willa ama Beverly. Beverly é virtualmente a sua mãe. E eu acho que deveria ajudar a cuidar dela por algum tempo. Não somente pelo bem da criança, mas também pelo de Beverly. Entende o que eu quero dizer?

— Como saberei que o que o move não é apenas a vaidade ou a curiosidade? — indagou Isaac Penn. — Como saberei que você não está aqui somente em busca do dinheiro desta família?

Peter Lake tinha completo controle sobre si mesmo.

— Eu fui órfão — disse ele. — Órfãos não têm vaidade. Não sei o motivo, mas uma pessoa precisa ter pais para ser vaidosa. Não importa quais sejam meus defeitos, eu encaro as coisas com certa gratidão, e as pessoas vaidosas têm pouca predisposição a sentir gratidão. Em relação à curiosidade, eu já vi muitas coisas. Coisas demais, na verdade. A curiosidade não tem influência nesta questão. Não sei por que o senhor tocou nesse assunto.

— E o dinheiro? Você sabe por que toquei nesse assunto?

— Sim, eu pensei no dinheiro. E isso me animou — disse ele, sorrindo. — Realmente me animou. Tive sonhos cada vez maiores: ser o seu braço direito; fazer todas as coisas que os homens poderosos e ricos têm a oportunidade de fazer; vestir um terno diferente a cada dia, e dormir em lençóis limpos. Me tornei um senador, o Presidente. Beverly viveu. Nossos filhos eram lindos. Os verbetes sobre nós dois na enciclopédia eram tão longos que

tomavam quase todo o espaço do volume “L”. Por todo o país haveria monumentos erguidos em minha homenagem, em mármore branco como a neve. No final, devo confessar, eu voava pelo universo. Beverly e eu tocamos a lua e voamos rumo às estrelas. Mesmo assim, após algumas horas, não havia nenhum outro lugar para onde pudesse ir. Depois de umas poucas horas andando na companhia de reis, eu estava muito feliz por ser Peter Lake, um homem sobre o qual ninguém ouviu falar, completamente anônimo, livre. Sr. Penn, as únicas pessoas que desejam essas coisas são aquelas tolas demais para imaginá-las e deixá-las para trás. Sei que isso pode parecer estranho, senhor, e é algo muito novo para mim (especialmente nos últimos dias, pelo que percebo), mas eu quero responsabilidades. Isso, para mim, é a maior das glórias. Quero dar, não tirar. E eu amo Beverly.

— Já parou para pensar que... como devo chamá-lo?

— Todos me chamam pelos meus dois nomes.

— Já parou para pensar, Peter Lake, que o dinheiro, a presença do dinheiro, pode erodir e corromper esses sentimentos?

— Sim, senhor. Eu mesmo já vi isso acontecer. E sinto isso dentro de mim também.

— Então, o que pretende fazer para impedir que isso aconteça, presumindo que terá esse privilégio?

— Sei exatamente o que fazer. Não tenho educação formal, mas não sou um idiota. Depois que... se... Beverly morrer, vou desaparecer. Não quero nada disso. — Ele apontou para a sala em que estavam com um longo movimento do braço, mas, na verdade, referia-se a tudo o que havia no mundo.

— Você acha que eu o deixaria fazer isso? O homem que a minha filha ama? E ela realmente o ama. Ela me disse isso, embora não houvesse a necessidade.

— Não depende do senhor.

— Bem, vou lhe dizer uma coisa, Peter Lake. Eu permitiria que você fizesse o que quer. Meu impulso seria garantir o seu sustento pelo resto da sua vida, trazê-lo para o seio da família, torná-lo um de nós. Mas não farei isso. É para o bem de Beverly, percebe?

— Sim. Eu entendo. É claro que entendo. Além disso, Sr. Penn, eu evidentemente não me referi a ter uma família da maneira que o senhor descreveu. Não nasci para ser protegido, mas sim para proteger. Garanto-lhe.

— Então, estamos de acordo. Imagino que irá deixar de ser um ladrão e voltar a ser um mecânico.

Peter Lake assentiu:

— Há uma coisa, uma única coisa que vou pedir. E precisarei da sua ajuda para isso.

— E o que seria?

— Uma criança. Uma criança que eu vi num corredor, em um cortiço, há muito tempo. De todas as coisas que eu já vi, é disso que eu me lembro com mais clareza. Essa imagem está comigo desde...

Mas, naquele momento, Peter Lake foi interrompido por toda a trupe que saía da cozinha, com as faces vermelhas pelo calor do fogo, bandejas de comida e garrafas de vinho em suas mãos. Antes de sentarem-se à mesa para comer, Beverly mandou todos se lavarem. Não porque precisavam (já que suas mãos estavam bem limpas), mas porque queria abraçar seu pai e agradecê-lo por aceitar Peter Lake, como sabia que ele faria, pela expressão no seu rosto e pela expressão de Peter Lake — e porque ela estava escutando atrás da porta.

Naquela mesma noite, mais tarde, renovados e reforçados por um bom jantar e muitas gargalhadas despreocupadas, Isaac Penn e Peter Lake estavam sentados no pequeno escritório, olhando para o fogo que ardia na lareira. O calor corria ao redor de meia dúzia de toras que haviam se transformado em cilindros vermelhos de fogo, mudando de cor até se parecerem com seis sóis em um universo

negro forrado com os tijolos da lareira. Seu brilho era um vento invisível que irradiava o quarto e deixava os dois homens paralisados em seus lugares — como cervos em uma floresta que queima ao seu redor, que levantam as cabeças na direção das maiores e mais brilhantes labaredas, e veem um túnel de luz branca.

— Os médicos me disseram que ela morreria em poucos meses — comentou Isaac Penn, como se estivesse falando consigo mesmo. — Isso foi há quase um ano. — Ele olhou para uma janela coberta de gelo na qual a lua já desaparecera, e escutava o vento que vinha do Lago das Coheeries como só acontecia ali, numa noite no meio do inverno, como as tempestades de vento em Marte ou Saturno. — Para mim, é um mistério que ela seja capaz de dormir fora da casa, com esse frio. Ela não deveria fazer isso. No inverno, deveria estar dentro de casa. Mas ela se recusa a fazer isso, mesmo neste lugar. Nunca vou conseguir me acostumar com a ideia de que a minha filha está lá fora, no meio desse caldeirão de gelo. Mesmo assim, todas as manhãs, ela chega revigorada para tomar o café da manhã, após passar doze horas num frio capaz de matar um homem forte e saudável. O vento e a neve a cobrem, a atacam. No começo, eu implorava a ela que entrasse; depois, percebi que fazer o que ela faz é o que a mantém viva.

— Como?

— Não sei.

— Fico imaginando — disse Peter Lake, sabendo que estava num lugar quente e confortável no meio de um vasto oceano de neve e gelo que manobrava além das paredes como um exército selvagem e implacável. — Fico imaginando os outros.

— Que outros?

— Os milhares, as centenas de milhares de pessoas como Beverly.

— Todos nós somos como Beverly. As coisas simplesmente estão acontecendo mais cedo com ela.

— Mas não tem que ser assim.

— Assim, como? Explique-se.

— Os pobres não deveriam ter que sofrer como sofrem, aos milhões, e morrer jovens.

— Os pobres? Está se referindo a todas as pessoas? Certamente você está se referindo a todas as pessoas, pois, em Nova York, até mesmo os ricos são pobres. Mas Beverly é pobre de acordo com a sua definição? Não. Mesmo assim, qual é a diferença?

— A diferença é que crianças pequenas, suas mães e seus pais vivem e morrem como animais — afirmou Peter Lake. — Não têm varandas especiais para dormir, ou cinquenta quilos de plumas de ganso e pelo de marta ao redor de si, banheiras de mármore do tamanho de piscinas, exércitos de médicos formados em Harvard e Johns Hopkins, bandejas de carne assada, bebidas quentes em garrafas térmicas prateadas e famílias alegres e felizes. Quero que Beverly tenha essas coisas, e prefiro morrer a vê-la sem tudo isso. Mas há uma diferença. A criança que vi há muito tempo num corredor estava descalça, com a cabeça descoberta, vestida com farrapos sujos, passando fome, cega e abandonada. Não tinha uma cama com colchão de penas. Estava às portas da morte. E estava em pé, porque não tinha um lugar onde pudesse se deitar e morrer.

— Sei disso — asseverou Isaac Penn. — Vi coisas assim muito mais vezes do que você. Você se esquece que eu já fui um homem mais pobre do que você jamais foi, por muito mais tempo do que você já viveu. Tive pai, mãe, irmãos e irmãs, e todos eles morreram jovens, cedo demais. Conheço tudo isso. Você acha que eu sou idiota? No *The Sun*, nós trazemos as injustiças ao conhecimento do público, e sugerimos maneiras sensatas de corrigir as desigualdades onde elas não têm qualquer propósito. Eu sei que há muitos sofrimentos cruéis e desnecessários. Mas você... você parece não entender que essas pessoas que diz defender têm, em sua luta diária, suas próprias compensações.

— Quais compensações?

— Seus movimentos, paixões, emoções; seus corpos capturados e sentidos capturados são guiados com a mesma certeza dos detalhes microscópicos das estações, ou os componentes infinitesimais do grandioso e único movimento da cidade. Em suas ações aparentemente aleatórias, eles são parte de um plano. Não sabia disso?

— Não vejo justiça nesse tipo de plano.

— Quem disse que você, um homem, sempre será capaz de enxergar a justiça? — esbravejou Isaac Penn. — Quem disse que a justiça é algo que se pode imaginar? É possível ter certeza de que a conhecerá quando a vir, que viverá por tempo suficiente para reconhecer o trovão decisivo da sua ocorrência, que ela pode se manifestar em uma geração, em dez gerações, em toda a existência humana? Você está falando do senso comum, não de justiça. A justiça está num patamar superior, e nem sempre é fácil de compreender — até se apresentar em seu esplendor inconfundível. A origem do que falamos está muito acima da nossa compreensão. Mas, às vezes, podemos sentir a sua presença.

Isaac Penn continuou: — Nenhum coreógrafo, nenhum arquiteto, engenheiro ou pintor seria capaz de planejar isso com tanta perfeição e sutileza. Toda ação e toda cena têm seu propósito. E, quanto menos poder alguém tem, mais próximo esse alguém está das enormes ondas que cobrem todas as coisas, preparando-as pacientemente para a chegada de um futuro que não é simbolizado pela simples igualdade humana (uma criança poderia conceber essa ideia), mas por conexões luminosas e surpreendentes que nós não imaginamos, por ilustrações aterrorizantes e benevolentes — uma era de ouro que mostrará não aquilo que desejamos, mas uma verdade nua e desajeitada, sobre a qual repousa tudo que já foi e tudo que ainda será. Há justiça no mundo, Peter Lake, mas ela não pode existir sem mistério. Tentamos utilizá-la sem saber exatamente o que é, e tudo o que conseguimos fazer é observar-lhe a superfície. Não tem importância, já que todas as chamas e faíscas da justiça, o tempo inteiro, se erguem para revigorar épocas que ainda não foram

vistas — como motores cuja potência plana em cordas escondidas para se erguer contra as trevas em cidades distantes e que não sabem o que está acontecendo.

— Não sei — disse Peter Lake, confuso. — Penso em Beverly, e não tenho certeza em relação à era de ouro sobre a qual o senhor fala, que está além de nossas vidas e que nunca conseguiremos ver. Pense em Beverly. Por que as coisas são assim?

Isaac Penn levantou-se da sua cadeira para sair da sala. Na porta, virou-se para Peter Lake, que se sentia frio e sozinho. Isaac Penn era um velho, e às vezes agia de maneira terrivelmente grave, como se estivesse na presença de mil espíritos que o atormentavam. Seus olhos refletiam o fogo. Pareciam sobrenaturais, como túneis de chamas entrando em uma alma tão entranhada que logo deixaria esta vida. Ele concluiu:

— Não percebeu ainda que Beverly viu a era de ouro? Não uma que já se foi, não uma que ainda virá, mas uma que está aqui? Embora eu seja um velho, ainda não vi essa era de ouro. E ela viu. Foi isso que despedaçou o meu coração.

A aproximação do Natal transformou as crianças em pequenos e empolgados dínamos de ganância, e a manhã de Natal trouxe consigo uma impressionante troca de espólios, na qual nada era notável, com exceção do presente de Willa para o seu pai, o primeiro presente que ela deu em sua vida. Ela levou um dia e meio para decidir, e depois Peter Lake atravessou o lago com ela rumo à cidade de Lago das Coheeries, onde o comprou. Isaac Penn foi o último a abrir seus presentes, e, em uma enorme caixa com buracos abertos nas suas laterais, encontrou um coelho gordo e branco com uma etiqueta ao redor do seu pescoço que exibia as palavras: — De: Willa.

Na tarde do dia de Natal, Beverly e Peter Lake saíram para um passeio e levaram mais de meia dúzia de crianças junto: Willa, Jack, Harry, Jamie Absonord (que chegara recentemente após viajar de trem e barco, e cujo coração ainda batia por Jack, embora, agora,

nenhum deles olhasse nos olhos um do outro por alguma razão), os dois filhos da família Gamely e Sarah Shingles, uma jovem gorducha e divertida das Coheeries com um equilíbrio perfeito entre a inteligência ianque, a magia indígena, a competência inglesa e a loucura holandesa. Os Gamely atarracados e blindados contra o frio e a jovem Sarah estavam sentados no assento traseiro do trenó, o mais alto, como se fossem uma fileira de esculturas bávaras em madeira, prontos para qualquer coisa.

Como o lago estava coberto por uma camada espessa e perfeitamente lisa de neve, Athansor finalmente tinha um lugar infinito onde podia correr. Quando Peter Lake afrouxou as rédeas para deixá-lo mais livre, ele virou diretamente na direção do lago e disparou rumo ao horizonte. Começaram a ir cada vez mais rápido. Todos se acomodaram em seus assentos e fecharam os casacos. O cavalo acelerou cada vez mais. Não tardou a exceder a velocidade máxima dos mais rápidos trenós puxados por cavalos, e ainda estava galopando tranquilamente. Foi quando realmente começou a correr. O vento os atingiu com tanta força que os passageiros precisavam se curvar contra ele e apertar os olhos. Aproximaram-se de uma lancha corta-gelo e a ultrapassaram tão rapidamente que parecia que estavam correndo no sentido oposto. Em seguida, Athansor ergueu a cabeça e deu uma série de saltos longos. O trenó deixou a superfície e voou pelo ar. Tocava-a gentilmente de tempos em tempos, mas os esquis raramente se encontravam com a neve, e, quando isso ocorria, havia um chiado curto enquanto ela se vaporizava.

As crianças estavam maravilhadas, mas não sentiam medo. Enquanto corriam para o oeste rumo ao pôr do sol, eles o viram parar sobre o horizonte, reverter seu movimento e começar a subir.

— Santo Deus! — disse Peter Lake, engolindo em seco. — O sol está se erguendo no oeste!

Porém, ninguém o ouviu, pois o vento os atacava com tanta força que o mundo parecia ter se transformado em uma sirene. Estavam correndo tão rápido que não conseguiam ver nenhuma parte da

margem, exceto por um risco branco e liso como uma faixa esmaltada em uma tigela de porcelana. Até mesmo os garotos da família Gamely tiveram de se agachar para escapar do vento e esperar que nenhuma tragédia acontecesse. E, então, Athansor diminuiu o passo. Os esquis do trenó voltaram a tocar o chão, o vento perdeu força, o sol parou outra vez e começou a descer de novo, e eles conseguiram avistar a margem. Quando Athansor voltou a trotar como qualquer outro cavalo, Peter Lake o guiou para as luzes suaves que começavam a se acender naquele vilarejo.

Era uma cidade minúscula em um ponto muito distante no lado oeste do estado de Nova York, tanto que os índios Iroqueses do local ainda aguardavam a chegada de Pierre de La Tranche. O vilarejo estava coberto por dez metros de neve, que fazia as casas parecerem as criações de arquitetos loucos que construíam em buracos no chão. Mas a taverna estava em uma área aberta, e suas luzes brilhavam sobre o lago do alto de um platô castigado pelo vento. A fumaça saía pelas chaminés em linhas incrivelmente finas e sólidas. As crianças observaram aquilo para retratarem-na futuramente em um desenho.

Athansor trotou até o celeiro da taverna e virou-se para Peter Lake, como se estivesse perguntando se devia levar o trenó para dentro. Beverly disse que não, que esperaria onde estavam enquanto Peter Lake levava as crianças para tomar flinders antuérpios quentes. Peter Lake protestou. Ela deveria entrar também. Por que não? Não era o Mouquin’s; eles não iriam dançar; ela não estaria usando um vestido com um corpete; e eles poderiam passar uns bons quinze minutos ali antes de empreenderem a viagem de volta.

— Não — insistiu Beverly. — Minha febre parece estar alta. — Ele lhe tocou o rosto com a mão e depois a testa. Ela era o equilíbrio térmico em pessoa. Mas realmente parecia estar agitada.

— Beverly. Diga-me por que você não quer entrar lá.

— Eu lhe disse — respondeu ela. — Estou me sentindo febril.

Ele pensou por um momento.

— É por minha causa? — questionou ele. — Porque não sou um cavalheiro com seu próprio condutor de trenó e não tenho as roupas certas?

Ele indicou o interior do celeiro com um gesto, onde duas dúzias de carroças e duas dúzias de cavalos estavam guardados em baias e plataformas, e duas dúzias de condutores estavam fazendo sua própria festa ao redor de uma forja que fora convertida para o serviço social. Esse vilarejo era um destino popular para muitas pessoas jovens que vinham regularmente ao interior do estado para jantar e beber em uma de suas tavernas preferidas. Os ricos sempre iam o mais longe que podiam.

— Você sabe que não é isso — respondeu Beverly. — Prefiro muito mais ter o homem que conduz o trenó a ter o homem que é levado por ele. Vou ficar bem. Iremos ao Mouquin's. Pegue-a — disse ela, entregando-lhe Willa, que estava com os olhos arregalados e brilhantes, animada pela escuridão pouco familiar de uma noite de inverno. — Willa precisa tomar algo quente.

Neste momento, as outras crianças já estavam rolando umas por cima das outras na neve. Peter Lake colocou Willa sobre o ombro e saltou do trenó para se juntar a elas. Virou-se para Beverly por um momento, e depois caminhou rumo à taverna.

Ele e as seis crianças atraíram muita atenção enquanto estavam ali dentro. Belas mulheres se aproximaram para conversar com Willa, Jamie Absonord e Sarah, a bela garota da família Shingles, de aparência deliciosa e olhos saltados. Os homens que as acompanhavam sorriram em aprovação. Peter Lake queria que Beverly estivesse com ele. Não parecia certo que ela estivesse ausente, e ele ficou constrangido pelos olhares que recebeu. Se Beverly estivesse presente, aquilo o deixaria orgulhoso.

O salão da taverna estava cheio pelo fogo das lareiras, pela empolgação e a tranquilidade que surgem com as danças. Fez o coração de Peter Lake saltar e lembrou-o do século 19 — o seu

século —, quando ele estava crescendo, e quando as coisas eram mais tranquilas, mais selvagens e mais bonitas — embora, cercado por crianças e dançarinos em uma hospedaria isolada no Lago das Coheeries, ele sentia que estava em uma época em que a beleza importava, e tinha apenas de pensar em Beverly, do lado de fora, do outro lado das janelas negras, para confirmar.

— Nove flinders antuérpios — pediu ele à garçonete. — Sete deles sem o gim. Ah, espere, mudei de ideia. Serão nove flinders antuérpios — um com um oitavo do gim, para esta garotinha; seis com a metade do gim (Jamie Absonord soltou um gritinho, antecipando a possibilidade de ficar levemente embriagada), um com o triplo, e um em um recipiente fechado para levarmos conosco, com o dobro do gim. Coloque bastante canela, bastante limão, bastante creme e montes de ameixas moídas.

Os flinders antuérpios chegaram borbulhando de tão quentes. Peter Lake e as crianças beberam-nos enquanto observavam doze pares de dançarinos elegantes dançando juntos. As velhas tábuas do piso balançavam e os fogos das lareiras do salão piscavam para eles por entre portões volteantes de vestidos de seda e tafetá, e pelos paletós dos fraques de lã inglesa. Sem apreciar muito a dança entre os sexos (com exceção de Harry, que estava sofrendo alguma espécie inexplicável de loucura adolescente que o fez se reclinar contra a parede e dormir como um narcoléptico), as crianças começaram a brincar com um jogo quente e embriagado de guerra de polegares.

Peter Lake ainda estava triste por Beverly continuar do lado de fora da taverna. Sentia tanta saudade dela que ficou saturado pelo amor, o que o fez respirar lentamente com um prazer doloroso e sentir um brilho atravessar seu corpo, indo de um lado para outro conforme transbordava pelos lugares que tentavam contê-lo. Assim, ele quase saltou por cima da mesa e correu para fora. Foi até a lateral do celeiro, onde Athansor comia um pouco de feno. Nada de Beverly por ali. Olhou para dentro do celeiro. Também não estava ali dentro. Em seguida, viu algumas pegadas que iam até a parte de

trás. Ele as seguiu em meio à escuridão, entre pinheiros carregados com quantidades enormes de neve, e ali encontrou Beverly, na encosta da colina, com as mãos juntas, olhando fixamente para a taverna. Antes que ela percebesse sua chegada, ele viu o que ela olhava. Era uma miniatura quase silenciosa; um pequeno cubo iluminado; parecido com uma casa de papel com uma vela acesa em seu interior.

A distância e a escuridão convertiam um cenário em ebulição, cheio de brilho e movimento, em algo que era triste e inteiriço, como se pertencesse a algum outro tempo. Ele viu que Beverly a tomara nas mãos e a segurava junto ao corpo, como se fosse uma joia em sua armação intrincada. Com a distância, ela a convertera em uma pintura, ou numa fotografia acidental, que a tocava rapidamente. Continuou do lado de fora porque nunca teve a oportunidade de encarar a sociedade, e tinha medo disso. Coisas inocentes, como dançar em uma taverna, a aterrorizavam. Ele percebeu que o Mouquin's seria um teste para a coragem dela, ainda mais do que para a sua própria coragem.

De início, ele pensou que poderia ser fácil levá-la para dentro da taverna, trazê-la para a música e as danças. Afinal, não havia realmente nada a temer. Mas ela sentia medo de verdade, e foi isso que a levou para aquele lugar, uma posição onde ela poderia abraçar a cena e conhecer seu espírito. Não era diferente das ocasiões em que Peter Lake observava a cidade de longe, de onde ele sempre aprendia muito mais do que conseguiria aprender se estivesse envolvido por ela. Não, ele não devia tentar convencê-la a entrar — mesmo que as pessoas a adorassem ali dentro. Ele não a levaria para lá. Ficaria ao seu lado na periferia intensa.

Ele se aproximou dela em meio à neve. Ela se sentia quase envergonhada por ser descoberta sozinha, entre os pinheiros. Mas, pela expressão que Peter Lake tinha no rosto, ela percebeu que ele a compreendia. E soube que, agora, ele realmente estava com ela.

Eles olharam pelas janelas por algum tempo e observaram as crianças em sua mesa, completamente absortas no jogo de guerra

de polegares. Harry, que dormia encostado na parede, parecia um garoto que trabalhava como ajudante em uma cozinha medieval, exausto. Peter Lake entrou rapidamente na taverna outra vez e sequestrou as crianças, e todos estavam novamente no trenó, correndo na direção leste, rumo à escuridão feroz. Beverly tomou seu flinder antuérpio. Estavam felizes, envoltos em cobertores e peles, e relaxaram nos assentos enquanto Athansor puxava o trenó — não tão rápido quanto antes, mas, pelo menos, tão rápido quanto a velocidade de um prestigioso trem expresso.

Acima deles, no frio, havia um sibilar confuso de nuvens e estrelas deslocando-se em ilhas e lagos. Era um som tão hipnótico que eles ergueram a cabeça para olhar para cima e observar a arrebentação rítmica, crepitante e gorjeadora do mar de estrelas e de nuvens que avançavam rapidamente. Continuaram avançando, mais e mais, rápidos como o vento, deslizando despreocupadamente sobre o gelo e a neve sobre os fortes esquis de aço do trenó.

Athansor, o cavalo branco, movia-se no mesmo ritmo da estática difusa acima. Embora tivesse o poder e a alegria de um cavalo veloz que corria de volta para o seu estábulo, eles podiam sentir muito mais do que isso em sua felicidade. Sentiam que o ritmo hipnótico com o qual ele galopava era o de uma jornada inimaginavelmente longa. Ele corria de uma maneira que eles nunca viram antes. Seus passos ficaram cada vez mais leves, cada vez mais fortes, cada vez mais perfeitos. Parecia estar se preparando para deixar o mundo para trás.



O HOSPITAL EM PRINTING HOUSE SQUARE

Da mesma maneira que certas partes da cidade eram campos de batalha mortais, algumas partes do calendário eram sempre mais propensas à guerra do que outras, e nos dias entre o Natal e o Ano-Novo todos os elementos pareciam conspirar para subjugar a alma. Fogo, chuva, doenças, frio e a morte estavam por toda parte, espalhados pela escuridão como se fossem um retrato do inferno. As pessoas lutavam até a exaustão, dando tudo que tinham, e os dias ficavam abarrotados com provações e mistérios.

Quando a família Penn e Peter Lake retornaram do Lago das Coheeries, encontraram a neve travando um combate com os ventos quentes e úmidos que chegavam do Golfo do México. A atmosfera estava cheia de rastros emaranhados cinzentos que marcavam as futuras batalhas no ar; e as crianças da cidade, de férias da escola e presas dentro de casa o dia inteiro pelo granizo, estavam enlouquecendo. Foi então que os eventos começaram a ganhar velocidade, como se houvesse um motor determinado a arrancar o ano da sua cova e fazê-lo correr com tanta força e velocidade quanto os maquinistas conseguissem lhe enfiar o carvão para queimar.

O prefeito, sua esposa e uma caravana com seus puxa-sacos preferidos vieram à casa dos Penn certa tarde, todos tão bêbados que seu hálito transformou a casa em uma bomba de vapor de álcool, mais perigosa do que um silo no final do verão. Na comitiva também estava o comissário da polícia. Desnecessário dizer que isso deixou Peter Lake inquieto, especialmente porque o comissário olhava repetidamente para ele e depois retorcia o rosto, como se dissesse a si mesmo: — Quem é esse aí? — Vários anos antes, em um dos arroubos do fim da adolescência que seguiram Peter Lake

até depois de completar trinta anos, ele escreveu para aquele mesmo comissário de polícia, que agora se ocupava tentando reconhecê-lo, uma série de cartas insultuosas, sarcásticas, cheias de referências a queimar pontes, flertar com a autodestruição, desafiar o diabo. Elas começavam com expressões como: — Meu querido e incompetente bufão vestido de Comissário de Polícia... —, ou — Ao fungo patético que se chama de Comissário de Polícia —, ou simplesmente: — Pulga.

Enquanto Jayga e Leonora serviam chá de limão quente e torradas fumegantes, Peter Lake estava em um dos cantos, engolindo muitas coisas, mas sem comer. De quando em quando, o comissário de polícia olhava em sua direção. O retrato de Peter Lake estava no livro de fotografias dos criminosos da cidade. Na época, ele fez pose para o fotógrafo da polícia, comportando-se de maneira excêntrica, e foi retratado como duas pérolas negras cercadas por uma massa de lapelas forradas com pele de foca, um chapéu de pele de foca e um bigode que os artistas poderiam usar como fonte de inspiração para trabalhar com ferro fundido. Naquela época, era conhecido como “Grand Central Pete, Trapaceiro e Vigarista”, o nome que usava para assinar suas cartas — com direito a um honorífico e tudo mais. Sem se atrever a tirar o brilho do prefeito, o comissário de polícia agiu com discrição e teve muitas oportunidades para refletir. Conforme ficava sóbrio, começou a reconhecer Peter Lake, que pediu licença e subiu ao telhado. Ali, abrigada de uma chuva fria e cinzenta, Beverly estava sentada em sua tenda, lendo um artigo da *National Geographic* intitulado “Os Gentis Hotentotes”.

— Pense em alguma coisa! — exigiu Peter Lake após avisá-la do perigo.

— No momento, tudo em que consigo pensar são nos Hotentotes — disse ela, mas, logo depois, franziu suas sobrancelhas loiras e concentrou-se.

Peter Lake não sabia por que veio até Beverly para procurar uma saída, quando era tão experiente em criar planos e rotas de fuga.

Ele pensou que, mais do que querer passar a perna no comissário de polícia, queria observar Beverly envolvida com um problema.

— A esta altura ele já sabe, não é?

— Não, mas vai descobrir a qualquer momento.

— Então temos que distraí-lo. Já sei. Vamos mostrar o quadro a eles. Meu pai disse que queria que o prefeito o visse, de qualquer maneira.

— Qual quadro?

— Há um quadro no porão. Você não sabe sobre a existência dele.

Quando entraram no salão onde a recepção ocorria, Isaac Penn estava dizendo:

— A coisa mais estranha que existe na elite — da qual eu suponho que faço parte agora — é que ela governa de maneira tão... delicada. A grande massa de pessoas, na qual é possível encontrar bravos soldados, agitadores, gênios e mecânicos inspirados, fica paralisada quando precisa encarar essas iguarias em forma de gente, com suas festas no jardim, suas mansões desprotegidas, suas caminhadas embriagadas, suas roupas em tons pastel e suas obsessões incapacitantes por coisas incapacitantes. Quando um trabalhador anda entre eles, fica muito admirado: admirado com o quanto eles o fazem se sentir pequeno, admirado com a fragilidade deles, admirado por serem invencíveis, e admirado pelo fato de que ele, um touro, é governado por uma borboleta.

— Sim — concordou o prefeito, bêbado demais para compreender. — Não é engraçado que as pessoas pobres se vistam como palhaços? Quanto mais pobres, mais ridículos são seus trajes. É como se o circo fosse a sua Brooks Brothers. E eles são tão feios!

— Ah, não sei — interveio Peter Lake sob o batente da porta, onde estava de braços dados com Beverly. — Não são somente os pobres que se vestem como palhaços. Os ricos o fazem, também.

Afinal de contas, basta dar uma olhada em suas roupas formais, tão frágeis e escandalosas: podiam até mesmo usar penas. Na verdade, eles fazem exatamente isso. E há também a moda, entre a elite da elite, de tatuar coisas em suas náguedas — prosseguiu Peter Lake, olhando diretamente para o prefeito. — Ouvi dizer que certas mulheres proeminentes desta cidade têm mapas tatuados em suas náguedas.

Todas as pessoas na sala, exceto o prefeito e sua esposa, riram enquanto tomavam seu chá, e os puxa-sacos diziam coisas como “Bobagens” ou “Conversa mole”.

— Ah, não, não é conversa mole — rebateu Peter Lake, avançando até o meio da sala, com Beverly ao seu lado, como dois navios da Grande Armada Branca da marinha americana. — Também não é bobagem. Senhor prefeito — disse ele, assustando levemente o político —, tenho certeza de que o senhor, em seus anos no cargo, já ouviu falar a respeito dessas coisas.

— Que coisas? — respondeu o prefeito, nervosamente.

— Mapas nas náguedas. Mapas de Manhattan em uma nágueda. Mapas do Brooklyn na outra nágueda. Etcetera, etcetera, etcetera...

— Bem... — disse o prefeito. — Para dizer a verdade... eu... sim, sim... já ouvi falar.

Peter Lake se curvou, e, em seguida, aparvalhou todos os bêbados quando os apresentou a Beverly. Eles ouviram falar que ela era bela, e que também tinha algum tipo de invalidez, e presumiam que iria simplesmente definhar até a noite do seu casamento para se recuperar rapidamente, como muitas mulheres o faziam quando descobriam o prazer no perigo. Não sabiam e não poderiam perceber pelas aparências que ela tinha a tuberculose nos pulmões e nos ossos.

— Não queria mostrar o quadro ao prefeito? — perguntou ela ao seu pai.

— Sim, eu queria.

— Oh, um novo quadro? — perguntou o prefeito, feliz em poder mudar de assunto.

— Relativamente novo.

— Quem o criou?

— O homem que a pintou não quer ser conhecido. Quer apenas conhecer.

— Ah, deixe disso! — falou alguém.

— Estou dizendo a verdade.

— Vamos tentar adivinhar quem é pelas iniciais! — disse uma mulher que passava tempo demais bebendo licores doces demais e divertindo-se com jogos de cartas que eram simples demais.

— M. C. — disse Isaac Penn. — Tentem adivinhar o quanto quiserem. Vocês nunca conseguirão.

Conforme desceram por uma longa espiral de degraus de bronze, afundando cada vez mais na terra do que algumas das senhoras queriam, o prefeito perguntou:

— Por que o deixa guardado aqui?

— Este é o maior cômodo da casa — respondeu Isaac Penn. — E o quadro é um tanto grande.

— Quando você quiser exibi-lo, terá de enrolar a tela para conseguir tirá-la daqui.

— Não — disse Isaac Penn. — Não é possível enrolá-lo.

— É mesmo? — indagou o prefeito, que já estava um pouco nervoso com o enorme número de degraus na escada. — Espero que isso não seja somente por minha causa.

— Senhor prefeito — respondeu o anfitrião. — Neste universo infinito, mundos inteiros foram criados para a instrução e a elevação de algumas almas simples. Acredite, não tenho qualquer problema em lhe mostrar a pintura, que, até onde sei...

Nesse momento, a voz de Isaac Penn foi encoberta por um som que se ergueu por baixo deles, como se fosse uma névoa espessa. Peter Lake imediatamente reconheceu o som como o crepitar estático das estrelas e da parede branca. O barulho ficou cada vez mais alto, até que eles finalmente chegaram ao último degrau da escadaria, encarando o quadro, o lugar de onde vinha o som.

Todos os presentes ficaram ali, imóveis, com as mãos coladas ao corpo, lutando para manter o equilíbrio; todos, com exceção de Isaac Penn e Beverly — e Peter Lake, que não tinha medo de altura. Estavam em um salão de proporções assustadoras, onde a única iluminação vinha do próprio quadro, que chegava tranquilamente às dimensões de dez metros de altura por vinte de largura, e era diferente de todas as pinturas que eles já viram, pois essa se movia. Enviava imagens que se transformavam, luzes que se moviam e a estática de nuvens e estrelas avançando como uma onda gigantesca rumo aos seus observadores, que se sentiam como se houvessem descoberto um mar subterrâneo e oculto.

— Que técnica é essa? Que cores são essas? — perguntou metade do grupo, todos de uma vez.

Isaac Penn respondeu:

— Uma nova técnica. Novas cores.

A pintura retratava uma cidade à noite, como se fosse vista de cima, e, embora reconhecessem algumas coisas, a maioria dos detalhes não era familiar, porque havia luzes aos bilhões, realmente cintilando, movendo-se por estradas distantes em espessas concentrações, de uma maneira que os observadores jamais imaginaram, movendo-se pelos rios e pelo ar. A cidade que viam parecia real, em uma escala inconcebível, e assustadoramente como aquela em que viviam.

— Cheguem mais perto — convidou Isaac Penn, e eles foram capazes de ver cada vez mais detalhes conforme se aproximavam. A mulher que se entretinha com licores e jogos de cartas quase desmaiou quando, ao examinar a obra de perto, viu um pequeno par

de pernas correr sob um guarda-chuva aberto. Eram capazes de ver tudo em detalhes minuciosos. As pontes, das quais havia centenas, tinham estruturas iluminadas e reluzentes suspensas por seus cabos de sustentação e empilhadas sobre as ruas, como na Ponte Vecchio. A vista mudava, como se estivessem voando sobre ela, e sentiam-se como pássaros planando sobre as ruas tranquilas e cânions profundos que eram misteriosamente tridimensionais. Sentiram uma agradável vertigem como a de andar em uma estrada do interior no inverno conforme nuvens de folhas secas flutuam ao sabor do vento, inundando o ar com uma nova profundidade, colocando a cena sob a água e expulsando a gravidade.

Essa cidade dava, a cada um que a observasse de longe, a capacidade de voar sobre ela, erguer-se sem qualquer esforço, saber que, apesar de suas divisões labirínticas, era um apelo aos céus, mais simples do que o piscar de um olho. Era, assim como Nova York (e certamente devia ser Nova York — depois que as atribulações do presente já houvessem sido esquecidas), uma cidade de belezas aleatórias. Qualquer coisa nela que fosse bonita seria bonita apesar de si mesma, e viria à luz de maneira surpreendente, distante de todas as expectativas. Tudo o que se movia podia ser visto em movimento com uma graça lenta e diferenciada. Máquinas voadoras se moviam pelos céus como planetas lúcidos em ascensão, mas não disparavam pelos céus — erguiam-se lentamente, em harmonia, cheias de confiança.

— Que graciosa cidade é esta? — perguntou o prefeito, claramente emocionado. — É Nova York?

— É claro que é Nova York — respondeu Isaac Penn. — Olhe para ela. Que outra cidade poderia ser?

— Mas é possível?

— Como assim? — perguntou Isaac Penn. — Está bem diante dos seus olhos.

Peter Lake estava convencido de que Beverly era a chave para aquelas cenas. Era tão maravilhosa que, quando tentava pensar

nela, qualquer descrição que fizesse escaparia de si como uma moeda caindo ao chão, e tudo o que restava era uma sensação de alegria. Mesmo assim, ele percebeu que ela agia como uma cuidadora entediada, comportando-se como se fosse uma filha obediente, ouvindo seu pai repetir a descrição da sua coleção de arte pela milésima vez e sonhando com aquilo com que as moças sonham na presença dos amigos idosos dos seus pais. Ela subiu em uma pequena escada afixada na plataforma suspensa sobre a qual o quadro estava pendurado e sentou-se com a cabeça sobre as mãos, de frente para os convidados. Quase dentro da imagem viva, quase como se estivesse à beira de um precipício elevado, ela olhava para o fundo da sala e, de quando em quando, dava uma rápida olhada na direção de Peter Lake.

Peter Lake não conseguia decidir o que iria observar — a pintura viva ou a garota que estava sentada na frente da obra. Ele percebeu, entretanto, que aquela indecisão era agradável em si mesma.

Se a criança naquele corredor sobreviveu, o que provavelmente não havia acontecido, já teria crescido e se tornado um adulto, e não precisaria da ajuda de ninguém. Se houvesse morrido, Peter Lake nunca a encontraria, pois estaria enterrada em uma vala nos arredores da cidade, em uma sepultura sem nome. Muitos desses locais de descanso eterno foram cobertos por construções, e agora estavam para sempre sufocados sob porões com caldeiras. A criança, fosse um menino ou uma menina (ele nunca soube ao certo), poderia estar dez metros abaixo de um depósito de carvão, no porão de uma pensão cheia de balconistas e pessoas que trabalhavam nas lojas da região.

Mesmo assim, vários dias antes da chegada do ano novo, Peter Lake saiu pela manhã e cavalgou Athansor até Korlaer’s Hook, onde chegara em sua canoa há muitos anos, e de onde pretendia seguir o caminho que fez. Não era simplesmente uma proeza quase impossível para a memória (a cidade já havia mudado bastante), mas havia tantos Rabos Curtos nas proximidades de Korlaer’s

Hook, levados até ali pelas novas leis e por uma nova economia, que ele tinha certeza de que seria percebido. A manhã estava ensolarada e limpa enquanto ele fazia Athansor trotar ao longo do calçadão delimitado por cercas da rua Chrystie. As árvores que ladeavam a via estavam envernizadas pelo gelo, em pequenos entalhes criados com exatidão, e, quando o vento soprava, elas balançavam-se como candelabros de cristal.

Perto das pontes, ele passou pelo hotel Kleinwaage — não era um hotel muito grande, mas era um bom hotel, famoso por seus filés assados na brasa, camas brancas e macias e espaços públicos verdejantes abarrotados de flores frescas. Ao trotar diante dele, Peter Lake examinou sua fachada.

Descendo com uma pompa incrível pela escadaria de mármore alvejado, ele viu uma pessoa gorda com um casaco de arminho. Levava uma bengala consigo, caminhando como se fosse um milionário e cravejado aqui e ali com enormes diamantes. Tinha todos os indícios de ser um rico mercador de especiarias — exatamente o que Peter Lake imaginou que ele seria, se não fossem os olhos estreitos como fendas em um rosto bastante gordo, sobrancelhas que se uniam em uma coisa só sob a testa, a respiração pesada e o chapéu chinês.

— Cecil — disse Peter Lake.

Cecil Mature virou-se, assustado, estreitou ainda mais o olhar para ver quem o chamava e então, na tentativa de sair correndo pela rua, conseguiu transformar suas pequenas pernas em formato de linguiça em um moinho de vento invisível. É desnecessário dizer que o homem não conseguiu fugir de Athansor.

— Cecil, por que está correndo?

Cecil parou. Seu rosto começou a se curvar e tremer como sempre acontecia quando ele falava.

— Você não devia ser capaz de me ver.

— Do que você está falando? Achei que você estivesse morto. O que aconteceu?

— Não posso lhe contar.

— Quem disse que você não pode me contar?

— Ele — respondeu Cecil, apontando para o hotel.

— Quem é “ele”?

— Jackson Mead.

— Ele voltou? Você está com ele? Não estou entendendo. O que aconteceu?

— Não posso lhe dizer.

— Deixe disso, Cecil Mature. Você está falando comigo.

— Em primeiro lugar, meu nome não é Cecil Mature.

— Qual é, então?

— *Senhor* Cecil Wooley.

Peter Lake olhou para o seu velho amigo, sem saber exatamente o que dizer.

— Meu nome é Senhor Cecil Wooley, e eu trabalho para Jackson Mead.

— Você cozinha abobrinhas para ele?

— Não.

— Batatas?

— Não.

— O quê, então?

— *Engenheiro*... estrutural... chefe — disse Cecil, quase brilhando de orgulho. — E aposto que você nem imagina quem é o engenheiro-chefe-geral, e o principal assistente de Jackson Mead.

— Quem?

— O Reverendo Doutor Mootfowl!

— Não pode ser.

— Mas é.

Naquele exato momento, Jackson Mead saiu do hotel, acompanhado por cem pessoas. Revê-lo foi um prazer e também um choque.

— Tenho de ir — disse Cecil. — É contra as regras. Não posso conversar com ninguém.

— Quero ver Mootfowl.

— Você não pode. Ele já está no navio. Partiremos hoje, ao meio-dia, para o litoral do Golfo do México e para a América do Sul, onde vamos construir pontes. Quatorze pontes.

— Quando vocês voltarão?

— Não sei — disse Cecil, arrastado por Jackson Mead e a massa de homens altos que o seguia.

— A luva de junção! — gritou Peter Lake.

— Ele me perdoou — berrou Cecil, e sumiu no meio do grupo quando eles viraram a esquina de Park Place, rumando para o enorme navio branco que os levaria para o Golfo do México.

Peter Lake não demorou muito para segui-los a galope. Mas uma fileira de bondes interrompeu a rota que ele tomaria para chegar aos ancoradouros. “Salte!” comandou ele. Athansor não saltava há algum tempo, porque vinha se concentrando puramente na velocidade e em sustentar seus voos. Assim, não conseguiu passar por cima dos bondes, e pousou no topo de um deles. Bastante assustado, permaneceu imóvel apesar de tudo que Peter Lake lhe disse para conseguir tirá-lo dali. Assim, simplesmente foram levados até Chinatown, onde os habitantes observavam, abismados, o homem montado em um cavalo branco e imaculado no alto de um bonde. Pensaram que fosse alguma espécie de piada americana, ou talvez um anúncio ou propaganda que (assim como a maioria das

outras) eles não compreendiam. Uma das pessoas começou a gritar que ele era o presidente, porque pensavam que era Theodore Roosevelt (que não era o presidente naquela época, mas ocupara o cargo há algum tempo). Em seguida, Athansor galopou sobre toda a fila dos bondes e saltou, voando por cima de um agrupamento de cortiços e deixando para trás Chinatown e sua população de Republicanos embasbacados para sempre.

Quando chegou ao cais, ele viu o navio branco sob uma cortina de velas marítimas, navegando rumo à entrada do porto cheio de ondas encapeladas e ventos azulados. Ele esperava que isso fosse acontecer, e estava começando a sentir que havia algum tipo de ordem em tudo aquilo. De acordo com Cecil, Mootfowl estava vivo outra vez. Peter Lake perguntava-se qual seria o destino de tantos outros que viveram em meio ao maquinário complexo e aos motores escaldantes daquela cidade.

Olhando para uma fileira de pontes altas, ele reconheceu aquela que atravessou com as trambiqueiras, e percebeu que a casa devia estar em uma das ilhas de Diamond Reef. Esporeou Athansor sem uma palavra, e os dois subiram as rampas brancas que levavam à ponte. Logo, estavam a uma altura tão grande sobre o rio que se sentiam como se estivessem velejando por entre os arquipélagos de nuvens e as estrelas de inverno acima do Lago das Coheeries.

Depois de atravessar várias vezes as ilhas sobre as tremendas pontes de aço que as conectavam, Peter Lake chegou ao lugar certo, e tentou sentir o caminho certo por entre os quilômetros de ruas e praças até encontrar as velhas fachadas em estilo holandês, atrás das quais ficava a pequena casa das trambiqueiras. Mas os cortiços estavam vazios, e no espaço que costumava ser o jardim havia um prédio industrial, com paredes e chaminés escurecidos pela fuligem. A fábrica, ou seja lá o que fosse, tomou conta de todo o quarteirão e pressionava os velhos prédios de dentro para fora, aparecendo por entre janelas sem vidros como uma baleia presa dentro de uma casa.

Peter Lake tentou abrir as portas. Se conseguisse abri-las, teria dado de cara com paredes sólidas. Curvou a cabeça para trás para tentar enxergar a altura das chaminés. Sete delas, enfileiradas, erguiam-se a dezenas de metros no ar, e todas estavam ocupadas inventando plumas de fumaça para jogar aos céus e se desfazer em seguida.

Ele foi até o outro lado do edifício e encontrou uma porta industrial que tinha metade do tamanho do prédio. Na sua base havia uma abertura que, embora tivesse o dobro da altura de um homem montado a cavalo, parecia uma pequena fresta de onde um dente fora perdido no sopé de uma torre de observação usada por caçadores de baleias. Por ela saía um rio de luzes e ar, e um som de contentamento giratório — dínamos ou motores, ele não tinha certeza. Athansor o carregava com um passo lento e gentil.

Um salão amplo se estendeu à sua frente, desaparecendo em suas próprias dimensões, acima e à frente. O teto não era visível, mas havia inúmeras passarelas suspensas, treliças e guindastes de transporte acima. Alguns dos guindastes prosseguiam lentamente para longe, com um movimento extremamente harmonioso e constante que fez Peter Lake pensar que aquilo não era natural. Parecia que as vigas de elevação eram direcionadas a partir de caixas iluminadas do tamanho de casas que estavam ligadas às suas extremidades. Embora parecessem ir de um lado para outro seguindo uma espécie de ordem, não era possível ver ninguém dentro delas. Estavam longe demais, e a luz amarelada e amanteigada que fluía em fachos retilíneos por suas enormes janelas era branca e ofuscante em sua fonte. Embora Athansor eriçasse as orelhas quando levantou a cabeça para segui-las (como se fossem insetos que voavam com uma lentidão misteriosa), nem ele nem Peter Lake conseguiram ouvir nada, exceto pelo ruído mecânico das máquinas que estavam no chão.

As próprias máquinas eram grandes como prédios comerciais, em tons de verde-oliva, cinza e azul, laqueadas até brilhar. Escadas subiam pelas suas laterais até passadiços de aço, que levavam a

avenidas e outras rotas entre elas. Luzes de todas as cores refletiam como se fossem canteiros cheios de flores do campo; tubulações arqueadas, grossas como poços que levam ao interior de minas, curvavam-se de um bloco imenso para outro; e, embora tudo naqueles motores estivesse imóvel, um som constante, como o de uma dúzia de Cataratas do Niágara abafadas, dava uma impressão inconfundível de velocidade, movimento e progressão envolventes.

Eles caminharam ao longo de uma fileira de máquinas até serem descobertos por um operário que surgiu por entre uma das longas passagens que havia dentro daquela fábrica. Ele não disse nada quando se aproximou. Mas, em seu rosto sem expressão e olhos que eram como duas joias, ele era a própria expressão em forma de gente, imobilizada e paralisada. Peter Lake ouviu Beverly dizer que, quanto maior a imobilidade, mais rápido é possível viajar, até que, na imobilidade absoluta, chega-se à velocidade absoluta. Se você for capaz de prender a respiração, imobilizar o corpo inteiro e fazer com que cada um dos átomos que o compõem pare de se agitar, dissera ela, você será capaz de voar por cima do infinito. Tudo isso estava além de qualquer compreensão. Ele percebeu, entretanto, que, dentro desse prédio, Athansor, seu cavalo tranquilo e carinhoso, tinha ares de um cavalo que entra nos limites da oficina de um ferreiro familiar. Imaginou qual material fora usado para fabricar as ferraduras de Athansor, talvez algum dia ele repetisse o processo.

— Não viu a placa? — perguntou o operário.

— Qual placa?

— Aquela placa — disse ele, apontando para um enorme painel luminoso que dizia: “Entrada Proibida”.

— Na verdade, eu não a vi — respondeu Peter Lake. — Que lugar é esse?

— Uma estação de energia — explicou o operário. — Achei que isso fosse óbvio.

— Que tipo de estação de energia? — Esta foi a pergunta seguinte de Peter Lake, o mecânico habilidoso, construtor e reparador de motores elétricos, dínamos, turbinas a vapor e motores de combustão interna.

— Uma subestação de distribuição.

— E para que serve?

— Para distribuir a energia que chega até aqui.

— De onde?

— Não sei. É somente uma subestação de distribuição. Não sou engenheiro.

— Eu já vi todo tipo de estação de energia que existe.

— Então você já deveria saber, não é?

— Sim. Mas não sei. Nunca vi ou ouvi falar a respeito de nada deste tipo.

O operário fez um gesto de desprezo.

— Esse lugar está aqui há tantos anos que eu nem seria capaz de contá-los — disse ele.

— Não faz tanto tempo assim. Há vinte anos havia pessoas morando nesses cortiços. No pátio, havia uma casinha com piso de terra. As trambiqueiras moravam aqui. Eram batedoras de carteiras.

— Eu sei — interrompeu o operário. — Pequena Liza Jane, Dolly e Bosca, a garota morena.

— Como você sabe?

— Eu estava aqui naquela época, também. Morava ali adiante, perto de onde está aquele bloco de máquinas, está vendo?

— Em um dos cortiços?

— Isso mesmo. Todos já morreram a esta altura, ou se mudaram para outros lugares.

— Você se lembra de uma criança pequena que morava naquele prédio ali — perguntou Peter Lake, apontando para o espaço vazio acima de um banco de luzes — e que era muito doente? Mais ou menos desta altura, não enxergava direito, e tinha uma cabeça horrivelmente grande, como se o crânio fosse inchado?

— Eu já lhe disse, todos se foram. Mas, se ela era desse jeito, talvez tenha sido levado para o hospital.

— Que hospital?

— O hospital que serve as ilhas, e que as servia na época. O hospital em Printing House Square.

— Mas isso fica em Manhattan.

— As ambulâncias simplesmente atravessavam a ponte.

O necrotério do hospital em Printing House Square era um quarto sem janelas em um dos andares escavados no subsolo, onde não havia nem mesmo uma tubulação para renovar o ar. Cinquenta mesas de autópsia estavam dispostas sob luzes fortes, e sobre cada uma delas havia um cadáver repousando. Em algumas, as vezes até dez bebês estavam dispostos, deitados de lado e alinhados de uma extremidade à outra, como uma fileira de pistões desativados. Os cadáveres eram de todas as idades e cores — homens, mulheres, crianças, indigentes grandes como cavalos e frouxos como uma trouxa de pano, trabalhadores musculosos já no *rigor mortis*, garotas magras sem muita carne nos corpos, criminosos cuja última proeza foi receber um buraco de bala do tamanho de uma moeda, um homem indiano decapitado cuja cabeça olhava para o seu corpo, que estava do outro lado da sala, crianças jovens com expressões de confusão e dor, homens e mulheres que pensavam que as coisas nunca terminariam desse jeito, pessoas sem sorte cuja última expressão era de surpresa.

Um médico vestido com um jaleco manchado de sangue ia de mesa em mesa, ditando observações em um tubo que puxava junto de si, suspenso em um trilho preso ao teto do necrotério, e, vez por

outra, curvando-se sobre um cadáver para examiná-lo ou abri-lo. Peter Lake estava imóvel na porta. Não conseguia entrar nem se afastar do lugar. Os olhos dos mortos apontavam a esmo para todas as direções, e era impossível não estar no meio do seu campo visual.

— Está procurando por alguém, sem dúvida — disse o médico a Peter Lake, sem olhar para ele. — Provavelmente você não o encontrará aqui. Se não sabe o motivo, eu lhe direi. — Ele falava como se ainda estivesse ditando, e o surgimento de Peter Lake fosse apenas mais uma doença para ser registrada e examinada. — Estas pessoas nunca têm ninguém que venha procurá-las. São aquelas que caem pelas frestas. Onde estão seus pais, seus filhos, irmãos, irmãs, amigos? Estão aqui, ou estiveram aqui, ou estarão aqui dentro de pouco tempo. Você acha que aqueles que ainda estão respirando querem chegar perto deste lugar antes de terem de fazê-lo? Você não conseguiria arrastá-los até aqui, nem mesmo com um guindaste.

Peter Lake não respondeu, e isso serviu apenas para que o médico prosseguisse.

— Talvez você seja membro de um grupo que luta por reformas, e veio aqui buscar provas. — Ele olhou para Peter Lake e, pela sua expressão e aparência, concluiu que não era. — Eles vêm para tirar fotos. Ficam bem animados aqui. É por isso que vêm ao necrotério. Encontram uma alegria estupenda na indignação e compaixão que sentem por estes corpos rígidos e maltratados; para eles, é como andar numa montanha-russa. Eu sei disso — disse ele, fazendo uma incisão trágica no abdômen de uma garota adolescente. — E vou lhe dizer o motivo. Como passo o tempo todo aqui e desmembro cinquenta dessas coisas por dia, não posso sentir compaixão por cada uma das pessoas que está aqui. Não sou Deus. Não tenho isso em mim. As aias de companhia das senhoras e os críticos sociais percebem imediatamente que não dou a mínima para toda essa carne imprestável, e é exatamente isso o que eles querem. Sabem que são melhores do que estes bastardos

miseráveis que tentam ajudar, mas o que eles realmente gostam de pensar é que são melhores do que o resto de nós, que não são tão “compassivos” quanto eles. — Ele olhou para Peter Lake outra vez e disse: — Percebe a frequência com que essa mesma palavra escapa das suas bocas? Eles a usam como se fosse um porrete. Tenha cuidado.

O que ele fez a seguir, embora fosse parte da sua rotina de trabalho, fez Peter Lake fechar os olhos, horrorizado. Mas o médico continuou, com as mãos encharcadas e reluzindo, como se nada houvesse acontecido:

— Eles vêm até aqui em benefício próprio. É claro como o dia o fato de que adoram fazer isso. A grande ironia e a piada perfeita é que os miseráveis no fundo do barril têm essa escória egoísta como seus campeões. E que campeões! Eles alimentam os pobres — materialmente no começo, e depois espiritualmente. Mas, de certa forma, eles se merecem, pois os vícios e a estupidez foram criados para estar juntos.

— Eu sei disso, pois já fui pobre. Mas consegui subir na vida como um foguete, e sei como as coisas funcionam. As pessoas que estão sempre do seu lado, ou pensam que estão, são aquelas que o mantêm na lama. Tudo o que elas fazem serve para manter você na lama. Elas o perdoarão por qualquer coisa. Roube, estupre, furte e mate, e elas o defenderão até a morte. Compreenderão todos os escândalos, todas as suas falhas e seus fracassos também. É perfeito! Você pode viver assim para sempre. Com que elas se importam? Perdoe-me, mas elas se importam. Querem que as coisas sejam sempre assim.

Ele se curvou para fazer um corte pequeno, fino como um fio de cabelo, no peito de uma garota magra que acabara de eviscerar.

— Como conseguiriam seu sustento, esses servos dos pobres, se não houvesse pobres? O que me deu a possibilidade de subir acima de todas as pessoas que não conseguem enxergar a realidade foi que, certo dia, fiquei cara a cara com um homem que detestava

metade de tudo que eu era, e teve a coragem de me dizer exatamente isso. Eu me lembro das palavras dele. Ele disse: — O que você está fazendo é horrível. Uma maneira perfeita de morrer jovem. A menos que queira viver bem somente na vida após a morte, você precisa aprender a fazer as coisas do jeito certo. — O médico parou o que estava fazendo e deixou os braços caírem ao lado do corpo. E olhou diretamente para Peter Lake. — Eu odeio os pobres. Olhe o que fazem consigo mesmos. Como você é capaz de não odiá-los? A menos que pense que eles merecem tudo isso.

Deixando seu bisturi sobre a mesa, ele refletiu por um momento.

— Perdoe-me — pediu ele. — Às vezes eu converso com os vivos da mesma forma que falo com os mortos. E talvez eles me afetem mais do que eu imagino. Você está procurando alguém, não é? Por que outro motivo estaria aqui?

Peter Lake fez que sim com a cabeça.

— Idade?

— Uma criança.

— Sexo?

— Não sei. Parecia ser um menino, talvez.

— Raça?

— Irlandês ou italiano, eu acho.

— Essas não são raças. De onde?

— Das ilhas.

— Não recebemos mais tanta gente daquele lugar, não desde que a industrialização. A população foi dizimada.

— Foi antes disso.

— Vinte anos atrás?

— Isso mesmo.

— Talvez, talvez... eu poderia ajudá-lo a encontrar alguém que passou por este lugar há vinte horas. Talvez. Mas não há vinte dias, e não há vinte semanas, e nunca, sob quaisquer circunstâncias, há vinte meses. Vinte anos? Quase chega a ser engraçado. Você poderia ir um campo de trigo no Kansas e tentar encontrar um grão de trigo que caiu do seu caule duas décadas antes de você chegar lá. Gerações inteiras nascem e morrem sem que alguém se lembre delas. Todos são esquecidos. Se os pais estiveram vivos, o que eu duvido, garanto-lhe que eles também já se esqueceram.

O médico continuou: — Perceba uma coisa: você vai encontrar crianças que se prostituem. Não uma ou duas, mas dúzias delas. Elas vivem, se é que se pode dizer isso, até os dezenove anos, mais ou menos. Depois vem o excesso de cocaína, ou a sífilis, ou uma faca. Quer que eu o leve até a sala onde guardamos somente os pedaços que encontramos, e os cadáveres que ficaram dois meses no rio — ou anos em algum casebre antes que alguém os descubra? Quer que eu lhe mostre a meia dúzia de outras alas neste hospital onde essas cenas se repetem? E que tal ir aos outros hospitais? Printing House Square é pequeno e tranquilo. Até mesmo nos hospitais particulares na parte alta da cidade você poderá ver um espetáculo exatamente como este: não há nada tão repugnante quanto um cadáver obeso, no qual todos os prazeres fúteis de muitos anos finalmente surgem para enchê-lo completamente com gases fedorentos e apodrecidos. A cidade está queimando, e cercada pelo inimigo. E nós estamos em uma guerra onde todos são mortos e ninguém é lembrado.

— O que eu devo fazer, então, se as coisas são como você diz? — perguntou Peter Lake.

— Há alguém que você ame?

— Sim.

— Uma mulher?

— Sim.

— Então vá para casa e fique com ela.

— E quem vai se lembrar *dela*?

— Ninguém. E é exatamente disso que estou falando. Você tem que cuidar de tudo isso, agora.



ACELDAMA

Peter Lake guiou Athansor em um galope rápido por ruas cobertas de neve, com o vento norte vindo em sentido contrário. Estava muito frio, e o vento começava a congelar os fios do seu bigode. Embora o médico não soubesse que a mulher que Peter Lake amava estava próxima da morte, seu conselho não poderia ser mais apropriado ou mais doloroso de ouvir, especialmente porque ecoava o que Beverly dissera havia pouco tempo, no segundo (embora não o último) delírio em que ele a viu. — Sou igual a você — disse ela. — Vim de outra era. Mas há muitas coisas de que precisamos cuidar neste momento.

Como estava bastante perturbado pela força do amor que sentia por Beverly, seu surgimento repentino e o fim que se aproximava rapidamente, e talvez porque não conhecesse uma maneira de ajudá-la, Peter Lake se juntou a ela em suas crenças. Por mais que fosse difícil de acreditar, ele aceitava aquilo simplesmente porque a amava, e compartilharia qualquer medo ou sensação de confusão apenas para estar com ela. E foi somente depois de quase acreditar no que ela dizia que Peter Lake resolveu pensar no assunto — somente depois de visitar o hospital de Printing House Square.

Se ela estivesse correta, isso explicaria por que o mundo, às vezes, parecia ser um palco atrás do qual havia um poder estranhamente benevolente, superior e indiferente. O sofrimento dos inocentes seria levado em conta se, em eras que ainda estavam por vir ou em eras que já haviam passado, as razões para tudo isso fossem reveladas e os equilíbrios fossem restaurados. Explicaria o destino, as coincidências e sua imagem da cidade, como se ele estivesse em algum ponto muito alto, observando uma criatura viva com a pelagem da cor das luzes ao crepúsculo. Explicaria as coisas

que atraíam a atenção de Beverly, de muito longe e de tempos muito distantes. Poderia sugerir que Athansor, capaz de saltar muito alto no ar, estava saltando em direção a algo que ele já conhecia. Explicaria a forte sensação que Peter Lake tinha, ao imaginar que todas ações do mundo tinham consequências e que nunca seriam esquecidas, como se fossem anotadas em um magnífico livro de registros de uma complexidade inimaginável. Ele pensava que tudo isso poderia explicar a liberdade, a memória, a transfiguração e a justiça — embora não soubesse exatamente como.

Peter Lake se lembrava de que, certa vez, sem uma razão aparente, Pearly deu um salto para trás, sacou suas pistolas e disparou dez balas de calibre .45 contra uma janela escura, atrás da qual não havia nada além de uma noite de inverno. Pearly ficou tremendo por uma hora depois desse episódio, dizendo que o Cão Branco do Afeganistão o observava pela janela, um cachorro gigante de seis metros de altura, com os dentes à mostra, que viera da outra época para buscá-lo. Peter Lake pensou que ele estava louco — já havia batido muitas vezes a cabeça em batentes de portas e tampos de mesa. Quando Pearly finalmente parou de tremer, dormiu por quarenta e oito horas e teve pesadelos durante cada minuto.

Peter Lake sabia que os Catadores de Ostras estavam esperando que uma enorme janela na muralha de nuvens se abrisse para revelar uma cidade em chamas que o fogo não consumia, uma cidade que se debatia como um animal e mesmo assim não se movia, uma cidade suspensa no ar. Minuciosos em suas descrições e alertas para os pequenos sinais, eles insistiam que tal coisa apareceria, e, que depois disso, o mundo se iluminaria em ouro.

Tudo isso se agitava dentro de Peter Lake como panelas e frigideiras batendo contra a lateral do cavalo encurvado de um vendedor ambulante. Era difícil aguentar o peso de revelações parciais que se recusavam a ultrapassar a ponta da sua língua. Ele não era Mootfowl nem Isaac Penn, não era um intelectual que se ocupava com assuntos mais profundos. Apenas um homem. Era

somente Peter Lake, e cavalgava para a casa dos Penn com a expectativa descomplicada de mergulhar no tanque de banho de ardósia e observar Beverly se vestir para ir ao Mouquin's. Cavalgou rapidamente pelas luzes do início do trânsito do inverno, passando ao redor de cavalos resfolegantes, nuvens de vapor, charretes envernizadas com lamparinas de latão e cascatas de neve fria e seca. O trote de Athansor era tão suave que cavalgá-lo era como montar um chicote silencioso, ou como deslizar pela superfície de uma onda que se erguera no meio do oceano. Peter Lake e Beverly iriam ao Mouquin's sem se importar com qualquer perigo. O Ano-Novo estava se aproximando deles, tão amplo e poderoso como a maré que subia pela baía, cobrindo as águas velhas com riscos infinitos de branco.

Com Athansor acomodado em uma pilha de feno no estábulo da casa da família Penn, com as patas dianteiras estendidas para a frente e a cabeça curvada em um sonho restaurador, Peter Lake correu até o segundo piso da casa e abriu as válvulas que liberariam a água quente. Depois do frio cruel, a água era uma alegria sem igual. Enquanto flutuava e se virara, boiando sobre enormes volumes de bolhas espumantes, a porta se abriu e Beverly entrou.

— Estão todos na redação do *The Sun* — anunciou ela, puxando sua blusa por cima da cabeça em um movimento tão rápido quanto as linhas lançadas por pescadores no estilo *fly-fishing*. — Os festejos do Ano-Novo não vão terminar antes das sete ou oito horas.

— E onde está Jayga? — perguntou Peter Lake, já sabendo da obsessão de Jayga por espiar e ouvir as conversas dos outros.

— Jayga, neste momento, está embaixo da escrivaninha do meu pai na redação do jornal, com uma bandeja de salmão defumado sobre os joelhos e uma enorme garrafa de champanhe francês ao seu lado. Eles a encontram no dia 3 de janeiro, depois de revistar o prédio exaustivamente. Ela já terá comido salmão, caviar, fígado fatiado e camarões em quantidade suficiente para lhe sustentar durante uma hibernação muito longa. Mas somente ela, Harry e eu sabemos disso. Somos seus confidentes.

— Estamos sozinhos, então.

— Sim! — gritou Beverly, atirando-se no tanque de banho.

Eles se abraçaram enquanto flutuavam, circularam um ao redor do outro, foram girados pelo fluxo da água e relaxaram debaixo da cascata embutida no tanque. Os cabelos soltos de Beverly se espalharam ao seu redor, macios e úmidos; seus seios pareciam ganhar vida própria na água; ela batia suas pernas longas e graciosas como se fosse uma tesoura rosada e branca; o calor acrescentou uma pátina delicada à sua pele; e seus olhos penetrantes estavam suavizados e felizes. Foram até um dos beirais, onde conversaram com as palavras abafadas pelo som da água que caía.

Entorpecido pelo desejo, Peter Lake conseguiu contar a ela o que aconteceu com Cecil Mature, Mootfowl, Jackson Mead e o médico no hospital de Printing House Square. Ela não tinha respostas. Embora Beverly fosse reconfortante, seu método era inexplicável. Não fazia referência às perguntas implícitas que ele tinha, e continuava a falar em certezas tranquilas.

— Há animais nas estrelas — declarou ela. — Como o animal que você descreve, com a pelagem de luz e olhos profundos e infinitos. Os astrônomos acham que as constelações são fruto da imaginação. Mas elas não foram realmente imaginadas. Existem animais, muito longe daqui, que se movem e se debatem tranquilamente, e ainda assim são inteiramente imóveis. Não são feitos apenas com as poucas estrelas nas constelações que os representam — são vastos demais —, mas elas apontam nas direções em que eles estão.

— Como eles podem ser maiores do que a distância entre as estrelas? — questionou ele.

— Todas as estrelas que você vê no céu não são suficientes para indicar a ponta de um chifre ou a pálpebra de um olho. Suas pelagens felpudas e cabeças empinadas são formadas por uma cortina de estrelas, uma névoa, uma nuvem. As estrelas são uma

bruma, como um tecido brilhante, e não podem ser vistas individualmente. Os olhos dessas criaturas são maiores do que mil universos como o que achamos que conhecemos. E os animais celestiais se movem de um lado para outro. Saltam, esfregam seus focinhos uns nos outros, suas patas, e rolam para lá e para cá — tudo em um tempo infinito. E o crepitar da sua pelagem é o que causa a estática e o chiado que banha uma infinidade de mundos.

Peter Lake olhou para a água enquanto ela fluía pela cascata. — Sou tão louco quanto você — disse ele. — Talvez seja mais louco. Acredito no que você diz. Realmente acredito.

— Isso é simplesmente amor — respondeu Beverly. — Você não precisa acreditar em mim. Não faz mal se você não acreditar. A beleza da verdade é que ela não precisa ser proclamada, e não precisa que acreditem nela. Ela passa de uma alma para outra, mudando de forma a cada vez que as toca. Mas as coisas são o que são. Eu vi tudo isso, e, algum dia, você também verá.

Ele a ergueu na água e colocou-a gentilmente em um degrau um pouco mais alto.

— Como você sabe de tudo isso?

Ela sorriu.

— Eu vejo isso. Eu sonho com tudo isso.

— Mas, se são apenas sonhos, por que você fala de tudo isso como se fossem fatos?

— Não são somente sonhos. Não mais. Eu sonho mais do que fico acordada, hoje em dia. E, algumas vezes já fui para o outro lado. Não percebe? Eu já estive lá.

Contradições, paradoxos e ondas de sentimentos fortes eram coisas que Peter Lake aprendeu a chamar de suas há muito tempo. Assim, não ficou surpreso ao ser surpreendido pela suavidade da véspera de Ano-Novo, que, frequentemente, era um evento bastante agitado. Ele se lembrava de que as coisas aconteceram do mesmo jeito na

virada do século, quando os celebrantes não conseguiram celebrar e ficaram simplesmente parados, encantados pela história conforme ela movia o seu enorme peso (pelo menos de acordo com a perspectiva de Peter Lake) como a porta da caixa-forte da matriz de um banco.

Na noite de 31 de dezembro de 1899, apesar de mil garrafas de champanhe e cem anos de espera, o Mouquin's estava tão silencioso quanto uma igreja nas celebrações do dia 4 de julho. As mulheres choravam e os homens tinham dificuldade para conter as lágrimas. Quando o mecanismo do relógio dos milênios avançou, um passo curto bem diante dos seus olhos, ele desviou os pensamentos daquelas pessoas das coisas pequenas e lembrou-as do quanto elas eram vulneráveis ao tempo.

Mas este ano de números ímpares superou com folga a virada do século em solenidade e emoção. O silêncio tomou conta do lugar cerca de uma hora antes da meia-noite. Agora, quando Peter Lake e Beverly chegavam, às nove da noite, eles e as pessoas bem-vestidas que vieram para uma noite de danças embriagadas se viam banhadas por uma luz límpida, percebendo cada detalhe, tranquilas e contemplativas. Não havia o habitual círculo de pessoas ao redor da lareira absorvendo o seu calor e gritando umas com as outras, com copos de bebida nas mãos e um olho sempre apontado para a porta para ver quem chegaria ao salão fugindo do frio. As mulheres também não magnetizavam a cena como podiam e frequentemente faziam, ditando o ritmo para seus homens. Não havia tensão como nos lugares mais ricos, e nenhuma das danças mais comuns como o *Barn Rush*, o *Rumbling Buffalo*, o *Grapesy Dandy* ou o *Birdwalla Shuffle*. Quando a orquestra realmente começou a tocar, a bela e incomparável "Chantepleure and Wintergard" de A. P. Clarissa, foi oferecida para as pessoas, junto com outras danças de contraponto e movimentos suaves, nas quais eram principalmente os olhos que se moviam, e o coração batia como se estivesse no peito de um cervo fugindo de seus caçadores.

Aquele não era um lugar onde Pearly devia estar, mas ele e uma dúzia de Rabos Curtos estavam ali mesmo assim, com o que chamavam de mulheres — madames pretensiosas, garotas que vieram de fora da cidade, corrompidas e cansadas de trabalhar o dia inteiro em salões de cabeleireiros ou restaurantes de ostras, batedoras de carteiras e prostitutas armadas com pistolas, que, como Pearly dizia, tinham “tetas tão pontiagudas que eram capazes de cortar queijo”. Quando Pearly viu Peter entrar, ele se levantou enfurecido e seus olhos começaram a soltar faíscas. Mas, quando Beverly se juntou a Peter Lake, foi como se a sua presença arremessasse dardos contra a carne de Pearly, pacificando-o com um antídoto. Paralisado e com os olhos vidrados, ele e os outros Rabos Curtos não conseguiam fazer nada além de olhar fixamente para a cozinha, como faria qualquer retardado da região de Five Points com uma caneca de metal nas mãos.

As prostitutas atarantadas puxavam as mangas dos Rabos Curtos e cochichavam umas com as outras, assombradas. Os Rabos Curtos eram os apavorantes embaixadores do submundo, cuja presença ativa era temida e tolerada. Se o Mouquin’s não aceitasse a sua entrada, eles imediatamente incendiariam o lugar até não sobrar mais nada. Apesar do fato de que Pearly geralmente batia a cabeça quando passava pela porta, ele e seus capangas ditavam as regras no lugar. Mas, agora, estavam sepultados em um sonho anestesiado. Um dentista seria capaz de praticar suas artes caras e astutas em cada um deles, sem ouvir qualquer protesto.

Peter Lake olhou para Pearly, um gigantesco gato branco vestindo roupas que já estavam fora de moda há mais de meio século, e perguntou a si mesmo por quanto tempo o seu inimigo ficaria imobilizado. Beverly parecia ser capaz de forçar Pearly, cada vez mais, em uma condição na qual ele estava cimentado em um corpo que estava absolutamente preso e imóvel no tempo.

Beverly e Peter Lake sentaram-se ao redor de uma das mesas e pediram uma garrafa de champanhe, que foi trazida em um balde de prata cheio de gelo histérico.

— A única vez que vi este lugar tão monótono foi na véspera do Ano-Novo de 1900 — disse Peter Lake. — Talvez, por uma coincidência incrível, todas as pessoas aqui tenham acabado de perder algum ente querido.

— Anime-se — ordenou Beverly. — Quero dançar. Da mesma maneira que aquelas pessoas estavam dançando na taverna, naquela noite.

— Quem, eu? — indagou Peter Lake. — Como posso me animar? Suponho que poderia esfaquear ou atirar em Pearly, agora que ele está preso naquela espécie de papel pega-moscas do tempo. Mas, se eu fizesse isso, todos sairiam correndo. Teremos uma noite tranquila e esperaremos pela chegada do Ano-Novo.

— Não — disse ela. — É o meu último Ano-Novo, diabos. Quero ver um pouco de fogo nele.

Ela se virou em sua cadeira e olhou para a porta dupla em estilo francês, contra a qual o vento frio empurrava uma torrente de estrelas do inverno. Sem qualquer aviso, elas se abriram, como se explodissem. Em seguida, inexplicavelmente, o conjunto de portas seguinte se abriu também, e o mesmo aconteceu com cada um dos outros, até que as vinte e uma portas do Mouquin’s se abriram em uma percussão similar à de uma metralhadora, fazendo com que a orquestra e os dançarinos ficassem imóveis. O ar fresco atiçou o fogo das lareiras. No início, as brasas que queimavam como um gato ronronando se ergueram como as labaredas de uma fornalha industrial, e as árvores cobertas de gelo começaram a tilintar como mil sinetas de trenós. Em seguida, os ponteiros do relógio começaram a correr como a lebre e a tartaruga, e ambos atingiram a meia-noite ao mesmo tempo. O relógio bateu junto a cada outro relógio de Nova York, os sinos das igrejas, os fogos de artifício e os apitos dos navios soaram todos de uma só vez, transformando a cidade inteira em uma gigantesca viola de roda.

O ambiente logo ficou tão gelado que os homens correram para fechar as portas. Quando estavam todas fechadas e o salão ficou

em silêncio outra vez, eles viram que várias mulheres haviam começado a chorar. As mulheres diziam que era por causa do ar gelado que corria por sobre seus ombros nus, mas até mesmo pessoas que não se conheciam abraçavam-se, entristecidas com a chegada do Ano-Novo, sentindo a força do seu início. Elas choravam por causa da magia e das contradições; porque o tempo havia passado e ainda restava tempo; porque viam a si mesmas como se estivessem em uma fotografia que desapareceu rápido o bastante para contradizer a sua mortalidade; porque a cidade ao seu redor conspirou para despedaçar cem mil corações; e porque elas e todas as outras pessoas tinham de flutuar nesse mar de preocupações, presas em casulos herméticos. Às vezes havia ilhas, e, quando as encontravam, seguravam-se com força a elas, mas nunca conseguiram se segurar com força suficiente para não serem arrastados e engolidos novamente.

— Danças do campo! — gritou um homem ao se levantar com um salto, e seu grito se repetiu por entre a multidão elegante. Leves e aliviados, eles começaram a dançar mesmo antes que a música conseguisse acompanhar seu ritmo. Agora, a pista de dança do Mouquin’s vibrava sob uma camada branca e pura do inverno em regiões distantes, e a magia do Lago das Coheeries girava ao redor das pessoas de maneira quase visível.

Beverly, com um vestido de seda azul, dançava com Peter Lake. Houve um murmúrio geral em meio às pessoas quando Pearly e os Rabos Curtos começaram a recuperar seus movimentos. Copos brilhavam até se quebrar. A sala ficou quente. Beverly estava dançando. Nos restaurantes de ostras, nos salões iluminados pelos fogões a lenha dos barcos que atravessavam a baía, nos salões de baile dourados da parte alta da cidade, tão cheios de ouro e prata que pareciam cofres de banco, mesmo à luz do dia, nas enfermarias dos hospitais e nos porões miseráveis e escuros, eles dançavam — mesmo que apenas por um momento.

Peter Lake sentiu que um estupendo mecanismo interno do mundo havia sido acionado, revelando a sua decisão, e que muitas

coisas aconteceriam a seguir. Mas ele logo parou de pensar e deixou-se perder nos olhos de Beverly, uma jovem loira de olhos azuis que girava e chutava o ar com o resto das pessoas. Seus cabelos esvoaçavam. A música parecia estar dentro dela, e ela batia os pés no chão no tempo certo, uma parte precisa e alegre daquela dança. Ela sempre conservava os seus movimentos, trazendo-os para si e armazenando sua energia. Agora, ela os libertava. Ele nunca a vira assim; ela nunca agira assim. Embora temesse por seu bem-estar, ele sentiu que esta cena não se perderia, e, que por algum mecanismo de tradução ou preservação, acabaria durando e se libertando em algum momento para ser reiniciado. Os movimentos de Beverly fluíam em centenas de milhares de imagens, cada uma delas retratando a beleza, cada uma delas navegando rumo ao frio negro do espaço infinito que as recebia. Elas pousariam em algum lugar, pensou ele, corajosamente. Todas as coisas sempre se aquietam e depois florescem. Essa, pelo menos, era a sua esperança.

Eles se perderam em meio às danças, apostando tudo nas imagens que transbordavam para fora do Mouquin's e se difundiam sem qualquer esforço, em todas as direções.

— Eu estava aterrorizada — confessou Beverly enquanto eles voltavam para casa em um táxi motorizado.

— Aterrorizada? Por que diz isso? Você era praticamente a rainha de todo o mundo. Primeiro, você colocou Pearly para dormir. Depois, pareceu abrir as portas, atiçar o fogo e fazer o relógio girar. Conduziu as danças como se fosse a principal bailarina do lugar. A noite girou ao seu redor. Quando saímos, a festa murchou feito uma tenda molhada.

— Eu estava com muito medo — disse ela. — Fiquei tremendo o tempo todo.

Peter Lake ergueu uma sobrancelha cética. Ela o ignorou.

— Estou feliz por ter acabado. Detesto aglomerações. Queria fazer isso, pelo menos uma vez — revelou ela, com uma

ponderação calculada. — E fiz.

— Não percebi que você estava nervosa.

— Mas eu estava.

— Não havia o menor sinal disso.

— Você não viu porque era algo profundo demais.

Não havia ninguém em casa quando eles chegaram. O Ano-Novo espalhou os membros da família Penn por toda Nova York. Até mesmo Willa estava dormindo na casa de Melissa Bees, a filha de Crawford Bees, outro mestre-construtor, um dos senhores da pedra e do aço. Peter Lake e Beverly se jogaram em um sofá no quarto de Beverly, que ficava no segundo andar da casa. Ele percebeu que Beverly estava febril e suando, mas ela parecia estar tão alegre e leve que Peter Lake acreditou quando ela lhe disse que era apenas a elevação normal de temperatura que ocorre à noite. Após um banho e algumas horas frias no telhado, no ar seco do inverno, segundo ela, tudo ficaria bem. Ela sentia que estava melhorando, e disse que estava mais forte do que nunca. Na verdade, queria tentar sair para andar de bicicleta ou patinar no dia seguinte, pois tinha certeza de que era capaz de respirar mais facilmente agora. Algo havia acontecido. Apesar daquele otimismo, Peter Lake estava assustado, e, apesar do medo que ele sentia, fizeram amor.

Estavam tão desesperados e determinados que nem chegaram a tirar as roupas, e, para chegar até ela, Peter Lake teve de passar por um conjunto enorme de seda e algodão. E, quando conseguiu encontrar seu caminho e adentrá-la, os dois se entreolharam como se estivessem nas extremidades opostas de uma mesa de jantar. Ele ainda estava com um cravo preso à lapela do paletó. As fitas de veludo de Beverly ainda estavam nos lugares certos. Podiam estar em uma recepção formal, e ainda assim erguiam-se da mesma base, e estavam unidos por baixo de todas aquelas roupas, mais próximos, mais quentes e mais úmidos do que jamais estiveram. Como se estivessem dançando, um colocou a mão na base das costas do outro, e lentamente deslizaram os dedos para cima e para

baixo das superfícies lisas de suas roupas. As feições delicadas de Beverly pareciam se erguer de um chafariz de puro azul, e as saias espalhadas por cima da cama eram como a água que caía após erguer-se em jatos.

Não estavam atentos, e não se importariam se alguém houvesse entrado na casa. Isaac Penn sabia muito bem o que estava acontecendo. Em outras circunstâncias, seria escandaloso que a jovem, frágil e refinada Beverly se permitisse, durante a sua enfermidade, conhecer os prazeres doces e tristes de uma mulher mundana. Mas Isaac Penn reconhecia que ela estava apaixonada por Peter Lake, e, apesar do risco, queria que a filha fosse livre no tempo que ainda lhe restava para experimentar as paixões que nos são permitidas nesta vida.

Ela realmente descobrira a graça, ou a loucura, nas suas visões com a luz das estrelas. Seja lá o que fosse, as visões assustavam o seu pai quando ela mencionava o assunto ou tentava lhe falar a respeito, pois ele sabia que pessoas jovens dotadas de uma visão ampla, perspicaz e nobre frequentemente pagavam por ela com uma morte precoce.

Às vezes, quando a visitava no telhado, na parte mais profunda da noite, ele esperava encontrá-la adormecida. Em vez disso, encontrava-a em uma espécie de transe, sem respirar, possuída, forçando os olhos a permanecer abertos e fixados nas constelações.

— O que você vê? — perguntava ele, temendo pela sanidade dela. — O que você está vendo?

E houve uma vez, uma única vez, quando ele a encontrou no estado letárgico e enfraquecido de uma pessoa que acabara de ser arrebatada, quebrada e libertada, ela tentou lhe falar. Ele mal conseguiu compreendê-la quando ela falou sobre um céu cheio de animais cujas pelagens eram feitas com um número infinito de estrelas. Eles se moviam lentamente, tranquilamente, pois, na realidade, eram imóveis. Embora não fosse possível ver seus rostos, eles sorriam. Havia cavalos em campinas celestiais escuras

e outros animais que voavam, lutavam ou brincavam — tudo isso sem se mover — em lugares da cor de um turbilhão de rubis, feitos de silêncio completo.

— Lugares onde já estivemos — respondeu ela.

— Não consigo compreender isso — argumentava seu pai. — Os deuses da minha compreensão sempre estiveram escondidos em nuvens, muito longe daqui.

— Ah, não, papai — rebateu ela. — Eles estão aqui.

— O que você quer dizer?

— Quero dizer... que eles estão aqui.

Quando a primavera chegou, a alma de Beverly ascendeu. Ela morreu em um dia cinzento de março, com ventos constantes, quando o céu estava cheio de gralhas voando em disparada e o mundo jazia prostrado e derrotado após o inverno. Peter Lake estava ao seu lado, e aquilo o arruinou para sempre. Sentiu-se despedaçar de uma maneira que jamais imaginaria ser possível. Nunca mais seria jovem ou capaz de se lembrar de como era ser jovem. O que, antigamente, pensava serem prazeres pareceriam a ele agora, em meio à sua derrota, castigos muito hediondos e merecidos por sua vaidade e imprudência. Nunca mais conseguiria tirar da mente as coisas que ela disse antes de morrer — devaneios sobre cachecóis que eram canções, torrentes de fagulhas de prata, cervos com vozes parecidas com instrumentos de sopro e banquetes nos campos de luz negra onde os dentes-de-leão eram sóis. E, pelo resto dos seus dias, ele seria oprimido pela imagem do seu corpo pálido e esquálido, eternamente imóvel em uma sepultura escura escavada no chão. *Ou era isso que pensava que aconteceria*.

Pouco tempo depois da morte de Beverly, Isaac Penn a seguiu. Certa noite, ele chamou Harry ao seu quarto e disse: — Estou morrendo neste exato momento. Sinto uma velocidade tremenda. Estou assustado. Caindo. — E morreu, como se houvesse sido

apanhado por algo enorme que estava passando por perto a uma velocidade inimaginável.

Willa e Jack foram entregues a parentes que viviam no campo. Os criados passaram a receber pensões anuais e foram dispensados; a casa foi vendida e logo depois demolida para abrir espaço para uma nova escola. Harry mudou-se para cursar a universidade em Harvard, e, de lá, iria para a guerra na França. O *The Sun* permaneceu como sempre esteve, preparado para que Harry sobrevivesse a Château-Thierry e a Marne, se pudesse, e retornasse para assumir o jornal. Súbita e tristemente, a família Penn desapareceu da cidade. Aos poucos, uma família próspera foi silenciada. Para Peter Lake, que nunca conhecera a solidão antes, a cidade agora estava vazia. Entretanto, mesmo soldados derrotados às vezes sobrevivem. Se fizerem os movimentos certos, são resgatados das batalhas. Peter Lake foi deixado vivo.

Quando não havia mais ninguém com quem se importar e nada mais a fazer, Peter Lake, sentindo-se impulsivo e irritado, pegou Athansor e cavalgou rumo a Five Points, tentando dar de cara com Pearly. Queria morrer. Mas, naquele verão, como num passe de mágica, ficou longe das vistas de Pearly e continuou a ser (para seu desgosto) um homem livre. Cavalgava sem rumo em Athansor, que, por falta de exercício e empatia, parecia-se cada vez mais com um cavalo branco comum que costumava puxar uma carroça de leite no Brooklyn. Ninguém sabia ao certo para onde Peter Lake ia, já que, às vezes, nem ele mesmo sabia do seu paradeiro. O labirinto intrincado da cidade, as ruas serpenteantes, avenidas tumultuadas e praças, círculos e quadras remotas ocupadas por milhares de pessoas o engoliam facilmente, e ele se tornou mais um no grande exército de desconhecidos, maltrapilhos, andarilhos e daqueles que choravam nas ruas.

Embora sempre conseguisse dar de comer a Athansor, e às vezes conseguisse alimentar a si mesmo, nunca sabia ao certo como fazia isso — exceto pelo fato de que era capaz de caminhar por uma rua abarrotada de pessoas e emergir com cem dólares que pareciam

lhe surgir do nada, mas que vinham, na realidade, dos bolsos das pessoas. Ele detestava a ideia de fazer isso, e se esforçava para não fazê-lo. Mas suas mãos eram mais leais ao seu estômago do que à sua cabeça. Com o tempo, ficou maltrapilho e suas roupas ficaram velhas — mas não tão envelhecidas quanto o seu rosto. Certo dia, um rapaz elegante de olhos úmidos vestindo um casaco de pele de foca se aproximou dele e colocou um punhado de moedas de prata em sua mão, dizendo:

— Para você, pai.

— Não sou seu pai, seu filho da puta desgraçado — rebateu Peter Lake, mas não devolveu o dinheiro.

Sentindo-se tão desconfortável quanto um homem em penitência que acabou de fazer um juramento enorme, Peter Lake queria se afastar daquela prata. Ele e Athansor vagaram por alguns quilômetros, e pararam enquanto um comboio de caminhões militares atravessava o caminho deles. O comboio demorou tanto tempo para passar que ele apeou do cavalo e olhou ao seu redor. Estava diante de um cinema, algo do qual ouvira falar recentemente, e decidiu ver o que havia ali dentro.

Não esperava que a escuridão fosse estraçalhada por uma explosão atordoante de luz. Mas o quadrado perfeito do painel que reluzia uma luz branca na parede parecia ter coração e profundidade. A luz era medida em pulsos muito mais rápidos do que os de uma fornalha. Ele ouvia o movimento firme de engrenagens movidas eletricamente e o som que lembrava uma flauta gerado por um ventilador de alta velocidade que, sem dúvida, funcionava por baixo delas. A poeira estava presa no facho inclinado de luz como um rebanho de búfalos constrangido pela lâmpada intrusiva de uma locomotiva, e as partículas se espalhavam por todo aquele salão gigantesco, transformando-o em um universo de estrelas móveis. Era muito estranho quando a física e o mistério se combinavam para mostrar pessoas em quartos comuns, nas ruas, ou amarradas aos trilhos de uma ferrovia. Durante meia hora, Peter Lake assistiu a um mundo cinzento no qual tudo se movia rápido

demais e os atores conversavam em silêncio. A luz branca encheu a sala novamente, e depois indicou um pequeno desenho intitulado “Uma Cena de Inverno no Brooklyn — Como Éramos”.

Um vilarejo surgiu, coberto em neve e imóvel. Em seguida, um cavalo que puxava um trenó galopou pela parede e desapareceu nas cortinas. Portas se abriram, meia dúzia de mulheres saiu por elas e, como se a vida acontecesse dessa maneira, começou a bater leite para fazer manteiga. De uma só vez, elas voltaram para dentro de suas casas e a mesma cena foi repetida, com homens cortando lenha, depois os leiteiros entregando leite, garotos entregando jornais e uma longa fila de policiais perseguindo uma longa fila de ladrões. Todos os policiais estavam juntos num grupo, assim como todos os ladrões.

— O que há de “éramos” nisso aí? — perguntou Peter Lake, indignado, em voz alta.

— Shhhh! — sibilou uma mulher que não removera o seu chapéu.

Em seguida, outro clarão branco atingiu Peter Lake e o empurrou de volta contra sua cadeira. Iriam assistir a um retrato cinematográfico — “A Cidade no Terceiro Milênio”. Quando a obra surgiu na tela, Peter Lake quase saltou para gritar, enraivecido: este era um filme que retratava a pintura que foi feita para a família Penn. Os títulos anunciavam cada um dos enquadramentos. “Voo” era uma maravilha de luzes flutuantes cruzando o céu noturno da cidade. Havia centenas dessas luzes, tão graciosas quanto escunas, mas rápidas como trens expressos, traçando linhas na escuridão com uma determinação notável.

A cidade havia crescido para cima, criando penhascos de caixas prateadas que brilhavam, reluziam e cintilavam sobre a água em círculos concêntricos, criando um ritmo musical. Surpreendentemente, o que mais se podia ver era a própria luz. O vento gelado corria pelas avenidas estreitas, fazendo as árvores congeladas balançar. Nuvens de inverno, pequenas e densas, passavam por entre os parapeitos como um rio transcorrendo uma

barragem. As nuvens se moviam a uma altura que chegava apenas a um quarto da altura dos prédios, e, mesmo assim, não eram nuvens baixas ou névoa, mas os altos estratos que acompanhavam os ventos fortes e secos. Como isso era possível?

Outro título apareceu: “Enquanto a Cidade do Futuro Queima”. Não era possível ver chamas, apenas vastas nuvens de fumaça iluminadas que se enrodilhavam sobre a cidade em tranças ou se erguiam como montanhas. Naquele momento, o filme se rompeu, e Peter Lake foi capturado em um branco ofuscante, quase como se houvesse sido aprisionado na turbulência das ondas de uma cachoeira que desaguava fortemente em uma lagoa.

Athansor estava esperando como um cachorro amarrado a um poste, diante de uma loja. Seu mestre, em silêncio e deprimido, pegou suas rédeas e caminhou pela rua, puxando-o na direção leste. O pelo de Athansor estava manchado pela fuligem e pela poeira, e ele não se parecia mais com uma estátua. Peter Lake estava cansado e desgastado, e não tinha para onde ir. Mas esta era uma daquelas noites em meados de setembro em que, como uma bateria de canhões ao longe, o Canadá ameaça abrir as comportas do inverno.

Como tinham de encontrar algum abrigo, acabaram chegando a um porão, não muito longe daquela imensa ponte. Uma vela de sebo iluminava uma sala pequena na qual havia alguns montes de palha. Athansor ficou perto de uma parede e Peter Lake sentou-se e apoiou as costas contra outra. Após algum tempo, um homem entrou e deixou um balde de grãos de aveia e um balde de água diante do cavalo. Ele saiu e logo retornou trazendo uma frigideira de ferro com peixe grelhado e legumes em uma mão e duas garrafas de cerveja gelada em outra. Deixou tudo aquilo diante do seu hóspede.

— Vai querer água quente pela manhã? — perguntou ele.

— Claro — respondeu Peter Lake. — Faz algum tempo que não sei o que é água quente.

— Então, o pernoite para você e o cavalo, a aveia, a água quente, a comida, cerveja e a vela custarão dois dólares no total. Dois e cinquenta se não quiser outra pessoa aqui com você. Pode pagar quando o dia amanhecer. O horário para o *checkout* é as onze da manhã.

— Horário para o *checkout*? Como assim?

— Eu trabalhei em um hotel.

O peixe e os legumes estavam frescos, a cerveja estava gelada no ponto certo e a palha era quente e confortável. Peter Lake se lembrou da sua primeira noite na cidade, com as trambiqueiras, quando ele e as duas adormeceram sob a luz de uma vela de sebo bruxuleante. Mas agora não havia mulheres. Ele achava que nunca mais iria tocar, amar ou estar com uma mulher novamente. Tudo havia se despedaçado, e o mundo era apenas uma chuva cinzenta. Com uma estrada ainda mais difícil do que pensava à sua frente, ele dormiu agarrando nacos de palha entre seus dedos, contente por estar sozinho em um porão quente e sujo.

Athansor, por outro lado, permaneceu ereto e ergueu a cabeça. Estava inquieto e suas orelhas se agitavam continuamente, como se estivesse acompanhando o movimento de um mosquito, e seus olhos disparavam de um lado para outro. Se Peter Lake não estivesse dormindo profundamente, veria que o seu cavalo branco estava tenso como um corcel de batalha que pressente um combate distante. Havia algo no ar, e, conforme o cavalo ficava cada vez mais alerta, lembranças espantosas começaram a inundar seu coração.

Muitas horas depois, Peter Lake teve um sonho no qual viu a si mesmo deitado sobre a palha, com as costas pressionadas contra a parede de madeira para conseguir se aquecer. Athansor, um borrão branco na escuridão, estava agitado e inquieto. Peter Lake sabia que estava dormindo, e não ficou surpreso quando, muito antes de a manhã chegar, uma luz prateada começou a encher o ambiente pelas frestas onde as paredes do porão estavam mais próximas do

nível do chão, e a única janela no alto do cômodo começou se recobrir com cristais de gelo, sob o brilho potente de uma lua iluminada de dezembro. Essa luz ficou mais forte, quase como o amanhecer, mas era muito mais veloz e não tinha nuances quentes, cores de sangue, amarelos ou brancos luminescentes de metal em brasa. Em vez disso, era totalmente feita de um prata e um azul esbranquiçados que ficavam mais espessos e brilhantes conforme se aproximava. Se tivesse a intensidade da luz comum do sol, ela acabaria por atrapalhar o sonho, mas, como era o tipo de iluminação que fazia tudo flutuar, fez apenas com que o sonho ficasse mais profundo.

A luz branco-azulada que ganhava força era acompanhada por uma porção de sons turbulentos. Tons e estática batalhavam, entrelaçados em uma guerra que os levava cada vez mais alto. Ventos e vozes eram trançados e transformados em um escudo impenetrável. Era a muralha incandescente de nuvens em plena agitação, aproximando-se de Manhattan e empurrando à sua frente os sons e as luzes rompidos e perdidos que varreriam as margens da ilha como âmbar e conchas cintilantes, levadas até uma praia em uma tempestade que a cercaria como uma gargantilha.

Mas esse furacão tinha um olho sólido, um centro tranquilo que passaria sobre a cidade de maneira pacífica e sem pressão, um tubo de silêncio sem um limite vertical. Sua aproximação despertou Peter Lake do sonho, e ele se sentou com a luz prateada inundando seus olhos. Athansor mal conseguia se controlar. Tremia e batia os cascos contra o chão, como se sua hora houvesse finalmente chegado. Congelado e imóvel onde estava, com os olhos no teto da sua alma, Peter Lake podia sentir os poderes de Athansor como se fossem imensos motores e turbinas lamurientas.

O vento começou a soprar com força, vindo do sul. As árvores se curvavam e suas folhas tremiam em farfalhares prolongados. Peter Lake ouviu tampas de latões de lixo se soltarem, voando pelos ares em alta velocidade como balas de canhão. Os próprios latões de lixo estavam rolando velozmente pelas ruas, arrebentando as vitrines

das lojas como projéteis de ferro sólido. As vigas de sustentação da casa tremiam e rangiam enquanto o vento e a luz corriam um contra o outro, tentando estabelecer uma dianteira. Nenhum deles conseguia tomar a dianteira, mas a terra tremia como se fosse varrida até não sobrar nada sobre si. Até que o vento uivante parou, e uma calma absoluta cercou a cidade, desligando-a. Nada se movia, nem homens e nem animais. As águas estavam calmas, e todos os objetos pareciam estar enraizados em seus lugares.

Agora a luz começava realmente a inundar tudo. Era assustador. Explodiu sobre o porto em um facho ofuscante, e começou a se aproximar da cidade. — É um sonho, é um sonho — disse Peter Lake a si mesmo, várias e várias vezes, enquanto tremia. — É um sonho. — A porta do porão foi erguida suavemente de suas dobradiças e voou pelos ares, desaparecendo silenciosamente. O facho de luz prateada iluminou os degraus até o cômodo cheio de palha e o encheu com uma luz fria.

Subitamente, a luz se apagou, e restou apenas a noite. Ainda no sonho, Peter Lake afundou contra a parede, já sendo capaz de respirar outra vez. O curto tempo que teve para organizar suas ideias não lhe serviu para muita coisa, pois agora ele era capaz de ver. Seria possível, mesmo num sonho? Brilhando em branco, prata e azul, Beverly estava em pé na entrada do porão, em uma esfera de raios de luz reverberantes e tão redonda quanto a lua. Ela deslizou pela rampa de luzes que a trouxera até ali. Em sua mão estavam o freio e as rédeas de um cavalo, aparentemente feitos com correntes de estrelas ou diamantes pontiagudos. Ela era a fonte da sua própria luz, e, ao seu lado, Athansor parecia um pequeno pônei Shetland. Embora estivesse tranquilo pela presença dela, como se estivesse à sua espera, o Peter Lake do sonho desmaiou. Mas Peter Lake, o sonhador, observou enquanto Beverly, com o cabelo trançado como antigamente, acariciava Athansor e conversava com ele em palavras ininteligíveis. Seus movimentos e expressões não eram diferentes dos de uma garota que cuida do seu pônei, mas ela irradiava luz.

Peter Lake, o sonhador, viu o Peter Lake do sonho acordar e observar enquanto Beverly terminava de cuidar de Athansor. Em seguida ela se virou, olhou diretamente em sua direção e foi até onde ele estava. Quando estava perto, ele fechou a mão ao redor das rédeas celestiais. Embora ela estivesse sorrindo e seus olhos dançassem, ela afastou as rédeas. Ele a agarrou com tanta força que o material cortou a pele das suas mãos, mas foi incapaz de segurá-la. Peter Lake sentiu-se despertando em meio à escuridão. Queria ficar com Beverly naquele lugar estranhamente luminoso, cheio de uma misteriosa estática rodopiante e tons de âmbar lanosos, mas o sonho esmaeceu, a luz recuou e a última coisa da qual ele conseguiu se lembrar foi uma sensação de dor e perda indescritíveis, e raiva em relação à sua sentença nas trevas.

Uma hora antes da chegada da luz natural, uma estranha operação começou a ocorrer do lado de fora do estábulo onde Peter Lake sonhava com Beverly. Quase em pânico, os Rabos Curtos, seus aliados e os aliados de seus aliados se preparavam, com suas armas e suas máquinas, em formações militares pelas ruas e pelas praças. Pearly trotava de um lugar para outro em um cavalo cinzento e malhado, dirigindo a ordem da batalha. No Brooklyn, um de seus tenentes começou a marchar com um grupo de tropas rumo à Grande Ponte. Essa era a última mobilização das gangues antes que a guerra os arrasasse como poeira ao vento.

Era um canto do cisne, e o cisne que o cantava estava todo desfigurado e deformado. Em seu declínio, as gangues haviam se tornado o repositório para um estranho grupo de criminosos. A maioria dos dois mil soldados que se preparavam para o combate tinham menos de um metro e meio de altura. Não corriam de um lugar para outro com a graça de homens nascidos para combater, mas andavam a passos trôpegos. Muitos dos gordos tinham olhos em forma de fenda como os de Cecil Mature, mas não a meiguice que o redimia. Um terço daquele contingente estava seriamente aleijado, e andava manquitolando. Outro terço, ou até mais, emitia sons “tiquetaqueantes” estranhos. Quando conversavam, soavam

como rolhas de garrafas de champanhe estourando, frangos, gargarejavam e tangiam como cães chorosos. Os que tinham a aparência mais normal eram assassinos de feições ferozes, que antigamente eram chamados de “cachorros loucos”, já que não diferenciavam amigos de inimigos e se viravam uns contra os outros mais facilmente do que poderia ser tolerado, mesmo pelas gangues mais anárquicas. Agora, eles eram os soldados.

Pearly reuniu o que restava dos Rabos Curtos, os Coelhos Mortos, os Tampões Feios, os Jacks Risonhos, a Gangue da Pedra, a Gangue dos Trapos, a Gangue do Estábulo, os Costelas Feridas, a Gangue da Chibata Branca, as Vadias de Corlears, a Gangue das Barras de Aço de Five Points, os Alonzo Truffos, os Cães Gaiteiros, os Uivadores, os Anéis de Cobra, os Diabos do Bowery e muitos outros. Havia mais de dois mil deles, incluindo cada apunhalador, cada brutamontes e cada assaltante independente da cidade.

A polícia fora subornada para evacuar a área ao sul da rua Chambers. Pearly lhes garantiu que estava atrás de um único homem, e que nenhuma propriedade ou patrimônio seria danificado. Ele organizava seus exércitos de aleijados deformados e cachorros loucos e desvairados como um verdadeiro general — cavalgando de um lado para outro, fazendo seu cavalo cinzento saltar sobre as fileiras de seus próprios homens e testando os destacamentos. Falou com a divisão do Brooklyn por telefone. Estavam prontos. — Manhattan está pronta? — perguntaram eles. Pearly respondeu afirmativamente. Mil e seiscentos soldados em Manhattan estavam completamente armados e adequadamente posicionados. Embora a muralha de nuvens estivesse agitada e houvesse se movido na direção da baía, isso era comum no final de setembro, conforme as estações mudavam, e Pearly estava disposto a apostar que, quando o sol surgisse e estabilizasse o dia, a muralha de nuvens recuaria. O sol surgiu e iluminou um imenso exército de seres criminosos e atarracados que não conseguiam resistir ao impulso de conversar ruidosamente uns com os outros, porque tinham sede de sangue. Tinham armas de verdade e apreciavam o uso delas.

Pearly esperou até que Peter Lake saísse do porão onde o estalajadeiro jurou que ele se escondera. Estava faiscando, como um enorme gato cinzento em uma tempestade seca de inverno. Mal conseguia ficar parado. Movia a cabeça para cima e para baixo como se estivesse contando o tempo, e seus olhos cortantes estavam fixos na rampa aberta do estábulo subterrâneo.

Peter Lake acordou com um salto. — Jesus Cristo! — exclamou ele, e deixou-se cair sobre a palha. O dia já começava a se iluminar, e, quando ele se sentia muito feliz, ou muito infeliz, nunca era capaz de voltar a pegar no sono depois de acordar. Ergueu o corpo até ficar sentado e viu Athansor, que parecia estar disposto a correr. Peter Lake já vira outros cavalos com a mesma necessidade urgente de correr, mas isso sempre aconteceu no Belmont, pouco antes do horário em que as apostas eram encerradas, quando uma seringa cheia de atropina realizava seus milagres perigosos. Athansor parecia ser capaz de deixar para trás dez cavalos como aqueles, um depois do outro.

O próprio Peter Lake se sentia forte e cheio de energia. Estava totalmente desperto, e tudo o que queria era cavalgar Athansor. — Vou levá-lo para o interior — afirmou ele em voz alta. — Vamos correr como dois diabos por todo o maldito estado. — Colocou-se em pé e caminhou rumo ao que esperava ser o balde de água quente que pediu na noite anterior, entregue logo cedo. Era apenas a água da noite anterior. Quando olhou para baixo para ver se ela estava fumegando, viu que a pele das suas palmas e dedos apresentava vários cortes e arranhões, como se houvesse agarrado um cordão de diamantes pontiagudos que foi puxado pelas suas mãos.

Ele não teve tempo para refletir, e imaginou que seria melhor se apressar, pois a energia de Athansor, agora, estava tão intensa que as paredes do estábulo vibravam como um galpão em uma estação de trens, na qual seis locomotivas entraram com os motores ligados.

Em seguida, Peter Lake ouviu o som de mil e seiscentos homens tomando seus lugares, preparados e que não precisavam mais abafar suas vozes estranhas. — Que diabos é isso? — perguntou Peter Lake a si mesmo, e subiu pela rampa correndo, dando de cara com uma falange de oitocentos brutamontes dispostos em um semicírculo ao redor de uma praça vazia, a não mais de cinquenta metros de distância. Pearly estava montado em seu cavalo cinzento, sorrindo com a arrogância de um atirador de facas. Peter Lake sorriu ao reconhecê-lo.

— Você fez um belo trabalho, Pearly — gritou ele pelo espaço que os separava. — Mas ainda não acabou.

— Não, Peter Lake — protestou Pearly em resposta. — Ainda não acabou.

— O que você espera conseguir com todos esses idiotas e bufões? — indagou Peter Lake, após avistar o exército de Pearly. Ele não esperou por uma resposta. Correu para dentro e saltou sobre o lombo de Athansor, que saiu em disparada, com uma força tremenda. Peter Lake pretendia simplesmente saltar sobre as fileiras dos capangas de Pearly e fugir. Como Pearly pode ser tão estúpido? Athansor emergiu do estábulo como se fosse um trem expresso. Os pequenos duendes gordos tiveram de recuperar o fôlego.

Contudo, ele rapidamente girou e parou. Peter Lake sentia seu coração bater forte. Não haveria saltos, pois o estranho e patético exército erguera uma floresta de lanças pontiagudas, que tinham entre dez e doze metros de comprimento. Estavam próximos demais para que Athansor conseguisse se esquivar das suas lâminas. Ele não conseguiria se erguer verticalmente no ar.

Ao ver o caminho bloqueado, com exceção de uma pequena abertura à esquerda, Peter Lake esporeou Athansor e galopou para a brecha. Aproximando-se por trás dele, o exército de Pearly ganhou vida com um grito. Tudo foi planejado cuidadosamente. Assim que Peter Lake estava longe das lanças, cem homenzinhos apareceram na abertura de uma rua lateral e bloquearam o seu

caminho com mais lanças. Redes foram penduradas em varas e vigas instaladas sobre os prédios, e uma dúzia de cães raivosos foi solta para fustigar Athansor. O cavalo os pisoteava sem dificuldade ou saltava sobre eles, mas, mesmo assim, os cachorros o fizeram diminuir a velocidade. Nenhum tiro fora disparado. Os soldados de Pearly estavam ocupados demais cercando Peter Lake e fazendo com que ele recuasse rumo à rampa da ponte. Peter Lake percebeu o que estavam tentando fazer, mas não havia escapatória. Quanto mais se aproximava da ponte, mais redes surgiam, mais lanças e mais altos eram os gritos dos seus perseguidores.

Finalmente, sem outro lugar para fugir, e com mais de cem lanças afiadas a lhe fustigar, Athansor recuou relutantemente pela rampa, subindo por ela. Sua boca espumava. Ele mostrava os dentes. Procurava uma oportunidade de lutar ou voar por cima dos seus inimigos, e não encontrava nenhuma. Haviam pendurado redes pesadas ao longo dos cabos de sustentação, cobrindo até mesmo as torres. Não havia escolha a não ser tentar ir para o Brooklyn.

Como Peter Lake esperava, o lado do Brooklyn também estava todo coberto por redes, seus cabos abarrotados com amarras e redes de pesca. O passadiço estava cheio de lanceiros marchando em sua direção. Athansor poderia tentar saltar sobre as lanças, mas os arcos de sustentação da ponte, grandes como catedrais, estavam bloqueados com redes pesadas que deixavam pouco espaço sobre as pontas das armas.

Peter Lake galopava para o leste e para o oeste, indo e voltando, tentando achar uma rota de fuga. Sabia que muitos cavalos em muitas batalhas foram cercados e esporeados do mesmo jeito que ele fazia com Athansor, forçados a imitar tigres andando de um lado para outro enquanto o medo arrancava o fôlego de seus cavaleiros. Não tinham para onde ir, e, assim, iam de um lado para outro. A cidade brilhava no leito azul do outono para o norte e o oeste. O Brooklyn ainda dormia. O rio tinha cortes negros em sua face, feitos pelo vento. E para o sul estava a foz do rio, desimpedida, sobre a qual se estendia a muralha de nuvens, furiosa e próxima, revirando-

se no meio da baía, sugando a água e criando uma linha de ondas que arrebentavam em sua base.

Bem acima do rio, centenas de metros sobre a água, tudo o que podiam fazer era correr de um lado para outro conforme os inimigos se aproximavam. A única saída que Peter Lake conseguia ver estava na conjunção das duas forças. Durante a luta, ele poderia conseguir chegar à retaguarda e escapar. Não tinha armas. Athansor resfolegava.

As duas linhas de combatentes interromperam o passo. Pearly era inteligente demais para criar a confusão que Peter Lake esperava ver. Eles pararam onde estavam, travaram as lanças perto das redes e continuaram parados. Foi somente ao final daquela manobra que grupos de combatentes passaram por entre as duas divisões de lanceiros. Havia cerca de cem deles. Tinham lanças mais curtas, espadas e pistolas. Pearly sabia que uma turba não poderia encurralar os inimigos com muita eficiência. Assim, mandou que ficassem parados e fez com que seus melhores homens avançassem para matar Peter Lake e seu cavalo.

— Não temos escolha — disse Peter Lake a Athansor. — Desta vez, teremos de lutar.

O primeiro grupo se aproximou. Estavam receosos, como já se esperava. Athansor empinou e afastou as lanças. Galopou para cima dos soldados e os atropelou. Mordeu-os e pisoteou-os. Mas estava no meio de uma floresta de lanças, e elas o cortaram nos flancos e no peito. Quando um segundo grupo percebeu que ele sangrava, juntou-se ao combate e disparou suas pistolas. Um espadachim avançou contra Peter Lake e fez-lhe um corte nas costas. Peter Lake não sentiu dor. Pegou a espada do seu atacante. Agora estava armado, e agitava furiosamente a espada, com força.

Athansor empinava e batia forte com os cascos contra os peitos dos atacantes. O som era o de galhos se partindo. Enquanto espada batia contra espada, Peter Lake teve a certeza de que iria morrer. Eles atiravam contra a cabeça de Athansor, e as balas se chocavam

contra os seus ossos e deixavam suas orelhas em farrapos, como bandeiras no alto de uma fortaleza. O chumbo quente perfurava seus músculos e se alojava em seu abdômen. Peter Lake também tinha cortes e sangrava por toda parte. Sentia frio. Pearly mandou que seus combatentes recuassem. Peter Lake ficou cercado pelos mortos que se espalhavam ao seu redor. Ele e Athansor estremeciam por causa dos ferimentos que receberam. Moviam-se a esmo, sem direção. E, então, Peter Lake viu que Pearly ainda tinha um segundo e um terceiro batalhões, prontos para entrar na batalha. Não conseguiria suportar aquilo.

Ele olhou para o rio, abaixo de onde estava. Estava muito longe, longe demais. Mas era um azul bonito, e uma maneira muito melhor de morrer, se tivesse de fazê-lo, do que sobre as tábuas manchadas de sangue da Grande Ponte. Não havia nada a perder. Eles iriam saltar.

O vento assobiou por entre as redes e cabos. Peter Lake deu uma última olhada na direção da cidade, e virou-se para o sul, na direção dos mangues. Quando a segunda tropa começou a se aproximar, Athansor começou a andar como os tigres. Entretanto, desta vez, ele o fazia do norte para o sul, perpendicularmente, sobre o passadiço estreito da ponte. Eles pensaram que o animal estava louco. Tentando matá-lo de uma vez, dispararam suas pistolas. Mas ele os ignorou. Quando estava preparado, apoiou-se sobre os quartos traseiros. Os homens de Pearly se detiveram, pois nunca viram nada como aquilo. Athansor se arqueava em ondas de energia visíveis. Em seguida, com um rugido, ele se lançou em um movimento longo e suave e saltou no ar, cortando um grosso cabo de aço que atravessava seu caminho e deixando as redes para trás sem dificuldade.

Momentaneamente suspenso sobre a baía, Peter Lake esperava cair, e ficaria satisfeito com o que esperava acontecer. Mas não houve nenhuma queda. Athansor subiu e acelerou mais rápido para longe, estendendo seus quartos dianteiros feridos à sua frente conforme cortava o vento. O cavalo e o cavaleiro estavam rumando

para a muralha de nuvens. Peter Lake olhou para trás e viu que a cidade estava pequena e silenciosa, e não parecia maior do que um besouro. Quando penetraram na muralha de nuvens, o mundo se transformou em uma tempestade de névoas brancas revoltas que gritavam e gemiam como um coral de vozes atormentadas e estridentes.

Os dois voaram por horas. Respirar ficou cada vez mais difícil, e Peter Lake sentia cada vez mais dificuldade para se segurar. Conforme a velocidade de Athansor aumentava, as nuvens que passavam por eles se transformaram em um borrão branco. Peter Lake pensou na cidade. Um abrigo de tudo que é absoluto e nobre, o lugar parecia agora um lugar agradável, mesmo que a vida lá tivesse sido muito dura. Imagens brilhantes surgiam diante dos seus olhos agora que o branco dominava o seu campo de visão, e ele sentia o desejo de rever as cores, a suavidade e o brilho da cidade que era uma ilha no tempo.

Finalmente, Athansor irrompeu sobre o topo das nuvens. Eles se viram em meio a um éter negro e sem ar. O que Peter Lake viu foi o que Beverly descreveu, e ficou maravilhado, muito além da sua capacidade de se maravilhar. Não conseguia respirar, e sabia que, se continuasse sobre o cavalo, acabaria morrendo. Assim, ele tocou Athansor gentilmente e atirou-se de cima dele para voltar a cair sobre o campo de nuvens. Foi a última coisa que ele viu naquele mundo alto e límpido, pois sua queda ficou turva, desajeitada e inerte no tempo. Havia lagos nas nuvens que simplesmente desaguavam no mar, e havia colunas longas e mais profundas que se curvavam através do ar esbranquiçado. Ele caiu, e caiu, e não tinha vontade própria. Suas armas e pernas se debatiam. Seu pescoço era como o pescoço leve de um bebê.

Peter Lake despencou por entre aquele mundo branco. E então, totalmente esquecido, desapareceu nas profundezas da fúria infinita daquele lugar.

II. QUATRO PORTÕES PARA A CIDADE



QUATRO PORTÕES PARA A CIDADE

Toda cidade tem seus portões, que não precisam ser feitos de pedra. Também não precisa haver soldados sobre eles, ou sentinelas à sua frente. No início, quando as cidades eram joias em um mundo escuro e misterioso, os portões geralmente eram arredondados e tinham muralhas protetoras. Para entrar, a pessoa tinha de passar pelos portões, uma recompensa em forma de abrigo das florestas e dos mares opressores, da implacável e esmagadora expansão de verdes, brancos e azuis — selvagens e livres — que paravam diante das muralhas da cidade.

Com o tempo, os beirais ficaram mais altos e os portões, mais pesados, até simplesmente desaparecerem e serem substituídos por barreiras, mais sutis que a pedra, que cercavam cada cidade como uma coroa e mantinham seu espírito confinado. Alguns afirmam que essas barreiras não existem e as menosprezam. Embora as pessoas sejam capazes de penetrar as novas muralhas sem esforço, seus espíritos (que elas também alegam não existir) não podem fazer isso, e são abandonados como órfãos ao redor da periferia.

Para entrar incólume em uma cidade, é necessário passar por um dos novos portões. São muito mais difíceis de encontrar do que seus predecessores sólidos, pois são testes, mecanismos, aparelhos e implementações da justiça. Antigamente existia um mapa, que desapareceu há tempos; um dos diagramas ancestrais

sobre os quais animais coloridos dormem ou atacam. Aqueles que o viram disseram que, em suas iluminuras, havia figuras e símbolos que representavam os portões. O portão leste era o da aceitação de responsabilidades. O portão sul, o do desejo de explorar. O portão oeste, o da devoção à beleza. E o portão norte, o do amor incondicional. Mas ninguém acreditava. Dizia-se que uma cidade com portões como esses não poderia existir, pois seria maravilhosa demais. Aqueles que decidem tais coisas deliberaram que as pessoas que alegaram ter visto o mapa simplesmente o imaginaram, e todo o restante foi esquecido, tratado como se fosse um sonho, e ignorado. Isto, é claro, o libertou para viver para sempre.

LAGO DAS COHEERIES

O alto Hudson era tão diferente de Nova York e suas extensas baías quanto a China era diferente da Itália, e seria preciso um Marco Polo para apresentar uma região à outra. Se o Hudson fosse comparado a uma serpente, então a cidade era a sua cabeça, o lugar onde estavam seus sentidos, expressões, cérebro e presas. A parte mais alta do rio era mais tranquila, mais forte, o pescoço musculoso e o corpo liso e alongado. Não havia um chocalho na cauda dessa cobra. Albany, às vezes, tentava agitar as coisas, mas não era capaz de emitir um som audível.

Em primeiro lugar, a paisagem do Hudson era uma paisagem de amor. Para alcançá-la pelo mar, era necessário passar por vários casamentos gloriosos, atravessando as fitas cintilantes em forma de pontes altas. Em seguida, navegava-se por águas tranquilas, espaçosas e de contornos femininos, e cujos bancos e margens se estendiam por áreas grandes e seguras como qualquer par de pernas bem torneadas que já existiu. Logo depois tinha início uma infinidade de circunvoluções agradáveis. Havia vales inteiros cortados pelos afluentes, cada um com muitos milhares de jardins bem cuidados. Cidades ao longo das margens ficavam inteiramente subordinadas à sua devoção a uma bela paisagem, ou à memória de uma parte de um século na qual desfrutaram de um período aparentemente infindável de clima agradável. Havia velhos teatros de ópera, enormes mansões, porões escondidos e refúgios primaveris, igrejas cinzentas construídas pelos holandeses, ancoradouros que se estendiam sobre o rio por mais de um quilômetro e ficavam cobertos, todos os dias, por dúzias de esturjões, cada um deles pesando cento e cinquenta quilos ou mais, e quase explodindo de tantas ovas.

Os lugares para patinar no gelo eram sem igual, exceto talvez na Holanda, pois os primeiros colonizadores holandeses construíram várias centenas de canais que atravessavam florestas, pântanos, campos e vilarejos, sobre os quais um patinador poderia deslizar sozinho sob a luz da lua durante uma longa noite de inverno, e não perceberia que estava sobre o gelo há mais de dez minutos. Não era raro que garotos e garotas voltassem às suas casas sob o calor da alvorada, após uma noite inteira correndo contra a lua, profundamente apaixonados.

No Hudson, a paixão era um fenômeno enorme e complicado. Às vezes era ridículo e cativante: ver adolescentes presos dolorosamente nas armadilhas aprazíveis em que se atiram com tanta ansiedade. Eles caminham pela cidade suspirando e conversando consigo mesmos. — Amo você — dizem eles a um amado ou amada imaginários, embora pareça a outra pessoa que eles estavam conversando com uma pá de remover neve ou um caixote de ovos. O vale parecia ter sido construído sobre o amor. Mas, por sorte, o comércio e a agricultura geravam bastante riqueza, e as estações eram intensas e frutíferas (gelo e xarope de bordo no inverno; moluscos e flores na primavera; legumes, grãos e amoras no verão; tudo na colheita do outono; e também madeira, minerais, produtos baleeiros, carne de gado e de carneiro, lã e produtos industrializados o ano inteiro), pois, se não fossem, o caos reinaria.

Sempre havia a oportunidade para que alguém fosse profundamente educado nos caminhos do coração do Hudson. A beleza da paisagem cuidava do resto, junto à magia da lua, as baías quentes e cheias de juncos das baías, o gelo prateado e cintilante, dias de verão ou dias de neve submersos em um oceano de ar limpo e azul, campos que não tinham fim, o vento que vinha do Canadá e uma grandiosa cidade ao sul.

A água do Lago das Coheeries era tão viçosa e azul quanto a água de uma piscina glacial arredondada e opalescente. Os montes de peixes que viviam ali estavam repletos de um espírito de luta

prateado (erguendo-se sobre o lago como espadas em riste), e iam de um lugar para outro em um banho espectral de fidelidade intensa e invariável. O lago podia agir de forma irritadiça e brutal durante as tempestades, e beber da sua água era um despertar e uma bênção. Às vezes, antes da chegada do inverno com toda a sua força, a cada ano, o Lago das Coheeries surpreenderia a todos ao congelar-se totalmente durante a noite. Na segunda semana de dezembro, no mais tardar, os habitantes da cidade às margens do Lago das Coheeries se sentavam ao redor das suas lareiras após o jantar e observavam a escuridão ao redor das suas casas enquanto os ventos canadenses desciam em hordas e atacavam a cidade, vindos do norte. Esses ventos nasceram e ganharam força no Ártico e aprenderam a agir conforme progrediam para o sul, em Montreal — ou era isso que se dizia, pois as pessoas do Lago das Coheeries não tinham muito respeito pelos modos ou as morais de Montreal.

Os ventos arrancavam telhas, quebravam galhos e derrubavam as chaminés desprotegidas. Quando surgiam, todas as pessoas sabiam que o inverno havia começado, e que um longo tempo se passaria antes que a primavera tingisse o lago de amarelo-claro, com riachos que fugiam dos campos que acabavam de voltar a respirar.

Mas, em um dos invernos, os ventos estavam mais fortes e gelados do que jamais estiveram. Na noite em que eles começaram, pássaros foram esmagados contra penhascos e árvores, as crianças choravam e as velas tremeluziam. A Sra. Gamely, sua filha Virgínia e o bebê de Virgínia, Martin, estavam dentro de sua pequenina casa e imaginavam que o lago havia se transformado em uma visão do inferno. Ouviam ondas imensas arrebentando contra a relva macia onde os campos tocavam a água. No meio do lago, dizia a Sra. Gamely, a água estava bastante agitada, e o vento formava com ela enormes castelos espumosos, e todos os enormes monstros das profundezas, incluindo o Donamoula, estavam sendo agitados e jogados de um lado para outro como raízes em um campo novo.

— Escutem — disse ela. —Vocês podem ouvi-los gritando quando rolam uns sobre os outros. Pobres criaturas! Mesmo que sejam um cruzamento entre aranhas marítimas, serpentes retorcidas e as facas mais afiadas; mesmo que seus olhos sejam esbugalhados e que não tenham cílios, e que olhem para vocês como mendigos mal-intencionados; e mesmo que seus dentes sejam uma floresta de ossos finos e pontiagudos como lâminas, é uma vergonha ouvi-los chorar assim.

Virgínia prestava atenção na escuridão, escutando os gritos das criaturas do mar sendo jogadas de um lado para outro como os ingredientes de uma salada no meio do lago. Tudo o que ouvia era o vento. A Sra. Gamely revirou os olhos pequenos e ergueu um dedo.

— Shhhh — disse ela, e escutou. — Ouviu agora? Você ouviu?

— Não! — respondeu Virgínia. — Ouço apenas o vento.

— Mas você não ouve as criaturas também, Virgínia?

— Não, mãe. Somente o vento.

— Aposto que o pequenino os ouve — disse a Sra. Gamely, referindo-se ao bebê, que dormia profundamente, envolto em seu pijama de flanela grossa. — *Existem* criaturas, sabia? — prosseguiu ela. — Eu já as vi. Quando eu era uma garotinha na margem norte do lago (muito antes de me casar com Theodore), nós as víamos o tempo inteiro. Claro, isso foi há muitos anos. Elas corriam em cardumes, e vinham até a margem perto da casa, como se fossem cães obedientes. Às vezes eles saltavam por cima do atracadouro e afundavam uma canoa. Minha irmã e eu costumávamos ficar no atracadouro e dar tortas para elas comerem. As criaturas adoravam tortas. O Donamoula, que tinha uns sessenta metros de comprimento e quinze de circunferência, adorava tortas de cereja. Nós jogávamos a torta de cereja no ar e ele a agarrava com a sua língua de quinze metros. Certo dia, meu pai decidiu que isso era perigoso demais e nos mandou parar. O Donamoula nunca mais surgiu depois disso. Fico me perguntando se ele se lembra de mim — disse ela, franzindo as sobrancelhas.

Sentindo-se sempre desafiada pelas visões pouco ortodoxas da sua mãe, Virgínia pensava em uma maneira de responder à pergunta que acabara de ser formulada. Ela olhou para sua mãe, e ficou contente e admirada pela inteligência sagaz e robusta no rosto da velha mulher, pelo seu corpo grande que não era gordo, nem alto, nem atarracado, pelas mãos grandes e fortes, o vestido folgado de veludo e musseline com bordados sob a gola, os dois olhos meigos próximos um do outro em um rosto alegre e bochechudo, encimado por uma pilha de cabelos brancos e macios, e o galo branco e ronronante (com a crista de um vermelho mandarim) que ela segurava nos braços e acariciava ocasionalmente.

— Se Jack desaparecesse por uns cinquenta anos — Jack era o galo, nascido em Quebec e originalmente chamado de Jacques — e depois voltasse, será que ele *me* reconheceria? — perguntou Virgínia.

— Galos não vivem cinquenta anos, Virgínia. Além disso, ele voltaria ao Canadá e provavelmente nunca mais viria para cá. Eles falam francês naquele lugar, como você sabe, e nunca conseguem fazer nada da maneira certa. Eles provavelmente o transformariam em um frango assado ou o usariam como molde para um cata-vento.

— Bem, vamos então imaginar que ele fosse capaz de partir, ficar cinquenta anos longe de casa e depois voltar.

— Certo. Mas para onde ele iria?

— Para o Peru.

— Por que o Peru?

Diálogos como esse, versando sobre todos os assuntos conhecidos pela humanidade, frequentemente usurpavam uma boa parte da noite. A Sra. Gamely nunca aprendera a ler ou escrever, e usava sua filha como escriba e pesquisadora de enciclopédias, questionando-a longamente sobre tudo o que encontrava. O senso de organização da velha era um milagre da aleatoriedade, tão ilógico e rico quanto os galhos de uma árvore frutífera em flor. Era

capaz de discutir cento e cinquenta assuntos diferentes com facilidade em uma hora e meia, e Virgínia ainda estaria admirada e iluminada pelo que parecia ser um plano perfeito e irresistível.

Embora a Sra. Gamely fosse, por definição, pré-científica e analfabeta, ela conhecia as palavras. Ninguém sabia onde ela as conhecera, mas ela certamente as tinha em seu vocabulário. Virgínia especulava que as pessoas da margem norte do lago, ancoradas em variações do inglês que eram ao mesmo tempo frouxas e precisas, criaram com sua linguagem uma ferramenta com a qual era possível transformar uma paisagem perfeita em um jardim. Pessoas isoladas em pequenos vilarejos podem não conhecer as complexidades que são comuns às grandes cidades, mas seus corações são ricos. Assim, as palavras são geradas e assimiladas.

O vocabulário da Sra. Gamely era enorme. Ela sabia palavras que ninguém nunca ouvira antes, e todos os dias usava palavras que estavam mortas ou adormecidas há centenas de anos. Virgínia as procurava no dicionário Oxford e descobria que (quase sem exceção) a Sra. Gamely as usava com uma exatidão impressionante. Por exemplo, referia-se a alguns tipos de cães como mastins. Chamava as áreas ao redor de Quebec de marcas fronteiriças. Referia-se a diclésios, capelos, *raparees* irlandeses, zuartes, rameiras, gamelas, opúntias e farfalhares. Ela podia descrever algo como patibular, ribombante, farisaico, roxburghesco, acuminado, e palavras como fastidioso, jeropiga, endósmico, magista, palmeirim, chacal, vitelino, turoniano, ciperácea, alhures, nox, cordame, encarnado, ogdóade e pintulário brotavam de seus lábios aos borbotões. O dicionário que tinham em casa se parecia com uma orelha de porco, pois Virgínia passava longos períodos dos seus dias examinando-o. Mesmo assim, quando a Sra. Gamely estava irritada, nem mesmo uma equipe de dez pessoas era capaz de acompanhar seu ritmo, e meia dúzia de linguistas provavelmente desmaiaria devido à taquicardia.

— Onde você aprendeu todas essas palavras, mãe? — perguntava Virgínia.

A Sra. Gamely dava de ombros.

— Fomos criados com elas, eu acho.

Ela nem sempre falava de maneira incompreensível. Na verdade, durante vários meses ela se atinha a uma matriz forte e sólida de derivativos anglo-saxônicos. Naqueles momentos, Virgínia respirava mais tranquilamente e o galo ficava tão feliz que, se fosse uma galinha, acabaria pondo três ovos por dia. Ou seria ele realmente uma galinha? Quem sabe? A questão é que ele pensava que era um gato.

O vento ganhou ainda mais força, espalhando pilhas de feno, derrubando estábulos e empurrando as águas do lago contra os campos. A Sra. Gamely e Virgínia ouviam um tilintar feroz enquanto bilhões de fragmentos de gelo colidiam sobre as ondulações, com sons que faziam-nas parecer com as almas de todos os insetos que já viveram. A casa rangia e balançava, mas fora construída para resistir às tempestades, e era a obra de Theodore Gamely, que, antes de ser morto, desejou poder abrigar sua esposa e sua neta, não importa o que lhe acontecesse. Agora, a sua jovem mulher era uma velha senhora, e a filha já passava dos trinta anos; e elas ficaram naquela casa sozinhas durante todo esse tempo, exceto quando Virgínia saiu para se casar com um franco-canadense chamado Boissy d'Anglas e retornou para casa três anos depois com um filho recém-nascido.

— Você acha que a casa vai desabar? — perguntou a Sra. Gamely.

— Não. Acho que não — respondeu Virgínia.

— Nunca vi o vento soprar assim. O inverno deste ano vai ser muito difícil.

— O inverno sempre é uma época difícil.

— Mas, desta vez, acho que o frio vai quebrar as costas da terra — opinou a mãe. — Animais morrerão. A comida vai acabar. As pessoas ficarão doentes.

Em combinação com o vento, pronunciamentos como aquele pareciam bastante precisos. Na verdade, quando a Sra. Gamely falava de maneira solene, ela geralmente estava certa. Mesmo sem saber se as suas previsões se tornariam realidade, naquela noite o vento chegou a quase trezentos quilômetros por hora, e a temperatura do ar, nos raros bolsões onde ainda estava calmo, chegava a vinte graus negativos.

Após uma ventania bem mais forte que o comum, que chegou a balançar os ossos das pessoas, a Sra. Gamely se levantou e começou a andar em círculos no centro da sala. A lenha queimava no fogão, quente e brilhante. Ela deu a volta na mesa da cozinha, com o rosto erguido na direção do teto. Lá, a cor reinante era um roxo rodopiante, enquanto as paredes e pisos tinham tons quentes de rosa, creme e amarelo. O teto vibrava. Jack saltou para os braços da Sra. Gamely, e ela o segurou como se fosse um gato.

— Há neve lá fora, mãe? — perguntou Virgínia, quase como se ainda fosse criança.

— Não com todo esse vento — respondeu a Sra. Gamely.

Ela jogou mais lenha no fogão e foi até o canto da cozinha pegar sua escopeta de cano duplo. Dizia que, em noites de muito frio, os grilhões arrebentam, as prisões se abrem, os lunáticos surtam, animais ficam incontroláveis e os monstros do lago podem tentar entrar na casa.

Passaram a noite inteira sentadas, sem se preocupar em ir para a cama. Embora o Natal ainda fosse demorar algumas semanas para chegar, a sensação era de que estavam na véspera da festividade, e Virgínia movia o corpo para a frente e para trás com o bebê nos braços, em movimentos curtos, sonhando e recordando. A casa tinha um estoque de lenha seca que seria suficiente para dois invernos inteiros, e a despensa estava cheia até o teto com carnes,

aves e queijos defumados; comida enlatada, conservas, vinhos da região e as coisas que as duas mulheres precisavam para as suas habilidades prodigiosas de cozinhar e assar.

A estante estava cheia de livros difíceis de ler, capazes de devastar e reconstruir a alma de uma pessoa, e que, ao terminar, davam a impressão de que o leitor havia sido atingido pelo coice de uma mula. Nas camas, que não estavam sendo usadas naquela noite, havia colchas forradas com plumas de ganso, leves como creme aerado e com quase um metro de espessura. Virgínia passou por tempos difíceis, e não tinha dúvidas de que haveria outras épocas difíceis mais adiante. Mesmo assim, agora ela estava em casa, em uma enseada de tranquilidade, e era agradável poder simplesmente sonhar.

Canadá: o próprio nome era tão plano e frio quanto um campo coberto de neve. Virgínia e Boissy d'Anglas levaram dois dias para chegar à região das Laurencianas em seu trenó, e foi um prazer observar a lua se erguer no horizonte por entre as frestas das árvores cobertas de neve. Era difícil recordar-se dos seus anos no Canadá, mas a lembrança da jornada até lá era clara, e isso era tudo de que ela realmente precisava.

Eles partiram numa tarde em que o sol mostrava-se dourado e estava se pondo. A neve naquele dia estava mais quente que o ar, e brilhava com um luzir amarelado como o da luz noturna contra uma parede de tijolos. Dois cavalos, um castanho e outro com a pelagem avermelhada, rumaram para o norte, em meio às florestas e áreas desabitadas, com um galope constante que poderiam ser capazes de sustentar eternamente, e que realmente mantiveram durante boa parte da noite — e viajaram por ela como se estivessem sob a luz do sol, graças a uma lua ofuscante refletida pela neve.

Os cavalos adoravam as estradas novas à sua frente, e corriam por campos abertos e entre pinheirais como se estivessem em uma corrida. Boissy d'Anglas e a jovem que ele havia praticamente abduzido sentiam-se possuídos. Seus rostos ardiam em fogo, e seus olhos estavam iluminados. Minuto a minuto, as sombras se

transformavam em montanhas ou capões quando o trenó se aproximava e eles podiam ver as marcas do inverno em protuberâncias e folhas. Lagos e riachos apareciam e desapareciam dos dois lados da estrada, e, quando subiam colinas e faziam curvas, a paisagem parecia rolar como se fosse o oceano. A lua perfeitamente redonda e congelada estava clara feito o gelo. Os cavalos estavam tão felizes ao correr sob a aurora que provavelmente poderiam percorrer todo o caminho até o Canadá sem parar.

Mas foram forçados a parar quando chegaram à margem de um lago congelado que se estendia para o norte como uma autoestrada entre fileiras de colinas e montanhas escarpadas cobertas por camadas de prata.

— Não sei se é melhor acamparmos aqui e recomeçar amanhã, ou continuar em frente até os cavalos caírem. Esta é a estrada que estamos seguindo há mais de trezentos quilômetros. Se os cavalos continuarem andando por mais uma hora, morrerão de cansaço e não terminaremos a viagem.

— Você vai conseguir dormir? — perguntou Virgínia, deixando implícito que ela não seria capaz de fazê-lo. — Acha que os cavalos conseguirão dormir?

— Não — respondeu ele, chicoteando as rédeas; conforme o trenó deslizou sobre a superfície coberta de neve do lago, já estavam em marcha outra vez.

Cruzaram rios, ferrovias e estradas; passaram por vilarejos iluminados e moinhos de vento que rangiam. Penetraram em florestas altas e geladas, iluminando o caminho com lanternas quando a lua estava obscurecida pelas árvores. Virgínia não sabia se estava no trenó, correndo por entre uma floresta escura e congelante de pinheiros e sonhando com sua casa, ou se estava em casa, ao lado da lareira, sonhando com a época em que se deixava absorver completamente pelo som abafado dos cascos dos cavalos sobre a neve.

A manhã chegou para a Sra. Gamely e para Virgínia como chega a uma criança febril e doente — vagarosa, superaquecida e rançosa. A Sra. Gamely abriu a porta e olhou para fora. Quando uma torrente gelada de ar azul chegou para refrescar a casa quente, ela disse:

— Nenhum floco de neve caiu com todo aquele vento. Para que serviu? Só para roubar o calor e nos fazer queimar um monte de lenha.

— E o lago? — perguntou Virgínia.

— O lago?

— O lago congelou?

A Sra. Gamely deu de ombros. Virgínia se levantou e vestiu um casaco forrado. O bebê foi colocado gentilmente em um casulo do mesmo material, e as duas foram até o lago. Mesmo antes de contornarem a casa, já sabiam que o lago havia congelado, pois não ouviam nenhuma onda arrebentar ou se chocar contra as margens, e o vento estava constante e estridente, em vez de estar dividido em uma centena de sons diferentes, como os cantos dos pássaros, ao bater contra as ondas encapeladas.

O lago congelara em uma única noite, o que indicava que um inverno rigoroso estava por vir. A força com que chegaria seria indicada pela lisura ou a aspereza do gelo. Quanto mais finos os flocos, mais difíceis seriam os meses seguintes, mas, nos dias antes que as nevascas chegassem, os passeios nos barcos corta-gelo seriam melhores do que qualquer coisa na terra. A Sra. Gamely já vira o lago nesse estado coberto e solidificado antes, mas nunca daquela maneira.

Ele jazia ali, quase rindo da sua própria perfeição. Não havia uma onda, reverberação ou bolha à vista. O vento terrível e a crista incessante das ondas foram expulsos e nivelados pelo congelamento súbito que veio com a água azul e pesada. Não se via um único floco de neve deslizando pela superfície vítrea e

infinita, que era tão perfeita quanto o espelho do telescópio de um astrônomo.

— Os monstros devem estar presos nas profundezas — disse a Sra. Gamely.

Em seguida, ficou silenciosa, contemplando o inverno que estava por vir. O gelo estava imóvel, liso e escuro.

Por duas semanas o sol se ergueu e se pôs na cidade do Lago das Coheeries, baixo e reluzente, tecendo uma cauda de fios de latão dourados. Uma brisa constante e gentil corria do oeste para o leste sobre o lago, varrendo a perfeição negra do gelo em um processo contínuo de estalactites e gravetos que fugiam do vento e do sol como pelotões de cantores de ópera que saem correndo das suas apresentações por um dos lados do palco, cheios de energia e alegria, ambas roubadas dos riachos, da margem e das tempestades que tosavam as florestas do outono.

Mesmo que a temperatura do ar nunca passasse dos doze graus negativos, o tempo estava tranquilo, porque o vento soprava sem muita força e o céu não tinha nuvens. Com os poços quase congelando e o mundo quase imóvel, os habitantes da cidade apoderaram-se do gelo em uma torrente de corridas holandesas que viam o sol nascer e se pôr, e davam ao vilarejo a aparência movimentada e peculiar de uma cena de inverno flandrina. Talvez a houvessem herdado; talvez fosse a memória histórica no âmago daquelas pessoas, como as cores intensas com as quais a paisagem fora pintada, sendo renovada.

Uma vila holandesa se ergueu ao redor do lago. Barcos corta-gelo corriam do oeste para o leste e depois retornavam pelo mesmo caminho, com suas velas enormes desabrochando como uma centena de flores e deslizando silenciosamente pelo gelo. De perto, ouvia-se apenas um ruído suave à medida que as lâminas de aço executavam a proeza do corte. Um pouco mais ao longe, pareciam-se com um motor a vapor que mal fazia ruído. Vilarejos em miniatura surgiam sobre o lago, formados por cabanas de pesca

construídas em círculos, com portas de lona e chaminés com tubos de aquecimento que soltavam espirais de fumaça. A luz do fogo que havia nesses abrigos refletia pelo gelo durante a noite, em linhas amarelas e laranjas que se projetavam em riscos, como se formassem a extremidade de um punhal.

Garotos e garotas desapareciam por completo, deslizando sobre o gelo com patins, atraídos pela distância sem limites, com velas náuticas infladas e atadas às suas coxas e ombros. Quando sentiam que haviam viajado bastante sobre aquele espelho vazio, a ponto de não conseguirem mais enxergar as margens, eles dobravam a vela, colocavam-na sobre o gelo e deitavam-se sobre a sua superfície macia para trocar carícias e beijos. Mantinham um olho sempre atento ao horizonte para avistar a possível vela de um barco corta-gelo, receosos de serem descobertos e admirados até a morte pelas crianças mais novas que levavam as lanchas até as partes vazias do lago apenas para ver as coisas que havia por ali.

Enormes fogueiras margeavam as baías e ancoradouros naturais como se fossem gargantilhas. Ao redor de cada delas uma havia chocolate fumegante, rum e cidra, e um corte de carne de veado assando no espeto. Patinar no lago em meio à escuridão, disparar uma pistola para manter contato com um amigo, era como viajar pelo espaço, pois havia estrelas dolorosamente brilhantes acima e até o horizonte, repousando sobre o lago como se estivessem no interior de uma redoma. As estrelas refletiam perfeitamente, embora o brilho delas ficasse esmaecido sobre o gelo, mantendo-as congeladas até não poderem mais cintilar.

Há muito tempo alguém teve a ideia de construir esquis largos, instalar um coreto de estrutura leve sobre eles e prendê-los a meia dúzia de cavalos de carga para puxar a coisa toda de um lado para outro durante a noite. Com luzes brilhando dentro do coreto, um vilarejo inteiro, encantado, patinava atrás da estrutura enquanto a orquestra das Coheeries tocava músicas mágicas, lúcidas e adoráveis como “Rhythm of Winter”, composta por A. P. Clarissa. Quando os fazendeiros que habitavam os arredores ondulantes

viam uma corrente de labaredas pequenas e alaranjadas, e o castelo branco e brilhante movendo-se como num sonho pela escuridão (como uma dançarina executando passos rápidos de dança por baixo de um vestido longo), calçavam seus patins e corriam aos pulos por entre os campos para saltar sobre o gelo e correr para alcançar a magia que deslizava pelo horizonte. À medida que se aproximavam, ficavam espantados pela música e pelas fantasmagóricas legiões de homens, mulheres e crianças patinando no escuro, por trás do coreto. Pareciam-se com a cauda obscurecida de um cometa. Garotas jovens rodopiavam e faziam piruetas ao som da música; outros ficavam contentes simplesmente por seguir a estrutura.

Aquele festejo usava muito das reservas armazenadas de lenha, comida, suprimentos e ração dos cavalos. Era uma coisa estúpida de fazer, mas as pessoas de Lago das Coheeries não eram capazes de ignorar o clima perfeito que as colocava para deslizar sobre o lago com uma velocidade frenética. Eram descuidadas e loucas. Esbanjando seus ganhos para relaxar as almas, elas dançavam, cantavam e maldiziam o inverno rigoroso que estava por vir, afirmando sua confiança na natureza ao seguir ao pé da letra as suas orquestrações paradoxais. Até mesmo a Sra. Gamely, um bastião do conservadorismo, distribuía alegremente coisas que estocava em sua despensa e participava dos implacáveis preparativos de uma dúzia de banquetes e dos destemidos agrupamentos de pessoas unidas para assar uma centena de tortas. Ela e Virgínia patinavam atrás do coreto. Dançavam nas margens em rodopios maravilhosos, civilizados e bem-humorados nos quais os velhos contribuíam com seu raciocínio e suas histórias quando não podiam contribuir com sua graça; os jovens escutavam os mais velhos, que lhes diziam, durante as danças, para aguentar firme, amar, ser pacientes e, acima de tudo, confiar. Ninguém poderia ignorar essa lição após ver a Sra. Gamely, uma viúva maltratada pelos anos, dançando e rindo na margem do lago, ou mesmo sobre o gelo.

Na metade de janeiro, ninguém tinha comida o suficiente. Estavam começando a racioná-la, esperando que durasse até o verão (o que era impossível), e todos estavam desastrosamente gordos e com a saúde precária após toda a comilança de dezembro. Ligeiramente entristecida, mas ainda não melancólica, a Sra. Gamely declarou:

— As estalactites chegaram ao beiral do telhado. Pelo que estou vendo — dizia ela, varrendo a despensa com seus olhos motrizes e patibulares —, temos comida suficiente para durar até março. E daí? Março é frio. Lamston Tarko e seu cachorro congelaram até a morte no último dia de março de 1937. Como iremos comer? Essa é a questão.

— As pessoas dos outros vilarejos não têm comida para nos dar? — perguntou Virgínia.

— Não. Suas colheitas foram arruinadas pelo granizo. As nossas não foram, e tivemos uma colheita tão boa que demos comida suficiente a eles para que sobrevivessem. Nem chegamos a vender; nós a demos. Mas agora estamos todos no mesmo barco. Pelo jeito que o vento sopra no inverno, ninguém virá até aqui para ajudar. Além disso, sempre tivemos de contar apenas conosco. Gostaria que Antoine Bonticue estivesse aqui. Ele poderia pensar em alguma coisa, assim como Theodore.

— Quem era Antoine Bonticue?

— Ele morreu antes de você nascer. Morava entre as Coheeries e as terras fronteiriças. Era suíço, e ia de um lado para outro em um carreto carregado por aranhas.

— Era suíço e ia de um lado para outro em um carreto carregado por aranhas? — repetiu Virgínia.

— Sim — afirmou a Sra. Gamely. — Carretos carregados por aranhas são fenomenais. São muito silenciosos, e é impossível dirigi-los em estradas movimentadas, porque as aranhas acabam sendo esmagadas. Também são um pouco lentos, mas bastante econômicos, especialmente para cargas leves. Como você pode perceber pelo nome, Antoine Bonticue pesava menos de sessenta

quilos. Também era uma espécie de engenheiro, e costumava estender cabos e roldanas de um lugar para outro. Evidentemente, erguer e atar cabos é um tipo de terapia para os suíços, ou parte da sua teologia. O que é que ele costumava dizer mesmo? “Um arco balanceado entre as montanhas / como um servo ao seu mestre exibe / o poder da crença presa em cerco / em alguma coisa alguma coisa alguma coisa, alguma coisa ligada aos patos, ou ao arco-íris”.

— Theodore saberia o que fazer. Nós saberemos, também. Afinal de contas, temos até março.

Em seguida, preparavam o jantar cortando um pedaço de carne defumada, colocando sobre a mesa meio quilo de milho seco e ralando um pouco de queijo duro até transformá-lo em algo parecido com uma pilha de serragem. Um purê, feito com essas três coisas, era usado para alimentar o bebê. O resto se transformava em uma espécie de caldo *bouillabaisse*, no qual pitadas de endro conferiam um toque de primavera e a pimenta vermelha era agitada até que o prato que preparavam ganhava vida suficiente para atacá-las enquanto o devoravam. O ardor era satisfatório, mas as duas mulheres continuavam com fome. O que faremos em março? Era o que elas se perguntavam.

Naquela noite, talvez porque já fosse a quinta noite em que iriam para a cama famintas, a resposta chegou a Virgínia em um sonho que foi servido de maneira tão rica e elegante quanto um jantar de hotel que vive nas profundezas de abóbadas prateadas e que vai de um lugar para outro em carros que se movem em silêncio.

Ela sonhou com a primavera em uma enorme cidade de praças cinzentas e fumacentas, sepulcros esbranquiçados, salgueiros recurvados e rios que exibiam seus leitos em tons de safira encapelada pelos ventos. Era uma cidade que se enrodilhava ao redor das suas próprias igrejas e praças em uma trama de ruas igual a um cesto de serpentes aninhadas; uma cidade de chapéus macios de seda e casacos cinzentos para o frio, de música silenciosa tocada em nuvens de luzes piscantes, de árvores verdes e delirantes, de lojas que levavam a túneis secretos, de dias claros e

palácios de cristal e de retratos infinitos que cresciam cada vez mais. Essa cidade ganhava vida e se tornava sua amante. Ela a recebia sem inibição, agarrando-a, entregando-se nua, perdendo o fôlego. Suava, revirava seus olhos fechados e movia as coxas para a frente e para trás, conforme a cidade a sobrepujava com suas cores cada vez mais intensas.

O sonho a ensinou que as cidades não são diferentes de enormes animais que comem, dormem, trabalham e amam. Ensinou-a como algo tão massudo e gigantesco quanto uma baleia consegue fazer amor despreocupadamente na tranquilidade de um oceano azul. E ensinou-a que o seu futuro (ela sempre soube que seu futuro estava dentro dela mesma, esperando a oportunidade de ser colocado para fora) estava na cidade, e que ela passaria a sua vida no lugar que vira no sonho.

Ao acordar, ela ainda sentia os resquícios do sonho e ainda estava úmida com todo o esforço extraordinário, mas calculou imediatamente que, se fosse embora com o bebê, a Sra. Gamely teria mais do que o suficiente para sobreviver e poderia até mesmo ajudar outra pessoa.

A oposição inicial da Sra. Gamely foi silenciada pelas belezas e pela precisão do relato do sonho.

— Embora eu nunca tenha estado lá — disse Virgínia —, parece que eu a conheço bem demais para haver simplesmente inventado tudo isso.

Para surpresa de Virgínia, a Sra. Gamely não mencionou o desastre do relacionamento com Boissy d’Anglas. Em vez disso, ficou cada vez mais empolgada como a seguidora de uma causa perdida que vê, em sua idade avançada, a possibilidade de que a causa possa ser revivida e bem-sucedida dessa vez.

Elas se abraçaram mil vezes antes que Virgínia partisse, e cada abraço as fazia chorar. A última coisa que a Sra. Gamely disse à sua filha foi:

— Lembre-se: o que estamos tentando fazer nesta vida é destruir o tempo e trazer os mortos de volta. Levante-se, Virgínia. Levante-se e veja o mundo inteiro.

Virgínia não compreendeu exatamente o que sua mãe quis dizer.

O lago estava coberto pela neve quando Virgínia e seu bebê o atravessavam em um enorme trenó puxado por uma parelha de três cavalos, pesados o bastante para afastar até mesmo o gelo grosso do Lago das Coheeries enquanto golpeavam a estrada de neve com os cascos. Ao cair da tarde, estavam nas montanhas, subindo num passo constante, fazendo curvas extremamente acentuadas em terraços de onde podiam ver um mundo feito de branco e azul. De vez em quando um gavião coberto pela neve se erguia por detrás da camuflagem de campos brilhantes e brancos, e navegava pelo oceano de ar, movendo-se ao sabor do vento com mais elegância do que um patinador no gelo.

Quando se aproximaram do topo da cordilheira, observaram os efeitos dos ventos fortes sobre a neve acumulada. Poderosos montes de neve continental explodiam sobre rebordos e penhascos esculpidos nas montanhas, levantando jatos verticais de neve solta. Por trás dessas cortinas de seda branca era possível ver anéis dourados, onde o sol brilhava por entre seus cimos. Havia tantos gritos e silvos que mal era possível ouvir os sinos do trenó. O condutor parou os cavalos em um afloramento arredondado, o pico da montanha. Enquanto descansavam, eles viram uma paisagem de gelo e neve atravessada e coberta por colinas e penhascos, dos quais um pó branco se projetava no ar. Os cavalos baixaram as cabeças e balançaram as crinas incrustadas de gelo.

— Daqui por diante — disse o condutor, gritando com dificuldade para suplantar o tecido que lhe cobria o rosto e os ventos da montanha — você não vai mais conseguir ver o lago. Apenas a margem leste, e, logo mais, o Hudson. Dê uma última olhada, pois agora estamos a caminho de um lugar totalmente diferente.

A estrada não atravessava campos e mirantes, mas sim por entre uma floresta intocada, aprofundando-se nela cada vez mais, entre penhascos rochosos com mais de trezentos metros de altura, perto de gargantas cobertas de gelo onde cachoeiras e cascatas golpeavam a terra como bate-estacas e cobriam gigantescos carvalhos com nuvens de cristais de gelo. Avançaram por entre estradas pouco iluminadas, surgindo diante de famílias de cervos chocadas e com um ar de inocência ofendida. A presença do trenó as mandava correndo de volta para o interior da floresta; usavam seus chifres longos e sólidos como machados de batalha com os quais esmagavam arbustos reluzentes, ensanguentados pela profusão de pequenas frutas vermelhas.

Passaram por túneis da cor do mogno feitos pelas árvores e a neve, e os cavalos avançavam, engolindo o espaço à sua frente e comprimindo o ar dos túneis gelados sem esforço. Virgínia segurava o bebê contra o seu corpo, dentro do casaco. Seu nome, por enquanto, era Martin d'Anglas, o que parecia bastante apropriado para um espadachim que se balançava em cordas ou um legionário, e muito menos adequado para uma criança pequena totalmente envolta por tecidos azuis. Sua boca e nariz estavam expostos pelos orifícios de uma balaclava azul-marinho, e ele respirava o ar gelado como se fosse um filhote de cachorro. Virgínia ergueu a cabeça para procurar por gaviões e águias, e ficou surpresa com os muitos que viu, empoleirados em ninhos góticos no alto das árvores. As aves a observavam, despreocupadas, enquanto o trenó cruzava a floresta.

— Veja todas aquelas águias nobres lá em cima — disse ela ao condutor. — Se não parecessem feitas de ouro e porcelana, eu poderia jurar que eram juízes da Suprema Corte aposentados.

Uma encosta longa e gradual os levou até a margem do rio, e chegaram, ao cair do crepúsculo, a uma hospedaria às margens do Hudson. Porcos se amontoavam no quintal, cantando para que o estalajadeiro os deixasse entrar no chiqueiro para passar a noite. Cogumelos de fumaça surgiam pela chaminé. Virgínia e Martin (ela

já havia começado a pronunciar o nome da criança de acordo com as regras da língua inglesa) ficariam ali até o início da manhã, quando um enorme barco corta-gelo, capaz de transportar meia dúzia de passageiros e as suas bagagens, os levaria pelo rio até o canal aberto, onde tomariam uma embarcação para o sul.

No meio da noite, a esposa do estalajadeiro — uma mulher com bochechas mais vermelhas que o rubor que aparecia nas faces de Martin — bateu à porta. Virgínia acendeu a luz. Sentia-se desconfortável após um imenso jantar à base de carne de carneiro, pão de milho e salada de dentes-de-leão. A luz agredia seus olhos, e, em resposta aos seus raios, Martin começou a agitar seus braços e pernas, animadamente. Virgínia fechou o roupão ao redor do corpo.

— O que foi? — perguntou ela.

Com uma voz que parecia ter passado anos mergulhada em um pote de geleia de menta, a esposa do estalajadeiro disse:

— Desculpe-me por acordá-la, querida, mas o Sr. Fteley acabou de receber um telefonema de Oscawana. O barco corta-gelo não vai partir amanhã, por causa dos deslizamentos de neve ou algo assim. Então, a senhora terá que patinar até lá, assim que o dia raiar. O barco a aguardará até o meio-dia. Se partir às oito horas, vai chegar com tempo de sobra. O Sr. Fteley vai levar sua bagagem em um trenó.

— Entendo — disse Virgínia. — Qual a distância entre este lugar e Oscawana?

— Pouco mais de trinta quilômetros — respondeu a Sra. Fteley. — E o vento estará a favor.

— Ah — exclamou Virgínia enquanto a Sra. Fteley desaparecia. Ela desligou a luminária e adormeceu em cinco segundos. Sonhou que estava patinando no gelo e, como sempre acontecia, na manhã seguinte encontrou-se repetindo exatamente o que havia imaginado.

Durante horas e horas, ela patinou quase como se estivesse em transe, centrada entre os agrupamentos de montanhas em uma estrada de gelo branco. Era uma daquelas mulheres cujas pernas são tão longas que parecem ter a mesma altura dos ombros das outras pessoas. Seria impossível mantê-la presa em uma cela, já que, independentemente de onde o carcereiro pendurasse sua chave ao redor da sala, Virgínia seria capaz de enfiar um dos dedos do pé pelo anel do chaveiro e trazê-lo para si com um movimento sinuoso de coxa e panturrilha.

Assim, patinar em alta velocidade era algo natural para ela. Um impulso era o suficiente para percorrer cinquenta metros, e ela era capaz de tomar impulsos por horas e horas. Tinha somente um metro e oitenta, mas sua silhueta era perfeita. Seus cabelos eram de um negro azulado tão brilhante quanto a pelagem grossa de uma foca saudável. Tinha um sorriso branco formado perfeitamente, que era suave, convidativo e cheio de energia. Não era tão bonita em fotografias quanto ao vivo, pois sua beleza lhe brotava diretamente da alma, e provava que as feições físicas não tinham tanta influência a menos que fossem iluminadas de dentro para fora. Também não era bonita de uma maneira dissimulada. Quando era severa, parecia realmente severa. Quando estava irritada, parecia realmente irritada.

Com Martin agasalhado e preso às suas costas, ela patinou rio abaixo, contornando suas curvas volteantes e mantendo os olhos nas margens convergentes e no gelo. Parava de tempos em tempos e puxava Martin para a frente, ajoelhando-se para examiná-lo. O bebê estava tão bem coberto que dormiu como se estivesse em casa, em um berço. Em seguida, ela o colocava às suas costas de novo e recomeçava, cada vez com mais energia. Embora o vento estivesse às suas costas, Virgínia seguia rápido o bastante para que seus cabelos se afastassem do rosto.

Atrás dela, a uma distância de mais ou menos dois quilômetros, vinha o Sr. Fteley, o estalajadeiro, puxando um trenó leve. Eles viajavam silenciosamente, passando por vilarejos adormecidos

feitos de tijolos vermelhos e madeira envelhecida. Em uma curva do rio, perto de Constitution Island, Virgínia viu um depósito de gelo no qual decidiu descansar e proteger-se do vento. Patinando a toda a velocidade, ela fez uma curva para parar logo antes do ancoradouro, e as lâminas prateadas dos seus patins de gelo ergueram uma nuvem abrupta de cristais recém-escavados que planaram no ar e brilharam. Do outro lado da estrutura havia uma porta larga que permitia a entrada de barcos e trenós, e ela deslizou para o seu interior, expulsando meia dúzia de pardais assustados.

O lugar estava cheio de feno e blocos de gelo empilhados em paredes vítreas que se erguiam até as vigas do telhado. Sentia-se muito mais aquecida agora que estava longe do vento, e animada após todo aquele exercício. Tirou Martin das costas e trouxe-o para diante dos seus olhos. Ele estava acordado e sorrindo, como se estivesse no meio de uma história muito divertida. Talvez estivesse feliz porque sua mãe estava radiante naquela escuridão e com o rosto avermelhado pelo frio no centro das luzes simétricas que brilhavam pelas frestas nas paredes. Conforme o sangue circulava pelo corpo dela, trazia consigo a lucidez, a equanimidade e um ritmo leve e compassado que animou o bebê e provavelmente o fez sorrir. Enquanto o alimentava, ela escutou seu próprio sangue sendo bombeado, e virou a cabeça para trás para olhar para a escuridão onde os pássaros viviam, além dos blocos de gelo.

Muito tempo antes, no inverno mais forte que as Coheeries já conheceram (até este), os fazendeiros cortavam o gelo do Lago das Coheeries e enchiam um depósito de gelo na margem do lago, não muito longe de onde a família Gamely vivia. Havia tanto que, sob camadas de gelo fresco cortado em anos subsequentes, o gelo original continuou a existir durante meio século. Até que o depósito foi vendido para um homem que queria transformá-lo em uma tipografia, e ninguém mais levou gelo para lá. Logo, o gelo antigo foi alcançado, e, em um verão, quando Virgínia tinha seis ou sete anos, ela foi brincar perto dos blocos que tinha sido expostos recentemente depois de meia centena de anos. O calor insuportável que a levou para dentro do depósito estava derretendo os blocos de

gelo veteranos e criando pequenos rios de água fresca. Virgínia pensou que estava sozinha. Ela pressionou as palmas contra um bloco que derretia, cheio de bolhas aprisionadas, e o lambeu. A Sra. Gamely tinha a avisado para que ficasse longe do depósito de gelo, pois o lugar estava cheio de perigos terríveis:

— O Donamoula entra no depósito de gelo à noite para mastigar os blocos de gelo e bater a língua no sal. Se ele enxergar você ali — dissera a Sra. Gamely à garotinha encantada —, pode pensar que você é um aperitivo. Fique longe do depósito de gelo!

Embora tivesse medo do Donamoula, ainda assim Virgínia queria vê-lo, e talvez até mesmo atravessar o lago montada em suas costas, como um torpedo. De acordo com a descrição que a Sra. Gamely fazia dele, era seguro supor que, mesmo que realmente devorasse menininhas, só o fazia por engano. De qualquer maneira, ela andava com a rigidez típica das crianças que imaginam que estão sendo observadas por um monstro ou pelas coisas que vivem debaixo das suas camas durante a noite, e, de vez em quando, olhava na direção da porta de frente para o lago para ver se o Donamoula havia chegado.

Quando já havia se esquecido completamente do Donamoula, ela ouviu um ruído percussivo, úmido, abrupto e que a fez lembrar de um peixe se debatendo. Ela não se moveria, não conseguiria se mover, nem em troca de todos os mirtilos da região das montanhas Adirondacks. Novamente, ela pôde ouvir o mesmo ruído do peixe se debatendo, que desta vez foi recebido no ar frio e misterioso por outro ruído, um pouco mais grave. Estonteada pelo medo, Virgínia moveu um pouco a cabeça. Nada de Donamoula. Ela olhou ao seu redor, convencida de que estava prestes a ser capturada pela língua ligeira de quinze metros que era capaz de agarrar uma torta de cerejas assim como uma salamandra consegue capturar uma inseto voador. Nada de Donamoula, e mesmo assim os sons continuavam a se aproximar — *slap slap, quasha, flaship, swipa, spatch!*

À medida que o medo perdeu força, ela percebeu que o barulho estava vindo do alto da pirâmide de gelo. Ela a escalou, e o gelo

entorpeceu suas mãos e joelhos. No topo, perto do espaço mais quente sob o telhado, não muito longe de um raio de sol de verão que irrompia por entre uma telha quebrada e projetava um facho amarelado e estreito, havia um pequeno lago azul feito com o gelo recém-derretido de cinquenta anos de idade. Nadando naquela poça estavam dois enormes arenques que, anos antes de Virgínia nascer, foram congelados no lago e agora voltavam à vida, e batiam suas caudas em protesto e alegria. Eram dourados e prateados, e seus olhos se pareciam com dois arco-íris velhos e sábios.

Virgínia se lembrava do prazer intenso e incomparável de pegar os arenques pelas caudas e levá-los até a base da pirâmide para que pudesse jogá-los, no momento mais bonito de suas vidas, para cima e vê-los cair no lago, onde desapareceram sob as águas escuras — talvez para contar sua história aos outros peixes e intrigar a população com o complexo mistério da juventude na velhice, e a velhice na juventude. A magia, sabia Virgínia, dependia completamente do tempo, e era capaz de pará-lo e segurá-lo para que olhos inquisidores o observassem como se estivessem atravessando uma camada de gelo fria e esplêndida.

Ela desviou o olhar da escuridão para a luz branca que inundava o depósito de gelo, invadindo-o pela entrada. Por uma fração de segundo, o Sr. Fteley apareceu diante da abertura, ofegante à frente do seu trenó, e depois desapareceu. Martin foi rapidamente agasalhado outra vez. Virgínia o prendeu às suas costas novamente e saiu voando do depósito, como um cavalo de corridas ao som do tiro de largada, seguindo o rastro do Sr. Fteley.

Ela estava com um ótimo humor quando, em meio a uma ventania que fazia seus cachecóis chicotearem em todas as direções, conseguiu alcançá-lo. Gritando para ser ouvida acima do vento anárquico — estavam em uma baía que se alargava —, ela perguntou:

— Sr. Fteley, por que o barco corta-gelo não pode subir o rio? O gelo está liso e grosso. Não entendo.

— Há um paredão de neve acumulada — gritou Fteley.

— O quê?

— O paredão de neve acumulada! — gritou ele outra vez. — Foi pura coincidência, mas toda a neve caiu em um só lugar, ao norte de Oscawana. Em seguida, o vento empilhou toda e neve em um paredão sobre o gelo. Está bloqueando o rio completamente, tenho certeza absoluta, de uma margem a outra, alto como as colinas que existem dos dois lados. Não querem cavar um túnel para atravessá-lo porque receiam que o paredão vai desabar quando estiver derretendo.

— Está bloqueando o rio inteiro?

— Sim — gritou ele, mais alto que o vento.

— Tão alto quanto as colinas que o cercam?

— Sim.

— Qual é a altura delas?

— Trezentos metros — gritou ele em resposta. — Vamos ter que escalar o paredão e escorregar pelo outro lado.

Quando contornaram uma das curvas alpinas que faziam as terras altas do Hudson se parecerem com uma coleção de chifres de rinocerontes, eles viram o paredão de neve — o qual, diferente de Roma, fora criado em um dia e tinha o ar suave, descuidado e malicioso de um arranha-céus moderno. O paredão era uma pilha de neve que se estendia de uma montanha a outra por cima do rio congelado. Era íngreme, com trezentos metros de altura, e encimado por uma névoa revolta que devorava a si mesma e se regenerava, brotando como o desabrochar de uma rosa retratado em filme e reproduzido em alta velocidade.

— Não vou conseguir escalar aquilo — afirmou o Sr. Fteley. — Não com toda essa bagagem, com certeza. Achei que fosse mais baixo, e não sabia sobre tudo aquilo que está no topo. — Ele baixou a cabeça, num gesto de admiração e medo, com os olhos fixos no

longo cume lateral. — Meu Deus — exclamou ele. — Você pode achar que eu sou um covarde, mas tenho de pensar na Sra. Fteley e na minha pequena Felícia. Por que não voltamos para a hospedaria e a senhora fica conosco, sem precisar pagar nada, até que essa coisa derreta? Seria um erro tentar escalar essa coisa, senhora.

Com o sangue ainda quente após percorrer aquela toda aquela distância sobre patins de gelo e o coração ainda animado pela glória das cores ressuscitadas que recordou no depósito de gelo escuro, Virgínia respondeu:

— Sr. Fteley, não acho que o senhor seja um covarde. Entendo que tem que pensar na Sra. Fteley e em Felícia, e eu certamente não lhe pediria para escalar esse paredão por causa da minha bagagem. Então, por que não retorna e envia as minhas coisas assim que o barco corta-gelo puder atravessar? Enquanto isso, Martin e eu vamos subir o paredão.

— Mas, senhora! Você vai desaparecer naquela neblina lá em cima. E, se cair, não há nada em que possa se agarrar. Você vai rolar pela encosta do paredão até a superfície do lago e vai morrer.

— Sr. Fteley — disse Virgínia, com os olhos cheios de luzes. — Estou me sentindo tão bem neste momento que seria capaz de atravessar aquele paredão com um só salto. E, se eu o escalar, como pretendo fazer, vou subir com passos certeiros e resolutos. Não terei medo, não cairei, e chegarei ao outro lado.

— Como pode saber disso? Como pode ter certeza?

— É simples — disse ela. — Vi a mim mesma naquele lugar.

— Já passou para o outro lado? — indagou ele, um pouco confuso.

— Não.

— Você imaginou isso, então. É diferente. É como um gato que tenta voar para agarrar um pássaro.

— Não, eu não imaginei. Eu vi. Não é um gato voando para agarrar um pássaro.

— O que está querendo dizer? Você já viu o quê? Viu o futuro?

— Sim.

— Você está louca! — exclamou ele com um movimento forte e agressivo. — Você não pode ver o futuro. Não pode sentir o futuro. Pessoas como você acabam trancafiadas em hospícios. Isso simplesmente não existe.

Virgínia, bastante irritada por ter sido atacada ao proferir uma resposta honesta, retrucou:

— Para o diabo com isso, Sr. Fteley! Isso existe, sim. E eu vou chegar ao outro lado. — Em seguida, ela ficou ainda mais irritada, e avançou sobre ele pela maneira como o homem a observava. — O mundo está cheio de lesmas de chumbo como você, estalajadeiro, que têm medo dos poderes do coração. Você espera que os alpinistas e acrobatas caiam, que pontes majestosas desabem, que aqueles que podem sentir o futuro sejam castigados. Se todos fossem como o senhor, Sr. Fteley, ainda estaríamos usando peles e morando em cavernas. Peles e cavernas. Volte para a hospedaria. Volte a amassar pão. Coloque a sua escarradeira na cabeça. O senhor pode enviar nossas bagagens depois que a neve derreter, pois eu e Martin estamos a caminho da cidade.

Com isso, ela deu as costas para o estalajadeiro e começou a escalar. Virgínia descobriu que, após uma séries de passos curtos, logo estava bem acima do nível chão, como um operário trabalhando diante de uma barragem. Se caísse para trás, ela e Martin atravessariam o gelo como uma bala de canhão e nunca mais seriam vistos. Mas ela não olhou para trás. O pé esquerdo estava sempre à frente. Respirava calmamente e se concentrava. Em uma hora, estava quase no topo, verticalmente sobre os apoios que escavara na neve, com as mãos e dedos enfiados o mais fundo que conseguia empurrá-los e abertos com a maior distância que conseguia para se apoiar. Dormindo tranquilamente em suas costas,

Martin estava suspenso a trezentos metros acima do gelo. Lá embaixo, o Sr. Fteley corria de um lado para outro como uma formiga; admirado, receoso e irritado.

Virgínia parou a pouco mais de um metro da saliência que formava o topo do paredão de neve. Infelizmente, a saliência se projetava para fora. Para conseguir passar por cima dela e entrar na cortina de névoas, ela teria de escalar enquanto inclinava o corpo para trás. Mas como? Era difícil agarrar-se à neve. Ela se imaginou caindo, junto com Martin, e, nesse momento, sentiu que suas mãos, que até há pouco seguravam com força, estavam enfraquecendo.

Naquele momento, ocorreu-lhe de que ela poderia reverter o efeito e tentou fazê-lo. Imaginou-se grudada ao paredão, avançando com certeza e com graça, sem perder um segundo do seu ímpeto. Quando ficou agitada por aquela visão, ela se moveu com um impulso forte, socando a neve para abrir buracos nela enquanto dizia a si mesma: — Vai, vai! — e subiu sem parar. Ela ficou com o corpo suspenso no ar por alguns segundos enquanto passava pelo rebordo, mas seu impulso cuidou de levá-la e jogá-la por cima da borda. Em seguida, ela pensou ter ouvido uma nota longa e clara de uma tuba francesa, e percebeu que era uma ilusão do seu coração, que batia livremente. Tudo que o Sr. Fteley viu foi Virgínia ser engolida pela névoa.

Virgínia percebeu que estava sendo jogada de um lado para outro por rajadas de vento e correntes visíveis de ar esbranquiçado que a atacavam, vindos de todas as direções. Na realidade, ela não caminhou sobre a plataforma no topo do paredão, mas foi conduzida pela turbulência como se estivesse dançando uma valsa — o vento ocasionalmente a erguia no ar e a deixava de cabeça para baixo, mas sempre voltava a colocá-la em pé. No final, a turbulência simplesmente a cuspiu para o outro lado, após tratá-la com uma gentileza rara e incomum (tudo por causa do bebê que ela trazia em suas costas, a razão pela qual certas concessões precisavam ser feitas). Endireitando seus cabelos, ela deu alguns passos pela névoa que começava a rarear e logo estava ao ar livre novamente.

Mais adiante, a noventa quilômetros dali, estava a cidade.

Era outro mundo — sombrio, branco e, acima de tudo, silencioso. O silêncio da cidade, entretanto, era somente a solidificação de todos os seus incontáveis sons, fundidos pela massa e pela distância. Contra um fundo de azul viscoso, as torres se erguiam como ossos. Grandes quantidades de sons perdidos se erguiam entre eles e flutuavam para cima, canalizados e direcionados para um lugar desconhecido, onde seriam recebidos na forma de uma estática densa, um sibilar, um ruído branco, parecidos com a arrebentação das ondas. A luz, também, seria comprimida em uma margem distante. Com a mesma constância de uma máquina, a cidade assinalava sua existência em um espectro grave e trovejante, com os braços estendidos para o futuro e lembranças do que havia adiante puxando-a com uma tração onipotente.

O ar estava tão claro quanto aquele que pairava sobre o Lago das Coheeries, e, ainda assim, havia no ar lentes distorcidas que aumentavam e reduziam litorais, rios e cordilheiras inteiras — sem explicação e, aparentemente, com vontade própria, mas sempre com efeitos agradáveis. Virgínia descobriu que era capaz de entrar na cena à sua frente sempre que queria, aproximando-se bastante para enxergar cada detalhe. O que mais a atraía era a maneira como as coisas se moviam. Vistas de longe, pareciam se encaixar em um padrão geral que pareciam (e deviam) ignorar. Navios que viajavam pelos rios o faziam com um forte contraponto forjado em seu movimento para a frente: perseguia-os como o magnetismo, e podia ser sentido da mesma forma que o navio podia ser visto. Os movimentos ondulantes daquelas embarcações entrelaçavam linhas invisíveis, assim como os contornos das ondas; a passagem das nuvens; o galope movimentado e veloz do trânsito nas rodovias distantes e o percurso hemisférico da luz refletida nos penhascos gigantes de vidro.

Mais abaixo, o gelo estava limpo e branco, uma plataforma esmaltada que não parecia fria. Ela viu o enorme barco corta-gelo atracado em sua doca e uma enorme linha de pessoas que se

estendia do porto até um grande barco da classe Hamilton; uma leve fumaça saía pela chaminé, repousando em meio ao gelo, que o cercava completamente. As pessoas estavam subindo a bordo para adicionar peso à embarcação e quebrar o gelo sobre o qual jaziam, contra a própria vontade. O barco estava apontado como a agulha de uma bússola, orientado em um apelo para ter a oportunidade de atingir a água azul e atravessar o Tappan Zee, rumo ao oceano aberto. Nem mesmo uma criança poderia ser mais impaciente, e, mesmo que estivesse aprisionado no gelo, era tão esguio e poderoso que parecia ser o resultado do cruzamento entre um motor a vapor e uma faca.

Quando se aproximou do barco, Virgínia percebeu que os oficiais estavam andando de um lado para outro, irritados porque o peso extra de mil passageiros e suas bagagens não era o suficiente para quebrar a prisão de gelo. Ela subiu por uma rampa de gelo até uma porta que estava aberta no casco.

— Já embarcamos todos os passageiros que podíamos, senhora — disse-lhe um jovem oficial. — Nós realmente não temos espaço para receber mais.

— Mas o motivo pelo qual vocês receberam passageiros foi a necessidade de aumentar o peso do navio, não é?

— Sim, senhora — disse o oficial, abrindo um sorriso. — Mesmo assim, uma pessoa a mais não vai fazer muita diferença.

Ele indicou o enorme tamanho do navio, e parecia não se importar com o fato de que Virgínia e Martin seriam deixados para trás, sobre o gelo. Na verdade, parecia até mesmo extrair algum prazer daquela situação.

— *Duas* pessoas — asseverou Virgínia, seriamente, erguendo Martin à sua frente. Martin arrotou.

— Tudo bem — disse o oficial. — Mas vocês dois serão os últimos.

— Dá para perceber — redarguiu Virgínia, olhando ao redor e percebendo que não havia mais ninguém sobre o gelo.

Ela colocou Martin sobre o banco de gelo e embarcou no navio com um salto. O gelo rangeu, e o barulho fez com que todos erguessem os olhos.

— Não foi nada — disse o oficial.

Martin começou a se debater e espernear. Não gostava da ideia de ser a única pessoa fora da arca. — Ora, o que é isso? — disse a sua mãe quando se abaixou para pegá-lo e levá-lo a bordo. O oficial havia se virado de costas para dar uma bronca em um garoto que estava tentando disparar um torpedo contra Verplanck. Assim que Martin foi erguido sobre a divisória e trazido a bordo, houve um ruído forte e explosivo de uma rachadura, e o navio se acomodou no rio, erguendo milhares de toneladas de água esverdeada que cobriu o gelo como uma maré súbita, congelando outra vez quando chegaram à margem. Os passageiros vibraram.

Martin foi aplaudido vigorosamente por todas as pessoas à sua volta. Virgínia não perdeu a oportunidade de falar com o oficial. Ela limpou a garganta e disse:

— Queremos viajar na ponte de comando, e almoçar com o capitão. Queremos filé-mignon, salada de agrião, batatas assadas, chá, torta de morango e um pouco de leite quente. Mas não quente demais.

— E quem diabos são vocês? — perguntou o oficial, sem perceber o papel que eles desempenharam no recente drama envolvendo a física.

Em vez de explicar, Virgínia simplesmente levou Martin até um lugar tranquilo para alimentá-lo, e depois comeu as ostras assadas com o pão molhado em leite e manteiga que era oferecido aos passageiros. Aprendera sua primeira lição sobre a cidade, e não se deixou abalar.

A Sra. Gamely tinha um pequeno livro com pinturas feitas por artistas de Nova York e da região do Hudson, e, quando ela folheava suas páginas de textura lisa, sentia-se da mesma maneira que as mulheres do Lago das Coheeries quando estavam na igreja. Enquanto olhava para aquele livro sagrado, frequentemente dizia coisas que Virgínia não conseguia compreender. Agora, por causa daquele oficial ingrato da Guarda Costeira — um homem cujos galões de ouro em um elegante casaco militar azul-marinho faziam com que ele se parecesse com uma pintura em movimento —, Virgínia entendia, e especulava que a cidade seria um lugar frio, completamente absorvida em si mesma, inconsciente, e que cada um de seus movimentos seria transcendental, e cada uma das suas centenas de milhares de cenas instantâneas traria consigo uma lição de moral.

Uma cidade como essa estenderia a visão, intensificaria a piedade, expandiria a emoção e faria flutuar o coração, assim como o mar suporta gentilmente os enormes navios. Para fazer isso, a cidade teria de ser um instrumento frio. E, apesar da sua beleza, teria de ser cruel.

Essa situação estava profundamente relacionada ao livro das gravuras. Eram as únicas capazes de explicá-la. Por respeito e amor à sua mãe, Virgínia aprendera a encarar quadros e pinturas em geral como algo no qual o tempo estava estraçalhado e a luz era compreendida, e a conhecer o poderoso elo entre fortes emoções e belas imagens. Ela sabia que a imagem tinha de ser fria, porque sua tarefa exigia silêncio e distanciamento na presença dos poderes intangíveis que ela comunicava, mas não havia percebido até então por que precisava ser tão cruel. A crueldade e a frieza eram forças quase físicas. Quando agem sobre o coração, fazem-no ascender e sentir. Purificam motivos e testam a alma com uma certeza inflexível. Imagens e pessoas tinham de ser fortes o suficiente para se sustentar sozinhas, pois, quando o faziam, tinham a capacidade e o poder de interligar, e também de servir.

Virgínia passou o máximo de tempo sobre o convés. O rio, apinhado de gelo, ondeava e se agitava, batendo e passando ao redor das laterais firmes do navio, e o vento dava a sensação de ser uma roda de esmeril feita de gelo. Embora fosse esguio para a sua idade e não estivesse coberto com uma espessa capa de gordura, Martin estava tão aquecido e tão flexível quanto um bebê esquimó, e parecia não se importar com o frio cortante que o cercava. Após algum tempo, Virgínia teve de procurar abrigo na parte interna do navio, porque era ela quem sentia frio. Martin não se importou com a cabine quente, e, enquanto desciam o rio, fazia movimentos com as pernas como se estivesse pedalando uma bicicleta invisível e praticava expressões faciais.

Virgínia espiou por uma vigia e viu muitas cenas familiares. Nas margens montanhosas, árvores se curvavam e balançavam sob o vento e o sol. Casas de pedra e madeira se erguiam nas encostas atravessadas e limitadas por quilômetros e quilômetros de barreiras de contenção. Enormes carvalhos se erguiam sobre o rio. Em Croton Bay, os garotos jogavam hóquei ou patinavam em alta velocidade sobre o gelo com velas improvisadas que haviam surrupiado dos armários de roupas de cama das suas mães. As colinas de Ossining e as ruas que as cortavam pareciam, quando vistas do rio, tristes e esquecidas. Ossining era bastante peculiar, e também malcuidada (pois havia se empobrecido), mas suas ruas íngremes, telhados de ardósia e imensos carvalhos eram retratos de beleza e honra.

O navio passou por Tarrytown e pelo Tappan Zee, onde campos alegres e levemente inclinados margeavam montanhas escarpadas e trovejantes, e pomares se estendiam corajosamente até a base dos rochedos. Navegando por uma fresta entre duas pilastras na ponte do Tappan Zee, a armação de aço negro do navio quase colidiu com o viaduto elevado, mas apenas o saudou com uma nuvem de fumaça. A pouco menos de um quilômetro para o sul, a região das Palisades começava, e a cidade surgiu à vista. Assim que Virgínia viu os portões da cidade reluzente e as nuvens brancas que a varriam, ela sabia que seu destino era estar ali. A cidade não

atraía pessoas daquele jeito a troco de nada. Era uma provação enviada por Deus, e ela estava a caminho dessa provação.

Navegaram, navegaram pelo rio de águas rápidas que banhava a cidade. Quando terminaram sua jornada quase silenciosa, o sol poente fez com que os penhascos de vidro e as torres cinzentas se transformassem em um escudo dourado. E, conforme sua luz desaparecia de todos os lugares, exceto das pontas das torres mais altas que brilhavam como os bastões em brasa que as crianças usavam para fazer sinais no escuro, a cidade ligava suas lâmpadas químicas frias: centenas de milhões de lampejos, fogos, altares e lareiras se acendiam em torres montanhosas com topos encastelados — toda a obra-prima que pressionava Virgínia com o estilo insistente e gentil de um bom professor. Ao lado desse imenso gradil de verde e ouro, de beirais e pináculos reluzentes, os navios atracados nas docas do rio North pareciam-se com insetos correndo ao longo de uma rachadura na parede.

— Olhe, Martin — disse Virgínia, segurando-o para que ele conseguisse ver a imagem por inteiro. — ... a cidade dourada.

Depois de quinze quilômetros de luzes e torres, eles se aproximaram de um dos atracadouros em Battery Park, e os passageiros do navio se dispersaram pela noite. Os oficiais queriam empurrá-los rapidamente rumo à cidade, para que pudessem levar o navio para além das Narrows e trabalhar de verdade em meio às ondas brancas, altas como as torres das igrejas, e por cima de uma pradaria de fossos verdes. Os passageiros passaram pelos painéis forrados em madeira do salão do atracadouro e viram-se imediatamente de frente para as ruas abarrotadas. Assim, as pessoas do campo foram atiradas diretamente na bocarra aberta da cidade.

Virgínia e Martin começaram a andar sem destino em meio ao frio. Ela não tinha planos nem a menor ideia sobre que rumo tomar, e, às dez horas, viu-se exausta e entorpecida, apoiada em um dos arcos de sustentação da Grand Central Station. Rios de pessoas

passavam por ela sem percebê-la, porque, com suas roupas da região rural, parecia ser uma mendiga. Todas as horas de caminhada pelo frio a deixaram com muita fome, e o fato de estar do lado de fora do Oyster Bar foi uma feliz coincidência, onde várias salas cheias de clientes no subsolo da cidade jantavam caldos de ostras espumantes ou filés de peixe gratinado, enquanto garçons com paletós brancos serviam ostras e mariscos em uma linha de produção digna dos seus predecessores mais elegantes, mais anárquicos e cujos salões de jantar ficavam mais fundo no subsolo. Virgínia se encostou contra uma das janelas e tentou absorver tudo aquilo, mas apenas com os olhos.

De vez em quando, alguém erguia os olhos e a avistava. Ela estava no coração da cidade. Nesses corredores de mármore, havia mendigas vagando aos milhares. Aqueles que as avistavam não as observavam por muito tempo. Virgínia estava a ponto de virar as costas e voltar a vagar pela cidade quando viu uma mulher jovem do outro lado do salão levantando-se e olhando na sua direção. Em seguida, a mulher apontou para ela e perguntou silenciosamente, com gestos que eram bem claros: — É você? — Virgínia olhou para trás, como frequentemente fazia quando as pessoas a chamavam, pensando que estavam se dirigindo a outra pessoa. Mesmo assim, a outra mulher, que usava um vestido verde de seda, começou a atravessar o salão abarrotado do restaurante.

Esperando até que o vestido verde chegasse para se esconder e depois ressurgir entre os arcos, Virgínia estava preocupada com a possibilidade de que, com o cansaço, sua aparência estivesse horrível. Mas estava errada. Embora estivesse um pouco maltratada pelo inverno da cidade e houvesse caminhado por tempo demais sem uma bebida quente e alguns momentos para poder se sentar em um lugar longe do frio, ela ainda era dolorosamente bela. Quando a mulher de verde surgiu por entre os azulejos e as cúpulas, Virgínia viu um rosto que reconheceu do tempo em que vivia no Lago das Coheeries. Era Jéssica Penn, uma amiga de infância que conhecia há muitos verões.

Durante várias gerações, a família Penn vinha até o Lago das Coheeries no verão (os homens, durante os finais de semana e nas férias de agosto, e as mulheres e crianças para passar o verão inteiro ali) a fim de observar a luz se empilhar em camadas sobre o lago, para sentar na varanda sob tempestades que sacudiam o mundo inteiro e velejar por dias e noites sem dar meia-volta uma única vez; vinham também para lançar âncora em uma enseada contornada por paredões de rocha nua que ninguém jamais vira antes ou voltaria a ver no futuro, para correr por entre florestas azuis e esverdeadas suspensas no tempo lento do verão do norte, para conhecer os rostos, o riso e as excentricidades das pessoas cujo destino na vida era morrer e se transformar em tênues lembranças para as crianças. — Sim — alguém poderia dizer, cinquenta anos mais tarde. — Acho que me lembro da tia Marjorie. Era aquela que prendia sinetas ao urso de estimação, fazia truques com ímãs e biscoitos de gengibre. Ou essa era a tia Helen?

Virgínia ouviu o som de seus remos enquanto avançava por entre os juncos, uma criança no meio do verão. Estremecendo como um timbale enlouquecido, o sol iluminava o Lago das Coheeries até deixá-lo tão quente e verde-claro quanto as margens do Nilo. A Sra. Gamely, muito mais jovem naquela época, estava chamando na porta da sua casa:

— Virgínia... Virgínia... Virgínia... — e o chamado era abafado pelo calor e pela distância. — Virgínia... Virgínia... — chamava ela, enquanto os remos mergulhavam na água escura e Virgínia remava com força para voltar para casa. Mas, embora os remos fossem mergulhados na água escura como num sonho, o lago se transformou em gelo com a tristeza do passar dos anos.

Houve um inverno, ainda no início da estação, em que Theodore Gamely levou Virgínia consigo para inspecionar a casa dos Penn. Indefinível entre a água e o gelo, o lago estava intransponível, e, para chegar ao outro lado, tiveram de percorrer uma distância enorme com um trenó e depois sobre esquis, chegando até mesmo a passar por túneis escavados entre a neve acumulada. A casa da

família Penn era um palácio de gelo vazio, com quartos silenciosos e torturados. Tapetes orientais, mobília de verão, exemplares da *National Geographic*, equipamento de pesca, quebra-cabeças e luminárias desconectadas se amontoavam em meio ao frio. A neve cobria a casa até tocar nas janelas do segundo andar, e fazia com que o lugar se parecesse com uma caverna esquecida há muito tempo.

Conforme seu pai ia de cômodo em cômodo verificando os danos, Virgínia permaneceu no térreo, aprisionada pelos olhares eternos de vários membros da família Penn pintados em retratos coloridos e ancestrais. Ali eles permaneciam durante todo o inverno, com suas roupas elegantes e antigas, imóveis e esquecidos, tentando sair dos retratos para trocar abraços uns com os outros. Quando Theodore Gamely desceu as escadas, satisfeito por não haver problemas com a casa, encontrou sua filha pequena enrolada em suas roupas forradas com peles, chorando — o motivo, segundo ela, era que as pessoas naqueles quadros estavam mortas, e tinham de ficar sozinhas e separadas nesta sala gelada e cercada pela neve. Em seguida, seu pai a pegou nos braços e levou-a até cada um dos retratos, recontando sua história da melhor maneira que podia. Mostrou-lhe o velho Isaac, que ela amou muito pelo seu rosto triste e gentil, e porque ele era quase tão pequeno quanto uma criança; mostrou-lhe também a esposa de Isaac Penn, Abigail, seus filhos, Jack e Harry, e suas filhas, Beverly e Willa.

— Harry é o papai de Jéssica — disse ele. — Ele está vivo, não é?

— Sim — respondeu Virgínia, choramingando, e sem ter certeza daquilo, pois era tão jovem que mal conseguia se lembrar de ter visto Harry Penn algumas vezes durante o verão anterior.

— E esta aqui — acrescentou o seu pai — é Willa. Willa também está viva. Ela mora em Boston.

— Quem é aquela? — perguntou Virgínia.

Eles deram alguns passos adiante no meio da luz mortiça, e observaram uma parede alta e fria, na qual estava pendurado o retrato de uma jovem.

— Esta é Beverly — disse Theodore Gamely. — Eu me lembro dela apenas de maneira vaga. Certa noite, há muito tempo, saí para um passeio de trenó com Beverly. Corremos com muita rapidez, mais rápido do que eu já havia corrido. Paramos em uma hospedaria e ficamos brincando de guerra de polegares. Eu era somente um garotinho; quase da sua idade.

— E quem é aquele ali? — perguntou Virgínia, apontando para uma pintura que estava diretamente oposta à de Beverly.

— Aquele é Peter Lake — respondeu seu pai. — Ele era o homem que conduzia o trenó. Está vendo como eles se olham através da sala? Peter Lake e Beverly se amavam, mas ela morreu quando ainda era muito jovem — eu me lembro do verão em que a família veio para a casa sem ela — e ele desapareceu para sempre.

Virgínia parecia estar prestes a chorar outra vez. Assim, ele continuou:

— É verdade. As pessoas morrem. É o que acontece. Mas pense nas crianças. Jéssica, seu primo John e as crianças da família Penn que moram em Boston. Você não deveria se preocupar com essas coisas, menininha.

Ele afastou os cabelos que cobriam a testa de Virgínia e deu-lhe um beijo. Depois, saíram daquela galeria congelante, e Virgínia se lembraria para sempre dos espíritos coloridos flutuando ao seu redor sob a pouca luz, como se ela os conhecesse. Mas, embora se lembrasse de suas histórias, não era capaz de se recordar dos seus rostos.

Aqui, em outra galeria subterrânea, estava Jéssica — que, assim como Virgínia, era de uma beleza estonteante, embora a diferença entre a cidade e o campo fosse profunda e aparente.

As duas ficaram um pouco atordoadas pela maneira como haviam envelhecido, e, imediatamente, perceberam que não poderiam continuar a ter a mesma amizade que tiveram quando eram meninas. Sabendo disso, acabaram ficando um pouco mais contidas, embora pudessem sentir um novo carinho florescendo entre elas, nascido da percepção mútua de que não eram efusivas de uma maneira tola, e que haviam se desenvolvido e se transformado em presenças inteligentes e dignas, sem disposição para negociar com outros aquilo em que haviam se tornado, já que uma reminiscência curta não poderia ser sustentada por muito tempo.

Martin, em um movimento reflexo, tentou acertar um soco na amiga da sua mãe, que, em seguida, conduziu-os pelo salão do Oyster Bar até uma grande mesa circular, onde Virgínia se sentou e foi apresentada para cada uma das várias pessoas que acompanhavam Jéssica naquela noite.

Era um jantar de jornalistas, e, entre os jornalistas, Praeger de Pinto (embora ainda fosse bastante jovem) era o mais proeminente. Além de ser o gerente editorial do *The Sun* e do *The Whale* (ou seja, do *The New York Evening Sun* e o *The New York Morning Whale*), era o noivo de Jéssica Penn e, portanto, o líder do grupo — embora ele o fosse mesmo se não estivesse envolvido com Jéssica. Sabia de tudo, e, devido ao seu cargo, sabia ainda mais.

— Parece que você fez uma viagem longa e difícil — opinou ele.

— Fiz, sim.

— Veio do norte? — perguntou ele, pois ouvira falar dos refugiados que tentavam escapar das nevascas poderosas e do frio acachapante que tomou conta de tudo que havia ao norte das terras altas do Hudson, e parecia estar a caminho da cidade de Nova York.

Ela assentiu.

— Da parte mais distante da região norte?

— Sim.

— Como foi?

— Não foi fácil — respondeu Virgínia, e baixou os olhos, constrangida.

— Vamos pedir algo para você e para o bebê comerem — disse Praeger. — O *maître* tem um creme de peixe bastante suave para alimentar os bebês. Eu já o vi preparar o prato, e eu mesmo o comeria. E, para você, posso recomendar o mesmo que estamos comendo?

— Não sei. Não tenho muito dinheiro.

— Não, não — assegurou-lhe Praeger, com uma generosidade e gentileza notáveis. — Este é um jantar mensal para a administração do *The Sun*. Todos comem na conta do *The Sun*. Estamos comendo ostras assadas, filés de arenque grelhados recheados com lagosta, batatas assadas, ervilhas e cerveja holandesa. Os pratos estão ótimos, e eu posso pedir que tragam mais uma porção em questão de segundos.

— Obrigada — agradeceu Virgínia, muito contente pela boa sorte que tivera.

— Não precisa agradecer — respondeu Praeger. — Podemos nos apresentar?

Aquela era uma pergunta retórica. Todos estavam ansiosos para se apresentar a ela, especialmente os homens solteiros, com exceção de Courtenay Favat, que simplesmente ergueu sua cabeça como se fosse uma tartaruga.

— Gostaria de apresentar a vocês a minha amiga Virgínia Gamely — anunciou Jéssica.

— Do Lago das Coheeries, em Nova York — acrescentou Virgínia, em uma voz que soava como uma sineta, depois da qual o gerente editorial começou a listar os nomes dos seus subordinados, na ordem em que estavam dispostos ao redor da mesa.

Havia Courtenay Favat, editor da página para o lar e para as senhoras, uma reminiscência dos dias em que os leitores do *The Sun* a usavam para procurar dicas de como fazer conservas e compotas caseiras, ou conselhos sobre como cerzir e fazer crochê. Courtenay também era, simultaneamente, o editor de gastronomia, vinhos, moda e assuntos do lar, e tinha meia página (ou menos) por dia para operar. O *The Sun* era dedicado às notícias factuais, literatura, ciências, explorações e arte. Seu principal concorrente, o *The New York Ghost* (um tabloide fundado pelo magnata australiano dos jornais, Rupert Binkey, e entregue ao seu neto Craig), tinha literalmente milhares de funcionários para fazer o trabalho de Courtenay. Tinham até mesmo um editor-chefe para a seção de legumes e um crítico especializado em estabelecimentos de lavanderia a seco. Mas, como Harry Penn era um puritano, um espartano, um estoico e um trabalhador esforçado, não desperdiçava páginas inteiras com manchetes sobre trufas ou pães de batata.

Hugh Close, o redator-chefe do *The Sun*, tinha a energia incrível de um mastim, e estava sempre com as costas eretas, como um labrador esperando que um graveto fosse atirado em um lago gelado. Tinha um bigode avermelhado e cabelos ruivos esculpidos sobre a sua cabeça como se fossem feitos de cerâmica. Conseguia enxergar trocadilhos em tudo, e era impossível conversar com ele sem sofrer um ataque constrangedor de frases de duplo sentido. Seus ternos eram cinzentos; os colarinhos das suas camisas tinham prendedores próprios; era capaz de ler mil palavras por minuto de cabeça para baixo e de trás para a frente (as palavras, não ele); conhecia todas as linguagens românicas (incluindo o romeno), além de hindi, tchuvache, japonês, árabe, gulá, turqwatle e holandês; era capaz de falar qualquer um desses idiomas com o sotaque de qualquer outro da lista; criava novas palavras, ao ritmo de um quilômetro por minuto; era o gramático mais proeminente do mundo e um mestre da sintaxe; e deixava todos loucos. Mas o *The Sun* era inigualável em estilo e precisão linguística. As palavras eram tudo que ele conhecia; elas o possuíam e o sobrepujavam, como se

fossem mil gatos brancos com quem ele dividisse o mesmo apartamento de um quarto (na verdade ele não gostava de gatos, porque não eram capazes de falar e não prestavam atenção ao que ele dizia).

Havia também William Bedford, editor de finanças, que vivia inteiramente em função de Wall Street. Mesmo quando soltava um soluço, dizia-se por aí, o preço de uma ação saltava, e ele pedia, em seu testamento, que seu corpo fosse mumificado com fitas perfuradas para a transmissão de dados sobre o mercado de ações via telégrafo. Parecia-se com um militar britânico que acabara de voltar do deserto, o que equivale a dizer que tinha um rosto longo e esquálido, cabelos em tom de bronze, ouro e prata e uma expressão que era esguia, grave e ligeiramente alcoólica.

Tanto o pai quanto o avô de William Bedford tinham sido presidentes da Bolsa de Valores de Nova York, então ele conhecia todo mundo e todo mundo o conhecia. Sua coluna era uma religião para muitas pessoas, e a organização da seção financeira do *The Sun* era um agradável milagre de gráficos, tabelas, ilustrações e análises precisas. Harry Penn sempre dizia que queria pessoas que fossem boas no que faziam, mesmo se tivessem algumas arestas a aparar (embora Bedford fosse obviamente um dos “lisos” em comparação com as várias personalidades serrilhadas que comandavam outros departamentos).

— Não somos uma faculdade — declarou Harry Penn certa vez. — Somos um jornal. Quero as melhores pessoas, pessoas que respiram o seu ofício, *experts*, fanáticos, gênios. Não me importa se forem um pouco excêntricos. Close, aqui, que é um pouco excêntrico a seu próprio modo, vai aparar todas as excentricidades negativas, e isso nos dará um jornal que está para o jornalismo assim como a Bíblia está para a religião. Entenderam?

Para completar a equipe, apropriadamente, havia Marko Chestnut, o diretor de arte para o *The Sun* e o *The Whale*. Durante todo o tempo em que a conversa se desenrolava, ele estava desenhando, e apresentou-se erguendo o desenho que fizera.

Conhecedora dos poderes da arte, Virgínia soube imediatamente de várias coisas a respeito de Marko Chestnut. Em primeiro lugar, assim como os outros membros administrativos do *The Sun*, ele não ficava abaixo de ninguém em termos de habilidade. Após passar vários anos trabalhando com desenhos rápidos, as exigências em relação à velocidade e à capacidade de memorização para um artista de jornal o ensinaram a extrair as linhas verdadeiras e essenciais da cena que se desdobrava à sua frente. E Virgínia ficou contente ao perceber que ele não se contentava, como poderia acontecer com vários outros artistas, em retratar o jantar com um desenho engraçado.

Embora ela não soubesse, restaurantes por toda a cidade estavam cheios de caricaturas parciais que não traíam as distorções das pessoas retratadas, mas sim a falta de visão do artista. Era possível, com algumas poucas linhas, retratar a alma. Era possível, se alguém tivesse essa coragem. Afinal, o mundo estava cheio de sensações, e havia tantos aspectos e facetas nas pessoas que até mesmo linhas sutis traçadas a carvão poderiam iluminar e maravilhar — não por causa do que eram, mas por causa da verdade que mostravam.

No desenho de Marko Chestnut, virtudes e idiossincrasias tornavam-se magicamente evidentes. Praeger de Pinto fora desenhado em um tamanho maior que os outros, e, como todas as pessoas marcadas pelo destino, tinha uma aparência que indicava ao mesmo tempo contentamento e agitação. Bedford tinha olhos brilhantes, um terno cinzento pálido como cinzas de lenha, e um sorriso digno de um lobo gentil. Empoleirado ao seu lado estava Close, capturado em um raro momento de risos. Courtenay Favat foi retratada com um rosto muito pequeno, colocado em segundo plano pela estampa floral da sua gravata-borboleta. E Jéssica Penn, em pé, era uma fusão inconfundível de beleza feminina e sexualidade à flor da pele. Em seu retrato não havia cor, mas, em vez disso, havia uma sugestão de marfim onde coxas e busto pressionavam um afloramento arredondado de seda. Marko Chestnut valorizou os cabelos negros de Virgínia, suas costas eretas típicas das pessoas

do campo, e seu maravilhoso sorriso. Martin ganhou uma sobrancelha erguida. Seu ceticismo estava direcionado ao próprio Marko Chestnut, que estava curvado sobre seu bloco, sem mostrar o rosto, criando o desenho no qual ele aparecia.

Quando as apresentações foram concluídas, uma banda começou a tocar em uma das alcovas acústicas, ecoando algumas valsas. Praeger chamou uma garçonete e pediu que trouxesse mais dois jantares e meio, para Virgínia e Martin e também para a sua secretária — a ruiva de olhos verdes Lúcia Terrapin, que chegara com alguns documentos que precisavam ser assinados.

Os filés de peixe crepitavam ao serem servidos, as ervilhas brilhavam como esmaltes medievais, as batatas cantavam umas para as outras sobre os prazeres de serem assadas e a cerveja era tão boa como se houvesse sido tirada de um gigantesco barril em uma das tavernas do Lago das Coheeries. Eles comeram como se fossem chacais, e, embora tentassem discutir assuntos relacionados aos negócios, estavam se divertindo demais para isso. O diálogo fluía tranquilamente enquanto, ao comer ferozmente e bater os pés no ritmo da música “Olives Omnikia”, de Dewey, e tentavam descobrir mais sobre a bela mulher de pernas longas que veio do norte e seu bebê que cantava junto com a música em uma cacofonia bastante incomum, desinibida e misteriosa.

— Seu marido vai chegar em breve? — perguntou Lúcia Terrapin, que ainda era jovem e dada a cometer gafes.

— Não tenho marido — respondeu Virgínia, sem o menor indício de desconforto. — Pelo menos, não no momento. O pai dele — continuou ela, olhando para Martin por um momento — foi tomado por um fervor religioso tão extremo que teve de nos deixar. Mas não há problemas. Estamos bem acomodados.

Tentando suavizar as coisas, Lúcia fez outra pergunta:

— Ele ainda está lá, no lago dos Faquires?

— Faquires? — repetiu Virgínia, divertindo-se com a situação. — Nunca ouvi ninguém chamá-lo por esse nome antes. É Lago das

Coheeries, não dos Faquires.

Hugh Close, subitamente, ficou animado com a possibilidade de aprender mais sobre a derivação de uma palavra.

— O que significa? — perguntou ele.

— Não significa nada — respondeu Virgínia. — É um nome próprio.

— Sim, mas de onde vem a palavra? Digo...

— A etimologia é incerta — declarou Virgínia. — Mas tenho a minha própria teoria. Você sabe, é claro, que um *heer* é uma medida de fios de linho ou lã que contém dois cortes, a sexta parte de um novelo, ou a vigésima-quarta parte de um carretel. Embora a origem da palavra seja obscura, a maioria dos filólogos concorda que é próxima de “herfe” no escandinavo arcaico, que está relacionada com “novelo” — completou ela, exultante. — Mas não se deixe enganar pelos falsos cognatos do escandinavo arcaico!

— Certamente que não. Eu mesmo o diria — disse Favat.

— São tão enganadores quanto o frígio. Quando você começa a escarafunchar as analogias aurais entre o inglês e as línguas teutônicas, especialmente o alto-germânico arcaico, é fácil cometer erros. O segredo para determinar as origens dos nomes dos lugares no interior do estado de Nova York está, eu creio, nas distorções morfológicas e ortográficas produzidas pelas transliterações ingênuas ou memórias imprecisas (ou, é claro, adaptações fonológicas translinguísticas ou na transferência entre dialetos). Assim, creio que Coheeries seja a forma dialética americana de Grohius, um dos primeiros colonizadores holandeses a se estabelecer a oeste das montanhas. Como abrangia a maior parte da margem leste do lago, provavelmente pensava-se que a sua propriedade incluía o lago inteiro. Assim, o Lago de Grohius foi se transformando lentamente, ao longo do tempo, no Lago das Coheeries, assim como “Krom Moerasje”, que significa “pântano pequeno e tortuoso” em holandês, se transformou em “Gramercy”

em inglês. É por isso que vocês têm um lugar chamado Gramercy Park. Mas, na realidade, eu não sei.

Virgínia sorriu.

Todos que ouviram aquela explicação, especialmente Close, ficaram tão atordoados quanto um cão caçador de pássaros em uma corrida de aviões. Virgínia não fazia ideia de que a sua pequena dissertação não era o conteúdo costumeiro de um discurso social, pois, afinal de contas, passara sua vida inteira com a Sra. Gamely, que era capaz de cuspir trinta parágrafos como aquele tão tranquilamente quanto era capaz de fritar panquecas em sua frigideira.

— Você tem doutorado em linguística? — perguntou Praeger.

— Eu? — Virgínia ficou surpresa e envergonhada. — Oh, não, Sr. De Pinto. Nunca fui à escola na minha vida, nem um dia. Não há escola no Lago das Coheeries.

— Não há?

— Não.

— Eu pensava que todas as crianças no estado de Nova York tinham de ir à escola — afirmou Marko Chestnut.

— Talvez — explicou Virgínia. — Mas, veja: O Lago das Coheeries não fica realmente no estado de Nova York.

— Não fica? — perguntaram várias pessoas de uma só vez.

— Não — respondeu ela, antevendo dificuldades. — Não está no mapa, e o correio nunca chega até lá, a menos que alguém vá buscar a correspondência em Hudson. É difícil explicar. Não é possível... bem, não é possível simplesmente chegar até lá.

— Não?

— Não. — Agora, Virgínia sabia que estava caminhando sobre gelo fino. — Você tem de ser. Você tem de ser...

— O quê?

— Você tem de ser...

— Residente — completou Jéssica.

— Isso! — exclamou Virgínia. — Residente.

Em seguida, como Jéssica usou de toda a sua influência, o assunto foi discretamente deixado de lado. Ninguém acreditava mais na muralha de nuvens; ninguém era capaz de vê-la; ninguém a compreendia. Era melhor não insistir no assunto. De qualquer maneira, reconhecendo a perspectiva incomum e a inteligência aparente de Virgínia (sem falar na sua beleza), cada diretor de departamento do jornal começou a sondá-la, pensando em lhe oferecer um emprego. Econômico como de costume, Bedford perguntou-lhe, simplesmente, o que ela fazia da vida.

— Em quais circunstâncias? — questionou ela, confusa, pois ninguém pensaria em perguntar aquilo no Lago das Coheeries.

— Sua profissão — respondeu ele, sem querer mudar de assunto.

— Ah, faço todo tipo de coisa. Ajudo minha mãe a cultivar as uvas e o milho, cuido dos legumes e do apiário. Corto o gelo que cobre o lago no inverno. Pesco. Cato cerejas, amoras e mirtilos, trabalho no tear, conserto roupas, cozinho, asso massas, costuro e cuido de Martin. Às vezes eu faço os cálculos para a contabilidade do vilarejo, ou leio para Daythril Moobcot quando ele tem de se enfiar embaixo do dínamo para consertá-lo. Trabalho bastante na biblioteca. A cidade tem poucas pessoas, mas, em nossa biblioteca, temos mais de um milhão e meio de volumes.

— É isso — concluiu Praeger em voz baixa, imaginando se ela sabia escrever, e o que diria sobre aquilo.

— Também ajudo crianças e adultos como tutora quando eles precisam, e recebo um pequeno salário do vilarejo.

Até mesmo Favat estava interessado nela agora, imaginando que Virgínia provavelmente conheceria ótimas receitas de *muffins* de mirtilos e outras iguarias rurais (o que, de fato, ela conhecia).

— Sabe desenhar? — questionou Marko Chestnut, já apaixonado.

— Não — respondeu Virgínia, baixando os olhos.

Ela sentia-se desconfortável, agora, com toda aquela atenção; não a havia percebido antes. Jéssica veio em seu socorro. Disse que Virgínia e Martin tiveram uma viagem difícil, e que era hora de colocar o bebê para dormir.

Antes de irem para a cama na nova casa da família Penn (aos olhos de Virgínia, em algum lugar no interior de um vasto labirinto de ruas muito prósperas), Jéssica disse a Virgínia na porta do quarto:

— Praeger me disse que gostaria de falar com você amanhã, se for possível, no *The Sun*. — Ela prosseguiu, com o ar de uma funcionária do governo que está prestes a entregar um prêmio da loteria. — Ele acha que pode haver um emprego para você no *The Sun* ou no *The Whale*, ou em ambos, como frequentemente acontece.

— Mas eu não entendo nada sobre o trabalho em um jornal — declarou Virgínia.

— Tenho a sensação de que você pode aprender. Não acha que seria uma boa ideia?

— Sim — respondeu Virgínia. — Se eu tiver sorte, sonharei com isso esta noite, e amanhã saberei o que fazer.

Na tarde em que Virgínia foi até Printing House Square para conversar com Praeger de Pinto nos escritórios velhos e bonitos do *The Sun*, a cidade queimava sob o azul do inverno. Para chegar lá, teve de atravessar o Lower East Side e Chinatown, e esses lugares cheios de cores, comparáveis a qualquer cidade oriental, lhe agradaram bastante. Quando chegou ao escritório de Praeger, já havia adquirido forças de milhares de fontes dissonantes. Havia extraído energia da cidade, do porto, dos dez mil navios que se moviam por uma rede de rios ligeiros e da geometria imaculada das pontes colossais.

Praeger lhe fez perguntas durante duas horas, absorvendo sua eloquência sutil e ficando maravilhado com sua maneira de pensar.

— Consegue escrever da mesma maneira que fala? — perguntou ele.

— Acho que sim — respondeu ela. — Mas não tenho certeza.

Em seguida, ele a enviou a outra sala para que escrevesse suas primeiras impressões a respeito de Nova York. Ela retornou depois de uma hora com um ensaio perfeito, delicioso como uma maçã. Ele o leu duas vezes, e depois uma terceira. A leitura do texto lhe dava o mesmo prazer de beijar uma bela mulher.

— Sinto-me como se estivesse vendo esta cidade pela primeira vez — desabafou ele. — E eu a agradeço por isso.

Virgínia escrevera somente o que lhe parecia ser a verdade.

— Quer escrever uma coluna para a página editorial? Nós a publicaremos nos dois jornais, duas ou três vezes por semana. O sistema aqui é único: foi baseado no funcionamento de um navio baleeiro. Todos os salários são pagos em quinhões sobre as vendas, e — com exceção do tamanho dos escritórios e o número de assistentes — os benefícios são iguais. Como colunista da página editorial, você teria uma boa compensação, pois receberia um grande número de quinhões.

Logo depois, Praeger lhe falou sobre o valor em dinheiro, e mesmo as piores estimativas eram mais do que ela pensava que poderia faturar em toda a sua vida, e nunca em um ano de trabalho. A melhor das estimativas era maior do que o produto interno bruto do Lago das Coheeries e Bunting’s Reef (a cidade vizinha) juntos. Aquilo a assustava, mas ela se lembrava de que, passando pela cidade durante uma hora, vira o bastante para escrever mil enciclopédias cheias de textos elogiosos. Certamente, pensou ela, não seria problema produzir dois ou três textos por semana, considerando o fato de que uma caminhada diária por entre as torres, pontes e praças a levariam para casa com sua caneta

preparada e premida, como se estivesse pronta para ser lançada de uma balestra.

— Acho que vou aceitar sua oferta — disse ela. — Mas eu não conheço a cidade, e não conheço esse tipo de serviço. Receio que, se eu começar com tanta responsabilidade, terei uma visão distorcida. Além disso, minha mãe sempre me disse que uma pessoa precisa se dedicar ao próprio trabalho; assim, não me importo com promoções rápidas e confortos em excesso. Deixe-me começar pelo começo, junto com todos os outros. Eu gosto da corrida em si, e não da vitória.

— É mesmo? De verdade?

— Sim. Imaginei grandes vitórias e imaginei grandes corridas. As corridas são melhores.

— O salário não é o mesmo para quem está na base da pirâmide.

— Não somos materialistas. Não precisamos de muito.

— O costume nesta empresa é de dar a um novo funcionário um adiantamento de dez dias do seu salário. Durante esse tempo, ele pode pensar sobre o que está acontecendo e terminar quaisquer coisas com que esteja ocupado de maneira honrada e eficiente. A minha expectativa é que você seja promovida rapidamente. Espero que, antes que o ano termine, você já esteja escrevendo uma coluna para nós.

Virgínia caminhou por entre as galerias espaçosas do *The Sun*, passando por pessoas cujo trabalho parecia hipnotizá-las, atravessou as portas principais do prédio e quase flutuou através de Printing House Square. Pegou metade do seu salário de dez dias e colocou-o em um envelope que comprou de um homem que vendia materiais de papelaria de dentro dos bolsos do seu casaco. Mandaria a quantia para a sua mãe. Não lhe sobrou muito, e sabia que seria difícil. Mesmo assim, ela encarou as ruas cheias de gente e atravessou os distritos exaustivos da cidade como se fosse uma rainha recém-coroada. Quando chegou até a casa da família Penn, pegou o pequeno Martin nos braços e dançou com ele.

Tudo isso foi apenas um sonho. Mas, no dia seguinte, ao acordar, os elementos do sonho se encaixaram perfeitamente na realidade. Até mesmo as palavras que foram ditas eram as mesmas. Ela viu, durante o sono, os detalhes das salas em que nunca estivera antes, e sabia sobre o tempo que ainda não se formara, e as ruas sobre as quais jamais caminhara. Mas uma coisa era bastante diferente. Em Chinatown, no caminho de volta para casa, ela comprou um enorme *cookie* de cereja para Martin. Quem o vendeu foi um garoto caucasiano gordo, com olhos estreitos como fendas e um chapéu chinês na cabeça. Parecia muito estranho.

Agora, ela precisava cuidar de algumas coisas mais práticas. Tinha de alugar um apartamento, comprar roupas novas e encontrar alguém para cuidar de Martin enquanto ela estava no trabalho. Mas essas coisas seriam fáceis. Virgínia acreditava que a cidade estava tão cheia de combinações, permutações e possibilidades que permitiria não apenas que qualquer desejo fosse realizado, mas também que qualquer caminho pudesse ser percorrido, qualquer recompensa pudesse ser recebida, qualquer vida pudesse ser vivida e que fosse possível competir em qualquer corrida. Ela fechou os olhos e viu a cidade queimar à sua frente em um tom dourado atraente. O céu, preenchido com nuvens grossas e volumosas, queimava sob o azul do inverno.



SOB A NEVE

Embora São Francisco fosse uma cidade tranquila e anestesiada em meio ao azul, quando Vittorio Marratta morreu foi como se um trovão houvesse sacudido as colinas. Se ele não tivesse proibido explicitamente, a fila de limusines negras seguindo o carro fúnebre que o transportava teria um quilômetro e meio de comprimento. Ele era a figura central de várias comunidades, e, quando um homem dessa estirpe morre, as coisas acontecem de maneira incomum, fazendo até mesmo com que seus inimigos lhe prestem suas homenagens.

Signor Marratta foi o líder da comunidade italiana de São Francisco; um cientista cujas descobertas na área da astrofísica foram suficientemente importantes para batizar não uma, mas três galáxias em sua homenagem (Marratta I, II e II) em uma seção distante do céu noturno; o presidente, durante um mandato, da universidade do outro lado da baía, nos dias anteriores aos problemas que romperam a tranquilidade intelectual sobre qual a instituição foi fundada; um ex-capitão da marinha, comandante de um dos mais poderosos navios no tempo da guerra; e o rico proprietário de uma frota naval, cujos cargueiros velozes enchiam a baía com chegadas e partidas várias vezes ao dia, indo ou voltando de Tóquio, Acra, Londres, Sydney, Riga, Bombaim, Cidade do Cabo e Atenas, e cujos rebocadores faziam todos os ajustes necessários no mesmo porto que seus navios movimentavam.

Os redatores dos obituários deixaram seus retratos incompletos, passando pela vida do *Signor* Marratta como viajantes que cruzam a Inglaterra e nunca veem os cisnes, as ovelhas, as bicicletas e os olhos azuis. Sabiam que ele veio da Itália após a Grande Guerra, mas não sabiam que havia desertado o exército em meio à

carnificina, passado um ano escondendo-se como um ladrão e finalmente mergulhado nas águas do porto de Gênova para subir pelas correntes da âncora de um navio que — sem que ele soubesse — estava a caminho de São Francisco.

Eles sabiam que ele se casara com a filha do dono de um navio, mas não sabiam o quanto ele amara a esposa antes que ela morresse, ou o efeito que sua morte causara em Vittorio. Sabiam que ele lutara pela presidência da universidade, mas não sabiam o quanto a luta lhe custara. Sabiam que ele havia descoberto galáxias e descrito algumas verdades fundamentais, mas não sabiam qual fora a mão que o guiara, nem que, após muitos anos de pensar profundamente sobre o que viu e mediu, foi recompensado com a visão de algo que não foi capaz de revelar, somente devido ao caráter da idade. E sabiam que ele tinha dois filhos, mas conheciam pouco a respeito deles.

Quando o trovão explodiu por cima da cidade que nunca recebe trovoadas, todo tipo de coisa começou a acontecer. Parentes correram para comprar flores e alugar carros, para em seguida descobrir que foram excluídos da procissão por ordem do falecido — ele quis somente os filhos presentes ao lado do seu túmulo, junto a um padre. Advogados e contadores foram postos para trabalhar, com uma carga enorme e repentina, como se um batalhão da divisão de engenharia do exército fosse encarregado de construir um campo de pouso em meia hora. Prédios acadêmicos foram rebatizados. O observatório hasteou a bandeira a meio-mastro. E todos se perguntavam como os filhos conseguiriam administrar todo o patrimônio que lhes foi deixado. Setenta e cinco embarcações de grande porte, todos os rebocadores da baía de São Francisco, uma loja de departamentos, vários prédios de escritórios, uma quantidade impressionante de imóveis e terrenos com os quais era possível construir outra cidade, trustes, subdivisões e blocos enormes de ações em grandes corporações, tudo estava descrito no testamento. O *Signor* Marratta era o dono de uma seção da economia tão variada e ricamente colorida quanto uma faixa do leito de um mar tropical, e a quantidade de itens em seu patrimônio era

tão diversificada quanto o inventário da arca de Noé. Naturalmente, todos ficaram curiosos em relação à distribuição das suas posses.

O testamento foi lido em uma quarta-feira de maio, três semanas após o funeral, quando as trovoadas começaram a cessar. Na serenidade de maio, os alunos saíam por estradas vazias e ensolaradas para ver outras partes do país, e aqueles que continuavam na cidade desfrutavam do sol forte e dos dias claros e iluminados que ainda eram maravilhosamente frescos. Cem pessoas estavam reunidas nas sombras quase ultravioletas da maior sala da família Marratta, na região de Presidio Heights. Era possível ver faixas de um azul profundo pelas portas envidraçadas que levavam a uma longa sacada com vista para a baía. Se não fosse pelo frescor do mármore, tão limpo e branco quanto os penhascos do Yosemite, o próprio *Signor* Marratta poderia ter sido esquecido, pois, com cento e cinquenta pessoas presentes, a leitura do testamento parecia o cruzamento entre o início do ano letivo em uma escola privada, uma corte marcial e a assembleia de um culto religioso secreto. Sentados na primeira fila estavam os dois filhos, Evan e Hardesty. Com pouco mais de trinta anos cada um, pareciam mais jovens. Eram fortes e agitados, de uma maneira que sugeria que não deveriam estar em um salão de baile, mas praticando esportes em algum lugar, ou numa floresta onde a luz refletia sobre riachos azuis.

— Receio que haverá muitas decepções hoje, nesta sala — disse o mais velho dos cinco advogados que conduziam o procedimento. — O *Signor* Marratta era um homem complicado, e, como geralmente acontece com homens dessa estirpe, preferia ações simples.

— Durante quase meio século de associação com ele, como amigo e conselheiro jurídico, apanhei-me num debate em relação à lei que durou a vida inteira. O *Signor* Marratta não conhecia a lei, mas conhecia sua essência, e, com frequência, insistia em fazer as coisas de uma maneira muito simples, que eu rejeitava em seguida — apenas para ouvir da minha própria boca (após muito trabalho e

pesquisa) que ele realmente tinha razão. Não sei como ele conseguia isso, mas, de algum modo, ele conhecia o intento das leis e em quais ocasiões ela se firmaria. Não estou dizendo isso para louvá-lo ou para lhe conceder um título póstumo no campo da advocacia. Na verdade, digo isso para que se acautelem e não julguem apressadamente aquilo que, sem dúvida, parecerá a alguns ter sido um ato precipitado.

— O *Signor* Marratta foi o homem mais rico que já conheci, e ele deixou o testamento mais curto que já vi em minha vida. Se esperam passar horas e horas sentados aqui, escutando as descrições de distribuições cada vez maiores, acabarão ficando surpresos, pois ele deixou quase tudo para um único herdeiro, e um pequeno presente para outro. Receio que muitos de vocês ficarão merecidamente amargurados.

Em vez de se agitar com um murmúrio, a sala estava tensa com o silêncio. A expectativa e o medo se juntavam em um cabo de guerra tão simétrico e interdependente quanto as serpentes que se erguem ao redor de um caduceu. Representantes de universidades e instituições de caridade, diretores de hospitais, parentes esquecidos há muito tempo, amigos distantes, funcionários obscuros e agentes da imprensa aguçavam os ouvidos em meio ao suspense — todos eles, exceto estes últimos, esperando, além de qualquer esperança, que o ato precipitado que o advogado mencionou os tornaria mais ricos do que jamais sonharam, mesmo em seus devaneios mais loucos.

Mesmo assim, todos pensavam que Evan receberia o pequeno presente, que provavelmente seria algo simplório e irônico, o reflexo do seu caráter pouco exemplar. A morte súbita da sua mãe o transformara num mestre da ganância calculada, do comportamento desregrado e da crueldade indiscriminada, e vivia somente para arrancar tudo o que conseguisse do seu pai, que o amava apesar de tudo isso.

Havia atacado e deixado Hardesty ensanguentado tantas vezes em brigas durante a infância que o irmão sempre o temera, mesmo

quando já tinha vinte e tantos anos, após haver lutado em duas guerras e ser um atleta competente. Os anos do serviço militar, que interromperam sua carreira na universidade, deixaram o irmão mais novo tímido e reservado. Fora devastado mais de uma vez no exército, e era mais um daqueles soldados que voltaram da guerra feridos e desiludidos.

As testemunhas da leitura do testamento presumiram que Hardesty herdaria tudo, pois era calmo e discreto, e aguardavam ansiosamente o último tapa que Evan receberia por todas as drogas que consumira, os carros que destruíra, as mulheres que engravidara e os dias que desperdiçara. Elas viram que, mesmo no curto espaço de tempo entre o anúncio do advogado sobre as condições peculiares do testamento e o rompimento do lacre de cera que o protegia, Evan estava olhando para Hardesty de maneira que sugeria intimidação, lisonjas e a possibilidade de um assassinato.

Evan suava e respirava com dificuldade. Seus punhos estavam cerrados e seus olhos, arregalados. Hardesty, por sua vez, estava entristecido, sentado ao lado do irmão, pensando, sem sombra de dúvida, em seu pai — não porque era zeloso ou estivesse entediado, mas porque seu pai sempre fora seu único amigo, e Hardesty agora se sentia horrivelmente solitário. Queria que a leitura do testamento terminasse; queria retornar ao seu quarto, onde tinha muito pouco, com exceção de livros, plantas e a vista. Evan saíra de casa vários anos antes, mudando-se para uma propriedade no alto de Russian Hill, um *triplex* cavernoso que ele usava para seduzir mulheres que se deixavam impressionar pelas enormes quantidades de equipamentos eletrônicos que ele empilhara em várias das paredes da casa de modo que se parecesse com um dos laboratórios do Cabo Canaveral.

Hardesty não tinha nem mesmo uma cama. Dormia em um tapete persa azul e dourado, envolto em um cobertor de lã da Abercrombie & Fitch. Seu travesseiro, entretanto, era forrado com as plumas mais macias dos patos da raça *eider* e ele sempre o mantinha dentro de

uma fronha limpa. Exceto por seus milhares de livros, Hardesty tinha poucas posses materiais. Não tinha um carro, preferindo caminhar ou usar o transporte público para ir onde precisasse. Não tinha um relógio. Tinha um terno social, que já contava quinze anos de idade. Tinha um par de botas de escalada, e elas já vinham sendo usadas todos os dias havia três anos. Em contraste com o *closet* do seu irmão, onde havia oitenta ternos feitos sob medida, cinquenta pares de sapatos italianos e mil gravatas, chapéus, bengalas e paletós, o guarda-roupa de Hardesty caberia em uma pequena mochila. Considerando sua riqueza, ele vivia de maneira muito simples.

Seu pai sabia muito bem que Hardesty era reservado e silencioso porque estava se recuperando das guerras, reunindo forças e aprendendo. O *Signor* Marratta amava Evan da mesma maneira que alguém ama uma pessoa que sofre de uma doença terrível — o amor em meio à dor. Mas o amor que sentia por Hardesty provinha do mais profundo respeito e compaixão — esperança e orgulho.

Geralmente, acreditava-se que Hardesty seria recompensado por seu asceticismo e disciplina, e que emergiria como uma figura sólida e envolvente, com competência para controlar a riqueza do seu pai e administrá-la de maneira justa. Havia uma ansiedade agradável para vê-lo sair de seu mundo sossegado e encarar o tumulto das coisas, onde, pelo que se imaginava, seu intelecto jovem e obviamente aguçado não seria simplesmente construtivo, mas teria consequências surpreendentes. De todos os presentes na leitura do testamento, Hardesty era o único que não presumia que estava prestes a ganhar uma apoteose em dólares, e o único que estava sentado tranquilamente, livre de quaisquer expectativas. O advogado leu.

— Consta aqui a última vontade e o testamento de Vittorio Marratta. São Francisco, primeiro de setembro, no ano do Senhor de 1995. “Todas as minhas posses materiais, propriedades, recebíveis, ações, juros, direitos e royalties ficarão para um dos meus filhos. A bandeja de ouro dos Marratta, que repousa na mesa longa que está em meu escritório, irá para o outro. Hardesty

decidirá, e sua decisão, assim que for anunciada, será irrevogável. Nenhum dos filhos jamais terá direito ao patrimônio do outro, sob quaisquer circunstâncias, independentemente da morte ou dos desejos de um ou de outro. Faço esta declaração gozando de plenas faculdades físicas e mentais, convencido de sua justiça e do seu valor".

Finalmente Hardesty demonstrou alguma emoção. Embora tivesse senso de humor, era uma característica muito particular da sua personalidade. Pela primeira vez desde a morte do pai ele sorriu, e, ao fazê-lo, revelou que tinha um rosto gentil, inteligente e interessante — diferente das caretas que contorciam as feições do seu irmão. Hardesty balançou a cabeça em uma descrença agradável, e depois começou a rir quando viu Evan tremendo ao pensar que teria de procurar um emprego.

Evan não tinha qualquer possibilidade de apelar daquela decisão, e também não conseguia pensar em qualquer maneira de forçar seu irmão a aceitar a bandeja. Ele sempre a odiou, mesmo sendo feita de ouro, porque estava entalhada com palavras que ele não entendia, e seu pai falava sobre ela em termos reverentes demais para uma bandeja que não valia mais do que alguns milhares de dólares. E daí que fora trazida da Itália? Era apenas um pedaço de sucata, e ele a via como um pacto entre seu pai e Hardesty, um elo mágico entre os dois que o excluía de tudo.

A ironia terrível era que ele ficaria apenas com a bandeja (a qual ele frequentemente ridicularizava, e que, certa vez, chegou até mesmo a arremessar pela janela) e Hardesty herdaria o bastante para deixar mil homens ricos. Evan estava convencido de que não tinha qualquer chance — não porque Hardesty estivesse interessado na riqueza (pois ele claramente não estava), mas porque a integridade de Hardesty o forçaria a assumir a responsabilidade pela administração de um patrimônio que, como todos sabiam muito bem, Evan não conseguiria gerenciar. Assim, o irmão mais velho fechou os olhos e se preparou para enfrentar o que, para ele, era o equivalente a um pelotão de fuzilamento. Talvez

seu pai houvesse escutado enquanto Evan calculava o patrimônio dos Marratta (exagerando o que não precisava ser exagerado), dizendo os números em voz alta para si mesmo como um monge em transe. Talvez a alma do seu pai, enquanto ascendia aos céus, tivesse bisbilhotado o espírito do primogênito quando este recebeu a notícia do falecimento do seu pai, e ficara ofendido pela cantoria alegre que se seguira. Tudo o que Evan sabia era que Hardesty tinha uma expressão satisfeita de poder estampada no rosto.

Os líderes políticos e comunitários reunidos ali apontaram seus olhos para Hardesty, querendo confirmar que aquilo que era do interesse dele também era do interesse geral, e estimulá-lo a fazer o que todos esperavam. Certamente, pareciam estar dizendo: “Se você renunciar à herança e Evan ficar com tudo, estará cometendo um grande mal.” Vários deles, conhecendo seus próprios filhos, ficaram bastante nervosos.

— Eu recomendo que adiemos a conclusão deste procedimento até que o Sr. Marratta nos notifique, dizendo que tomou uma decisão firme — disse o advogado. Ele queria conversar com Hardesty e persuadi-lo a fazer a coisa certa. — Você concorda, Hardesty?

— Não — disse Hardesty. — Eu já decidi.

A tensão que aquela frase engendrou, se não era insuportável, chegava a ser desagradável. Por um lado, se ele pedisse algum tempo para pensar, significaria que não tinha certeza, e não ter certeza sobre uma escolha óbvia era um sinal perigoso de instabilidade. Por outro lado ainda, uma decisão rápida e firme poderia pender para qualquer um dos lados, e mesmo a decisão certa poderia ser tomada rápido demais. De uma maneira ou de outra, era assustador. As pessoas desejavam apenas poder chegar até ele antes que Evan abrisse a sua boca, para ter certeza de que havia considerado as duas opções dentro do contexto adequado.

— É uma decisão muito importante — começou o advogado.

— Não — disse Hardesty, com firmeza. — O senhor não está entendendo. Meu pai tinha certa maneira de falar, um modo de fazer as coisas indiretamente, para que pudéssemos aprender enquanto ele refreava as decisões e as expunha à vista de todos. Quando éramos mais novos, se lhe perguntássemos que horas eram, ele nos mostraria seu relógio. Tudo o que ele fazia ajudava as pessoas a aprender. Ele tinha o desejo de que "encontrássemos a direção certa através das indiretas". E, neste exemplo, o desejo dele ficou muito claro para mim. Talvez se eu não o conhecesse tão bem — perdão, se eu não o houvesse conhecido tão bem — eu teria uma escolha. Mas não tenho escolha neste momento, não se eu quiser atender às ambições que meu pai tinha para mim, e, como ele, erguer-me para além de mim mesmo e me tornar algo melhor do que já sou. Não. Eu aceito e me submeto à vontade dele, sentindo-me feliz e honrado, e tenho certeza do que ele queria de mim. A bandeja é minha.

Não seria possível criar uma agitação tão grande em São Francisco, mesmo que a Falha de San Andreas finalmente se abrisse por completo. Evan mal conseguia aguentar o choque. A posse de tamanha riqueza o deixou sem voz por uma hora e meia; por si só, a súbita infusão de dinheiro era como ter meio quilo de cocaína fluindo por suas veias. Hardesty foi esquecido por todos, exceto pelo breve momento que as pessoas levaram para condená-lo. Em seguida, sem nenhum centavo e sem poder, ele foi ignorado em favor do seu irmão, em cuja direção, pela necessidade, todos os olhos passaram a apontar.

O advogado quis saber por que Hardesty fizera o que fizera. Mas Hardesty se recusou a entrar em detalhes. A bandeja fora dada ao *Signor* Marratta por seu pai, disse Hardesty, que a recebera de seu pai, que a recebera de seu pai etc. etc. Ninguém sabia quando o ciclo começou. Mas aquele não era o motivo.

Ele achou que seria melhor se afastar da cacofonia e da fofoca que causara em São Francisco. Não tinha mais direito ao seu quarto, com sua sacada e o parapeito de madeira acima da baía (e

sentiria falta daquele lugar para sempre); não sabia o que faria para conseguir seu sustento, e a posse da bandeja, por si só, já era uma responsabilidade enorme. Ele sabia que, para satisfazer o que entendia ser a sua provação, teria de partir.

Sabendo que seu irmão certamente iria reformar e dessecar o escritório do pai, Hardesty teria de ir até lá e encontrar um caminho por entre escudos e barreiras formadas por lembranças para reclamar o grandioso e exigente presente. Em seguida, deixaria para sempre a cidade onde nascera, sua casa, e o lugar onde seu pai e sua mãe estavam enterrados.

O escritório era o cômodo mais alto da casa, encimado por um pequeno observatório em estilo antigo no qual o *Signor* Marratta passou muitas horas nos dias antes da telescopia de campo estreito por contagem de fótons. Como estavam no pedaço de chão mais elevado em toda a área de Presidio Heights, o escritório no andar superior tinha uma vista que inspirava admiração. Enquanto subia as escadas, Hardesty se lembrava do que seu pai lhe ensinara sobre as vistas e os panoramas.

— Veja, e ela será sua — dissera ele em italiano para o garotinho, levando-o de uma janela a outra, e orientando seus olhos por cima das colinas, da baía e do oceano. — Olhe ali — pediu o pai, apontando para as colinas distantes da cor de mostarda e do ouro. — São como a pele de um animal com manchas no pelo. Veja como elas se movem. Veja os músculos que existem debaixo das suas costas fortes.

Do lado de fora, a neblina e as nuvens eram exércitos invasores que varriam tudo em linhas irregulares e determinadas, e tropas voadoras de cavalaria que cercavam a cidade e flanqueavam a baía. Corriam por todos os lados e quase encobriam tudo o que existia com seus picos pontiagudos e trêmulos, mas ainda havia uma coroa azul sobre as montanhas, de modo que a luz no escritório permanecia pura e límpida. Uma luz predominantemente ultravioleta, púrpura e azul cobria o rosto de Hardesty, e refletia

sobre a bandeja, que brilhava como se não pertencesse a este mundo.

Como se estivesse se movendo debaixo d'água, Hardesty se aproximou lentamente da enorme mesa onde a bandeja fora deixada por seu pai, tão casualmente como se fosse um prato que trouxera da cozinha. Os Marratta acreditavam que a bandeja era protegida. Havia sobrevivido a guerras, incêndios, terremotos e ladrões, que, como Evan, pareciam não querê-la. Hardesty perguntava a si mesmo como seu irmão fora capaz de recusar um objeto tão milagroso, pois, sob a luz do sol rodeado de nuvens, ela brilhava em centenas de milhares de cores, todas tonalizadas em dourado e prateado. Raios contínuos se erguiam da bandeja, formando um facho espesso, irradiando em uma beleza ofuscante pelas palavras entalhadas ao redor da borda, encontrando os outros acima do centro e voltando a cair para iluminar a inscrição principal.

A luz no rosto de Hardesty passou de violeta e azul para dourado e prateado. Ele sentiu o seu calor, e novamente viu as inscrições — quatro virtudes e uma sentença promissora e atraente, suspensa na parte central, como se fosse o cubo de junção de uma roda. Seu pai o trouxera várias vezes para lê-las, insistindo que eram as coisas mais importantes que ele poderia ter, e deixando implícito com um gesto assertivo da sua mão que a fortuna, a fama e bens materiais não tinham qualquer valor, sendo até mesmo humilhantes. — Homens pequenos — disse ele certa vez — passam seus dias em busca dessas coisas. Pela minha própria experiência, eu sei que, no momento em que morrem, veem suas vidas se despedaçar diante dos seus olhos como se fossem feitas de vidro. Eu os vi morrer. Eles caem como se tivessem sido empurrados, e as expressões em seus rostos demonstram uma descrença total, surpreendente. Mas isso não acontece com o homem que conhece as virtudes e vive de acordo com elas. O mundo vai para um lado e para outro. Ideias podem estar na moda ou não, e aquelas que deveriam prevalecer geralmente são derrotadas. Mas não importa. As virtudes permanecem, puras e incorruptíveis. São recompensas em si mesmas, os baluartes nos quais podemos proteger a visão que

temos da beleza, e as forças pelas quais podemos resistir, impávidos, à tempestade que surge quando partimos em busca de Deus.

Quando a mãe de Hardesty morreu, quando ele foi à guerra, quando voltou, e em todos os outros momentos de angústia, perigo ou triunfo, seu pai fez com que ele fosse até a bandeja. Ele quase podia ver seu pai à sua frente agora, girando a bandeja dourada em suas mãos. O *Signor* Marratta começava lendo a inscrição prateada em italiano, e depois a traduzia. Uma língua estrangeira desfruta do benefício da dúvida, assim como casamentos entre pessoas que falam idiomas diferentes incorporam uma gentileza e tolerância que não são maculadas por comentários destrutivos. Por exemplo, uma cozinheira japonesa pode se misturar facilmente com o mais rígido dos ingleses do *beau monde*, pois eles não conseguirão usar a linguagem dela como pretexto para mandá-la embora. O mesmo acontece com as virtudes quando são recitadas em italiano. Não eram opressivas, em absoluto, ou parte do jargão típico dos diretores de escolas e ministros, e assim Hardesty as aceitava de uma maneira que nunca conseguiria aceitá-las se as ouvisse em seu próprio idioma.

"*La onestà*, honestidade" era a primeira, e nunca valorizada adequadamente, dizia o *Signor* Marratta, até que alguém perca muito do que tem por causa dela, "e, em seguida, ela se ergue como o sol". A favorita de Hardesty, embora fosse a palavra ao redor da qual a morte de sua mãe parecia dar voltas, e, embora associasse o evento às lágrimas, mais do que qualquer outra coisa, era "*il coraggio*, a coragem." A seguir, uma que ele não conseguia compreender completamente: "il sacrificio, o sacrifício". Por que o sacrifício? Não era essa uma característica defunta dos mártires? Talvez porque fosse tão rara, tão mística para ele como a última virtude (que quase sobrescrevia "la onestà" na parte mais baixa do prato), a mais enigmática, e a menos atraente para ele quando jovem, "la pazienzia, a paciência".

Mas nenhuma dessas qualidades, por mais que fossem difíceis de entender, e ainda mais difíceis de serem colocadas em prática, era tão misteriosa quanto o pronunciamento incrustado em ouro branco no centro da bandeja. Era da *Senilia* de Benintèndi, e o *Signor* Marratta se certificou, desde cedo, de que Hardesty conhecia a passagem e não a esqueceria. Agora, após a morte do seu pai, sozinho em um escritório que, por vezes, se erguia acima das nuvens, Hardesty pegou a bandeja reluzente e traduziu a sua inscrição em voz alta: *"Por aquilo que pode ser imaginado mais belo do que a visão de uma cidade perfeitamente justa regozijando-se apenas na justiça"*.

Ele repetiu aquilo para si mesmo diversas vezes, e depois guardou a bandeja em uma mochila que continha tudo o que levaria consigo. Uma rápida olhada para São Francisco, a partir da tranquilidade do escritório alto e isolado, era tudo de que ele precisava para perceber que essa cidade — por mais encantadora que fosse — não era, e nunca seria, o cerne da justiça perfeita, e não tinha qualquer relação com o assunto. Era o paradigma de uma beleza sem alma — sempre fria, eternamente silenciosa, adormecida em meio ao azul —, mas não tinha nada a ver com a justiça, pois a justiça não era algo fácil. A justiça surgia de uma luta em meio a complexidades, e requeria todas as virtudes do mundo para poder simplesmente ser vislumbrada.

Enquanto saía da casa pela última vez, ele percebeu que qualquer astúcia e sofisticação que havia aprendido desapareceram de dentro de si, para sempre. E se alguém perguntasse para onde ele estava indo? O que ele poderia dizer? "Estou indo em busca de uma cidade perfeitamente justa"? As pessoas pensariam que ele era um lunático.

— Aonde você está indo, Hardesty? — perguntou Evan no momento em que entrava na casa e Hardesty estava saindo dela.

— Estou indo em busca de uma cidade perfeitamente justa.

— Sim, mas para onde você está indo?

Evan queria que Hardesty o guiasse em suas novas responsabilidades, e decidira lhe oferecer um enorme salário, caso os advogados interpretassem que o testamento lhe permitiria fazer tal coisa.

— Você não entenderia. Você sempre detestou a bandeja. Eu sempre a amei.

— Pelo amor de Deus. O que significa isso? É algum tipo de caça ao tesouro?

— De certa forma.

Evan começou a ficar interessado. Ele sabia que Hardesty era inteligente, e agora suspeitava de que a bandeja fosse a chave para o El Dorado.

— Já foi pegá-la?

— Está bem aqui, comigo.

— Deixe-me vê-la.

— Aí está — disse Hardesty, tirando-a de sua mochila. Ele sabia exatamente o que Evan tinha em mente.

— O que diz? Pode traduzir?

— Ela diz: “Lave-me, estou suja.”

— Conte-me o que diz, Hardesty.

— Eu já lhe disse, Evan.

— O que você vai fazer? — perguntou Evan, sentindo o desespero tomar conta de si ao perceber que seria deixado para trás.

— Talvez eu vá para a Itália, mas não tenho certeza.

— Como assim? O que você quer dizer com “não tenho certeza”? Como vai chegar até lá?

— Acho que vou a pé — lançou Hardesty, rindo.

— A pé? Você vai até a Itália a pé? É isso que a bandeja está dizendo?

— Sim.

— Mas como? O oceano, há muita água...

— Adeus, Evan — Hardesty começou a caminhar.

— Não entendo você, Hardesty — gritou Evan. — Nunca entendi. O que a bandeja diz?

— Ela diz: “Por aquilo que pode ser imaginado mais belo do que a visão de uma cidade perfeitamente justa regozijando-se apenas na justiça” — gritou Hardesty em resposta.

Mas Evan já havia entrado para tomar posse da casa.

Um operário da ponte, vestido com um macacão cinzento de aparência medieval, enrijecido e sujo de tinta laranja, parecia não entender a razão pela qual Hardesty, o seu passageiro, tremia de emoção enquanto atravessavam a Bay Bridge, que ligava São Francisco a Oakland. Mas ficou claro para Hardesty, enquanto atravessavam uma camada fresca de névoa e observavam os navios deixando rastros brancos sobre as águas profundas abaixo deles, que ele estava saindo de um mundo e rumando para outro.

Tão grandes eram as diferenças entre São Francisco, com os seus alto-falantes de alerta nas ilhas cercadas por águas frias, e a empoeirada Oakland, que elas deveriam estar separadas não somente por onze quilômetros e uma ponte, mas por onze mil quilômetros de mar. O choque de viajar entre São Francisco e seus raios ultravioletas entorpecentes e Oakland, com seu sol estonteante, fez com que Hardesty conseguisse reavivar rapidamente a sua personalidade do tempo do exército. Quando as cabines do pedágio desapareceram por trás do veículo, ele descobriu que estava preparado para escalar cercas de arame farpado, pular sobre vagões de carga, dormir no chão e andar oitenta quilômetros por dia, a pé. Abandonando suas emoções após jogá-las nas águas frias da baía, ele se preparou para atravessar a

América e o Atlântico, com quase nenhum dinheiro, uma ideia vaga e uma bandeja dourada. O calor de Oakland deu a partida, dentro de Hardesty, em motores potentes que estavam dormentes desde a época da guerra.

Ele não demorou muito tempo para encontrar uma boa posição atrás de um capinzal às margens de uma ferrovia que ia para o leste. Deitou-se ali sob o sol, com a cabeça na mochila, mastigando uma folha de grama, até que ouviu o som do trovão em marcha. Observando por entre a vegetação, ele viu uma locomotiva solitária descendo pelos trilhos. No local onde o exaustor do motor a diesel se erguia acima da cabine, pintada com listras pretas e amarelas (chegava a parecer uma enorme abelha motorizada), o ar se agitava como um conjunto de molas, e seis homens com macacões de brim estavam dependurados dos dois lados da locomotiva, como acrobatas de circo sobre um cavalo. Tudo aquilo passou por ele com um estrondo, e Hardesty encostou a cabeça outra vez na mochila, contente por esperar. Depois de adormecer e acordar novamente, ele ouviu o ressoar inconfundível de um trem de carga com várias locomotivas. Sem sequer olhar, preparou-se: não precisava olhar de fato, pois, quando as oito locomotivas passaram por ele, puxando duzentos vagões atrás de si, a terra tremia e a grama cantava.

A água coberta por óleo em uma valeta próxima começou a estremecer e ondular. A primeira locomotiva era negra como uma pistola, e tinha uma luz amarelada brilhando no topo como se fosse a própria verdade encarnada. Como havia acabado de sair dos pátios de Oakland, estava começando a ganhar velocidade, e Hardesty podia ouvir os impactos fortes dos engates conforme eles se encaixavam para puxar as centenas de vagões que vinham em seguida. Provavelmente não havia nada tão belo quanto um enorme trem de carga começando sua jornada pelo país no início do verão, pensou Hardesty. É quando se aprende que a tragédia das plantas é ter raízes. As plantas e o capim nas colinas quentes e nas valetas ficavam verdes, invejando o trem e implorando que ele as levasse consigo (e era por essa razão que acenavam conforme o trem passava). O próprio trem trazia uma promessa de cem mil lugares

quentes e adoráveis, preenchidos pelos ruídos do vento nas árvores, verões tranquilos em vales profundos, rios de águas pardas, baías reluzentes, e tantas pradarias que, ao longo do trajeto, a infinidade poderia ser comparada a um reles carrapato.

Quando Hardesty percebeu que um vagão de carga descoberto, novo e limpo, estava se aproximando, jogou a mochila sobre as costas e começou a correr junto com o trem. As pedras ocasionais que rolavam do leito dos trilhos e caíam sobre o trecho de terra negra que ladeava a ferrovia pressionavam as solas dos seus sapatos. De quando em quando, olhava para a direita para ver se o vagão de carga estava se aproximando. A segunda escada surgiu ao seu lado. Ele colocou a mão direita nela e sentiu o trem começar a puxá-lo. Quando sua mão esquerda agarrou a escada, suas pernas estavam correndo em um ritmo alucinante. Ele colocou a mão direita em um dos degraus superiores, saltou e logo estava avançando para a frente, livre. Era uma sensação muito melhor do que encontrar uma nota de cem dólares.

Passando por cima do rebordo baixo do vagão, ele caiu sobre tábuas de pinheiro recém-cortadas, que tinham o cheiro de uma floresta ensolarada da região de Sierra. Os rebordos eram altos o bastante para protegê-lo da maior parte do vento (mas não o bloqueavam completamente) e escondê-lo. Talvez não conseguisse ver os detetives da ferrovia ao lado dos trilhos, mas, da mesma forma, eles também não conseguiriam vê-lo. E ele poderia ver os campos, os vales e as cadeias de montanhas. Podia ficar em pé sem medo de ser decapitado por pontes e túneis, andar de um lado para outro, correr em círculos, rodopiar, dançar e deixar sua mochila em um canto, sabendo que, independentemente da velocidade que o trem alcançasse, a mochila não rolaria com o balanço, nem cairia sobre um campo qualquer no percurso para nunca mais ser encontrada. Ele não sentia fome, o tempo estava maravilhoso e tinha o país inteiro à sua frente. Não surpreendentemente, ele começou a cantar, e, como ninguém mais no mundo podia ouvi-lo, cantou sem inibição, e cantou bem.

Na manhã seguinte, em algum lugar entre as montanhas perto de Truckee, enquanto o trem avançava lentamente entre colinas rochosas cravejadas com pinheiros, Hardesty andava de um lado para outro no vagão de carga, ainda feliz, embora, depois de passar uma noite sobre as tábuas, não se sentisse mais encantado. Conforme o trem se esforçava para vencer a subida, ele percebeu o quanto o seu futuro seria difícil.

Hardesty frequentemente pulava em vagões de carga para ir até Sierra em verões sem chuva, mas sempre tinha uma casa para onde podia retornar. Como aquilo não correspondia mais à realidade, estava começando a compreender as situações pelas quais seu pai passou quando desertou a unidade de soldados italianos especializados em terreno montanhoso que se despedaçava em meio às Dolomitas para tentar chegar até o mar (como fugitivo) e dali, finalmente, até a América.

— Nos primeiros meses, até que não foi tão ruim — dizia o *Signor* Marratta. — Passamos a maior parte do tempo construindo fortificações no alto dos penhascos, e só conseguíamos avistar nossos inimigos se usássemos nossos telescópios. Mas quando os fortes, tanto os nossos quanto os deles, estavam terminados, os generais dos dois lados foram forçados a nos dar a ordem de avançar e lutar. Para mim, isso parecia ridículo. Estávamos muito felizes, lá nas montanhas, até começarmos a morrer. Fui até o nosso *maggiore* e disse: “Por que não continuamos com o impasse, com o equilíbrio? Só porque eles estão se matando nas planícies não significa que tenhamos de fazer o mesmo aqui em cima”. Ele achou que aquela era uma ideia excelente, mas quem era ele? Roma queria conquistas territoriais. Nossos franco-atiradores, desanimados, começaram a atirar, nossos homens de artilharia municiaram seus canhões e deram início a bombardeios, e aqueles dentre nós que tinham a má sorte de ser alpinistas tinham de avançar por entre os desfiladeiros e fazer escaladas perigosas para aparecer subitamente, cinquenta metros acima dos nossos adversários, que não desconfiavam de nada, e atirar neles. Deixei meia dúzia de bons amigos pendurada, sem vida, presa em suas

cordas de alpinismo, a trezentos metros de altura em penhascos íngremes, porque o inimigo revidou os tiros. Eles usaram seu canhão, com as trajetórias mais mortais e imprevisíveis, para explodir os rochedos que estávamos escalando. Depois de um ano fazendo aquilo, tudo o que eu queria era viver. Se eu houvesse persistido naquela luta entre grupos armados dos clubes de alpinismo da Itália e da Áustria, você provavelmente não estaria aqui. Além disso, hoje você pode se associar a qualquer um dos dois clubes e ganhar um título de sócio no outro, automaticamente.

Mas o *Signor* Marratta também se arrependia da sua deserção. Tanto a lealdade quanto a responsabilidade frequentemente justificavam o ato de morrer no lugar, e era difícil conseguir afastar a sensação de que ele havia decidido pela “grande rejeição”. Hardesty pensava que, talvez, ele mesmo havia rejeitado suas responsabilidades quando escolheu a bandeja. Porém, como de costume, seu pai estruturou a pergunta de modo que qualquer das escolhas lhe traria dúvidas. A dúvida, como seu pai poderia lhe dizer, no estilo típico dos Marratta, o estimularia a buscar uma resposta ainda mais completa, aventureira e valiosa do que ele procuraria se não a tivesse. — Todas as grandes descobertas — disse o velho Marratta certa vez — são produto tanto da dúvida quanto da certeza; e as duas, em oposição, limpam o ar para que surjam maravilhosos acidentes.

Naquele exato momento, Hardesty foi jogado com uma força irresistível contra o fundo do vagão de carga. Na fração de um segundo antes de perder a consciência, ele lamentou o fato de que as tábuas pareciam estar vindo na direção do seu rosto; imaginou o que haveria às suas costas; e temeu que o carro da frente houvesse descarrilado e estivesse prestes a esmagá-lo. Em seguida, perdeu os sentidos.

Quando acordou, estava deitado de costas, com o rosto apontado para o céu. O sangue havia se coagulado sobre o seu rosto. Sentia o corpo dolorido e descobriu, na lateral da cabeça, um corte longo como uma centopeia, e tão distinto quanto. Em seguida, percebeu

uma criatura agachada contra a parede. Foi somente ao piscar, e depois de tirar o sangue que lhe cobria os olhos, que ele percebeu que ali estava um homem, alguém que não tinha mais do que um metro e meio de altura, mas parecia ter cerca de sessenta centímetros devido à postura compacta e musculosa na qual se encontrava agachado. Estava usando um traje que, no início, Hardesty não conseguiu visualizar completamente. Tomado parte por parte, seria capaz de decifrá-lo, mas, como um todo, era de tirar o fôlego, inacreditável. Seus sapatos eram enormes nacos de couro negro que se pareciam com balas de canhão besuntadas — Hardesty os reconheceu como as mais caras botas de montanhismo, com muitos anos de uso e após a aplicação de vários quilos de graxa. Cair num rio com sapatos como aqueles significaria morte certa. E, se pegassem fogo, eles queimariam durante um mês, mesmo debaixo d'água.

O homem usava meias roxas e azuis que lhe subiam até o joelho, com estampa florida e zigue-zagues; bermuda azul-cobalto, suspensório com as cores do arco-íris, uma camisa violeta e uma bandana como a dos piratas ao redor da cabeça, do mesmo tom de roxo e azul das suas meias, mas com uma estampa vermelha hipnótica sobre o tecido. Seu rosto estava coberto quase que totalmente por barba e por óculos de aro perfeitamente redondo, com lentes cor-de-rosa. Faltavam-lhe dois dedos na mão direita, três na esquerda; ele trazia consigo uma mochila azul em tons vivos e usava uma tipoia com equipamentos para montanhismo, que podia ser considerada o maior colar de todos os tempos. Estava cheio de mosquetões, recheado com roscas de escalada reluzentes, tilintando com cravos e quase estourando com duas dúzias de tiras de nylon reforçadas, trançadas em dezenas e dezenas de cores fosforescentes. Jogada sobre seu ombro havia uma corda de escalada laranja e preta, e ele mastigava um pedaço de carne seca do tamanho de um caderno.

— Desculpe-me por isso — disse ele por entre as mastigadas na carne seca. — Saltei de uma ponte para embarcar no trem e não o vi. Obrigado.

— Obrigado por quê? — perguntou Hardesty.

— Por amortecer a minha queda.

— O que é você?

— O que eu sou? Como assim? Que tipo de pergunta é essa?

— Que diabos é você? Estou sonhando? Você se parece com o duende Rumpelstiltskin.

— Nunca ouvi falar dele. É um dos alpinistas da região de Sierra?

— Não, ele não escala montanhas em Sierra.

— Sou montanhista. Profissional. Estou a caminho de Wind Rivers, onde vou fazer a primeira escalada solo em East Temple Spire. Se eu tiver condições, provavelmente o farei durante a noite. Rapaz, foi um pouso e tanto. Estou feliz por meus equipamentos estarem a salvo.

— Sim — concordou Hardesty. — Também estou contente por seus equipamentos estarem a salvo.

— Você está com um corte feio na cabeça. Seria melhor colocar um pouco de nandibum nele.

— O que é nandibum?

— Ah, é ótimo, óleo de nandibum. Um amigo meu o trouxe do Nepal. Aqui está... — o homem enfiou a mão na mochila azul e puxou um frasco pequeno, que desarrolhou com os dentes. — Não consigo deixar de me sentir responsável por você agora.

— Espere um minuto — disse Hardesty, enquanto o óleo era aplicado sobre o seu ferimento.

— Não se preocupe, é orgânico.

— Como você se chama?

— Jesse Honey.

— O quê?

— Jesse... Honey. Honey é o meu sobrenome. Não é culpa minha. Podia ser pior. Eu poderia ser uma garota, e podiam ter me batizado como Bunny, ou Bea, ou sabe-se lá que diabo de nome eu teria. E você, qual é o seu nome?

— Hardesty Marratta. O que tem nessa coisa? Está começando a arder.

— Arde mesmo. Mas cura os ferimentos bem rápido.

A dor causada pelo óleo de nandibum estava aumentando, e Hardesty suspeitava que ela ficaria ainda mais forte. E foi o que aconteceu. Dois ou três minutos depois de ser aplicado, o óleo de nandibum estava espumando em sua pele, como milhares de vulcões em erupção. O que quer que houvesse no óleo de nandibum, tinha os mesmos efeitos de uma mistura de ácido sulfúrico com água oxigenada. Hardesty rolava no fundo do vagão, em agonia.

— Vou buscar água — gritou Jesse Honey. — Há um riacho que atravessa os trilhos duas vezes, logo antes de uma curva ao redor da encosta. Volto para cá assim que o trem cruzar o riacho outra vez.

Hardesty nem chegou a ouvi-lo. Mas, dez minutos depois, ele viu a mão de Jesse Honey erguer-se por cima da borda do vagão de carga, pedindo ajuda, e foi até lá para puxá-lo. Jesse Honey jogou um galão de água de plástico no trem e agarrou o braço estendido de Hardesty com tanta força que acabou deslocando-o. Hardesty desabou outra vez. Jesse Honey pegou seu braço (do lado errado) e tentou recolocá-lo no lugar de acordo com os princípios dos primeiros socorros. Mas, como aquele braço já estava no lugar certo, ele acabou deslocando-o também.

— Está tentando me matar? — esbravejou Hardesty. — Porque, se estiver, seria melhor simplesmente dar um fim nisso tudo.

Jesse Honey não pareceu lhe dar ouvidos, ocupando-se em recolocar os dois braços de Hardesty em seu devido lugar.

— Aprendi isso no Monte McKinley — disse ele, com uma satisfação evidente.

Em seguida, lavou o rosto de Hardesty para tirar o óleo de nandibum e saltou do trem outra vez. Quando retornou, trazia consigo uma pilha enorme de gravetos secos.

— Para quê você vai usar isso?

— Tenho de fazer uma fogueira para ferver a água, preparar a comida e o chá — disse Jesse Honey, acendendo os gravetos.

— Mas como você vai acender uma fogueira numa superfície de madeira? — perguntou Hardesty, já tarde demais. As tábuas resinosas já estavam pegando fogo, e as chamas estavam saltando de um lado para outro com o vento. Jesse Honey tentou pisar nelas para apagá-las, mas, quando suas botas engraxadas começaram a se incendiar, ele se afastou.

Durante meia hora, o vento levou o fogo da frente do trem para os vagões de trás. Óleos lubrificantes, tintas, os pisos de madeira e os interiores dos vagões fechados, os materiais que os protegiam dos impactos e milhares de cargas de todos os tipos foram engolidos pelas chamas, até que o trem finalmente estava ardendo em carreiras de fogo. A equipe que conduzia o trem demorou tempo demais para descobrir o incêndio e não conseguiu parar. Tentaram rumar para o meio das montanhas, onde não havia vento. Quando chegaram lá, já estava quente demais para que Jesse e Hardesty conseguissem suportar o percurso. Assim, começaram a seguir rumo ao leste. Enquanto o sol se punha, eles viam dois brilhos avermelhados (sendo que o mais brilhante era o inferno nos vagões do trem) e ouviam explosões periódicas marcando a morte dos vagões-tanque, que estavam cheios de combustíveis. De acordo com Jesse Honey, tudo aquilo era parte do caminho natural das coisas.

— Trens não foram feitos para atravessar montanhas — disse ele.

Durante a maior parte da noite eles caminharam pelos longos vales ao longo da região de Sierra, onde encontraram somente a luz das estrelas e a profunda tranquilidade das montanhas no início do verão. O silêncio das árvores e a quietude dos ventos eram a esperança da natureza e a descrença de que o inverno havia passado, um momento em que o terreno selvagem prende a respiração antes de comemorar, por medo de chamar de volta os ventos azulados do norte e a neve.

No começo, Hardesty e Jesse não conversaram enquanto atravessavam pelas trilhas esbranquiçadas que cortavam desfiladeiros enegrecidos de desfiladeiros alpinos, e seus olhos acompanhavam as estrelas enquanto observavam os rebordos das montanhas que as engoliam. O ar cheirava a primavera. Transmitia o mesmo prazer vivaz de entrar no meio de um grupo de crianças pequenas, dispostas como flores do campo, com seus chapéus e cachecóis coloridos. Como sempre acontecia no primeiro dia em que alguém era exposto à altitude, foi fácil caminhar a noite inteira; além disso, o ar estava tão fresco e os riachos tão caudalosos, brancos e torpes que nenhuma criatura viva que conhecesse a alegria ou a liberdade poderia cair no sono.

Enquanto caminhavam rumo ao norte-nordeste, a lua surgiu com o tom cremoso de uma pérola, perfeitamente redonda, benevolente, um farol luminoso e perfeito. Jesse disse que havia uma ótima ferrovia de carga na direção que insistia que eles seguissem, a apenas mais dois ou três quilômetros adiante. Já haviam percorrido vinte e cinco quilômetros quando a lua desapareceu e o leste começou a se iluminar, e, ainda assim, nem sinal da ferrovia.

— Há uma bela ponte que passa por cima dos trilhos, feita de troncos e cabos — afirmou Jesse. — Não sei quem a construiu, e não sei para que propósito, mas você pode saltar dela para o trem com muita facilidade.

— Não entendo — disse Hardesty. — Por que você tem de saltar de alguma ponte toda vez que entra em um trem de carga? Por que não corre ao lado dele e se agarra a uma das escadas?

Jesse olhou para ele, ofendido e aborrecido.

— Não consigo — confessou ele, amargamente. — Não consigo alcançar as escadas. São altas demais.

— Ah, entendo — respondeu Hardesty, olhando para o seu companheiro, que tinha uma estatura incrivelmente baixa. — Qual é a sua altura, exatamente?

— Que diferença isso faz?

— Não faz diferença. Estou apenas curioso.

— Um metro e trinta e três centímetros e três quartos. Eu devia ter um metro e noventa. Foi o que o médico disse, pelos espaços nas minhas chapas de raio-X. Meu avô tinha um metro e noventa e sete. Meu pai tinha dois metros e três, e meus irmãos são ainda mais altos.

— O que aconteceu com você?

Jesse ficou tenso.

— Não sei — declarou ele, balançando a cabeça negativamente. — Para um homem de um metro e trinta e quatro...

— Achei que você houvesse dito um metro e trinta e três centímetros e três quartos — interrompeu Hardesty.

— Não me amole — esbravejou Jesse. — Para um homem de um metro e trinta e quatro, este é um mundo muito complicado. Quando leio nos jornais que uma pessoa de um metro e setenta é descrita como alguém abaixo da média, como você acha que eu me sinto? As garotas nem mesmo olham para mim. A maioria nem tem a oportunidade de fazê-lo; olham diretamente por cima da minha cabeça. Não pude me alistar no exército, embora a marinha tenha me oferecido uma vaga — como limpador de chaminés. Frequentei a faculdade, me formei em engenharia, e a marinha queria que eu limpasse as suas malditas chaminés. Quando os grandalhões andam por aí com o peito estufado, orgulhosos da sua estatura, tudo o que eu quero é pegar uma metralhadora e... bem, deixe isso

para lá. Não me importo mais. Tudo o que eu preciso é de uma bela mulher baixa em uma pequena cabana perto de uma cadeia baixa de montanhas.

— Acho que existem lugares assim na Floresta Negra — opinou Hardesty. — De acordo com as lendas, pelo menos, você vai poder encontrar o que está procurando.

— Nada de *trolls* — disse Jesse. — Eu nasci em solo americano, e isso basta para eliminar os *trolls*.

— Não, não, não. Estou falando sobre mulheres belas e pequenas, loiras e de olhos azuis, como aquelas que vemos entalhadas no topo das rolhas.

— Essas não são para mim. Gosto de garotas da Califórnia, altas e esbeltas, cujos joelhos chegam até a altura do meu pescoço.

Naquele dia, eles avançaram sessenta quilômetros sob um sol forte, falando sobre mulheres, montanhismo, trens de carga e política. Jesse era um apoiador fervoroso do presidente Palmer (talvez porque ele fosse o presidente com a menor estatura desde Linscott Gregory). Hardesty, por sua vez, estava disposto a votar nele, mas não mais do que isso. Andavam num silêncio constrangedor sempre que atravessavam os limites das árvores, porque estariam caminhando por áreas imensas cobertas com pinheiros-anões. Hardesty achou que havia quebrado algum osso quando amorteceu o pouso de Jesse.

— Não tem certeza? — perguntou Jesse.

— Não. Nunca quebrei nada antes.

— Você nunca quebrou nada antes? Isso é loucura! Eu já quebrei quase todos os ossos do meu corpo. Certa vez, esqueci de ancorar a minha corda de *rapel*, e quebrei dezesseis ossos de uma só vez. Eu estava distraído no Grand, e fiquei suspenso por uma *reepschnur* (é como escalar usando um cadarço de sapato). Bem, sofri uma queda de quinze metros quando aquele *reepschnur* se soltou, e acho que quebrei tudo, menos a minha palavra, porque,

depois que o *reepschnur* arrebentou aos quinze metros, eu continuei caindo por mais cento e vinte.

— Estou surpreso por você não ter morrido.

— Atingi vários rebordos durante a queda.

Os dois chegaram a um lago azul cristalino, quase tão longo e estreito quanto um rio. Do alto de um grupo de rochedos na margem sul, avistaram um quilômetro e meio de ferrovia passando sobre a água. Jesse disse que eles teriam de nadar, mas, como o lago era geotermal, suas águas seriam quentes como as de uma banheira. Hardesty colocou o dedo na água e discordou.

— Não nas bordas! — exclamou Jesse. — Qualquer idiota sabe que lagos geotermicamente aquecidos só são quentes nas porções mais profundas. É onde a troca de calor acontece. Várias toneladas de correntes térmicas refrigeradas ativam uma onda de transferência intensa e rica em BTUs, que começa nos parâmetros de afloramento da região tolopsoide, no subconjunto central mais profundo. Portanto, o padrão de interferência agitada da variação de temperatura influenciada pelo ar força um diagrama haploide a passar pelos fluxos dimensionais de água da superfície, presos em um cinturão torroidal oscilante que varia somente com as inversões alcaloides surfactantes da estabilidade normal causados pelas concentrações de dessecantes induzidos pela estação seca, devido à uma vazão intra-aquosa insuficiente.

— Mesmo assim — insistiu Hardesty —, ainda acho que seria melhor dar a volta ao redor do lago.

— De jeito nenhum. A ferrovia não chega nem mesmo a passar pelo lago. Ela vem do noroeste e se afasta do lago pelo nordeste, porque eles a construíram assim na época em que precisavam recarregar a água das caldeiras dos trens a vapor. O lago tem oitenta quilômetros de comprimento, e essa é a parte central dele. Além disso, mesmo se déssemos a volta ao redor dele, ainda teríamos de atravessar um rio, e atravessar um rio é muito mais

complicado do que atravessar um lago. Pode acreditar no que eu digo. Pelo menos o lago não se move.

Exceto pela explicação sobre o motivo de o lago ser mais quente no centro do que em suas bordas, o que Jesse dizia parecia razoável. Assim, eles começaram a construir uma jangada onde poderiam colocar suas roupas e pertences enquanto nadavam.

— Isso é madeira de lei — pronunciou Hardesty, apontando para um grupo de toras que Jesse estava arrastando até o local de construção na margem do lago (o próprio Jesse estava quase oculto por entre os troncos cinzentos, e parecia um porco-espinho com uma doença que deixava sua pele roxa). — Não vai flutuar.

— Madeira de lei? Ha-ha! São troncos de abetos de Montana. É o que usam no interior de dirigíveis e coisas do tipo. É claro que vai flutuar.

Eles juntaram os troncos com alguns cordões de *reepschnur* que Jesse tinha sobrando e empurraram a jangada sobre a água. E nunca mais a viram outra vez, pois ela afundou como se fosse feita de metal. Em seguida, começaram a nadar. O sol estava se pondo, mas haviam decidido se molhar assim mesmo, e a fazer uma fogueira enorme do outro lado do lago, já que havia montes de abetos de Montana à disposição. Jesse disse que aquela madeira não queimaria bem, o que deu a Hardesty a certeza de que teriam uma fogueira confortável onde poderiam se aquecer.

Amarrando suas roupas em trouxas para deixá-las sobre as mochilas, eles se prepararam para atravessar a água, equilibrando as mochilas sobre os ombros. Teoricamente, somente o fundo das mochilas acabaria ficando molhado. Mas a teoria foi válida somente durante os primeiros dez minutos em que eles conseguiram nadar rapidamente. Em seguida, no meio do lago, eles afundaram cada vez mais na água, e tudo ficou encharcado. A água na parte central era tão fria quanto um riacho nas montanhas à meia-noite no último dia de janeiro. Quanto mais frio sentiam, mais rápido Jesse falava,

algo parecido com uma colisão em alta velocidade entre um livro de física e um político.

— Eu sei que isso pode parecer uma justificativa esfarrapada — disse ele. — Mas as funções tensoriais em uma topologia diferencial superior, como exemplificada pela aplicação do teorema de Gauss-Bonnet sobre os polinômios de Todd, indicam que a rotação axial coométrica em uma ressurgência termal não adiabática pode, por uma inferência aleatória derivada de agregados translacionais de equilíbrio, formar uma matriz em ordem transicional obversa com as características termodinâmicas de um plasma transitório passando por conversões negativas de entropia.

— Por que não cala a boca? — sugeriu Hardesty.

Jesse não voltou a abrir a boca até que a armação que ele construiu para suspender suas roupas perto da fogueira desabou, e sua bermuda roxa se incendiou. Daquele momento em diante, ele prosseguiu nu da cintura para baixo, exceto por um tapa-sexo ao estilo da Nova Guiné que construiu com uma lata de refrigerante perdida e que amarrou ao redor da cintura com um pedaço do *reepschnur*. Não demorou muito até ele começar a exaltar sua peça de roupa como se fosse um estilista da Sétima Avenida apresentando uma nova linha.

— É muito confortável — disse ele. — Você deveria experimentar.

Duas horas depois que o fogo se extinguiu, uma massa trovejante de rodas de aço e motores a diesel surgiu correndo ao redor do lago, e Jesse e Hardesty encontraram um vagão de carga descoberto e confortável para levá-los rumo a Yellowstone. Hardesty foi o primeiro a subir, e Jesse correu ao lado dos trilhos, ficando perigosamente para trás, até que Hardesty o ergueu para o vagão com um puxão. Hardesty conseguia vê-lo com facilidade, pois suas nádegas brilhavam sob a luz da lua. Vinte e quatro horas depois, eles saltaram do trem, preferindo não tomar o caminho do norte, que seguia para Montana e Canadá. Caminharam por algum tempo, e

seu caminho foi interrompido pelo que pensavam ser o rio Yellowstone.

Hardesty olhou para o céu, que ameaçava chuva.

— Por que não construímos um abrigo e tentamos encontrar uma maneira de atravessar este rio amanhã? Acho que vai chover — disse ele.

— Chover! Você acha que está para chover? — perguntou Jesse. — É óbvio que você nunca passou muito tempo nas montanhas. Tenho certeza de que não vai chover. Sabe o que significa "infalibilidade"? Vou lhe dizer: é quando eu faço a previsão do tempo — Jesse olhou para os imensos cúmulos-nimbos que vinham em sua direção pelo norte, uma massa de nuvens do tamanho de uma montanha que obscurecia completamente o lugar. — Isso vai passar em cinco minutos. Hoje, a noite vai ser puro veludo. Deite-se sobre os galhos dos pinheiros e durma.

— Não tenho tanta certeza — afirmou Hardesty, desconfiado das nuvens.

— Confie em mim.

Meia hora depois de adormecerem, um trovão estrondoso fez com que saltassem do chão onde estavam deitados e girassem no ar como se fossem panquecas. Relâmpagos explodiam em sucessões dignas de uma metralhadora, derrubando árvores. O rio, que já era bastante caudaloso e selvagem, agora corria com extrema rapidez, e sua superfície estava tão espumante que se parecia com um dos enormes raios. E a chuva que caiu sobre eles não era como a chuva comum, que cai em gotas inofensivas. Hardesty e Jesse tiveram de se esforçar para não se afogar.

— Siga-me — disse Jesse, enquanto cuspia a água que engolira.

— Por que eu deveria?

— Eu sei onde podemos encontrar abrigo. Eu vi quando estávamos vindo para cá.

Eles nadaram em meio à chuva, subindo uma encosta, por algumas centenas de metros até chegarem à entrada de uma caverna.

— Não quero entrar aí — proclamou Hardesty, embora soubesse que acabaria entrando.

— Por que não? É perfeitamente seguro.

— Sempre detestei cavernas. Acho que é porque a minha família é italiana.

— Venha. Já estive nessa caverna antes, eu acho. Se me lembro direito, havia um ermitão que morava aqui, e ele deixou dois belos colchões de penas, além de suprimentos, mobília e lampiões.

— Certamente — disse Hardesty, conforme a escuridão os engoliu. — Por que temos de ir tão longe?

— Para chegar até o lugar onde o ermitão morava.

— E se houver morcegos?

— Não há nenhum morcego a oeste do rio Plate.

— Isso não é verdade. Já vi morcegos em São Francisco.

— Ou a oeste de Fresno.

Depois de vinte minutos tateando por entre caminhos escuros em um submundo sibilante de riachos ocultos e ecos zombeteiros, eles chegaram ao que sentiam ser uma enorme câmara, pois os sons dos seus pés se afastavam deles como se estivessem ao ar livre. Sentiam um enorme espaço acima e para as laterais, e, não importava para onde andassem, não encontravam nenhuma parede, somente um piso nivelado de pedra e terra. Atravessaram riachos estreitos e tranquilos de águas quentes como as de uma banheira e viram grupos de criaturas fosforescentes dentro delas.

Era muito estranho ver coisas que criavam sua própria luz, brilhando as centenas de milhares em códigos silenciosos e agitados. Pareciam um exército de operários dedicados, ocupados com os preparativos de uma jornada desconhecida. Amontoados de

pequenas luzes que chegavam a bilhões e bilhões de permutações e combinações pareciam estar viajando diretamente em direção a um objetivo misterioso.

Durante horas, ou talvez dias, Hardesty e seu guia vagaram pela planície de riachos luminosos. Jesse se esqueceu completamente da morada do ermitão. A única coisa que lhes importava era a cor, o mapa infinito de regatos calculistas e as rotas de tranquilidade e silêncio que seguiam em meio ao vazio e à escuridão. Como tons musicais, os riachos se misturavam e se separavam. Hardesty agarrava com força a pequena mochila na qual carregava a bandeja. Em um determinado momento, os dois estavam no meio de uma planície brilhante, tão vasta que se perguntaram se, de fato, ainda estavam vivos.

Mas, após algum tempo, eles tinham de pensar em retornar à superfície. Hardesty sugeriu que andassem no sentido contrário ao fluxo do maior dos riachos. Dessa forma, pelo menos, eles voltariam a subir. Logo os riachos naquela rede luminescente começaram a se desfazer e o que eles seguiam ficou cada vez maior. A fosforescência desapareceu gradualmente, e eles se viram em uma enorme câmara. Do outro lado, conseguiam ver lampejos de relâmpagos por uma abertura.

— Isso é perfeito — disse Jesse. — Um piso seco e macio, e a saída está logo ali na frente. Vamos dormir.

— Não acha que é melhor acender um fósforo? Para ver o que há aqui? — perguntou Hardesty.

— O que poderia haver aqui? Não há nada aqui.

— Não quero deitar para dormir sem saber o que há perto de mim.

— Isso é idiotice — gritou Jesse. — Ei! Seja lá o que houver por aqui, vá para o inferno! Vá para o diabo! Que nos mate, se quiser! Arrrrgggghhh! — Para um homem pequeno, ele tinha uma voz milagrosa. Os desafios deixaram os ouvidos de Hardesty zunindo.

— Mesmo assim — continuou Hardesty, procurando uma caixa de fósforos em sua mochila —, eu quero dar uma olhada.

Ele acendeu um fósforo. No começo, a faísca branca e azul os cegou, mas, em seguida, a chama amarela ganhou força e eles olharam para cima.

— Estou vendo — disse Hardesty calmamente.

Em colunas tão retilíneas e bem ordenadas quanto as fileiras de cardeais sentados em um concílio ecumênico, havia uma centena ou mais de ursos cinzentos, temporariamente ofuscados e surpresos, cada um com quatro metros de altura. Sem saber o que pensar sobre os dois estranhos que surgiram entre eles, eles se entreolhavam, tentando descobrir o que fazer; erguiam as patas no ar e giravam as cabeças, confusos.

Na esperança de manter os ursos a distância, Hardesty acendeu tantos fósforos quanto podia, prendendo-os entre seus dedos palpitantes. A luz adicional o fez enxergar os morcegos que, sem qualquer surpresa, estavam amontoados às centenas de milhares, ou aos milhões. Agarravam-se ao teto da caverna em uma massa sólida, em buracos de grande profundidade; eram do tamanho de guarda-chuvas quebrados, desses que se pode ver enfiados em latas de lixo em um dia de vento forte; e suas orelhas e articulações eram horrivelmente arroxeadas e rosadas. Eles começaram a se mover em uma reação em cadeia crescente que fez os ursos rugirem, mostrando dentes brancos tão afiados quanto lâminas de metal.

Quando os fósforos se extinguiram, os ursos convergiram e os morcegos começaram a voar. Esmagados em meio ao pelo marrom e às asas sedosas, Hardesty e Jesse perceberam que não estavam sendo atacados, mas que haviam dado início a uma onda de pânico. Uma torrente de morcegos e ursos explodiu pela boca da caverna, como a lama borbulhante expelida por um vulcão. Hardesty e Jesse foram jogados pela entrada e caíram sobre uma pilha de rochas iluminadas por raios e clarões de relâmpagos estroboscópicos.

Depois que os animais saíram, Jesse sugeriu que voltassem à caverna para dormir.

— Imagino que você não ache que eles vão voltar, não é?

— Eu diria que há cinquenta por cento de chance de isso acontecer.

— Faça o que você quiser. Vou dormir aqui mesmo, em cima desta pedra pontiaguda.

Na manhã seguinte, Hardesty acordou e viu que Jesse tentava acender uma fogueira, esfregando uma pinha contra outra. Quando viu que não conseguiria, tentou conseguir uma faísca batendo numa pedra com um graveto. Finalmente, Hardesty encontrou mais fósforos e eles conseguiram fazer uma fogueira que só não incendiou toda a floresta porque tudo ao seu redor estava muito úmido. E ainda tinham de atravessar o rio.

— Seria melhor seguir o fluxo do rio para tentar encontrar uma ponte — sugeriu Hardesty. — Embora a probabilidade de que o rio fique mais estreito se formos contra a corrente seja obviamente maior, a altitude vai aumentar, o que provavelmente indica uma chance menor de haver vilarejos ou cidades. Rio abaixo, provavelmente, haverá rodovias, terrenos mais fáceis de atravessar nas margens e talvez um trecho que seja tranquilo o suficiente para podermos cruzar a nado ou raso o bastante para ir a pé.

— Isso mostra o pouco que você sabe — respondeu Jesse com uma indignação considerável, pois ele era o guia profissional e estavam nas suas montanhas. — Não há nenhuma ponte que possamos usar, nem trezentos quilômetros abaixo, nem acima deste ponto do rio. Se você andar contra a correnteza, vai afundar num inferno de pedras apodrecidas e penhascos cobertos de musgo. Ao sul, o rio fica mais largo e mais caudaloso conforme os afluentes deságuam nele. Você teria de ir até Utah para encontrar um lugar calmo o bastante para atravessar a pé.

— O que você propõe, então?

— Fazermos o que eu sempre faço, o que já fiz cem vezes em situações como esta, o que qualquer pessoa que realmente conhece as montanhas faria quase automaticamente.

— E o que seria?

— Construir uma catapulta.

— Para nos jogar para o outro lado? — indagou Hardesty.

— Isso mesmo.

— Mas o rio tem mais de quatrocentos metros de largura!

— E daí?

— Vamos dizer que seja possível fazer uma catapulta forte o bastante. Tudo bem. Ela nos joga do outro lado do rio. O que você acha que vai acontecer depois? Não sei qual é a trajetória que você está planejando, mas poderemos cair de uma altura enorme. Seríamos mortos instantaneamente.

— Não seríamos, não.

— Por que não?

— Percebe que as árvores são bem próximas umas das outras na margem oposta? Tudo o que temos de fazer é voar em colchões de impacto, com uma rede de segurança que possa se prender nas árvores.

— Colchões de impacto.

— Vou lhe mostrar.

Jesse começou imediatamente a construir a catapulta, os colchões de impacto, as redes estendidas de proteção, uma tenda e rotas de acesso. Embora Hardesty não acreditasse, nem por um minuto, que aquele tipo de coisa fosse funcionar, ele estava encantado pela autoconfiança de Jesse, sua certeza sobre a construção de todas aquelas engenhocas e a ideia esplêndida, clássica e intrigante de ter uma máquina que os fizesse voar.

Durante duas semanas eles trabalharam sem dormir, comendo pouco, com exceção dos pedaços de carne-seca do tamanho de uma caderneta, do chá e das trutas que apanhavam no rio. No início, Jesse insistiu em cozinhar as trutas com o calor do corpo durante a noite (de acordo com ele, um velho método indígena).

— Há maneiras melhores — explicou Hardesty, que mostrou ao seu guia como assar o peixe sobre uma tábua de madeira.

No centro da nova clareira, a máquina que eles construíram repousava num alicerce de terra, pedras e estacas. Derrubaram muitas árvores e arrancaram quilômetros e quilômetros de trepadeiras, com as quais pretendiam construir uma armação de dois andares para apoiar uma árvore de quarenta metros de comprimento que girava sobre uma enorme viga. Uma cesta que continha várias toneladas de pedras mantinha a ponta mais curta apontada para o solo, até que a árvore fosse afixada ao chão e tensionada como a corda de uma balestra. Colchões de impacto e redes de segurança estavam presas à cabeça da catapulta. Pareciam-se com enormes círculos trançados, com três metros de espessura e doze de diâmetro. Hardesty e Jesse iriam se amarrar nelas com pedaços da corda laranja e preta de escalada. Para se protegerem ainda mais, construíram enormes trajes em formato de balões com a cortiça das árvores, e os ataram ao redor de si mesmos, alternando-os com camadas de musgos e cogumelos. Essas “almofadas”, como Jesse as chamava, eram tão grandes e desajeitadas que tinham de ficar em cima dos colchões de impacto; caso contrário, Jesse e Hardesty nunca conseguiriam subir na catapulta.

De maneira geral, Hardesty estava cético e recusava-se a participar do lançamento. Mas, no final, estava tão cansado e faminto que, em vez de andar na direção do estado de Utah, decidiu arriscar-se em um traje forrado de musgo e cogumelos, prender-se a um colchão de impacto e ser lançado ao ar por uma catapulta gigante. Além disso, toda aquela situação era insanamente atraente.

Na hora marcada, eles subiram no módulo de lançamento, vestiram os seus trajes e se amarraram aos colchões de impacto. Em sua mão, Jesse segurava um cordão que arrancaria uma trava de madeira do mecanismo de disparo, e os mandaria pelos ares.

— Está vendo aquelas árvores? — perguntou ele, apontando para um grupo de pinheiros jovens de aparência macia. — É ali que vamos pousar. Nossa descida pelo ar será retardada pelo projeto aerodinamicamente estável das redes e dos colchões. As redes se prenderão nas árvores e os colchões amortecerão qualquer impacto direto. Não preciso dizer que estes trajes são a nossa principal proteção. Se estiver com medo, pode ficar despreocupado. Sou engenheiro, e tudo está calculado até a última casa decimal. Está pronto.

— Espere um segundo — pediu Hardesty. — Tenho de ajustar essa pilha de cogumelos aqui. Certo. Estou pronto agora. Veja bem, eu acho que você é um lunático, e não sei por que estou confiando em...

Jesse puxou o cordão, e os dois foram jogados com uma força tremenda — não para o alto e avante, mas diretamente nas águas do rio, a cerca de quinze metros da margem.

Eles bateram na água como uma bala de canhão, lançando um gêiser de espumas brancas a trinta metros de altura, e os dois, junto com os colchões de impacto e as redes, foram rapidamente engolidos pelas corredeiras. Por sorte, toda aquela geringonça se endireitou no fundo da água, e, quando chegaram à superfície, eles viram que estavam flutuando, virados para cima. Deslocando-se rapidamente rio abaixo, amarrados aos seus trajes de segurança e presos aos colchões, incapazes de se mover, estavam conscientes somente porque a água congelante os reanimou depois do primeiro choque.

Hardesty começou a se debater para sair de dentro do seu traje.

— Não faça isso! — repudiou Jesse. — Você vai se afogar. Pelo menos isso funciona como uma espécie de barco.

— Vá para o inferno!

— Estou falando sério!

— Você está falando sério? — Hardesty estava paralisado com a raiva acumulada, irritação, descrença e desgosto. — Você está falando sério?

— Ouça o que eu digo, ou você estará encrencado.

— Você não acha que descer um rio gelado a vinte e cinco quilômetros por hora, sobre colchões de impacto e em trajes forrados com cogumelos, é encrenca? Sabe o que você é? Vou lhe dizer. Você é um incompetente. Você não faz nada direito!

— Não posso evitar isso só porque sou mais baixo que as outras pessoas — gritou Jesse em resposta, por cima do rugido das águas. — Pessoas altas não são tão boas apenas por serem maiores do que eu.

Hardesty explodiu.

— Isso não tem nada a ver com ser alto ou baixo! — Em seguida, percebeu que estavam prestes a passar por baixo de uma ponte que não poderia estar a mais de dois ou três quilômetros do lugar onde construíram a catapulta. Garotinhas com óculos da cor do ruibarbo espiavam por cima do corrimão, fascinadas pelo estranho barco que passava abaixo delas. — Como chama essa coisa? — perguntou ele.

— É uma ponte com pedágio. Não sei em relação a você, mas eu não jogo meu dinheiro fora.

Exausto demais para continuar a gritar e tentar suplantar o barulho das corredeiras, Hardesty relaxou dentro do seu traje recheado com cogumelos, observando com olhos cansados conforme o cenário passava por ele rapidamente, como se fosse visto pela janela de um trem. Quando ele começou a pensar que a situação não era tão ruim, porque em um dia ou dois eles chegariam a águas mais calmas e conseguiriam nadar até a margem leste, ele viu que o rio desaparecia completamente mais adiante. A água

simplesmente sumia, e uma imagem chocante de ar vazio e nuvens distantes tomava o seu lugar.

— A catarata de Ryerson Falls — disse Jesse. — Mil e duzentos metros de altura. Nunca desci essa catarata num traje forrado com cogumelos.

Hardesty estava dividido entre o desejo de estrangular Jesse e o ato de organizar seus pensamentos antes de morrer, de modo que, ao deixar a terra para trás, pudesse gritar algo bonito e verdadeiro e não morrer — como aconteceu com seu pai — com um sorriso no rosto.

Ele conseguiu encontrar a intensidade e a beleza que queria na própria queda. Forças físicas em uma coalizão complicada de gravidade, aceleração e temperatura eram suficientemente poderosas e intensas para satisfazê-lo. Tudo fazia sentido. Nada era tão reconfortante quanto a eterna pureza das forças elementais, e retornar aos braços delas não poderia significar uma derrota. Mas ele nunca pensou que morreria dentro de um traje cheio de cortiça, amarrado a um colchão de impacto, ao lado de um anão incompetente. Passaram pela borda da catarata e viram-se em pleno ar. Enquanto caíam, chegavam a bater contra a água que caía ao seu lado e viravam para um lado ou para outro. Quanto mais Hardesty descia, maior era a sua esperança de que, após chegar tão longe, ele conseguiria sobreviver. Nos últimos metros da queda, embora estivesse indo muito rápido, sua esperança cresceu a níveis estratosféricos, porque a água estava muito próxima.

O fundo da catarata era uma tormenta de espuma e bolhas em uma água tão revolta e agitada que era possível inspirar o ar mesmo a trinta metros da superfície. A estrutura flutuante à qual estavam amarrados projetou-se para cima após algum tempo, e eles surgiram no meio de um riacho a quase um quilômetro das cataratas, dando um enorme susto em dois pescadores — que não tinham certeza sobre o que viram, mas sabiam que era tão grande quanto um carro e parecia estar sendo guiado por duas figuras humanoides viradas para trás, com uniformes estranhos.

Chegaram em um lugar cheio de gêiseres, valas de lama e poços de enxofre borbulhante. Sem olhar para Jesse, Hardesty se livrou do seu traje de cogumelos, colocou a mochila sobre os ombros e começou a caminhar para o leste.

— Não é uma boa ideia ir nessa direção — Hardesty ouviu Jesse dizer, atrás de si. — É melhor vir comigo. Você precisa ter anos de experiência para andar sobre essas crostas de barro. Se não souber o que está fazendo, pode dar um passo em falso e afundar. É mais perigoso do que andar em um campo minado, e você não tem treinamento. Olhe para todos estes poç...

E aquela foi a última vez que alguém viu Jesse Honey.

Depois de passar seis meses em um rancho de ovelhas no Colorado, Hardesty juntou um bom dinheiro e já estava no mesmo lugar há tempo suficiente para partir novamente rumo ao leste. Os proprietários do rancho, um jovem casal cujos nomes eram Henry e Agnes, precisavam da ajuda de Hardesty para buscar as ovelhas nos pastos mais afastados, levar o feno para o estábulo e fazer tudo o mais que precisasse ser feito antes que a nevasca chegasse. Mas, em novembro, o inverno chegou cedo, cobrindo com neve os campos que eram aquecidos por um sol cada vez mais fraco, e o casal não precisava mais da ajuda de Hardesty. E, de qualquer maneira, Agnes era bonita demais para a sanidade e a dignidade de um funcionário que não tinha sua própria esposa. Assim, eles o levaram em seu velho carro decorado com painéis de madeira até um terminal ferroviário no sopé das montanhas Sangre de Cristo, de onde ele partiu em um trem de carga e correio puxado por uma locomotiva a diesel, sentado no chão de tábuas ao lado do maquinista, até uma cidade maior, atravessada pelo último dos trens transcontinentais.

— Em cinco horas o *Polaris* vai passar por aqui, mais rápido do que um coelho em chamas — disse o jovem maquinista. — Se quiser que o chefe da estação pare o trem para você, terá de falar com ele com bastante antecedência, porque ele tem de subir até o

topo da torre do reservatório de água com seu lampião para dar o sinal.

Hardesty comprou uma calça nova na loja da cidade. Seu *jeans* estava tão encharcado de lanolina que ele o usou para acender uma fogueira ao lado dos trilhos enquanto esperava pelo *Polaris*, já que estava escurecendo. Estava acostumado a ficar sentado, quase imóvel, nas maiores altitudes, onde Agnes e Henry colocavam seus carneiros para pastar, e sabia como evitar o frio — com a ajuda de um enorme casaco forrado com lã de carneiro que recebeu como parte do pagamento. O transe que ele usava para desafiar a temperatura esmaecia alguns dos seus sentidos para aguçar outros. Não sentia nada, mas era capaz de ver e ouvir tudo que estava à sua volta. Por causa disso, era capaz de detectar o *Polaris* muito tempo antes que o chefe da estação percebesse a sua chegada. Esmagado em meio à distância e às montanhas, seu farol ofuscante projetava um brilho leve e ondulante nas montanhas ao longe, e seus sons atenuados, que mal podiam ser ouvidos, aproximavam-se pelo ar da noite para agitar os cães e alertar Hardesty, que pediu ao chefe da estação para subir na torre do reservatório e acender seu lampião.

O olho vermelho do lampião encantou, pelas montanhas, um facho dançante e branco que corria pela planície, virando seu feixe ágil com cada curva que fazia para cortar o trigo de inverno jovem e apanhar os animais no campo, fazendo com que seus olhos transparentes e esverdeados ficassem imóveis. Conforme ele se aproximava sem diminuir a velocidade, o chefe da estação gritou do alto da torre:

— Não fique decepcionado se ele não parar. Eles nem sempre conseguem ver o meu lampião. Eles passam tão rápido, e esta cidade é tão pequena que, quando fazem a passagem para leste, eles a atravessam logo depois do jantar. Acho que isso os deixa um pouco sonolentos.

Mesmo assim, Hardesty continuou agitando o lampião no topo da torre, agitando todo o seu corpo de um lado para outro, mesmo

enquanto o trem já chegava aos arredores do vilarejo.

— Eles viram! — gritou o chefe da estação. — Comece a correr naquela direção. O último vagão vai estar um quilômetro mais à frente antes de parar.

Hardesty correu ao lado do trem, que rangia e desacelerava. As lâmpadas amareladas dos vagões-restaurante deixavam a neve à sua frente da cor de uma capa de chuva. Olhando para cima, ele viu que havia pessoas jantando, algumas erguendo garrafas de vinho, outras pressionando os rostos contra as janelas em esforços vãos para compreender por que estavam parando, algumas pressionando guardanapos de tecido contra a boca. O último vagão passou por ele bem devagar. Com o formato aerodinâmico de uma lágrima, tinha sobre a lanterna traseira da sua extremidade arredondada uma placa iluminada de vidro que exibia o nome *“Polaris”*, como se aquele fosse o nome de um filme numa marquise de cinema.

Um carregador o puxou pela porta em formato de bala e apertou o sinal de partida. Quando a porta se fechou, o trem já estava estalando sobre os trilhos outra vez, e havia restaurado a batida suave do coração das planícies.

— Para onde está indo? — perguntou o carregador.

— Nova York.

— A maioria das pessoas que embarca no meio do nada não vai para Nova York. Talvez Kansas City, e isso já é algo enorme para elas, mas... Nova York? Sei, sei. Tem dinheiro para a passagem?

— Qual é o valor?

— Não sei lhe dizer quanto custa, embarcando neste lugar. Não está na minha pasta. Vou mandar o condutor e ele fará o cálculo. Enquanto isso, você não pode ficar no vagão-restaurante. Venha comigo e espere no vestíbulo.

Enquanto eles andavam pelo vagão-restaurante, um senhor idoso usando roupas pretas interrompeu o carregador.

— Por gentileza, Ramsey, deixe-o aqui. Nós vamos cuidar dele.

— Sr. Cozad? — perguntou o carregador, surpreso.

— Precisamos de mais um jogador para o nosso carteado. — O velho falava com uma voz tingida por três quartos de século de vida na parte oeste do Texas. — Sente-se, meu jovem — disse ele para Hardesty, apontando para a quarta cadeira ao redor da sua mesa, que estava vazia.

O couro era confortável e macio. Ainda ofegante e enrubescido depois de correr pelo frio, Hardesty abriu o casaco forrado com lã e depois decidiu tirá-lo inteiramente, colocando-o junto à sua mochila, perto da janela.

O vagão-restaurante era um cilindro roxo e negro, pontilhado com lâmpadas incandescentes em vários tons de vermelho. Os homens de cabelos grisalhos que jogavam cartas usavam ternos escuros. Suas mãos se moviam como se estivessem desconectadas dos corpos, e seus rostos eram como máscaras brancas flutuando sobre um palco escuro. A luz parecia receber sua energia de acordo com o ritmo dos trilhos, e sua frequência era determinada pelos cliques das junções da via. As próprias cartas brilhavam de maneira misteriosa, como se fossem ossos fosforescentes, e os rostos dos reis, rainhas e valetes sorriam como o gato Cheshire de *Alice no País das Maravilhas*.

— Quer um gim-tônica? — perguntou Cozad.

— Não, obrigado — respondeu Hardesty. — Não bebo.

— Alguma outra coisa, então?

— Chá.

Cozad pediu chá, que foi trazido a Hardesty em uma chaleira ferroviária com um século de idade, prateada como um salmão fresco.

— Você joga muito bem.

— Não. Não por uma questão religiosa, mas porque simplesmente não jogo mesmo — explicou Hardesty.

Eles ficaram espantados com o fato de existir algo tão prosaico como um *cowboy* das planícies, viajando em seu vagão-restaurante, que não jogava cartas.

— Meu jovem — anunciou Cozad —, nunca conheci ninguém com mais de cinco anos de idade que não soubesse jogar pôquer. Não está tentando facilitar as coisas, não é mesmo?

— Não, senhor — respondeu Hardesty. — Nunca joguei muito para conseguir me lembrar das regras.

— Mas você jogou.

Hardesty deu de ombros.

— Na maior parte das vezes, o peixe. Digo, o jogo do peixe. Não estou descrevendo que jogava peixes nos meus oponentes.

— Existe um jogo chamado peixe?

— Sim.

— Nunca ouvi falar. Que tal pôquer aberto, *seven-card stud*?

Aquecido e animado pelo chá, Hardesty respondeu:

— Acho que já joguei isso algumas vezes. De qualquer maneira, eu sempre posso aprender, não é? — E sorriu.

Cozad tamborilou os dedos sobre a mesa forrada de couro verde enquanto falava.

— Não acho que você seja um vigarista. Mas, se for, está no lugar certo, porque nós — eu e Lawson, aqui, e George — temos uma reputação que assusta a maioria das pessoas. O que queremos é um jovem carneirinho que esteja com os bolsos cheios do dinheiro do pai e que ache que pode ganhar de nós. Este trem não tem nenhum carneiro. Você também não é um deles. Percebo isso apenas olhando para você. Mas não gostamos de jogar sem um rosto novo. Este é o nosso convite.

— Tenho somente duzentos e sessenta dólares — disse Hardesty. — E ainda preciso pagar a minha passagem.

— Podemos colocar o novilho no picadeiro, Cozad — disse Lawson.

— O que é isso? — perguntou Hardesty. — Não me parece algo muito bom.

— Ora, isso é excelente para você. Todos nós contribuímos com algum dinheiro e lhe damos uma quantia com a qual você pode jogar. Se você perder, não nos deve nada, e também não perde nada. Se ganhar, você paga o dinheiro que lhe emprestamos inicialmente e fica com o resto. É assim que ensinamos os nossos filhos a jogar.

Depois de dez minutos de treinamento, repassando as mãos do pôquer aberto e a rotina de apostas, eles lhe entregaram dez mil dólares para apostar. Sendo um Marratta, Hardesty nem pestanejou ao ver aquela quantia, e os outros ficaram momentaneamente desconfiados. Mas eles conheciam todos os jogadores decentes no país, e ficariam gratos (se ele conseguisse vencê-los) por encontrar um novo parceiro. As notícias voariam de um lado para outro do continente, indicando que uma jovem potência estava surgindo.

— Certo — disse Cozad. — O que quer que aconteça, aceitaremos; e o que quer que não aconteça, não aceitaremos. Começou a nevar agora. Liguem o aquecedor. Este jogo termina na marca de cinco quilômetros a oeste de St. Louis; nem antes, nem depois. O jogo, de Denver a St. Louis, tradicionalmente tem um limite de noventa mil dólares. Comida e bebida são por conta do *dealer*. Puxem uma carta para ver quem será o *dealer*.

As pessoas em geral achavam que jogadores profissionais não eram boa gente porque não trabalhavam. Mas qualquer um que pensasse dessa maneira, obviamente, nunca ficou a noite inteira acordado no trajeto entre Denver e St. Louis, concentrando-se nas cartas. Era um conforto doloroso. O avanço de um trem por entre a neve ofuscante e os ventos árticos era hipnótico, e o confortável

vagão-restaurante, silencioso como uma biblioteca, não estimulava as pessoas a assumir riscos. Os campos cobertos de neve do lado de fora eram um lugar rústico onde era possível morrer simplesmente por se expor ao vento, e os animais que viviam ali mugiam e baliam como se nenhum homem houvesse pisado na terra. Se um dos funcionários da ferrovia em algum lugar do Nebraska dormisse durante o trabalho, o trem poderia facilmente despencar do alto de um banco de neve a quinze metros de altura. As pessoas não gostavam de jogadores profissionais porque eles insistiam em lembrá-las de que todos, em geral, são jogadores. Assim, inventaram o discurso calunioso de que jogar a dinheiro não é trabalho. Mas, na verdade, é trabalho, sim. É pior do que o trabalho. É como trabalhar em uma mina de carvão. Hardesty descobriu isso rapidamente.

Sua garganta ficou dolorida e seus músculos começaram a reclamar. A cabeça parecia ter sido rebitada à sua coluna por um mecânico visigodo. Mas, durante todo o tempo que passou jogando cartas na mesa forrada de couro verde, enquanto o *Polaris* atravessava velozmente os campos durante a longa noite branca, ele sabia que estava fazendo o que devia ser feito. Não era apenas pelo fato de Cozad, com sua barba nobre e seus olhos gentis, parecer-se bastante com o seu pai. Nem era pelo fato de estar vencendo, e realmente estava. Em vez disso, havia se entregado completamente à sorte. E tinha muito a ver com a beleza rústica das pradarias que o trem atravessava. Ele não conseguia ver mais do que as espirais de neve que batiam subitamente contra a janela como bolas de capim em pânico, e ele suava, porque os velhos ao redor da mesa (que sentiam frio, mesmo com seus coletes forrados com pele de coelho angorá) queriam que o aquecedor ficasse ligado na potência máxima.

Ele colocava suas cartas sobre a mesa ou as recolhia, com movimentos graciosos e exagerados, porque o chá e o som dos trilhos mexiam com ele. Mas estava ganhando. Nunca ficou com menos de seis mil dólares. Depois, começou a ganhar mais, com firmeza, sem hesitar, numa autoconfiança plena e cega.

— Qual é maior, uma quadra ou um *flush*? — perguntaria ele, constrangido demais por não haver memorizado todas as regras.

Durante várias horas, os velhos perderam porque achavam que ele sabia blefar. Mas ele nunca blefava; simplesmente vencia — se não com a mão mais alta, então com a mais baixa. Em determinada ocasião, quando um dos velhos compôs um *flush* com uma rainha como carta mais alta, Hardesty tinha um *royal flush*. Se um dos velhos tivesse uma mão de cartas onde não fosse possível formar qualquer combinação decente, Hardesty exibia uma mão que era ainda pior, às vezes por um mísero ponto, ou nem mesmo isso, se houvesse um empate e a questão fosse decidida de acordo com a ordem em que cada um abriu as cartas.

— Coisas assim acontecem — disse Cozad na manhã seguinte, quando passaram pela marca de cinco quilômetros a oeste de St. Louis e o jogo terminou. Hardesty tentou devolver o dinheiro que ganhou. Os outros não aceitaram.

Eles desembarcaram em St. Louis.

— Vá até o banco da estação e peça que lhe deem um cheque no valor do que ganhou — instruiu Cozad. — Já vi gente ser morta por muito menos. E outra coisa: foi apenas sorte. Até mesmo um tatu é capaz de jogar cartas melhor do que você. Seja grato por isso.

Hardesty ficou entristecido quando Cozad partiu, pois Cozad parecia-se com seu pai, e ele nunca mais voltaria a ver nenhum daqueles dois homens. Ele foi a um banco perto da estação para pegar seu cheque, voltou, comprou uma passagem em uma cabine individual no trem e deu gorjetas generosas aos carregadores, exatamente como os jogadores vencedores devem fazer.

Tomou um longo banho, barbeou-se e foi dormir. O ar do inverno e a luz do dia entravam pela janela parcialmente aberta, até que o compartimento estava coberto por um branco ofuscante e tão frio que chegava a congelar. Em sua cama, Hardesty observou o cheque bancário que estava enfiado no bolso da sua camisa. Estava em nome do Banco dos Agricultores de St. Louis e indicava a soma

de setenta mil dólares. Tinha também alguns milhares de dólares em dinheiro vivo no outro bolso.

O chão estava coberto pela neve após os limites de St. Louis e durante todo o percurso até o estado de Illinois. Ele pediu ao carregador que o acordasse somente quando chegassem a Nova York. O sono que desejava talvez não fosse merecido, mas foi bem recompensado. Muito tempo antes de chegarem a Chicago, ele estava sonhando com o vagão-restaurante com poucas luzes, as cartas que brilhavam e as luminárias vermelho-sangue.

Em uma manhã no começo do segundo inverno que passava sem Virgínia, bem cedo, a Sra. Gamely se levantou e olhou pela janela do sótão. Ela segurava Jack, o galo, em seus braços como se ele fosse um gato grande e gordo. Depois que Virgínia saiu ela passou a mimá-lo demais, alimentando-o com milho até que o bicho mal fosse capaz de andar, e conversando com ele por horas a fio, como se o pobre fosse capaz de entender seus termos derivados do latim, polissilábicos inimitáveis e suas expressões anglo-saxônicas curtas e fortes, tão frescas quanto feno recém-cortado e tão poderosas quanto o braço de um arqueiro. Ele tinha pelo menos uma das qualidades da qual os humanos, especialmente os estudantes, poderiam sentir inveja: não importava por quantas horas ela falasse, ele olhava diretamente para ela, transfixado. Se houvesse uma pausa no meio da exposição, ele arriscaria dar um ou dois passos orgulhosos até que ela começasse outra vez, e depois ficaria paralisado onde estivesse, com uma expressão de arrebatamento nos olhos até que o próximo momento de silêncio lhe permitisse dar mais um passo ou cacarejar para limpar a garganta. Nenhum frango, em todas as suas lembranças (e ela era capaz de se lembrar de milhares de frangos individualmente), era capaz de prestar atenção a ela durante tanto tempo.

Jack valia o que comia. Era inteligente. Parecia-se com um panorama de colinas cobertas de neve, com um sol escaldante prestes a se pôr atrás delas (o efeito da sua crista vermelha). Era cortês, tolerante, inteligente e sincero. E, se fosse capaz de

entender inglês, teria aprendido muitas coisas. A Sra. Gamely tinha segredos que nunca compartilhara com ninguém, nem mesmo com Virgínia, porque sabia que todos os segredos que valem a pena ser conhecidos são revelados no tempo certo.

Depois de cinco dias, a neve finalmente parou de cair, após se empilhar até quase chegar à altura da borda do telhado. Quando a Sra. Gamely olhou para o oeste, viu o vilarejo firmemente encravado em um mar de brancura, suas chaminés fumegando furiosamente com os fogos do café da manhã, e mal era possível enxergar os habitantes do lugar, mesmo quando subiam em seus telhados para observar o lago ártico. Dizia-se que o segundo inverno seria pior que o primeiro. Previsões como essa foram agigantadas por um verão tão quente que a água do lago estava escaldante, e os ovos que as galinhas botavam já vinham cozidos. Em agosto daquele ano, as casas, árvores e, por vezes, florestas inteiras irromperam subitamente em chamas como se o sol estivesse brilhando sobre o lugar através de uma lupa de Priestley.

— Assim o pêndulo vai balançar — disse a Sra. Gamely para Jack, enquanto observavam o vento chicotear a neve. — E assim ele tem balançado. Eternamente, o equilíbrio. A natureza se equilibra teimosamente sobre a retórica e a ética, mesmo que as populações humanas as tenham abandonado há muito tempo, e a sua gramática é severa e idiossincrática. Olhe aqui, Jack. O lago se transformou em um mar de colinas de neve. Deus está nos tratando a fogo e gelo. Deve estar agitado. Deve ter alguma coisa em mente.

Uma batida seca na porta da frente a assustou tanto que lhe causou um violento acesso de soluços. Ela levou a mão ao peito e disse: — Daythril Moobcot escavou um túnel. — Correndo pela cabana o mais rápido que era capaz, ela perguntava a si mesma por que atravessaram a neve tão cedo, e esperava que não fosse por causa de alguma notícia ruim. Quando abriu a porta, lá estava Daythril Moobcot, sob um túnel de gelo azulado que ia até o vilarejo.

— Daythril! Quando foi que você começou a cavar esse túnel?

— Faz dois dias, Sra. Gamely.

— Por quê? Tenho um bom estoque de provisões. Você sabe que não é bom cavar durante uma nevasca. Você tem idade suficiente para se lembrar de quando Hagis Purgin e Ranulph Vink ficaram enterrados em seu próprio túnel e só foram encontrados quando a primavera chegou. Sempre espere para saber quanta neve ficará acumulada no topo da pilha.

— Eu sei disso, Sra. Gamely. Mas todos estão agitados, porque recebemos uma notícia pelo telégrafo dizendo que a nevasca pegou o *Polaris* em algum lugar dos limites do condado. Há duzentas pessoas nele. Se ainda estiverem vivas, nós as traremos para a vila. A senhora pode abrigar umas cinco ou seis até que o trem limpa-trilhos chegue até aqui?

— Posso sim, naturalmente. Não terão muito conforto, mas pelo menos estarão vivas. Como eles vão conseguir chegar da ferrovia até a vila? A menor distância possível é de uns vinte e cinco quilômetros. Passar por toda essa neve, a quarenta e dois graus negativos, não será uma sentença de morte para todas aquelas pessoas, com as roupas que usam apenas para andar na cidade?

— Não, senhora — disse Daythril Moobcot orgulhoso. — Faz dois dias que estamos planejando. Cinquenta homens partiram há uma hora. Estão levando vinte e cinco trenós carregados com comida, roupas quentes e esquis que conseguimos improvisar ou construir. Quando chegarem à ferrovia, dois batedores estarão à espera, e já terão passado os últimos dois dias examinando toda a extensão dos trilhos. Mandamos os dois esquiadores mais rápidos do vilarejo. Um deles irá encontrar o trem e levará os outros até lá. Vão trazer todos de volta, no escuro. Vai levar algum tempo, pois a maior parte deles provavelmente não sabe esquiar.

— Vou preparar as camas — disse a Sra. Gamely. — E é melhor eu começar a fazer a comida agora mesmo. Eles precisarão de pães quentes e um cozido reforçado, especialmente se não

comeram nada nos últimos dias. Será que saberão o que lhes aconteceu, e onde estão?

— Tenho minhas dúvidas.

— Não importa. As pessoas com boas almas acabarão descobrindo, e aquelas que não souberem não precisam saber.

Ela fechou a porta e começou a se ocupar, buscando seus melhores mantimentos, acendendo o fogão a lenha e preparando uma massa ambrosial para assar.

Durante os cinco dias da nevasca, os funcionários do trem e os passageiros do *Polaris* chegaram ao fim do seu estoque de comida, que havia sido cuidadosamente racionado, e queimaram todo o carvão mineral que havia em um dos vagões de carga. Agora, aninhados em dois vagões-dormitório, estavam todos enrolados em cobertores, cortinas e tapetes, diante das chamas de pequenos fogões a lenha improvisados, alimentados pelos painéis de revestimento que foram arrancados das paredes e bagagens sacrificadas. O engenheiro quase morreu congelado tentando encontrar a linha do telégrafo, e, quando a encontrou, viu que não transmitia qualquer sinal. Meia dúzia de homens armados com pistolas equipadas especialmente para ações improvisadas estava sentada sob a luz brilhante do sol no alto do trem, quase no mesmo nível da neve, esperando pelas lebres e pássaros árticos. O trabalho deles resultou em três codornas e um coelho, que cozinhavam havia um bom tempo em um caldeirão no interior do trem. A ideia era cozinhar a carne dos animais até que ela derretesse por completo, de modo que a sopa rala pudesse ser dividida de maneira justa (os bebês estavam bem alimentados com uma reserva especial de comida que continuaria a existir, até que o último adulto fosse incapaz de alimentá-los).

O frio e a fome, em conjunto, rapidamente expuseram as qualidades essenciais daqueles a quem visitavam. Dois homens já haviam sucumbido à própria impaciência, depois de se decidirem estupidamente a caminhar pela neve e morrerem congelados em

um banco de neve acumulada a menos de cinquenta metros do trem. Uma mulher rendeu-se à loucura (ou talvez já fosse louca desde o início); várias pessoas já estavam bastante doentes, e um homem morreu pelos ferimentos a bala que recebeu quando tentava roubar comida do estoque comunitário. Todos esses casos eram fatalidades. Os funcionários do trem, entretanto, encaravam suas responsabilidades resolutamente. E outros eram igualmente heroicos ao prestar cuidados aos doentes, abrindo mão de sua comida ou de cobertores, e esforçando-se para contrabalançar a influência daqueles que desanimavam com facilidade.

Depois que a neve cessou, Hardesty passou a maior parte do seu tempo no topo do trem, examinando os céus e a neve em busca de animais que pudessem ser caçados. Nem ele nem os outros caçadores conversavam. Estavam muito distantes uns dos outros, não queriam espantar suas presas e, de qualquer maneira, estava frio demais para conversar. Perguntavam a si mesmos por quanto tempo ainda teriam de ficar no meio de todo aquele inferno gelado, tão frio que nem mesmo o trem limpa-trilhos era capaz de chegar até eles. A cidade mais próxima no mapa ficava a cento e cinquenta quilômetros, e eles sabiam que estava frio demais para que máquinas conseguissem levantar voo, já que todas as formas de lubrificação ficavam mais espessas que caramelo.

Os passageiros estavam sentados, enrolados em parcas e cobertores, observando o vapor da sua respiração se cristalizar à sua frente e lembrando-se dos cinco dias de nevasca, nos quais a neve fina flutuava em um equilíbrio perfeito por ventos balanceados e opostos que pareciam hesitar em pleno ar e congelar a passagem do tempo. Eles observaram o sol atravessar uma esmaecida trajetória em arco no céu do inverno, e, ocasionalmente, imaginando que tinham visto um coelho, disparavam suas pistolas contra a neve.

Nesta área, as temperaturas, por vezes, permaneciam em quarenta e cinco graus abaixo de zero ou menos durante várias semanas. Eles sabiam que, mesmo se cada uma das balas que lhes

restavam conseguisse alvejar um coelho gordo, não haveria comida suficiente para mais um dia. Pior ainda, as decorações e as cargas já teriam sido queimadas quando a manhã seguinte chegasse, e simplesmente não havia cobertores nem roupas de inverno em quantidade suficiente para impedir que cinquenta pessoas congelassem até a morte. Menos ainda para duzentas delas. Mesmo que alguém, em algum lugar, conseguisse encontrar algum equipamento capaz de viajar sobre a neve que ainda funcionasse, que não estivesse enterrado no gelo ou que encontrasse o caminho livre, como conseguiria chegar até o trem? Seriam considerados prioridade máxima? E poderiam cruzar a distância que os separava do agrupamento populacional mais próximo em tempo? Para aqueles que tinham condições de raciocinar, havia a sensação de que todos morreriam em breve.

Mais abaixo, nos vagões-dormitório desarrumados, os passageiros não sabiam com quanta rapidez o trem estava sendo estripado, nem tinham conhecimento do frio terrível que fazia lá fora, nem que as pessoas no topo do trem só conseguiam ver montes de neve com mais de dez metros de altura por todos os lados. Ainda assim, encontravam conforto no número de pessoas que estava ali dentro. Duzentas pessoas, juntas, estavam em segurança, pensavam eles. Mas Hardesty sabia que isso era um erro, pois seu pai lhe contara a história dos trinta mil soldados turcos na fronteira com a Rússia, perto do monte Ararat, que foram surpreendidos por um inverno nas montanha que chegou antes da época. Os soldados foram encontrados algum tempo depois, todos juntos, mortos pelo frio. Ele sabia que o frio nunca se deixou impressionar por números.

Ele e os outros olhavam fixamente para as pilhas ofuscantes de neve, chegando a imaginar, por vezes, que estavam em um oceano polar. Suas mãos e pés já estavam entorpecidos havia um bom tempo, e nem formigavam mais. Era difícil acreditar que aquela luz branca e congelante vinha daquilo que, antigamente, conheciam como o sol. Quando esse sol já havia percorrido quase toda a sua curta trajetória no céu do inverno, e estava tão distante, frio e tímido que parecia um disco de metal capturado apenas para ser exposto

no mostrador de um carrilhão, os homens no alto do trem se prepararam para o pior. Logo escureceria e o frio ficaria insuportável. Em breve, as chamas dos fogareiros iriam tremular e se apagar, cuspindo uma última coluna cinzenta de fumaça que esfriaria rapidamente. O sol, a única esperança deles, estava descendo rumo ao horizonte. Olhavam na sua direção, tentando capturar os últimos raios da sua luz e calor, mas o astro se tornara algo frio e estranho, e o sibilar do vento parecia trazer os seus últimos estertores antes da morte.

Hipnotizados e ofuscados, completamente imóveis, não avistaram imediatamente o milagre que vinha do oeste. A quilômetros de distância, uma linha de fazendeiros robustos criados em meio ao inverno forte avançava em formação militar, deslizando em seus longos esquis, aproveitando as depressões naturais na neve e usando-as para ganhar velocidade e impulso para subir pelo outro lado. Chegaram com a mesma força de um rebanho de renas ou gazelas. Cinquenta homens puxavam vinte e cinco trenós. Espalhados em uma ampla falange, com um trenó entre cada par, davam a impressão de serem montanhas ou colinas em movimento, ou uma maré de árvores. Respirando com determinação, eles atravessavam a neve, correndo rumo ao trem enterrado — que foi visto por um dos batedores quando ele estava sobre uma colina a oito quilômetros de distância, na direção noroeste. Em seguida, ele esquiou para se encontrar com os outros, que saíram em uma corrida de quinze quilômetros com o sol às suas costas.

Quando o trem ficou visível para eles, parecia estar flutuando em meio à neve, imóvel, e as linhas finas de fumaça que se erguiam do veículo pareciam estar prestes a se extinguir. Nessa máquina de viagem estranhamente imobilizada havia duzentos homens, mulheres e crianças que precisavam ser levados a um local seguro. Lutando para chegar até eles com toda a sua força, os fazendeiros pensavam que o perigo, na verdade, era uma coisa bonita que tinha a ver com o ar, as nuvens e o mar.

Conforme se aproximavam, os homens no alto do trem começaram a ouvir os esquis, a respiração deles e o som da neve sendo comprimida conforme a coluna avançava, cinquenta homens lado a lado. Pensavam que era o vento, erguendo-se para assinalar o pôr do sol. Imaginaram que era um animal. Quando finalmente conseguiram enxergar em meio ao clarão, mal conseguiam acreditar no que seus olhos viram. No meio de todo aquele branco, no meio do nada, no meio de cento e cinquenta quilômetros de colinas baixas, um exército de esquiadores quase silenciosos estava se aproximando.

Os homens no alto do trem começaram a gritar, mas os sons que saíam das suas gargantas congeladas não eram mais do que gorgolejos e gemidos. Assim, começaram a disparar suas pistolas no ar, um tiro após o outro. Ao ouvir os estampidos, os homens das Coheeries começaram a saltar e vibrar enquanto avançavam com seus esquis. Nos vagões frios e esfumaçados onde estavam os passageiros, com suas janelas tomadas pelo cinza e o prateado das neves acumuladas, todos sabiam o que estava acontecendo, e vários começaram a chorar, rir e até mesmo rezar. Os vagões irromperam em uma comoção, e aqueles que imaginaram que seu fim havia chegado subiram pelas escotilhas para chegar até o ar aberto e saudar os seus salvadores.

Quem eram esses homens vestindo roupas rústicas e peles? Não havia tempo para explicar (e eles nunca fariam isso) se quisessem voltar ao vilarejo sem ter de passar boa parte da noite viajando.

— A lua está cheia e vai iluminar os campos como um farol — disse um dos homens das Coheeries para a tripulação do trem (que nunca ouvira falar do Lago das Coheeries). — Mas é melhor começar a viagem enquanto ainda há luz, para que aqueles que não sabem esquiar possam aprender enquanto ainda está quente. Temos esquis para todos, e vamos puxar os doentes e as crianças nos trenós.

Em uma hora, todos já estavam com esquis nos pés, vestidos com jaquetas forradas com peles ou casacões de lã, alimentados

com frutas secas e chocolate quente, instruídos, colocados nos trenós e ansiosos para sair dali. Não atravessaram a neve com a mesma rapidez com que os seus salvadores das Coheeries chegaram, mas, quando a noite caiu, já se moviam num ritmo constante.

Três dos homens das Coheeries conduziam o grupo em uma formação em V, carregando tochas para que todos os seguissem. Os outros avançavam por uma trilha plana por entre florestas e campos, migrando sob a luz das estrelas, seguindo as três tochas de pinheiro e suas labaredas alaranjadas. A lua surgiu no céu quando eles saíram de um enorme bosque de pinheiros e chegaram a uma esplanada esbranquiçada com quinze quilômetros de extensão. A paisagem reluzia, mas eles continuaram com as tochas nas mãos porque elas tinham uma beleza incomum na dianteira do grupo, e, naquele momento, a velocidade havia aumentado e todos já estavam acostumados a seguir as três luzes.

As pessoas da cidade, vestidas agora com peles e lã, rapidamente se acostumaram ao toque melancólico do luar e à suavidade esmagadora da luz das estrelas. Não tardou para que começassem a amar o ar frio e a neve e rapidamente esquecessem o motivo pelo qual estavam ali. Toda aquela atividade se justificava por si só, muito melhor do que muitas das coisas que haviam feito antes ou que fariam no futuro. Cruzaram aqueles campos velozmente, com a aurora boreal piscando em tons de verde à direita deles.

Em seguida, após chegarem ao topo de um longo trecho em aclive, viram o vilarejo cintilando como um grupo de velas coloridas. Ficava na beira de um lago, coroado por uma aurora verde e azul que flutuava no céu em faixas assombrosas e silenciosas. A fumaça das chaminés das Coheeries se erguia em guirlandas brancas que se entrelaçavam umas com as outras e se prendiam ao redor da lua. Transformados em esquiadores, os homens do campo corriam alegres, deslizando pela encosta, disparando rumo à vela natalina que dançava à frente deles, às margens do lago. E, quando

entraram na cidade com seus esquis, eles viram as pessoas do vilarejo em pé sobre seus telhados ou por trás de suas janelas iluminadas.

Quando os esquis foram encostados ao lado das portas, as famílias foram reunidas e os grupos foram formados, eles entraram para comer e descansar. Após passar dias sem comida, muitos dos viajantes estavam fascinados e extasiados. Imaginavam que haviam entrado em um mundo de sonhos. Era muito agradável e reconfortante. Se houvessem morrido devido ao frio no trem, e se isso fosse a morte, então a morte era muito agradável, e muito melhor do que qualquer vida que tivessem conhecido, pois era algo que parecia estar imerso em luz, e, mesmo com todas as suas emoções, trazia consigo uma leveza inexplicável.

— Não, vocês não estão mortos — disseram a eles. — Longe disso.

Contudo, eles não sabiam se deviam acreditar naquelas pessoas bondosas, e, quando entraram, sentiram o desejo de estar novamente ao ar livre, sobre as estrelas, em meio ao frio, que não era mais capaz de machucá-los.

Hardesty e outras quatro pessoas foram escoltadas pelo túnel de neve até a casa da Sra. Gamely. Quando ele, um relojoeiro especializado em relógios-cuco de Milwaukee, um jovem fuzileiro e um casal de turistas bengaleses semicerraram os olhos e olharam para o interior do sobrado da Sra. Gamely, iluminado pela luz do fogo, viram a velha senhora em pé ao lado do fogão, com Jack em seus braços. Pela sua aparência (com seus olhos muito próximos um do outro e uma expressão que combinava perfeitamente porções iguais de humildade e travessura), ela poderia passar tranquilamente por uma bela coruja das neves surpreendida em seu ninho.

A Sra. Gamely avançou um passo e curvou-se respeitosamente para cumprimentar cada um dos seus hóspedes — com a mesma timidez de uma garotinha com sapatos de couro em sua primeira

apresentação de dança em um ginásio enorme. Eles retribuíram a saudação. Sentiam que havia algo especial no Lago das Coheeries, mas não sabiam exatamente o que era. Assim, agiam com cautela e retribuíram à recepção dela com a mesma deferência de exploradores que se esforçavam para emular os costumes de uma tribo perdida. A Sra. Gamely aproveitou aquela disposição incomum das pessoas em querer lhe agradar e repetiu as saudações. Novamente, eles retribuíram o cumprimento, curvando-se em resposta. Quando ela percorreu a fila outra vez, curvando-se graciosamente a cada vez, eles responderam da mesma maneira. Isso continuou por pelo menos cinco minutos, até que a Sra. Gamely (por mais que estivesse se divertindo) percebeu que faltava um de seus hóspedes.

Olhando ao redor, ela viu um jovem bonito que havia sentado à mesa, enchendo um dos novos cachimbos de barro. Enquanto observava as pessoas se curvando em saudações, ele ficou cada vez mais contente com o senso de humor da Sra. Gamely. Daquele momento em diante, ele a compreendeu.

Alguém poderia pensar que a chegada súbita de cinco hóspedes desconhecidos desencadearia um discurso torrencial naquela mulher que estava sozinha há mais de um ano, especialmente porque a Sra. Gamely tinha um vocabulário de seiscentas mil palavras. Mas ela passava muitas horas por dia conversando com Jack e consigo mesma, e, como era a única pessoa no mundo capaz de entender exatamente o que dizia sem precisar violentar o dicionário enquanto falava, ela raramente desencadeava todo o seu repertório de palavras sobre os visitantes. Em vez disso, ela devorava o que eles diziam, ordenhando-os como vacas, tentando extrair os segredos dos seus dialetos e usos regionais. Adquiriu cinco novas palavras somente do relojoeiro de cucos — *escambulint, tintinex, walatonian, smerchoo* e cabeça-de-bagre (todas, com exceção da última, eram termos típicos de Milwaukee que se referiam a várias peças dos relógios-cuco). Os bengaleses eram uma mina de ouro. O inglês que falavam, assim como sedas esvoaçantes e o canto dos pássaros, encantou a Sra. Gamely de tal

maneira que ela os pressionou cada vez mais para falar, até que eles já estavam quase desabando no chão, sem conseguir comer quase nada.

— Qual é o nome daquilo no seu país? — perguntava a Sra. Gamely, por exemplo, apontando pra um pedaço fumegante de pão das Coheeries.

— Pão — respondia o homem.

— Deve haver variações — insistia a Sra. Gamely.

— Bem, há algumas — disseram os dois juntos, e o marido prosseguiu. — Quando uma criança quer pão, ela diz: *"Ta mi balabap"*.

— *Balabap*?

— Sim. *Balabap*.

— E como vocês chamam um policial que aceita subornos?

— Um *jelby*.

— E uma barragem quebrada que os cisnes usam para construir seus ninhos?

— Uma *swatchit-hock*.

E isso continuou enquanto ela lhes dava o pão tão branco como leite das Coheeries, o cozido de carne de veado que preparara, bacon canadense assado e uma terrina de sopa de legumes em caldo de carne. Ela se desculpou insistentemente por não ter salada. A pior coisa do inverno era não ter salada, e, por mais que as pessoas da vila tentassem, não conseguiam encontrar uma maneira de conservá-la — fosse por processos de congelamento ou outros. Para a sobremesa, ela assou uma bandeja de *cookies* de chocolate com nozes e mirtilos, com uma calda de cereja e conhaque no meio. Mas, como havia seis pessoas para o jantar, ela havia usado todos os seus pratos, e não havia nada com que pudesse servir os *cookies*. Atento à importância dessas coisas para

as mulheres idosas, Hardesty abriu sua mochila e retirou a bandeja que trazia consigo.

Talvez porque houvesse sido lustrada enquanto se movia de um lado para outro dentro da mochila, ou porque estava passando por alguma espécie de transformação, a bandeja parecia ainda mais bela do que jamais fora. Quando ele a ergueu para que os outros a vissem, eles prenderam a respiração, pois a peça capt*urou a* luz da lareira e o brilho amarelo da lamparina de querosene como se fosse um escudo mítico, e seus raios se espalharam em todas as direções, tão fortes e vivos quanto as luzes de uma grande cidade. O que m*ais os* encantou não foi o ouro reluzente, mas o fato de haver ali uma coisa imóvel que conseguia se mover. Era liquefeita, calculista, mutável, e estava diante dos seus olhos.

— É uma bela bandeja — disse a mulher bengalesa.

— Bonita demais para servir *cookies* — acrescentou a Sra. Gamely. — Eu não poderia usar uma bandeja como essa para servir *cookies*.

— Por que não? — perguntou Hardesty. — Não é um artefato delicado. Meu irmão a atirou pela janela do sétimo andar certa vez, e ela caiu sobre um piso de concreto e não ficou nem mesmo arranhada. É ouro puro. Não vai ficar manchada nem oxidada. Eu não me importaria se a senhora a usasse para servir rosbife. Um objeto destes, algo da mais alta qualidade, pode cumprir as tarefas mais humildes. Essa é a verdade que existe nas palavras, não é, Sra. Gamely? Elas servem os camponeses da mesma forma que aos reis.

Ele jogou a bandeja sobre a mesa, onde ela retiniu por dois minutos enquanto se acomodava como um monarca dourado e giratório, e aqueceu os rostos de todos os presentes como o fogo de um braseiro.

A Sra. Gamely foi até o forno e pegou os *cookies*. Enquanto ela os colocava ao redor da bandeja, Hardesty traduziu as virtudes.

Quando a Sra. Gamely começou a dispor os *cookies* na parte interna da bandeja, Hardesty leu a inscrição no centro.

— É isso mesmo que a inscrição diz? — indagou ela. — “Por aquilo que pode ser imaginado mais belo do que a visão de uma cidade perfeitamente justa regozijando-se apenas na justiça”?

— Sim — respondeu Hardesty.

— Entendo — disse ela, cobrindo a inscrição com uma linha de *cookies*, e não voltou a tocar no assunto.

Naquela noite, deitada em sua cama no andar superior da casa, pensando em seus hóspedes espalhados em colchonetes e cobertores na sala principal como os amigos de Virgínia faziam antigamente quando vinham passar a noite em sua casa, ela começou a recordar algumas coisas que ouvira quando era garotinha, promessas sobre belezas que estavam por vir. E, com tremendo entusiasmo e medo, ela pensava que aquelas promessas poderiam se tornar realidade durante a sua vida. Mas já havia desistido de esperar por essas belezas, e tinha esperança apenas de que Virgínia ou Martin fossem capazes de vê-las. No passado ela acreditava em milagres, cidades reluzentes e uma era de ouro. Aprendera, entretanto, depois de pouco tempo, que essas coisas não passavam de ilusões. Mas agora já não tinha tanta certeza. Uma roda gigantesca parecia estar girando outra vez. Ou seria uma interpretação errônea e tola do seu passado? Provavelmente. Mas, não. Não. O lago estava congelado. E o início do terceiro milênio se aproximava. Talvez não fosse uma ilusão, pois só houvera uma ocasião em que o lago congelou antes do tempo e ficou tão negro quanto um espelho.

Foi quando ela era criança, e a família Penn veio da cidade para enterrar Beverly Penn em sua ilha. Seus olhos se encheram de lágrimas quando ela pensou na noite fria que chegou pouco tempo depois que a família Penn voltou para Nova York, quando foi acordada pela atração que as estrelas exerciam sobre ela, que chiavam e estalavam como uma cachoeira gelada, e estavam

dançando por toda a extensão do céu, mais brilhantes do que ela jamais as vira. Ela tinha apenas quatro ou cinco anos, e teve de ficar na ponta dos pés para olhar pela janela. Foi naquele momento, ao olhar por cima do lago, que ela aprendeu o verdadeiro significado da palavra “surgir”.

O dia em que Hardesty chegou a Nova York estava frio e seco. Mesmo assim, redemoinhos vacilantes de neve às vezes varriam as avenidas, rodopiando em meio à luz cinzenta. A cidade ainda não havia sido enterrada em sua típica mortalha de janeiro, e o fato de que as ruas ainda estavam expostas dava ao mês de dezembro um ar de outono, assim como montes de neve relutantes podem dar um ar de dezembro até mesmo ao mês de maio.

Foi a primeira cidade que Hardesty viu que era imediatamente capaz de falar por si mesma, como se não tivesse habitantes e fosse um sistema de cânions vazios cortando o deserto no oeste. A esmagadora massa da sua arquitetura, na qual o tempo se cruzava e se misturava, não implorava timidamente por atenção como Paris ou Copenhague, mas exigia-a como um centurião gritando suas ordens. Enormes plumas de vapor com cem andares de altura, o trânsito nos rios que corria para alcançar baías prateadas, e incontáveis milhares de ruas entrelaçadas que, às vezes, saíam da ordem ortogonal e erguiam-se por cima dos rios, no percurso elevado de uma ponte alta, eram meramente sinais externos de que algo muito mais profundo esforçava-se para existir.

Hardesty percebeu imediatamente que uma força invisível respirava por baixo de todo aquele cinza, que os eventos e milagres da cidade eram simplesmente o efeito dessa força enquanto ela se revirava em seu sono, que essa força saturava tudo, e que ela havia esculpido a cidade antes mesmo de abrir seus olhos. Sentia-a pulsar em tudo que via, e sabia que toda a sua população, embora orgulhosa da sua independência, estava sujeita a uma orquestração completa intensa, algo que ele jamais poderia ter imaginado.

As pessoas corriam de um lado para outro, desafogando suas paixões — debatendo-se, esperneando e tremendo como se fossem marionetes. Dez minutos depois de sair da estação, viu um motorista de táxi matar um vendedor ambulante em uma discussão sobre quem tinha a preferência de passagem em uma rua vazia. Não queria nada que houvesse naquela cidade. Era cinzenta demais, fria demais, perigosa demais. Talvez fosse a cidade mais cinzenta, fria e perigosa do mundo. Ele entendia por que as pessoas jovens de todas as partes do mundo vinham se atirar contra ela. Mas já estava velho demais para essas coisas, e já havia combatido em guerras.

Além disso, sua intenção era caminhar pela Europa em busca de uma cidade bonita que (momentaneamente, pelo menos) pudesse ser inteiramente justa. Em uma cidade assim, todas as forças se alinhariam com perfeição, e tudo estaria em equilíbrio. Isso nunca poderia ocorrer nesse lugar imperfeito, com todo o seu excesso de energia e excesso de pontas soltas que chicoteavam a esmo como cabos tensionados que se rompem subitamente. Nova York nunca conseguiria ficar em paz consigo mesma; uma visão também não conseguiria derrotar, comprimir e controlar o seu tempo retorcido e variado, pois isso exigiria o reconhecimento perfeito e irrefutável de belezas auspiciosas, e o dom de uma graça nunca antes prevista. Nova York nunca conheceria a justiça perfeita, apesar da grandeza de suas paisagens e do entremeado bem-planejado de tudo que havia ali, desde as coisas mais magníficas até as menores e mais insignificantes.

Para Hardesty, que estava desanimado após uma longa e árdua viagem de trem, na qual ele ziguezagueou por metade da Pensilvânia e ficou parado por várias horas em cidades industriais, onde tudo o que havia eram lojas de bebidas alcoólicas e oficinas de trenós motorizados, Nova York era uma cidade difícil, rica demais em seus aspectos feios, absurdos, monstruosos, hediondos e insuportáveis. Tudo o que pudesse ser exagerado ou distorcido era. Costumes normalmente aceitáveis e ocorrências eram transformados em pesadelos assustadores. As próprias funções da

vida eram transformadas. O ato de respirar, por exemplo, nunca ocorria de forma leviana ou despreocupada, sendo algo impossível de conseguir fazer durante boa parte do tempo, graças às inúmeras fábricas de produtos químicos e refinarias. Batalhões de sibaritas corrompiam o ato de comer, transformando-o em um esporte de porcos. O sexo estava à venda como se fosse um produto qualquer, como amendoins torrados ou manganês. Até mesmo a evacuação, nunca considerada entre as atividades mais nobres, era arrastada a níveis ainda mais baixos por criaturas que bufavam e rosnavam, agachadas implacavelmente na calçada, totalmente expostas ao público.

Mas, naquele momento, o vento mudou, as luzes surgiram, e ele se viu envolvido por alguma espécie de mágica. Sem nenhuma razão aparente, ele subitamente se tornou o rei do mundo, estava transbordando com os planos e as riquezas do júbilo. Seu coração batia tão vigorosamente que Hardesty pensou que estava tendo um ataque. Embora sentisse um êxtase repentino, ainda conseguiu manter uma dose suficiente de juízo para determinar a razão pela qual suas emoções haviam virado de cabeça para baixo. Achava que aquilo podia estar relacionado com a cidade em si, já que todos que ele via estavam chorando às portas da morte ou dançando com um chapéu numa mão e uma bengala na outra.

A cidade parecia não ter um meio-termo. Certamente, os pobres eram pobres e os ricos eram ricos, como em qualquer lugar. Mas, aqui, mulheres ricas usando casacos de pele e diamantes reviravam latões de lixo, e pobres que dormiam sobre grades do metrô desfilavam pelas ruas declamando furiosamente sobre a política monetária e o Federal Reserve. Ele viu enormes quantidades de homens que eram mulheres e mulheres que eram homens. E, no Madison Square Park, havia dois lunáticos com o corpo envolto em lençóis, um andando ao redor do outro, como galos de briga gritando que haviam encontrado um espelho mágico.

Hardesty resolveu depositar seu cheque em um banco de boa reputação, e depois decidiria se procuraria um lugar onde pudesse

ficar por algum tempo enquanto estivesse em Nova York ou se embarcaria diretamente para a Itália em um dos vários navios a vapor com os apitos estridentes que ele podia ouvir quando partiam pelo rio e chegavam ao mar, casualmente, como canoas em um açude. Em São Francisco, entrar em um banco era como entrar em um palácio — como deveria ser. Mas, em Nova York, bancos eram catedrais, e talvez não fosse assim que as coisas deveriam ser. Se uma lei fosse aprovada para transformar cada banco em uma igreja e cada vice-presidente em um padre, Nova York se transformaria instantaneamente no centro da cristandade. Hardesty bateu o cheque que continha seus ganhos no carteado sobre o balcão encerado da filial do banco Hudson-Atlantic Trust, na rua Dez.

O caixa examinou o cheque com um olhar profissional.

— Não podemos aceitar este tipo de cheque — afirmou ele. — Recebemos um telex esta manhã que nos instruía a recusar quaisquer cheques emitidos pelo Banco dos Agricultores de St. Louis. Imagino que tenha ido à falência. Sugiro que você vá até a nossa matriz, em Wall Street. Talvez eles possam esclarecer a ordem.

Aquela complicação moderou a exaltação de Hardesty, e, embora conseguisse manter a compostura quando entrou na matriz do Hudson-Atlantic no distrito financeiro, a única reação apropriada para o seu interior era um suspiro de admiração. Um piso de mármore cor de creme se estendia como os campos de trigo do Kansas. Mensageiros montados em bicicletas levavam documentos e pastas de um departamento para outro. Quando uma criança pequena soltou deliberadamente o balão de hélio com o qual brincava, todos o observaram subir lentamente até o teto, onde ele ficou tão pequeno quanto um grão de areia.

Um funcionário do banco que não gostou da maneira como Hardesty se vestia lhe disse, mostrando-lhe um jornal para provar seu argumento, que o banco de St. Louis fora à falência. — Você têm três opções — disse ele. — Pode guardar o cheque e se tornar um credor da falência (ou esperar que algum dia eles voltem a

operar), pode vendê-lo em uma liquidação a um centavo e meio por cada dólar do seu valor, ou pode simplesmente rasgá-lo.

Hardesty pensou que o melhor seria alugar uma caixa de depósito no cofre do banco onde poderia guardar o cheque sem crédito. Talvez, em vinte anos, como um gafanhoto, o cheque consiga se erguer e voar. E, se conseguisse alugar uma caixa grande o bastante, guardaria também a bandeja nela — já que não gostava da ideia de carregar todo aquele peso em ouro e prata em uma cidade em que, como se dizia, um em cada dez dos seus cidadãos era um ladrão.

Bem abaixo do piso que imitava o campo de trigo havia câmaras de mármore com portões gradeados. Hardesty estava em uma pequena cela com uma enorme caixa de metal, onde guardou a bandeja e o cheque. Ele olhou para cima. Ouvia cânticos e tons vindos de toda parte, como se orações estivessem sendo entoadas em um monastério tibetano. Uma grande quantidade de homens de meia-idade em celas como a dele contava seus cupons e certificados em voz baixa, com a gravidade do dia do juízo final. Ele se recostou em sua cadeira, acendeu seu cachimbo e prestou atenção. Os sons de papéis sendo esfregados uns contra os outros e de dinheiro sendo contado eram tão tranquilos quanto as ondas de um lago. O arrastar metálico ocasional das grades de aço, e de trancas sendo abertas e fechadas, causava ecos que reverberavam por bastante tempo, e o giro dos mecanismos das combinações das fechaduras era como o ronronar de um gato. Sob a iluminação suave da cela, Hardesty observou a fumaça do seu cachimbo se erguer até o teto. Ficou ali por várias horas, pensando no que faria a seguir.

Em seu bolso havia uma longa carta escrita com sua própria caligrafia, da Sra. Gamely para ser entregue a Virgínia. A carta em si era um enigma; era bela, mas totalmente incompreensível, a menos que alguém se dispusesse a passar pela experiência humilhante de usar um dicionário para compreender sua própria linguagem. Parecia uma ode rúnica, mas estava pontilhada aqui e

ali por trivialidades em inglês simples, citações, receitas e notícias sobre a condição das plantações, do lago e vários animais identificados tanto pelo nome quanto pela espécie (Grolier, o porco; Concord, o ganso etc.).

A Sra. Gamely o chamou reservadamente e ditou a carta para ele, fazendo-o prometer que a entregaria pessoalmente, porque, nas palavras da própria mulher, “o correio das Coheeries é heteronômico e ludibundo”. O problema era que as cartas de Virgínia, sendo heteronômicas e ludibundas ou não, não chegavam, e seu paradeiro era um mistério. Mas a Sra. Gamely fez Hardesty jurar que iria procurá-la antes de sair de Nova York. Quando perguntou o que deveria fazer se não conseguisse encontrá-la, a Sra. Gamely respondeu: — Continue procurando.

Agora, como o banco de St. Louis havia falido, Hardesty não tinha mais tanto tempo quanto pensava ter. Perguntava a si mesmo como iria encontrar Virgínia Gamely, e já estava começando a se arrepender de haver aceitado a incumbência.

Mesmo assim, não é possível dizer que ele não estivesse contente na cidade, e com a tarefa de revistá-la.

Não demorou até a noite cair, e as pessoas estavam se reunindo para o jantar ou para tomar bebidas quentes em restaurantes e cafeterias com toldos de vidro que estavam cobertos de neve. Mas Hardesty passou por esses lugares e não os usou para fugir do frio até chegar à biblioteca. Esse era o lugar mais profundo na cidade, pois suas centenas de milhões de ilhas estavam subdivididas em incontáveis padrões, capítulos, temas, palavras e letras. As letras eram meramente linhas derivadas de uma série de coordenadas, que o olho montava e unia como a fluidez de um rio, como se todos os rabiscos curvos e retorcidos fossem as luzes de uma cidade que era ainda mais bela quando vista de longe. De fato, quando Hardesty caminhou por entre os livros que forravam as enormes paredes do principal salão de leitura, sentiu-se como se estivesse entrando em uma cidade. A planície formada pelas mesas e os

leitores, flanqueada nas quatro extremidades por enormes estantes retangulares, era uma paródia do Central Park, especialmente porque as luminárias de leitura eram verdes como a grama.

Enquanto os intelectuais se ocupavam com seus trabalhos noturnos após jantares magros de bile e cascalho, Hardesty começou suas pesquisas. Estava em seu elemento natural, sabia o que fazer, e movia-se rapidamente porque a caminhada em meio ao frio o deixara alerta. No começo, ele vasculhou todas as listagens públicas possíveis, procurando o nome de Virgínia Gamely. Chegou até mesmo a ir ao salão da recepção e ligou para o serviço de informações para verificar se ela havia retirado seu nome das listas telefônicas. Evidentemente, ela não tinha telefone — pelo menos, não em seu próprio nome. Hardesty ligou para a polícia, que, de acordo com ela mesma, não seria capaz de ajudar porque estava ocupada demais perseguindo criminosos e dormindo em viaturas de patrulha debaixo de pontes. Além disso, por que deveria se importar com aquilo?

Depois de olhar embaixo de todas as pedras mais fáceis, ele começou a procurar sob os rochedos. Como a Sra. Gamely não tinha a menor ideia de onde sua filha pudesse estar, Hardesty decidiu fazer na biblioteca o que não foi capaz de fazer na casa da Sra. Gamely, pois ela estava ocupada demais fazendo associações. Pretendia descobrir mais sobre o Lago das Coheeries, e, ao descobrir suas características, deduzir o bastante a respeito de Virgínia para conseguir encontrá-la. No começo, o atlas. Mas Lago das Coheeries não constava no índice, e, no lugar onde ele sabia que havia estado, o mapa mostrava uma área verde vazia, com acidentes geográficos ocasionais e um ou dois rios sem nome. Os mapas detalhados, os levantamentos oficiais e os registros históricos eram igualmente pouco informativos.

Todas as pesquisas que começou não trouxeram nenhum resultado. Não havia qualquer registro sobe aquele nome. Depois de quatro horas e meia de confusão, ele decidiu encerrar suas buscas naquela noite, pois a biblioteca logo encerraria o expediente. Se não

houvesse nada sobre o Lago das Coheeries nesse enorme repositório, provavelmente não haveria nenhuma citação em qualquer outro lugar. Enquanto estava vestindo seu casaco no salão da recepção, todo revestido em mármore, ele perguntou ao apertador de botões — um homem tão velho que parecia estar virado do avesso — se ele conhecia um lugar barato onde pudesse passar a noite.

— Tenho pouco dinheiro — disse Hardesty. — Estou procurando um lugar que seja simples, limpo e barato. Não preciso de um banheiro no quarto.

— Quem tem um banheiro no mesmo quarto em que dorme? — perguntou o velho, cujo trabalho era apertar um botão toda vez que alguém passava por ele (aquela era uma longa tradição na biblioteca e não podia ser abandonada. E ele não sabia executar qualquer outro trabalho). — O banheiro é outro cômodo. Não pode estar no mesmo quarto, a menos que esteja bem no meio, como uma caixa enorme. E eles não fazem isso.

— Tem razão — concordou Hardesty. — Bom raciocínio. O que estou dizendo é que não preciso de um banheiro privativo, ligado ao meu quarto.

— Que tal, digamos, dividir um quarto com alguém? — perguntou o velho.

— O que você quer dizer com “digamos”?

— Estou dizendo que a viúva Edincott aluga quartos para pensionistas.

— Mais de uma pessoa em um quarto?

— Não exatamente, mas é barato. E o lugar é limpo. Você parece ser um homem jovem e forte.

— E o que isso tem a ver com a questão?

— A viúva Endicott tem certos apetites. Ela faz certas exigências. Compreende?

— Como ela é? — perguntou Hardesty.

— Como ela é? Oh, meu bom Deus! Como ela é! Se ela estivesse por perto quando eu era mais novo...

— Talvez eu dê uma olhada nesse lugar — afirmou Hardesty. — Onde fica?

— Sim, talvez você queira conhecer o lugar. Você não gostaria de decepcionar uma pobre viúva, não é? É muito gentil da sua parte. Fica na Segunda Avenida, bem no centro de Manhattan. Não sei qual é a rua que a atravessa, mas fica perto do Teatro Coheeries.

— O teatro... o quê? — gritou Hardesty.

— O teatro Coheeries. Não o chamam mais por esse nome, mas eu lembro que costumavam encenar peças naquele palco. Agora ele é usado para eventos de luta livre, shows de dança e apresentações de *vaudeville*.

— O que você sabe sobre o teatro?

— De maneira geral?

— Sobre o teatro Coheeries.

— Apenas o que lhe disse.

— Sabe por que ele tinha esse nome?

— Deixe-me ver... por que ele tinha esse nome... não sei. Nunca pensei no caso. Talvez seja um tipo de ostra ou coisa assim, e, quando a cortina se erguia durante os espetáculos... Shakespeare geralmente, era como a concha de uma ostra se abrindo.

— Obrigado — agradeceu Hardesty, e saiu rumo à noite de inverno para ver o que poderia descobrir sobre o lugar.

O letreiro do teatro Coheeries exibia as palavras “Lucha Libre”, e todas as lojas num raio de dez quarteirões estavam fechadas e com as janelas cobertas por tapumes. Mas, do outro lado da avenida, diagonalmente, estava o pensionato da viúva Edincott. O simples fato de avistá-lo fez o coração de Hardesty saltar com o medo e a

curiosidade. Mesmo se ela realmente se revelasse ser uma bruxa, a casa em si era magnífica. Velas queimavam nas janelas, as decorações em latão brilhavam como se fossem ouro, e os beirais entalhados e outros detalhes eram mantidos como se o lugar fosse um monumento nacional.

O teatro já tivera dias melhores. Quarenta pessoas estavam sentadas nas primeiras fileiras, comendo espetinhos ou biscoitos quentes e esperando pela apresentação de um arremedo de uma comédia *vaudeville*, que fora ressuscitada para aqueles que eram pobres demais para comprar sua própria televisão. Depois de abrir caminho por cima de poças de lixo pegajoso e montes de pipocas que se acumulavam no chão, Hardesty sentou-se no meio da plateia. Quando olhou para cima, as luzes diminuíram e a cortina foi erguida. Ele viu que a cúpula e as paredes, que já foram elegantes algum dia, estavam cobertas com murais e arabescos. Mas estava escuro demais para identificar os detalhes, e ele se contentou em assistir ao espetáculo. As luzes, embora tivessem mais de meio século de existência, afastavam todo o resto do mundo, exceto o sonho de veludo além dos refletores do palco. A escuridão cresceu com os lampejos prateados das lembranças, e as placas de gel colorido deixavam os fachos de luz tão vívidos quanto o rosto de uma menina que acabara de voltar de um passeio sob a neve.

No começo vieram dois comediantes. Contavam suas piadas no idioma iídiche utilizado pelos judeus, embora sua plateia falasse espanhol; suas perucas eram feitas com um material que lembrava palha alaranjada e eles entoavam suas falas e se moviam pelo palco de olhos fechados.

Em seguida foi a vez da apresentação de um ciclista, durante a qual um siciliano absurdamente magro pedalou uma bicicleta ao redor do palco por cerca de cinco minutos. Quando as vaias ficaram fortes demais para que ele as ignorasse, ele contorceu suas feições, um sinal de dor e determinação, e tentou se equilibrar sobre a cabeça no selim. Vender coisas pelas ruas era suficientemente bom para ele, pois, na verdade, o homem não tinha muito talento para

pedalar uma bicicleta. Mas, quando tentou se equilibrar apoiando a cabeça no selim, ele perdeu o controle do veículo, os dois voaram sobre a borda do palco e caíram sobre uma fileira vazia de assentos.

Em seguida entrou um grupo de cantores já bastante idosos, chamados de Pepinos Cantantes. O fato de conseguirem escapar de se transformarem em salada por três quartos de século, por si só, já era um mistério. Fantasiados de pepinos, usando chapéus panamá, bengalas, polainas e bigodes postiços, eles cantaram três canções: “Os Ratos Fugiram Rumo à Liberdade”, “A Sobrinha de Beethoven” e “O Triângulo da Guerra dos Bôeres”.

Apesar da falta de capacidade, aquelas pessoas do teatro — comoventes, persistentes, de segunda classe (ou de quinta categoria) — se esforçavam para dar o melhor de si. Pensavam que eram artistas; declaravam que essa era a sua profissão quando preenchiam os formulários do imposto de renda e nas rodoviárias do noroeste de Delaware, e estavam quase certas — pois não eram artistas, e sim arte. Em si mesmas, eram como canções tristes ou retratos reveladores. Havia alguma coisa nelas que era terrivelmente instigante. Elas nunca desistiam. Nunca conseguiam ver muito claramente além do ímpeto das suas próprias ambições. E nunca descobriram que cada um de seus movimentos fazia com que fossem parte de uma paisagem tristonha.

A última atração do programa era um espetáculo de dança. Três garotas jovens e um pouco esquisitas, autodenominadas “As Trambiqueiras”, dançavam usando sapatos de madeira e vestidos feitos com um tecido rústico. Um cartaz em um tripé as identificava como Pequena Liza Jane, Dolly e Bosca, a morena. Elas saltavam e giravam, dançando de maneira estranha, e pareciam não perceber que estavam em um palco no teatro. Adoravam dançar. Dançavam umas com as outras, as três juntas. Sorriam. E, no final, as três se curvaram para o público, um gesto de agradecimento bonito e inocente.

As luzes ficaram mais fortes antes da apresentação de luta livre, dando a Hardesty a oportunidade de estudar os murais. Uma dúzia de cenas do Lago das Coheeries estava claramente retratada em velhas pinturas a óleo. Ali estava o lago no verão, na primavera e no outono, e estava coberto pela neve no inverno. Ali estava o vilarejo, sob as estrelas, enterrado na neve, ou cercado por plantações sonolentas. Lá estavam os barcos corta-gelo e um estranho gazebo sobre o lago. Ali estavam as garotas da vila, os agricultores e um cavalo puxando um trenó. Mas na cúpula do teatro estava a pintura mais estranha dentre todas elas. A imagem mostrava uma ilha no lago, durante a noite. Erguendo-se na ilha estava uma coluna esbranquiçada de estrelas, como se a Via Láctea estivesse tocando a terra, tentando imitar um arco-íris.

O que Hardesty viu a seguir o fez afundar em sua cadeira, e lhe causou calafrios. Entalhadas ao redor da cúpula em letras que, agora, estavam tão sujas que mal podiam ser lidas, estavam as palavras: “Por aquilo que pode ser imaginado mais belo do que a visão de uma cidade perfeitamente justa, regozijando-se apenas na justiça”.

A apresentação de luta livre já estava quase terminando quando Hardesty saiu do teatro. Ao lado da porta de saída havia uma placa declarando que o teatro Coheeries fora doado à cidade por Isaac Penn. Isso era uma pista, embora indubitavelmente vaga, que ele teria de seguir. Mas ele queria dormir, e o lugar mais próximo era o pensionato que ficava do outro lado da rua, diagonalmente.

A similaridade das inscrições não poderia ser nada além de uma coincidência. Com certeza, a cidade perfeitamente justa nunca surgiria no meio dessas ruínas impuras, nem nos braços de uma civilização conhecida principalmente pelas suas transgressões, nem em uma cidade barulhenta e desumana, cinzenta, criada a partir do modelo de uma máquina, nem em meio de torres cobertas de fuligem, rios e canais apinhados de gelo e das infinitas avenidas ladeadas por uma arquitetura arrasada pela guerra. Não. Todo o seu conhecimento lhe dizia que as coisas nunca poderiam ser assim.

Era meramente uma coincidência, e não o impediria de continuar viajando. Ainda assim, ficou perplexo.

E se transformou em geleia nas mãos da viúva Edincott.

Ela era uma beleza de cabelos vermelhos, uma amazona, quase tão magnífica quanto a estátua de mármore de Diana no parque de Winky's Hill. Dez maridos morreram em sua cama; assim, ela abriu um pensionato para hospedar jovens rapazes recém-chegados do campo. Ela os alojava em vários quartos adjacentes àquele onde dormia, e entre as banheiras, chuveiros e saunas, nos quais ela os mantinha preparados para poder, a qualquer momento, entrar e copular. Ela era perfeita e insaciável. Os seios, cada um deles, eram maravilhosos. Sua floresta de pelos púbicos ruivos era macia, fragrante e profunda. Era tão branca quanto o marfim lustrado em vermelho, graças aos seus cabelos ruivos e ao tom rítmico que corava a sua linda pele conforme o sangue circulava por baixo dela.

Ela gostava do fato de Hardesty ser forte e esguio, e o colocou perto de si. Pela maneira como o olhava, ele suspeitou que logo estariam fazendo amor. Hardesty foi para o seu quarto, despiu-se e deitou na cama. Quando estava quase dormindo, protestando em uma meditação sem limites sobre Nova York não poder ser qualquer coisa além de uma caixa de ferramentas abarrotada, apoiada sobre uma montanha formada pelos restos do materialismo, as portas que se ligavam ao quarto da viúva se abriram.

Ele caminhou cuidadosamente por um pequeno corredor que levava aos aposentos dela, que eram inteiramente brancos. Até mesmo o piso era branco, e não havia janelas — apenas uma claraboia. Em uma pequena alcova, uma pilha de carvões em brasa repousava sobre as barras de uma grade de ferro, pulsando como uma das lareiras abertas de Pittsburgh. A viúva Edincott estava perfumada e deitada em sua cama branca, à luz das brasas ardentes. Seu corpo se movia em ondas quando ela se recostava, e estava com os quadris apoiados em um travesseiro grande. Hardesty viu, sob a pele branca e sedosa, os contornos de costelas

delicadas. Ela era uma composição em vermelho; cabelos vermelho-escuros, lábios entreabertos, os bicos dos seios — pequenos, esguios e vermelhos como uma pincelada em escarlate — e os pelos púbicos ruivos que brilhavam como uma floresta da região do Pacífico. Embora Hardesty desejasse ser um pintor para que pudesse retratá-la, retratá-la não foi o que fez.

Os esforços inúteis de Hardesty na biblioteca durante a noite anterior foram recompensados vinte e quatro horas mais tarde, após passar a maior parte do dia se recuperando. Embora não houvesse uma única referência ao Lago das Coheeries e a palavra Coheeries em si provavelmente não existisse em nenhum dos livros da biblioteca, as citações a Isaac Penn enchiam várias gavetas cheias de fichas, e Hardesty logo se viu nos arquivos de Penn, cercado não somente por livros, mas também por panfletos, cartazes, fotografias, cartas e manuscritos. Um enorme número de cartas e telegramas fora entregue após atravessarem o rio Hudson, ou diretamente, em mãos. Os Penn, uma família associada com jornais, com a indústria da pesca da baleia e com as artes (havia até mesmo uma recente coleção de artigos sobre Jéssica Penn, uma atriz da Broadway de quem Hardesty ouvira falar), tinham uma casa de veraneio em um lugar identificado apenas como “L das C”.

Havia material em quantidade suficiente nos arquivos para ocupar vários intelectuais em carreiras longas e produtivas, mas Hardesty sentia-se atraído principalmente pelas fotografias, que havia aos milhares — todas em preto e branco —, no estilo poderoso e comunicativo do século 19, quando as sensibilidades nascidas das pinturas contribuíram para a fotografia exatamente com aquilo que a fotografia logo ajudaria a aniquilar.

As fotos estavam organizadas cronologicamente em álbuns com dobradiças de latão e armação de cerejeira envernizada. Cada página virada revelava uma fotografia com uma legenda na qual os assuntos eram identificados e o lugar era descrito. Se alguém se propusesse a analisar a virada do século baseando-se apenas nesse registro, pensaria que aquela era uma época dedicada

principalmente aos barcos a remo, tobogãs, sapatos para a neve, raquetes de tênis, iates oceânicos e mobília para ser colocada em áreas externas. Os membros da família Penn adoravam fotografar a si mesmos enquanto praticavam esportes ou sentavam-se à luz do sol do verão olhando para o mar.

Embora uma boa quantidade das fotos mostrasse Isaac Penn em compromissos públicos ou no meio da sua equipe no *The Sun*, e algumas mostrassem Beverly tocando piano, Jack fazendo experiências com seu conjunto de química ou Jayga postada em pose imperial, com as mãos apoiadas nos quadris diante do seu fogão, a maioria mostrava a família reunida. Eles apareciam juntos sobre a neve, fazendo piqueniques nas colinas, competindo em corridas de cavalos, remando sob o sol de agosto ou caminhando pela praia no fim do dia — queimados pelo sol, saudáveis, escutando o barulho das ondas que arrebentavam mansamente.

À medida que a história da família Penn se revelava para Hardesty, surgindo do passado com uma vitalidade surpreendente, ele percebeu duas coisas em particular. Duas mudanças pareciam não ter explicação em meio às muitas mudanças já esperadas. De acordo com sua perspectiva do futuro, Hardesty não ficou surpreso ao perceber que o bebê Harry cresceu rapidamente até que (em duas horas) estava no comando de um regimento; nem ficou surpreso com o congelamento e descongelamento contínuos do lago; nem se surpreendeu ao ver que (de um álbum de cerejeira pra outro) a bela e pequena Willa tornou-se uma mulher esguia e, ainda assim, voluptuosa, de uma maneira que atraía Hardesty mesmo depois de quase um século. A partir da sua perspectiva distante, digna de um deus, ele era capaz de deixar passar certas inconsistências e não se preocupar com as pessoas que apareciam e desapareciam, nem com as mudanças na postura, na decoração e na moda. Afinal de contas, ele estava flutuando em um lago de uma centena de anos bastante movimentados.

Mas os arquivistas fizeram um trabalho tão bom que, quando alguma coisa não se encaixava direito, Hardesty se perguntava por

que aquilo acontecera. As inconsistências que ele percebeu foram o fato de que Beverly sempre parecia aparecer sob uma luz mais forte do que qualquer outro membro da família (algumas fotos exibiam uma aura que nem mesmo os cronistas perceberam — muito menos as pessoas na mesma cena), e também uma pessoa que aparecia por um curto período de tempo em um dos anos frios e cheios de neve que imediatamente precediam a Grande Guerra, e que permaneceu sem identificação.

O homem não se parecia com nenhum dos Penn e também não era um criado, nem um membro das classes mais altas da sociedade. Tinha uma postura sólida e resistente, típica de um operário, e mesmo pela fotografia era possível perceber que falava inglês como os irlandeses, que era forte e que tinha habilidade com suas ferramentas. Suas mãos grandes não foram feitas para a caneta nem para o piano. Talvez pudesse ser o supervisor dos mecânicos do *The Sun*, o caseiro das fazendas da família em Amagansett, ou o capitão de um dos navios mercantes de Isaac Penn — mas, não. Quase sempre aparecia vestido como um aristocrata, estava sempre ao lado de Beverly e, em uma das fotografias, havia colocado o braço ao redor dela com um carinho que fez com que Hardesty olhasse para aquela imagem, encantado, por quinze minutos. Hardesty sentiu que o carinho desse homem, assim como a transformação de Willa, de menina em mulher, era tão intenso que tal energia seria capaz de queimar aquelas páginas. E era muito mais do que a afeição que o movia. Era o amor. E foi então que Hardesty descobriu a sequência mais estranha de imagens. Um casamento sombrio, no qual Beverly — que mal era capaz de se aguentar em pé — apoiava-se no braço do seu homem. Uma longa série de fotografias mostrava uma ilha no lago, estéril e trêmula no inverno, quase indistinguível em meio ao monte de gelo coberto por neve.

Em nenhuma das fotografias o estranho fora identificado. Sob a sua silhueta, na legenda de cada foto em que aparecia, havia somente um ponto de interrogação. Quem era ele? Os arquivistas meticulosos não sabiam, e desculpavam-se por não conseguirem

explicar quem ele era. Uma nota anexada ao último álbum dizia que os membros ainda vivos da família Penn se recusavam a fazer comentários sobre sua história fotográfica, ou mesmo a rever sua coleção.

Hardesty estudou a face do homem enigmático. Gostou dela. Gostou muito dela, e ficou comovido pelo casal sobre o qual conhecia apenas um nome, que simplesmente desapareceu, e que, aparentemente, ficaria esquecido pelo resto do tempo.

Porém, de certa maneira, ele encontrou o que estava procurando. Aqui e ali, empoleirados em uma pilha de feno ou enfiados na parte mais alta de um trenó puxado por cavalos, havia Gamelys — cavaleiros, crianças, pessoas saudáveis da região do lago, que obviamente conheciam a família Penn e desfrutavam da sua companhia. Embora os Penn parecessem ter deixado o Lago das Coheeries para trás e se desintegrado, e estivessem congelados no tempo em seus próprios arquivos dinásticos, Hardesty decidiu procurá-los, na esperança de que Virgínia Gamely houvesse feito o mesmo.

Por mais que a cidade fosse grandiosa em todos os seus aspectos, havia nela uma fraqueza inexplicável e imperdoável. Com todos os seus milhões e milhões de pessoas, havia apenas dois grandes jornais na cidade. Sim, era possível comprar dez ou doze páginas de notícias recentes em qualquer linguagem do mundo e em qualquer alfabeto, e centenas de estações cobriam todo o espectro eletrônico como os anéis de uma cobra coral, mas a população, de maneira geral, era impiedosamente polarizada: lia o *The Sun* ou o *The Ghost*.

Havia um *Ghost* matinal e um *Ghost* vespertino (ou, melhor dizendo: o *The New York Ghost*, edição da manhã e o *The New York Ghost*, edição da noite); e havia o *The New York Whale*, publicado pela manhã, e o *The New York Sun*, publicado no fim da tarde. A rivalidade se estendia às duas edições, a matutina e a vespertina. Qualquer nativo da cidade conhecia essa discórdia,

diferente e oposta como a noite e o dia, a luz e a escuridão, ou a gordura e a magreza. Mas Hardesty, não. Assim, quando chegou a uma banca de jornal em uma esquina vazia, um farol em meio a um mar de neve azulada que caía em espirais ao seu redor, ficou surpreso ao descobrir que o *The Sun* ainda estava nas mãos da família Penn, e que Harry Penn — a criança que se transformou em comandante do regimento — era o seu editor-chefe e diretor. Ele foi a Printing House Square às dez horas, presumindo que, àquele horário, o jornal estaria no meio de uma correria para conseguir fechar a edição vespertina a tempo de publicá-la.

Na verdade, a correria no jornal era tão intensa que ninguém percebeu a presença de Hardesty, e também não se dispuseram a responder suas perguntas. Durante duas horas ele ficou no meio do pátio interno coberto por uma cúpula de vidro do *The Sun*, observando a neve cair contra o teto transparente vários andares acima, conforme centenas de repórteres, assistentes de redação, mensageiros, editores preocupados e impressores sujos de tinta corriam ao seu redor, indo de uma porta para outra, subindo ou descendo a escadaria aberta que levava a cada um dos andares que cercava aquele espaço fechado. Mas, à meia-noite, tudo parou, exceto pelas máquinas de impressão — que começaram a funcionar estrondosamente nos andares inferiores, como os motores de um navio, como se não estivessem simplesmente imprimindo exemplares, mas fazendo com que todo o prédio avançasse em meio a um mar turbulento e enevoado. Hardesty foi até a redação, no terceiro andar, onde interpelou a primeira pessoa que encontrou. De fato, ele estava falando com Praeger de Pinto, o gerente editorial.

— Com licença — disse Hardesty. — Estou tentando encontrar alguém que veio do Lago das Coheeries, onde a família Penn tinha uma casa de veraneio antigamente. Talvez tenha sido tolice vir até aqui, mas não tenho outras conexões nem maneiras de encontrar essa pessoa. Gostaria de perguntar a Harry Penn se ele sabe onde ela está, ou se tem alguma sugestão sobre onde eu conseguiria encontrá-la.

— Está procurando por Virgínia Gamely? — perguntou Praeger.

— É exatamente a pessoa que estou procurando.

— Ela trabalha aqui.

— Então eu a encontrei.

— Mas ela não está aqui agora. Acabamos de colocar o *The Whale* para dormir, e ela trabalha no *The Sun*. O expediente começa às seis da manhã.

— Meu nome é Hardesty Marratta. Eu estava no *Polaris*... tenho uma carta que foi enviada pela mãe dela.

— Posso entregar a carta a ela.

— Sua mãe me fez prometer que eu mesmo a entregaria.

Praeger se apresentou e convidou Hardesty a vir até seu escritório no andar superior (ao qual subiram por uma escada em espiral de ferro fundido que atravessava o teto) para falar sobre o que Hardesty vira no Lago das Coheeries. Praeger estava interessado no lugar desde a primeira vez que Virgínia o mencionara, e sobre o qual conspirou com Jéssica Penn para nunca mais comentar a respeito novamente. Estava interessado nas descrições de Hardesty, tanto por seu conteúdo quanto por reconhecer que, assim como Virgínia, Hardesty tinha talento para a linguagem.

— Não sei o que há com o Lago das Coheeries — disse Praeger. — Ou mesmo se o Lago das Coheeries existe de fato. Mas todos que passam por lá parecem desenvolver um talento com as palavras de que eu gosto bastante. Talvez possamos fazer alguns seminários naquela região (se conseguirmos chegar até lá) ou engarrafar a água para servir em nossos bebedouros.

Os dois conversaram por várias horas, sobre muitos outros assuntos, e descobriram que suas perspectivas e opiniões eram muito parecidas. Estavam cansados e relaxados; os dois amavam a tensão do inverno; gostavam da conversa inteligente que

desenvolveram mutuamente, e se deram extremamente bem, exceto por uma coisa. Discordavam da natureza da cidade em si.

Hardesty não estava com o humor adequado para tolerar suas numerosas e notáveis deformidades urbanas, e não perdoaria o que lhe parecia ser uma aspereza desnecessária demonstrada por seus habitantes e a maneira rígida na qual a cidade era disposta, arquitetada, construída, consertada e mantida. Odiava-a como se estivesse prestes a amá-la — imperdoavelmente, irracionalmente, tristemente. Embora fossem belos e magnéticos, os apitos que vinham de algum lugar muito profundo, atravessando a neve e fazendo tremer as janelas do *The Sun*, o deixavam inquieto, e a ideia de horizontes internos e infindáveis incorporados nas ruas, curvas, becos e albergues fazia com que se sentisse extremamente desconfortável.

Praeger já vira aquilo antes.

— Não vai demorar até que você se apaixone eternamente pelas coisas que detesta agora — afirmou ele.

— Isso é o que você pensa — retrucou Hardesty. — Estou a caminho da Europa. Não vou ficar muito tempo aqui para me apaixonar por nada.

— A anarquia vai mantê-lo por aqui.

— Como isso é possível? É o que eu mais detesto.

— Você sabe que não é realmente anarquia, e, que, mesmo que seja, ela contém todas as possibilidades que você procura. E você deve saber, também, que o próprio fato de a cidade sobreviver e continuar em pé indica um equilíbrio, que, por sua vez, indica a presença de uma força maior e opositora para cada tipo de degradação.

— Não consigo perceber isso. Você consegue?

— Raramente. Mas, quando percebo, vejo que os equilíbrios são mantidos. Percebo resquícios de uma era perfeita, assim como os veios no mais humilde dos minérios pode levar ao ouro.

— E se a feiúra e o horror o desgastarem, até você não ser mais capaz de reconhecer suas esperanças, se elas chegarem a se tornar realidade?

— Será uma ocasião ainda melhor. Adoro os riscos. Gosto de saber que, por mais que eu me esforce, o resultado de tudo raramente depende de mim. Os planos para a cidade foram traçados na mesma mesa que os planos para a guerra. Ela não promete nada, e, mesmo assim, pode ser incrivelmente generosa. Você devia ficar aqui por algum tempo e entender como ela funciona. Escute os apitos dos navios. Quando você os ouve, no inverno e no verão, eles se tornam uma canção, uma mensagem. Sempre penso que eles estão dizendo: “O tempo em que você está vivendo é um tempo bom, e, embora eu tenha que partir, você pode ficar. Tem muita sorte por estar em uma cidade às vésperas do dia em que ela abrirá seus olhos para admirar uma era de ouro”.

Eles se despediram com certa inquietação mútua, pois Hardesty se ressentiu por Praeger prever uma mudança nele, e Praeger se ressentiu por ter de fazê-lo. Mas por que Praeger deveria se importar com o que Hardesty pensava? Mesmo assim, ele prometeu apresentar Hardesty a Virgínia no dia seguinte, às quatro horas, assim que o *The Sun* fosse colocado para dormir.

Hardesty caminhou por oito quilômetros até o hotel Lenore, uma torre alta no centro da cidade cuja superfície envidraçada recebia o impacto da neve e a deixava cair em grossos blocos disformes, como se fosse água esbranquiçada correndo por uma canaleta. As ruas estavam tão desertas quanto a pradaria, e, enquanto estavam brancas, pareceu que as possibilidades que Praeger comentara estavam realmente presentes nos espaços quentes e gelados nas quais as guerras pelo equilíbrio eram travadas na cidade.

O gerente da noite deu o quarto mais alto do hotel a Hardesty. Já que descobrira o paradeiro de Virgínia e poderia deixar Nova York para trás em um dia ou dois, Hardesty sentiu que poderia pagar o preço astronômico. Ele saiu do *The Sun* à uma hora da manhã. Agora, a noite já avançava tanto que até os relógios estavam

cansados, e o tempo parecia ter sido dizimado pela tempestade inclemente.

Quando chegou ao seu quarto, no 120º andar, foi até a janela e olhou demoradamente para o novelo de lãs brancas emaranhado pelo vento que batia contra o vidro. Estava em uma cidade frustrante, dura, implacável e insensível, cheia de sofrimento, castigos e um inverno assassino. Seu clima e sua população eram uma foice que ceifava incansavelmente, até que os fortes caíam sob sua lâmina e os fracos, em enorme número, desapareciam para sempre das ruas e morriam, sem que ninguém se lembrasse deles, no frio e na escuridão. Do alto do 120º andar, ele não podia ver nada — e assumiu que aquela era a assinatura da cidade.

Mesmo assim, Hardesty ficou contente ao descobrir que havia uma sauna no banheiro. Logo que entrou e fechou a porta de cedro, o calor começou a aumentar e um grupo de luzes de bronzeamento se acendeu. Depois de abrir caminho pelas trevas árticas, estava encantado por poder se encontrar em um deserto seco, mas sentia tanto frio que levou quarenta e cinco minutos para seu corpo começar a suar.

No dia seguinte, entregaria a carta a Virgínia Gamely, e, se tivesse sorte, embarcaria num navio forte o bastante para enfrentar o gelo e sair daquele porto. Em seguida, os apitos estariam a seu favor, não contra ele. Mas não pareciam estar contra Praeger, certamente, que comparava os apitos a um órgão em uma igreja, comandando as atenções e exortando as emoções que faziam o corpo vibrar. Hardesty ouvia aqueles apitos agudos mesmo no deserto do 120º andar, às três, quatro, cinco ou a qualquer hora da manhã que soasse. Como é possível, pensou ele, que os apitos estejam soprando agora? Será que há navios partindo a esta hora, nas presas da tempestade? E quem os ouve?

Uma atividade incessante, mesmo quando todos deveriam estar dormindo, sugeria-lhe que a cidade tinha vida própria, e que realmente havia algo por baixo de tudo, esforçando-se para emergir de maneira lenta e metódica.

Quase adormecido, ele saiu da sauna e foi até a janela. A tempestade continuava a castigar a cidade, mas, olhando fixamente para ela, ele percebeu que alguma coisa brilhava. Direto à sua frente, o brilho também parecia estar suspenso no ar, ficando cada vez mais forte conforme o vento enlouquecia e agitava o penhasco de aço no qual Hardesty se encontrava.

Então, como se a neve fosse uma neblina e o hotel fosse um navio, um espaço se abriu para acomodar o movimento, e uma torre iluminada surgiu à sua frente, suspensa em meio à tormenta e aparentemente independente do chão. Era o topo de um velho arranha-céu — iluminado com luzes azuis, brancas e prateadas. Embora a neve o obscurecesse às vezes com uma cortina translúcida, a estrutura sempre conseguia emitir seu brilho, intenso como uma auréola. Quando a manhã se aproximou e a alvorada tingiu a nevasca de cinza, cobrindo o mundo com a névoa, a torre desapareceu.

A manhã estava clara como o vidro. Hardesty foi até a janela e observou uma floresta de prédios altos que retalhavam o vento que vinha do Canadá, empurrando a cor azul à sua frente como se fosse um enorme rebanho de ovelhas. Em pontes distantes, feixes dourados de mica reluzente — carros sob o sol da manhã — entravam e saíam da cidade. E os irmãos dos navios cujos apitos ele ouvira no meio da tempestade, embarcações tão grandes quanto as cidades costumavam ser, atravessavam placidamente o estuário marcado pelas ondas, deslizando sobre as ondulações como um ferro de passar roupa sobre uma peça de linho.

Nas ruas as pessoas pulavam de um lado para outro como fantoches, correndo por toda parte em uma velocidade que chegava até a assustá-las. Naqueles dias claros e gelados, quando a lua cheia não conseguia esperar pela escuridão e circulava ao redor do sol no céu, as pessoas dançavam enquanto cuidavam dos seus afazeres, funcionavam como cavalos de corrida antes da largada, agiam como pessoas que descobriram algo brilhante e, justificando o ditado que diz que Nova York é uma cidade que morre e

ressuscita com a mesma facilidade que outras cidades dormem à noite e acordam na manhã seguinte, faziam a longa e esguia ilha de Manhattan retinir e estremecer como se fosse uma espada desembainhada.

Hardesty levou quase o dia inteiro para conseguir passar por esses lunáticos a caminho de Printing House Square. Não davam um centímetro sequer a ele ou a qualquer outra pessoa. Enormes filas de trânsito cruzavam sinais vermelhos. Caminhões de confeitarias corriam pelas avenidas principais a duzentos quilômetros por hora, assassinando ciclistas e pedestres. Vendedores de *pretzel* balcânicos vestindo roupas enormes e acolchoadas e com as cabeças cobertas por capacetes de aviador forrados com lã atacavam uns aos outros com suas carroças, abalroando-se como se fossem búfalos em fúria para conseguir espaço em uma esquina. Com maletas atadas às suas costas, corretores de ações com seus ternos, coletes e gravatas corriam em uma agonia de vida ou morte, deslizando sobre esquis para ir de Riverside Drive até Wall Street. Em uma avenida abarrotada, o segundo andar de cada prédio comercial nos dois lados da rua, por todos os seus oito quilômetros, era um dojô de karatê. Hardesty passou por esses lugares durante a hora do almoço e ouviu centenas de milhares de gritos de combate, enquanto figuras vestidas de branco voavam pelo ar, com as pernas retesadas e os braços estendidos, como dançarinos russos. Havia fogueiras acesas em todas as esquinas, discussões mortais em cada quarteirão, prédios sendo atacados por esquadrões de demolidores demoníacos e prédios sendo erguidos por pedreiros que se penduravam em cabos, subindo até desaparecer no meio do céu. Hardesty achava difícil conseguir ir até o centro da cidade e continuar sendo a mesma pessoa. A cidade queria combustível para as suas fogueiras, e estendia línguas ávidas de gravidade e chamas para atrair as pessoas, medi-las, dançar com elas por algum tempo, vender-lhes um terno — e, em seguida, devorá-las.

Já estava tarde e escuro quando ele chegou a Printing House Square, onde os escritórios do *The Sun* encaravam os do *The*

Ghost, do outro lado da rua. O *The Ghost* tinha enormes letreiros elétricos em sua imensa sede, proclamando seu sucesso e popularidade, enquanto o *The Sun* brilhava gentilmente de dentro para fora, num prédio que era uma obra-prima da arquitetura neoclássica. Hardesty subiu as escadas rapidamente até o escritório de Praeger de Pinto. Seu coração, que já batia bem rápido, acelerou ainda mais quando ele encontrou Praeger de Pinto e Virgínia sentados lado a lado no sofá de couro de Praeger, próximos e fazendo com que fosse fácil imaginar que talvez se sentissem mais do que simplesmente confortáveis na presença um do outro.

Um ciúme intenso atingiu Hardesty feito um míssil. A agonia era física. Maldita seja esta cidade, onde não havia justiça e nunca haveria. Ao ver os olhos de Virgínia, ele soube que aquela era a mulher feita para ele, e amaldiçoou o momento em que se encontraram, pois era capaz de ver que ela e Praeger... mas, em seguida, pensou que talvez estivesse apenas imaginando coisas, pois, quando Praeger se levantou para cumprimentá-lo, parecia que a distância entre Virgínia e o seu superior era de pelo menos trinta centímetros. Talvez meio metro, pensou ele, cheio de esperança, ou uns oitenta centímetros. Hardesty decidiu que essa bela e despojada mulher, com seus longos cabelos negros e olhos infinitamente inteligentes, logo seria a sua esposa — com ou sem Praeger.

— Vou esmagá-lo como uma mosca tsé-tsé — disse ele em voz alta, sem perceber.

— Quem? — perguntou Praeger. Virgínia também ficou curiosa, e já estava encantada.

— Craig Binky — disparou Hardesty de supetão, após pensar rapidamente.

— Ah — respondeu Praeger. — Todos nós gostaríamos de fazer isso. Mas o que o deixou irritado tão rápido?

— Eu vi a edição do *Ghost* de hoje. Revoltante.

Virgínia sorriu. Pela maneira como Hardesty a olhara, pelo leve tremor em sua voz e pela sua insatisfação, ela sabia que ele havia se apaixonado. Isso demonstrava certa fraqueza de caráter, evidentemente, mas era um compromisso que ela não podia ignorar. Embora tentasse se segurar na encosta íngreme pela qual se sentia escorregar, ela acabou se rendendo completamente após alguns minutos. Ainda assim, não queria fazer nada de maneira precipitada — tinha uma criança para considerar, porque já se precipitara uma vez.

Praeger de Pinto, que sempre fora e sempre seria apaixonado por Jéssica Penn, recuou lentamente para longe da conversa desajeitada e da respiração entrecortada, e observou Hardesty e Virgínia descobrirem um ao outro enquanto as equipes dos dois jornais saíam do turno terminado e entravam no novo turno de trabalho, e Printing House Square se enchia com multidões de jornalistas, assistentes de redação e funcionários de escritório caminhando sobre a neve.

Antes de entregar a carta da Sra. Gamely, Hardesty falou sobre o *Polaris* e como, por acidente, foi parar no Lago das Coheeries. Enquanto falava, podia sentir o amor de Virgínia pela paisagem que ele estava descrevendo. Ficou contente por ser a época do inverno, quando o amor e a ambição se incendeiam em meio ao frio. Talvez, se Virgínia não estivesse emoldurada pelo vidro escuro atrás de si e a praça coberta de neve iluminada pelas luzes do *The Ghost*, ele não conseguisse conversar com ela de maneira que quase anunciava suas intenções como o toque de trombetas — isto é, para todos com exceção de Virgínia, que as valorizava tanto que não conseguia ter certeza do óbvio.

Após algum tempo, eles olharam à sua volta e descobriram que Praeger não estava mais ali.

— Há quanto tempo você acha que ele saiu da sala? — perguntou Virgínia, com um sorriso.

— Não sei — respondeu Hardesty. — Mas vamos sair para jantar.

— Tenho de dar comida para o bebê — disse ela. — A Sra. Solemnis gosta de sair antes das seis.

A autoconfiança de Hardesty o abandonou mais rápido do que havia chegado. Novamente, sentiu uma dor que chegava a ser física.

Em seguida, ela o encarou e disse:

— Não sou casada.

Não encontraram Praeger, mas, quando estavam saindo do prédio, os funcionários que passaram por Virgínia souberam, pelo olhar vacilante de triunfo no rosto de Hardesty e pelo rubor luminoso e malicioso no rosto da colega de trabalho, que tinham motivos para sorrir para ela — o que serviu apenas para que Virgínia desviasse os olhos com alegria.

Hardesty preferiu substituir o seu casaco forrado com pele de carneiro por um sobretudo de lã cinza-escuro, trocado por boa parte das suas reservas. Ele falou a respeito, dizendo que seu casaco de lã era bem mais quente, mesmo que não fosse tão longo.

— Ah, não — lamentou Virgínia. — Eu adoro este sobretudo. Não gostaria que você andasse por aí usando um casaco de tosador. Pelo menos, não na cidade. Usar roupas do campo neste lugar é estupidez, assim como é estupidez usar roupas da cidade no campo.

Os dois andaram contra o vento feroz que vinha do norte, deixando-o correr sobre seus rostos como se estivessem se banhando em um rio. Ele não se atreveu a tomar o braço de Virgínia quando atravessaram ruas congestionadas, embora quisesse muito. Ela disse que gostou do seu sobretudo e que estava levando-o à sua casa para jantar. Por enquanto, isso seria o suficiente para Hardesty.

Os mercados de rua chineses e italianos ficavam juntos, um de fundos para o outro. Hardesty e Virgínia passaram por toda a extensão das tendas e estandes, fileira por fileira, como se

estivessem caminhando sozinhos na primavera. As frutas e os legumes empilhados no frio faziam-nos lembrar de um jardim, e os peixes mortos com as bocas abertas em choque tinham as expressões de trutas que saltavam contra a correnteza.

— Às vezes eu atormento o *The Ghost* — disse Virgínia — acompanhando as reportagens e escrevendo um texto melhor depois. Isso os deixa loucos. Neste verão eles publicaram um artigo sobre os mercados italianos e chineses, e, como de costume, falaram somente da comida. Para o *The Ghost*, se você não for capaz de colocar algo na boca, essa coisa é incompreensível.

— Eu sei — disse Hardesty. — Fiquei espantado ao ver que a página um do *Ghost* de hoje tinha uma manchete de duas colunas sobre uma nova maneira de refogar alcachofras.

— É claro. Eles fazem isso o tempo todo na página um. Bordas pretas se o suflê de alguém murcha, manchetes enormes sobre um novo tipo de molho... eu escrevi um ensaio três dias depois, e não falei sobre comida uma única vez. E, mesmo assim, acho que foi uma descrição melhor do que a deles sobre o mercado, porque a coisa menos importante deste lugar é a comida.

— E o que é a mais importante, então? — questionou Hardesty, embora já soubesse.

— Comprar e vender, os rostos, as cores, a luz, as histórias que surgem aqui dentro, o espírito do lugar. Onde mais você encontraria todas essas lâmpadas penduradas tão alto e brilhando no fio? — perguntou ela, indicando os fios cheios de lâmpadas elétricas sobre os estandes. — Harry Penn recebeu um telegrama de Craig Binky que dizia: “Como vocês conseguem fazer uma reportagem sobre o mercado sem falar da comida?”. Imagine, eles mandam telegramas entre os dois escritórios, que ficam na mesma praça. Harry Penn respondeu: “Comer assassina o espírito.” Eu gosto de comer — disse ela. — Na verdade, estou faminta neste momento. Mas um espeto de carneiro não é o império romano.

Eles compraram um pedaço de filé e cinco ou seis tipos de legumes diferentes, e caminharam de volta por entre as fileiras de luzes perolizadas, observando cada um a própria respiração condensar em nuvens brancas de vapor à sua frente.

— Minha casa fica para lá — indicou Virgínia. — Mas não quero passar por Five Points; é perigoso demais. Vamos até Houston e damos a volta por lá.

— Isso vai demorar três vezes mais — ponderou Hardesty. — Por que não passamos por Five Points? Estive lá hoje e nada aconteceu.

— Você teve sorte. Além disso, já está escuro.

— Não se preocupe. Os ladrões ainda estão dormindo no início da noite.

Five Points já viu bandidos de muitas raças e etnias se empoleirarem em seus telhados e serpentear por seus becos. Os modismos no crime e no comportamento mudaram com o tempo, junto com as linguagens e as tentações. Mas, essencialmente, os ladrões e assaltantes eram os mesmos, e suas armas eram a faca, o porrete e a pistola. Mesmo assim, Hardesty tinha razão. Eles descansavam no início da noite, ganhando vida somente depois que já estava escuro há algumas horas. As ruas estavam vazias e o inverno deixava os seus encantos nos limites de Five Points, que era como uma caverna sem saída. Hardesty e Virgínia tinham a sensação de que estavam sendo observados por trás de janelas escuras. A única coisa que ouviam era o badalar de um sino distante e risadas horríveis que os saudavam no interior dos cortiços dilapidados, como se quisessem dizer que aquele som puro, neste lugar, não tinha qualquer poder e seria corrompido facilmente.

No meio da travessia eles começaram a ver o que não foram capazes de ver antes. Nas sombras havia formas confusas, corpos que se contorciam de dor, mãos estendidas que imploravam por clemência ou para que alguém desse um fim definitivo àquele sofrimento. Com cada passo, os olhos que brilhavam ao olhar para

eles ficavam cada vez mais numerosos, e os gritos, cada vez mais altos.

— Não consigo explicar — disse Hardesty —, mas as ruas vazias estão cheias. — Ele tomou o braço de Virgínia e os dois caminharam na direção de um incêndio que ardia nos limites do bairro. Em um incêndio como aquele haveria bombeiros e a polícia, talvez até mesmo a imprensa. E a luz do fogo iluminaria o caminho à frente deles até se evadirem de Five Points.

Um grupo de cortiços estava engolfado por labaredas alaranjadas. Nuvens de fumaça negra refletiam a luz para baixo e encobriam as faíscas. Por toda a volta, até onde o olho conseguia enxergar, multidões alegres, com as chamas iluminando-lhes os olhos, assistiam à cena. Um grito generalizado se ergueu quando crianças caíram sobre as brasas, e os espectadores observaram atentamente enquanto uma luta progredia de um telhado para outro nos prédios em chamas. Os combatentes estavam tão concentrados em sua briga que ignoravam o fogo que os transformava em duas silhuetas negras como miniaturas de ferro fundido em um palco iluminado, e os engolia um por um conforme caíam derrotados.

Virgínia ficou abalada, e Hardesty lamentou por ter insistido que atravessassem o bairro de Five Points.

— Eu não sabia — disse ele, ainda atordoado ao ver as crianças morrerem, embora houvessem caído sem fazer qualquer som e desaparecido rapidamente. — É completamente diferente durante o dia. Eu não sabia.

Homens e mulheres vinham correndo pelas ruas, como lagartos em disparada, buscando um pouco da luz do sol. As calçadas logo estavam transbordando, e barraquinhas que vendiam comida começavam a aparecer. Sem qualquer presença do corpo de bombeiros, ambulâncias, caminhões ou refletores para filtrar a luz alaranjada bruxuleante, o incêndio ardia, os cortiços desmoronavam e as pessoas morriam.

Do meio da multidão surgiu um cavalo de carga mutilado e desfigurado, puxando uma carroça carregada de sucata. O carroceiro puxou as rédeas do cavalo e tentou dar a volta. Mas o cavalo e a carroça logo foram cercados, e moviam-se aos trancos.

— Olhe só para aquele animal — disse Hardesty, sem saber se devia sentir compaixão ou asco. — É o maior cavalo de carga que eu já vi, e é tão esbelto quanto um puro-sangue. Imagine as coisas que ele deve ter passado.

Enquanto um grupo de crianças lhe batia na cabeça com galhos finos de árvores e seu mestre o açoitava por trás com um chicote pesado, o cavalo baixou a cabeça e fechou os olhos feridos. Tinha cicatrizes que lhe atravessavam os flancos e a base do pescoço. Antigas crateras em sua pele estavam cobertas com as feridas e abrasões mais recentes que sofrera por usar arreios primitivos e malfeitos; sua cauda e a crina foram cortadas até ficarem bem rentes à pele; apenas uma de suas orelhas estava intacta — a outra havia perdido vários pedaços de pele.

A carroça estava pesada. Mesmo assim, o cavalo, tão fustigado e cheio de cortes, a ponto de se parecer com um homem que fora torturado por alguma doença incurável, a puxava com tranquilidade. Apesar daquela opressão, ele era forte; e, apesar do seu enorme tamanho, era gracioso. Quando os músculos se moviam no ritmo difícil em que ele precisava avançar entre os desejos do seu mestre e os tormentos infligidos pelas crianças, eles se mostravam tão sólidos e robustos quanto os de um cavalo de corrida cuidadosamente selecionado e criado, embora bem mais encorpado.

Quando seu cavalo e a carroça conseguiram passar pela multidão, o condutor estalou o chicote contra a cabeça do animal, e fez com que ele trotasse mesmo preso ao arreio. E o animal o fez com uma graça surpreendente, endurecendo-se contra a madeira e o couro que cortavam sua carne e se esfregavam em suas feridas, como se estivesse livre, diante de um campo aberto. As curvas que ele descrevia não pareciam ser afetadas pela carga. Eram

perfeitamente graciosas, cheias e arredondadas. Ele ergueu a cabeça e avançou rumo à escuridão, como se o próprio movimento fosse uma das dimensões do paraíso.

O inverno, que naquela época estava nos seus momentos iniciais e mais claros, era um motor purificante que corria sem qualquer obstáculo pela cidade e pelo campo, alertando as estrelas para que cintilassem violentamente e derramassem sua luz prateada sobre os braços das árvores nuas que se erguiam para o céu. Era algo belo e enlouquecedor, que expunha as almas dos animais e dos homens, impulsionando-os diante do frio até que eles adorassem o ato de correr. E o que o inverno fazia com as florestas do norte mal podia ser descrito, considerando que congelava os galhos das árvores que margeavam a rua Chrystie e as agitava de um lado para outro, até começarem a zunir como conjuntos de sinos.

O frio estava bastante feroz quando Hardesty e Virgínia chegaram ao prédio de apartamentos na rua Mulberry e subiram as escadas serpenteantes e mal-iluminadas, com os rostos vermelhos pela lembrança ardente de um vento que os chicoteava e soprava o cachecol de Virgínia para trás. Agora eles estavam no corredor aquecido, seguindo as escadas, subindo pelo prédio em epiciclos que eram mais apropriados à órbita dos planetas. O olho sempre desconfiado da Sra. Solemnis, uma grega que era viúva de um pescador de esponjas marinhas, apareceu pelo periscópio da porta e moveu-se de um lado para outro, como se fosse um ponto em um radar.

— Quem é? — perguntou ela.

— Sou eu — respondeu Virgínia.

— “Eu”, quem?

— Virgínia.

— Virgínia de quê?

— Virgínia Gamely. Pelo amor de Deus, Sra. Solemnis, eu moro aqui. Fui eu quem contratou a senhora.

— Ah, você — a Sra. Solemnis abriu a porta e colocou Martin nos braços de Hardesty, dizendo: — Você, pegue.

Embora não estivesse na Terra há muito mais de um ano, Martin era perfeito, desde os seus pequenos punhos fechados até o longo pijama de flanela azul (uma camisola de bebê das Coheeries, construída para acomodá-lo conforme crescia) que o fazia parecer uma sereia pequena e sem seios. Ele apoiou cuidadosamente uma bochecha contra o tecido frio do sobretudo de Hardesty e fechou os olhos, demonstrando completa confiança. Hardesty sentiu o leve peso do bebê em seus braços, a respiração da criança e um espasmo ocasional de um braço ou uma perna. Ele olhou para o rosto suave e sonolento de Martin e beijou-o.

— Sim — disse ele, embalando-o gentilmente. — Que bebê mais doce.

Hardesty não tirou seu casaco para não perturbar o sono de Martin, e observou Virgínia andando pelo apartamento enquanto organizava as coisas. Era bastante organizada, enquanto a Sra. Solemnis era o oposto. Andou pelos vários cômodos, colocando as coisas de volta no lugar e alinhando-as de maneira simétrica. Em seu *blazer* cinza e a blusa com babados, parecia-se com um retrato de outro século, do tipo em que as pessoas apontam os olhos rumo ao decorrer do tempo. Mesmo assim, apesar da dignidade desse retrato, Hardesty não conseguiu conter o riso, porque, quando ia de um lado para outro, ela parava e se virava para olhar para ele e para o bebê, ou para abrir um sorriso constrangido por ser tão metódica na organização da sua casa, e, quando o fazia, parecia-se com os ursos mecânicos em estandes de tiro ao alvo, que param e giram sobre seus próprios eixos para que possam ser alvejados. O efeito ficou ainda mais exagerado quando, explicando que queria trocar de roupa, ela recuou para o seu quarto com passos curtos e mecânicos, fechando a porta por trás de si. Perguntando a si mesma se foi uma boa ideia trazê-lo para dentro da casa (ela tivera visões de um lunático enlouquecido arremessando Martin por longas distâncias, provavelmente porque, com sua camisola típica das

Coheeries, Martin ficou com o formato de uma bola de futebol americano), ela espiou pela porta várias vezes, uma depois da outra.

— Você trabalha em um estande de tiro ao alvo durante a noite? — perguntou Hardesty.

— Não — respondeu ela, reaparecendo em seu terno cor de carvão, porque se esquecera de trocar de roupa. — Estou treinando para fazer uma entrevista com Craig Binky. Ele não consegue prestar atenção à mesma coisa por muito tempo. Quando alguém fala com ele, é preciso fazer movimentos ameaçadores e gestos bizarros. Se não for assim, ele não entende o que você quer dizer.

— Quem lhe disse isso?

— Harry Penn. Ele sabe que Binky não resiste a qualquer tipo de adulação. Assim, de vez em quando, ele envia um repórter até o escritório dele para descobrir os segredos do *The Ghost*. Amanhã é a minha vez. É assim que sabemos de tudo o que acontece lá e exatamente o que eles pretendem fazer no futuro. Mas somos um mistério para eles. Embora não nos importemos muito com segredos, o *The Sun* e o *The Whale* são como as duas metades de uma ostra. Nada vaza, porque cada um dos funcionários conhece seu trabalho e é responsável por uma parte da empreitada. Até onde eu sei, a única pessoa que dá com a língua nos dentes é alguém que trabalha na página sobre a casa e cozinha. Na semana passada nós publicamos a receita da torta-saxofone da minha mãe e o *The Ghost* a publicou no mesmo dia. No mundo inteiro só existe uma única torta-saxofone (feita com pêssegos, resina, mirtilos, rum e hortelã), e eu duvido que os espiões do *The Ghost* — que andam na ponta dos pés ao redor do nosso prédio, com barbas e bigodes postiços — tenham conseguido roubá-la das salas dos tipógrafos.

Ela tomou o bebê nos braços. Hardesty colocou seu sobretudo sobre o encosto de uma cadeira e ficou perto dela, de uma maneira que fazia com que eles parecessem estar cuidando da criança em uma praça da cidade. Ele também vestia um terno que poderia ter

saído de um retrato do século 19 — ficava um pouco folgado para ele, e lhe dava a *sensação* de que havia acabado de sair de uma carruagem.

— Você está irrevogavelmente divorciada do pai dele?

— Sim — respondeu ela, sem amargura nem arrependimento.

— Tem intenção de voltar para o Lago das Coheeries?

— É claro que sim. É a minha casa.

— Logo?

— Assim que estes invernos terminarem. Talvez na virada do milênio. Acho que, quando o novo milênio chegar, muitas coisas já terão mudado; se não no mundo, então em mim. Espero ter visto algo muito melhor do que qualquer coisa que já vi antes.

Hardesty fez com suas emoções o mesmo que alguém faz com o seu corpo, sentando-se com as costas eretas.

— O que quer dizer com isso?

Ela se esquivou da pergunta, pois sua única resposta envolvia fé e intuição, e não desejava sobrecarregá-lo ou afastá-lo; mesmo assim, queria muito lhe contar, e queria abraçá-lo, e ser abraçada.

Hardesty foi até a janela. Para além de quintais e mais quintais, um corredor de mais de um quilômetro de prédios cor de terracota, janelas com batentes em forma de arco, telhados cobertos com telhas de pedra e árvores que se erguiam como nuvens verdes nos jardins dos pobres durante o verão, estavam as duas torres cinzentas da ponte Williamsburg, o mesmo cinza dos navios de guerra, vivas em meio às luzes, como diamantes azuis.

— Nenhum dos prédios que você está vendo foi construído antes de 1915 — disse ela, embalando o bebê. — O lugar é quieto como uma campina. No verão, as árvores abrigam centenas de pássaros que cantam pela manhã. Alguém tem um galinheiro, e, quando o sol nasce e inunda os quintais como uma das marés de Fundy, o galo

canta. Para mim, sempre parece que ele está dizendo: “Mil e novecentos! Mil e novecentos! Mil e novecentos!”

— Você acha que, dentro de alguns anos, ele vai começar a dizer: “Dois mil! Dois mil! Dois mil!”?

— Eu acho, Sr. Marratta, que dentro de alguns anos, não será só o galo que vai cantar “Dois mil” — afirmou ela, com um tom quase sombrio. — Todos farão o mesmo.

— Porque é um número redondo? — perguntou ele, aproximando-se dela.

— Não — respondeu Virgínia, quase tremendo, porque queria que ele se aproximasse, e porque estava com medo. — Não por ser um número redondo.

— Porque esses invernos extraordinários vão chegar ao fim?

— Sim, porque esses invernos extraordinários vão chegar ao fim.

— E a cidade vai mudar?

— Sim, a cidade vai mudar.

— E se ela não mudar?

— Vai mudar, sim.

— Por quê?

— Se nada de especial acontecer, ainda assim o relevo vai mudar tudo, assim como o aprendizado duro sobre as expectativas de cada pessoa. Mudanças vão ocorrer. Eu sei que vão.

— Como você sabe? — indagou Hardesty.

— Você vai achar que eu sou louca — afirmou ela, virando a cabeça como se estivesse magoada.

— Não, não pensarei que você é louca.

— Eu sei disso porque estes invernos não estão acontecendo sem motivo. Eles são como um arado. O vento e as estrelas estão revirando a terra e castigando a cidade. Eu sinto e posso ver isso

em todas as coisas. Os animais sabem que esse momento está chegando. Os navios no porto correm de um lado para outro e ganham vida porque o momento está chegando. Posso estar completamente errada, mas eu realmente acredito que cada ação tem a sua importância, e que, em nosso tempo, todos esses trovões incessantes têm alguma razão de ser.

— Eu também acredito nisso — concordou Hardesty, tomando-lhe as mãos.

E assim, rápido como uma chicotada, um casamento foi celebrado em uma noite de inverno, em uma cidade que certamente viria a se erguer.



UMA NOVA VIDA

Havia muita luz sobre o mar, e um vento intenso contornava os rochedos do litoral com força, empurrando um pequeno veleiro com a vela principal totalmente estufada e uma vela de contravento inflando-se para a frente. A oeste havia um vasto litoral vazio, coberto com vegetação verde e fragrante. A água fluía em correntes e redemoinhos, onde os rios gelados rompiam bancos de areia e desaguavam no oceano como uma explosão de fogos de artifício. As amarras das velas rangiam em protesto, porque o barco não fora construído para voar a vinte e cinco nós. O mar estava repleto de peixes, e as praias estavam mais brancas do que um corte feito em uma chapa de vidro novo.

Embora não conversassem desde que abandonaram a pescaria daquele dia e ergueram as velas para desafiar o vento, Asbury Gunwillow e seu irmão Holman sabiam da preocupação que ambos compartilhavam em relação à ventania ensolarada, mas insistente. Ela ganhava força gradualmente, nunca arrefecendo, até parecer ser forte o bastante para arrancar o mar para fora da Terra e jogá-lo no espaço sideral.

— Podemos navegar contra esse vento, Asbury? — gritou Holman.

Asbury balançou a cabeça negativamente.

— Nada seria capaz de navegar contra este vento — gritou ele em resposta. — Nunca vi nada assim. Esse é o tipo de ventania que afunda esquadras inteiras de navios de guerra. Se tentarmos voltar agora, vamos afundar, com certeza. Por enquanto, estamos com sorte.

— Por quê?

— Porque um vento como este agitaria demais a água, mas o mar está liso como gelo. O vento está bem firme. Se não estivesse, iria criar ondas com cinquenta metros de altura. E a popa não está muito longe da água — acrescentou ele, olhando para a linha da água, menos de meio metro abaixo do topo do leme.

— Deixe-me tentar soltar a vela de contravento — pediu Holman.

— Não — ordenou Asbury. — Eu cuidarei disso. É perigoso demais para você se mover... — Mas, antes que conseguisse terminar essa sentença, o jovem Holman, com apenas vinte e um anos e uma constituição relativamente frágil, começou a rastejar rumo à proa do veleiro. Asbury o chamou para que voltasse, mas ele não obedeceu. Continuou a avançar, centímetro por centímetro, resistindo à força do vento como um homem que está tentando manter sua posição no meio de uma corredeira.

— Corte a corda para soltá-la — gritou Asbury.

Embora as palavras fossem arrancadas de sua boca e jogadas para a frente, Holman não teve chance de ouvi-lo. Com um pé firmado ao redor do rebordo do mastro principal e o outro contra uma manivela, ele começou a desenrolar a corda da vela.

— Corte-a! — gritou seu irmão, sem sucesso. — Corte-a!

Quando o cabo começou a soltar fumaça devido ao forte atrito, Holman percebeu que estava sentado no alto do rolo de corda. Ele se ergueu um pouco para se afastar, o vento o apanhou e o jogou com força contra o mar.

Asbury jogou uma boia para estibordo e começou a desenrolar a corda. Depois que todos os trinta metros passaram por suas mãos e ao perceber que Holman ainda não havia emergido, ele soltou a ponta da corda, na esperança de deixar algo para que seu irmão conseguisse se agarrar.

Logo depois, Asbury ficou abismado ao ver que Holman ainda estava ao seu lado, com metade do corpo fora da água e a outra dentro, sobre o flanco de estibordo, segurando-se na corda da vela

de contravento. Seu corpo era jogado repetidamente contra o mar. Às vezes era erguido a quinze ou vinte metros no ar, e atirado novamente contra a água quando a vela chicoteava em meio à tormenta.

Com a intenção de desamarrar a vela e puxar seu irmão de volta para o barco, Asbury correu para a proa. Mas o vento tirou-o do chão e jogou-o com força contra o mastro principal. Com a visão escurecida e metade da sua força arrancada, Asbury ainda conseguiu soltar a faca que trazia consigo. Cortou o cabo da vela. Mas, em vez de baixar a roldana da vela, como normalmente aconteceria, ela começou a tremular de maneira ainda mais errática.

Enquanto tentava decidir o que fazer, Asbury olhou para a ponta da vela e percebeu que Holman a soltara. Em seguida, a vela de contravento voou pelos ares e caiu sobre a superfície da água. Olhou por entre o sangue que coagulava sobre seus olhos, mas, mesmo que pudesse enxergar, não conseguiria ver Holman, que desaparecera sob a água. Estava determinado a dar a volta, mesmo que isso lhe custasse a vida.

Escorregando sobre seu próprio sangue, Asbury foi até o timão. Quando alcançou o leme, deixou-se cair sobre ele e agarrou-se com firmeza. Sua mão ficou grudada nele devido ao sangue que estava por toda parte. — De onde está vindo isso? — perguntou ele em voz alta, porque havia sangue no vento, em gotículas quentes que, no início, ele pensou serem chuva. Mas era o seu sangue, jorrando de uma artéria no seu couro cabeludo. Ele tentou estancá-lo com a mão, e o sangue esguichou por entre seus dedos.

Ao decidir dar meia-volta, mesmo que aquilo provavelmente acabasse por quebrar o mastro, ele apoiou o peso contra o leme e o empurrou com força. Mas a única coisa que aconteceu foi a traseira do veleiro girar na água, continuando a seguir a trajetória anterior como se fosse uma isca de pesca flutuante. Como não havia mais nada a fazer, Asbury segurou o leme até que sua força o abandonou e ele desabou sobre as tábuas do convés. Tentou se levantar, mas não conseguiu. Pressionou o ferimento contra uma das balizas da

armação do casco, tentando estancar o sangramento. A última coisa de que se lembrou foi o som do vento.

Quando acordou, sentia um frio desesperador. Embora não estivesse muito ao norte e ainda fosse o mês de junho, a noite já caíra sobre o mar e ele estava ferido. Pensou que seu pescoço ficaria paralisado para sempre na posição retorcida em que se apoiara contra a baliza do casco, e não conseguia abrir os olhos. Como alguém que fica acordado a noite inteira no frio em vez de se levantar para buscar mais um cobertor, ele continuou naquela posição desconfortável por muito tempo, vários minutos, talvez horas, até estar alerta o suficiente para compreender que os movimentos suaves e variados do barco indicavam ondulações pouco elevadas. O som do vento inclemente havia desaparecido, deixando em seu lugar o gorgolejar familiar da água salobra misturando-se no fundo do casco, e os rangidos das cordas que gemiam como árvores no outono.

Para conseguir se livrar, ele rolou sobre o próprio corpo até ficar deitado de lado, e, embora suas costelas batessem contra a âncora, ele percebeu que o ato de mover-se havia lhe feito muito bem. Moveu-se o máximo que pode. Depois de tirar o sangue ressecado de cima das pálpebras, ele abriu os olhos. Conforme sua circulação se restabeleceu e Asbury se sentiu mais quente e menos rígido, ele olhou para as estrelas e percebeu que a noite já ia longe. Provavelmente já eram quatro horas da manhã.

Presumindo que não havia dormido durante um ciclo inteiro de noites e dias, ele calculou que Holman estava no mar há pelo menos dezesseis horas, a cerca de quinhentos quilômetros de distância. Sem o benefício de um vento rebelde como aquele que os havia impulsionado, Asbury não tinha esperanças de conseguir voltar até o local aproximado, onde seu irmão caíra na água em menos de três ou quatro dias.

Como estavam navegando ao longo do litoral, não trouxeram consigo nenhum outro instrumento de navegação além de uma bússola. Asbury não conseguiria saber onde estava, exceto por

estimativas e cálculos improvisados e o seu instinto, que lhe dizia para virar a oeste-noroeste para encontrar o sinal de terra mais próximo. Ele vestiu um blusão e a jaqueta de couro de Holman. Ainda sentia frio, mas sabia que o sol não tardaria a nascer. E terminou de comer um sanduíche de rosbife e uma maçã que sobraram do almoço do dia anterior. Ao se preparar para o longo percurso, ele comeu também o miolo da maçã. Considerou também se devia comer o caule, mas rejeitou a ideia. Se tivesse de começar a comer madeira, havia uma boa quantidade dela a bordo.

Por mais que se sentisse arrasado por perder seu irmão, o curso firme sob as estrelas começou a produzir sua mágica. Se o céu noturno não estivesse claro, a manhã demoraria muito mais para chegar; assim, ela chegou bem rápido, e viajar em linha reta por cima de um mar brilhante, no qual ele podia ver um rastro de estrelas, o fez reviver.

Deslizando sobre o mar negro como petróleo, sob estrelas tão imóveis e solenes que poderiam decorar a cúpula de uma catedral, Asbury começou a perceber para onde estava indo, e por que motivo. Foi algo que ele só conseguiu entender com as dádivas que chegam no início da manhã — aquelas coisas cujas peças, como um sonho, as pessoas são incapazes de juntar outra vez para se lembrar e sentir durante o dia, sob a luz do sol. Mesmo assim, acordar cedo repetidamente e deixar o coração e a memória se ocuparem dessas tarefas acabará por trazê-las à tona, ainda não totalmente vivas, de profundidades desconhecidas como um peixe que resfolega lentamente, jogado no convés do navio, com olhos cansados que imploram pelo mar.

Ninguém sabia a idade do avô de Asbury Gunwillow, mas ele afirmava ter mais de cento e setenta e cinco.

— Acho que tenho... — dizia ele — Acho que tenho cento e setenta e cinco ou cento e oitenta. Quando a Guerra Civil começou, eu havia acabado de comprar a parte do meu sócio em uma loja de secos e molhados em St. Albans, Vermont. Durante a guerra, levei

todo o meu estoque para Nova York e me estabeleci ao lado dos estaleiros da marinha, no Brooklyn. Fornecíamos produtos para os estaleiros quando eles construíram os couraçados. Quando Lincoln foi morto, o nosso depósito ocupava um quarteirão inteiro.

Em seguida, ele olhou para o teto, e seus olhos cinzentos e cabelos brancos e delicados ficaram iluminados pela luz que entrava pelas janelas, e sua expressão se transformava em descrença e confusão.

— Como eu posso ser tão velho? — perguntou ele. — Ninguém vive tanto assim. Além disso, não tenho certeza de como o tempo passou. Mas eu me lembro, por exemplo, de onde moramos durante a guerra.

— Qual guerra? — perguntou Asbury.

— Não me lembro. Nossa casa ficava no meio da cidade, em uma colina que tinha vista para o Atlântico, para as terras altas do Hudson, as Ramapos, as Palisades... eu conseguia ver tudo isso quando estava naquela casa. Podia ver milhares de crianças brincando em centenas de parques. Eu os via nos balanços e nos escorregadores. Eu podia ver os botões em seus casacos. Eu via barcas e navios no rio, e eu sabia para onde estavam indo, o que estavam transportando e quando iriam chegar. Eu podia ver cada escritório, casa e porão da cidade, e nem mesmo um narciso recém-colhido posto em uma garrafa de água sobre o peitoral de uma janela podia se esconder de mim. Eu espiava todos os jardins, sobre os ombros de donas de casa que cantavam, as salas de reuniões, hospitais e teatros. Eu sabia exatamente o que estava acontecendo na bolsa de valores e o que ocorria nas saunas a vapor de Staten Island. Mas como? — perguntava ele, duvidando de si mesmo. — Não sei. Mas é verdade. É como voar em um balão em um dia claro de verão, observando tudo.

— Nos dois lados da nossa casa, como as dragonas douradas sobre os ombros dos porteiros, havia labirintos feitos com cercas-vivas, com portões que deixavam uma pessoa entrar, mas não sair

deles. Cada um tinha vários quilômetros de passagens, e as folhas das cercas-vivas eram tão densas que era impossível disparar uma bala por elas e esperar que atravessasse as folhagens. Uma sacada que ficava de frente para o norte era suspensa por cabos. Dava a sensação de ser um lugar arejado, e nós nos sentávamos ali após o jantar para tomar chá. O cachorro dormia no canto, em sua própria casa especial sob um toldo verde, porque o lugar era muito fresco no verão. Dê um lugar fresco a um cachorro no verão e um lugar quente no inverno, e ele passará o resto da sua vida dormindo. A sacada ficava de frente para o norte. Toda noite, sob as luzes do norte, os rios eram incrivelmente azuis... você é o meu filho?

— Não, vovô. Sou seu neto.

— Qual deles?

— Sou Asbury.

— Do que estávamos falando?

— De Nova York.

O velho olhava para a frente, sem qualquer expressão nos olhos.

— É exatamente isso que estou dizendo.

— O que o senhor está dizendo?

— Você deveria ir para lá.

— Por quê?

— Agarre-a antes que seja tarde demais. Os motores.

— Que motores?

— Todos eles. Estão todos ajustados para tocar um único som. Estão se afinando, eu acho. Ainda não está perfeito, mas é música. Um deles vai liderar. Os outros seguirão, e este será o dia.

— Desculpe, vovô — disse Asbury. — Não entendo exatamente o que o senhor diz.

— Do que estamos falando?

— Dos motores.

— Ah, os motores. O que você quer saber sobre eles?

— O senhor disse que eles estão ajustados para tocar um único som.

— Foi o que eu disse. Eles estão sentados ali, em silêncio, como cães, olhando para todas as direções. Alguns estão abandonados no escuro, alguns estão enferrujando e envelhecendo, e outros são bem cuidados. Mas não importa. Eles têm alma.

Asbury parecia estar chocado. Seu avô continuou:

— Alma. Cada um deles tem sua alma. Eles se movimentam, não é? Quem você acha que faz as coisas se moverem? Tudo o que se move tem uma alma. Eu deveria saber. Sabia que, num rebanho de ovelhas, sempre há uma com uma sineta presa ao pescoço e que conduz o restante dos carneiros? É a mesma coisa com os motores. Sempre há um motor que assimila os intervalos quando passam por ele, e os replica com exatidão. Em seguida, todos os outros fazem o mesmo.

— Se eu fosse jovem como você, eu mesmo iria até lá — disse ele. Em seguida, teve um acesso de tosse. Ficou com a pele arroxeada muito facilmente, mas rapidamente retrocedeu para um tom azul, e finalmente respirou aliviado, branco outra vez. Asbury perguntou-se como o velho podia inalar e exalar apenas algumas poucas vezes por minuto. O neto deve ter feito aquela pergunta em voz alta, pois, quando seu avô estava recomposto outra vez, disse: — Porque não preciso de oxigênio. Já alcancei todas as minhas conclusões. Estou voando, e estou cada vez mais baixo. Algum dia eu serei leve como uma pena. Prometa-me.

— Prometer o quê?

— Vá a Nova York.

Asbury prometeu. Mas, até o dia em que o vento o apanhou, ele se esqueceu do que havia prometido.

Agora, após alguns dias ensolarados do mar, ele estava cercado por um ribombar grave que imaginava ser a batida trovejante do coração da cidade, e ele não tinha mais dúvidas sobre qual cidade era aquela.

Hardesty Marratta e Virgínia se apaixonaram de maneira obsessiva e total: duas pessoas que viram a mesma verdade e não conseguiam compreendê-la totalmente. E, embora os tempos não fossem tão promíscuos quanto algumas décadas antes, ninguém se incomodaria com o fato de que eles passaram a morar juntos (o apartamento de Virgínia mal comportava os três) ou mantinham uma espécie indecisa de relacionamento que, como muitos outros da sua espécie, era composto de partes iguais de escândalo e hesitação. Mas não era assim com eles. Cortejaram-se quase como seus pais o fizeram. Talvez fosse pelo fato de que, exceto quando eram muito pequenos, Hardesty não conhecera a mãe e Virgínia não conhecera o pai. Foram criados com descrições carinhosas e ouviram as histórias dos primeiros encontros de seus pais, contadas nos termos mais lisonjeiros. E talvez fosse pelo fato de Virgínia não ter tido sucesso em seu casamento e ainda estar desconfiada em relação às visões, mesmo que fossem as suas. Por outro lado, Hardesty, que fora levado duas vezes para a guerra em sua vida, já sofrera com o alistamento forçado duas vezes. Qualquer que fosse o motivo, a paixão entre eles se desenrolou em uma onda longa e tranquila, e eles se cortejaram, lentamente, calmamente, durante todo o inverno severo que seguiu o primeiro encontro entre eles.

Hardesty morava no sótão de uma casa na rua Bank. O telhado tinha as laterais inclinadas, e ele precisava se curvar para passar pelas portas, mas o bairro era tranquilo e tudo o que ele conseguia ouvir, além do vento e da neve, era o som dos sinos que tocavam pelos quintais e jardins enquanto as igrejas marcavam pacientemente as horas, suas metades e seus quartos. Gatos e esquilos executavam saltos prodigiosos e equilibravam-se sobre os cabos telefônicos em uma demonstração de caça e fuga que envergonhava até mesmo os maiores circos. Quando um gato

caminhava pela neve, ele se movia como uma rainha exilada, a epítome da cautela e do orgulho. Certa vez, um gavião surgiu brevemente no quintal, mas apenas por tempo suficiente para olhar debaixo de cada uma das suas asas e posteriormente se erguer ao céu. O ar ficava frequentemente tomado pela neve ou pela fumaça da queima de madeiras de cheiro adocicado que escureciam as coisas e, de alguma maneira, agia sobre o tempo, suspendendo-o. E, quando a noite caía cedo, com sua luz azulada e tingida pela neve, o mundo se parecia como aquele lugar tranquilo retratado em pesos de papel feitos de vidro e preenchidos com confete e água.

Todas as tardes, quando o *The Sun* era posto para dormir, Hardesty ligava para Virgínia de um telefone público (nenhum deles tinha seu próprio telefone em casa, acreditando que tal extravagância era um desperdício de dinheiro). Discutiam o que haveria no jantar, e, mais tarde, enquanto andavam por caminhos opostos rumo ao apartamento de Virgínia, compravam os ingredientes nos mercados e lojas que havia pelo caminho. Às vezes, se Virgínia estava trabalhando até tarde ou se Hardesty terminasse seu expediente mais cedo, ele ia até Printing House Square para encontrá-la, e os dois voltavam para casa juntos. Na maior parte das vezes, entretanto, Hardesty fazia uma caminhada solitária pela avenida Greenwich ao cair da noite. Pensava que não havia rua mais bela que aquela na cidade. Sempre que passava pelo hospital St. Vincent, imaginava estar dentro de um belo romance literário russo. Suas paredes altas e as enormes janelas iluminadas falavam sobre coisas eternas; e, sentados ao lado de estagiários tímidos em restaurantes locais com fornos a lenha e guirlandas feitas com ramos de pinheiro, havia pessoas endinheiradas e vestidas na última moda, que pareciam, em comparação, ser incrivelmente vazias. Como poderiam evitar aquilo? Os estagiários traziam consigo as verdades da morte e dos moribundos, e quando atravessavam a neve que cobria a rua, não se livravam da estranha melancolia do seu ano terrível e das noites que passaram sem dormir.

Embora se sentisse obrigado a executar a tarefa que seu pai projetara para si em São Francisco, Hardesty continuou onde estava, sentindo-se preso ao lugar por atrações poderosas e responsabilidades satisfatórias. Pensar em deixar Virgínia para trás lhe entristecia mais do que ele imaginava ser possível. Pela maneira como as coisas deviam acontecer, ele teria de traí-la. Realmente a amava, mas ela não estava disposta a atravessar o Atlântico com ele ou qualquer outra pessoa, depois de ter feito sua jornada de trenó rumo ao Canadá. Até o momento, ela conseguira mantê-lo por perto com sucesso. Além disso, ele tinha um emprego.

Praeger de Pinto encontrou nele não somente uma pessoa com quem tinha afinidade, mas algo melhor — um concorrente. Praeger nunca tinha certeza do que Hardesty pensaria sobre o que o próprio Praeger estava pensando antes que o assunto fosse discutido, e, apesar do que isso implicava a respeito de Praeger, ele considerava essa característica de Hardesty um talento magnífico. Conversou várias vezes com Virgínia a respeito de Hardesty, porque queria contratá-lo. Mas não sabia qual cargo escolheria para ele; pensava que talvez pudesse empregá-lo como articulista político, ou um repórter destacado para bairros específicos, pois descobriu que Hardesty falava italiano. Além disso, queria que Hardesty pedisse o emprego. Numa tarde de sábado, eles se encontraram por acidente em uma lagoa congelada no Brooklyn, onde as pessoas estavam patinando.

O lugar era famoso por ter uma vista que comprimia toda a Nova York em seu horizonte de maneira perfeita, de modo que alguém poderia alinhar o cano de um rifle com uma longa avenida e vê-la como se estivesse retratada em uma pintura a óleo. Sentados em bancos abarrotados de gente em um prédio amarelo e retangular com fogões de lenha e janelas voltadas para Manhattan, Praeger, Virgínia e Hardesty bateram seus patins contra o chão para livrá-los das raspas de gelo e, em seguida, observaram preguiçosamente a paisagem sob o ar de doze graus negativos.

— Queria saber o que é aquela torre estranha — dissera Praeger, quase para si mesmo, referindo-se a um campanário mouro feito de pedras rosadas. E, para sua surpresa, Hardesty sabia o que era.

— Aquela é a torre Clive — explicou ele. — Foi construída em 1867 por John Clive, em homenagem ao seu filho, que morreu em Mobile Bay. — E Hardesty prosseguiu com o discurso sobre o lugar que ocupava na cidade, sua relação com a história da arquitetura e os engenheiros e arquitetos que a construíram.

Praeger perguntou sobre outros prédios. Hardesty conhecia a maioria deles, e, sem demora, as fagulhas que Praeger plantara se transformaram nas chamas de uma aula de história, arquitetura, poesia e trovões — um retrato da cidade a partir da lagoa de patinação que deixou admirados Praeger, Virgínia e o próprio Hardesty. Somente quando viram um grupo de garotos das redondezas jogando hóquei sob a luz de tochas foi que perceberam que já havia escurecido.

— Como é que você sabe de tudo isso? — perguntou Praeger.

— Estive lendo e caminhando muito pela cidade.

— O que você fazia em São Francisco?

— Não fazia muita coisa — confessou Hardesty. — Eu estava descansando depois de sair do exército. Descansei por um ou dois anos. Mas, quando voltei pela primeira vez, estudei e obtive um doutorado em História da Arte e Arquitetura. Provavelmente é isso que você quer saber.

— Para mim não faz diferença, desde que você saiba do que está falando — afirmou Praeger. — Por que não escreve alguns artigos para o *The Sun* e o *The Whale*? Se forem tão bons quanto essa curta dissertação sobre a civilização ocidental que acabou de fazer, você pode ter uma coluna regular.

— Marko Chestnut pode ilustrá-la — acrescentou Virgínia.

— Veja bem — começou Praeger, virando-se para Hardesty, porque sabia o que Virgínia já sabia. — O *The Ghost* tem uma

seção de arquitetura: a seção trinta e nove, às segundas e sextas-feiras. Mas é uma página sobre personalidades. Por exemplo, eles publicaram recentemente um artigo sobre um personagem, acho que seu nome era Ambrosio D'Ubervilles, cuja "declaração de design" foi encher um apartamento inteiro, do chão até o teto, com chumaços roxos de algodão. Ele o chamou de "Retrato de um Camelo Morto Dançando no Telhado de Uma Sauna".

Praeger continuou:

— Se quisermos competir com eles, temos de fazer como se eles fossem algo diferente daquilo que são. Para evitar sua influência, temos de fingir que eles não existem. Para não sentirmos o efeito de espelhamento, temos de lutar contra eles como se fossem adversários realmente sérios. Isso demanda muita imaginação da nossa parte, e os coloca em um patamar superior. Mas Harry Penn não aceitaria fazer isso de qualquer outra maneira. E, hoje em dia, eu também não.

— Entendo — declarou Hardesty, com o som dos fogões a lenha castigando seus ouvidos como uma insolação. — Eu li aquela coisa sobre o camelo dançando no telhado.

Enquanto as tochas dos jogadores de hóquei voavam sobre o gelo noturno sob o brilho dos paredões iluminados, Hardesty disse ao editor do *The Sun* que tentaria retratar a cidade da melhor maneira possível.

Em uma semana, Hardesty e Marko Chestnut começaram a andar pela cidade em busca de lugares construídos para abrigar e guardar o espírito. Não eram difíceis de encontrar, porque existiam literalmente às centenas de milhares, de Riverdale a South Beach, e de Riverside Drive a New Lots. Às quintas-feiras, o *The Sun* publicava os textos de Hardesty em duas páginas inteiras. No centro de cada página havia um enorme desenho em nanquim feito por Marko. Dava aos leitores do periódico uma vista aérea do Brooklyn; estava ali, aberto à sua frente como uma águia de asas estendidas tentando comer a ostra de Staten Island. Mostrava-lhe o caos da rua

Quatorze, as chaminés de Astoria, seções prateadas do East Side, o Gramercy Park, tão enevoado quanto um jardim inglês, e as torres douradas de Manhattan vistas a partir de Weehawken ao pôr do sol, quando a cidade de vidro queima como uma estrela no espaço. Quanto mais descobriam, mais conseguiam encontrar, e fizeram muito pelo *The Sun*.

Mas tudo isso deixou Hardesty cada vez mais impaciente em sua busca pela cidade justa. Ele decidiu suplantar todos os seus sentimentos e inclinações e tomar um barco rumo à Europa. Embora amasse Virgínia, amando-a ainda mais do que a responsabilidade que sentia em relação ao seu pai, havia outra coisa além dos dois que o impelia, também. Seu poder o espantava e fazia-o pensar nos homens que deixam suas famílias para ir à guerra. E, agora, estava prestes a mudar, a trocar o calor pelo vento frio por causa de algo que não era seu. E aquilo lhe falava, vindo de um tempo tão distante que ele precisava admirá-lo, mesmo que fosse meramente por sua tenacidade. Era errado partir, e ele sabia disso. Mas estar errado, por si só, era uma coisa. Estar errado na busca por uma cidade perfeitamente justa era outra.

Ele contou seus planos a Virgínia no dia 1º de junho, e aquilo a pegou completamente desprevenida. Ela chorou muito, e em seguida o atacou. Tentou puxar seu cabelo e conseguiu lhe acertar um soco ou dois. — Saia daqui! — gritou ela, enfurecida. Quando ele conseguiu sair, ela bateu a porta e a trancou, e Hardesty ouviu um soluçar que lhe partiu o coração. Depois disso tudo, ele foi incapaz de simplesmente bater na porta e voltar a entrar na casa. Assim, comprou uma passagem num navio que partiria em breve e voltou para o seu sótão, amaldiçoando o verão.

No dia em que Hardesty saiu de Nova York, tomou um táxi para atravessar a cidade e chegar até onde o transatlântico estava ancorado. Era o início de uma manhã de domingo, no começo de junho, e o tempo estava perfeito. Embora o dia estivesse fresco, sereno e azul, não havia ninguém nas ruas além do sol. Ao passar por Chelsea, Hardesty ouviu uma ária no rádio do taxista que

parecia vir dos prédios à sua volta, com seus quintais abandonados, e das almas dos seus habitantes. O amor que sentia por Virgínia Gamely não podia ser maior, e ele se perguntou se aquilo que presumia estar a uma enorme distância estava presente naquela cidade — ou até mesmo na própria Virgínia, se o futuro se mostrasse suficientemente justo e imaginativo para se refugiar em uma única alma. Se fosse assim, então ele estaria fazendo a coisa errada. No meio da execução da ária, ele viu uma figura familiar atravessando a rua Hudson, com um cavalete sobre o ombro e uma caixa de potes de tinta a óleo sobre o braço.

Marko Chestnut estava retornando à sua casa após pintar o Hudson no início da manhã, quando a luz era melhor e as gangues de assaltantes estavam começando a ir para a cama. O Hudson era mil rios, mudando com cada variação da luz — suave ao alvorecer, encrespado ao sabor dos ventos do outono, azul-royal sob um céu vazio, coberto por gelo branco, verde e cinza nas tempestades de inverno e um lago montanhês coberto por névoas em agosto. Mas Marko Chestnut preferia as manhãs de verão, com sua luz forte e indissolúvel.

Hardesty pediu ao taxista que encostasse o carro. Saltou do veículo e gritou para chamar o amigo, que sempre estava alerta, porque frequentemente era atacado quando pintava ao ar livre. Marko começou a correr.

— Sou eu! — gritou Hardesty.

— Achei que você já tivesse ido embora — disse Marko, semicerrando os olhos por trás dos óculos.

— Estou a caminho do porto. Que horas são agora? O navio parte às oito.

Marko Chestnut hesitou, olhou para o seu relógio e respondeu:

— São sete horas. Por que saiu tão cedo? O atracadouro do Rosenwald fica somente a três quarteirões daqui.

— Não achei que fosse tão cedo.

— Já comeu?

— Não.

— Vamos até o Petipas para tomar café — sugeriu Marko Chestnut. — De lá, podemos ir a pé até o navio.

Os dois tomaram o café da manhã no jardim do Petipas, observando os pássaros nas cercas-vivas iluminadas pelo sol dos muros do jardim e escutando os apitos dos navios ecoando pelos penhascos que margeavam o Hudson.

— Como você foi capaz de abandonar uma mulher como Virgínia? E por quê? Você sabe que ela foi abandonada uma vez, por aquele canadense lunático. Qual era mesmo seu nome? Boissy d'Anglas?

— Eu sei — respondeu Hardesty.

— Não é justo com ela. Não é justo com você. É errado. Como sou viúvo, talvez eu saiba de coisas que você não conhece. Mas permita-me dizer uma coisa: você é um idiota. Você está jogando fora a mais preciosa... pelo amor de Deus, será que eu preciso mesmo lhe explicar?

— Não.

— Então, por que não fica aqui?

— Não posso — sussurrou Hardesty. — Por causa do meu pai.

O apito de um navio rasgou o ar.

— Isso é o Rosenwald? — perguntou Hardesty.

— Pode ser — respondeu Marko Chestnut. — Mas, se for, já deve estar descendo o rio. Já são 8h20. — E sorriu.

— Seu filho de uma puta! Vou me lembrar disso! — esbravejou Hardesty com um olhar ameaçador.

— Você ainda vai me agradecer — declarou Marko Chestnut confiante.

Os dois saíram correndo do restaurante. Esforçando-se para conseguir carregar seu cavalete, Marko Chestnut derrubou mesas e cadeiras e quebrou várias peças de louça. Hardesty parou um táxi e correu para o sul. Marko Chestnut fez o mesmo. Os dois táxis chegaram a Battery Park simultaneamente, e os turistas não entendiam o que estava acontecendo enquanto Hardesty e Marko Chestnut (carregando seu cavalete e as tintas) correram até a parte sul do calçadão, xingando-se mutuamente, aos gritos. Elegante como um almirante da marinha em um novo uniforme branco, o Rosenwald já jogava aos ares uma longa nuvem de vapor, e sua proa alta havia acabado de passar por Liberty Island. Hardesty começou a desatar os sapatos.

— De que adianta nadar? — questionou Marko Chestnut. — Um navio como aquele navega a vinte nós.

— Você tem razão, e a água está gelada. Não espero conseguir alcançá-lo. Mas vou tentar, caso ele pare. O que eu tenho a perder, com exceção de um pouco de calor corporal?

Ele mergulhou no rio e começou a nadar. Para surpresa de Marko Chestnut, um minuto depois que Hardesty saltou, o Rosenwald cuspiu uma nuvem de fumaça preta e ficou imóvel sobre a água.

Os oficiais do navio holandês Rosenwald ficaram lisonjeados com o fato de Hardesty valorizar tanto os seus serviços a ponto de mergulhar no líquido imundo que se passava por água no ancoradouro de Nova York. Eles o pegaram em algum lugar perto dos motores e o colocaram sob um chuveiro escaldante, e, em seguida, o médico do navio lhe aplicou dez injeções. Logo depois, o mordomo-chefe lhe trouxe um galão de caldo de carne. Ele teria recusado o convite para jantar na mesa do capitão naquela noite se não estivesse usando o roupão de veludo com a cor de safiras do próprio capitão, e que continha também o brasão real da Holanda bordado no bolso. É difícil, pensou ele, recusar o convite da pessoa que lhe emprestou o roupão que você está usando.

Quando Hardesty finalmente conseguiu voltar ao convés, avistou Nova York enquanto a cidade recebia o sol cada vez mais forte. Parecia uma joia reluzente. Nada que tivesse proporções humanas poderia ser identificado em meio aos quarteirões e às torres. Mas uma cúpula ocasional, ou a curva graciosa dos estais de uma ponte, indicavam a escala dos penhascos envidraçados, e lembravam a Hardesty que, dentro e ao redor deles, as pessoas gritavam e cantavam, pianos tocavam e os dançarinos dançavam. Virgínia estava ali, em algum lugar, cuidando dos seus afazeres sob a luz do sol do verão. Não muito longe, rio acima, florestas recém-despertadas repousavam entre campos verdejantes e as montanhas azuis. Aqui e ali, fogueiras acesas no início do verão para limpar os galhos caídos no chão das florestas erguiam plumas de fumaça que pareciam ascender tão lenta e cuidadosamente quanto alpinistas.

Era difícil sair de Nova York pelo mar no verão. Hardesty imediatamente começou a sentir falta da cidade, onde as avenidas sem fim saltavam sobre os rios em pontes que habitualmente esbarravam nas nuvens, e onde a história e o futuro pareciam correr lado a lado em choque e desordem. E ele sentia saudade de Virgínia. Sentia tanta saudade dela que pensou em pular sobre a amurada do navio e nadar até Long Island, embora a água estivesse fria demais para que ele conseguisse o seu intento. Ele percebeu, também, que fazer aquilo provavelmente seria considerado excêntrico, especialmente devido ao modo como chegara a bordo. Além disso, seu corpo provavelmente seria retalhado pelas hélices dos propulsores; suas roupas estavam sendo lavadas e passadas, e isso significava que, mesmo que sobrevivesse, ele seria forçado a andar nu quando chegasse à terra firme, ou nadar quinze quilômetros usando um roupão de banho roubado. Seu desejo de abandonar o navio foi interceptado por esses aspectos pouco práticos, até que ele avistou o que havia no caminho do Rosenwald.

Os passageiros achavam que era apenas um trecho coberto pela névoa. Confiaram sua segurança e conforto à empresa Vergeetachtig Oester e presumiam que seus oficiais e representantes os levariam através da névoa. Mas os oficiais não

estavam muito confortáveis com o que viam na frente do navio. Trechos de névoa não se elevavam até o céu. Também não se estendiam sobre o mar por cinquenta quilômetros em cada direção, tão espessa quanto os bastões medidores de platina do Departamento de Fiscalização de Budapeste. E também não costumavam ondular, trovejando como tambores em uma fanfarra.

A ponte de comando estava bastante agitada enquanto o capitão decidia se daria a volta e observaria aquela força da natureza em ação, ou se manteria o curso e rasgaria a névoa para ultrapassá-la. Hardesty foi até a ponte de comando para observar a situação mais de perto. Não eram nuvens de tempestade, e sim uma vasta muralha branca que lustrava o mar em sua base até deixá-lo quase invisível. Seus trovões histéricos pareciam ser uma discussão horrível entre alto-falantes e buzinas elétricas. Conforme o Rosenwald se aproximava, a enormidade da muralha ficou cada vez maior, até se tornar avassaladora.

Apesar de todos os seus anos de experiência no mar e todos os instrumentos eletrônicos que estavam apontados para a muralha de nuvens, eles não sabiam o que era aquilo. Mas Hardesty sabia; e isso fazia com que a decisão de deixar Virgínia para trás perdesse a importância, porque significava que havia a possibilidade de ele nunca mais retornar para ela. Virgínia lhe falou sobre a muralha de nuvens em várias ocasiões, e ele mesmo a havia atravessado, embora estivesse dormindo profundamente no *Polaris* enquanto os tetos dos vagões eram lustrados por uma nuvem de esmeris brancos disfarçados como a fúria do inverno. Como Virgínia poderia saber sobre aquilo? Era um mistério. Provavelmente, sua mãe lhe falara.

Hardesty não estava disposto a desaparecer em meio a um tempo indeterminado. Afinal, se Virgínia estivesse certa, o Rosenwald podia passar uma eternidade ali, ou apenas um segundo, e emergir para atordoar os índios Iroqueses, ou chegar a um futuro que era incapaz de compreender. E, se o Rosenwald e as pessoas a bordo retornassem algum dia, ninguém além dos que fizeram a travessia

acreditaria neles, e os tripulantes e passageiros seriam condenados a uma vida de silêncio ou loucura.

Em sua juventude, Hardesty pensara na proeza de saltar de um navio em movimento. Era uma ação complicada, que poderia ser letal por conta do movimento das hélices e da probabilidade de elas atraírem para si as coisas que flutuavam nas proximidades. Após pensar cuidadosamente, Hardesty decidira que a sua melhor chance seria saltar do navio em um ângulo de quinze graus relativos ao seu eixo longitudinal, com alguma espécie de peso, para diminuir a possibilidade de ser arrastado para as pás. Seu pai também analisara o problema: — Quando você afunda seis metros — acautelara ele —, é necessário comprimir o corpo como se fosse uma bola, para diminuir a área da sua superfície. Assim, você reduz o arrasto e a probabilidade de ser empurrado para o vácuo criado pelas hélices. Não se esqueça de largar o peso quando chegar a seis metros de profundidade. O oceano é muito profundo, como você sabe.

O capitão do Rosenwald decidiu avançar como se a muralha fosse apenas um nevoeiro comum. Quando a proa estreita do navio penetrou no penhasco branco, Hardesty correu pelo convés principal rumo à popa, tentando escapar. Resignados e cheios de expectativa, exibindo os sorrisos e as expressões proféticas daqueles que assimilaram a existência de um mundo melhor, os passageiros foram engolidos junto com a superestrutura do navio, que já havia desaparecido até a metade. Quando a muralha tocou o calcanhar de Hardesty, ele sentiu um prazer arrebatador espalhando-se por todo o seu corpo — não o tipo de sensualidade que rouba e queima a alma, mas algo mais elevado e extasiante, que ele sabia que podia levá-lo para muito longe. Ainda assim, tudo dentro de Hardesty lhe dizia que a cidade era melhor. Ele mal a conhecera, tampouco sentira sua energia escandalosa. Suas torres, pontes e cúpulas, o rio ao meio-dia, a vida que havia nela; tudo estava ali para ser tomado. E, também, havia Virgínia.

O movimento do navio era impressionante, mesmo para um transatlântico holandês que tinha a reputação de ser muito veloz. A poucos centímetros da muralha, Hardesty agarrou um balde de incêndio cheio de areia para usar como o peso que o manteria longe das hélices. A espuma branca cercou uma de suas pernas, enfraquecendo-o com o êxtase. Ele se desvencilhou e continuou em frente. Quando subiu na grade da popa, a nuvem envolveu metade do seu corpo em uma felicidade imensa. Ele poderia ter cedido, se a gravidade não o empurrasse rumo às ondas que arrebentavam silenciosamente no espaço invisível sob a muralha.

O Rosenwald desapareceu. Hardesty logo estava debaixo da água, prendendo a respiração, temendo soltar o balde — nem tanto pelo medo de ser puxado para as hélices, mas porque temia ser engolido por aquilo do qual acabara de escapar. Ele afundou cada vez mais em um mar verde e congelante, frio o bastante para ser quase gelatinoso, uma areia movediça da cor das esmeraldas.

Hardesty soltou o balde e começou a flutuar para a superfície. Suspeitava de que talvez houvesse imaginado a muralha voraz de nuvens, e imaginou o que os outros passageiros pensaram quando, vestindo o roupão de banho azul do capitão, ele correu pelo convés, agarrou um balde para controlar incêndios e saltou por cima da amurada. Em seguida, ele surgiu na superfície da água. Não havia nem navio nem muralha de nuvens à vista. Ele estava sozinho, longe da terra, em um mar muito frio.

Naquela noite, enquanto as luzes se acendiam nos prédios e nas pontes, Asbury Gunwillow guiava seu pequeno veleiro por cima das águas castanhas do estuário. Estava abismado com a diversidade do tráfego que havia entre as muitas ilhas industriais, as desembocaduras dos rios, os canais, os estreitos e as enseadas. O porto era complicado o bastante, tanto que Craigy Binky o chamara de “polvíneo”, e Asbury poderia ter facilmente invadido a área de Jamaica Bay ou tentado lutar contra a correnteza do rio East, não fosse pelo piloto que havia recolhido.

Asbury ficou desapontado quando percebeu que a figura que flutuava em um roupão de banho — muito parecida com Ofélia em suas saias flutuantes, mas que se debatia e tagarelava demais em vez de ser tranquilo e distraído — não era seu irmão perdido, Holman. E, depois de trazer Hardesty a bordo, dar-lhe uma calça, um blusão azul-marinho e tempo suficiente para se aquecer e se orientar, esperava receber uma resposta direta quando perguntou:

— Como você chegou até aqui?

Os dois estavam muito longe da terra firme e não havia barcos por perto. Pensando que ouviria Hardesty dizer que era o maior nadador do mundo em águas frias, que seu iate de luxo havia adernado e afundado, que fora ejetado de um submarino, disparado por um canhão ou arremessado de um avião, Asbury ficou decepcionado quando Hardesty lhe disse que havia navegado até ali sobre uma bandeja de chá. Hardesty manteve sua história com uma histeria tão convincente e aliviada que Asbury não se atreveu a questioná-lo mais a fundo.

Por alguns momentos eles se envolveram num diálogo cortês, mas na região das Narrows, talvez devido à beleza das luzes da ponte ao cair da noite e à aparição súbita da cidade do outro lado da baía, falaram sobre o que os unira. Concluindo que ninguém deveria fazer ou deixar implícita uma promessa para não cumpri-la posteriormente, perguntaram-se, assim mesmo, sobre a curiosa rede de obrigações, fracassos, coincidências e eventos que pareciam ligar todas as coisas, mesmo para aqueles que pensam que são livres.

— Além das leis naturais, além do mundo que conhecemos — especulou Hardesty —, talvez haja leis de organização que nos prendam a dimensões que não conseguimos enxergar e a tarefas que não conseguimos discernir.

— Posso atestar isso diretamente — declarou Asbury. — Fiz uma promessa e não a cumpri. Anos depois, um vento forte surgiu, jogou meu irmão para fora do barco e me colocou na rota. A promessa era

ir para Nova York. Não estou surpreso. Ganhei até mesmo um piloto, de graça.

— Você pode ficar com meu apartamento, também — ofereceu Hardesty, pois planejava viver com Virgínia, se ela o aceitasse, para sempre.

Asbury aceitou a oferta, pensando que, da maneira como as coisas estavam acontecendo, examinar o lugar antes de concordar seria estupidez.

Eles deslizaram até o atracadouro da rua Morton, de onde Hardesty saiu rapidamente, como se fosse um coelho. Quando chegou à porta de Virgínia, ficou do lado de fora escutando os sons que vinham de dentro — água correndo, o bebê tentando falar, uma faca sobre uma tábua de cortar, Virgínia cantarolando para si mesma ou conversando com Martin como se ele fosse capaz de entender.

Hardesty subiu até o telhado e desceu sobre o telhado adjacente, um estábulo da polícia, de onde podia olhar o interior do apartamento de Virgínia sem que fosse percebido. Garotos chineses e italianos dos prédios vizinhos sempre iam até lá sob o pretexto de tomar ar fresco, mas a verdadeira intenção era olhar Virgínia sem suas roupas. Hardesty se compadecia daqueles desejos, mas era apropriadamente severo quando os apanhava. Agora, tudo o que ele queria era vê-la em movimento; o que ela vestia não lhe importava. Ele queria vê-la e manter aquela imagem consigo para sempre. Algum dia, no futuro, porque a amava, ele a revelaria para que Virgínia pudesse ter o prazer de observá-la. O ar frio da noite veio da direção do rio e atravessou vários grupos de condomínios. Uma árvore enorme, frondosa, com inúmeras folhas, suspirava e estremecia enquanto Virgínia se movia sob as luzes do seu apartamento, ocasionalmente passando diante de uma janela onde Hardesty conseguia vislumbrá-la. Estava queimada pelo sol e usava um vestido branco com uma faixa violeta bordada ao redor do decote. Hardesty mudou de posição e ouviu os relinchos no estábulo abaixo, conforme os cavalos notavam sua presença. Agora

ele conseguia enxergar a cozinha, e podia ouvir Virgínia lendo para Martin enquanto o jantar estava no fogão.

— Ontem chegou o navio The Arms of Amsterdam, que partiu da Nova Holanda, passando pelo rio Mauritius em 23 de setembro — leu ela. Ela lia para Martin com frequência, pois não queria que ele simplesmente vegetasse enquanto ela estivesse sentada naquilo que ele presumiria ser um silêncio misterioso, olhando para algo de papel com linhas na superfície, e, vez por outra, virando a página. Martin sempre ficava contente quando sua mãe lhe falava como se ele pudesse entendê-la, e sempre tentava conversar. Como não queria monopolizar a conversa, Virgínia frequentemente interrompia sua narrativa, fechava o livro e perguntava:

— O que você acha disso, Martin?

Ele geralmente hesitava, como se estivesse ponderando suas respostas; olhava ao redor e respondia em voz alta, coisas como “Tawiya! Tawiya!” ou “Iyama! Iyama!” com um gorgolejo infantil estridente, ao qual ela respondia pegando-o em seus braços, beijando-o e dizendo:

— Sim! Sim! Você é muito inteligente!

Agora ele parecia estar particularmente agitado, e ela se perguntava qual seria o motivo.

Virgínia prosseguiu.

— Dizem que nosso povo, lá, tem muita coragem e vive pacificamente. Suas mulheres tiveram filhos naquele lugar, e eles compraram a ilha de Manhattes dos selvagens pelo valor de sessenta guilders.

Ao terminar a passagem, ela se virou e olhou pela janela, observando a noite do verão. Ele pôde vê-la totalmente, embora ela não pudesse vê-lo. Tinha uma expressão muito entristecida, e seu rosto era adorável, emoldurado pelos seus cabelos negros e pelo fino anel de fios violeta bordados no vestido. De repente, ela baixou a cabeça e cobriu os olhos com a mão esquerda. Hardesty se

esforçou para ir para a frente na escuridão. Ela sempre dizia que queria simplesmente viver na cidade e ver o que ela lhe traria. Virgínia sempre lhe implorou para não procurar, mas para esperar.

— Homens da igreja, como Boissy d'Anglas — disse ela —, acabam incinerando a si mesmos em sua busca, e não encontram nada. Se a sua fé é genuína, então você lidará com suas responsabilidades, cumprirá suas obrigações e aguardará até ser encontrado. As coisas acontecerão. Se não acontecerem para você, acontecerão para os seus filhos; se não acontecerem para eles, então acontecerão para os filhos deles.

A bela mulher, em um vestido branco com bordas em violeta, num quarto que tinha uma bela vista para jardins e a ponte, tornara-se para Hardesty a personificação da cidade que surgia. Além disso, com ou sem uma cidade, ele a amava.

Antes que ela chorasse, ele subiria pela escada, chegaria ao telhado, desceria até o interior do prédio e chegaria à porta de Virgínia. Quando deixou o telhado do estábulo, os cavalos relincharam outra vez. Ao subir no parapeito, ele viu a cidade. Do lugar onde estava, suas luzes eram como incêndios de verão em uma planície gramada.

Lembre-se do ar suave, pensou ele consigo mesmo quando atravessou o telhado. Lembre-se do ar suave e de todas as luzes. As luzes, nunca realmente iguais, sempre em mudança, eram como espíritos distantes — aqueles que se foram para sempre, mas que não são esquecidos. E, talvez, os espíritos distantes estivessem brilhando em aprovação enquanto Hardesty Marratta atravessou o telhado em silêncio, hesitou por um momento para olhar para elas e desapareceu pela escadaria estreita.

Virgínia ouviu seus passos. De algum modo, Martin e os cavalos já sabiam. Ela olhou para cima, imaginando se seria ele. Mal conseguia respirar. Inclinou a cabeça para ouvir melhor. Hardesty perguntava-se se ela o aceitaria de volta. "Tawiya! Tawiya!", berrava

Martin quando as batidas soaram na porta, e sua mãe correu para abri-la.

O PORTÃO DO INFERNO

Quase todas as manhãs, de meados de setembro ao fim de junho, Christiana Friebourg emergia do velho hotel de seu pai e ficava na varanda enquanto seus olhos se ajustavam ao brilho que banhava os campos de batata e os pastos que se estendiam até o mar. Como as ondas causadas pelos furacões às vezes passavam por cima das dunas e varriam os campos, o hotel fora construído sobre alicerces de pedra, e, dessa forma, a varanda tinha um andar e meio de altura, com uma longa escadaria que levava até o nível do chão.

Daquela altura era possível enxergar por cima das dunas e ver o oceano, e, para o leste, uma floresta baixa que cobria as colinas de areia com uma faixa esverdeada. Christiana sempre ficava na varanda por alguns momentos para observar o mar, os campos e a floresta, para escutar as ondas e o vento, e dar bom-dia para a luz. Em seguida, depois de colocar a mochila com os livros da escola sobre os ombros e erguer as saias, ela descia pelas escadas e começava a andar na direção do bosque que ficava ao norte. Caminhava oito quilômetros para chegar até a escola, passando pelos casebres dos trabalhadores migratórios e por uma floresta onde viviam cervos, coelhos, meia centena de espécies de pássaros, raposas, doninhas e porcos selvagens que atropelavam a vegetação rasteira como se fossem soldados em manobra.

Um antigo quartel dos fuzileiros navais empoleirado em um rochedo acima de Gardiner’s Bay, a escola de Christiana tinha meia dúzia de salas brancas e vazias, nas quais a luz do norte entrava desimpedida, refletindo-se na água, nas ilhas e em um céu que, às vezes, mal se podia diferenciar do próprio Atlântico. No inverno e no verão, os topos das janelas eram coroados por um brilho intenso. E, embora as lições fossem difíceis e o tempo passasse rapidamente,

havia intervalos nos quais as crianças podiam escutar apitos dos navios que cruzavam o oceano até que a distância e os nevoeiros os distorciam, fazendo-os soar como trompas francesas, ou pensar a respeito da composição do vento, que sempre conseguia ultrapassar as cortinas e entrar em sua sala de aula para lhes falar sobre a luz e a sombra.

Quando Christiana estava na segunda ou terceira série, sua professora, uma jovem tão bonita quanto aquela que a própria Christiana estava destinada a se tornar, pediu aos alunos que descrevessem, um por um, seu animal favorito. Em seguida, deveriam escrever, de acordo com a sua descrição, uma redação ilustrativa sobre o cachorro, o cavalo, o peixe, o pássaro ou qualquer criatura que houvessem escolhido. Cada uma das crianças se levantou na sua vez para discursar sobre o objeto de sua afeição. Ninguém ficou surpreso quando Amy Payson falou sobre coelhos, e, sem perceber, embalou um em seus braços. Uma garota tímida que nunca falava mais alto do que um sussurro rouco contou uma história sobre um cachorro que tentou escalar uma cerca, encantando sua plateia, mesmo sendo apenas pelo fato de as crianças terem de se esforçar para conseguir compreender a voz dela, que mal era audível. Todos ficaram admirados quando o garoto gordo da sala recitou espontaneamente, em versos, um épico de cinco minutos sobre o seu amor por uma porca:

— Minha porca é tão grande / Com orelhas lisas e enormes / Dá muito leite, até que entorne / Com esperança, é bem contente / Cuida de nós quando estamos doentes / Muito couro ela produz / Come folhas de alcaçuz / Corre daqui para ali / Até parece um javali / etc. etc. — E terminou com: — Porque eu tanto a amo / ao tocá-la, eu me inflamo.

E havia também o filho de um pescador de peixes-espada, que escolheu o próprio peixe-espada e quase ficou paralisado ao lembrar-se dos saltos do animal, suspenso no ar, e a coragem com que lutava, debatendo todo o corpo sobre a água como uma faísca, dando tudo o que tinha em seu esforço para permanecer no mar.

Ele concluiu que o peixe-espada tinha de amar muito a sua própria vida para lutar com tanto empenho para não ser capturado. Só isso já seria o bastante para a sua redação, que, na linguagem pura e assertiva das crianças, tocava nos poderes geradores da memória e nas definições de coragem.

A professora ficou contente com esse exercício, e, enquanto escutava o que as crianças diziam, estava ansiosa para que chegasse a vez de Christiana. Ela sabia que Christiana amava os animais, e sabia também que a menina era muito contemplativa. Embora o hotel raramente ficasse ocupado, viesse perdendo dinheiro desde que Christiana nascera, e isso afetasse a menina quando via a expressão de derrota no rosto do pai, não chegava a ser uma tragédia. A família não era gananciosa, e estava assimilando o seu empobrecimento progressivo sem muitos problemas. Christiana era uma garotinha inteligente, com uma imaginação profunda, e era muito bonita. Mas sua força não se originava de coisas que podem ser catalogadas ou razoavelmente discutidas. A garotinha tinha uma lucidez inexplicável, o poder de ver as coisas como elas eram. De alguma forma, ela passou a ser dona de um incrível nível de pureza. Era como se o relâmpago houvesse atingido o chão à sua frente e ficasse paralisado e congelado até que ela fosse capaz de enxergar ao longo do seu risco brilhante e transparente e encontrar a origem absoluta do fenômeno.

Na sala de aula com as janelas coroadas pela luz, a vez de Christiana chegou. Ela olhou pela janela e viu entre seus pilares a passagem de uma gaivota branca sobre o fundo ondulante e azul-escuro. A ave desapareceu um momento depois e Christiana quase não conseguiu vê-la passar. Ela se levantou para ficar de frente para a professora. Tinha o seu animal favorito, um animal que amava, e planejara falar sobre ele. Mas percebeu que o simples fato de pensar nele, ou dizer algumas palavras que evocariam uma visualização do animal em carne e osso, movendo-se lentamente com passos nunca ouvidos antes — apenas a lembrança do dia em que ela o viu —, a deixou em tal estado que ela teve de chorar.

Sendo bastante prática e sem querer interromper a aula, ela rapidamente decidiu falar sobre outro animal, e começou a discorrer sobre uma ovelha que estava amarrada em um pequeno terreno gramado diante do hotel. Mas não conseguiu. Não conseguiu, porque, para ela, a profundidade das coisas sempre estava ao alcance da mão, e porque teve de pensar no único evento em sua curta vida que mais a emocionara. Ela fracassou totalmente ao tentar manter o autocontrole, e sofreu o constrangimento de um choro sofrido. Por mais que tentasse, não conseguiu pensar em nada além do cavalo branco.

A mãe de Christiana pediu-lhe que trouxesse mirtilos para que pudesse fazer uma torta e muffins, mas o verdadeiro propósito do passeio era poder andar por entre os vários quilômetros de colinas verdejantes e cheias de trepadeiras sob o sol de junho, solitária, livre e sem qualquer peso além de uma cesta leve feita de vime. A cada curva ou elevação, ela tinha o privilégio de ver novas paisagens — faixas de água azul-cobalto envolvidas por braços de areia bege, manchas verdes de floresta estendendo-se para o mar, e o sol refletindo-se na água do braço de mar conhecido como Sound em trajetórias retilíneas. Parecia que, a cada vez que ela piscava, uma nova paisagem gloriosa surgia e era celebrada pelas brisas fortes que empurravam as ondas e coroavam a praia com braceletes efêmeros de espuma.

No meio da manhã, quando já enchera sua cesta até a metade, ela ouviu o estrondo de um trovão em um céu sem nuvens, e olhou para além da borda de uma duna com as cores de um bolo para ver que algo estava caindo. A coisa deixou uma trilha de névoa quando caiu no oceano, como um meteorito banhado em fumaça e ouro. Os pássaros se ergueram dos arbustos, arrulhando e piando, voando diretamente para cima, como sempre faziam quando ouviam um tiro. E uma raposa vermelha que estava cavoucando as folhagens ficou imóvel, escutando com atenção, e ergueu sua pata no ar, como se tocar o chão com ela novamente pudesse lhe tirar os sentidos.

Christiana deixou a cesta cair e correu para o topo da duna. Protegendo os olhos com a mão, ela olhou para o mar e viu um círculo de águas brancas em meio a ondas que ficavam a pouco menos de um quilômetro da praia. Alguma coisa subiu a superfície do disco esbranquiçado, debatendo-se em meio à confusão. Não era um peixe (pois tinha pernas), e indicava o frio e o medo perplexo de alguém ou algo que está se afogando.

Ao descer pelas encostas sedosas da duna, com a mão ainda protegendo os olhos, Christiana perdeu-se enquanto considerava o que poderia ser aquilo e o que deveria fazer. Na margem violenta da água (a arrebentação das ondas estava encrespada após uma ventania), ela fez o que nenhum adulto faria, exceto talvez um soldado forte e jovem que houvesse acabado de voltar da guerra, convencido da sua invulnerabilidade. Enquanto observava os movimentos desesperados além das ondas, ela tirou os sapatos e desabotoou seu vestido, deixando-o cair na areia precariamente perto da marca que as ondas faziam na areia. Com uma camisola de seda em um tom claro de cor-de-rosa, desgastado pela idade e pela fricção, ela entrou no oceano, e, quando a espuma turbulenta estava na altura da sua cintura e a correnteza deixou seus passos hesitantes, ela mergulhou de cabeça na água gelada e começou a nadar contra as ondas, por vezes passando sobre suas encrespações e outras vezes mergulhando por baixo dela, no que ela sempre chamava de “sal e pimenta” — porque as espumas eram muito brancas e, com os olhos fechados para mergulhar, ela via somente o negrume. Lidava bem com as ondas, por haver crescido na presença delas. Sobrepujando os esforços das ondas, que queriam empurrá-la para trás, para os lados e para baixo, ela logo estava nadando em meio às águas azuis que sabia serem muito profundas.

O oceano estava se movendo de um lado para outro com um ritmo constante, análogo ao movimento do arco de um violino. Levava-a por entre valetas azuis criadas pelo vento, tão cheias de redemoinhos e remansos quanto um lago cheio de aguapés em agosto, e a erguia em montanhas sólidas de água que se curvavam

em platôs iguais a lentes e desabavam até se transformar em uma dúzia de escoadouros. Quando estava nos pontos mais altos, Christiana conseguia ver tudo ao seu redor, como se estivesse em uma torre de observação, e viu que a correnteza desviava a sua rota para um dos lados. Ela alterou seu curso e continuou a nadar, até que, quase exausta pelas águas frias, chegou até a borda do círculo de espumas. No centro, um animal abatido se debatia, em pânico.

Atravessando a água, ela o observou cuidadosamente e viu que era um cavalo branco, duas vezes maior do que os enormes animais de carga que puxavam arados nos campos de batata, mas com a constituição esguia de um cavalo de caça de Southampton. Embora nunca houvesse visto um cavalo de guerra ou uma batalha, ela percebeu, pelos movimentos que o cavalo fazia, que ele imaginava estar no meio de um combate. Não estava se afogando, mas, em vez disso, parecia estar imerso em alguma espécie de sonho. Seus cascos dianteiros se erguiam em meio à água como se fossem marlins saltadores, e estivesse esmagando seus inimigos imaginários, cortando a superfície em gêiseres angulosos. Relinchava como os cavalos relincham durante uma luta, encorajando a si mesmo, e suas pernas nunca paravam de escoicear enquanto tentava atropelar a água salgada.

Se Christiana se aproximasse, certamente seria esmagada; caso contrário, presa no redemoinho que o cavalo estava lentamente provocando, seria arrastada e se afogaria. Mesmo assim, ela nadou para dentro dos limites do anel de espumas.

A água ali era muito menos substancial e muito menos densa. Às vezes ela afundava em meio à turbulência, e subia à tona em um lugar diferente. Mas ela continuou nadando até estar literalmente sobre ele — flutuando sobre a água e, ao mesmo tempo, repousando sobre suas costas largas. Ela colocou as mãos ao redor do pescoço do animal, estendendo-as o máximo que conseguiu (o que não era muito), e fechou os olhos, antecipando a detonação que estava para acontecer.

Se o cavalo branco estivesse esperando qualquer coisa, não seria o abraço repentino de uma criança vestida com uma camisola de seda, e, sem conseguir ver o que havia sobre si, ele enlouqueceu. Primeiro, saltou para fora do mar como um corcel de guerra de São Botolfo, e pareceu voar pelos ares. Em seguida, com as quatro patas estendidas, ele mergulhou, esperando se desvencilhar da pessoa que se agarrava às suas costas em meio às fortes ondas que cobriam suas costas. Foi o mais fundo que conseguiu, e rolou e escoiceou em meio ao silêncio da água salgada, mas ela, mesmo com os pulmões prestes a explodir, não o soltou.

Quando voltou à superfície, ela ainda estava sobre ele, e, embora continuasse a se debater, ele parecia agora querer um cavaleiro. Ela tinha de ser levada até a terra. Era uma criança frágil, com braços magros e cabelos molhados que lhe cobriam o rosto, e, apesar de ter nadado todo aquele percurso para alcançá-lo, montá-lo e segurar-se nele, ela estava tremendo pelo frio e parecia não ter força para encarar outra vez as ondas e sua correnteza. Ela tocou o pescoço do cavalo, indicando-lhe a direção da praia, e ele começou a nadar da maneira que os cavalos nadam quando atravessam um rio — com concentração e dedicação, totais e irrestritas.

No lombo do cavalo, Christiana teve a impressão de que ele poderia ter rumado facilmente na outra direção e ser capaz de passar os próximos meses no mar, como um urso polar. O cavalo parecia ter um poder ilimitado.

Quando atravessaram a arrebentação, ele começou a se movimentar mais rápido, como se estivesse acordando ou voltando a ganhar fôlego. Momentaneamente confuso pela correnteza, o animal avançou com longas passadas que quase jogaram para longe o corpo da criança que o montava, e logo estava em pé sobre a terra firme. Sem perceber o quanto estava longe do chão, Christiana deixou-se escorregar e tombou na areia com tanta força que seu corpo logo se endireitou, e ela se viu sentada no chão. Era difícil acreditar que o cavalo era tão alto. Mas ela conseguiu andar facilmente por debaixo da barriga do animal sem precisar baixar a

cabeça. Ela circulou por entre suas pernas, deslizando a mão por elas como se fossem troncos de árvores. Depois, caminhou por entre as pernas dianteiras, sob o focinho, e distanciou-se para que pudesse vê-la. Exceto pelos seus ferimentos — os cortes e perfurações, alguns dos quais ainda sangravam —, ele parecia ser um monumento público que ganhara vida.

O cavalo inclinou a cabeça e a observou com um olhar paternal, como se ela fosse um potro ou um pônei. Em seguida, ele baixou o pescoço e esfregou o focinho na barriga de Christiana; depois, fez-lhe o mesmo na cabeça, empurrando-a um pouco para um lado e depois para outro, pressionando seus cabelos para fazer com que a água salgada escorresse, e, mesmo assim, sem machucá-la. Desde que ele estivesse a olhá-la, ela não conseguia desviar o rosto daqueles olhos perfeitamente redondos e gentis.

Depois de correr para buscar suas roupas, e depois que ela e o cavalo estavam secos e aquecidos pela luz do sol, ela o viu olhar para cima e procurar alguma coisa no céu. O cavalo seguiu com o olhar as gaivotas que serpenteavam em voo quilômetros de correntes de ar quente, mas, aparentemente, não conseguiu encontrar o que estava procurando. Em seguida, enquanto ela observava, ele galopou de um lado para outro na praia. Trotou em um círculo, e, agitando sua crina, empinou-se sobre as patas traseiras. Satisfeito com isso, o cavalo deu um salto que, para o espanto de Christiana, o levou por cima da linha das dunas que ficavam de frente para o oceano. Quando ela conseguiu segui-lo, ele já havia começado a galopar e saltar em passos imensos sobre as dunas, os arbustos e as lagoas. Ela o observou durante esse exercício, querendo que ele fosse cada vez mais longe a cada salto — e foi o que ele fez. E ele não deixou de perceber Christiana, pois sempre parava e olhava para trás para ver se ela ainda estava ali. Ela era jovem o bastante para aplaudir a cada vez que ele estendia a distância dos seus voos, e o próprio coração da garota parecia voar ao vê-lo se erguer no ar.

Mas ele finalmente olhou para a duna onde ela estava sentada e ergueu seu pescoço e a cabeça. Agitando-os para a frente e para trás, ele relinchou da maneira bela e profunda, como os cavalos fazem quando estão emocionados. Em seguida, virou-se na direção das planícies de areia e do Sound, e começou sua corrida. A terra tremeu, o capim da praia se agitou, ele tomou impulso para a frente e voou.

O imponente e gorducho Craig Bintly sempre se sentava desorientado e exausto, olhando para a luz piscante que refletia na sala de estar do ilustre refúgio em East Hampton que ele chamava de “Clugue de Cato e Pislota”. Seu pai, Lippincott “Bob” Binky, construíra o clube e o abrira a todos os brancos não judeus de ascendência inglesa. Mesmo assim, os membros do clube não tinham muito apreço pelo filho do seu fundador. Não gostavam da maneira como ele pronunciava as palavras, nem do seu enorme séquito, nem das inúmeras regras sem sentido que ele propunha durante as reuniões (garotas entre nove e dez anos devem usar boias de braço o tempo todo), ou do dirigível que ele ancorou sobre o campo de golfe. Ele chamava seu dirigível de Binkopede, e o usava para cobrir funerais. Conforme o falecido era baixado em sua cova, a sombra de um dirigível o recobria, e os fotógrafos do *The Ghost* conseguiam apanhar os parentes e amigos do morto em uma pose incomum: todos olhando diretamente para cima.

Craig Binky e seu amigo Marcel Apand (um magnata do mercado imobiliário libidinoso, pálido como uma vela e com olhos de rato, cujo nome se pronunciava “êip-hand”) acreditavam que o trabalho dos muito ricos, e, portanto, o trabalho deles, era encontrar praias maravilhosas e bosques onde as abelhas zumbissem, sentar-se em um jardim em suas proximidades enquanto as árvores balançavam, e observar o mar a partir das suas casas de veraneio bem cuidadas, grandes como hotéis. Certa tarde, enquanto uma dúzia de garçons arrumava os talheres e as peças de porcelana sobre as mesas do Clube do Taco e Pistola, Craig Binky e Marcel Apand estavam discutindo sobre a afirmação que o primeiro fizera, ao dizer que sete

mais cinco era igual a treze. Andando por entre uma multidão de homens e mulheres queimados pelo sol, o diretor do clube interrompeu aquela disputa matemática, chamando a atenção dos seus convidados para as lagostas que estavam sendo assadas perto dali, em enormes caldeirões cheios de água do mar e endro fresco. Em seguida — depois que a ansiedade pelo jantar deu fim à discussão —, pediu um favor a Craig Binky.

Ele sabia que a casa de Craig Binky em East Hampton tinha quarenta e cinco quartos e que o condomínio duplo em Sutton Place tinha sessenta. Além disso, sabia de muitos outros imóveis de Binky que estavam sem uso por todo o mundo — um apartamento com jardim privativo em Kyoto, por exemplo. Ele queria saber se Craig Binky, ou mesmo Marcel Apand, teria um quarto disponível para ser emprestado por uma semana ou duas. Uma jovem assistente de cozinha do clube precisava de um lugar para ficar na cidade enquanto procurava por um emprego. O clube, é claro, fechava as portas impreterivelmente no dia 1º de outubro. Este ano ela não tinha um lugar para morar, porque seu pai morrera pouco depois que o seu velho hotel — no meio dos campos de batata perto da região de Springs — pegou fogo durante uma tempestade elétrica horrível. Sua mãe voltou para a Dinamarca.

— Não sei se tenho espaço — retrucou Craig Binky, com os olhos se movendo rapidamente de um lugar para, outro, como sempre acontecia quando alguém lhe pedia um favor. — A... a sala de bilhar está sendo reformada.

— Ah, não há problema algum — disse o diretor, levantando-se. — Não tem importância.

Mas Marcel Apand estava escutando atentamente.

— Espere um minuto, Craig — ponderou ele. — Não acha melhor dar uma olhada nela?

Pouco tempo depois de verificarem a sala, a garota estava no iate de Marcel, o Apand Victory. Avançando por entre as dez mil velas náuticas que se amontoavam como traças no estuário de Long

Island, ela sentia como se estivesse viajando sobre a trama de um tear que tecia uma tapeçaria retratando o verão. A viagem de barco até Nova York levara dois dias. Eles pararam para passar a noite na propriedade de Marcel Apand em Oyster Bay, onde, de acordo com suas impressões, ele se comportou de maneira muito estranha, sendo ousado e direto demais em relação a coisas a cujo respeito gente originária da ponta de Long Island não falava quando estava na presença de pessoas que acabavam de conhecer. Mas, no dia seguinte, o feriado de 4 de julho, ela já havia perdoado generosamente aquela falta de senso, e a névoa quente e azulada que cobria os arredores da cidade capturou toda a sua atenção.

Ela nunca estivera em Nova York. Ouvira falar do seu tamanho impressionante e tirara suas próprias conclusões, contrastando o poder e a riqueza das pessoas da cidade com aquela dos residentes das ilhas que eram sobrepujados todos os anos — mas não conseguia adivinhar nem a metade do seu tamanho real.

Eles navegaram por baixo de todas as pontes que cruzavam o estuário. Olhar para elas, mesmo de baixo para cima, lhe causava vertigem. De longe, eram belos arcos e pilastras eretas. Como a lua e o sol, o verão e o inverno e todas as muitas outras coisas que ela sabia que se complementavam e se equilibravam, aquelas estruturas sugeriam a existência de um plano maior e mais perfeito. A garota mal conseguia acreditar que havia centenas de pontes como essas, e seus nomes eram uma delícia de ouvir conforme o capitão os recitava para ela, juntamente com os nomes dos rios, dos canais e baías que eles atravessavam.

Em Hell Gate, quando deram a volta na entrada e viram os penhascos escuros de Manhattan, ela aprendeu que (por mais que os vilarejos fossem belos) o mundo se encanta com suas cidades. A vista de Kips Bay sobre o rio estava preenchida por cânions cinzentos inesquecíveis, e havia pontes por toda parte, unindo as ilhas por correntes suspensas, velozes como cavalos de corrida. As complicadas estruturas de metal se erguiam até o céu, e seus cabos

de sustentação se curvavam como as ondas gentis ao longo da costa de Amagansett.

Como um rebocador enferrujado e maltratado preso a um iate novo e esbelto, Marcel levava Christiana de uma festa para outra. Ele a tinha sempre ao seu lado, fazendo com que cabeças se virassem, em duas dúzias de eventos por semana. Quando desembarcaram do iate no dia 4 de julho e tomaram um táxi que passou por três quilômetros em meio a enormes paredões de tijolos vermelhos e vidros espelhados, viram três ou quatro pessoas onde normalmente haveria milhares delas. Como não havia nenhuma janela aberta e o ar estava tão quente e estagnado que as árvores não ousavam se mexer por medo de ter de enfrentar uma quantidade ainda maior dele, Christiana pensava que havia entrado em uma cidade de mortos. Se houvesse chegado de Long Island pela estrada, passando pela pradaria cheia de túmulos, a impressão poderia ser mais forte. Nas festas de Marcel, ela se confirmou.

As festas eram o preço a ser pago por viver em um pequeno palácio com um jardim com vista para o rio East. Na maior parte do tempo, Christiana tinha as salas de recepção cuidadosamente decoradas, as bibliotecas, as banheiras de hidromassagem, as saunas e as sacadas ensolaradas apenas para si. Marcel quase sempre ficava em seu escritório, mas, quando retornava, queria que ela estivesse à sua espera, pronta para sair, totalmente maquiada e coberta com sedas caras ou vestidos revestidos de lantejoulas reluzentes.

No início ela procurou um emprego, e ficaria contente em se tornar vendedora no magazine Woolworth’s ou faxineira em um banco. Nas festas, nos eventos beneficentes e jantares sociais, ela recebeu ofertas de emprego como se fossem coisas que os criados levavam de um lado para outro em suas bandejas. Embora esses empregos pagassem salários imensos, eles exigiam que ela estivesse disponível a todo momento, da mesma forma que fazia com Marcel.

Os jovens rapazes que atraíam seu olhar sempre eram funcionários de Apand, totalmente leais ao seu chefe, ou criaturas vorazes não muito diferentes dele, que sempre conseguiam pedir que ela lhes telefonasse às escondidas. E os homens que erguiam as tendas e traziam a comida e os pratos eram diferentes dos pescadores em Amagansett que faziam o mesmo tipo de trabalho em seu tempo livre. Não se atreviam a olhar para Christiana, e ela ficava constrangida em olhar para eles. Entristecia-se ao lembrar-se de quando levava comida para as famílias escandinavas que vinham ao hotel quando ela era uma garotinha, enquanto um pianista martelava canções dinamarquesas compostas cinquenta anos antes, e ela e os garotinhos loiros e queimados de sol ficavam com o rosto corado quase a ponto de explodir em chamas apenas com a ideia de dançar juntos ou de se tocar.

Nas noites de agosto, Christiana, Marcel e seus convidados ocasionalmente se sentavam em uma sacada que se estendia por cima do rio, nos limites do jardim. Barcaças carregadas e outras embarcações intracosteiras navegavam pelas águas próximas do litoral, passando de maneira silenciosa e ligeira como monstros que tentavam se esgueirar pelo canal depois de entrar na cidade acidentalmente. As pobres e assustadas embarcações se transformavam em alvos para as pistolas de Apand. Quando as barcaças passavam perto da sacada, Marcel, Christiana e seus amigos disparavam tiros na escuridão, tentando atingir as luzes que se moviam; quando miravam mais para baixo, ouviam suas balas tilintarem contra os cascos de aço e caírem na água.

Às vezes, quando Christiana estava em uma festa em um lugar muito elevado, ela ia até uma janela escura para observar a cidade. O lugar fritava sob o sol do verão, e, por entre o ar distorcido pelas ondas de calor, ela conseguia ver os cortiços e prédios abarrotados de gente queimando, até dez de cada vez, na cidade dos pobres. As muitas luzes que brilhavam por entre o ar enevoado do verão também pareciam ser incêndios, e tudo o que havia abaixo dela parecia estar iluminado. Ainda assim, a cidade não ficava estrangulada por sua própria fumaça. Estava viva, e Christiana

queria saber sobre o lugar, mesmo que isso significasse se perder em meio a ele. Porque havia vários tipos de inferno — alguns eram escuros e sujos, e outros eram folheados a ouro e elevados.

No final do verão, a cidade era atacada e cercada por ondas de calor que ressecavam e tingiam de branco os mangues de Nova Jersey, até deixá-los tão brancos quanto salinas. O calor calcinava os pinheirais desertos e tentava transformar as dunas de Montauk nos desertos de Marte. A própria cidade se transformava em um forno — trinta e sete graus à sombra, e essa temperatura se mantinha durante a noite inteira. As principais artérias, ilhas e avenidas estavam cobertas de verde, árvores sedentas que se moviam como dançarinas ensandecidas, implorando por água em meio ao vento seco.

Em uma noite sem vento no final de agosto, Hardesty e Virgínia deixaram-se enlouquecer pelo desejo. Possuídos e tomados por alucinações, suando como esportistas, eles se esforçavam e davam tudo o que tinham para que um conseguisse atravessar o corpo do outro. Imersos em uma penetração violenta, atlética e úmida, sentiam-se como se fossem poderosos motores, forjas, fornalhas, e perguntavam-se se haveria algum deus em uma jornada rumo a algum outro mundo que havia passado diante do sol, deixando seu manto quente tocar a Terra durante o percurso. Assim que terminaram, ouviram o apito a vapor de um cargueiro que saía do porto, deslizando lentamente e seguindo o curso do rio. Sentiram a forma do navio; e a sua força gravitacional balançou os corpos dos dois, fazendo-os tremer como se a embarcação não estivesse avançando pelo rio East, vivo em meio à correnteza, mas sentado diante deles em seu próprio quarto.

Perto dali, Asbury Gunwillow estava deitado em sua cama, tentando respirar de alguma maneira. Conseguira emprego como piloto da lancha do *The Sun*. Levava repórteres e ilustradores até os incêndios nos portos ou aos batismos de navios; levava-os até mar aberto para que se encontrassem com dignitários que chegavam em enormes transatlânticos; levava e trazia funcionários, indo a

Manhattan, Brooklyn Heights e Sheepshead Bay; acompanhava os barcos da Guarda Costeira, da alfândega e da polícia portuária; dava aos leitores do *The Sun* a oportunidade de conhecer novos prédios a partir da perspectiva dos rios da cidade; acompanhava Hardesty e Marko Chestnut até lugares como Sea Gate e Indian's Mallow; e jogava redes de arrastão para pescar a cento e cinquenta quilômetros da costa.

Asbury fora perseguido durante um mês inteiro por uma mulher monstruosa e desgrenhada do bairro de Tribeca, uma intelectual que não sabia se era noite ou dia, que nunca vira o oceano, e que pensava que o bode era a contraparte masculina da ovelha. Com a pele pálida e amarelada pela icterícia e alguma disfunção no fígado, vivendo apenas em meio a livros, tabaco e álcool, ela tinha o rosto de uma rã, o cérebro de um mosquito e o corpo de um guaxinim. Mesmo assim, atraíra Asbury para o seu apartamento na rua Vesey, apenas porque tinha a voz de uma sereia e seu nome era Juliet Paradise. Sendo relativamente cortês, ele não fugira às pressas em seu primeiro encontro, e ela o seguira dali por diante como se fosse um cão de caça.

— Como posso me livrar dela? — perguntou ele a Hardesty e Marko. — Olho para o rosto dela e vejo uma torta, ou uma pizza. Já tentei de tudo. O que devo fazer? Digam-me! — Os dois apenas riam, deliciando-se com os apuros de Asbury.

Do outro lado da cidade, em Central Park West, Praeger e Jéssica estavam juntos novamente pela nona ou décima vez, sabendo que passariam o resto das suas vidas em convergências e reconvergências. Harry Penn, viúvo, foi visitar sua filha quando ela apareceu em um espetáculo de teatro. Ele também administrava o melhor jornal no mundo ocidental e seus jantares caseiros eram sempre servidos por Boonya, uma governanta norueguesa insana, mas muito alegre. Marko Chestnut, que também era viúvo, nunca deixou de amar a esposa que morreu, e ficava feliz com a graça das crianças que vinham ao seu estúdio para serem retratadas em pinturas, com a prática da sua arte e com a cidade que não parava

de se transformar. Craig Binky era um solteirão convicto que nunca pensou muito no amor. Ainda assim, ele nunca havia pensado muito em qualquer outra coisa. Era suficientemente feliz. Tinha o *The Ghost*, seu dirigível e vários planos para destruir o *The Sun*. Marcel Apand tinha imóveis, concubinas e Christiana para exibir aos outros.

Na noite de agosto em que Asbury não conseguiu dormir e Hardesty e Virgínia não conseguiam se afastar um do outro, Marcel Apand, alguns de seus amigos mais próximos e Christiana saíram em três automóveis para excursionar pela cidade dos pobres. Marcel não era idiota; os enormes salões motorizados e à prova de balas nos quais eles viajavam estavam equipados com rádios e latarias de alta voltagem, e cada um dos veículos levava também um guarda e um motorista armados com pequenas submetralhadoras e granadas de gás lacrimogêneo.

Faziam isso porque estavam dispostos a fazer qualquer coisa para se divertir, já que eles, também, não conseguiam dormir; e porque Marcel queria desfazer a ilusão de Christiana de que havia um império livre além da fumaça e da sujeira. Queria mostrar a ela que tais coisas não existem, que não havia nenhum mistério, nenhuma transfiguração, nenhum Deus para salvar aqueles que são jogados contra as ondas.

Enquanto avançavam vagarosamente em comboio sobre a ponte Williamsburg, antes que as cortinas fossem fechadas para que ninguém conseguisse ver o que se passava ali dentro, brindavam uns aos outros com champanhe e verificavam as trancas nas portas. Nervosos e animados, mas, acima de tudo, curiosos, eles conversavam em sussurros que mal poderiam ser ouvidos enquanto desciam a rampa do Brooklyn rumo ao inferno.

— A cidade inteira vai queimar algum dia — afirmou um homem idoso, o mais velho de todo o grupo com exceção do próprio Marcel.

— E daí se queimar? — provocou alguém. — Provavelmente eles têm o direito de queimá-la.

Os três carros desceram pela via, e estavam passando por uma avenida longa e vazia, margeada por cortiços enegrecidos.

— Não estou falando do jeito que queima agora, ou do jeito que queima todos os dias —acrescentou o homem mais velho. — Isso é controlável, aceitável. Refiro-me a um tremor de raiva que vai se fazer ouvir nos céus, um incêndio que vai deixar somente cascalho e vidro para trás.

— Nós reconstruiremos tudo — disse Marcel. — Deixe que venha. Nós reconstruiremos.

— Seria errado — declarou uma mulher elegante. — Muito, muito errado queimar tudo apenas para limpar uma parte da cidade...

Mas, naquele momento, ela foi interrompida.

— Olhem! — gritou Christiana. Eles olharam pelas janelas do lado direito, onde um grupo de dez ou doze rapazes magricelas em jaquetas de brim e calças justas perseguiam um homem que não usava camisa. Vez por outra ele tropeçava, assim como seus perseguidores, porque estavam correndo por entre um terreno cheio de cacos de tijolos, em montes que passavam de um metro de altura em todos os ângulos. Mesmo assim, ele quase voava, e continuaria na dianteira se não fosse por um tijolo arremessado por um dos seus perseguidores, que o atingiu de raspão na cabeça e fez com que ele caísse e rolasse pelo chão. Os outros se aproximaram, espancando-o com canos de aço e correntes. Finalmente, como se aquilo não fosse o bastante, eles dispararam seus revólveres à queima-roupa contra o rosto do homem, oito ou dez vezes. Em seguida, saíram correndo.

Tudo aquilo aconteceu em menos de um minuto. Christiana não conseguiu respirar enquanto observava. Ela implorou a Marcel que chamasse a polícia, e queria sair do carro para ajudar o homem que estava deitado sobre os tijolos.

A partição de vidro entre os compartimentos desceu até a metade, e o segurança disse que a polícia fora chamada.

— Mas eles não virão até aqui — afirmou ele. — Não até o dia amanhecer. Eles têm medo. Não importa: o homem está morto, e provavelmente já esperava por isso.

A partição se fechou e o carro continuou seu percurso.

— Você não é dono de uma boa parte dessa área, Marcel?

— Já fui, Del, há uns trinta anos, quando ainda valia a pena ser dono de algo por aqui. Mas, agora, vale a lei dos invasores. E não há muitos prédios que ainda estão em pé.

— É o bastante para conseguir lucro.

— Somente para o diabo.

Por entre as cortinas e os vidros enegrecidos surgiu um brilho flamejante que tingiu os rostos das mulheres de rosa. As longas avenidas de cascalho aplainado, nas quais nada se erguia além de chaminés, eram o único período de uma vasta cidade de pobres que se estendia até o mar. Cercada por quarteirões de cortiços, parecia, a distância, uma enorme frigideira sobre a qual uma chama queima e solta fumaça. O céu sobre aquele lugar tremeluzia e dançava, e as paredes estruturais ocultas pareciam-se com uma cordilheira escarpada e coberta pelas sombras diante do pôr do sol. A ação das luzes sugeria, em preto e vermelho, os movimentos de um exército ensandecido de bárbaros.

Embora o medo os deixasse em silêncio, eles continuaram a avançar pela cidade em chamas. Não era um lugar silencioso, mesmo que pudesse sê-lo, pontilhado apenas por explosões e disparos. Era um inferno de sons mecânicos estrondosos que lutavam para dominar os sentidos: batalhões de tambores, sirenes se acasalando ao ar livre e motores roncando em êxtase.

Centenas de milhares de pessoas corriam de um lado para outro, assim como na cidade-mãe que brilhava tranquila no lado oeste, mas estas eram criaturas disformes e tinham olhos eufóricos. Um homem enegrecido pela fuligem e em roupas esfarrapadas estava curvado, batendo na calçada com dois bastões. Parecia que iria

endireitar as costas momentaneamente, mas nunca chegou a fazê-lo. Lunáticos descalços com expressões vazias nos rostos cambaleavam de uma rua para outra com as calças lhes caindo pelas pernas. Longas filas de prostitutas doentes enchiam as calçadas, fazendo gestos para os automóveis barulhentos que tinham motores fortes o bastante para propelir tanques de guerra, e estavam cheios com homens cujas mãos acariciavam facas e pistolas.

Não havia lugares tranquilos, nenhum parque coberto por névoa, nenhum lago, nenhuma árvore, nenhuma rua limpa. As únicas torres na cidade dos pobres eram os pilares de fumaça trêmula, e o lugar era governado por homens jovens e arrogantes que atravessavam as ruas. Consumidos pelas guerras entre si, exploravam os outros somente como um adendo às suas ações, mas sempre o faziam bem. Quando os carros passavam por eles, essas pessoas estufavam seus peitos, gesticulavam em tom de desafio e sorriam. Pedras e garrafas batiam contra a lataria dos automóveis blindados como se fossem a chuva.

Chegaram até uma praça que, embora tivesse sido um parque de diversões e um mercado de produtos agrícolas antigamente, tornou-se um lugar para o comércio de objetos roubados e drogas, para o recrutamento de gangues e para a promoção da ladroagem e pilantragem que não eram nada menos do que a cidade consumindo a si mesma. Em um do lados, um empreendedor esperto transformou o que restava dos alicerces de um prédio público desmoronado em arena. Uma multidão se espremia para entrar em um lugar e brigava para conseguir assentos sobre tábuas dispostas em fileiras irregulares por entre os pedaços arruinados de alvenaria. Milhares de pessoas estavam apinhadas para assistir a algum tipo de entretenimento. Marcel achou que não faria mal se o seu grupo entrasse naquele ambiente também, já que as atenções de todos estariam concentradas no que vieram até ali para ver. Ele mandou que um dos seus seguranças conseguisse um camarote especial atrás das luzes e perto da saída onde os carros aguardavam.

Quando saíram das limusines, as mulheres afastaram os véus de renda do rosto e semicerraram os olhos ao encarar as lâmpadas de carbono que brilhavam na área. Os poucos retardatários que chegaram depois foram silenciados pelas diferenças marcantes entre o porte, a saúde e as roupas que faziam com que os dois grupos imaginassem que estavam contemplando representantes de uma outra espécie. Christiana jogou os cabelos para trás e olhou à sua volta. Ela sabia que, se precisasse, teria condições de correr ou escalar alguma estrutura para se salvar. Com muita frequência, enquanto morou com Marcel, ela se sentia imóvel, e, ironicamente, como se não tivesse um corpo. Aqui, pelo menos, tudo era físico — o barulho, o calor opressivo do verão, as nuvens rosadas e revoltas que refletiam a luz das chamas. Melhor estar aqui, pensou ela, onde o coração bate sem controle e as mãos tremem, do que conversar com os amigos de Marcel em uma sala de jantar ou em um restaurante caro.

Um homem surgiu sob as luzes. Usando um smoking amarelo-limão e joias de ouro que pareciam rastejar por todo o seu corpo, ele gritava em uma linguagem que Christiana mal conseguia entender, e, enquanto gritava, dançava. Apontava para uma entrada ou outra da arena, e um lutador surgia por entre as sombras. Cobertos por armaduras feitas de placas de metal negro e reluzente que os fazia parecer mais com criaturas marinhas do que com gladiadores, cada homem carregava uma espada, uma longa lança de metal, um tridente ou uma clava. Quando o homem que estava sendo devorado por suas próprias joias desapareceu, uma dúzia de combatentes fortes continuavam sobre a areia. Mas não lutaram uns contra os outros.

Em vez disso, um portão se abriu e uma égua marrom foi empurrada até ficar sob as luzes. Ofuscada no início, ela recuou. O rugir da multidão foi uma onda que a amedrontou e a paralisou, e, conforme seus olhos se ajustaram à luz, ela percebeu as figuras animalescas se aproximando, e soube o que iria acontecer. O que estava mais próximo a espantou da parede para o centro da arena. Ela observava conforme eles se aproximavam. Não fazia sentido

ameaçá-los com suas patas traseiras, pois, sempre que se virava, havia um espadachim ou um lanceiro à sua frente, o que a deixava quase sem defesas. Alguns combatentes lutavam um contra o outro empunhando seus animais. Mas não aqui. Mesmo assim, eles se moviam bem devagar e os espectadores estavam tensos. A égua entrou em pânico e empinou-se sobre as patas traseiras. Assim que o fez, os gladiadores a atacaram, enfiando-lhe o aço das armas profundamente em sua carne. As lanças perfuraram o seu peito com um som que lembrava o de uma faca cortando um melão. Em um instante ela caiu, balançando devagar, apoiada sobre os joelhos, e os combatentes a golpearam até que a areia ficasse ensopada e os pedaços do seu corpo estivessem espalhados como se fossem lixo.

Christiana mal conseguia ficar em pé. Não tinha forças para se levantar ou gritar, e, embora quisesse que Marcel a tirasse dali, não podia nem mesmo encará-lo. Não tinha vontade própria; somente olhos, como se estivesse num sonho.

Trouxeram um cavalo diferente, e embora Christiana implorasse em silêncio para ser libertada dali, ela estava presa em pleno ar, e observou enquanto outro animal perplexo desabou sobre os joelhos e morreu.

Em seguida, exibiram o que a multidão estava esperando: um enorme garanhão branco para o qual os dois portões das celas de animais tiveram de ser abertos. Ele surgiu tranquilamente. Não estava ofuscado pela luz nem sentia medo. O animal que agora estava na arena era, para Christiana, a encarnação de tudo o que ela amava, tudo o que era bonito e tudo o que era bom. Ela sentiu que, se eles o matassem, estariam matando toda a essência do mundo que o permitiria se elevar. E, diferente do dia em que estava sozinha na praia, tirou seu vestido sem pensar em nada e entrou no mar; desta vez ela era incapaz de ir em socorro dele. Era uma época diferente. As coisas haviam mudado. O mundo não era mais como antigamente, quando ela montou no lombo do cavalo branco e saiu do mar com ele.

Ela estava com ele sob os holofotes, e via pelos olhos dele enquanto ele movia a cabeça para examinar seus inimigos. O cavalo atordoou o público, pois recusava-se a sentir medo. Avançando tranquilamente pela arena, ele foi até os destroços que há pouco tempo eram as éguas e colocou um casco sobre a cabeça ensanguentada da primeira. Um gesto inconfundível, que deixou os açougueiros de cavalos nervosos. Christiana sabia que ele seria capaz de saltar por cima da arena e deixar tudo aquilo para trás com a mesma facilidade que um cavalo andaluz passeia por um jardim. Mas ele decidiu ficar ali.

E começou a andar pela arena. Os matadores de animais nunca tiveram de encarar uma criatura tão grande. Durante aquela dança ágil, os músculos se ergueram sob sua carne. Suas pernas se moviam rapidamente, e os cascos cinzentos subitamente pareciam ser afiados como navalhas. As pessoas gritaram quando ele se empinou e fez com que os gladiadores invencíveis baixassem suas lanças e espadas, amedrontados.

Uma lança foi arremessada. O garanhão rampante se virou furiosamente na direção da arma, desviando-se dela e enfiando-a no chão até a metade do comprimento da sua haste. O homem que a jogara tentava, em vão, arrancá-la da areia. Os espectadores adoravam aquilo, e teriam se erguido até o telhado se a arena fosse coberta, quando, em seguida, duas lancetas foram arremessadas de uma vez. O cavalo deu um salto poderoso no ar, deixando uma passar e escoiceando a outra com as patas traseiras, mandando-a rumo ao céu noturno em um voo que prometia levá-la muito além da fumaça e das nuvens.

Agora todos conseguiam ouvir a respiração do animal. Saltos rápidos o levaram de um lado da arena até o outro, espalhando os lanceiros e os espadachins, isolando-os para serem atacados. Eles batiam contra as paredes, largavam suas armas e cambaleavam de um lado para outro, sem saber onde estavam. O cavalo branco os derrubou, um a um. Fazia uma finta para a esquerda, e, em uma fração de segundo, saltava para a direita, com as patas dianteiras

esmagando um dos açougueiros contra o muro. Ele os erguia e os balançava até que perdessem os sentidos, e depois os jogava para longe. Agredia-os com o pescoço e os esmagava com o peso dos cascos. E, no final, estava sozinho em meio à arena, trêmulo, suando e extasiado.

Como os espectadores foram bastante instigados e uma exaltação perigosa pairava no ar, Marcel insistiu que seu grupo deveria partir imediatamente e voltar a Manhattan. Quando os três carros blindados subiram a rampa da Grande Ponte, foram erguidos muito além da névoa chamejante da cidade dos pobres, e Christiana viu uma lua cheia que pairava por cima do porto e pintava os penhascos com um tom prateado. Longe da cidade dos pobres havia coisas diferentes, como a cor azul, um vento fresco que não trazia fumaça consigo, a luz das estrelas trançadas no céu de verão e a enorme pérola que era a lua. A expedição, de acordo com Marcel, fora um grande sucesso. Quem imaginaria que eles veriam um cavalo branco lutar como um anjo vingador? Marcel recebeu o crédito pela descoberta, e a notícia se espalhou. Mas outras caravanas não teriam a mesma sorte, porque o cavalo branco logo se perdeu em meio à cidade dos pobres.

Eles retornaram a Manhattan bem tarde, ou melhor, bem cedo, nas primeiras horas da manhã, e todos dormiram profundamente. Todos, com exceção de Christiana, que não dormiu um minuto sequer.

Ela olhava por sobre o jardim, na direção do rio banhado pelo luar. Enquanto estavam na cidade dos pobres, uma frente de ar frio desceu do Canadá e afastou a névoa da maior parte de Manhattan. Mais acima, no rio, ela imaginou que tudo estaria verde-escuro novamente, em vez do verde amarelado e difuso do verão no qual não havia azul. O calor e a névoa seca engoliam o azul por várias semanas, mas agora ele cobria a superfície dos rios e dominava as encostas das montanhas. O ar frio a tirou daquele devaneio.

Ela juntou suas coisas, vestiu uma camisa de cambraia e uma calça cáqui e desceu a escada para ir até a cozinha. Lá, preparou alguns sanduíches de carne defumada, pegou algumas maçãs e cenouras, e decidiu que iria roubar o conteúdo do pote de trocados. Marcel não sentiria falta, e ela levaria somente o que havia ali. Ela o abriu e tirou um maço de notas, enfiando-o no bolso sem contá-las. Depois que saiu da casa e chegou a Sutton Place, no meio da noite, ela se sentiu livre pela primeira vez em vários meses, e quase começou a dançar no meio da rua. Não fazia ideia de onde estava indo ou do que faria a seguir, mas, antes que entrasse nas profundezas da cidade, contou o dinheiro que trouxera consigo e ficou um pouco chocada ao ver que tinha 3.243,00 dólares. Como aquela quantia mal era suficiente para pagar um almoço frugal para os amigos mais próximos de Marcel ou para abastecer o iate e passar um dia navegando, ela presumiu que ele nunca viria a saber que o dinheiro desaparecera, ou nunca se importaria. Afinal, aquele era o homem que perdera sete milhões num cassino enquanto jogava algumas partidas de Pachinko. E disse que valeu a pena ver as bolinhas prateadas caindo por entre os pinos metálicos.

Totalmente por acaso, ela rumou para o sul, na direção do Village. A cidade estava vazia, e sua única atividade era o acender e apagar dos letreiros de néon, uma ocasional nuvem de vapor que se erguia da rua, ou uma gaivota que atravessava suavemente o espaço entre os cânions, planando no ar que estava rosado com o amanhecer e com a equanimidade. Tudo parecia ser benevolente. Ainda assim, ela estava apreensiva. Marcel lhe dissera que ela seria imediatamente devorada pela cidade cruel que havia além dos muros da sua casa.

— Você nunca morou sozinha — advertira ele. — Não é fácil. Como você vai encontrar um apartamento? E onde? Sabe o quanto é difícil conseguir um apartamento em Nova York? E um emprego? Pode levar meses até você conseguir um emprego. Enquanto isso, você vai passar fome nas ruas.

No início da manhã, um corretor de imóveis lhe mostrou um cômodo minúsculo na rua Bank, que dizia ser um apartamento. A banheira ficava na cozinha, e ela podia tocar as quatro paredes do “quarto” sem precisar sair do lugar onde estava. Mesmo assim, o lugar era limpo e tranquilo, e tinha vista para um jardim.

— Você terá de dividir a sacada com o cavalheiro que mora na residência ao lado. Ele trabalha no *The Sun*, pilotando a lancha do jornal, então sempre está fora de casa quando faz tempo bom. E você poderá ficar com a sacada inteira para você.

— Mas a sacada tem menos de meio metro de largura — protestou Christiana.

— Duzentos dólares por mês — respondeu o corretor.

Ela assinou o contrato, pagou uma quantia a título de caução e um mês de aluguel, e o corretor saiu. — Bum! — exclamou Christiana. — E foi assim que encontrei um lugar para morar.

Ela abriu uma conta bancária, encheu a geladeira e mobiliou o lugar, tudo isso antes do meio-dia. Como precisava apenas de uma mesa pequena, duas cadeiras, um colchonete branco para dormir, alguns cobertores, um travesseiro, três luminárias, um velho capacho e um mínimo de equipamentos para a sua cozinha mínima, ainda ficou com mais de dois mil dólares ao final das compras — e alguns trocados no bolso, com os quais pagou seu almoço, comprou um dicionário de dinamarquês, vários livros dinamarqueses e de geografia, um caderno e algumas canetas. Iria ensinar a si mesma a linguagem que ouvia quando ainda era criança e que estava dormente dentro de si, precisando apenas ser despertada. Às três horas daquela tarde, ela encontrou um emprego.

Na entrada de serviço de uma bela casa na região de Chelsea, uma mulher linda e sem as marcas da idade chamada Boonya a levou para dentro e começou a explicar as tarefas de uma arrumadeira esporádica.

— Mas eu disse que queria um emprego em tempo integral — protestou Christiana.

— O Sr. Penn vai lhe pagar o salário referente ao tempo integral — disse Boonya, que era redonda como uma bola de futebol. — Mas você trabalhará apenas por meio período. Nos interbalos, você terá que ir à bilboteca e às apresentações da ortescra. Se for à univerdissade, ele pagará os seus estudos. Quanto a mim, prefiro trabalhar na casa, cozinhar, lavar a banheira e coisas assim. Mas é diferente para cada pessoa. Bosca, a morena, que estava aqui até ir embora, estudava no teatro. Está entendendo?

— Sim. É extraordinário.

— Se é assim que você acha... Bem, sabe cozinhar?

— Eu cozinhava no hotel dos meus pais.

— Ótimo — disse Boonya, levando Christiana até a cozinha. — Mas talvez você não esteja familiarizada com os pratos de que Harry Penn mais gosta. Ele e sua filha têm seus pratos favoritos, que eu lhe ensinarei a fazer.

— Quais, por exemplo?

— *Ah, queijo durbo recheado com trevos, caminogues, carne de víbola, sementes de bandribrologue assadas, bolinhos de óleo de satcha, galetos Dollit em molho Donald, brumeixas gigantes, creme de la berquiche-tollick, serbine de vitela, conservas de titengles, hermanes recheados com chocolate, caçarolas à Rhinebeck com armando fresco, parrifús de aminule, flechas de baunilha, beterrabas férteis, chouriço arquibestial, bolo-calendário turco, raspas de berlaque fritas, coquetel de porco de baile, creamcake de velino, correntezas, crispas de luvas de carneiro, terrines açucarados, nozes à merryrubint e galinha rastafári ao molho pardo com Creme Arnold.*

Para cada um daqueles produtos da imaginação biruta de Boonya, ela tinha uma receita. Christiana observava admirada enquanto Boonya a ensinava, com gestos e mímicas, a maneira certa de cortar as flechas de baunilha.

— Sempre unte o mármore com farinha antes de colocar uma flecha crua. Salpique a baunilha por cima. Corte rápido! — gritou ela, com os braços gordos como linguiças se debatendo ao redor da bola de futebol. — Se não fizer isso, elas vão grudar. As flechas de baunilha sabem ser pegajosas. Sua mãe lhe ensinou a desossar uma boa serbine de vitela?

Boonya a conduziu pela casa, que era cheia de livros, pinturas e relíquias náuticas, e tudo precisava ser espanado regularmente. Havia uma pintura iluminada retratando Harry Penn como comandante de regimento na Grande Guerra.

— Isso foi há vários anos — explicou Boonya. — Eras e eras atrás. Ele era jovem nessa pintura, mas não é mais. Agora ele está velho. Passa muito tempo no *The Sun*, mas, quando está aqui, está sempre lendo. Ele diz que os livros fazem o tempo parar. Na minha opinião, eu acho que ele é louco. (Eu coloquei um livro ao lado do meu despertador, e o relógio continuou funcionando.) Não diga a ninguém, mas, quando ele lê algo de que gosta, fica muito feliz, coloca música para tocar e dança sozinho, ou com uma vassoura, às vezes. Juro para você.

— Imagino que seja porque a esposa dele faleceu — opinou Christiana. — É por isso que ele dança com uma vassoura.

— Acho que não — disse Boonya. — Ele dança com um esfregão também.

— Talvez ele tivesse uma amante.

— Ele tinha, mas ela tinha cabelos curtos. Também tenho esfregões de cerdas curtas. São para fazer limpeza de precisão, como aqueles volantes minúsculos que eles têm nos carros de corrida. Nas corridas europeias de Fórmula P, o volante é do tamanho de uma moeda de um dólar de prata. É por isso que eles usam pilotos anões, que conseguem agarrá-los com suas mãos miúdas. — Ela olhou ao redor, com uma expressão conspiratória no rosto, e chamou Christiana para perto de si. Sussurrando, ela disse: — Os corpos pequenos dos anões se encaixam sob as barras de

sustentação. Meu primo Louis tentou ser piloto. Ele é pequeno o bastante, Deus sabe disso. Mas Louis sempre finge ser um peru sombrio, então eles o mandaram embora.

— O que é um peru sombrio?

— É uma daquelas coisas que os bumatuques usam para lavar janelas, mas são ilegais em Nova York e Nova Jersey. Por isso, os bumatuques de Connecticut têm que contrabandeá-las para conseguir levá-las até a Pensilvânia. Entendeu? Louis não estava realmente ali. Um dia, o Senhor estava descascando nozes e Louis estava dormindo sobre a pilha de nozes. Entendeu?

Christiana sorriu, mas, quando Boonya olhou para o outro lado por um instante, revirou os olhos dissimuladamente.

— Shhh — sibilou Boonya, erguendo o dedo no ar. — Está ouvindo o som de castanholas?

— Não — respondeu Christiana.

— Acho que as ouço, passando em um rabecão. Talvez o embaixador espanhol tenha batido as botas.

Em seguida, com gotas de suor escorrendo das sobrancelhas que se juntavam em uma coisa só e marchavam sobre a sua testa como se fosse uma centopeia, Boonya atiçou o fogo da sua loucura até começar a entoar como um druida, cantando para Christiana aquelas que dizia serem as suas dez canções de Natal egípcias favoritas, recitando uma longa e intensa dissertação sobre os utensílios sexuais dos esquimós e falando sobre o coco, que, de acordo com ela, era exclusivamente o símbolo da prontidão militar. Volta e meia, parava o que estava dizendo e fazia perguntas para saber se Christiana estava prestando atenção.

— Qual é o símbolo da prontidão militar?

— O coco.

— Exclusivamente?

— É o que dizem.

Mesmo assim, Boonya era uma ótima arrumadeira e (em seu trabalho, pelo menos) era tão estável quanto o rochedo de Gibraltar. E parecia-se com ele, também; ou melhor, como uma esfera sobre a qual havia três melões — dois seios enormes que balançavam de um lado para outro com a gravidade e uma cabeça sobre a qual havia cachos de cabelos loiros e finos trançados como se fossem uma cesta de vime. Ela era norueguesa e pensava que era superior à esguia e bela Christiana, que era dinamarquesa, porque a Noruega ficava acima da Dinamarca.

Elas começaram se dar bem, de certa forma. Trabalhar, para Christiana, tornou-se uma forma de entretenimento extraordinária, pois as declarações e os pronunciamentos de Boonya eram infindáveis, ela limpava a casa como se fosse um demônio, cantava músicas em linguagens que ninguém conhecia e tinha receitas para milhares de pratos que não existiam.

Foi somente no inverno, quando a lancha do *The Sun* ficou impossibilitada de navegar devido a uma nevasca prolongada, que Christiana descobriu o habitante do apartamento do outro lado da parede. Um vento forte vindo do noroeste empurrava a neve em trajetórias hipnóticas conforme a nevasca atravessava o jardim, transformando-o num piquete alpino. Asbury e Christiana ficavam sentados por horas e horas, um de frente para o outro, embora houvesse duas lareiras e várias camadas de tijolos entre eles.

Ela estava absorta no livro *Mares de Inverno*, de Thorgard, lendo o original em dinamarquês à velocidade de duas páginas por hora. Asbury estava sentado diante de uma pequena mesa ao lado da lareira, debatendo-se sobre os *Problemas em Navegação Avançada* de Dutton, pois, ele devia triunfar para continuar com seu progresso rumo a um diploma de mestrado. Por seis meses eles moraram em quartos adjacentes, e ignoravam completamente a presença um do outro, embora houvesse literalmente menos de meio metro de distância entre suas camas.

Se as forças da natureza estivessem menos preocupadas com a criação de nevascas monstruosas e em cobrir cordilheiras de verde do que em aproximar um bom homem de uma boa mulher, os tijolos que os separavam já teriam se esfarelado há muito tempo. Mas as forças da natureza não pareciam se importar, e foi somente quando Asbury se levantou para acender a lareira que ele e sua vizinha finalmente conseguiram se encontrar. Ele agitou a lenha com um atiçador de metal, observando as brasas vermelhas brilharem como se fossem os bombons do diabo. Quando estava satisfeito com a atividade que promovera na lareira à sua frente, bateu o atiçador contra o fundo da lareira três vezes para se livrar de algumas brasas incandescentes que ficaram grudadas em seu gancho.

Christiana fechou o livro e olhou para o fundo da sua lareira. Em seguida ela se levantou, pegou um atiçador e respondeu, batendo-o três vezes. E foi respondida. Logo, a telegrafia passou da lareira para a parede acima da cornija, e depois até a parede entre as suas camas. Ali, descobrindo que as vozes conseguiam ultrapassar a parede, eles se apresentaram, mas interromperam a conversa rapidamente depois, um pouco constrangidos.

— Que lugar é esse no seu apartamento? — perguntou ela.

— Minha cama — respondeu ele. — E no seu?

— O mesmo — afirmou ela, percebendo que eles dormiam a poucos centímetros de distância.

— Vai tirá-la daí agora? — indagou Asbury.

— Não.

Às vezes eles passavam horas deitados ao lado da parede, dizendo qualquer coisa que lhes viesse à mente, contando as histórias de suas vidas, no que pensavam e com o que haviam sonhado. Assim, ficaram tão íntimos que era como se estivessem tendo um caso ardente de amor sem nada que lembrasse uma parede entre eles. No verão, ele disse a ela, os dois poderiam subir por suas sacadas estreitas até um vale que havia entre os picos do telhado.

— Lá de cima você pode ver o rio — informou ele.

Ela declarou que gostaria de ir até ali. Mas seria perigoso subir ao telhado?

— Não — respondeu ele. Os dois se encontrariam no verão. Mas não até lá.

— Como você é? — perguntou Asbury certa noite, vários meses depois, porque sabia que, como já era o início de maio, ele logo a veria.

— Não sou bonita. Não sou nada bonita — avisou ela.

— Acho que você é bonita — retrucou ele pela parede.

— Não — insistiu Christiana. — Não é verdade. Você vai ver.

— Não me importo — respondeu ele. — Eu amo você.

Ao ouvir Christiana chorar, ele pensou que talvez houvesse se envolvido mais profundamente do que devia. Mas ele realmente a amava, e não se importava com o fato de que ela, como a própria Christiana insistia em repetir, não era bonita. Deixou isso claro para ela em várias ocasiões durante o final da primavera. Finalmente, pediu-a em casamento.

Todas as pessoas, incluindo Hardesty, achavam que Asbury havia cometido um erro terrível.

— Eu entendo que é possível, especialmente para pessoas solitárias, apaixonar-se através de uma parede — disse Hardesty. — Mas se a garota for, como ela mesma diz, fisicamente repugnante, vocês precisarão que essa parede fique entre vocês pelo resto das suas vidas.

— Eu sei — declarou Asbury. — Se ela realmente for horrível, talvez você tenha razão. Mas ela diz que simplesmente não tem nenhum atrativo, seja lá o que isso signifique. Ainda não imagino como ela não será, aos meus olhos, a mulher mais bonita do mundo.

Hardesty se ofereceu para ir dar uma olhada, e recebeu um sermão retumbante sobre a confiança. Em seguida, Asbury disse que iria correr o risco. A voz dela era bonita e ele sabia que a amava. Era o suficiente.

Ela aceitou o pedido de casamento, e eles decidiram se encontrar no telhado do prédio no primeiro dia claro que surgisse. Naturalmente, choveu durante quase toda a primavera.

Mas um dia, no início de junho, pela manhã, antes que o sol estivesse quente demais, Asbury subiu ao telhado. No início ele subiu até o topo do seu próprio lado e ficou ali, olhando para o rio, tentando não tremer muito, porque aquele era o dia azul perfeito que ele esperava. Que diabos, pensou ele. Vamos andar logo com isso. Ele desceu até o vale e subiu outra vez, falando pela chaminé.

— Christiana! — chamou ele. — Está acordada? Espero que eu esteja na chaminé certa.

— Estou acordada — gritou ela de volta em sua própria lareira com o coração aos pulos.

— Venha ao telhado. É hora de nos conhecermos. — ele tentou não deixar o nervosismo transparecer. — Depois que nos recuperarmos do choque, de um jeito ou de outro, podemos dar um passeio de barco. Talvez possamos ir até Amagansett.

— Estou indo — disse ela, em movimento, numa voz que revertera totalmente ao escandinavo puro, embora mal fosse possível ouvir aquelas palavras enquanto ela corria para longe da lareira.

Asbury desceu até onde os dois telhados se juntavam, e ficou com um pé em cada metade, de frente para a direção onde ela surgiria.

Primeiro, sua mão surgiu pela borda enquanto ela subia no parapeito da sacada. Em seguida, ela elevou o corpo com um movimento rápido, e ergueu-se diante do amante que nunca vira antes. Ela ficou muito feliz. E ele ficou embasbacado.

— Eu sabia — declarou ele, triunfante, esforçando-se para absorver toda a imagem dela. — Eu sabia que você seria a mulher mais linda do mundo. E, que diabos — acrescentou ele, recuando um passo para que aquele momento não o esmagasse —, você é.

III. *THE SUN*... E *THE GHOST*



NADA ACONTECE POR ACASO

Nada acontece por acaso, nem nunca acontecerá, seja uma longa sequência de dias perfeitamente azuis que começam e terminam num luzir dourado, os atos políticos que parecem ser mais caóticos, a ascensão de uma grande cidade, a estrutura cristalina de uma joia que nunca viu a luz do dia, a distribuição da fortuna, o horário em que o leiteiro se levanta, a posição do elétron ou a ocorrência de um inverno incrivelmente frio logo depois de outro. Até mesmo os elétrons, supostamente os arquétipos da imprevisibilidade, são criaturinhas dóceis e obsequiosas que correm de um lado para outro à velocidade da luz, indo precisamente aonde devem ir. Eles emitem sons suaves e sibilantes que, quando apreendidos em combinações variáveis, são tão agradáveis quanto o vento que atravessa uma floresta, e seguem à risca as instruções que recebem. Quanto a isso, pode-se ter certeza.

Mesmo assim, existe uma anarquia maravilhosa quando o leiteiro decide o horário em que vai se levantar, o rato decide em qual túnel vai mergulhar quando o metrô vier correndo pelos trilhos após sair de Borough Hall, e o floco de neve cai da maneira que quiser. Como isso pode acontecer? Se nada acontece por acaso, e tudo é predeterminado, como pode haver o livre-arbítrio? A resposta é simples. Nada é predeterminado. As coisas são determinadas, ou foram determinadas, ou serão determinadas. Não importa; tudo aconteceu ao mesmo tempo, em menos de um instante, e o tempo foi inventado porque não podemos compreender, de uma só vez, a

enorme e detalhada tela que nos foi dada — por isso nós a acompanhamos de maneira linear, parte por parte.

O tempo, entretanto, pode facilmente ser superado; não é possível fazê-lo perseguindo a luz, e sim afastando-se o bastante para observá-lo como um todo. O universo é imóvel e completo. Tudo o que já foi é; tudo o que ainda será é — e assim por diante, em todas as combinações possíveis. Embora imaginemos que o tempo está inacabado e em movimento quando o percebemos, na realidade ele está terminado e é impressionantemente bonito. No final, ou melhor, do jeito que as coisas realmente acontecem, qualquer evento, por menor que seja, está íntima e inteligentemente ligado a todos os outros. Todos os rios correm para o mar; aqueles que estão distantes são reunidos; os que se perderam pelo caminho são redimidos; os mortos voltam à vida; os dias perfeitamente azuis que começaram e terminaram em um luzir dourado continuam, imóveis e acessíveis; e, quando tudo é percebido de uma maneira que neutraliza o tempo, a justiça se torna aparente. Não como algo que está por vir, mas como algo que é.



PETER LAKE RETORNA

Durante muitos outros anos, a sequência de invernos severos foi quebrada por uma série de falsificações ensolaradas que só eram chamadas de inverno pelos havaianos. Os operários-demônios, que rasgavam as ruas da região central de Manhattan enquanto o trânsito fluía ao seu redor como as águas que escoam pelas comportas de uma represa, trabalhavam no meio de janeiro, que deveria ser a parte mais fria do inverno, sem camisa. Na época do Natal era possível ver mulheres em terraços elevados bronzeando-se. Não havia neve; a indústria de roupas estava imersa no caos; as revistas semanais de notícias exibiam uma série de capas idênticas sobre o tempo. (*Newsweek* — “O fim do inverno?”; Time — “Onde estão as neves dos últimos anos?” Revista do *The Ghost News* — “Tá quente!”) Em seguida, exatamente no pico da complacência, quando se imaginava que o clima mundial havia mudado para sempre, quando o condutor da filarmônica tocava as Quatro Estações de Vivaldi e deixava de fora um movimento inteiro, e quando histórias sobre o inverno eram contadas para as crianças pequenas como se fossem contos de fada, Nova York era atingida por um frio cataclísmico, e as pessoas novamente se amontoavam para comentar, cheias de medo, sobre o novo milênio.

A neve enchia os parques em quantidades que impressionariam até mesmo os habitantes das Coheeries, soterrando metade das árvores e das colinas. Logo se desenvolveu o costume de esquiar de um lugar para outro, passando silenciosamente por cima de carros mortos e enterrados. O ar estava tão claro que as pessoas diziam: “Balance-o, e ele vai se dispersar”. Dia após dia, semana após semana, mês após mês, um vento denso e congelante vinha do norte, trazendo a neve e o gelo consigo como se fosse uma

enorme geleira. O inverno abundava e explodia. Sempre identificado como a estação das provações e dos extremos, deixava algumas pessoas eufóricas e desenvolvia tendências suicidas em outras; despedaçava rochedos de granito, troncos de árvores e casamentos; triplicava o número de romances de inverno; trazia de volta os trenós e os esquis, e também livretos baratos sobre o Natal na região da Nova Inglaterra; e congelava o Hudson, transformando-o numa autoestrada sólida. Chegou a congelar metade do seu estuário.

Embora as pessoas dissessem que já houvera invernos como esse antes, quase ninguém era velho o bastante para se lembrar deles. O último que chegara com a mesma severidade ameaçara não somente o mundo físico, mas também as crenças e instituições, e ocorrera logo depois da virada do século. A única coisa que conseguira tirá-lo da memória das pessoas foram as grandes guerras. Durante aquele inverno, fora como se o próprio tempo estivesse vivo, tivesse vontade própria e quisesse ser esquecido. Muitas das coisas que aconteceram naquele ano continuavam sem explicação, como se estivessem preparando um golpe de estado, e, pouco antes de serem descobertos, recuaram até uma posição mais distante para aguardar um momento mais propício. As expressões dos homens e mulheres daquela era que sobreviviam em fotografias pareciam ser oniscientes, e as pessoas capturadas pelos retratistas pareciam observar as coisas através do tempo, conhecendo os pensamentos mais íntimos daqueles que estudavam suas imagens, várias décadas após haverem morrido. Aqueles rostos e olhos, construídos com a luz e com a verdade, não existiam mais.

Uma planície de gelo circundava Manhattan. Seus limites meridionais estavam a pouco mais de dois quilômetros além da Estátua da Liberdade (e agora era possível caminhar até o monumento), e os barcos quebra-gelo avançavam continuamente por ela para criar um canal para a balsa de Staten Island. Mesmo depois que a balsa chegava às águas mais abertas, entretanto, tinha de passar cuidadosamente por entre enormes blocos de gelo

que haviam se soltado do corpo principal, e que agora flutuavam rumo ao mar.

Ao final de um dia de janeiro, perto do escurecer, em meio a uma nevasca inclemente e ofuscante, a balsa estava na metade do percurso rumo a Staten Island quando bateu suas quilhas traseiras e as hélices do motor contra um recife de gelo submerso, e ficou imóvel na água. O capitão decidiu usar vapor para aquecer as hélices dianteiras e voltar a Manhattan em vez de virar a barca no meio dos icebergs. A balsa estava se movendo lentamente em meio à neve, à deriva, prestes a inverter o fluxo da energia. Era uma tarefa rotineira, mas tinha de ser realizada rapidamente, porque o barco se movia com uma velocidade diferente da do gelo, e, dessa forma, estava propenso a sofrer colisões.

Na ponte de comando, os oficiais e a tripulação estavam adequadamente tranquilos — profissionais alertas que apreciavam a tensão do momento e a precisão silenciosa que a ocasião lhes exigia. Subitamente, um passageiro entrou na cabine. O público não tinha permissão para subir à ponte de comando, sob qualquer pretexto, e aquele lunático que fazia gestos espalhafatosos não havia somente interrompido o drama agradável da transferência de energia de um motor para outro, mas também trouxera uma porção da cacofonia da cidade a um silêncio calmo e elegante, de onde a balsa conseguia geralmente manter uma distância confortável. Ele não falava inglês, e nenhum dos pilotos falava espanhol. Jogando-se de um lado para outro em uma espécie de dança epilética, parecia ser o tipo mais perigoso de fugitivo.

— O que você quer? — gritou o capitão, enfurecido.

O homem respirou fundo, tentou não tremer, e apontou para a janela. Quando olharam por entre a neve que caía, viram um objeto na água, a cerca de quinze metros de distância. Movia-se em espasmos que mal eram visíveis. Era um homem.

Assim que conseguiram quebrar o gelo que cobria as serviolas, os tripulantes da balsa baixaram um barco a remo e recolheram o

homem. Estava tão machucado e atordoado que os marinheiros não esperavam que ele fosse capaz de falar. Não ficariam surpresos se o homem simplesmente sucumbisse ao frio e morresse.

Enfiado no chuveiro da tripulação, ele encarou a água quente e o vapor com uma gratidão aparente. Mais alguns minutos no estuário gelado acabariam por congelar o seu corpo para sempre.

Uma pessoa que sabia falar espanhol foi encontrada para interpretar o relato do descobridor, que agora estava inflado pelo orgulho. Ele estava olhando distraidamente para a neve quando ouviu um silvo no ar, muito parecido com um projétil de artilharia se aproximando. À sua frente surgiu um facho muito brilhante de luz, e a água sob o clarão explodiu como se alguém houvesse detonado uma carga de dinamite para quebrar o gelo. Surpreso pelo intenso clarão branco, ele ficou ainda mais admirado quando um corpo se elevou no meio da espuma que se espalhava feito um cogumelo. Então, teve de correr para a ponte de comando.

— Tem certeza de que ele não foi empurrado para a água durante uma briga? — perguntou o capitão do Cornelius G. Koff, um barco muito antigo que ainda estava em serviço. — Disseram-me que está machucado.

O homem, que mal era capaz de falar inglês, saiu da cabine de comando pisando duro. A expressão em seu rosto era suficiente pra provar a sua inocência.

— Mandem uma ambulância para o atracadouro — disse o capitão ao seu imediato. — Se o homem que recolhermos quiser prestar queixa contra alguém, informem a polícia. Caso contrário, esqueçam. Já temos bastante coisa para fazer.

Vários conveses abaixo, o homem recolhido ouviu os motores ganharem vida, e sentiu quando o barco avançou com um solavanco. Alguém do outro lado da cortina perguntou se queria prestar queixa.

— Prestar queixa contra quem? — questionou o homem machucado, sob o jato de água quente, assustado com seu próprio

sotaque irlandês.

— Tem certeza?

— É claro que tenho certeza — afirmou Peter Lake, observando aturdido os seus ferimentos, que, pela aparência, certamente tinham sido causados recentemente.

— Mas você está cheio de cortes.

— Estou vendo — respondeu Peter Lake. — Acho que tenho algumas balas dentro de mim, também.

— Como isso aconteceu?

O imediato ouvia a água do chuveiro bater na pele pálida de Peter Lake.

— Não sei — disse Peter Lake.

— Qual é o seu nome? — Não houve resposta. — Não é importante, embora no hospital pode ser que queiram essa informação. Se não quiser dizer nada, o problema é seu.

Sentindo-se tão fraco que as sirenes de neblina que conversavam umas com as outras através do estuário castigado pelo inverno pareciam ser a música de um sonho, Peter Lake se esforçou para vestir uma calça rasgada, uma camisa de trabalho e um suéter de lã que estava manchado por respingos de tinta branca. Também ganhou um par de sapatos velhos que, por algum acidente qualquer, lhe serviram perfeitamente.

Curvar-se para amarrar os cadarços fez seu coração acelerar, e manchas escuras apareceram diante dos seus olhos, mas a sensação era quase tão agradável quanto deitar em uma cama macia em uma noite fria. Disseram-lhe que as roupas que ele vestia — nada além de farrapos — se soltaram do seu corpo e se desintegraram quando ele foi içado ao bote salva-vidas.

Enquanto a balsa atracava, ele se postou diante de um pequeno espelho quebrado que estava preso em uma divisória.

— Há uma ambulância no atracadouro — anunciou o imediato. — Você está sangrando demais, mas tínhamos de colocá-lo no chuveiro. Do contrário, congelaria até morrer. Além disso, o estuário não é um lugar muito limpo.

Peter Lake apoiou as mãos contra a parede para recuperar o equilíbrio. Estava tonto pela perda de sangue, sentia-se e movia-se como se estivesse bêbado. Olhando para a sua imagem no espelho, ele estremeceu.

— É engraçado — confessou ele. — Não sei quem é essa pessoa.

Em seguida, ele viu dois enfermeiros da ambulância descendo pelas escadas, trazendo uma maca. Eles o pegaram quando estava prestes a desabar no chão.

Peter Lake acordou com o raiar da manhã em um dos quartos muito antigos do hospital de St. Vincent, com vista para a rua Dez. Estava nevando, e, por causa da luz difusa, todas as sombras no quarto estavam cinzentas. Ele se lembrava da água gelada, da balsa, do chuveiro e de pouca coisa mais. Certamente conseguiria se lembrar do resto a qualquer momento. Às vezes alguém esquece o próprio nome, pensou ele. É claro que não. Talvez estivesse bêbado. Talvez estivesse sonhando.

Em uma tira de plástico ao redor do seu pulso estavam escritos o dia e o mês em que ele foi internado, um número de quatro dígitos e “Sem Nome”. Nunca vira plástico antes. Tateou-o para sentir como era liso, sem saber por que motivo estava maravilhado. Embora soubesse que aquilo não era familiar, não podia imaginar a possibilidade de nunca ter visto aquilo antes. Havia certas coisas das quais ele simplesmente não conseguia se recordar, e achava isso incrivelmente irritante. Quem era ele? Qual a sua idade? (o bracelete exibia “18/2”). Ainda assim, ele acreditava que todas as respostas estavam próximas, na ponta da língua.

Um grupo de médicos e estudantes de medicina entrou na ala e começou a verificar o estado dos pacientes. Quando chegaram a

Peter Lake, os auxiliares de enfermagem estavam servindo o café da manhã aos pacientes que já haviam sido examinados, a maioria das cortinas brancas estava aberta e a luz prateada — em meio à qual a neve flutuava de um lado para outro em convulsões enlouquecidas como as de uma máquina de fiar — trazia consigo o brilho do alvorecer.

Enquanto uma dúzia de estudantes de medicina e enfermeiros se reunia ao redor da cama de Peter Lake, o médico responsável pela ala pegou a prancheta que estava presa aos pés da cama, deu uma olhada nos dados e dirigiu-se ao paciente.

— Bom dia — saudou ele. — Como nos sentimos hoje?

Uma onda de hostilidade cresceu dentro de Peter Lake. Embora não gostasse do médico e não soubesse por quê, ele confiava em si mesmo, talvez porque não tivesse nada além disso.

— Não sei — retrucou ele, olhando as pessoas ao seu redor, uma por uma. — Você é quem deveria saber como se sente.

— Certo — disse o médico. — Se é assim que você quer, é assim que vai ser.

— Desde que você não ampute as minhas pernas — retrucou Peter Lake.

— Então, vamos começar pelo seu nome. Você estava inconsciente quando foi internado. Não tinha nenhuma identificação...

— O que é identificação?

— Uma carteira de habilitação, por exemplo.

— Habilitação para quê? Pilotar uma locomotiva?

— Não. Para dirigir um carro.

— Quando você diz “carro”, está se referindo a um automóvel? — insistiu Peter Lake. Os estudantes assentiram em silêncio. — Ninguém precisa de uma “habilitação” para dirigir um automóvel.

— Veja bem — disse o médico-chefe. — Você sofreu três ferimentos a bala. Tivemos de pegar suas impressões digitais e entregá-las à polícia. Eles saberão o seu nome. Assim, é melhor que você mesmo nos diga.

Ao ouvir o médico mencionar a polícia, Peter Lake se jogou para a frente num sobressalto, e descobriu que estava algemado à cama. Os alunos de medicina levaram um susto com o tilintar das correntes.

— O que são impressões digitais? — indagou ele.

Mas eles haviam perdido a paciência. Em vez de uma resposta, tudo que conseguiu foi uma agulhada no braço, e, em seguida, observou-os irem embora.

Respirando lentamente, Peter Lake olhou para o teto. Não tinha forças e não podia se mover. Seus olhos estavam arregalados, e um milhão de pensamentos enchiam a sua cabeça, como flocos de neve em uma tempestade. Mesmo assim, apesar dos grilhões, dos ferimentos e da medicação, ele sentia que ainda tinha um pouco do espírito de luta dentro de si. Não sabia de onde vinha, assim como não sabia quem era. Mas sabia que, no fundo do corpo imóvel algemado a um leito de hospital, o fogo ainda queimava com força. E, quando adormeceu, estava sorrindo.

Cinco dias depois, Peter Lake acordou em uma noite primaveril. A ala do hospital estava silenciosa, e ele fora cercado por uma tela de tecido branco como a neve e com babados no rebordo. Ao abrir os olhos, avistou um céu violeta através do canto superior de uma janela e estranhas luzes brancas no teto, as quais ele imaginou serem uma espécie de tubos de raios catódicos. Quando virou a cabeça para o lado, viu que havia uma garota jovem no cubículo com ele.

Ela estava sentada em uma cadeira ao lado do leito, observando-o com um otimismo juvenil que parecia fluir de cada um dos átomos em seu corpo. Não parecia ter mais do que quatorze ou quinze anos. Tinha olhos verdes estonteantes e cabelos vermelhos que se

empilhavam em belas ondulações, além de cachos que lhe caíam sobre os ombros. Tinha também sardas, como acontecia com a maioria das pessoas daquela cor, e alguns quilos a mais. Peter Lake percebeu (e sentiu-se adequadamente envergonhado por fazer esse tipo de observação em relação a uma garota tão jovem) que ela tinha um busto muito atraente, que se movia de maneira visível e sedutora sob a sua blusa. Ele atribuiu aquela característica a um desenvolvimento precoce e a uma corpulência saudável.

A garota, na verdade, tinha vinte e sete anos, e parecia jovem demais para a idade que tinha. Era uma antiga residente de Baltimore, uma mulher diligente e bondosa — a médica responsável por ele. Mas, é claro, Peter Lake não sabia disso, e sorriu para ela com um leve alongar dos lábios, esboçando um sorriso estranho que estivera em seu rosto durante os cinco dias que passara dormindo.

— Olá, moça — disse ele.

— Oi — cumprimentou ela, retribuindo o carinho daquela saudação.

— Quanto tempo eu dormi? Você sabe?

Ela indicou que sabia com um meneio de cabeça.

— Cinco dias.

— Meu Deus!

— Você melhorou muito nesse tempo. O sono fez maravilhas pelos seus ferimentos.

— Fez mesmo?

— Sim. Você vai ter condições de andar de novo em menos de uma semana.

— Foi isso que eles disseram?

— Quem?

— Os médicos.

— Não, isso é o que eu estou dizendo.

— Isso é ótimo, mas o que é que eles dizem?

— De maneira geral, eles concordam comigo — afirmou ela, depois de pensar por um momento. — Se a questão não for muito complicada. Coisas como estas geralmente são bastante diretas.

— As algemas sumiram — notou Peter Lake, olhando para os próprios pulsos. — Quando foi que as tiraram?

— Eu mesma as tirei quando ficou claro que você iria dormir por alguns dias. Em seguida, recebemos o relatório da polícia. Você não está sendo procurado por nenhum crime, e eles não tinham o registro das suas impressões digitais. Eles gostariam de saber como você recebeu os cortes e os ferimentos a bala, mas não vão insistir nisso.

— Onde fica a ala das mulheres? — perguntou Peter Lake, imaginando que, talvez, a garotinha que estava à sua frente poderia ser algum tipo de lunática, porque parecia acreditar que estava encarregada da situação. Além disso, provavelmente ela não tinha permissão para estar com ele.

— É no andar de cima — respondeu ela, apontando na direção do piso superior. Quando seus belos olhos se ergueram, ela parecia ser uma espécie de imagem mística. — Por que a pergunta?

— Não acha que é melhor voltar para lá, querida, antes que a peguem aqui? — Na verdade, ele queria que ela ficasse (talvez porque sua presença despertasse uma boa vontade paternal e um leve e constante interesse sexual em Peter Lake). Ela riu daquela pergunta, e o divertimento da moça o deixou convencido de que ela era uma louca fugitiva que havia se livrado das suas correntes.

— Esta é a minha ala — declarou ela, pensando que o paciente presumia que uma mulher como ela, mesmo que fosse médica, não teria permissão para estar na ala masculina. Não suspeitava que ele ignorava o seu cargo, pois o seu jaleco, seu pager e o estetoscópio

que surgia pela abertura do bolso na altura do peito eram sinais óbvios da sua profissão.

Mas Peter Lake nunca tinha visto aquele tipo de jaleco médico, nunca tinha ouvido falar de uma mulher formada em medicina e nunca tinha visto um pager. Além disso, ele tinha uma leve miopia que o impedia de ler as letras pequenas do crachá que ela usava e pensava que os tubos de borracha que apareciam pela abertura do bolso da moça eram parte de um estilingue.

— Por que colocaram você numa ala masculina, moça, já que você é obviamente, deliciosamente e inegavelmente uma mulher?

Depois de um curto período de silêncio, ela se pronunciou:

— Você não sabia que eu sou a sua médica? — perguntou ela. — Sou a doutora encarregada desta ala. Este é meu segundo ano de residência. É isso que está lhe deixando confuso?

Certo de que a mulher era mentalmente doente (embora sua companhia fosse extremamente agradável) e já que nenhuma garota adolescente (especialmente uma que levava um estilingue no bolso) poderia ser a responsável por uma ala masculina em um hospital, Peter Lake decidiu entrar na brincadeira.

— Ah, entendi agora — afirmou ele. — Sim! Era isso que estava me confundindo. — Ele sorriu. Ela sorriu. — Mas tudo está claro agora — hesitou ele para enfatizar a próxima palavra. — Doutora.

— Ótimo — disse ela, contente por haver conquistado a confiança e a cooperação de um paciente que, de acordo com as informações que recebera, era uma pessoa difícil e, provavelmente, violenta (havia um auxiliar de enfermagem musculoso sentado em um carrinho do outro lado da cortina). Quando Peter Lake pegou a mão pequena, doce e um pouco corpulenta da garota e a apertou suavemente, ela disse: — Estarei por aqui amanhã. Temos muitas coisas para conversar. Vou me esforçar para que você consiga sair daqui o mais rápido possível.

— Obrigado, doutora.

— Estou só fazendo o meu trabalho — acrescentou ela. — Nesse meio tempo, acredite ou não, você precisa dormir mais um pouco. Por isso, vou lhe dar uma injeção. — Ela exibiu uma seringa com uma agulha do tamanho de um espeto de churrasco, e começou a enchê-la da mesma forma demoníaca que as seringas são preenchidas.

— Ei, espere um minuto! — gritou Peter Lake. Não sabia nada sobre aquele suposto tratamento, e não sabia o que havia naquela seringa, ou onde ela pretendia espetá-lo. — Não vamos...

Mas já era tarde demais.

Com uma estocada precisa, ela perfurou o braço dele, e ele não se atreveu a movê-lo com medo de que a agulha se quebrasse dentro da sua carne.

— O que tem aí dentro? — perguntou ele, conforme o fluido entrava em suas veias.

— Trioximetassalicilato, dimetiletiloxitano e viparina.

— Ahhhh... — suspirou Peter Lake, talvez uma das criaturas mais confusas que já caminharam pela face da Terra. — Espero que você saiba o que está fazendo.

Ela sorriu em resposta, enquanto ele lentamente voltava a adormecer.

Acordando várias horas antes do que a jovem médica esperava que o faria, Peter Lake espreguiçou-se, estendendo os braços. No início, ele não fazia ideia de onde estava, ou do que havia acontecido. Em seguida, sentiu a ansiedade crescer, pois ele se lembrava de que, de fato, não conseguia se lembrar de nada. Virou a cabeça para os lados. A única coisa que conseguia ver era a cortina de tecido branco, e, naquele momento silencioso, ele finalmente compreendeu que estava sozinho. Se alguma vez existiu alguém que ele amava, ou que o amava, ele agora estava separado daquela pessoa. Embora a maneira como ele se perdera fosse a maneira mais séria que um homem poderia se perder, ele ainda esperava

que aquilo fosse passar, e que a sua confusão se dissiparia como uma névoa que queima a baía em uma manhã quente de junho.

O silêncio foi quebrado repentinamente. Peter Lake se apoiou sobre o ombro para afastar as orelhas do travesseiro e conseguir escutar com mais clareza o som dos cavalos na rua. Isso era algo que ele conhecia, algo que finalmente era familiar. Havia um destacamento inteiro deles, cinquenta ou mais; e ele percebia que, pela maneira como eram ferrados, pelo tilintar dos anéis de metal em seus arreios e pelo jeito que andavam muito próximos uns dos outros, tratava-se de montarias de polícia durante uma troca de turnos. Deviam ser quatro horas da tarde, pensou ele. Estão a caminho do centro da cidade, e, agora, os cavalos do turno da noite estão batendo os cascos enquanto os garotos negros os tiram dos estábulos, e os policiais montados estão chegando de todas as partes para começar as rondas que terminarão à meia noite.

Os cavalos logo foram embora, e ele ficou com o desconforto das muitas coisas ao seu redor que não eram familiares. Uma caixa parafusada à parede, inclinada, estava virada em sua direção com uma face envidraçada. Não podia ser um armário, porque estava alta demais para que alguém pudesse alcançá-la, e, além disso, tudo que estivesse ali dentro estaria desorganizado. Não conseguia imaginar o que era aquilo. Além disso, as formas que as coisas tinham e os materiais com os quais eram feitas pareciam ter vindo de outro mundo. “Não há ferro neste lugar”, disse ele para si mesmo. “Nem madeira.” Aparentemente, tudo tinha ficado liso, perdido sua textura.

O que, em nome de Deus, eram os painéis que estavam acima da sua cabeça e pareciam brilhar com luzes vermelhas e verdes? No início, pensou que fossem portas de fornos, mas a luz era verde e também escarlate, e ele sabia que nem o carvão e nem a madeira queimavam com chamas verdes. Ele se ergueu e se aproximou daquela coisa, chegando perto o bastante para ver que eram luzes pequenas que saltavam de um lado para outro como se fossem pulgas. Incrivelmente, elas faziam seus próprios movimentos e se

acendiam e apagavam no mesmo ritmo da respiração dele e das batidas do seu coração. Ou algo parecido com isso, porque, quando ele se esticou para chegar perto delas, as luzes enlouqueceram em suas próprias atividades, e, quando ele se recuperou, elas também voltaram a um ritmo mais tranquilo. Ele perguntou a si mesmo se estava sonhando.

O dia ainda estava claro quando a médica moça apareceu. Seu paciente estava sentado na cama, recém-desperto, pensativo e obviamente bastante recuperado. Quando estão imersas em pensamentos, algumas pessoas ficam extremamente paralisadas pelo espetáculo (ou pelo circo) que se desenrola invisivelmente diante dos seus olhos ou em seus corações, causando um silêncio que as pessoas à sua volta se veem obrigadas a respeitar, sem qualquer ressentimento. Peter Lake nem sempre foi assim, mas agora era — talvez porque precisasse tanto resolver o enigma no qual havia despertado. Até mesmo sua médica ficou em silêncio, respeitando o seu momento de concentração.

— Ah — disse ele quando a viu. — Você é médica, não é?

— Sou, sim — respondeu ela.

— Nunca ouvi falar de uma menina médica.

— Tenho vinte e sete anos.

— Você não aparenta essa idade. Parece ter quinze, no máximo... perdoe-me. E, ainda assim, eu não sabia que as mulheres podem ser médicas. Bem, isso não significa muita coisa, não é? Afinal, eu nem mesmo sei quem sou.

— Antes de voltar para vê-lo — disse ela —, eu verifiquei para ter certeza absoluta de que existem mulheres formadas em medicina na Irlanda. E existem.

— Não sou irlandês — esclareceu ele. — Sou de Nova York.

— Você tem sotaque irlandês.

— É verdade, e isso é um mistério para mim. Mas sou natural da cidade. Disso eu sei.

— Você foi encontrado no estuário. Podia ser um marinheiro ou passageiro em um navio. Alguém que levou uma pancada na cabeça e ficou assim.

— Não — asseverou Peter Lake. — Eu não teria tanta certeza, exceto pelos cavalos da polícia. Isso foi há vinte minutos. Eles devem estar a caminho do centro da cidade para começar o seu turno de trabalho. Onde estamos agora?

— No hospital de St. Vincent.

— Isso fica na Sexta Avenida com a rua Onze.

— Isso mesmo.

— Levaria uns dez minutos para eles passarem por aqui e chegarem até os estábulos, e mais dez minutos para entrarem. Por isso, deve ser mais ou menos quatro da tarde.

Naquele momento, como se quisesse confirmar que ali estava um homem de precisão, que poderia e iria encontrar uma saída da confusão que o dominara temporariamente, o sino de uma igreja badalou. Ele contou silenciosamente, movendo os lábios:

— Um... dois... três... quatro. — A médica olhou para o próprio relógio. (Ele não entendeu que ela estava tocando o relógio para acertar as horas, e pensou que o estava acariciando como um trabalhador ferroviário faz com o seu cronômetro, ou como um arremessador do beisebol faz com o seu boné.) Eram exatamente quatro horas.

— É uma maneira diferente de dizer as horas — disse ela. — De acordo com os cavalos! Com certeza é uma indicação de que há uma boa chance de você conseguir descobrir quem é, mesmo que seja apenas por dedução.

— Não preciso de relógios — comentou Peter Lake. — Posso contar os quartos de horas de acordo com os sinos, e — aqui, ele

queria se orientar e impressioná-la ao mesmo tempo — eu sei que os trens passarão pelo Elevado em média uma vez a cada...

— Que Elevado? — interrompeu ela.

— O Elevado.

— Qual Elevado?

— O Elevado da Sexta Avenida.

Ela sentiu um calafrio lhe percorrer a espinha.

— Os trilhos elevados — insistiu ele, ficando com a voz mais alta. — Tenho certeza absoluta.

Ela fez que não com a cabeça.

— Não existem trilhos elevados na Sexta Avenida ou em qualquer outro lugar que eu saiba. Bem, talvez no Bronx, ou em algum lugar do Brooklyn. Mas não no centro de Manhattan.

— Não seja ridícula — disse Peter Lake convicto, embora não totalmente. — Eles estão por toda parte. É impossível não vê-los. Estão por todos os lados.

— Não — afirmou ela, enfaticamente. — Não estão em lugar nenhum. Não há nenhum trilho elevado.

— Deixe-me ver pela janela.

— Você está ligado aos monitores e tem uma sonda intravenosa no braço. Além disso, estamos em uma rua lateral.

— Tenho de ver.

— Confie no que estou lhe dizendo. Faz mais de meio século que não existem mais trilhos elevados.

— É por isso que eu tenho de ver — acrescentou ele, começando a se mover. — Tenho de ver esta cidade. É a única coisa com a qual é realmente possível medir o tempo.

— E o que me diz dos seus cavalos? — perguntou ela, demonstrando solicitude.

— Cavalos não são o bastante. São pequenos demais. Entende o que eu digo? Preciso da cidade toda.

— Quando você se recuperar, então.

— Já estou recuperado.

— Ainda não.

— Já estou — ecoou ele.

Ele tirou a camisola do hospital de cima dos ombros. Ela se aproximou para contê-lo, mas, quando olhou para os ferimentos dele, viu somente cicatrizes. O homem esbanjava saúde, e parecia estar cheio de energia. Não precisava permanecer em um leito de hospital que podia ser usado por outra pessoa.

Ela levou as mãos à boca. Não era possível. Ela mesma havia feito os curativos nos ferimentos, e sabia exatamente qual era a condição do paciente. Tentou pensar em como pudera se enganar. Talvez alguém estivesse lhe pregando uma peça bastante elaborada. Não, ele estava bem. Inexplicavelmente, ele estava muito bem.

— Em que ano estamos? — inquiriu ele.

Ela respondeu, mas Peter Lake parecia não estar pronto para acreditar nela até poder ver a cidade com os seus próprios olhos, aquele belo e irrefutável relógio.

— Leve-me ao telhado — pediu ele.

Ela o ajudou a desconectar os tubos e sensores, e ele vestiu as roupas que recebera na balsa. Eles caminharam tranquilamente pela ala e foram até o elevador. Já estaria escuro lá fora, mas que importância isso tinha em Nova York?

Pela maneira como ele olhava para o aço inox do interior do elevador, os botões térmicos e as luzes, ela percebeu que ele nunca vira essas coisas antes em sua vida. Ela observou, como um médico faria, que ele estava tremendo, que seus lábios estavam levemente agitados, e que as suas feições se alternavam entre o

rubor e a palidez. E então, como um médico talvez não faria, ela observou que seu próprio corpo tremia.

— Se isso for uma brincadeira, eu vou matá-lo — declarou ela, imaginando como poderia acreditar no que ela própria acreditava e pensar no que havia pensado.

Os dois chegaram ao último andar do prédio, que estava vazio e coberto pelo branco. O velho prédio fora reformado, mas era familiar o bastante para fazer Peter Lake pensar que estava prestes a ver a cidade que conhecia. Os trilhos elevados estariam ali, assim como todo o resto. Barcas com fileiras de chaminés negras e altas como cartolas atravessariam a baía, indo de um lado para outro, cuspindo fagulhas grandes como laranjas. Ele veria as enormes estruturas de aço dos prédios distantes erguendo-se contra o céu, mas, de maneira geral, a cidade seria a mesma — o século 19 abrindo os olhos, arrancando seus véus de aço e ébano. O sonho chegaria ao fim. Tudo se encaixaria tranquilamente em seu devido lugar.

Chegaram até a porta do telhado.

— É engraçado — disse Peter Lake. — Não creio que essa impressão que tenho possa se confirmar, mas estou com medo de abrir a porta.

— Basta empurrá-la — sugeriu ela.

E ele empurrou.

THE SUN...

No dia 15 de maio, o *The Sun* celebrou seu 125º aniversário, e vários milhares de pessoas embarcaram na barca de Staten Island enquanto ela repousava no estuário, em meio a uma névoa fresca que pairava sobre a superfície da água. Harry Penn decidiu celebrar a longevidade dos seus jornais levando seus funcionários, suas esposas e maridos em um cruzeiro de primavera, “subindo o Hudson e passando sob as Palisades”, como anunciara originalmente, embora a expressão “sob as Palisades” fizesse com que Hugh Close, o revisor-chefe, protestasse sarcasticamente, dizendo que não iriam perfurar nenhum túnel por baixo dos rochedos. O cruzeiro, então, aconteceria “diante das Palisades”, depois que “à sombra das Palisades” foi rejeitado porque, como o próprio Close observou, não haveria lua naquela noite e, dessa forma, os penhascos de Jersey não projetariam quaisquer sombras.

A barca, inteiramente iluminada, estava tingida de laranja e dourado, como uma vasilha de frutas ao sol. Milhares de garrafas de champanhe e milhares de aperitivos e sobremesas enchiam mesas cobertas com toalhas de linho, que se estendiam como fitas decorativas pelas longas cabines. Havia uma orquestra em cada um dos conveses, e elas tocavam a todo vapor conforme os celebrantes subiam a bordo. Estavam encantados e cheios de otimismo, porque haviam colocado o *The Sun* para dormir cedo naquela tarde e receberam bonificações-surpresa equivalentes a um ano inteiro de salário em homenagem ao 125º aniversário. Também receberam cartas elogiosas e agradecimentos de Harry Penn, identificando individualmente seus atos heroicos, construtivos ou generosos, assegurando-lhes que o jornal gozava de excelente saúde fiscal e

convidando-os a continuar na empresa e compartilhar do futuro do jornal.

Para Hardesty e Virgínia, a bonificação do 125º aniversário veio em um momento excelente, pois significava que o seu novo lar receberia o equivalente a quatro salários anuais integrais. Além disso, o Banco dos Agricultores de St. Louis, depois de cinco anos, estava recuperado e recapitalizado, e enviou a Hardesty uma carta onde prometia honrar o seu cheque que estava parado há tanto tempo. De maneira geral, estavam numa situação muito confortável. Virgínia dera à luz sua segunda criança, uma garota que recebeu o nome de Abby. A Sra. Gamely conseguiu fazer uma carta chegar, convidando-os a visitá-la assim que pudessem, e dizendo que, nesses anos antes da virada do milênio, o Lago das Coheeries passara por invernos rigorosos — sim —, mas também por verões extraordinários, que fizeram o vilarejo transbordar com riquezas naturais, “nos sentidos agrários e lexicográficos da palavra. Há muita comida, por toda parte”, a amiga escreveu para ela, “e tantas palavras novas e maravilhosas sendo criadas que os armazéns e os armários estão abarrotados. Estamos inundados com neologismos, peixe defumado e tortas de frutas”. Ela chegou até mesmo a incluir na carta uma torta de cereja bem fina e deliciosa.

Hardesty e Virgínia começaram a dançar ao som das valsas antes que a barca chegasse ao ancoradouro, e, entre os casais felizes, era um dos que mais esboçavam sua felicidade. Seus filhos estavam em casa, seguros, sonolentos e contentes; estavam sem dívidas e prosperando; tinham saúde perfeita; e haviam acabado de encerrar um dia duro de serviço. Isso, aliado aos poucos copos de champanhe (que era tão seco que, se fosse derramado, acabaria por desaparecer), faziam-nos dançar em elipses e movimentos perfeitos. Por vezes passaram em torno de Asbury e Christiana, que esbanjavam sua juventude e vitalidade e estavam tão felizes quanto eles. Com uma tranquilidade extraordinária, Hardesty e Virgínia dançaram por entre o convés transformado da barca, movendo-se como planetas. Passaram por Praeger de Pinto, que dançava com Jéssica Penn. Misturaram-se aos funcionários de todos os setores

— os impressores e os caminhoneiros, os mecânicos com seus rostos longos e nobres e bigodes cuidadosamente aparados no estilo que era usado na virada do século anterior, belas e jovens secretárias (que nunca estiveram em um evento tão elegante, com exceção das festas de Natal e das festas de julho, que eram bastante comedidas e civilizadas e ocorriam no jardim da cobertura do *The Sun*).

O casal passou também pelos focas — que começaram a trabalhar no jornal havia pouco tempo e se comportavam de forma desajeitada e exageradamente séria, como adolescentes —, pelos bibliotecários anciãos, os cozinheiros, os seguranças (na ausência deles, a polícia ficou responsável por vigiar o prédio vazio do *The Sun*) e o próprio Harry Penn: encarquilhado, elegante, sagaz, ágil e magro como um cabo de vassoura. Quando todos estavam a bordo, a barca zarpou, saindo de Upper Bay e virando ao norte para subir o Hudson, que estava calmo como um barril de petróleo. Deslizaram ao longo dos prédios iluminados por dentro e, exceto pelo som abafado das orquestras e dos motores, a barca estava em silêncio. De algum lugar nas ruas e avenidas de Manhattan, uma cantoria surgiu. A névoa escurecia as estrelas e o céu, e quando eles se aproximaram da ponte George Washington, a névoa desceu para encobrir as duas margens do rio, embora não tenha encoberto a ponte em si nem seus cabos de sustentação, que brilhavam como diamantes azuis e brancos, e parecia ser suficientemente ampla e larga para poder abraçar o mundo sob sua curvatura.

As paredes envidraçadas de Manhattan, refletindo um brilho suave e esverdeado que se estendia do Hudson até Battery Park, não podiam ser comparadas à cortina branca que marcava o conflito entre as estações. Seu frescor e pureza sobre a superfície vítrea do rio colocava a barca sobre um palco. Em pouco tempo, os celebrantes não estavam mais celebrando. As paredes de uma catedral foram erguidas à sua volta, e o percurso lento e silencioso se comparava a uma jornada rumo ao mundo dos mortos — e tudo aquilo sugeria que, talvez, além das cortinas esbranquiçadas das névoas, houvesse algo muito mais vibrante do que Nova Jersey.

Subitamente, fez muito frio — uma mensagem que vinha de algum lugar muito além da cadeia de luzes que marcava a curva para o norte do Hudson.

As orquestras pararam de tocar as valsas e a potência dos motores foi reduzida, até que a barca prendeu silenciosamente o seu sopro. A orquestra da proa começou a tocar um cânone belo e apocalíptico, uma daquelas peças em que, certamente, o compositor simplesmente transcreveu o que lhe foi passado e estremeceu, em admiração à mão que o guiava. A orquestra na popa logo seguiu, e o cânone cresceu por todos os conveses e sobre as águas até que a própria balsa parecesse haver se tornado um instrumento musical, um artefato delicado de vidro com brilho próprio, que flutuava sobre o mesmo espelho sobre o qual a cidade se erguia.

Enquanto a música se erguia nos céus, as pessoas permaneciam sobre os corrimãos e amuradas, e também nos conveses superiores, com os olhos fixos em pontos distantes, longe de si mesmas, transfixadas. Haviam subido à barca sem qualquer pretensão, apenas para dançar e rir. Em seguida, um véu branco foi colocado à volta delas, e elas perceberam o quanto suas vidas eram efêmeras e insubstanciais; como, em um segundo, num piscar de olhos, tudo se perde. Isso as levou para longe de suas preocupações e ambições, e, preocupando-se apenas com a música e as leis que a governavam, permaneceram sobre os conveses abertos da barca e emocionaram-se profundamente. Qualquer coisa que viesse a acontecer aconteceria. Qualquer coisa que viessem a ver, veriam. E ficariam gratos por vê-la.

Eram muito corajosos, pensou Harry Penn, que conhecera momentos como aquele no auge da guerra, no mar, e quando olhava nos olhos das crianças. Eram muito corajosos por enxergar diretamente suas próprias mortes, e as enormes recompensas que receberiam.

Chegando como emissários do verão que estava a caminho, rajadas e feixes de relâmpagos distantes e silenciosos atingiram a

névoa que se agigantava, e a profusão dos seus afluentes refletiu no rio. Essa imagem interrompeu as orquestras e silenciou a música conforme a barca e seus passageiros deslizavam sob os lampejos silenciosos que guerreavam nos céus. E então, logo abaixo da ponte reluzente, a barca fez uma curva rápida e silenciosa, e rumou de volta para o ponto de partida.

Isaac Penn saiu de Hudson, em Nova York, em um navio baleeiro quando tinha onze anos de idade e era magricela como uma vara de pesca. Sem nunca ver o mar, ficou bastante embasbacado quando, ao descer o rio, a embarcação chegou até a enorme área de Havestraw Bay, e à imensidão do Tappan Zee. Quando passaram por Manhattan e pelas Palisades, pelas fileiras de edifícios, ancoradouros malcuidados e o amontoado de mastros que estavam mais apinhados e emaranhados que as moitas de framboesas próximas ao Lago das Coheeries, Isaac Penn sentiu-se impressionado profundamente, e para sempre. Ele absorveu tudo da melhor maneira que pôde, e jurou a si mesmo que retornaria a Manhattan algum dia para participar da ascensão da cidade que até mesmo ele, um garoto baleeiro de onze anos de idade, pôde perceber facilmente que estava em uma marcha inabalável rumo ao norte da ilha. Seu juramento foi gravado em aço quando ele viu o que havia além das Narrows. Aqui não havia colinas verdejantes pontilhadas com vacas de cores exóticas que passavam o dia inteiro ruminando; não havia lagos tranquilos, cheios de juncos, garças e cisnes; não havia montanhas azuladas ao longe; e não havia florestas de coníferas frescas e agitadas pelos ventos em suas bordas. Somente o mar e nada mais, em um enorme círculo de água e céu. Em seguida, os baleeiros o colocaram para trabalhar, lavando panelas — por três anos.

Ele voltou para o mar outras vezes. A cada vez, eles desciam o Hudson e passavam por Manhattan, e, a cada vez, Manhattan avançara mais para o norte, com saltos enormes. Isaac Penn era tão firme e constante quanto a cidade. Passou de assistente de cozinha a camareiro, depois a marinheiro-aprendiz, marinheiro-

pleno, terceiro, segundo e primeiro imediato, capitão, dono de navio e proprietário de uma frota. Pouco antes que a pesca da baleia entrasse em colapso, ele retirou sua fortuna dos barcos e a investiu em navios mercantes, fábricas, terras e um jornal, que criou de acordo com suas próprias ideias.

Ele sabia administrar um navio de maneira eficiente, a melhor maneira de tratar sua tripulação, as maneiras de navegar pela escuridão e por tempestades, encontrar baleias espertas e valiosas, e o truque de registrar no diário de bordo todas as notícias do dia, de maneira clara e econômica. Sabia manter uma contabilidade impecável, organizar a disposição dos conveses de maneira eficiente, e quando vender o seu óleo. Havia enviado correspondentes a portos estrangeiros para que lhe enviassem notícias sobre outras frotas, para prepará-lo para as flutuações do mercado. Tinha paciência — era capaz de perseguir uma boa fortuna de maneira implacável, ou esperar até que ela chegasse ao alcance das suas mãos —, e ele mesmo havia disparado uma boa quantidade de arpões certeiros.

Assim, ele conseguiu desenvolver o *The Sun* para que fosse, se não um instrumento perfeito, algo bem próximo disso. Em Printing House Square, na parte baixa de Manhattan, na junção quádrupla das ruas Dark Willow, Breasted, Tillinghast e Pine, a empresa foi instalada perto do centro do governo, em função das notícias políticas; dos ancoradouros, para receber as mensagens internacionais; de Five Points, para as notícias sobre a polícia e o crime; do Bowery, para a parte de teatro e música; e do Brooklyn (que era acessado por uma balsa, até que a ponte fosse concluída), para os interesses humanos.

Harry Penn gostava de dizer: “Naquela época, eles pensavam que o único interesse humano estava no Brooklyn. ‘Precisamos de um artigo sobre interesses humanos’, dizia alguém. ‘Mandem um garoto ao Brooklyn’. Eu costumava dizer que também havia seres humanos em Manhattan. Eles não acreditavam em mim, de fato. E então eu ia para o Brooklyn, procurando desesperadamente por uma história de

interesse humano, que, com mais frequência do que gostaríamos, acabaria falando sobre uma vaca.”

Embora a localização no centro da cidade acabasse perdendo algumas vantagens por conta de tudo o que ocorreu mais tarde na região mais ao norte, o lugar escolhido permitia que muitos dos funcionários morassem em Staten Island e em Brooklyn Heights, e estimulava um senso de história e atividade, porque era o centro de uma grande e antiga colmeia.

Mesmo de longe era possível distinguir o *The Sun* dos prédios que o cercavam, e que, com o tempo, passaram quase a encobri-lo. O *The Sun* sempre era reconhecível por causa das suas bandeiras: elas não eram como as fileiras imensas de roupas de baixo pintadas em cores nacionais e penduradas para secar na frente do prédio das Nações Unidas ou ao redor do rinque de patinação de Rockefeller Plaza; em vez disso, eram sinais individuais de cores flamejantes. Cinco enormes bandeiras brincavam ao sabor do vento. Nos quatro cantos estavam hasteadas as bandeiras da cidade de Nova York, do estado de Nova York, do *The Sun*, do *The Whale* e, no centro, a bandeira americana.

A bandeira do *The Sun* era um sol de bronze com uma coroa de triângulos agudos sobre um campo branco acetinado. A bandeira do *The Whale* era dividida em duas metades, uma azul-celeste e outra azul-marinho, cortadas por uma linha ondulada para separar o mar do céu, com uma imensa baleia repousando imóvel sobre a água e agitando a cauda em golpes articulados de azul, branco e cinza. Na eventualidade de uma guerra que fosse decididamente justa e injusta, no qual um dos lados era puramente agressor e o outro lado fosse meramente a vítima, o estandarte da vítima seria hasteado sob a bandeira nacional. Faixas decoravam o jardim interno e eram penduradas como tapeçarias na redação do jornal, porque Harry Penn dizia que aqueles símbolos representavam para um prédio o mesmo que uma gravata e uma echarpe representam para um homem e uma mulher. — Uma boa gravata pode fazer com que um bastardo velho e grisalho como eu fique parecido com o rei da

Polinésia — dizia ele. — Adoro usar uma bela gravata, e o prédio também gosta.

O prédio em si era um retângulo neoclássico francês, construído sob uma armação de ferro e com a fachada decorada com pedras, projetado pelo arquiteto Oiseau, do século 19. Era leve e espaçoso, e, ainda assim, substancial. Fora completamente reformado cento e dez anos após sua inauguração, e agora as enormes janelas estavam cobertas por folhas de vidro fumê que pareciam enormes joias clássicas achatadas sobre um fundo metálico. No coração do prédio havia um enorme pátio com jardins e uma fonte. Nas quatro paredes que cercavam o pátio, escadarias iluminadas se erguiam no espaço aberto. Uma cúpula de aço e vidro cobria esse átrio. Nos meses mais quentes, ela era aberta como uma escotilha de carga e convenientemente removida do alto do prédio.

O interior era pintado de branco como a casca de um ovo, embora algumas paredes exibissem tons mais tranquilos ou estivessem cobertas por tapeçarias. Aqui e ali havia enormes pinturas retratando cenas de caça às baleias. Olhar para elas era como estar no mar; a água esbranquiçada parecia tão real que as pessoas se esquivavam para não serem atingidas no rosto pela barbatana encharcada de uma baleia que lutava para não ser capturada. Os tetos tinham o pé-direito três vezes mais alto que as medidas atuais, e seus rebordos foram criados com maestria por artesãos já falecidos há muitas gerações. Por todo o edifício havia tapetes orientais, madeiras de cores quentes, detalhes em latão e uma iluminação sutil e indireta que, às vezes, ficava focada em um determinado ponto para criar bolsões de luz, e outras vezes era disposta de modo a produzir uma iluminação geral e palaciana. Os pisos eram feitos com tábuas de carvalho e as escadarias, com mogno. Os elevadores, por sua vez, eram feitos com latão, madeira de teca e cristais verdadeiros. Moviam-se silenciosamente pelos corredores cheios de palmeiras e com pontos de luz intensa que refletiam neles enquanto subiam e os faziam brilhar como diamantes.

No porão ficavam os geradores. Um para produzir eletricidade e outro apenas para mover as prensas. Eram estruturas antigas e elaboradas, feitas de ferro, latão e aço que ocupavam metade de um quarteirão em uma coleção de samovares bufantes, máquinas rotativas que giravam em velocidades alucinantes, eixos de cardans sesquipedálicos que invadiam cilindros caprichosos em penetrações frenéticas e caldeiras grandes o bastante para cozinhar toda a colheita de damascos de Imperial Valley. Havia também uma floresta de passarelas, plataformas e escadas que davam acesso a válvulas, alavancas, estações de bombeamento, mostradores e medidores, fazendo com que alguns transeuntes, que viam o imenso aparato através de vidraças similares às usadas em estufas, imaginassem observar uma fábrica de relógios ou uma destilaria.

Quando os dois geradores funcionavam, com suas luzes piscando por entre as alegres baforadas e pequenas nuvens de vapor, pareciam ser o coração do mundo. Ônibus escolares cheios de crianças vinham de todas as partes, às vezes até de lugares distantes como o estado de Ohio, apenas para observar o maquinário a vapor do *The Sun* e os velhos mecânicos que cuidavam do seu funcionamento e da manutenção. Aqueles mecânicos eram os únicos que conheciam os segredos da tecnologia antiga. E mesmo eles, que aprenderam o ofício com seus pais, não conheciam os nomes de metade das peças, ou para que serviam apêndices inteiros que estavam inativos. Muito do maquinário ficava parado em seu lugar sem ser usado; mesmo assim, todas as engrenagens, polias e pistões tinham de estar lustrados e lubrificados.

No subsolo também havia um cofre, cinco quadras de squash, uma piscina de 25 metros de comprimento, uma academia de ginástica, saunas, espaço para banhos turcos e várias fileiras de chuveiros.

O primeiro pavimento continha os depósitos de papel, as prensas, as baias dos caminhões de entrega e o saguão da recepção. O segundo piso era tomado inteiramente por salas de composição

digital e de linotipos, além do departamento de classificados. Publicidade, diagramação, contabilidade, os departamentos pessoal e financeiro ficavam no terceiro andar. O quarto piso era o da redação. Em vez de escrivaninhas metálicas horrorosas amontoadas em um ambiente parecido com o de um hangar com iluminação excessiva, o centro de operações do *The Sun* ficava contido em quatro salas retangulares espaçosas dispostas ao redor do pátio central, com mesas enfileiradas no sentido do seu comprimento. Afixadas às escrivaninhas havia luminárias de vidro verde, e embaixo delas havia armários, gavetas e os cabos eletrônicos que ligavam a escrivaninha de cada um dos repórteres com a biblioteca, o necrotério, as salas de composição e os bancos de dados. Nos quatro cantos havia mesas de revisão e copidesque onde os vários departamentos buscavam suas tarefas, e um repórter avançava humildemente em direção a essas mesas com uma história em mãos, ou com algum furo de reportagem, como César atravessando o rio Rubicão. As divisões, cada uma com seu próprio quadro indicativo eletrônico, biblioteca especializada, terminais de dados e diretor, eram as seguintes: Cidades, Nacional, Washington, América Latina, Europa Ocidental, Europa Oriental & União Soviética, Oriente Médio, Ásia Meridional, Ásia Oriental, África, Ciências, Artes, Finanças e Editorial. Uma divisão inteira era designada simplesmente como ad hoc, e era usada para recolher os pedaços ou para apressar a conclusão dos trabalhos. Diferente da maioria das redações, a do *The Sun* era tranquila e organizada. Em um dos lados havia um pátio tranquilo, e do outro uma vista panorâmica da cidade.

Escadas em espiral perfuravam o telhado e chegavam até o quinto andar, onde estavam localizados os escritórios dos chefes de departamento, colunistas, editores e o editor-chefe. O escritório de Harry Penn, que antigamente pertenceu a Isaac, ocupava metade de um dos lados mais longos do prédio. Provavelmente era a única galeria de tiro com arpões da cidade. Estantes com os melhores arpões enchiam as paredes. Quando alguém queria praticar, bastava pegar uma das lanças e entrar em uma cabine que

simulava a proa de um barco baleeiro ao sabor das ondas. Mais adiante, a dez metros, havia representações em madeira de baleias que se moviam de um lado para outro da sala, levadas por cabos.

O sexto andar era o lugar reservado para as comunicações, as salas dos computadores, dos fac-símiles, da diretoria e aquelas reservadas para reuniões. O sétimo piso tinha salas de convivência e um restaurante. O oitavo e o nono abrigavam a biblioteca. O lugar continha vários milhões de volumes em pilhas abertas, todos os principais jornais e periódicos encadernados ou disponíveis em computadores, e uma sala de mapas. Bibliotecários experientes administravam uma verba aparentemente ilimitada para manter o lugar organizado e atualizado. As coleções de referência estavam entre as maiores maravilhas do mundo.

No telhado havia um conservatório, uma estufa de plantas, um solário, uma sacada e uma cafeteria ao ar livre, de onde as pessoas podiam ver o estuário, as pontes, a cidade magnífica e seções de céu aberto, mais azuis do que o céu acima de Montmartre. Aqui as bandeiras tremulavam, e, nas tardes e noites de verão em que o jornal estava trabalhando com vigor e graça, um quarteto de cordas tocava ocasionalmente.

O prédio do *The Sun* fora construído com tanta perfeição e era tão cheio de energia que, ao observá-lo de longe, era fácil imaginar que estava prestes a ganhar vida. Assim como os navios de Isaac Penn, que recolhiam as riquezas que havia nos mares, os redatores e repórteres haviam enchido o edifício com as memórias de todas as maravilhas que viram e avaliaram. Embora as luzes nunca se apagassem, porque um dos jornais sempre estaria funcionando naquele momento — fosse o *The Whale* ou o *The Sun* —, dizia-se que, se ambos fossem extintos, ainda haveria luz em quantidade mais do que suficiente para enxergar, pois os cento e vinte e cinco anos de claridade estavam impregnados nas vigas e nos arcos do prédio.

Tão geniais quanto as divisões físicas do *The Sun* eram a sua organização social e econômica. Talvez devido aos dias difíceis em

que Isaac Penn passou lavando panelas, a família Penn sempre acreditou num salário-mínimo alto. Suas colunas editoriais frequentemente vociferavam contra a ideia de pensões e benefícios para pessoas em condições de trabalhar, assim como criticavam programas sociais do governo que eram pouco mais do que elaborados esquemas de clientelismo. Por isso, eram repetidamente condenados nos círculos mais liberais. Por outro lado, eram incrivelmente persistentes em defender o que se considerava um salário-mínimo altíssimo (os Penn acreditavam que o trabalho duro e honesto merecia sua recompensa. Assim, respondiam aos argumentos dos conservadores que diziam que salários altos como esses fomentariam o desemprego e diminuiriam o empreendedorismo com o contra-argumento de que este último poderia ser sustentado e floresceria com reduções posteriores de impostos — o que seria possível devido à maior igualdade na distribuição de renda e à diminuição da pressão causada por pagamentos menores de pensões e outros benefícios).

A família Penn não tinha um centésimo da riqueza dos Binkys, e, enquanto os Binkys acumularam sua fortuna explorando exaustivamente as pessoas e o trabalho delas, os Penn não faziam nada disso. Em primeiro lugar, todas as pessoas que trabalhavam no *The Sun*, desde um ajudante de cozinha que fora contratado havia uma hora até o próprio Harry Penn, recebiam exatamente o mesmo salário básico e o pacote de benefícios — exatamente. E era uma boa quantia também, suficientemente boa para transformar qualquer emprego no jornal em um grande prêmio. Cada funcionário do Sun desfrutava de privilégios iguais em relação a pensões, planos de saúde, acesso às instalações atléticas no porão e acesso à cafeteria e ao restaurante. Qualquer um poderia aproveitar os generosos benefícios educacionais e conseguir algumas lições de música como brinde. E, ainda assim, havia muitas razões para trabalhar duro e progredir dentro da organização.

O *The Sun* fora inspirado em um empreendimento baleeiro. Depois que todas as despesas eram pagas e todos recebiam seus salários, os lucros eram divididos de acordo com um elaborado

sistema de quinhões. Ninguém além do próprio funcionário do jornal tinha direito a receber os quinhões, e eles não podiam ser herdados ou transferidos. Cada funcionário recebia cinco quinhões quando era contratado. Em seguida, para cada promoção que recebia, passava a ganhar outros cinco, e um quinhão a cada ano de trabalho. Havia vinte níveis de progressão, e havia também os níveis sênior. Por exemplo, após o primeiro ano de trabalho, um ajudante de cozinha normalmente teria direito a seis quinhões. Depois de passar vários anos na equipe, Hardesty Marratta (contratado originalmente no oitavo nível) foi promovido até o décimo segundo. Assim, com seus cinco quinhões originais, mais os sessenta pelo nível do seu cargo, e cinco pelos anos em que vinha trabalhando na empresa, teria um total de setenta quinhões. Mas, na realidade, tinha oitenta, porque conquistara dois prêmios de mérito, e cada um deles equivalia a cinco quinhões adicionais. Harry Penn estava no jornal há oitenta e cinco anos (pois começara a trabalhar na empresa aos dez, como assistente de redação). Naturalmente, estava no nível vinte. Tinha os cinco quinhões originais e, quando era mais jovem e capaz de ganhar prêmios (para os quais o editor-chefe e o diretor administrativo não podiam ser escolhidos), ganhara dez deles. Isso lhe deixava com duzentos e quarenta quinhões, muito mais do que os seis do seu ajudante de cozinha, mas não muito mais do que os oitenta de Hardesty. Se o ajudante de cozinha continuasse a trabalhar no jornal (e provavelmente o faria, especialmente devido aos salários e os benefícios) por dez anos, fosse promovido dois níveis para supervisor de cozinha e ganhasse um prêmio por sua salada, sua sopa de lentilha ou, digamos, por tirar um bebê da frente da limusine de Craig Binky em disparada, teria um total de trinta quinhões.

O sistema não estimulava somente a ambição, mas também a produtividade. Como o número de quinhões não era fixo, e como qualquer lucro recebido em determinado ano era finito (a noção de lucros infinitos acossava somente Craig Binky, que contratava economistas e feiticeiros para descobrir se isso era possível), era vantajoso para todo mundo trabalhar duro — não somente para

produzir mais lucros, mas também para conter o crescimento do número de funcionários da empresa, e, assim, o número de quinhões.

Os funcionários do *The Sun* queriam servir a empresa da melhor maneira que pudessem, não apenas porque fazer isso estava em consonância com seus próprios interesses, mas porque o *The Sun* era justo — eles sentiam isso da mesma maneira que podiam sentir a beleza em uma paisagem. Era ótimo, também, saber que se podia sentir que as coisas funcionavam, como também saber que seu funcionamento podia ser demonstrado por vários sistemas de lógica, e pela aparência das pessoas quando chegavam para trabalhar, pela manhã e à tarde.

E o sistema social incrivelmente igualitário e eficiente do *The Sun* não se originava no cano de uma arma, nem em um ato de crueldade, nem na imaginação de um leitor na biblioteca do Museu Britânico, mas no navio baleeiro americano do século 19.

O fato de o *The Sun* não ser um instrumento bruto se devia, provavelmente, e em grande parte, ao seu concorrente distinto e vivaz.

Rupert Binky, certa vez, fizera um desafio famoso a Harry Penn. Gabando-se em sua página editorial e para os seus amigos no Alabaster Club de que o *The Ghost* extinguiria o *The Sun* antes da virada do milênio, ele declarou que, se não o fizesse, amarraria correntes pesadas ao redor do próprio corpo e saltaria da ponte mais alta de Nova York. “Será que Harry Penn está disposto a amarrar correntes pesadas ao seu corpo e fazer o mesmo, se tivermos sucesso, como teremos, em enterrar o *The Sun*?”, perguntou ele em sua coluna.

“Não”, escrevera Harry Penn em sua própria página editorial. “E eu absolvo Rupert Binky da responsabilidade de cumprir com sua promessa, embora esteja pensando na segurança do tráfego de barcos em nossos rios. Pois, se o senhor Binky pular de cabeça, podemos acabar testemunhando uma demonstração inconspícua da

sabedoria de Billy Mitchell, quando executou seus testes de bombardeio aéreo contra alvos navais".

Pouco tempo depois, Rupert Binky foi morto por um cisne enraivecido no rio Isis, em Oxford. Um grupo de remadores olímpicos de Magdalen College, cansado após uma competição de canoagem, ouviu suas últimas palavras, que foram: "Acabe com o *The Sun*". Longe de ser a sentença mística e elevada que imaginavam ser, aquela era uma instrução específica que foi imediatamente recebida por seu neto, Craig Binky, que assumiu a tarefa de vingar o avô como se o cisne fosse um assassino treinado, contratado por Harry Penn.

Os recursos que tinha à disposição eram impressionantes. Para começar, ele possuía os zilhões de Binky e a enorme base de leitores responsáveis pela circulação do *The Ghost*. Mas, apenas com esses dois fatores, um ataque contra o *The Sun* não seria mais eficaz do que um golpe desferido contra a sua contraparte natural. Embora Craig Binky pensasse que os seus estratagemas fossem a causa dos infortúnios ocasionais do *The Sun*, ele era, na realidade, apoiado por uma presença mastodôntica invisível para ele e para muitas outras pessoas — o tempo em si. Muitas artes e talentos haviam se atrofiado, o público não era o mesmo de antigamente e a maioria da população passava um terço ou mais das horas do seu dia sentada e imóvel, absorvendo sem reação ou resistência qualquer coisa que visse em seus televisores. As morais e os valores haviam se tornado tão racionais que criminosos e prostitutas ressuscitados de outras eras não teriam de enfrentar nenhuma barreira ou censura. Na realidade, um criminoso como Peter Lake ficaria enormemente ofendido ao perceber que a desonestidade e a corrupção eram a norma corrente, e desorientado pela recusa geral em distinguir entre o certo e o errado. A cidade apodrecera, a anarquia era extrema, tanto que ilhas de reconstituição acabavam brotando e prosperando dentro dela. Essas ilhas cresciam num ritmo incessante. Em meio a águas incrivelmente impuras, as ilhas eram como um recife em expansão, e, embora crescessem

lentamente, quando a força que as impelia finalmente rompia a superfície, acabaria por rompê-la por todos os lados.

O *The Sun* era uma dessas ilhas, ameaçada pelos mares revoltos nos quais Craig Binky nadava como um peixe — e sempre a favor da correnteza. Enquanto Harry Penn permanecia firme como um rochedo no meio das corredeiras, Craig Binky divertia-se muito, saltando e dando piruetas maravilhosas em meio às espumas. Conseguia encontrar dez mil vezes mais leitores para um artigo do *The Ghost* sobre o mais recente traje com efeito molhado direcionado aos praticantes de danças com patins, enquanto Harry Penn encontrava leitores para um ensaio do *The Sun* sobre a colonização da lua. Além disso, as investigações do *The Ghost* sobre as qualidades afrodisíacas do creme de caramel redundavam em lucros maiores do que toda a série do *The Sun* sobre os novos e brilhantes artistas que trabalhavam com música eletrônica.

Ainda assim, o *The Sun* prosperava. Apesar disso, Harry Penn não se contentava em compartilhá-lo apenas com a sua minoria de leitores cuidadosos e inteligentes, pois queria triunfar, e não apenas sobreviver. Essa visão não tinha muito a ver com o *The Ghost*, embora ele decididamente fosse algo bastante irritante; tinha a ver com o seu senso de ordem e sua visão a respeito do mundo. Harry Penn queria que o *The Sun* lutasse contra o *The Ghost* e tudo o que o concorrente representava; se não de acordo com seus próprios termos, então ao menos em seu próprio território. Assim, ele reunia suas tropas e mandava-as combater Craig Binky. Como não usavam os métodos do Ghost para atender a anseios vazios, tinham de lutar continuamente em posições desvantajosas. Mas a disparidade atiçava suas imaginações.

Embora o *The Sun* fosse um modelo de precisão e formalidade em suas páginas noticiosas, a sua seção editorial cobria um espectro maior, e era dividida em facções que guerreavam constantemente entre si, como um parlamento. A Editorial I era uma página dedicada a avaliações sóbrias, dignificadas e ecléticas, não muito diferente das páginas editoriais em outros grandes jornais ao

redor do mundo, exceto pelo fato de que a probabilidade de saber o que o *The Sun* diria era menor. Afinal, suas políticas e condutas eram bastante fluidas, práticas e idiossincráticas. Na Editorial II, a Direita tinha uma página inteira para apresentar, de maneira frequentemente admirável e brilhante, sua linha de pensamento completamente previsível. O mesmo acontecia com a Editorial III, uma página inteira dedicada à Esquerda. A Editorial IV, entretanto, era controversa, pois nela os colunistas e articulistas convidados do *The Sun* eram estimulados a escrever sem qualquer preocupação com possíveis acusações de calúnia ou outras consequências, embora, devido a alguma espécie de código de conduta implícito, os abusos, os exageros e o sensacionalismo fossem filtrados dos artigos que poderiam ser excessivamente vitriólicos ou apelativos. Quando começou a escrever para a Editorial IV, na verdade, Virgínia Gamely, que agora assinava como Marratta, começou a arriscar a sua sorte.

Tudo começou sutilmente, mas logo ela se deixou levar por uma compulsão cuja fonte não conseguia compreender. Não era um comportamento surpreendente, pois, no Lago das Coheeries, as maiores nevascas, aquelas que cobriam as casas e transformavam os campos em um mar branco e tranquilo, sempre começavam com pequenos borrifos de neve que eram quase invisíveis. No início, as colunas de Virgínia passavam quase despercebidas, pois faziam a descrição de uma cidade que se apresentava de forma tão feroz aos olhos dos seus habitantes que eles raramente conseguiam visualizá-la como um todo. A ironia dessa beleza era que eles, que a construíram, não conseguiam vê-la. Estavam ocupados demais, correndo e lutando, perdidos na cidade como insetos.

Virgínia frequentemente acompanhava Hardesty e Marko Chestnut em suas longas caminhadas em busca da arquitetura esquecida e de paisagens reveladoras. Quando encontravam um bom assunto, ela se afastava um pouco, indo até um terreno coberto por mato ou um lance de escadas de pedra, e os observava enquanto trabalhavam. Enquanto eles desenhavam e faziam anotações, ela fixaria seu olhar em uma cena, que podia ser aquela

que os dois haviam escolhido ou outra que estivesse por perto. Por exemplo, ela poderia observar a luz da tarde contra uma fachada de pedra vermelha entalhada e ver que a luz e a pedra estavam apaixonadas, movendo-se para a frente e para trás em harmonia, como duas quilhas transparentes em meio à mesma correnteza transparente. Ela era capaz de ouvir, no trânsito, um ruído branco que jogava véus sobre o presente e lhe permitia trazer a cena para perto de si, da mesma maneira que ela segurava seus filhos — lutando contra o tempo, conquistada por ele, arrebatada por ele. Virgínia acreditava que apenas através do amor era possível sentir a terrível dor do tempo, para, em seguida, deixá-lo completamente inerte.

Ela seguia o balanço do capim alto nos terrenos baldios acariciados pelos ventos, até que o movimento cessava e ela os via, imóveis, em um fotograma congelado no tempo. E depois ela voltava ao *The Sun* e escrevia textos que deixavam Craig Binky e seus leitores loucos, porque Virgínia não via o mundo como um sistema de blocos materiais no qual uma coisa estava ligada a outra, mas, em vez disso, via-o como uma ilusão magnífica do espírito. Em um de seus ensaios ela escreveu sobre a cúpula do velho quartel de polícia e como ele conseguia “observar a cidade por meio da sua forma, pois, além da inexplicável magia da cor, as imagens são transmitidas e recebidas em termos de forma. Os próprios receptores são uma forma reconhecível e constante que é derivada dos atributos da luz. Afinal de contas, a parte que vemos do olho, em si, também é uma cúpula”, escreveu ela. Nessas especulações, Virgínia explicava a qualidade do ar sob o sol da manhã. E continuava a partir desse ponto, com uma verve que era simultaneamente metafísica e sensual, falando sobre propósitos derradeiros, simetria, beleza, Deus, o diabo, equilíbrio, justiça e o tempo. Era uma característica das Coheeries. Eles eram sempre muito sérios naquele lugar, e, em questões relacionadas à natureza e religião, eram capazes de convencer o papel de parede a se desgrudar da alvenaria com a mesma paciência e intensidade dos filósofos alemães do século 19.

Quando Harry Penn leu o primeiro daqueles ensaios, chamou Virgínia ao seu escritório.

— Você sabia que, por causa desses seus textos, o *The Sun* será atacado sem piedade? — perguntou ele assim que Virgínia entrou na sala.

Virgínia ficou tão surpresa que não conseguiu responder.

— Sabia? — insistiu ele.

— Não — respondeu ela. — Atacado? Por que motivo? Por quem?

Ele fechou os olhos por um momento, e assentiu em confirmação das suas próprias suspeitas.

— Sente-se — disse Harry Penn, e passou a explicar a ela, como um pai falando com sua filha, sobre a selvageria da disputa intelectual em uma cidade onde muitos consideravam que o intelecto estava acima da natureza. — A maioria das pessoas chega a conclusões distorcidas por meio de caminhos cegos e dolorosos — explicou ele. — Não gostam quando alguém como você aparece como se simplesmente descesse em um balão. Você não pode esperar que alguém acredite em qualquer revelação baseada na fé se essa mesma pessoa não a testemunhou de perto. As pessoas que nunca testemunharam algo assim acreditam somente na razão. E, como a fé é uma coisa que existe em separado, e não pode ser comprovada de maneira razoável, essas pessoas nunca acreditarão em você. Essa é a grande divisão que existe no mundo, e que sempre existiu. Quando a razão e a fé andarem juntas... bem, aí você terá algo importante, uma era grandiosa. Mas, na cidade, agora, a razão é predominante. Discutir sob qualquer outro ponto de vista, ou de qualquer outra maneira, como você faz, é subversivo. Você será atacada. Talvez se publicarmos os seus artigos na seção de religiões, junto com os resumos dos sermões, eles não criem tanta controvérsia.

— Qual controvérsia? — interrompeu ela. — Não houve nenhuma controvérsia.

— Haverá.

Ela achava aquilo difícil de acreditar.

— De onde você é, minha jovem? — perguntou ele.

— Do Lago das Coheeries. Quando cheguei a Nova York, fiquei hospedada com Jéssica, na sua casa mesmo. O senhor estava no Japão.

— Você é a pequena Virgínia Gamely?

— Não mais — disse ela com um sorriso, pois era bem mais alta do que ele.

— Eu não tinha percebido — confessou Harry Penn, olhando diretamente para ela. — Terei o maior interesse em ler as suas colunas conforme elas surgirem.

— De fato, não me lembro realmente do senhor — disse ela.

— Na última vez que eu a vi, você era uma criança muito pequena. Não poderia se lembrar.

O que Harry Penn previra realmente aconteceu. Virgínia foi atacada por vários lados, e tratada como se houvesse sugerido que as crianças da cidade devessem ser obrigadas a tomar cicuta. O *The Ghost* a atacou em sua primeira página, ignorando as notícias do mundo para castigá-la, juntamente com o *The Sun*, por seu "reacionarismo religioso", escreveram eles. E acrescentaram: "Há decisões judiciais que proíbem esse tipo de coisa. E deveria ser suprimido em nome da modernidade e do bom senso". Não que Craig Binky tivesse, de fato, aquela opinião (ele geralmente não sabia quais eram as suas próprias opiniões), mas, para ele, parecia ser a maneira como as pessoas pensavam. Outras publicações também abalroaram seu casco sem piedade, mas com um toque menos agressivo, condescendente. Fizeram isso porque achavam que, como ela era nova na área, não seria preciso muito esforço para afundá-la. Tais erros frequentemente são cometidos em tempos de guerra.

Virgínia já vira a Sra. Gamely pegar sua espingarda e dispará-la contra ladrões durante a noite, e, em muitos aspectos, era exatamente igual à própria mãe. Mesmo assim, não se podia dizer que o curso que escolhera fosse acertado ou correto — não era nenhum dos dois. Em vez disso, era espirituoso. Abandonando a cautela, ela revidou contra os seus inimigos.

Um editorial do Ghost questionou se os complexos ensaios sobre a estética que apareciam regularmente no *The Sun* eram apropriados: “Será que o homem das ruas, em meio a outros milhões como ele, seja um Hincky, Lester, Jocko, Alphonse ou John, consegue compreender a obsessão místico-religiosa que tomou o *The Sun* de assalto?”. Pouco tempo depois, Harry Penn, que estava com a cabeça baixa em sua antiga escrivaninha forrada em couro, ergueu o olhar e viu que Praeger de Pinto e Hugh Close estavam em sua sala, um de frente para o outro. Seu gerente editorial e o seu chefe de redação estavam envolvidos em uma disputa sobre se deveriam publicar a resposta de Virgínia ao *The Ghost*.

— Sr. Penn — implorou Hugh Close. — Nós simplesmente não podemos publicar este artigo em qualquer lugar. Exceto, talvez, na Editorial IV. Não, não, nem mesmo nela. — Ele ergueu uma cópia do artigo, intitulada “Oh, Ghost, onde é que lhe dói?”

Durante toda a altercação, Praeger de Pinto permaneceu em silêncio.

— Por favor, dê uma olhada nisto, senhor — pediu Close. — Deixe-me chamar sua atenção para frases como estas: “Prefiro ser retalhada em pedaços por um gato de garras venenosas a tolerar um instante de aceitação por parte dos intelectuais residentes do *The Ghost*... Homens como Myron Holiday, Wormies Bindabu e Irv Lightningcow não sabem distinguir seus traseiros dos próprios cotovelos, muito menos conseguem enxergar a verdade. Ontem mesmo, por exemplo, Myron Holiday escreveu em sua coluna que Oliver Cromwell foi um famoso toureiro, e que os bombardeios estratégicos começaram a ser utilizados durante a Guerra de 1812... Os racionalistas do *The Ghost* são animais mecanicistas que

prosperam nas trevas e murcham sob a luz do sol. Se passarem a cinco metros de uma garrafa de leite, o líquido azeda. Vivem em festas e coquetéis cheios de mulheres desgrenhadas que estão sempre fumando cigarros, não sabem nadar, assustam crianças e se masturbam em livrarias.

— Não podemos publicar esse tipo de coisa. As pinceladas dela são fortes demais.

— Mesmo assim — instruiu Harry Penn, erguendo o dedo indicador em um gesto patriarcal —, o que ela diz é verdade. Coloquem na primeira página.

— Mas, Sr. Penn! — suplicou Close. Ele era o paradigma da exatidão, e um ataque tão imprudente e generalizado era um anátema à sua natureza. — Isso nos deixa inacreditavelmente vulneráveis!

Praeger de Pinto virou-se para a janela para esconder o sorriso. Ele conhecia Harry Penn melhor do que qualquer outra pessoa viva.

— Close, nossas indiscrições às vezes nos servem bem — sibilou Harry Penn. — Pois é o divino que dá forma às nossas metas. O Senhor é o meu pastor, e nada me faltará. Leva-me a descansar em verdes prados. Publicai na primeira página.

— Primeira página? — Ao perceber que não iria ganhar a discussão, Close tentou reduzir suas perdas.

— Primeira página.

— Primeira página?

— O que você é? — perguntou Harry Penn. — Um papagaio?

Virgínia estava andando de um lado para outro no jardim da cobertura do prédio. O *The Sun* demitia funcionários ocasionalmente, e ela havia passado dos limites. A rebeldia e o remorso se alternavam em ondas tão fortes que ela achava que estava no alto do mastro de observação de um navio, que passava

sobre as ondas em arcos de cinquenta graus. Quando Praeger se aproximou com uma expressão grave e imóvel, ela pensou no pior.

Ele a encarou por um momento, observando-a desmoronar. Em seguida, elevou-a até a lua quando disse que ele e Harry Penn iriam publicar o artigo na primeira página. Mas disse-lhe, também, que aquela fora uma manobra arriscada, e que, se tinha o desejo de viver perigosamente, podia ganhar muito dinheiro dirigindo caminhões carregados com nitroglicerina. Mesmo assim, ela caminhou pelo jardim da cobertura com passos largos. Quando desceu até a redação para contar a Hardesty, ele também lhe aconselhou a ter cuidado.

E ela teve, durante um dia inteiro. Em seguida, voltou a ser a velha Virgínia. Tinha medo, mas continuou a avançar, sem se importar com os perigos. Talvez isso se devesse ao fato de que as pessoas das Coheeries descendiam dos audaciosos salteadores do tempo da guerra entre os índios e os franceses. Talvez fosse porque sentia que estava presa em um remanso claro e profundo no tempo, ou talvez porque fosse versada e acreditasse com bastante convicção na onipotência de Deus e da natureza. Ou talvez fosse porque estava um pouco enlouquecida.

O conflito entre Virgínia e os intelectuais do *The Ghost* e seus seguidores logo chegou a um impasse, quando os dois lados esgotaram seus repertórios após lançar generalidades sem qualquer embasamento uns contra os outros, mais difíceis de elaborar que de sustentar.

Cada artigo criava pressões para que ela fosse removida, tanto de dentro quanto de fora do *The Sun*. Em cada uma dessas situações, entretanto, Harry Penn intervinha para defendê-la. Ninguém entendia por quê, especialmente devido ao fato de que até mesmo a sua própria filha, Jéssica, às vezes era o alvo de resenhas ácidas tanto no *The Sun* quanto no *The Whale*, que a fustigavam com uma dupla salva de artilharia.

Depois da primeira reprimenda, Virgínia sentiu o quase desastre reverberar por seu corpo da mesma maneira que a assistente de um atirador de facas sente as vibrações da tábua sobre a qual suas costas estão presas. Na segunda vez, ela se balançou alegremente sobre uma rede de dormir amarrada aos pilares gêmeos do alívio e da gratidão. Na terceira vez, tudo pareceu estar temperado pelo bom humor. Na quarta, após uma coluna intitulada “O Prefeito Tem Cara de Ovo. Ponto Final”, ela já esperava o resultado. E na quinta vez, depois de “Craig Binky e a Questão da Nudez Mental”, ela ficaria surpresa se não fosse repreendida.

Ninguém no *The Sun* fora tratado com tanta deferência. Ela era livre para fazer qualquer coisa que desejasse, e, em uma semana, assumia riscos em quantidade suficiente para durar uma vida inteira. Os que tinham boa vontade suspeitavam que a idade avançada de Harry Penn o levou a experimentar certas tolices. De acordo com as más línguas, Virgínia havia se tornado sua amante. Mas Harry Penn continuava alerta e elegante. Vestindo-se sempre com tweed, ele exibia uma bengala de ébano com um castão de ouro, com o qual afastava cães que estivessem sujando uma trilha, e, embora ainda fosse capaz de lançar um arpão, vez por outra, já havia claramente passado da idade de ter uma amante, ou mesmo de tentar fazer algo do tipo. Sua tolerância em relação às ações de Virgínia continuou a ser um mistério.

... E *THE GHOST*

Veja bem, não existe uma maneira racional e organizada de descrever o *The Ghost*, e não há um ponto de partida. O *The Ghost* era circular e rotundo no tempo, e disposto em meio a um completo caos. Estava apinhado de pessoas absolutamente sérias exigindo uma variedade infinita de coisas insanas. Por exemplo, em determinado momento, uma crise importante ocorreu quando o jornal se dividiu em duas facções — aqueles que diziam que o vinho branco era extraído dos peixes e os que diziam que não, embora estes últimos não soubessem e não declarassem de onde ele vinha.

Rejeitavam uns aos outros como huguenotes e valões, e, durante oito ou nove meses, o periódico foi publicado com muitos espaços em branco, sem algumas das suas ilustrações e fotografias, artigos de cabeça para baixo ou impressos lateralmente porque as facções se recusavam a cooperar. Craig Binky se reuniu com seus conselheiros e fez exatamente o que queria que eles fizessem. Ao convocar o conselho executivo para uma reunião, ele anunciou:

— Cavalheiros, vocês se lembram da história do Nó Gordo. Quando exibiram o Nó Gordo a Pepino, o Breve, ele não conseguiu desatá-lo. Assim, ele resolveu o problema ateando fogo ao nó, como os russos fizeram com seus vilarejos de abóboras. Planejo seguir a mesma estratégia, com algumas adaptações para os dias de hoje, já que estamos em uma era mais eufônica.

Em seguida, começou a demitir cada um dos onze mil funcionários do *The Ghost*. No dia seguinte, o *The Ghost* estava completamente vazio, sem ter nem mesmo a presença dos seus ratos, e isso poderia ter colocado um pouco de bom senso de volta na cabeça dos seus funcionários, se Craig Binky não houvesse

indenizado cada um deles com o equivalente a três anos de salário. Durante cinco ou seis semanas, o *The Ghost* e suas empresas subsidiárias ficaram tão escuros quanto uma noite sem lua em uma caverna, enquanto um exército de investigadores profissionais esquadrinhava as Rivieras francesa e italiana.

A lição de Craig Binky era simples. Como Virgínia escreveu ao concluir sua entrevista com o editor e diretor do *The Ghost*: “Poder em excesso expõe alguém ao ridículo. Isso é verdade tanto na política, em que os poderosos frequentemente são derrubados por sua própria pompa, quanto na religião, em que o homem que vê anjos retorna, na maioria das vezes, com uma história sobre arlequins; e também no ramo do jornalismo, em que o fato de ser um espelho para o mundo transforma em tolos aqueles que insistem em dizer o que é e o que não é. Com efeito, alguém sempre tem de se arriscar a dizer o que é e o que não é. Aqueles que o fazem ignorando seu lugar na natureza, entretanto, atraem para si coisas como a decisão cuidadosamente elaborada de Craig Binky, que diz que ‘o vinho branco, na verdade, não é extraído dos peixes ou de qualquer outro mamífero. É produzido ao se extrair o suco de abobrinhas verdes’”.

Mas o conselho executivo do *The Ghost* estava irreversivelmente intimidado pelos zilhões de Binky, e não se atrevia a contradizer seu chefe. Embora, por vezes, eles lhe implorassem para que não fizesse isto ou aquilo, sempre o faziam com vozes miúdas de camundongos de jardim. Seu poder sobre eles era quase absoluto. Por exemplo, ele os obrigou a mudar seus nomes para os verbetes-guia que constavam nas lombadas da Enciclopédia Britânica; fez isso para que pudesse se lembrar mais facilmente de quem eram, pois passava muito tempo fitando sua enciclopédia. Contra a própria vontade, eles se tornaram Bibai Coleman, Hermoup Lally, Lalo Montpar, Montpel Piranesi, Scurlock Tirah, Arizona Bolívar, Bolívia Cervantes (a única mulher que fazia parte da equipe), Ceilão Congreve, Geraniales Hume, Newman Peisistratus, Rubens Somália e Tirane Zywny, que, para sua eterna vergonha, compartilhava o sobrenome com os Zywny, uma raça de cães caçadores de ratos.

Flanqueado por seus dois guarda-costas cegos, Alertu e Scroutu, Craig Binky marchava rumo a uma reunião mensal da diretoria. Como de costume, ele trazia uma resma de novas propostas e projetos (os quais chamava de “projéteis”), que todos os membros do conselho executivo eram obrigados a aprovar.

— Em primeiro lugar — começou ele —, quero me permitir agradecer a vocês pelo elogio de chamá-los até aqui. O que quero dizer é que, francamente, sinto-me muito bem em conversar com vocês. Bem! Que dia! O sol brilha em espasmos e cordéis, e tudo substancia. Então, como veem, é um prazer me dirigir a vocês, de mim, seu amigo e presidente — sempre preocupado, nunca feliz, e muito disposto a conversar a respeito, ontem, hoje ou amanhã.

Em seguida, ele girava em sua cadeira e olhava pela janela por cinco minutos. Incomodava-o o fato de que nem todos os membros do seu conselho executivo estavam sentados rigidamente, prestando atenção ao que ele dizia. Às vezes ele os deixava daquele jeito por uma hora. Por que deveria se importar com aquilo? Pagava-lhes duzentos mil dólares por ano para que o aplaudissem educadamente quando ele entrava na sala, para assentir e arregalar os olhos quando ele apresentava sugestões e propostas, para discutir as coisas que dizia com palavras grandes que ele não entendia, e para confirmar em seguida que aquela era uma ideia brilhante. Por exemplo, cultivar cogumelos em caixas de depósito nos cofres dos bancos que estivessem sem uso. Em seguida, girou a cadeira outra vez e voltou a encará-los.

— Lalo, Hermoup, Bolívia, Bibai, Montpel, Newman, Tirane, Ceilão, Geraniales, Arizona, Scurlock. Estou feliz por vocês todos estarem aqui, e feliz por vocês todos serem mortais. Escutem isso.

— O que aconteceria se pegássemos tudo o que existe no universo e dividíssemos por um? Vou lhes dizer. Tudo continuaria igual. Assim, como saber se alguém não está fazendo isso neste exato momento, imediatamente agora? Eu estremeço só de pensar. Pode ser que sejamos constantemente divididos por um, ou

multiplicados por um, dependendo do caso. E nem mesmo saberíamos que isso está acontecendo!

Todos fingiram estar abismados e trocaram olhares com a pessoa que estava ao seu lado. Em seguida, voltaram a se sentar com as costas eretas, esperando pelo que viria a seguir.

— Deixem-me enumerar os tópicos de hoje, começando pelo número A.

— Número dois. Pensei no caso, e não gosto nada disso. Até onde eu sei, está jogado pela janela, terminado, embargado.

— Boa ideia — disse Scurlock Tirah (cujo nome verdadeiro era Finny Pealock).

— Número L. Estamos um pouco defasados em relação à organização corporativa. Marcel Apand estava me falando sobre uma pequena empresa de produtos eletrônicos que abriu na Índia. Ele contratou uma escola de administração para projetá-la desde os alicerces, e eu gostei muito do que fizeram. Assim, a partir da próxima segunda-feira, a empresa responsável pelo *The Ghost* será reformulada e organizada em grupos, macrogrupos, microgrupos, casulos, microcasulos, minicasulos, macrocasulos, macropepitas, superpepitas, bulbo-agregações e bips. Alguns departamentos se ligarão a outros grupos, casulos, pepitas, bulbo-agregações e bips, e outros continuarão essencialmente estáveis. Por exemplo, uma secretária naquilo que agora é o pool secretarial da seção de imóveis do departamento de classificados será conhecida daqui por diante como um bip do grupo secretarial do casulo de imóveis da macropepita dos classificados. Tudo isso, por sua vez, é um bulbo-aglomerado da superpepita geradora de receitas.

Os membros do conselho estavam sentados com sorrisos nervosos em seus rostos, os pés batendo contra o chão, dedos tamborilando no tampo da mesa e os olhos correndo de um lado para o outro.

Durante as próximas duas horas e meia, o período no qual Craig Binky devorou um almoço com sete pratos que foram servidos em

sequência enquanto os membros do conselho apenas o observavam, com estômagos vazios e salivando, Craig Binky continuou firme em suas convicções, e as ideias fluíam dele com uma intensidade eufórica. Acreditava firmemente que era o centro do universo; que, dali a mil anos, as pessoas viriam a se referir ao final do século 20 como “A Era de Craig Binky”, e à sua música e arte como “binkyanas”, “binkyescas” ou “binkóticas”. Chegara até mesmo a flertar com termos como “binkoniano”, “binkês” (que, na realidade, já existiam) e “binkritude”.

O *The Ghost*, em si, era um documento enigmático. Diferente do *The Sun* e de outros jornais, era administrado por escritores de manchetes. Com o passar dos anos, o sucesso das suas declarações sensacionalistas o transformou em uma casta de mandarins elevados, e descobriram que suas manchetes não precisavam ter qualquer relação com o texto que viria em seguida. Um artigo intitulado “Assassinatos Misericordiosos em Manila”, por exemplo, poderia muito bem trazer um texto relacionado ao boom da construção civil na Noruega, ou a uma loja de departamentos em Hartford, Connecticut. “Rainha Sai Nua em Londres” era sobre uma nova forma de repelente de insetos desenvolvida na Universidade de Iowa. E abaixo do título “Playboy Africano Comete Suicídio” vinha o discurso de aceitação do Prêmio Nobel de um bioquímico de Harvard.

A primeira página do *The Ghost*, como seria de esperar em um tabloide, era toda composta por manchetes, e, com frequência, impressa em vermelho. Diferente de outros tabloides que havia sobrepujado há muito tempo, entretanto, as manchetes do *The Ghost* não eram acompanhadas por nenhum artigo. Não parecia fazer qualquer diferença. Milhões de pessoas compravam o jornal assim mesmo. O exemplo favorito de Harry Penn em relação às manchetes gritantes do *The Ghost* que não eram acompanhadas por qualquer explicação estava emoldurado na parede do seu escritório. Em letras enormes, dizia: “Modelo Morta Processa Cavalo de Corrida”.

Ainda assim, o *The Ghost* crescia, e os bilhões também. Era como se Craig Binky estivesse sob a proteção de algum anjo.

E, se alguém realmente estivesse disposto a acreditar no editor e diretor do *The Ghost*, esse anjo existia. Certa vez, Craig Binky invadiu o escritório de Harry Penn, exigindo que o *The Sun* fechasse as portas imediatamente. Quando lhe foi pedido que explicasse o motivo daquela audácia, ele respondeu que um anjo surgiu para ele, jogou redes de plástico por cima do seu corpo, aprisionou sua determinação e disse-lhe para fazer exatamente aquela exigência. Harry Penn estava comendo um pedaço de doce com uma calda caramelada dura, algo que sempre o fazia parecer mais frio e irônico do que realmente era. Enquanto pensava, o doce dançava de um lado para outro em sua boca, como um dado em um copo de plástico. Finalmente, ele o segurou entre os dentes.

— Craig? — perguntou ele. — Por acaso o anjo lhe deu um recibo?

O silêncio se formou, durante o qual a aparente incapacidade de Craig Binky para superar esse obstáculo inundou a sala como se centenas de moedas de prata de um dólar houvessem explodido de dentro dos seus bolsos, caído como uma cascata por dentro das pernas das suas calças, escorrido por cima dos seus pés e rolado por toda a extensão do escritório.

— Você sabe, Craig — insistiu Harry Penn. — Se não tiver um recibo, não podemos aceitar a validade do seu argumento.

Mas não havia muita coisa capaz de deter Craig Binky, pois ele acreditava que tudo que vinha de si estava destinado ao triunfo. Harry Penn tinha certeza, em seus quase cem anos de vida, de que nunca encontrara nenhuma outra alma marinada tão intensamente no molho da autossatisfação. A pompa de Craig Binky frequentemente era aliviada, para os outros, por aquilo que Harry Penn generosamente descrevia como “a inteligência relativamente imprecisa do Sr. Binky”.

Em parte para afastar outras opiniões, e em parte para fazer com que suas opiniões fossem conhecidas, ele engenhosamente enchia a página de cartas do *The Ghost* com comunicados anônimos que assinava simplesmente como “Craig B”. Mesmo que aquilo não entregasse sua identidade, a maioria das pessoas seria capaz de imaginar quem escreveu as cartas, porque seu estilo e sintaxe eram inconfundíveis: “Craig Binky diz que há muitos bebedouros no terceiro andar. Craig Binky diz para remover algumas delas”. Suas sentenças frequentemente incluíam um sujeito que era seu próprio predicado: “O *The Ghost*, o jornal mais benquisto de Nova York, publicado e editado por Craig Binky, é o *The Ghost*”.

Tinha orgulho de conhecer tantas pessoas influentes, beber vinhos caros (e água importada de uma fonte congelada das ilhas Sacalinas), ir a restaurantes onde uma única torrada (Torrada Almondina, Torrada en Gelée, Torrada Safand) custava o equivalente a quatorze horas de um salário-mínimo. Parecia, aos seus próprios olhos, ser genuinamente superior. Talvez por esse motivo ele regularmente organizava jantares sociais em homenagem a si mesmo. Ainda assim, Craig Binky e o *The Ghost* eram a contraparte necessária para Harry Penn e o *The Sun*. Um não poderia existir sem o outro, em algum lugar ou de alguma forma. Assim, os dois ficavam frente a frente, um em cada lado de Printing House Square.

Se todos os meses e todos os seus dias pudessem ter o mesmo clima do mês de junho em Nova York, isso seria o paraíso na Terra. Com frequência, no começo de junho, decisões importantes eram tomadas, as aplicações de cera de polir eram mais fortes, guerras rápidas eram travadas e casos amorosos eram iniciados ou encerrados. Isso era perceptível até mesmo para Craig Binky.

Em um dia tão agradável que os impressores estavam sentados preguiçosamente sob o sol observando abelhas, canções de ópera soavam tranquilas pelas ruas escuras e pacatas e as árvores se agitavam com as brisas do início do verão por entre folhas novas em tons de joias, um mensageiro chegou às pressas, vindo do

aeroporto em um helicóptero do Ghost. Antes de pousar no telhado do *The Ghost*, o mensageiro saltou e caiu sobre o heliporto — machucando a perna da mesma maneira que aconteceu com John Wilkes Booth após atirar no presidente Abraham Lincoln — e correu para o escritório de Craig Binky.

Passou rapidamente pela recepcionista e entrou no santuário de Craig Binky em disparada. Alertu e Scroutu travaram os braços e se posicionaram diante da porta, barrando a entrada da sala onde Craig Binky estava visível, participando de uma reunião do conselho executivo. Betty Wasky, sua secretária, levantou-se de sua mesa e implorou ao estranho pra que fosse paciente.

— Esses homens são cegos — disse o mensageiro, medindo Alertu e Scroutu de cima a baixo. — Não quero machucá-los.

Uma afirmação tão audaciosa como aquela impressionou Betty Wasky, que foi buscar seu chefe. Craig Binky levou o mensageiro até o seu escritório particular e reapareceu cinco minutos depois, gritando palavras de ordem.

Ele encerrou a reunião e mandou que a frota de aviões da empresa fosse preparada.

— Deem corda neles! — gritou. Um telefonema ao aeroporto colocou toda a pequena força aérea do *The Ghost* em prontidão. A aeronave escolhida para receber Craig Binky seria a primeira a decolar, enquanto as outras a seguiriam em uma esquadrilha de titânio reluzente e turbinas estrondosas. Quando Craig Binky voou, cem outros aviões o acompanharam, como as pombas que eram lançadas ao ar para saudar um general romano que retornava em triunfo. No maior avião da frota, uma gigantesca aeronave comercial, ele instalou um assento elevado que lhe permitia espiar por uma bolha de plástico no topo da fuselagem. Imagem bastante conhecida nos aeroportos de Nova York, essa aeronave partiria rumo aos confins do império do *The Ghost*, com a cabeça de Craig Binky visível na bolha.

Naquele dia, o aeroporto foi tomado pela empolgação enquanto cem aviões se erguiam aos céus, um após o outro, como se estivessem partindo em uma missão de bombardeio. Deixaram os controladores aéreos imersos no caos, pois seus planos de voo submetidos às pressas diziam que iriam a Brownsville, no Texas, mas todos os aviões guinaram para o leste, rumo ao mar.

— Aonde diabos ele está indo? — perguntou um controlador quando a armada guinou para uma altitude inferior e desapareceu das telas do radar. Ele não recebeu qualquer resposta, porque ninguém sabia. Exceto Craig Binky. E Craig Binky não iria dizer nada.

UM JANTAR DE VERÃO AO CAIR DA TARDE NO PETIPAS

No mesmo dia em que Craig Binky decolou rumo a Brownsville e logo em seguida alterou o curso misteriosamente para voar sobre o mar, um grupo de jornalistas e administradores do *The Sun* se encontrou para um jantar no restaurante Petipas, logo no começo do verão. Quando estavam sentados no jardim, ofuscados pelo brilho branco e dourado do sol poente, eles ouviram uma frota de aviões rasgando o céu ao longe e imaginaram qual seria o motivo daquilo.

Haviam acabado de concluir a última tarefa do dia: transferir material ao *The Whale* para reimpressão. Depois de um jantar no fim da tarde, uma caminhada tranquila e uma boa noite de sono, eles voltariam ao *The Sun* às seis da manhã para começar a trabalhar na edição que teria de ser fechada às duas e meia da tarde seguinte. Depois de transferirem seus artigos, verificarem as chapas de impressão e organizarem o trabalho do dia seguinte, eles geralmente encerrariam o expediente por volta das sete horas da noite.

Gostavam de se reunir no Petipas porque o lugar era tranquilo e arejado, e podiam ver o tráfego do rio que vinha do norte e ouvir caminhões solitários passando sobre as pedras do calçamento da rua do mercado deserto. O som das rodas sobre os paralelepípedos era inexplicavelmente reconfortante. O melhor de tudo eram os gritos emocionados e surpresos dos rebocadores e balsas — o New Weehawken, o Staten Island, o Upper River, o New Fulton — conforme ecoavam pelo estuário e reverberavam nos penhascos do distrito financeiro.

Lamentosos, nevoentos e cheios do sol da tarde, os disparos dos apitos eram inconfundivelmente alterados pelos seus múltiplos percursos por entre os cânions sombreados. Ao leste, mil fogueiras douradas refletiam nas janelas dos prédios de apartamentos e galpões de tijolos da cor do sangue de boi, e iluminavam as torres municipais esbranquiçadas com suas estátuas, colunatas e nichos cheios de detalhes extraordinários, tão acima das ruas e além da visão dos humanos que provavelmente tinham sido planejadas para os pássaros. Do outro lado do rio havia um pequeno cimo de monte datado do século 18, com árvores cobrindo-lhe a superfície como se fossem mulheres camponesas com as mãos nos quadris, e a luz do sol incendiava suas copas verdes enquanto as sombras escuras mais abaixo sugeriam um bosque de proporções infinitas. Harry Penn olhou para a base escurecida daquele bosque, e enxergou, em meio ao túnel de veludo, o lugar exato para onde iria em breve. Sentia na escuridão embainhada por luzes brilhantes a presença compressiva do futuro e do passado correndo juntos, unidos, finalmente ganhando vida.

Ele desviou os olhos do negrume hipnótico das árvores e concentrou-se em sua filha e nos outros. Em sua juventude, suas paixões e seus entusiasmos, eles agiam como um grupo de cantores no palco, cujos risos agitados e braços e pernas expressivos eram como um sonho sob uma luz forte. Com a idade, suas energias se transformariam nos poderes da contemplação e da memória. E os sonhos que lhes trariam de volta as pessoas que amaram e as paisagens de trinta mil dias seriam mais do que suficientes para as décadas de juventude nas quais eles corriam, desviando-se de caminhões de cervejarias e tentando ganhar seu sustento. Se fossem como aquele velho, nos próximos três quartos de século, no jardim do Petipas, que ficava tão interessante pela sua graça e empolgação, teriam sorte. Pois Harry Penn era um homem feliz, contente em poder reviver as suas memórias.

O jantar era para quinze pessoas. Hardesty Marratta, Virgínia e Marko Chestnut estavam sentados em uma das extremidades daquela mesa longa, de frente para a outra extremidade, onde Harry

Penn se encontrava. Asbury e Christiana estavam no meio (foi Asbury quem pescou o linguado que estava sendo assado sobre carvões em brasa, espalhando seu aroma pelo ambiente). Courtenay Favat saiu de sua cadeira para fazer anotações na cozinha, e Lúcia Terrapin enrubescia sempre que um impressor corpulento chamado Clemmys Guttata olhava em sua direção. Familiarizado com a tradição da família Penn, Hugh Close estava trabalhando atentamente sobre a mesa, ocupado com seu gim-tônica, e com um artigo que estava reescrevendo com o entusiasmo de um maestro. Encantado com o pregão do mercado de ações, que fechara como se fosse o cometa Halley em sua trajetória ascendente, Bedford olhava distraidamente para os rebocadores pintados de marrom e branco que deslizavam lentamente sobre a água prateada do Hudson. Aguardando Praeger de Pinto, Jéssica Penn estava debruçada sobre o cardápio, estudando-o como se fosse a Pedra de Roseta. Tinha fama de ser avarenta com o dinheiro. O próprio Praeger deveria chegar a qualquer momento com Martin e Abby Marratta, os quais fora buscar em Yorkville após fazer uma entrevista com o prefeito, que se encontrava acamado. No início de junho, as nuvens de pólen sempre atacavam o prefeito. Um garçom trouxe duas bandejas enormes com salmão defumado, pão preto e limões. Os “oohs” e “aahs” costumeiros logo se fizeram presentes.

Em seguida, Praeger de Pinto chegou trazendo Abby nos braços e foi perseguido por Martin, que saltava de um lado para outro como se fosse um pássaro, pois tinha a idade na qual as crianças não conseguem ficar paradas. Praeger entregou Abby a Virgínia como se fosse um pacote. Abby, que ainda não completara três anos, olhou com enorme desaprovação para os adultos, desvencilhou-se dos braços de Virgínia e, com o mau humor que sempre lhe sobrevinha após uma soneca, foi para perto da churrasqueira para observar as brasas que brilhavam sobre mantas reluzentes de peixe. Martin logo se juntou a ela para lhe mostrar como a grama queimava quando era jogada na churrasqueira.

— Ouviram a última? — perguntou Praeger. — Nesta tarde, Craig Binky teve um ataque de loucura, correu para o aeroporto e colocou todos os seus cem aviões para voar, sem dizer para onde estava indo.

— Ele não faz isso com frequência — comentou Harry Penn. — O que é que estão dizendo a respeito?

— Nada, absolutamente nada. Muitas repetições e histórias de interesse humano. Você sabe como é. Uma mulher em São Petersburgo foi mordida por um macaco rhesus.

— Talvez essa seja a história que Craig Binky queira registrar — especulou Hardesty.

— Craig Binky não sacrificaria um fim de semana em East Hampton por nada — afirmou Bedford.

— Tem certeza de que ninguém sabe de nada? — questionou Harry Penn. — Ligue para o escritório e verifique. Se houver uma notícia real, não quero descobrir pelo *The Ghost*. Alguma coisa deve estar acontecendo. Virgínia, pode ligar para os controladores de tráfego aéreo? Hardesty, ligue para o *The Ghost*, por favor, e pergunte-lhes sem fazer rodeios. Talvez eles lhe digam.

Enquanto as ligações eram feitas no saguão do restaurante, Harry Penn se levantou com um sobressalto para andar de um lado para outro sobre a faixa estreita de pedras que havia entre a mesa e as churrasqueiras. Com as mãos às costas, a cabeça baixa e fazendo curvas como um tigre que sempre esbarra no mesmo ponto das barras da sua jaula, ele atraiu a atenção de Abby. A menina começou a segui-lo, imitando seus passos e sua postura. E, quando ele falava, ela imitava suas palavras; mesmo assim, como não estava acostumada a falar em sentenças longas, sua versão do que o velho dizia era incompreensível.

Harry Penn se virou para olhar para ela, admirado.

— Você é uma menininha muito corajosa, não é? — perguntou ele. Em seguida, virou para o outro lado e os dois continuaram a

caminhar de um lado para outro.

— O que estão dizendo? — questionou Harry Penn a Praeger quando ele voltou ao terraço.

— Nada.

— Ainda nada?

— Verifiquei duas vezes.

Hardesty retornou.

— O *The Ghost* disse, abre aspas: “O Sr. Binky vai passar o final de semana viajando, pesquisando um artigo sobre a pleurisia política”.

— O FAA afirma que Craig Binky entregou um plano de voo para Brownsville, no Texas, mas seus aviões desviaram rumo ao mar e voaram baixo demais para que o radar conseguisse detectá-los. A entidade está furiosa, mas eles sempre ficam furiosos — acrescentou Virgínia quando voltou do saguão.

Naquele momento, a última nesga do sol desapareceu por trás da colina escura, e todos os túneis agradáveis e atraentes sob as árvores se transformaram em uma massa única e ameaçadora, que repelia toda e qualquer luz. Imerso em pensamentos, Harry Penn nem sequer olhava para lá. Todos começaram a comer o salmão defumado e o pão preto (Martin colocou seu pão na churrasqueira) e a especular, sob as sombras da noite, a respeito da notícia que suspeitavam estar perdendo.

— Paciência — ponderou Harry Penn. — Binky pode ter ouvido rumores de que o presidente perdeu sua bola de golfe enquanto disputava uma partida. E, se for uma história real, ele provavelmente vai interpretá-la da maneira errada ou ignorá-la. Eu me lembro de quando Tito morreu, há muito tempo, e a manchete do *The Ghost* foi a seguinte: “Papa Finalmente Cai na Estrada”. E nunca vou me esquecer da primeira página do *The Ghost* quando um paciente psiquiátrico brasileiro assassinou o presidente do Equador: “Maluco

do Brasil Apaga Figurão do Equador”. Além disso, não há mais nada que possamos fazer.

Comeram em silêncio, e o crepúsculo veio do leste como uma maré alta. Dezenas de grossos filés de linguado, cobertos com soja e vinho retsina até irromper em chamas, eram tirados de perto das brasas e levados até a mesa. Os legumes cozidos em água do mar enchiam o ar à sua própria maneira. E o cheiro de peixe fresco borbulhando sobre ervas aromáticas se espalhou pela vizinhança, que escurecia em nuvens de fumaça branca.

Depois que as crianças foram instruídas sobre o que estavam comendo e como comê-lo da maneira certa, e quando as velas estavam acesas, Christiana ergueu os olhos e levou um susto. Ela deixou seu garfo cair sobre o prato, e o talher tilintou como um sino. Os outros olharam para o mesmo lugar, na direção da cerca de ferro fundido que cercava o jardim. Um homem maltrapilho estava apoiado nela, olhando para eles com uma expressão estranha, poderosa e levemente irritada. Um por um, todos pararam de comer.

Aquele não era o olhar suplicante de alguém que quer alguma coisa (embora fosse provável que ele estivesse faminto e fora atraído até ali pela fumaça aromática). Também não havia nenhuma hostilidade em sua expressão. E também não agia como um dos muitos homens de rua que estavam imersos em uma loucura incurável. Pelo contrário. Vestido com roupas esfarrapadas, castigado pelo sol e pelo vento, raquítico e forte ao mesmo tempo, ele os observava sem piscar, assim como um homem frio que está tentando reconhecer rostos familiares e assustadores os quais sabe que não vai conseguir identificar. Aumentando e diminuindo em intensidade como estrelas pulsantes, seus olhos se fixaram precisamente em Jéssica Penn, e pareciam esquadrinhá-la como um ancinho sobre um pedaço de terra. Ela, que estivera no palco mil vezes sob a pressão de fortes holofotes e olhares inclementes, que estava acostumada às multidões nas ruas que se viravam em sua direção quase em uníssono quando ela passava, ficou reduzida a

um estado em que quase não era capaz de respirar pela intensidade do escrutínio ardente de Peter Lake.

Todos ficaram tão impressionados por ele que não conseguiram se mover. Ele olhou para Virgínia por um momento, mas voltou imediatamente a olhar para Jéssica, que achou que iria desmaiar. Embora fragilizado pela idade, Harry Penn se levantou para encarar o olhar do maltrapilho e conseguiu retribui-lo. Apesar da diferença de idade, dos maus-tratos causados pelo sol, pelo tempo e pela fortuna, pareciam ser quase imagens espelhadas um do outro. Harry Penn examinou metodicamente cada detalhe do homem que estava à sua frente, e isso pareceu suavizar o estranho fogo no rosto do intruso. A fumaça enrolou-se ao redor do ferro fundido que ele agarrava com força e o envolveu. Harry Penn sentiu uma tristeza terrível, e lamentou haver se levantado. Sentia-se como se estivesse sendo arrastado de volta no tempo até um momento na sua infância, quando não tinha conhecimento ou sabedoria, quando havia apenas o futuro e sua própria vulnerabilidade.

Ninguém sabia como resolver o impasse. Pensavam que aquilo os imobilizaria para sempre.

Enquanto estavam transfixados pela imagem de Peter Lake, que se esforçava para compreender o que via, Abby foi até a cerca e a atravessou. Ela passou facilmente por entre as barras de um portão forjado que seria capaz de conter uma dúzia dos homens mais fortes do mundo, mesmo que suas vidas dependessem de sua capacidade de arrebentá-lo. Os pais, ao verem que ela estava do outro lado, a chamaram. Mas ela não ouviu, e eles ficaram novamente reduzidos a uma passividade paralisante. O jogo havia virado. Eles estavam imersos no mundo do silêncio; eram os perdidos que estavam olhando para dentro; Abby atravessara a barreira, e estava com Peter Lake.

Em passos lentos que a erguiam do chão com muita leveza e a faziam deslizar na direção dele com movimentos vagarosos, ela aproximou-se de Peter Lake como se o conhecesse há uma eternidade. E, em seguida, ela pareceu voar pelos ares (embora

isso talvez fosse uma ilusão provocada pelas luzes), com os braços abertos, até se aninhar nos braços de Peter. Ele a abraçou e, quando Abby estava acomodada, a menina colocou as mãos nos ombros do homem e apoiou a cabeça em seu peito, adormecendo rapidamente.

Hardesty se aproximou da cerca e olhou nos olhos de Peter Lake. Não havia nada a temer. O desamparo e a aparência do homem tinham pouco significado em um mundo que estava sempre sendo observado por outros mundos. E, quando Peter Lake entregou a criança adormecida por entre as barras da grade para o seu pai, Hardesty sentiu um forte desejo de ver o que Peter Lake já tinha visto, de ir até onde ele já tinha ido. Hardesty Marratta, um próspero pai de família, um homem com todas as alegrias e privilégios apropriados, estava prestes a jurar lealdade a um maltrapilho perdido. Não fazia sentido, a menos que alguém estivesse disposto a considerar uma eternidade de coisas que voavam direto na cara das alegrias e privilégios apropriados. Embora Peter Lake viesse do mundo das sombras e Hardesty, do mundo físico, eles precisavam um do outro. A criança os uniu por um instante, mas Peter Lake retrocedeu para as sombras e desapareceu, como se nunca houvesse realmente estado ali.

Eles deixaram a comida esfriar. Virgínia segurava Abby em seu colo, e Hardesty tamborilava distraidamente uma faca contra o tampo da mesa. Quando os dez minutos nos quais ninguém disse nada terminaram, Harry Penn assumiu a responsabilidade de quebrar o silêncio.

— Certo, certo — disse ele, como se não quisesse reanimar somente os outros, mas também a si mesmo. — Coisas como essa acontecem de vez em quando, e mesmo assim o mundo continua a ser o mesmo de sempre.

Eles olharam ao redor. Imagens comuns e familiares eram um enorme conforto.

— O mundo continua a ser o mesmo de sempre — repetiu Harry Penn. — Ainda não é tempo de ocorrer qualquer mudança milagrosa. Eu imagino que o homem que acabamos de ver estivesse à frente do seu tempo, como estão, talvez, todos os homens como ele.

Marko Chestnut sorriu. Embora todos mal tivessem noção da situação, a tensão era imensa. Agora eles encontravam alívio na fumaça branca e nas brasas incandescentes, nos penhascos escuros além do rio que agora estava tingido de um azul prateado, nos baluartes dos prédios altos que se tornaram transparentes com a chegada da noite e pareciam liberar a luz que acumularam durante o dia, e até mesmo na expressão de Tommy, o garçom, que, como ninguém estava comendo ou conversando, receava que o cozinheiro estivesse bêbado outra vez e que tivesse posto algo detestável na comida. Aquelas coisas indicavam que, afinal de contas, o mundo continuava a ser o mesmo de antes.

Mas eles não terminariam de comer o linguado grelhado, os legumes cozidos no vapor e nem terminariam de beber o vinho retsina; continuariam famintos naquela noite, embora dificilmente fossem perceber — porque o mundo, na verdade, não era mais o mesmo.

Sentada calmamente e pensando que havia se recuperado, Virgínia foi a primeira a vê-lo. Os pelos em sua nuca se eriçaram e ela estremeceu.

— Oh, meu Deus — exclamou ela. Eles ergueram as cabeças e viram o que a deixou abalada.

Metade sob a luz e a outra metade sob a sombra, o terreno do outro lado do rio se exibia na forma de terras rurais, campos e pomares. Como uma usina de energia em Nova Jersey havia se desligado, eles não conseguiam ver os prédios ou as luzes na margem do rio oposta àquela em que estavam. Embora a maior parte de Nova Jersey tivesse de observar o pôr do sol em meio à escuridão pastoril, a queda de energia era apenas um pano de

fundo coincidente para o que eles testemunharam no jardim do Petipas. A ilusão dos campos e pomares do outro lado do rio, e o próprio céu iluminado no oeste, estavam sendo de maneira vagarosa e ininterrupta devorados por uma muralha que avançava lateralmente, a proa de um navio que se movia lentamente contra a correnteza do Hudson, uma guilhotina gigantesca, a tampa que cobria o mundo, aproximando-se pelo sul e avançando rumo ao norte.

Estavam a meio quilômetro de distância, ou um pouco mais, e tiveram de esticar os pescoços e inclinar-se para trás em suas cadeiras para ver o convés mais alto. Estava centralizado no canal, como realmente devia estar, e era tão imenso que parecia ser uma parte da própria paisagem.

O navio que se aproximava pelo sul e parecia emergir do meio de um muro de jardim, encobrindo a paisagem naquela direção, estava entre as maiores estruturas que eles já viram, rivalizando até mesmo com as torres gigantescas construídas recentemente para ultrapassar os velhos arranha-céus — e somente a sua proa havia atravessado a muralha; o resto ainda estava por vir. A embarcação continuou a avançar, cortando gentilmente enormes volumes de água à sua frente, transformando-os em espirais remansosas e esbranquiçadas que se desenrolavam, exaustas. Logo a superestrutura ficou inteiramente à vista. Dez mil luzes puras acompanhavam a cidade longa e esguia com a qual se pareciam, e iluminavam as águas negras até transformá-las em um clarão gelado. Torres inclinadas e muros encastelados se erguiam a uma altura duas vezes maior do que a proa. A equipe do *The Sun* no Patipas se recostou cada vez mais em suas cadeiras, abismada pelas maravilhosas conspirações de tamanho e pela complexidade que existem nos elementos das próprias cidades, e que guiavam o espírito em uma perseguição que o olho raramente consegue acompanhar.

A porção central continuava avançando, surgindo por entre a muralha em uma surpresa que era sustentada por uma massa e

uma altura sem precedentes, deixando os observadores emudecidos. Quando pensavam que a popa apareceria para dar um fim apropriado às proporções longas e delgadas, o navio explodiu em mais outra fanfarra de torres cintilantes e conveses brancos sobrepostos, como se o responsável pelo projeto daquela embarcação quisesse que ela fosse tão esguia e elegante que aquela altura impressionante pareceria algo totalmente razoável.

Então, finalmente, depois que vários milhares de metros desfilaram diante deles, a superestrutura e o casco terminaram abruptamente — não em uma curva fluida, mas em um penhasco de aço que se erguia verticalmente sobre a água. Seguindo-a de perto, conectados em vários lugares por hastes tão enormes que caminhões poderiam passar tranquilamente sobre suas superfícies, havia uma enorme barca retangular com a mesma altura do convés principal do navio. Ela deslizava atrás do navio-mãe, e era seguida por dois irmãos idênticos.

O navio reduziu a velocidade e logo ficou imóvel. Agora que o céu estava escuro e as luzes da cidade ganhavam vida própria, era possível ver que a cor do casco e das barcas era um tom claro de azul. E, como a maioria das coisas grandiosas, atraíra enxames de servos inferiores. Helicópteros e aviões particulares circulavam o navio como mosquitos e libélulas, voando em círculos e fazendo curvas com o formato do número oito em trajetórias estonteantes por entre os imensos mastros e colunas de sustentação. Um barco dos bombeiros, da base marítima do departamento em Battery Park, apressava-se para subir o rio, e lançava jatos de água branca nos ares enquanto a tripulação vestia suas calças e se perguntava por que ninguém a informara de que aquilo... seja lá o que fosse... estava para chegar. O próprio navio grandioso baixou lanchas do tamanho de iates até a água, que circulavam ao seu redor para protegê-lo, e os membros da sua tripulação que podiam ser vistos só eram avistados por alguns poucos momentos — como soldados que se erguem por um instante acima de um parapeito, mas não ousam ficar expostos.

Todas as pessoas no Petipas ficaram em pé, eletrizadas. Era como se houvessem conquistado uma importante vitória simplesmente pelo fato de poderem avistar algo maravilhoso. Estavam tão empolgados que mal sabiam o que fazer, e ficaram contentes por algum tempo, simplesmente por poderem compartilhar sua admiração.

Para um habitante da cidade que estivesse no alto de uma colina, entre as árvores ou em uma rua movimentada, os navios sempre pareciam se aproximar do porto com uma hesitação desnecessária. Mas, para um marinheiro que esteve correndo por semanas ou meses entre horizontes espaçosos, a velocidade do seu navio era estonteante em vista dos limites insanamente estreitos pelos quais a embarcação tinha de passar, e só ficava feliz quando o navio parava totalmente. Quando um navio enorme entrava no porto de Nova York, ele recalibrava a noção que a cidade tinha de si mesma, seu lugar e seu propósito: o navio proclamava que havia um mundo maior para além das Narrows. “Estive lá” dizia o navio. “Eu vi. Agora, esforcem-se para imaginar as coisas maravilhosas que existem lá fora, pois eu não lhes contarei todos os segredos.

Harry Penn subiu em uma cadeira e começou, como de costume, a comandar sua equipe.

— Craig Binky provavelmente perdeu isso — afirmou ele. — Quem sabe? Talvez ele tenha virado para o norte e voado para o Canadá. Eu não duvido que ele procuraria por um navio em terra firme.

— Bem, vamos lá. Asbury, prepare a lancha para que possamos dar uma boa olhada assim que quisermos, de perto. Se conseguirmos as informações de que precisamos, temos tempo de publicar uma edição especial do *The Whale*. Praeger, nunca houve nenhum navio como esse. Acho que ele pode estar nos trazendo um belo presente.

— Que seria...?

— O futuro.

Eles deixaram o restaurante correndo, apressados. Até mesmo Harry Penn correu pelas ruas com paralelepípedos que levavam a Printing House Square, batendo no chão com sua bengala de quando em quando para lembrar-se de que não era mais um rapaz.

Naquela noite, ninguém no *The Sun* conseguiu dormir, e, embora a cidade não soubesse, ela começou a ganhar vida.

A ERA DAS MÁQUINAS

A primavera em Nova York sempre é brutal e suja, quando períodos encantadores de um tempo que quase chega a ser o verão são seguidos por dez dias de tempestades de granizo. Para os moradores de rua, essa é a estação mais difícil de todas, mesmo se considerarmos somente as chuvas frequentes e os ventos rebeldes. Após as batalhas desesperadas do inverno, quando alguém pode morrer em menos de uma hora se estiver no lugar errado, a ideia de uma morte lenta em abril, quando as plantas estão florescendo e as folhas estão nascendo, é igual à ideia de morrer no último dia de uma guerra. Da mesma forma que aqueles que estão na escola, os homens que moram nas ruas se formam em junho, e depois o verão zela por eles.

Peter Lake não conseguiu refletir sobre o seu dilema antes da chegada de junho. Depois de receber alta do hospital, ele teve de lutar para simplesmente conseguir se manter vivo durante o inverno. Por vários meses, viveu nos túneis do metrô, dormindo perto dos canos do sistema de aquecimento, amontoando-se junto de pessoas com quem nunca trocou uma palavra. Em sua maioria, eram todas loucas, e todas estavam assustadas — temiam que um trem as cortasse ao meio, que ratos do tamanho de cães as atacassem, ou que atraíssem a inimizade de algum lunático com uma disposição bastante inflamável.

Comer não era difícil nem agradável, já que as lixeiras dos restaurantes sempre tinham comida suficiente para alimentar mais do que apenas cães e gatos. Às vezes, nos dias em que a temperatura estava abaixo de zero, quando não conseguia uma refeição em troca de lavar pratos ou sentindo ondas súbitas de piedade diante de instituições religiosas que serviam sopa aos

menos favorecidos, Peter Lake recorria a essa fonte. Ele descobriu rapidamente que as pessoas que trabalhavam em cozinhas e os carregadores de caminhões das padarias e confeitarias estavam sempre dispostos a lhe dar uma cenoura ou um biscoito se ele levasse sua presença intensa e perturbadora para outro lugar. Não era saudável comer pombas, mas elas podiam ser assadas sobre uma fogueira acesa dentro de uma lata de lixo, e havia instituições de caridade aqui e ali que às vezes ofereciam um banho quente, um jantar com peru e uma cama para dormir.

Conseguir um emprego regular até seria possível, mas ele não tinha tempo. Estava ocupado demais em não fazer absolutamente nada, e, se viesse a se sentir confortável, mesmo que por um único instante, seria imediatamente capturado por sua obsessão e derrotado. Não gostava nem se sentia confortável com a ideia de trabalhar, e decidiu que não procuraria um emprego até que tivesse alguma ideia sobre quem era, ou até que alguma paixão o arrebatasse e ele não precisasse nem mesmo saber.

Como não estava mais desesperado, no final de maio e no começo de junho ele começou a andar pela cidade para ver do que conseguiria se lembrar, e para visualizar as mudanças. Quase tudo era aço e vidro. Os prédios, para ele, pareciam-se mais com caixões do que com prédios propriamente. As janelas não se abriam. Algumas das construções não tinham janelas. E a altura imensa e deselegante delas transformava as ruas em cordões finos e frágeis dispostos em um labirinto escuro. Os prédios só se redimiam durante a noite, e somente de longe — quando seus segredos, sua inacessibilidade e sua arrogância desaparecia, e eles banhavam a cidade em luz e brilhavam como catedrais feitas inteiramente com vitrais, postas do avesso. Oprimido pelo tamanho e pelo poder da arquitetura da cidade, ele encontrou para si uma cadeia de lugares sagrados (dos quais apenas um era uma igreja) para onde podia ir, e retornava até esses lugares de tempos em tempos. Sentia neles algo que lhe parecia ser os resquícios da verdade, e voltava a certos telhados e becos da mesma maneira que relâmpagos atingem

repetidamente as altas torres de aço, em uma discussão entre a tenacidade e a velocidade.

O primeiro desses lugares era a Catedral Marítima, que tinha painéis infindáveis feitos com vitrais azuis como o mar. Ele podia perceber a própria luz que criava a ilusão das ondas e da água, e a luz dos olhos e rostos das pessoas retratadas que viajavam em barcos e navios. O poder do espectro aumentava perigosamente quando era entrelaçado em imagens dos miseráveis e dos redimidos, daqueles que eram teimosos, daqueles que lutavam, daqueles que eram inabaláveis e daqueles que viram algo grandioso. Os raios daquelas luzes e imagens delicadas se combinavam e se projetavam contra o enorme piso da catedral para criar uma representação do mar sob uma linha de navios em miniatura protegidos por mostruários de vidro. Os navios em miniatura sempre atraíam Peter Lake à catedral, embora ele não fizesse ideia da razão pela qual isso acontecia. Pareciam ser peças imensamente comoventes e cheias de significado, como se a verdadeira essência dos navios houvesse sido concentrada e aprisionada para poder oscilar dentro do vidro, esperando até serem libertadas. Embora as janelas artísticas e os pequenos navios da Catedral Marítima fossem imóveis, para Peter Lake eles sempre pareciam se mover. Os navios viajavam pelo vidro, as baleias se erguiam no ar, os corações dos marinheiros batiam e suas testas estavam úmidas pelos respingos do mar.

O segundo era o beco ao lado do restaurante Petipas, onde a criança tinha corrido para os braços dele. Peter Lake apareceu ali com frequência nos dias que se seguiram, esperando encontrar o mesmo grupo de pessoas. Mas o terraço estava vazio, ou então ocupado por outro grupo; geralmente eram pessoas barulhentas, bebiam demais e não percebiam sua presença. A cerca de ferro fundido se tornou algo sagrado, que podia ser beijado ou tocado. Segurar naquelas barras fazia com que ele se sentisse melhor, e, na primeira vez em que voltou ali e o terraço estava vazio, ele fechou os olhos e esperou que tudo fosse um sonho — e que, quando acordasse, não estaria mais olhando de fora, mas sim no meio

deles, levemente inebriado, cansado, participando do jantar em uma noite de verão e preso em algum lugar no âmbar do tempo.

Seria muito bom descobrir que era, digamos, o dono de uma loja de roupas, um operador de rádio ferroviário, um advogado ou um corretor de seguros, e que ele estava no Petipas — um século antes — com sua esposa e sua família. Seria ótimo poder retornar àquela época, a uma casa de madeira escura, com lareiras amistosas e um jardim urbano, aos gemidos tristes das balsas, e à sensação de que o futuro seria tranquilo, infinito e verde em vez de algo vertical, forrado de vidro e aço sufocantes. Ele manteria aquele sonho em mente e reformaria quaisquer maus hábitos que o enfiaram naquele lugar. Ao lembrar-se da experiência de se perder no tempo, ele praticaria o bem e ficaria eternamente grato pelo seu retorno. Quando agarrava o ferro e fechava os olhos, ele tinha a esperança de conseguir atravessar aquela barreira. E, é claro, isso não acontecia.

Havia pequenos santuários e lugares esquecidos, que, para Peter Lake, eram como os altares à beira das estradas dos Alpes — um velho pórtico perdido nas sombras e com a tinta descascando, um cemitério enfiado entre prédios monstruosos (embora milhares de pessoas passassem por ali em um dia, provavelmente nenhuma delas virava a cabeça para olhar, ou hesitava para ler uma inscrição ou um nome), jardins ocultos, fachadas de casas, vistas representativas por entre ruas estranhamente tortas, lugares que pareciam abrigar uma presença invisível.

O último e melhor desses lugares era um velho cortiço que ainda estava em pé na região de Five Points. Era o tipo de lugar cujo interior nenhum membro decente, instruído e perspicaz das classes médias já viu e conseguiu descrever. Pois nenhum membro decente, instruído e perspicaz das classes médias conseguiu entrar em um lugar como esse e sair vivo. As pessoas que moravam ali invejavam os ratos em seus túneis. Não havia luz, aquecimento nem água encanada, e no corredor sempre havia um homem enfurecido com uma faca na mão.

Certo dia, Peter Lake simplesmente entrou nesse lugar, subiu as escadas e abriu a porta frágil que dava para o telhado. Ele voltou ali uma dúzia de vezes, e nunca soube o motivo. Subia pela rampa que formava o telhado da escadaria e inspecionava as chaminés. Os canos redondos que antigamente eram tubulações de óleo não eram usados havia uma década ou mais. E o que aconteceu com a chaminé, a verdadeira chaminé? Estava selada havia três quartos de século, e a argamassa entre as paredes estava tão esfarelada quanto a areia soprada pelo vento. Ao olhar para dentro do tubo abandonado, ele não viu nada, mas ficou quase emocionado ao sentir o cheiro adocicado da lenha de pinheiro que subia por ele. Quando se erguia por entre o feixe oco de escuridão, o ar fragrante trazia consigo o senso e as histórias de muitos invernos esquecidos há tempos. Essa cuba de alto-forno com seu ar fresco improvável era uma catacumba de memórias.

Para Peter Lake, era reconfortante saber que os fogos daquele momento tinham ecos azuis e fantasmagóricos que sobrevivem por tanto tempo e se erguem novamente em outra época. E o aroma o levou de volta tão intensamente que ele teve de abraçar a chaminé que se desintegrava para não perder o equilíbrio e despencar do telhado. Havia menos prédios naquela época, e muito mais florestas e campos. Morningside Heights era uma fazenda, e o Central Park, na verdade, era uma parte do interior do estado que fora enfiada no meio de Manhattan, como uma gaveta em uma escrivaninha. Os prédios frequentemente tinham corredores altos e ecoantes, reminiscências de grandes espaços abertos que ficavam nas proximidades e também nas fronteiras mais distantes. Como eram construções feitas de espaço, madeira e pedra, tornaram-se retratos e paródias das terras ermas. Era muito bom estar vivo naquela época. Podia-se sair de casa e deixar a porta destrancada. (Peter Lake não tinha meios de saber que já fora um ladrão, assim como não tinha meios de saber que, mesmo assim, havia sido um homem impecavelmente honesto.) Sempre era possível sentir o cheiro da lenha de pinheiro queimando no inverno, e a neve permanecia branca.

Nem tudo era fácil, entretanto, e ele entendeu isso quando percebeu que metade da razão pela qual estava se agarrando à chaminé era que o simples fato de que olhar para o telhado trazer uma sensação inexplicavelmente dolorosa. Talvez, se houvesse lido a história dos velhos cortiços, poderia ter encontrado alguma nota de rodapé sobre as legiões de tuberculosos que se refugiavam nos telhados, criando uma cidade mais alta e distinta. E poderia começar a descobrir quem era. Mesmo assim, talvez não fosse a melhor coisa a fazer, pois ele tinha um longo caminho pela frente.

Sua existência não deixava de ter suas compensações, e ele tinha momentos de felicidade e descoberta que poucas das pessoas estabelecidas as quais ele invejava teriam condições de conhecer. O desespero é a porção inferior de algo que, para poder mergulhar, deve primeiro ascender. As ruas de Nova York e algumas alas de suas veneráveis instituições estavam abarrotadas com pessoas que, embora inteiramente ignoradas, tinham episódios de glória que faziam a carreira de Alexandre, o Grande, parecer-se com um dia comum na vida de um funcionário de escritório.

Peter Lake sempre se iluminava, faiscando como um fogo de artifício, com entusiasmos dourados que o faziam dançar pelas ruas. Ninguém percebia. Ninguém se importava. Mendigos sempre dançavam pelas ruas, cantando, declamando, gritando que haviam encontrado a verdade. E nunca, em nenhuma ocasião, um mendigo falou algo além dos sonetos incoerentes dos insanos. — Chester Mackintosh! Chester Mackintosh! Chester Mackintosh fez com as flores o que Hilda fez com a lua! Entre na colmeia, e faça comigo o que o pilantra que rastejou quente pelo pescoço do gato fez. Quem? — Isso era o que uma dessas pessoas poderia declamar para uma caixa de correio. As discussões e contraproclamações estimuladas por pôsteres eram lendárias, e o pôster sempre se dirigia a “você”. Frequentemente, os homens das ruas agiam de maneira nobre ou ameaçavam os parquímetros, tratando-os como servos ou garotos, sem qualquer cortesia. Às vezes, entretanto, no ápice daquelas ignições enlouquecidas, eles encontravam o ouro. E isso aconteceu com Peter Lake.

Pouco tempo depois de sua aparição no Petipas, ele estava caminhando durante o cair de uma noite esplêndida, tão rápido e reluzente como uma vela romana, o dono do mundo em trapos e farrapos, feliz, benevolente, até mesmo com toques de ópera em suas ações. Chegou às vidraças parecidas com aquelas que se usam em estufas onde os alunos das escolas frequentemente se juntavam, em um parapeito ao lado da calçada, para ver o maquinário antigo do *The Sun* brilhar e tilintar enquanto funcionava. Apoiou-se com uma postura digna da realeza sobre o corrimão e olhou para o interior do prédio. A visão daquelas máquinas murmurantes funcionou como um combustível de foguetes para a sua euforia, que já estava incendiada. Mas foi mais que isso, porque ele transformou aquela empolgação gratuita em algo real. Naquele momento ele soube que o seu otimismo era uma ilusão, e que, agora — por acaso — ganhara substância. Ali, bem diante dele, estavam as máquinas, cuspindo e tossindo como bebês, agitando-se como uma centena de chaleiras em ebulição, girando e movendo-se com dedicação e devoção. Ali, finalmente, estava algo que ele conhecia e tinha certeza do que era.

Dois mecânicos atormentados e deprimidos caminhavam pela galeria que havia abaixo, carregando um eixo recém-lubrificado com óleo entre si e conversando com resmungos e insultos frustrados que podiam ser ouvidos, mesmo com todo o barulho dos motores à sua volta. Estavam se aproximando de uma estrutura desmontada que ficava entre duas outras máquinas que enrolavam cabos, e depois sibilavam e assobiavam conforme os cabos se desenrolavam e faziam girar vários conjuntos de limitadores de velocidade newtonianos. Embora suas mãos estivessem cobertas de óleo, eles coçavam as cabeças — o que era um mau sinal, pensou Peter Lake. Eles provavelmente não conheciam o funcionamento do murmurador duplo. Talvez nem soubessem para que servia.

Ele bateu no vidro. Os homens olharam em sua direção, e depois desviaram o olhar. Ele bateu outra vez.

— O que você quer? — perguntaram eles.

— Quero explicar as minúcias do murmurador duplo — gritou ele. Os mecânicos não conseguiram entender o que ele dizia.

— Vá embora — ordenaram eles. Mas ele não foi, e continuou batendo no vidro até que um deles se aproximou e abriu um dos painéis de vidro. — O que você quer? — perguntou ele novamente a Peter Lake.

Compondo suas palavras com o mesmo cuidado de um homem que se vê diante de um juiz, Peter Lake respondeu:

— Vi que vocês dois estão trabalhando naquele murmurador duplo ali. Pareciam estar confusos. Eu gostaria de ajudar.

O mecânico olhou para ele com um ceticismo temperado porque Peter Lake, assim como o próprio mecânico, era irlandês. — Murmurador duplo? — repetiu ele. — Quem disse que aquilo se chama murmurador duplo? Nós nem mesmo sabemos para que serve. Estávamos apenas tentando colocá-lo para funcionar para depois descobrir como usá-lo.

— O nome daquilo é murmurador duplo — insistiu Peter Lake. — E é um acessório importante da cadeia cinemática. Se vocês não o usam, é provável que a cadeia cinemática esteja sofrendo panes toda semana.

— Você está certo — confirmou o mecânico. — Mas como diabos você sabe disso?

Peter Lake sorriu. — Eu sei como desmontar e remontar um murmurador duplo, ou qualquer outra coisa que vocês tenham aqui, com os olhos fechados.

— Isso eu quero ver! — exclamou o mecânico, que trabalhava há vários anos naquelas máquinas que duraram muito mais do que quaisquer outras da sua espécie, e que era obcecado pelas dezenas de enigmas que estavam implícitos em seus mecanismos. Embora houvesse passado metade da sua vida ali e aprendido o ofício com o próprio pai, era incapaz de compreender a maioria das máquinas que estavam sob seus cuidados, e não sabia como

desmontar boa parte delas. Muito menos como montá-las novamente.

— Eu ficaria feliz em demonstrar — declarou Peter Lake, sabendo que o seu desafio seria irresistível.

O mecânico foi até o seu parceiro e conversou com ele, olhando ao seu redor de vez em quando para ter certeza de que Peter Lake não desaparecera. Em seguida, os dois pegaram uma escada e apoiaram-na contra a base do vidro.

— Venha por aqui — orientou o outro mecânico.

Peter Lake desceu pela escada e chegou ao paraíso.

Caminhando por aquele lugar, sentiu-se como Maomé em Bismillah. Tudo era brilhante, reluzente, alerta e familiar. As máquinas pareciam saudá-lo com a mesma afeição genial de uma sala de jardim de infância ao receber a visita do prefeito. E, enquanto funcionavam, bufando, girando e executando suas loucas danças angulares, Peter Lake soube que era um mecânico. Em cada seção daquele meio quarteirão de maquinário, anos de conhecimento brotaram das trevas interiores e bateram-lhe continência, como brigadas e mais brigadas de soldados em desfile. A percepção ficou travada no lugar, como se houvesse sido afixada com porcas e parafusos. Finalmente, uma vitória.

Eles chegaram até o murmurador duplo. Os dois mecânicos se apoiaram sobre uma máquina que estava inativa há muito tempo, e fitaram Peter Lake com um poderoso ceticismo irlandês que tremia e borbulhava, tão quente e fumarento quanto uma lareira acesa.

— Bem, senhor — disse um deles, cruelmente —, agora você vai nos mostrar como dar vida a esse... como você mesmo chama, esse murmurador duplo. Caso contrário, senhor, nós o jogaremos de volta ao Bowery.

Peter Lake sabia que estava desgrenhado, castigado por queimaduras de sol, sujo e com os olhos brilhando como safiras.

— O que é um murmurador duplo? — perguntou ele. — Achei que talvez os senhores gostariam de comprar um ingresso para o baile dos lixeiros.

Os mecânicos ficaram confusos. Até que Peter Lake fixou seu olhar insano na máquina e começou a trabalhar.

— Agora, deem uma olhada aqui — pediu ele, depois de remover um enorme painel. — Estão vendo essa barra oscilante com ranhuras que está girando perto demais da trava e da cremalheira neste tresmalho elíptico? Isso, meus amigos, distorce a carga do impacto no segundo fresamento, logo ali, que é aplicado à engrenagem helicoidal. Mas o problema não é exatamente esse. Sem essa pequena engrenagem helicoidal, a junção antiparalela do eixo de fricção não se solta, e essa outra rosca em espiral do pantógrafo não consegue atuar. Está claro até aqui?

Eles fizeram que sim com a cabeça. Peter, então, continuou:

— E não é só isso, mas o freio de fricção fica travado. Estão vendo? Ele tem de ser lubrificado com o espermacete mais fino. E aqueles dois cames na junção do periflexo estão instalados ao contrário. Se um de vocês puder fazer a gentileza de tornear para mim uma barra rosqueada com um ângulo de flanco de cinquenta e cinco graus, eu colocarei a barra oscilante com ranhuras de volta ao seu devido lugar. Enquanto isso, vamos reposicionar os cames e destravar o freio de fricção. E então? O que estão esperando?

Em menos de meia hora o murmurador duplo já estava murmurando loucamente, e a cadeia cinemática começou a funcionar com a perfeição e o silêncio do voo de uma coruja, enquanto antes, suas correias de couro giravam como a carne de um homem gordo que se punha a correr, desferindo tapas descontrolados contra as engrenagens de ferro fundido que lutava para conseguir abraçar.

— Estas correias, agora, vão durar de seis meses a um ano — informou Peter Lake aos seus anfitriões admirados. — E a perda de potência será muito menor, pois a folga da cadeia cinemática será

moderada pelo murmurador duplo. Vai lhes economizar bastante combustível. É como um trompete.

Embora não tivessem conseguido entender a parte sobre o trompete, eles não se importavam, e estavam ansiosos para levar Peter Lake em um passeio por entre as muitas máquinas adormecidas que os deixaram confusos durante toda a vida.

— Que diabos é isso? — perguntaram os mecânicos a Peter Lake ao chegarem diante de uma cúpula em forma de sino que estava no alto de um motor a vapor em funcionamento. — Estamos tentando entender essa coisa desde que éramos crianças. De vez em quando ele faz um barulho enlouquecedor, como se houvesse um parafuso solto batendo debaixo da carapaça. Tentamos abri-lo, mas, não importa o que façamos, ele não se move. Por acaso você não sabe por que isso acontece, não é?

— É claro que sei — respondeu Peter Lake, ofendido. — Peguem qualquer cachorro de rua do bairro de Canarsie e ele terá condições de explicar. Na verdade, é tão simples que vou explicar em filipino.

— Oh, não! Por favor, não faça isso! — imploraram eles. — Você não entende a tortura que essa coisa nos causou durante todos esses anos. De repente ela começa a tilintar no meio da noite, como um bebê que chama pela mãe, e nós não sabemos o que ela quer.

— Isso mesmo — concordou o outro. — E nós tentamos desmontá-la, mas ela não cede. Não é possível nem mesmo amassá-la com uma pancada. Olhe, vou falar isso da maneira mais direta possível. Se você não me disser que diabos é essa coisa, vou cometer suicídio, acertando a minha cabeça com uma marreta.

— Eu também — emendou o amigo.

— Isto — disse Peter Lake, acariciando o pedaço de metal com o formato de um sino que já fora vítima de tanto abuso — é um acusador de perfeição.

Os mecânicos ficaram de queixo caído. Com todos os diabos, o que era um acusador de perfeição?

— Olhem para este motor — disse ele, observando com entusiasmo a bela máquina que estava embaixo do acusador de perfeição. — É uma peça maravilhosa, não é? Como uma garota jovem que volta para casa após passar um dia de junho no parque de Coney Island. Isso é o que chamamos de motor gracioso. Quando se aproxima de cem por cento de eficiência, o vapor superaquecido se volta para dentro, e fica tão volátil que acaba por afastar duas peças bem pesadas (do tipo que utiliza deslizadores calabreses), e se ergue por um vão secreto até essa câmara aqui, onde começa a jogar de um lado para outro um dólar de prata de 1883 em uma velocidade quase musical. Lamento não saber o motivo pelo qual tem que ser um dólar de 1883, mas, pelo que me lembro, esse é o costume.

Os dois mecânicos estavam embasbacados. Peter Lake pensou que não estivessem acreditando no que ele dizia.

— Posso provar, se quiserem — sugeriu ele, acompanhando-os até um canto mais distante, perto de um grupo de alavancas que pareciam estar fixas no chão.

— Nunca soubemos para que servem estas coisas também — admitiram eles.

— Estas alavancas? São os controles para soltar o acusador. Vejam — instruiu ele, girando as alavancas. — Basta colocar as extremidades afiladas neste ângulo. Ah! Estou percebendo agora, estão a oitenta e três graus. É por isso que o dólar de prata é de 1883, para ajudar a lembrar. E ele solta os acusadores de perfeição.

— Acusadores?

— É claro. Provavelmente há duas dúzias deles espalhados por aí, a julgar pela aparência deste lugar. É assim que funciona com máquinas deste tipo. Você sempre tem de atravessar a sala para encontrar as alavancas de liberação para a peça na qual está trabalhando. Quando fizeram o projeto, os projetistas tinham mais coisas em mente do que apenas a potência que entra e a potência que sai. Toda a estrutura é como um enorme quebra-cabeça. Algo

parecido com uma equação. As peças são interdependentes, como se fossem os instrumentos de uma orquestra. Para ser o regente — acrescentou Peter Lake com um sorriso — é preciso conhecer todos os instrumentos. E precisa conhecer a música.

Ele os levou de volta até o acusador de perfeição, que levantou sem maiores dificuldades de cima do motor gracioso. Um dólar de prata caiu de dentro do acusador e rolou pelo chão, tilintando. Um dos mecânicos correu atrás da moeda e pisou nela. Ele a pegou, examinou-a e olhou fixamente para o amigo, com os olhos arregalados.

— Mil oitocentos e oitenta e três — disse ele.

Normalmente, se o *The Sun* contratasse um novo mecânico-mestre, ele seria convidado para jantar com Harry Penn, na própria casa do diretor do jornal ou no Petipas. Naquele mês de junho, entretanto, o *The Sun* estava tumultuado, dedicando a maioria dos seus recursos ao mistério aparentemente insolúvel do enorme navio que havia ancorado no Hudson e permaneceu ali desde então, sem se deixar abalar pelo público em geral ou pela imprensa. Por mais que tentasse, nenhum membro da equipe do *The Sun* foi capaz de descobrir nada. Uma parte enorme do quadro de repórteres foi destacada para cobrir aquela história — ficar de prontidão no ancoradouro vinte e quatro horas por dia, pressionar o prefeito (que entrou no navio para visitá-lo no meio da noite e voltou para o ancoradouro, dançando enquanto descia a rampa de acesso), tirar fotografias aéreas, fazer exames com raios infravermelhos e tentar quebrar o impasse com informações obtidas com fontes casuais espalhadas por todo o mundo. Em meio à frustração por descobrir tão pouco, eles acabavam por negligenciar assuntos relacionados ao dia a dia do jornal, incluindo as boas-vindas aos novos funcionários.

No momento em que Praeger de Pinto, sobrecarregado e exausto, fez uma rápida entrevista com Peter Lake, o candidato já havia adquirido a aparência que se espera que um bom mecânico

tenha — algo muito próximo, na verdade, da aparência que tinha nos dias dos quais não conseguia se lembrar direito, quando dividia seu tempo entre os vários restaurantes de ostras, oficinas e furtos. Voltara a aparar seu bigode no estilo guidão, cortou o cabelo e tomou meia dúzia de duchas e banhos. Depois, comprou um novo terno de linho feito de acordo com moldes antigos, do qual ele gostou bastante e que não ficava estranho no ambiente do *The Sun*, onde Harry Penn e uma grande quantidade de outros velhotes se vestiam de uma maneira que tinha bastante influência do século 19.

Quando Peter Lake estava entre os mendigos, as cicatrizes no seu rosto eram cobertas por fuligem e graxa. Agora elas estavam visíveis, embora algumas das linhas mais finas já começassem a desaparecer. Se Praeger olhasse fundo em seus olhos, poderia perceber que a alma de Peter Lake estava presa nas tempestades de outra época e de outro lugar. Mas ele não o fez, e o rosto de Peter Lake telegrafava somente que ele era um operário qualificado que sempre tentaria fazer o melhor que pudesse. Não parecia ser um intelectual, um artista, um advogado ou um banqueiro. Em vez disso, parecia ser um homem do tipo que coloca trilhos sobre a terra, constrói prédios e cuida de fogueiras, forjas e máquinas. Tinha braços fortes, mãos grandes, um nariz que não era aquilino e uma voz grave. Praeger de Pinto gostou dele logo à primeira vista. Não tinha qualquer pista sobre a complexidade dele. Não o reconheceu após sua aparição no Petipas (e Peter Lake também não se lembrava de Praeger), e esqueceu-se rapidamente dele, embora estivesse feliz por seus mecânicos prometerem muito menos quebras, panes e atrasos agora que esse expert fora contratado, a pedido deles, para ser seu chefe — ainda que ele recebesse apenas os quinhões dados a um aprendiz, porque Trumbull, o chefe anterior, estava disposto a seguir as ordens de Peter Lake, mas não estava disposto a se aposentar.

Na maior parte do tempo, Peter Lake ficava com as máquinas, pois era ali que se sentia genuinamente feliz. Passava seu tempo livre em um pequeno quarto alugado que tinha vista para um vale infindável de telhados vazios e caixas d’água de madeira, e

rapidamente ficou como tantas outras pessoas em Nova York: confortável, esquecido e sozinho.

Mesmo que no começo daquele verão o tempo perfeito de junho sempre dominasse a cena, foi interrompido muitas vezes por tempestades dramáticas que vinham do oeste. Nuvens cinzentas que não sabiam se eram montanhas ou ninhos de cobras que abrigavam relâmpagos surgiam abruptamente e passavam sobre a cidade em um colchão de chuva, vento e granizo. Relâmpagos que se contorciam e se entrelaçavam em nuvens da cor de ameixas adoravam apontar para as altas torres de Manhattan, adoravam atingi-las com precisão, e adoravam a reverberação dos trovões enquanto eles se estendiam pelas avenidas, desde Washington Heights até o Battery Park. Seus clarões e estrondos transformavam todos os seres vivos em pinos de boliche, e empurravam multidões a quem nada poderia abalar em outras ocasiões contra portais e sob toldos para esperar a tempestade passar, com os pescoços tortos e os corações parando de quando em quando, sempre que um enorme raio decidia castigar alguém que estava por perto.

Peter Lake sempre parava tudo que estivesse fazendo para observar uma tempestade. Às vezes ele olhava pelas vidraças do salão de máquinas do *The Sun* e observava a chuva cair e os relâmpagos rasgarem o céu, e outras vezes testemunhava a artilharia celeste em seu próprio quarto, quando até mesmo as caixas d'água de madeira no alto do prédio trovejavam num gesto de consentimento. Ele sempre se sentiu como fosse um rebelde que estava do lado do vento e da chuva, esperando que ambos tivessem força o bastante para arrasar a estrutura do tempo e libertá-lo. Todo mundo, supunha ele, tinha sua visão própria e particular dos relâmpagos.

Andando às cegas em seu apartamento que ficara subitamente escuro, trinta andares acima do rio East, Martin e Abby enfrentaram uma dessas tempestades enquanto eram tomados por um medo primevo. Era a primeira vez que os dois viam tal espetáculo e tinham idade suficiente para apreciá-lo. Martin se lembrava de

algumas tempestades menores, mas existe uma enorme diferença entre uma tempestade a quinze quilômetros de distância e uma que está caindo diretamente sobre a sua cabeça. Hardesty e Virgínia estavam trabalhando, e a Sra. Solemnis estava tirando uma soneca que era tipicamente imperturbável. Quando as duas crianças não conseguiram acordá-la, pensaram que havia sido morta pela tempestade, e foram até a cozinha espiar pela janela que apontava para Hell Gate.

Depois que Martin lhe disse que tinha certeza de que seus pais estavam mortos, Abby chorou. Na verdade, agora que a Sra. Solemnis estava morta, talvez eles fossem as únicas pessoas que restavam no mundo. Ficaram um pouco mais animados quando viram um barco rebocador atravessando Hell Gate bravamente, mas ele logo desapareceu, e os trovões ficaram tão intensos que quase estraçalharam as janelas. — Não se preocupe, Abby. Vou cuidar de você — disse Martin quando ela começou a choramingar. Em seguida, ele repassou em sua mente os vários passos necessários para cozinhar ovos. Aprendera a acender o fogão e a preparar o café da manhã havia pouco tempo. Assim, ele achou que aquilo foi um tremendo golpe de sorte, já que teria de preparar a comida para si mesmo e para Abby. Estava começando a se debruçar sobre o que fazer com o corpo da Sra. Solemnis (Jogá-lo pela sacada? Colocá-la na geladeira?) quando a tempestade desapareceu, o sol voltou a brilhar no céu e Virgínia telefonou para perguntar como eles estavam.

Para eles e para Peter Lake, o tempo era muito parecido. Nenhum dos três conhecia de maneira exata o seu funcionamento tal qual as pessoas que eram enganadas pelos relógios. Embora as pessoas entendessem prontamente que uma linha era algo imaginário, assim como um ponto, eles acreditavam cegamente em segundos. Abby e Martin repousavam com tranquilidade nas inanidades laterais da ausência do tempo, e viviam no apartamento da família Marratta, muito acima de Yorkville, como dois jovens pássaros em um ninho nas montanhas.

A esperteza dos dois muitas vezes era algo surpreendente. Por exemplo, Hardesty e Virgínia ficavam admirados ao notar como a vida de seus filhos era rica em fantasias. Tinham centenas de amigos invisíveis com nomes como “Mulher Gorda e Carequinha”, “O Povo-Cachorro”, “Dorian Solitário”, “Dama Serpente”, “Homem Cueca”, “O Povo das Plantas Altas”, “O Povo das Plantas Baixas”, “Pessoas-Fumaça”, “Alfonse e Hoola”, “Gritalhão e Pontadupé”, “Ellen Biruta”, “O Boxeador”, “Romeu”, “Os Meninos do Alho” etc. A lista era longa, e fazia com que seus pais se preocupassem com a possibilidade de que (embora nenhuma das crianças tivesse visto uma televisão) suas imaginações fossem muito fragmentadas. Até que, certa noite, durante o jantar, ouviram um diálogo muito interessante:

— A Mulher-Gato da Lua estava chorando hoje — contou Martin a Abby, casualmente. — O gato Bonomo estava dando cambalhotas para trás. Acho que ele não está passando bem.

— Quem? — perguntou Abby com o rosto bastante inchado pelo sono após uma soneca que havia durado tempo demais, e a levara para os rincões mais distantes das terras de Morfeu e Belinda. Qualquer Marratta que acordasse de uma soneca ficava com uma aparência horrível.

— A Mulher-Gato da Lua! A Mulher-Gato da Lua! — gritou Martin do alto da arrogância dos seus cinco anos, paralisando o garfo de Hardesty entre o prato e a boca. — Você sabe, quatorze para baixo e sete para o lado.

Foi somente naquele momento que Hardesty e Virgínia perceberam que os companheiros invisíveis eram seres reais, os habitantes de um imenso condomínio que era visível do quarto das crianças, e aos quais elas atribuíam nomes de acordo com as idiossincrasias que observavam e com os objetos pessoais de tais criaturas. Elas enxergavam quase mil pessoas e animais, e estavam familiarizadas com eles em observações quase diárias. Virgínia não ficou surpresa, pois aprendera, ainda bem cedo, dez ou vinte mil das palavras mais comuns do vocabulário da Sra. Gamely para que

tivesse condições de saber o que estava acontecendo se sua mãe viesse a dizer, por exemplo: “Mary! Le Loiro e seus homens estão aqui, pedindo ao burgo para dividir os direitos piscários entre os diglotas, integralmente”. Virgínia era capaz de interpretar as nuvens e prever como seria o tempo com vários dias de antecedência, como um fazendeiro, já que crescera tendo a terra e o céu como companheiros constantes. Em Yorkville também havia muitos sinais para interpretar, embora parecessem muito menos graciosos em comparação à natureza pura e bravia das Coheeries.

Mas os talentos das crianças eram tão reais quanto os seus próprios. E seus filhos eram ousados, também. Ela se lembrava, com calafrios, que já estivera próxima de uma morte horrível por várias vezes: provocando uma cascavel enfurecida; tentando alimentar um urso negro itinerante que tinha dez vezes o peso dela, colocando amoras em sua boca como se ele fosse um guaxinim, repreendendo-o e conduzindo-o em um passeio por meia hora ou mais por uma campina onde, de acordo com a perspectiva da Sra. Gamely, nada seria capaz de machucá-la; subindo até o topo da pilha dos blocos de gelo no depósito; brincando com a espingarda enquanto sua mãe estava fora entregando tortas. Seus filhos estavam a salvo de todas aquelas coisas. Pelo menos era o que ela pensava, até o dia em que Abby apareceu equilibrando-se sobre o parapeito da sacada, andando no mesmo ritmo de uma valsa que tocava no fonógrafo, sem se incomodar com uma possível queda de noventa metros até o chão.

Muitas mães gritariam e correriam para agarrar a criança pela proteção da sacada, mas Virgínia manteve a frieza. A primeira coisa que lhe ocorreu foi que viver naquele apartamento fez com que seus filhos se desenvolvessem como pessoas que moravam em penhascos, e, como não conheciam qualquer outra vida, provavelmente tinham um dom natural para aquilo — da mesma forma que esquilos ou carneiros montanheses, com talentos que não eram afetados pelo medo. Forçou-se a suprimir seu próprio medo em favor da coragem de Abby, colando seus braços gentilmente ao redor do corpo da filha e dançando com ela para

longe da sacada. Foi o que fez, e continuou para sempre a admirar a graça instintiva da filha.

Caminhar sobre o gradil da sacada foi um episódio excepcional na vida das crianças, que, de maneira geral, era bem tranquila. Sua fragilidade, inocência e imaginação se fundiam e lhes davam a capacidade de virar o tempo pelo avesso, viajar sobre o vento e entrar nas almas dos animais. O fato de pensarem que a cidade era o universo inteiro e também o centro dele as colocava, de maneira compensatória, perto dos limites do infinito e do inexplicável, pois qualquer coisa que existisse além dos reinos conhecidos da existência não ficava mais distante que Fort Lee, Nova Jersey ou Yonkers. Tinham um conhecimento melhor sobre a cosmologia do que os físicos de fala acelerada, porque os físicos e seus predecessores foram forçados a enxergar o universo com as ferramentas que tinham à mão, e, dessa forma, criar modelos que eram como dedais encarregados da tarefa de abarcar todo o céu. As crianças, por sua vez, passavam por cima das obstruções da dúvida e do medo e iam diretamente ao cerne da questão. Ainda eram novas demais para se lembrar, em meio aos seus sonhos profundos, da imobilidade perfeita de todas as coisas. Não duvidavam de que, simplesmente por acreditar que podiam, eram capazes de se levantar e viajar pelo ar, deixando para trás um rastro diáfano de luz como se fosse um longo vestido branco.

Os dois aceitavam, assim como Virgínia aceitara da Sra. Gamely, uma explicação sobre a cortina branca que às vezes cercava completamente a cidade.

— Não é nada, mas também é tudo — explicou ela para os dois durante uma das tempestades, enquanto estavam deitados em suas camas, escutando seus brados. — O tempo não existe dentro dela, existem apenas ilhas de tempo. Ela se move dentro de si mesma em correntes e contradições, e, se vocês chegarem muito perto, ela vai levá-los como uma enorme onda que arrebata alguém que está sobre uma rocha. Ela gira ao redor da cidade em cúspides irregulares. Às vezes, toca o chão como um tornado para levar

pessoas embora ou para deixá-las aqui, ou abre estradas deixando seu rastro branco pela cidade e, outras vezes, repousa sobre o mar enquanto faz ligações com outros lugares. É uma tempestade benevolente, um lugar de refúgio, o fluxo neutro no qual flutuamos. Nós sempre nos perguntamos se existe alguma coisa além dela, e achamos que talvez haja.

— Por quê? — perguntou Martin debaixo das cobertas.

— Porque, nas raras vezes em que todas as coisas coalescem para servir a beleza, a simetria e a justiça, a cortina fica da cor do ouro: quente e sorridente, como se Deus estivesse se lembrando da perfeição e da complexidade daquilo que fez girar há muito tempo, e daquilo de que se esqueceu há muito tempo — respondeu Virgínia.

Eles eram os observadores mais metódicos que existiam. Como passavam o dia inteiro em um prédio de apartamentos que era como uma vasta colmeia, tornaram-se sensíveis a muitas coisas as quais a maioria das pessoas não percebia. Por exemplo, o prédio inteiro se transformava num instrumento musical quando telefones que não eram atendidos tocavam por entre várias partes da estrutura, com vários tons e intensidades abafadas (as variações dependiam da distância em que o ouvinte estava, de quantas paredes havia entre eles, do vento, do fato de uma janela estar aberta ou não, da nota original etc.). Eles prestavam atenção ao som como se fosse o canto de um pássaro que penetra por entre a massa escura e volumosa de uma floresta. O sistema de encanamentos — água corrente atravessando cavernas impenetráveis — falava com eles com a mesma autoridade dos rios subterrâneos do Hades.

Do alto do seu ninho, Martin e Abby enxergavam os movimentos livres do voo, e podiam sentir a harmonia entre os pássaros e o ar azul, algo que não existia perto do chão nos estreitos e nas margens dos rios. Faziam o telefone “cantar para si mesmo” (através de um ciclo de microfonia e interferência) como se fosse um animal doméstico. Em seu reduto quase montanhês, as crianças observavam as sutilezas do som e da luz que existem nas

tempestades, no crepúsculo e na alvorada. Sabiam que horas eram por causa das longas sombras projetadas pelos prédios que havia nas proximidades e pelas nuvens de ar perfumado (mais doces e densas que metade dos perfumes da Arábia) que fluíam ao longo das paredes e por cima dos terraços, quando senhoras profissionais banhavam e lavavam tais lugares às centenas, como se quisessem santificar o espaço entre oito e oito e meia da manhã.

Marko Chestnut dizia que elas eram tão dedicadas à natureza quanto se tivessem crescido em uma fazenda ou nas montanhas. — A verdade é que elas vivem em uma máquina — a própria cidade. Mas, se uma máquina pode emergir da natureza, então, certamente, a natureza pode emergir de uma máquina — afirmou ele.

Todos os sábados, Marko Chestnut pintava retratos de crianças — sozinhas ou em grupos. Seu estúdio ficava na região central, perto do *The Sun*, com vista para as rampas de acesso da ponte de Manhattan. Em um dia chuvoso na primavera, Abby e Martin foram até lá, vestindo suas capas de chuva amarelas. Isso o deixou muito contente, pois o legítimo tecido impermeável das capas de chuva das Coheeries tinha pintas marrom claro, e o amarelo profundo acabava sendo esmaecido pela luz cinzenta de um céu revolto, cheio de chuvas e vento. As cores dos rostos corados das crianças, seus olhos e cabelos jovens e a luz da chuva com seu tom de ardósia eram exatamente o que ele queria. Sem saber muito bem o que se esperava que fizessem, Martin e Abby estavam constrangidos e aterrorizados, e comparavam Marko Chestnut a alguma espécie de médico. Era quase impossível fazê-los conversar, e, quando diziam alguma coisa, geralmente o faziam aos sussurros. Ele lhes serviu suco de framboesa e cookies com raspas de chocolate, e lhes deu pequenos conjuntos de pintura, ímãs, caminhões de brinquedo e catálogos de museus.

As crianças permaneceram no estúdio por várias horas, observando a rua e as rajadas de vento com a mesma intensidade que o artista as observava. Tudo o que conseguiam ouvir era a chuva — encharcando as calhas e as paredes dos prédios,

deslizando pelos telhados e fluindo nas ruas. Abby foi até a tela, pegou o pincel de Marko Chestnut e disse que ele tinha o som da chuva. De fato, tinha, e Marko Chestnut pensou que, realmente, a natureza estava nas vigas, barras de sustentação e motores da cidade; em todas as coisas e em sua organização, em uma natureza-morta iluminada por uma lâmpada elétrica, assim como em um campo cor de trigo sob a mais pura luz do sol. As leis eram as mesmas, e eram onipresentes.

Embora Marko Chestnut, em seus devaneios mais loucos, ousasse pensar que a cidade e suas máquinas órfãs poderiam encontrar suas origens e despertar, as crianças já tinham coisas maiores em mente — o voo e a ascensão, o mundo inteiro ascendendo à perfeição além das extremidades irregulares da máquina irregular na qual viviam.

Em algum lugar na cidade dos pobres, o cavalo branco Athansor estava aprisionado em um moinho, preso a uma trave ligada a um eixo central, o qual devia mover andando em círculos ao seu redor. Ele só descansava quando a máquina dilapidada que colocava em movimento quebrava, ou quando não havia materiais para o moinho processar. Do contrário, o cavalo trabalhava continuamente. Podia comer tanta aveia e feno e beber tanta água quanto quisesse, abocanhando-os quando passava por uma fenda na parede, por onde a ração e a água eram reabastecidas pela força da gravidade. A madeira e o metal ao redor da fenda foram lustradas por inúmeros outros cavalos que se aproximavam e esfregavam seu corpo naquele local enquanto se alimentavam.

Aqui, o trabalho dos cavalos era explorado por um mês ou dois, e eles frequentemente morriam pela exaustão antes que os capatazes tivessem de matá-los por não aguentar mais trabalhar. A prática de forçar um animal a trabalhar até que ele morresse significava que o moinho recebia cerca de dez cavalos por ano. Entretanto, se tivessem três trabalhando em turnos alternados, poderiam utilizar o serviço dos animais durante toda a sua vida natural. Mas a cidade dos pobres tinha sua própria economia, e, mesmo assim, os donos

do moinho sempre auferiam um bom lucro, porque conseguiam seus cavalos a um preço muito baixo — tirando-os de carroças que não eram mais capazes de puxar, de terrenos para onde haviam fugido ou dos horríveis estábulos em cortiços incendiados, para onde os ladrões os traziam na calada da noite, após roubá-los de algum lugar no interior do estado.

Depois de serem forçados a trabalhar até a morte, eram esquartejados e cortados para que sua carne e sua pele fossem vendidas. As vísceras iam para fábricas de velas; os cascos e os ossos, para fábricas de cola. Havia lucro para aqueles que trabalhavam nas margens, para os diabólicos, os gananciosos e para aqueles sem visão de futuro, e a sua pequena indústria consumia cavalos a uma taxa impressionante.

Mas não Athansor. Eles o pegaram em uma arena, pensando que poderia aguentar muito mais combates do que os seus primos inocentes, capturados durante a noite em pastos nas montanhas e levados em caminhões para as entranhas da cidade. Certa vez, um belo Percheron da Virgínia moveu o moinho por cinco meses, sem nunca parar, com uma determinação que espantou até mesmo os seus captores embrutecidos. Imaginaram que o cavalo branco não aguentaria mais do que isso, pois tinha mais ou menos o mesmo peso, mas sua constituição era quase como a de um puro-sangue. E calculavam que ele tombaria em menos tempo do que o Percheron, pois era um cavalo combatente, enquanto o Percheron era um trabalhador.

Não sabiam, entretanto, que Athansor não tinha a intenção de tombar e morrer, fosse no mar, fosse puxando uma carroça de sucata, ou preso a um moinho perpétuo. Como poderiam saber que o cavalo consumia a perpetuidade da mesma forma que o moinho consumia cavalos, e se alimentava dela assim como se alimentava da aveia e da água que lhe davam? As origens da sua força, para os homens, era um mistério. Mas eles percebiam claramente que, quanto mais era forçado a trabalhar, mais forte o cavalo ficava. Ele empurrava a trave do eixo em meio à febre e ao suor, com leveza e

ânimo, com tristeza, quando seu coração parecia ter parado de bater, através da cegueira e do amanhecer, tremendo pela fraqueza ou dançando com energia. Mas continuava em frente e nunca esmorecia.

Durante as primeiras semanas de agosto o tempo estava muito quente, e à tarde, ou mesmo à noite, seu corpo às vezes ficava coberto por uma espuma úmida e seus cortes e feridas se abriam e se inflamavam. Quando o outono chegava e o ar ficava mais puro, ele sabia o que estava à sua espera. Assim, erguia a cabeça, balançava a crina endurecida pela sujeira e olhava adiante. Pois ele era o motor que trazia as estações, e o moinho que produz o sal dos mares. No inverno, metade do círculo no qual ele girava estava coberta pelo gelo e pela neve, e ficava difícil conseguir tração. Mas ele encontrava tração suficiente para levá-lo até a primavera. E então, chegava à perfeição de junho, quando ele sabia que estava no ápice, e cada passo que avançava era uma nova vitória. No início do verão, quando o bom tempo se alternava com tempestades elétricas ligeiras e assombrosas que faziam trovões explodirem em uma guerra sobre os desfiladeiros, o cavalo era sustentado e erguido por muitas coisas, e uma delas era o estupor dos seus atormentadores quando viam que ele ainda estava vivo.

A partir de um terço do círculo ele era capaz de olhar para oeste por cima das planícies de tijolos e cascalho, para os contornos de casas calcinadas e para o rio, até a linha do horizonte. Poder enxergar todas essas coisas maravilhosas e brilhantes, sem dúvida, o sustentava.

Um sino dobrou. Dobrou para o prefeito enquanto ele viajava em uma lancha, descendo o rio East para ir da Mansão Gracie até a prefeitura. E não parou de dobrar até que ele entrou em seu escritório, envergou o manto cerimonial e mandou que o delegado-chefe anunciasse que o prefeito estava “em seu escritório, à disposição do povo, pronto para governar em prol do bem geral, e contente por ver que o sol se ergueu por cima da cidade intacta e próspera”. Era uma cerimônia antiga, que muitas pessoas

acabavam deixando passar. Mas, todos os dias, a cerimônia dava ao prefeito uma perspectiva igualitária, uma lembrança das tarefas que tinha a cumprir e um senso de continuidade.

O conselho de anciões (no qual Harry Penn e Craig Binky conseguiam coexistir) se reunia antes da cerimônia de posse de cada prefeito para escolher um epíteto para ele. Embora o nome fosse puramente simbólico e não servisse para impugnar seu mandato ou garantir sua reeleição, tinha um peso enorme sobre o eleitorado e na consciência do próprio político — se ele tivesse uma. Afinal, ele seria reconhecido perpetuamente pelo título que esmagaria seu próprio nome inteiramente e acabaria por fundir sua história à da cidade. Assim, já houve casos de prefeitos que renunciaram aos cargos ou cometeram suicídio quando o conselho de anciões escolheu nomes como o Prefeito das Cinzas, o Prefeito dos Ossos, o Prefeito dos Trapos e similares.

Outros prefeitos engoliram em seco e continuaram a governar, apesar de receberem nomes como o Prefeito Raposa, o Prefeito Ovo ou o Prefeito Pássaro (já que, na política, o escárnio gentil e a reprimenda gentil sempre podiam ser suportados). Havia aqueles que não sofriam com o ridículo nem com alguma condenação, e cujas administrações foram favorecidas por seus próprios talentos ou pela sorte, ou pela felicidade da idade. Estes receberam nomes esplêndidos dos quais poderiam se orgulhar pelo restante da história: o Prefeito de Marfim, o Prefeito das Águas, o Prefeito do Rio (certa vez, na virada do século, quando o conselho de anciões decidiu chamar a atenção para o novo milênio que se aproximava) e o Prefeito de Prata. Como o conselho conhecia antecipadamente o caráter do prefeito e de seu mandato era um mistério até mesmo para os conselheiros. Certamente, Craig Binky não sabia. E até mesmo Harry Penn ficava maravilhado com o forte e absoluto senso do futuro que permeava suas reuniões.

O mandato do governante atual terminaria quando o primeiro bloco de gelo fosse visto sobre o rio (o que geralmente acontecia em fins de janeiro) ou quando a primeira flor brotasse em Prospect

Park (em fins de março), e as eleições aconteceriam no mês de novembro do ano anterior. Considerando que o seu predecessor foi o Prefeito de Enxofre, ele teve um sucesso relativo ao ganhar o título de Prefeito de Arminho. Na simbologia complexa dos títulos, isso representava uma harmonia agradável, porque o manto do ofício era confeccionado com peles de arminho, e o conselho de anciões parecia sugerir que o homem e o cargo estavam adequados um ao outro. Isso o deixava muito contente, não lhe subia à cabeça e era um bom presságio para a campanha de reeleição.

É certo que o governante atual se parecia com um ovo cozido e tinha uma voz esganiçada, mas era um político habilidoso e um homem justo, que cumpriu as responsabilidades do cargo com equilíbrio e humor. E, para que ninguém se esquecesse, ele tinha o apoio da mais maravilhosa e onipotente máquina política que já existira — um governo paralelo virtual que conseguia executar todo tipo de mágica, desde cestas de Natal, que foram distribuídas literalmente aos milhares, até o reconhecimento por computador. Conectado a um poderoso computador central, o prefeito sabia o nome, apelido e comida preferida de todas as pessoas com quem trocava apertos de mão. Embora as conversas que entabulava durante a campanha acabassem ficando cansativas (“Ei, Jackie. Como é que aquela lasanha está lhe tratando ultimamente?” ou “É bom ver você, Nick. Rapaz, eu adoro rolinhos primavera!”), a técnica parecia efetiva para obter votos.

O Prefeito de Arminho tinha três gabinetes, cada um deles em um andar diferente, e cada um para um propósito específico. O gabinete da Prefeitura, mais próximo do chão, era o lugar para as cerimônias e tradições. Na Velha Prefeitura, quartetos de cordas frequentemente tocavam para o público, e havia muitas pinturas bonitas. Cada prefeito podia ir até a galeria dos seus predecessores e ver, em seus retratos antigos, os sorrisos e olhos de homens como eles, olhando para a frente para oferecer força e coragem, como se quisessem dizer que, quando o trabalho estivesse concluído, era possível observar as batalhas da vida e do mandato de cada um deles com equanimidade.

Os altos gabinetes ficavam a oitocentos metros de altura, no topo de uma das torres mais altas. A cidade se espalhava abaixo deles, e as nuvens passavam sob as janelas. Desses escritórios a cidade ficava tão remota que parecia ser formada apenas de blocos e células de cor que recebiam o sol e reluziam suavemente. Ali era fácil tomar decisões que beneficiariam o futuro, pois, dali, não era possível ver rostos nem escutar os gritos daqueles que eram sobrepujados pelas ondas da história.

O terceiro gabinete ficava no décimo quinto andar de um prédio na região de Battery Park. Suas janelas amplas davam vista para o estuário, o mar, os campos de Governor's Island, os tijolos da cor de ferrugem de Brooklyn Heights e os bolsões verdes dos parques e cemitérios do Brooklyn. A partir desse escritório, o prefeito tinha uma visão intermediária. Era capaz de enxergar longe, e mesmo assim conseguia identificar as formas dos homens que se moviam pelas ruas. Os navios que cortavam o canal Buttermilk como lobos eram muito mais atraentes que os pequenos brinquedos sobre vidro azul com que se pareciam quando ele estava no alto gabinete. Quando tinha a perspectiva intermediária, esses navios podiam conversar com ele sobre o oceano. As ondas criadas por suas proas eram visíveis, desenrolando-se como véus de noiva ao sabor do vento, e, com binóculos, era possível ver as mãos dos pilotos acenando conforme os navios faziam suas incursões perigosas por entre as partes mais rasas escondidas pela maré.

Nos gabinetes intermediários, com uma luz suave que entrava pelas vidraças largas, o Prefeito de Arminho cuidava da maior parte dos assuntos da cidade. Como não eram tão impressionantes nem tão desgastados quanto seu gabinete na prefeitura, e nem tão etéreos quanto os altos escritórios, eram o melhor lugar para lidar com as questões paradoxais que estão no coração da política. Ele era talentoso quando estava em posição intermediária, ou no Purgatório, como se referia àquele lugar, e era onde recebia a maioria dos seus visitantes, incluindo Praeger de Pinto.

O editor-chefe do *The Sun* já estivera nesse escritório muitas vezes, e sentou-se em uma confortável poltrona de couro como se ela lhe pertencesse.

— O que está havendo? — perguntou ele ao Prefeito de Arminho.

— Não sei. O que está havendo? — rebateu o Prefeito de Arminho.

— Acredito que você saiba.

— Do que você está falando, Praeger? Qual é o problema com você? Andou contraindo uma Binkyite ou algo parecido?

— Tudo bem, serei mais específico. Na semana passada, você subiu a bordo do navio no Hudson. Nossos repórteres relataram que você parecia estar preocupado e desesperado, e, na televisão, você tinha o ar de um prisioneiro prestes a percorrer o corredor da morte. Duas horas depois, a lancha chega ao atracadouro e o Prefeito de Arminho salta dela como se suas pernas fossem duas molas de aço. Ele está sorrindo como se alguém houvesse lhe enfiado um bastão entre as bochechas, e (diante da cidade inteira) — você, o prefeito — começa a dançar no píer.

O prefeito jogou a cabeça para trás e gargalhou, provavelmente recordando o motivo que o fizera dançar.

— Na semana seguinte, você não recebeu a imprensa uma única vez.

— Estive ocupado.

— A cidade está enlouquecendo, tentando saber o que há naquele navio e com quem você conversou. O *The Ghost*, seu aliado, comparou a sua dança com aquela que Hitler fez quando tomou Paris. É isso que você quer? Está percebendo que a pressão para desvendarmos essa história toda é cada vez maior? E tem ideia do perigo que você corre se o público perceber que está mancomunado com as pessoas do navio em detrimento da curiosidade popular?

— O meu trabalho não envolve facilitar o seu trabalho — afirmou o prefeito. — Se você não sabe quem está naquele navio, não é problema meu. Por que não vai até lá e pergunta? Você sabe como é. Basta contratar um barco.

— Nós temos o nosso próprio barco. Estávamos lá meia hora depois que o navio lançou âncora. Tenho certeza de que você sabe que eles não deixam ninguém subir a bordo, e nem mesmo conversam por cima da amurada. Mas estamos trabalhando nisso. Há muitas maneiras de arrancar o couro de um gato recalcitrante. Mesmo assim, já que você sabe o que está se passando, bem que poderia nos dar uma indicação...

— Ou o *The Sun* não vai me apoiar na eleição deste ano.

— A política é a arte da equação. Nós realmente poderemos nos recusar a apoiá-lo.

— Apenas por causa disso?

— De acordo com as nossas considerações, não é um problema pequeno. O prefeito tem o que a cidade quer e recusa-se a revelar a verdade. Por que a cidade deveria apoiá-lo?

— E se o meu silêncio for a melhor opção para a cidade?

— Como alguém poderia ter o direito de julgar isso?

— Não há maneira de fazer isso. É melhor eu fazer o que estou dizendo.

— Por que não deixa as pessoas decidirem o que é melhor para elas?

— Porque, neste caso, elas não podem fazer isso.

— Não entendo o que você está fazendo — disse Praeger. — A televisão vai atacá-lo sem piedade.

— Eu sei.

— Como espera ser reeleito?

O Prefeito de Arminho sorriu.

— Quem está concorrendo contra mim?

— Ninguém, por enquanto.

— Tem razão. E, quando alguém decidir entrar na corrida eleitoral, será tarde demais. Estamos no meio de junho. Quem vai conseguir igualar os meus duzentos coordenadores de campanha e vinte mil cabos eleitorais em três meses e meio?

— Eles não são uma garantia infalível de sucesso.

— Terei de aceitar isso, mesmo assim.

— Por quê? — insistiu Praeger, sem querer acreditar na inexplicável transformação do Prefeito de Arminho, que parecia estar deixando de ser um líder estadista e transformando-se num político recluso.

— Veja bem — ponderou o prefeito. — Se você concorresse contra mim, vencesse e descobrisse por conta própria o que está envolvido nessa questão, faria exatamente o que estou fazendo.

— Isso é o que você pensa.

— Isso é o que eu sei. Uma grande oportunidade aguarda esta cidade, e eu vou levá-la a cabo. Eu me importo com a história; inclusive, estou bastante disposto a sacrificar a minha carreira. De qualquer maneira, quem, com todos os diabos, vai concorrer contra mim?

— Talvez eu concorra — declarou Praeger.

O Prefeito de Arminho hesitou.

— Isso não chega nem mesmo a ser uma piada. Esta cidade nunca elege homens altos, distintos e letrados, a menos que suas cabeças estejam cheias de algodão ou que sejam incrivelmente corruptos. Você é inteligente e honesto demais para ser indicado, mesmo que seja por um partido idealista de pouca importância. E como você pretende lidar com o sistema?

— Talvez eu simplesmente o ignore por completo — respondeu Praeger, que não tinha qualquer intenção de concorrer ao cargo de

prefeito, e estava apenas instigando o prefeito a continuar falando.

— É impossível, embora eu tenha de admitir que é o sonho de todo rapaz. Imagino que começa com as crianças. Elas querem ser o presidente, fazem discursos maravilhosos no chuveiro, são afetadas pela inspiração divina da política, e nunca alcançam o seu objetivo. Nem deveriam. Este é um mundo de igualdades selvagens. A cidade tem de ser comandada por um homem duro, não por alguém que faça mágica com uma caneta. E a cidade sabe disso.

— E o que me diz do Prefeito de Prata?

— Ele escreveu tudo aquilo depois que concluiu suas obras, não antes.

— Eu não escrevi nada ainda — afirmou Praeger. — E posso ser um pouco mais duro do que você pensa.

O Prefeito de Arminho olhou para Praeger e, pela primeira vez, não gostou do que viu. À sua frente estava um homem encorpado e com mais de um metro e oitenta de altura, com o brilho de um lutador nos olhos, e um rosto tensionado numa expressão de prontidão para o combate — a mesma expressão que alguns loucos exibem quando ficam irritados, estreitando os olhos como se estivessem se preparando para receber seu castigo.

— Onde você nasceu? — indagou o prefeito, certo de que Praeger não tinha as ruas em seu sangue, e nunca poderia chamar aquela cidade de sua, nunca poderia exibir diante de uma multidão o orgulho e a certeza especiais que são as dádivas concedidas pelo lugar onde nasceu. Praeger tinha todos os indícios de um imigrante dos subúrbios.

— Nasci na rua Havemeyer, Excelência — respondeu Praeger. — Quase diretamente abaixo da rampa de acesso do lado do Brooklyn, na ponte de Williamsburg. É bom o suficiente para você?

— Não que eu realmente me importe com os pormenores — replicou o Prefeito de Arminho, voltando a concentrar a atenção em

seus documentos, em um sinal para que Praeger se retirasse. — Você não vai concorrer a cargo algum.

Em meados de julho, muito do ardor relativo à plataforma colossal que flutuava no Hudson já desaparecera. O prefeito estava tão silencioso quanto um bloco de granito. Ninguém entrava ou saía do navio, e homens uniformizados apareciam em seus conveses somente quando alguém tentava abordá-lo. No início, estimulada pelo desafio, a imprensa utilizou todo tipo de estratagema para descobrir o que havia no navio. Uma dúzia de jornalistas-paraquedistas desceu dos céus sobre as escotilhas imensas da embarcação, apenas para ser capturada e escoltada até o ancoradouro por guardas calados. Mergulhadores nadavam ao redor do casco e escalaram as laterais com ímãs e ventosas, e eram recebidos nas amuradas pelos mesmos guardas sisudos.

Helicópteros, hidroaviões, balões, estruturas camufladas flutuantes — tudo o que podia se mover sobre a água ou o ar foi atraído para o navio durante suas primeiras semanas em Nova York. Sua estrutura foi examinada por medidores de raios infravermelhos, magnetômetros e partículas subatômicas, mas, para deduzir qual era o seu conteúdo, os únicos cálculos válidos eram aqueles em que, comparando o volume do navio e a água que ele deslocava, determinavam sua densidade exata, incluindo qualquer coisa que houvesse dentro dele. Essa informação não revelava nada, pois ninguém sabia se os seus porões estavam abarrotados. Os fogos da imprensa logo arrefeceram, e foram rapidamente reacendidos em resposta a outros eventos. A televisão fatiava o mundo em pequenos pedaços, e aquilo que era um enorme poço do interesse popular acabou se tornando apenas uma canaleta estreita, pela qual o navio no Hudson era simplesmente grande demais para atravessar.

Após retornar de uma busca frenética por toda a região de Finger Lakes, Craig Binky queria ter a certeza de que superaria os seus rivais na tentativa de solucionar o mistério. Ele, Binky, um filho do Iluminismo, encomendou a maioria dos estudos científicos

avançados, chegando até mesmo a bancar a construção de um acelerador de partículas no bairro de West Village, e o seu aparato-alvo foi instalado do outro lado do rio, de modo que aquilo que ele chamava de “raios de bídeo” fosse capaz de passar pelo navio e produzir uma imagem do seu interior. Mas não funcionou — a estrutura era impenetrável, repelindo até mesmo os raios gama —, e Craig Binky, sempre ciente das insônias fervilhantes do público, apontou o *The Ghost* para outras direções. Ele mesmo foi tomado pela onda de interesse por poesia que dominou a segunda semana de julho. (Os poetas sortudos cujos livros foram publicados naquele final de semana ficaram milionários.)

Harry Penn demorou muito mais tempo do que Craig Binky para deixar a história morrer, mas o fez. A equipe do *The Sun* ficou surpresa, pois aquilo parecia atípico, embora o tivessem aconselhado a aceitar a derrota, temporariamente, e esperar por alguma mudança na situação. Manchetes enormes logo se transformaram em pequenas notas na última página. O navio sumiu dos editoriais e não apareceu nem mesmo na seção de “Transportes e Correio”, pois não estava amarrado a um atracadouro.

Esquecido dessa forma, ele logo se transformou em uma parte do cenário, um terceiro penhasco, o tipo de coisa para o qual as pessoas olham e não veem — ou seja, tornou-se uma parte da cidade. Peter Lake deixou de dar atenção às suas máquinas para observá-lo, mas, mesmo para ele, o navio não tinha qualquer significado especial.

Somente Praeger, Hardesty e Virgínia se recusavam a deixar o assunto morrer, porque Harry Penn não havia lhes dado ordens para esperar mudanças na situação; dera-lhes uma ordem direta para interromper qualquer trabalho sobre o navio. Foi a primeira vez que ele impôs limites a Virgínia, e Praeger teria pedido demissão se não amasse tanto o velho diretor.

Depois de muitas noites na biblioteca tentando descobrir onde o navio fora construído (parecia não haver estaleiros no mundo inteiro grandes o bastante para acomodá-lo), Hardesty estava tão exausto

que adormeceu sobre uma tabela de referência e sonhou que estava em São Francisco, na casa do seu pai, observando a baía. Quando era criança, ele gostava de observar os rebocadores vermelhos comprimidos no anel claro do seu telescópio conforme desenrolavam um tapete de águas brancas à sua frente. Nas chaminés dos barcos estava estampado o leão rampante de São Marco e o nome Marratta. Ver aqueles barcos cortando a baía sempre lhe dava um frio na espinha, com o seu nome escrito nas chaminés com a cor de um leão dourado — não tanto por sentir orgulho, mas porque eles o lembravam da força e da solidez do seu pai.

Quando acordou, viu que Virgínia estava debruçada sobre um grosso livro de registros marítimos. — Não vamos encontrar nada aqui — disse ele quando Praeger emergiu das sombras, trazendo nos braços meia dúzia de volumes sobre navios. — Por que não vamos simplesmente dar uma olhada no navio? Asbury pode nos levar até a margem do lado de Jersey e nos buscar antes do amanhecer. Agora que estão longe da primeira página, talvez eles acabem se descuidando e entreguem alguma coisa.

Toda noite, depois que escurecia, eles iam até as Palisades, onde encontraram um rebordo amplo e plano encravado em um penhasco, e mantinham o navio sob vigilância durante a noite inteira — alternando-se entre a vigília e o sono. Asbury os buscava pouco antes do raiar do dia. Não viam nada. Embora Hardesty sugerisse que eles continuassem agindo dessa maneira, foi o primeiro a abandonar a ideia. Mas Praeger não o deixou esmorecer. Muito tempo depois que Hardesty e Virgínia já haviam perdido qualquer esperança de avistar alguma coisa, Praeger continuava com os olhos brilhantes e atentos, fixos no convés deserto, e, quando acordava para cuidar do seu turno, sempre passava a impressão de ser um caçador no encalço da sua presa. Continuaram a fazer isso até agosto, quando o rio adquirira as características de uma banheira morna, e a névoa e o vapor envolviam toda a extensão do navio.

Até que um dia, sem qualquer surpresa, Praeger reacendeu os ânimos quando os chamou para que acordassem. A névoa havia desaparecido, e eles abriram seus olhos para ver o contorno de Manhattan contra as cores puras de uma alvorada limpa. Na margem oposta, à sombra dos cânions, uma luz sinalizadora estava piscando. Se estivessem três metros à direita ou à esquerda do local onde se encontravam, não conseguiriam enxergar o brilho intermitente. Mas estavam diretamente diante da ponte de comando do navio, e a mensagem ultrapassou seu alvo. Com binóculos, Praeger conseguiu ver que duas figuras estavam ao lado de um longo carro negro estacionado no atracadouro do outro lado do rio. Um deles operava a luz sinalizadora, e o outro andava de um lado para outro. Este último era baixo e gordo; o homem que operava o sinalizador usava uma espécie de uniforme.

— Deixe-me ver — exigiu Hardesty.

— Não. Espere um minuto — disse Praeger. — Asbury está vindo, navegando perto desta margem do rio. Se formos rápidos, poderemos conseguir interceptar qualquer coisa que eles estejam fazendo.

Os três começaram a correr sob a meia-luz do amanhecer e chegaram até a base do penhasco assim que Asbury encostou a lancha. Ele ficou surpreso, já que geralmente tinha de subir até onde eles ficavam. De acordo com eles, a situação em que se encontravam era difícil. Se um barco surgisse por um dos lados do navio e rumasse para o ancoradouro, chegaria até o outro lado tarde demais para seguir quem quer que fosse. Por outro lado, atravessar o rio em uma trajetória visível poderia assustar a sua presa.

Tiveram sorte, entretanto, porque um pequeno navio-tanque estava subindo o rio, vindo do estuário aberto. Deixaram que ele se aproximasse e depois avançaram logo ao seu lado, usando-o para ocultar sua presença. Pouco menos de um quilômetro adiante, o navio-tanque seguiu o canal para a margem leste do rio, e, em seguida, eles se afastaram da embarcação e ficaram protegidos a estibordo pelo resto do caminho por um longo atracadouro, atrás do

qual eles desapareceram completamente, longe das vistas do navio no píer ou da limusine que ainda estava esperando.

Depois de passarem por um grupo de estacas apodrecidas, eles correram para a rua em busca de um táxi. Hardesty estava imaginando que nunca conseguiriam encontrar um táxi ao amanhecer na Décima Segunda Avenida, quando olhou para um pequeno galpão ao longo do qual Virgínia e Praeger ainda estavam correndo, e viu quinhentos táxis dando a partida em seus motores. Nem precisou dizer nada, e um batalhão reluzente com várias dúzias de táxis vazios se aproximou.

Seguindo para o centro da cidade rumo ao atracadouro onde a luz estava piscando, eles passaram pela limusine, que seguia na direção oposta.

— Dê meia volta, sub-repticiamente — instruiu Praeger ao taxista.

— O que significa isso? — perguntou o motorista, girando cento e oitenta graus em meio a uma nuvem de borracha queimada.

— Nada — respondeu Praeger. — Apenas siga aquela limusine sem que o motorista perceba.

A limusine seguiu um percurso ardiloso, prosseguindo em círculos, passando pelo mesmo lugar três ou quatro vezes, avançando pelo parque e misturando-se sempre que podia em qualquer trânsito que encontrava àquela hora da manhã. Após o passeio por Manhattan, ela parou em frente ao Museu de Arte Metropolitano e três homens desembarcaram. Eles entraram no museu por uma porta pouco usada, embutida na base de uma imensa pilastra.

Quando Praeger e os Marratta passaram por ali dentro do táxi, viram os três homens da limusine claramente. Um era extremamente alto; outro era o homem gordo que estava andando de um lado para outro, e o terceiro era o que fazia os sinais luminosos. O gordo era um adolescente. Mesmo a distância, em um táxi em movimento, tentando observar a cena com discrição, eles viram que o seu rosto era tão gordo que transformava seus olhos

em duas fendas estreitas e sorridentes. No início imaginaram que, como o homem que fez o sinal de luz estava usando uma espécie de uniforme, aquelas seriam as vestes de um funcionário e que ele poderia estar dirigindo. Contudo, quando o homem desapareceu pela porta do museu, eles viram que ele não era um chofer, e sim um homem da igreja.

Se Peter Lake visse essas três pessoas juntas, provavelmente ficaria agitado como uma enguia elétrica, pois ali estavam Jackson Mead, o Reverendo Mootfowl e Cecil Mature — que mudara de nome havia muito tempo para Cecil Wooley, e que chegara antes dos outros dois, fingindo ser um mascate de rua que trabalhava na área perto da ponte do Brooklyn.

Hardesty, Praeger e Virgínia pagaram uma pequena fortuna ao motorista do táxi e entraram na cafeteria que ficava do outro lado da rua para sentar-se às mesas vazias que estavam colocadas na calçada e esperar até que as três pessoas estranhas que entraram no museu saíssem dali. Enquanto esperavam, bem escondidos, outra limusine se aproximou e dela saiu o Prefeito de Arminho, conhecido por sua cabeça calva e por seus passos saltitantes.

— Eu já devia saber — disse Praeger.

Em seguida, uma terceira limusine se aproximou.

— Há um monte de limusines por aqui — observou Hardesty. — Alguém poderia até pensar que estamos no Upper East Side.

Sua porta se abriu lentamente. Uma bengala surgiu pelo vão, e depois um pé — obviamente, um pé idoso. Em seguida, uma perna coberta por uma calça com uma fina estampa quadriculada. Depois, o restante do pequeno, envelhecido e ágil... Harry Penn.

Muito tempo antes, Harry Penn ficou constrangido a ponto de quase morrer de vergonha, e rolou em agonia sobre a enorme mesa de jantar de Isaac Penn, quando suas fotografias cuidadosamente escondidas de donzelas da noite, corpulentas e seminuas, quebraram o reboco do teto e caíram aos poucos pela mesa de

jantar, como cartas que já deviam ter sido entregues. Quase um século depois, ele ainda enrubescia intensamente ao recordar o momento em que os cartões postais caíram sobre as travessas de comida, e seu pai chegou até mesmo a agarrar alguns no ar.

Se existissem arqueólogos da alma, eles podiam reconstruir tudo o que aconteceu antes usando apenas a vergonha e o amor, duas colunas eternas que se erguem pelo tempo, mesmo que todo o restante esteja desgastado. Para Harry Penn, a ferroada daquele momento ainda ardia muito, mesmo que outras houvessem se juntado à primeira no decorrer dos anos — cada vez menos, é verdade, conforme ele crescia e aprendia a lidar melhor com as situações. Mesmo assim, outra ferroada de constrangimento fora adicionada às anteriores, dominando-o abruptamente quando ele menos esperava.

Ao sair do museu, pouco depois das oito da manhã, ele encontrou Praeger de Pinto, Hardesty Marratta e Virgínia Gamely (que ainda era conhecida pelo nome de solteira), em pé entre as limusines. Ele os havia enganado e contado mentiras, e os deixara de fora de assuntos importantes. Incapaz de encarar essas pessoas que conhecia tão bem, Harry Penn entrou em seu carro como se fosse um cachorro com a cabeça encolhida. Não estava acostumado a se sentir assim.

Jackson Mead disparou um olhar furioso na direção deles, com a força e a intensidade dos seus olhos azuis, duros como o aço. Parecia ter dois metros e quarenta de altura (tinha pouco menos do que isso), e quase chegava a brilhar — como se tudo nele fosse puro, e como se não fosse um homem. Em contraste direto havia o quase fúnebre Mootfowl, que parecia um missionário do século 19 esforçando-se ao máximo para não desfrutar das delícias e das belezas dos mares do sul. Embora fosse lincolnesco e sisudo, era fácil pensar que qualquer mão que o tocasse ficaria para sempre maculada pelo sobrenatural. Complementando o brilho branco e a faixa de sombras estava uma bola de gordura — Cecil Mature. Enquanto Jackson Mead estava nervoso e Mootfowl parecia divertir-

se, Cecil Mature (ou o Sr. Cecil Wooley, como ele insistia) era uma turba de um homem só, feito de afeição irrestrita. Virgínia sentiu vontade de beijar aquele rosto enorme e sorridente, e Hardesty e Praeger ficaram tentados a colocar um braço ao redor dele e sorrir, como se alguém estivesse pronto para tirar uma fotografia.

Aqueles três eram tão estranhos que Praeger, que normalmente era a epítome do autocontrole, estendeu os braços e exibiu as palmas, perguntando, incrédulo:

— Quem são vocês? E de onde vieram?

Jackson Mead considerou que aquela era uma pergunta razoável, e respondeu-a.

— De St. Louis e mais além, e de outros lugares — respondeu ele.

Em seguida, o prefeito saiu, e todos os carros ligaram seus motores e partiram, deixando a resposta de Jackson Mead pairando no ar como uma nuvem de fumaça de escapamento: “De St. Louis e de mais além, e de outros lugares”. Embora o homem não estivesse mais dizendo isso, os demais continuaram a ouvir a frase.

— Quem é? — gritou Boonya, por trás da porta pesada.

— Praeger de Pinto.

— Quem é?

— Praeger de Pinto.

— Quem? Praeger de Pinto?

— Praeger... de... Pinto!

— Não?

— Como assim, “não”?

— Não queremos comprar isso.

— Não querem comprar o quê?

— Seja lá o que for.

— Eu sou Praeger de Pinto!

— Quem?

— Abra a porta, Boonya. Você sabe quem é.

— Espere um minuto. Esfrie a cabeça. — Cinco minutos depois, ela abriu a porta. — Posso ajudá-lo? — perguntou.

— Quero falar com o Sr. Penn.

— Ele não está aqui.

— Está sim.

— Não, não está.

— Está sim.

— Não, não está.

— Eu sei que ele está.

— Tudo bem. Ele está em casa. Mas está no banho. Você não pode vê-lo agora.

— Por quê? Ele fica invisível na água?

— Hein?

— Por que eu não posso... Olá, Christiana — disse ele, quando Christiana desceu pela escada dos fundos, trazendo uma travessa de biscoitos açucarados cobertos com geleia. — Eu sou homem. Ele também é homem.

— Ele nunca fala com ninguém durante o banho. É escandaloso.

— Então tudo bem — declarou Praeger, indo na direção da escada. — Eu sou escandaloso.

Harry Penn estava sentado sob uma cascata de água aquecida pela luz solar que caía sobre seus ombros em um tanque de banho de ardósia, com três metros por três de extensão e dois e meio de profundidade. Era difícil conseguir falar com todo o barulho que a

água fazia. Assim, ele ajustou uma alavanca de latão coberta com gotículas e convidou Praeger a entrar na sala. Não tinha certeza de que era Praeger que estava batendo à porta, mas suspeitou que fosse, porque pessoas indignadas sempre esmurram as portas, assim como pica-paus adultos.

— Achei que você viria — afirmou ele. — Acho que vim até o banheiro para me esconder.

— Imagino que sim — declarou Praeger, constrangido pelo corpo frágil e nu que nunca vira antes, exceto coberto por ternos de tweed.

O choque de ver o quanto um homem fica magro e pequeno após os noventa anos lembrou Praeger de que, independentemente do que acontecesse, ele teria de demonstrar respeito.

— Sente-se, Praeger — instruiu Harry Penn, apontando para um banco de cedro coberto por uma toalha. — Eu pretendia contar tudo a vocês quando chegasse a hora certa. Ainda não posso falar muito, mas explicarei da melhor maneira que puder. Devo isso a você. Quando um homem chega à minha idade, Praeger, ele já não tem mais nenhuma ambição — pelo menos em relação a si mesmo. Bem, admito que há um tipo de pessoa que se debate e esperneia até que preguem a tampa do seu caixão, mas, se considerar um homem que se aproxima dos cem anos de idade, você verá que ele é bastante tranquilo, interessado principalmente em suas memórias, nos seus filhos e netos, pequenos prazeres e graças, e coisas muito abstratas como a prosperidade pública, a gentileza e ou a coragem — coisas que, se encaradas a partir de uma perspectiva de serenidade, são tão visíveis e reais quanto qualquer outra coisa. Quando eu estava quase saindo da adolescência, soube que a minha vida inteira seria feita de revisões e mais revisões infinitas, sobre as quais eu sempre pensei saber tudo a respeito. Não sabia, e ainda não sei. Mas a luz vai além. E você se ergue cada vez mais alto, até que, quando está perto da morte, vê a história da sua vida como se um anjo a descrevesse para você, sobre uma plataforma elevada em uma nuvem. Seria difícil para você, que é tão jovem, entender o amor duradouro e a afeição que eu tenho por pessoas

jovens e suas paixões. Suponho que seja possível aprender com isso, ou começar a aprender, ao criar seus filhos, e esta é uma das grandes surpresas da vida — olhar para trás e ver aqueles que vêm depois de você lutando para passar por aquilo que você já está quase concluindo. Normalmente eu sacrificaria muitas coisas em vez de colocar obstáculos diante de um jovem como você. Eu nunca fiz isso, ou fiz?

Praeger fez um sinal negativo com a cabeça para confirmar que Harry Penn nunca fizera nada daquilo.

Harry Penn continuou:

— Não. Tudo foi deliberado. Tento fazer o melhor que posso por todos vocês. Então, por que eu repentinamente comecei a ter segredos e a enganar as pessoas? Por que o cavalo no pasto começou a correr com as raposas? Vou lhe dizer. — Ele riu. — Não, não posso lhe dizer!

Praeger começou a andar de um lado para outro sobre a borda escorregadia ao lado do tanque de banho e disse:

— Durante várias semanas no mês de junho eu redigi editoriais condenando o prefeito por manter segredo em relação à questão — disse ele. — Sempre apelando, em nome do *The Sun*, para que a história fosse aberta ao conhecimento público. E, durante todo o tempo em que eu fazia isso, você sabia o que estava acontecendo.

— Não, não sabia. Hoje foi a primeira vez que conversei com Mead.

Praeger ficou imóvel como um cão de caça que acabou de farejar alguma coisa:

— Mead? Quem é esse? O grandalhão?

— Sim. Eu não deveria ter lhe falado. Mas isso não tem tanta importância. Seu nome é Jackson Mead. E o clérigo que o acompanhava se chama Mootfowl.

— Mootfowl!

— Sim, Mootfowl. E o gorducho baixinho é o Sr. Cecil Wooley. Mesmo assim, os nomes daquelas pessoas não lhe servirão de nada.

— Vou revirar todos os arquivos até descobrir.

— Os nomes deles não constam em nenhum arquivo.

— Ninguém viaja por aí em um navio daquele tamanho sem que alguém, em algum lugar, escreva a respeito.

— É possível fazer isso, sim — explicou Harry Penn, detendo-se por um momento para ir até a alavanca desligar a cascata de água. Um momento de silêncio se seguiu. — Há homens que passam pela história sem deixar qualquer rastro de si mesmos, mesmo que transformem o mundo. Jackson Mead esteve aqui antes, várias vezes, mas você não vai achar qualquer menção a respeito dele. Ele cuida pra que todos os seus rastros desapareçam.

— E vai fazer isso desta vez, também?

— Receio que sim.

— Quer dizer que o *The Sun* vai ignorá-lo?

— Sim.

— Quer dizer que, mesmo que eu tenha conteúdo suficiente para encher uma coluna, essa coluna não será publicada?

— Sim.

— Terei de me demitir. Não quero fazer isso, mas você não me deixa alternativa.

— Eu sei. — A expressão no rosto de Harry Penn era quase de alegria.

— Eu achava que o conhecia — disparou Praeger.

— Eu sabia que você não me conhecia — respondeu Harry Penn. — Ninguém me conhece realmente. Mas aguente firme. É uma pena. Não quero que você se desligue do jornal. Por que não vai conversar diretamente com Jackson Mead?

— Não me diga que eu terei de cortar um braço fora para conseguir fazer isso — indagou Praeger. — Porque, se for preciso, é o que farei.

— Verei o que posso fazer, embora não saiba se você vai conseguir tirar proveito disso, ou se vai se deixar dominar por ele. Ele tem uma presença poderosa.

— Sr. Penn, antes de conhecer Jéssica eu estava noivo de uma moça cujos pais insistiam que, antes do nosso casamento, conversássemos com um jesuíta. Eles queriam me converter, e planejaram me colocar sob artilharia pesada. O noivado foi desfeito posteriormente, por outros motivos, mas nós fomos conversar com o jesuíta. Tivemos uma longa discussão e várias altercações. Ele decidiu virar um rabino.

— Então você acha que pode transformar Jackson Mead em rabino!

— Talvez seja exatamente o que farei.

— Leve Hardesty e Virgínia com você.

— Por quê?

— Ele terá Mootfowl e o Sr. Wooley ao lado dele. Pretende ficar em desvantagem numérica?

Foram recebidos na pequena porta da pilastra. Ela se abriu e fechou em um instante. Em seguida, viram-se apertando as mãos com um sorridente Cecil Mature, que se apresentou como o Sr. Cecil Wooley, e seu riso intenso gorgolejava pelo seu nariz e garganta como a água que desce por um ralo entupido. Estava vestindo uma túnica medieval feita para um menino e um chapéu chinês. Era um milagre o fato de poder ver, e eles imaginavam que ele enxergava através dos seus olhos como uma sentinela espiando por meio de frestas de tiro. Agia com sua camaradagem habitual, e seu peso o fazia andar com um gingado que era notadamente ligeiro.

Eram quatro e meia da manhã e o museu estava vazio — nem mesmo seus vigias estavam ali. Quando passaram pelas câmaras palacianas e pelos longos corredores, eles perceberam que havia música, e a música se agigantou tanto que encheu os corredores e fez seus corações acelerarem. Em um terraço com vista para um átrio com pouca iluminação, foram atingidos por toda a torrente do som, pois doze músicos estavam tocando logo abaixo.

Em seguida, foram até o novo Grande Salão, sob um céu de vidro opaco branco e cinzento que sugeria uma tarde de março perpétua. Jackson Mead estava trabalhando em uma longa escrivaninha no meio do aposento, aparentemente a um quilômetro de distância, cercado por algumas pinturas colocadas em cavaletes de três pernas. Mootfowl, que também usava um chapéu chinês, estava orando de joelhos diante de uma enorme tela que retratava a ascensão de Santo Estêvão. Santo Estêvão se erguia aos céus, com as pernas flácidas e os pés apontando para baixo, seguindo a trajetória do corpo como se ele estivesse sendo arrastado pela água, ou como se fossem o lençol que envolve um bebê quando seu pai o levanta acima da cabeça. Suas roupas pareciam haver sido moldadas no formato do ar. Conforme a luz o banhava, ele olhava para além da borda superior da pintura, enquanto revoadas douradas de pássaros flutuavam ao sabor do vento ao fundo.

Montanhas distantes, roxas e brancas, se mantinham quase na posição de cavalos empinados e assustados. Rios saltavam de seus canais e caíam de volta neles, deixando trechos de leito seco nos quais os peixes se debatiam, tentando nadar e respirar em uma água que não estava ali. Embaixo de Santo Estêvão havia um anel de luz dourada. A grama finamente pintada na pequena pradaria onde se presumia que a ascensão ocorria estava começando a pegar fogo nos lugares onde tocava o círculo de luz.

Quando terminou de rezar, Mootfowl se levantou e cobriu os papéis da mesa de Jackson Mead com um pano. Cecil Mature indicou três cadeiras aos visitantes, e eles se sentaram diante de Jackson Mead. Em seguida, Cecil começou a andar de um lado

para outro, rindo sozinho de vez em quando e usando os dedos para fazer cálculos, murmurando “Oh, meu Deus, meu Deus”.

A música parou. Praeger estava prestes a dizer alguma coisa, mas Jackson Mead ergueu a mão e disse que a peça ainda não estava finalizada.

— Sou fascinado pelo último movimento — disse ele. — Sabem o que estão ouvindo?

— O allegro do “Terceiro Brandemburgo” — respondeu Hardesty.

— Sim — concordou Jackson Mead. — O “Terceiro” é o único que não tem instrumentos de sopro. Nunca gostei deles em outros concertos, porque têm a tendência de tumultuar o som. Fazem-me lembrar de um bando de monges em disparada por um corredor, soltando gases. Tantos anos naqueles monastérios, durante toda a Idade das Trevas. Era horrível.

O homem continuou:

— Aí está. Escutem! — comandou ele. — Esta parte. Tem o som de uma boa máquina, um balancim de motor perfeitamente equilibrado, bem lubrificado e preciso. Percebam as progressões, as repetições hipnóticas. Esses são os ritmos dos túneis, derivados dos mesmos intervalos regulares que são a base irredutível para as razões planetárias e galácticas entre a velocidade e a distância, oscilações de pequenas partículas, as batidas do coração, as marés, uma curva bem desenhada e um bom motor. É impossível não enxergar esses ritmos nas proporções de todas as boas pinturas e ouvi-las na linguagem do coração. São elas que nos fazem gostar de carrilhões, da arrebentação das ondas, de jardins construídos com proporções harmoniosas. Quando uma pessoa morre, como vocês sabem, é possível ouvir o bater insistente que define todas as coisas, sejam matéria ou energia, já que não há nada no universo além da proporção. Ela tem um som parecido com o de um motor criado no começo do século, usado em mecanismos de bombeamento, barcos e coisas do tipo. Eu tinha certeza de que as pessoas perceberiam o que era, mas não perceberam. Que

lástima. Mesmo assim, sempre existe música como esta que estamos ouvindo, que, à sua própria maneira, chega bem perto — como se o compositor realmente tivesse conseguido chegar lá e retornar depois.

Quando a música parou, Jackson Mead olhou para Cecil Mature.

— Sr. Wooley, por favor diga aos músicos que só precisarão voltar a tocar às cinco e meia. Obrigado. — Cecil Mature saiu, com seu passo gingado e agitando os braços e pernas redondos como linguiças enquanto andava. Mootfowl tomou seu lugar ao lado de Jackson Mead. Parecia-se muito com um coveiro de Connecticut do século 18.

— O Reverendo Doutor Mootfowl e eu ficaríamos muito felizes em responder suas perguntas, até um certo limite. Temos nossa própria privacidade. Se todas as coisas fossem uma só, não seria necessário haver privacidade. Mas, como estamos em um estado de multiplicidade, há nuances e diferenças, e a privacidade deve ser mantida — mesmo que apenas como um complemento e um testamento à física.

— Agradecemos por nos receber — anunciou Praeger. — E não temos intenção de violar a sua privacidade. Mesmo assim, não viemos falar sobre a teoria de campo unificada nem sobre a estética da arquitetura.

Hardesty pareceu ligeiramente ofendido. Percebendo isso, Jackson Mead imaginou uma trilha entre Hardesty e Praeger, e pretendia percorrê-la com bastante tranquilidade.

— Embora o nosso jornal não vá publicar as suas respostas, nós, por hábito, seremos forçados a fazer perguntas à maneira dos repórteres. Sentimos que temos o direito de agir dessa maneira devido às suas negociações secretas com as nossas autoridades eleitas, à curiosidade geral do público sobre a sua chegada e ao tamanho descomunal do seu navio.

— Faz sentido — respondeu Jackson Mead.

— Fico feliz por concordar. Quem é você, de onde vem, o que está planejando fazer, por que manteve suas atividades em segredo, o que há dentro do navio, onde e como ele foi construído, e quando você irá começar aquilo que pretende começar? Essas são as coisas que precisamos saber para satisfazer a curiosidade do público e também a nossa própria.

— Essa abordagem é bastante arrogante — afirmou Jackson Mead.

— Como assim? — retrucou Praeger, imperturbável.

— Por que vocês desejam se intrometer nos meus assuntos?

— Eu já lhe disse, e o senhor disse que achou a proposta razoável.

— O que me pareceu razoável, Sr. De Pinto, era a sua curiosidade, e não a ideia de que sou obrigado a satisfazê-la. Você está sentado aí, fazendo perguntas um tanto audaciosas.

— As pessoas compram o *The Sun* para se informar a respeito de coisas que, no geral, não teriam como saber. Normalmente, eles não se intrometeriam nos seus assuntos ou fariam perguntas ousadas. É por esse motivo que eu devo agir exatamente dessa forma.

— Compreendo — replicou Jackson Mead. — Mas, desconsiderando o fato de que, como o senhor mesmo garantiu, os resultados desta entrevista não aparecerão no *The Sun*, faça o favor de esclarecer, pelo bem da discussão, por que as pessoas creem que têm direito de saber sobre os meus planos. Você justifica o seu direito de investigação referindo-se ao direito dessas pessoas. Que direitos elas têm? Seria, por algum acaso, maior do que o seu direito, o qual o senhor parece haver desistido de defender? O que é que dá a eles esse direito?

— É algo pertinente a eles, Sr. Mead. Eles nem sempre conseguem enxergar tudo. E isso não é motivo para culpá-los, pois têm de cuidar de suas próprias vidas. Às vezes alguns navios

passam pelo Hudson durante a noite e ninguém, literalmente ninguém, os vê. Eu sou o sentinela, e estou aqui para me certificar de que as pessoas saibam o que está no seu horizonte, quais são os navios que descem o rio ao amanhecer, ou, no seu caso, que sobem o rio ao cair da noite.

— Sr. De Pinto, o cão que protege as ovelhas aprende rapidamente como guiá-las, e isso acaba se tornando um hábito. As pessoas foram treinadas por seus sentinelas para saltar, e para pisotear o que os sentinelas querem que seja pisoteado. Eu descobri, em muitas cidades e em lugares que ainda não são cidades, que aqueles que protegem as pessoas são seus governantes. O governo admite que é um governo. A imprensa finge que não é. Quanta pretensão! Vocês manipulam populações inteiras. Elas ficam totalmente empolgadas, correndo daqui para ali. Certamente não é coincidência que os anunciantes usem as suas páginas para influenciar o público. O que você acha que os seus editoriais, suas seleções e suas ênfases, suas críticas ou até mesmo o seu uso de citações fazem? E quem foi que elegeu vocês? Ninguém. Vocês indicaram a si mesmos. Vocês não falam em nome de ninguém, portanto não têm o direito de me questionar como se representassem o bem geral. Quando eu estiver pronto para informar o público dos meus propósitos, eu o farei. Até lá, vou continuar com meus preparativos para que possa enfrentar a oposição popular.

— Como sabe que o povo vai se opor ao que você pretende fazer? — interrompeu Virgínia.

— Eles sempre se opõem. E realmente deveriam fazer isso.

— Por quê? — perguntou ela, intrigada. — Se você acha que eles têm razão ao se opor ao que está planejando, por que simplesmente não desiste? Não seria mais simples?

— É claro que seria, se eu desejasse ser amado. Eu simplesmente levantaria âncora e iria embora. Mas meu propósito, aqui, não é ser amado.

— Qual é o seu propósito, então? — perguntou Hardesty.

Como Jackson Mead pensou ver no rosto de Hardesty que o repórter queria, acima de tudo, compreender o que estava acontecendo, decidiu confiar nele.

— O meu propósito — explicou ele, subitamente calmo e benevolente — é marcar este mundo com arco-íris cada vez maiores, até que o último seja tão perfeito e eterno que atraia a atenção d'Aquele que nos abandonou. Quero trazê-Lo de volta para consertar todas as simetrias quebradas e fazer com que a vida se transforme novamente em um sonho tranquilo e onde o tempo não passe. Meu propósito, Sr. Marratta, é interromper o fluxo do tempo, trazer de volta os mortos. Meu propósito, em uma palavra, é a justiça.

Hardesty piscou. Aquele homem excêntrico que falava sobre máquinas, sobre o tempo e arco-íris eternos, lhe mostrava as mesmas cartas que Hardesty tinha nas mãos quando decidiu continuar em Nova York.

— Quando? — questionou ele, e ficou verdadeiramente perplexo quando Jackson Mead o encarou com um leve sorriso e disse:

— Paciência.

Apesar de Jackson Mead conseguir exercer algum tipo de mágica sobre Hardesty, Praeger voltou a pressioná-lo, determinado a não se deixar encantar pelo canto de sereia que, de qualquer maneira, ele não era capaz de ouvir.

— Com todo o respeito, Sr. Mead, não faço a mais vaga ideia do que o senhor está falando. Se eu decidisse publicar no meu jornal essa frase que o senhor disse, na íntegra e dentro do contexto, todos os hospitais mentais do estado estariam se digladiando para conseguir a oportunidade de interná-lo.

— Vocês acham que ele não sabe disso? — esbravejou Cecil Mature, que havia voltado à sala.

— Obrigado, Sr. Wooley — cortou Jackson Mead. — Sou capaz de expressar minhas próprias opiniões.

— Além disso — continuou Praeger —, se o senhor está planejando isso há algum tempo, marcando o mundo com arco-íris e coisas do tipo, tentando alcançar os objetivos extraordinários que citou aqui, obviamente o senhor falhou. Por enquanto, faça o que quiser. Se for algo destrutivo, bem, talvez as pessoas devessem saber a respeito para que possam impedi-lo.

— Está vendo este quadro? — perguntou Jackson Mead, apontando para *A Ascensão de Santo Estêvão*.

— Sim. É claro que estou — respondeu Praeger.

— O senhor acredita que Santo Estêvão realmente ascendeu aos céus?

— Não.

— Então por que o artista o pintou, e por que as pessoas veneram a tela e o próprio Santo Estêvão, se não acreditam que ele ascendeu? Afinal de contas, se ele não ascendeu, então quem foi ele?

— As pessoas realmente pensam que ele ascendeu — afirmou Praeger. — É por isso que veneram o quadro e o próprio Santo Estêvão, mesmo que estejam enganadas.

— Não — insistiu Jackson Mead. — As pessoas não pensam dessa forma. Ah, talvez algumas pensem, aquelas que acreditam em feitiços e amuletos. Mas o pintor, assim como eu e todas as pessoas que passaram a venerar Santo Estêvão, não acha que ele realmente ascendeu aos céus, como se estivesse preso aos cabos de alguma máquina no palco de um teatro.

Aquele argumento estimulou Praeger, até que Jackson Mead prosseguiu:

— Absolutamente não. Pelo contrário. Elas pensam que ele está ascendendo, que ascende. A ação não está completa. Até mesmo a

pintura o congela em pleno ar. Na verdade, é algo que está em progresso. Debater sua veracidade é inútil, pois não será confirmado — até sermos capazes de ver tudo de uma vez só.

— Explique-se — pediu Praeger, indignado.

— O que eu estou dizendo é que, até que a tela seja montada, veracidades não são nada além de intenções, e intenções são iguais às veracidades. Perceba, tudo isso já aconteceu antes, e ainda não aconteceu. E, embora seja verdade que eu fracassei, e fracassei de maneira miserável, eu também conquistei o sucesso — gloriosamente. A lembrança dessa glória, naquilo que vocês chamam de futuro, é aquilo eu estou tentando conseguir, assim como Santo Estêvão sabia que iria ascender, e estava ascendendo, embora não estivesse. Tem a ver com o tempo, como o senhor percebe: a mera sugestão da existência do tempo, apenas uma série de ações que nós, devido à nossa imperfeição, precisamos colocar em prática juntos para podermos compreender. Olhe para o quadro. O senhor consegue ver o movimento nele, não é? Mesmo assim, ninguém se move. Como isso pode acontecer?

O homem continuou a explicação:

— Vou lhe contar. A pintura está próxima do estado verdadeiro das coisas. Assim como, em um filme, há somente fotogramas estáticos organizados em uma ilusão de movimento, o mesmo acontece com a vida e o tempo. Tudo está impresso e travado em uma matriz, inacreditavelmente complicada, como se um número infinito de miniaturistas houvesse sido empregado para sempre em seus retratos assustadores. Mas eu lhe garanto que não há anarquia. Tudo aconteceu/acontece de uma só vez, e nada se move.

— Mesmo assim, tudo se move! — observou Praeger.

— Não a uma distância suficiente.

— Como pode saber disso? — perguntou Praeger. — Já esteve lá? E outra coisa: você disse que, quando alguém morre, essa

pessoa ouve o som rítmico, como o de um motor criado no início do século. Como sabe disso?

— Ah — exclamou Jackson Mead, modestamente. — Eu morri muitas vezes. Vejamos... — continuou ele, e começou a contar em seus dedos. — Pelo menos seis. Talvez mais. É difícil saber com certeza. Após algum tempo, você acaba se esquecendo do número exato.

— Entendo — disse Praeger, com os olhos tão arregalados quanto dois ovos fritos.

— Essas afirmações são o bastante para fazer os mortos girarem em suas covas — comentou Hardesty. — Debatê-las é inútil. No final, elas devem ser julgadas pelo coração.

— Não exatamente — rebateu Praeger. — A inteligência é o melhor instrumento para ponderar especulações loucas como essas.

— Na verdade, não, Sr. De Pinto — prosseguiu Jackson Mead. — O espírito é muito mais inteligente do que o intelecto. Mas, embora o espírito frequentemente se mova com menos cautela, demora muito mais do que o intelecto para compreender uma ideia. É por isso que eu preciso de tempo, e é por isso que não vou lhe contar a natureza exata das minhas intenções.

— Não faz diferença — retrucou Praeger. — Vou descobrir de qualquer maneira. Vou derrotá-lo pelos aspectos práticos.

— E como imagina fazer isso, se não terá acesso ao *The Sun*? Não me parece muito prático. Parece prático para o senhor?

— Diferente de você, Sr. Mead, eu tenho algo sólido em mente, com o qual vou arrancar as teias de aranha que o senhor está espalhando. Sólido como ferro.

— É interessante ouvi-lo dizer isso — disse Jackson Mead. — Refiro-me às teias de aranha.

De repente, ele começou a se divertir imensamente, como se houvesse enxergado de maneira exata o instrumento da vitória que Praeger não pensou que ele tinha.

— Espere até ver as minhas teias de aranha, senhor De Pinto. Basta esperar.

Ele se ergueu até ficar totalmente ereto e apoiou-se sobre o tampo da sua escrivaninha para encarar seus inquisidores.

— Comparado a elas, o ferro não é nada.

A entrevista estava encerrada.

IV. UMA ERA DE OURO



UMA HISTÓRIA MUITO BREVE DAS NUVENS

Muito antes do primeiro de todos os milênios, quando ainda não havia qualquer pessoa nas ilhas e baías que viriam a se transformar na cidade, a muralha de nuvens chegou pelo mar e tentou erguer as florestas, as colinas e os campos. Um outono excepcionalmente bonito foi a causa daquela agitação prematura, onde as folhas eram perfeitamente douradas e vermelhas e a luz que refletia na água ou nas nuvens de tempestade arroxeadas era tão pura que a muralha se moveu sem qualquer sutileza para capturar a pureza daquela estação. Mas, como ainda não era o momento adequado, pois só a física não seria suficiente, e como a beleza não era a única questão a ser considerada, as florestas, as colinas e os campos não foram erguidos.

Não mais suscetível aos erros da infância, e armada com o conhecimento de que a justiça suficiente para forjar a abertura e transformá-la em uma nova era teria de ser derivada das questões relativas ao coração humano, a muralha de nuvens, em determinado mês de agosto, correu por sobre um porto coberto por mastros e velas. Em meio aos ancoradouros e às ruas, houve algumas ações santificadas, e a justiça foi feita. Mas as máquinas eram jovens demais, e ainda não estavam nos lugares adequados. Ainda estavam montadas em bases de madeira e suas carapaças de ferro batido não eram capazes de cortar os céus.

Certa vez, na idade do jazz, no momento em que o vapor e o metal poderiam haver cumprido as promessas de poder do ferro, a muralha se aproximou como um leão raivoso, em uma manhã de

inverno, quando estavam jogando neve no estuário e a névoa se erguia, antecipando as nuvens e os jatos de fumaça. Mas as circunstâncias estavam um pouco incertas; muitos elementos estavam fora de seus lugares, e a cidade continuava firmemente enraizada em seu lugar, como se nunca fosse se erguer.

Foi somente no início do terceiro milênio, quando invernos rigorosos retornaram como na curta era glacial que prendeu os caçadores em meio à neve, que a muralha se abriu e se levantou, e as baías e rios se transformaram em ouro brilhante. Era uma obra-prima de precisão. O coral das máquinas fora afinado para gritar de um lado para outro, por entre as eras. Os meios pelos quais a justiça foi proferida eram incrivelmente humildes, e mesmo assim essenciais para os princípios que definem este mundo. E, no começo do terceiro milênio, naqueles anos de invernos inclementes, o homem justo finalmente surgiu.

A PONTE DE BATTERY

Fosse devido à loucura, à verdade ou a algum tipo de encanto, se Peter Lake apurasse os ouvidos, seria capaz de ouvir a chegada do futuro em suas máquinas. Com o corpo imóvel e os olhos atentos, dedicando toda a sua atenção àqueles sermões, ele se postava diante delas como um alpinista que conquistou o topo de um pico glorioso. Sua cantoria, seus silvos e seus gritos, assim como a estática das nebulosas, o atraíam a uma selva confusa de sons e luzes sem dimensões. Por entre as trevas, olhos de jaguares sem os jaguares brilhavam e circulavam em órbitas simétricas, vermelhas como rubis. Em esplanadas infinitas na escuridão, criaturas feitas de luzes enevoadas agitavam suas crinas em movimentos imóveis e eternos que passavam pelas estrelas como o vento soprando por entre as flores do campo.

Ele era abduzido para longe do mundo rotineiro ao contemplar por um segundo ou dois o giro de uma roda dentada, ou ao escutar os cliques simétricos de um escapamento. Quando se ocupava com uma máquina que somente ele era capaz de consertar, alguém tinha de estar ao seu lado o tempo inteiro. Caso contrário, mais rápido do que fosse capaz de se conter, ele concentraria toda a sua atenção em um transe, ficando imóvel diante do girar de um conjunto de engrenagens. Esses transes o deixavam rígido como uma estátua. Era quase como se ele mesmo fosse uma espécie de máquina recalcitrante que precisasse levar um chute de quando em quando.

No início, na companhia de outro mecânico, Peter Lake falava de maneira volúvel e parecia ter total controle sobre si mesmo. — Traga-me uma chave de boca número seis com cabeça ajustável — poderia dizer ao seu parceiro. O acompanhante desaparecia em meio à colmeia de máquinas rumo à área onde as caixas vermelhas

de ferramentas estavam organizadas como se fossem os aviões em um aeroporto, guardadas nos longos vãos entre as máquinas, e retornava para encontrar seu mentor imobilizado, olhando para a frente, os olhos focados nas entranhas de alguma máquina.

Mecânicos-mestres eram tão excêntricos e idiossincráticos quanto sacerdotes episcopais, e, no decorrer dos séculos, aprenderam a trabalhar livremente na presença uns dos outros, respeitando as diferenças e sendo permissivos às peculiaridades. Mas Peter Lake continuava a ser um estranho mesmo entre eles, embora, em seus momentos mais lúcidos, tentasse fazer amizades e ser como as outras pessoas. Essas tentativas eram bastante estranhas, pois ele não podia esconder o fato de que fora escolhido, assim como um rinoceronte não pode fingir que é simplesmente uma vaca leiteira feia. Por exemplo, ao final do expediente, os colegas de trabalho de Peter Lake frequentemente se reuniam ao redor de uma mesa improvisada sobre a qual havia uma enorme jarra de cerveja. Para demonstrar camaradagem, ele se juntava a eles, fingindo simpatia e tranquilidade. — Sabem de uma coisa? — diria ele com um sotaque irlandês bastante carregado. — Este lugar é estranho. Estive trabalhando na correia principal do limitador de velocidade nos últimos dois dias, e... e... e... — E ele ficaria paralisado, congelado, lembrando-se do código tamborilante da correia principal do limitador de velocidade que ordenava todas as coisas em uma simetria central. Os outros operadores de máquinas se entreolhavam e bufavam, pois já esperavam ouvir esse tipo de coisa, e não o chutavam para acordar do transe até que estivessem prontos para voltar para casa.

No início eles o chamavam de “Você”, mesmo quando ele não estava por perto, porque ele se recusava a ser chamado por qualquer nome, na esperança de descobrir sua verdadeira identidade. Seu salário era pago com um cheque “ao Portador”, o nome que constava nos registros da folha de pagamento do *The Sun*; “Mecânico-mestre, Sr. Portador”. Ele vivia cercado por muitos mistérios que outros mecânicos gostariam de poder desvendar, especialmente porque nunca foram capazes de superar a admiração

que sentiam pelo extraordinário conhecimento que Peter Lake tinha sobre as máquinas que estavam sob a responsabilidade do departamento. Queriam saber, por exemplo, o que ele fazia em seus dias de folga. Peter Lake agia de forma tão estranha no trabalho que eles presumiam que todo o seu tempo livre superaria todas as Mil e Uma Noites. Assim, eles mandaram que um dos aprendizes, um adolescente de cabelos compridos, o seguisse até as profundezas da cidade.

— Ele fez todo tipo de coisa esquisita — relatou o aprendiz quando voltou ao jornal, dois dias depois.

— Como o quê? — perguntaram eles.

— Não sei... todo tipo de coisa estranha. É difícil explicar.

— Seja específico — pediram eles, preparando-se para uma torrente de fofocas.

— O que isso quer dizer? — perguntou o aprendiz.

— Diga-nos algumas das coisas que ele fez! — gritaram eles.

— Ele ficou olhando um bom tempo para um monte de coisas.

— Olhando? Ninguém passa tanto tempo olhando para uma coisa, a menos que seja um livro.

— Bem, Você olhou fixamente para um monte de coisas. Disso eu tenho certeza.

— Quem, eu? — perguntou um mecânico mais velho.

— Não. O Você.

— Ah.

— Ele passou um bom tempo olhando para muros, pedras e portões. Deslizou as mãos pelas laterais dos prédios e ficou olhando para alguns telhados. Conversou com mourões de cerca e escadas de incêndio.

— E o que ele disse?

— Não sei. Não consegui chegar perto o suficiente. Ele foi até Five Points. Eu quase perdi ele de vista lá, porque tive de comprar chiclete de uva para escurecer meus dentes. Ele pode ir até lá porque já está com uma aparência estranha de novo. Tive de escurecer meus dentes, tirar uma das minhas meias e colocar sobre a cabeça como se fosse uma touca, rasgar minha camisa, abrir o zíper da minha calça e mancar. Foi só depois de tudo isso que acharam que eu era um deles. Ele foi direto para um cortiço isolado no meio de um terreno cheio de tijolos. No corredor havia uma gangue que teria me matado para vender minhas entranhas como sebo. Mas pensaram que eu estava com ele, então não me incomodaram. O Você subiu até o telhado. Colocou os braços ao redor de uma velha chaminé, como se fosse alguém que ele conhecia, e começou a chorar. Estava conversando com a chaminé, como se estivesse pedindo alguma coisa, ou algo assim.

— O que ele dizia? — interromperam eles.

— Não consegui escutar.

— Porque não estava perto o bastante?

— Não. Eu estava perto. Mas havia muito... sei lá, muita estática.

— Que tipo de estática?

— Vocês sabem. Como no rádio da polícia. Eu viajei de avião uma vez. Eles têm rádios muito potentes, como um radioamador. O som era parecido com o de um transmissor de radioamador.

— De onde vinha?

— Não sei. Simplesmente caía sobre mim. Não consegui ouvir nada. Como quando você está no oceano e uma onda enorme te pega, puxando para baixo e para longe da praia. Você escuta a espuma. Ela diz alguma coisa. Não sei o que é, mas ela diz. Foi isso que eu ouvi.

— Bem, o que você ouviu foi estática ou espuma? Decida-se!

— Era como se fossem as duas — respondeu o aprendiz, ficando bastante agitado. — Como se fosse estática misturada com espuma. Vocês sabem. Esperem!

— Esperar o quê? — perguntaram eles.

— A namorada do meu irmão é grega.

— E daí?

— Ela é da igreja ortodoxa. Uma vez eu fui à igreja com ela, e eles têm um coral lá... com homens que cantam em tons muito graves. O som era parecido com isso.

Os mecânicos não fizeram mais perguntas, pois já haviam deixado o aprendiz bastante agitado, e ele estava falando a todo vapor.

— E era também como um avião ao longe, um avião antigo, com hélices, e cordas de arco tremendo, e mulheres dizendo “Ah! Ah! Ah”, e uma orquestra tocando vários tipos de coisas diferentes, e o jeito como um cachorro rosna quando está muito irritado, e metal — metal quente — sendo despejado por um tubo de água gelada, e uma máquina de teletipo, e uma harpa...

— Tudo bem — disseram eles. — O que ele fez depois?

— Ele continuou caminhando.

— E para onde foi?

— Para vários lugares. Sempre que ele percebia alguma coisa que tivesse uma cor viva, ele olhava para aquela coisa por várias horas. E depois cheirava essa coisa. Tinha uma casa em Brooklyn Heights que foi pintada de vermelho há pouco tempo. O Você ficou olhando para ela bem na hora do pôr do sol. Ele passou uma hora e meia imóvel.

— Onde ele mora?

— Não consegui ver. Ele não dormiu. Ele simplesmente andou, andou e andou. Também não comeu nada.

— Ele come quando está aqui.

— Ele não comeu quando estava andando pela cidade. Não durante os dois dias em que segui ele. Ah, esqueci de contar para vocês: às vezes ele ficava tão feliz que começava a dançar. E às vezes ele entrava em alguma fábrica abandonada, ou ia até algum velho galpão no píer, quando achava que não tinha ninguém ali. Foi quando o som voltou. Era como as pessoas que cantam naqueles corais, mas não juntas. O som ficou bem alto no Píer Onze. Ninguém vai até lá, porque é muito perigoso. O Você estava de joelhos. Parecia que o mundo inteiro estava chacoalhando o telhado. Vigas caíram, e partes do teto explodiram. A luz passou pelos buracos e iluminou a poeira. Foi a coisa mais estranha que eu já vi. Pensei que o lugar fosse desabar. Tudo ficou tão iluminado que eu mal conseguia enxergar, e a poeira estava por toda parte. Até as palafitas estavam vibrando de um lado para outro na água. Foi quando eu decidi sair dali, e foi naquele momento que perdi ele de vista.

O aprendiz se inclinou para a frente e fez um gesto, chamando seus ouvintes para chegarem mais perto.

— Eu acho — disse ele num sussurro. — Eu acho que não estamos lidando com um cara normal aqui.

Depois que a esquadrilha do *The Ghost* cruzou a região de Finger Lakes com manobras enlouquecidas, sem descobrir absolutamente nada, Craig Binky não conseguia encontrar nada de novo. Depois da mania por poesia, um dos seus subordinados sugeriu aspargos:

— Tem o estilo, o suingue, a fascinação indescritível...

Outro subordinado preferia um *revival* do império dos Habsburgos:

— Toda mulher elegante de Nova York vai se vestir com casacos de pele de ovelha e cartucheiras a tiracolo. Lugares para dançar valsa vão surgir por toda parte. E a nossa confeitaria especializada em Sachertortes não vai precisar fechar as portas.

Houve também quem sugerisse fotografias de doces de frutas em formato de rolo:

— Elas estão por toda São Francisco agora — insistia ele. — Demonstram bom gosto, são biogênicas, relaxantes e espaçosas. Em breve, e você pode acreditar no que eu digo, todas as casas em Peoria terão esse tipo de foto sobre suas lareiras.

Mesmo assim, Craig Binky não estava satisfeito. Rejeitou todas aquelas propostas e preferiu ficar recluso. Depois de nove minutos inteiros, ele surgiu.

— A lâmpada da ideia se iluminou na cabeça de Craig Binky — anunciou ele. — Tragam-me Bindabu!

Wormies Bindabu era o chefe dos críticos literários do *The Ghost*, um grupo de meia dúzia de homens que ficavam sentados em um porão sem janelas ao lado da caldeira mais quente e sob as máquinas de impressão mais barulhentas. Eram todos muito parecidos uns com os outros, e se vestiam exatamente da mesma maneira: 1,55 metro de altura, 49 quilos, bigodes felpudos, barbas que se estendiam até a altura da barriga, mãos longas e ossudas, cabelo grisalho dividido ao meio, óculos com armação preta, roupas de coveiro, gravatas finas como cordões e olhos vesgos. Sentavam-se um ao lado do outro em uma fila reta como um eixo de cardan e liam 20 livros por dia (cada um), fumavam cigarros Balkan Sobranies, comiam ovos cozidos com picles e escutavam repetidamente um concerto atonal específico para fagote e ocarina. Seus nomes eram Myron Holiday, Russell Serene, Ross Burmahog, Stanley Tartwig, Jessel Peacock e Wormies Bindabu.

Craig Binky tinha uma afeição especial por Bindabu, pois Bindabu era uma das poucas pessoas no mundo capazes de fazer com que Craig Binky parecesse inteligente. Embora citasse (sem haver lido) Spinoza e Marx mais rápido do que um pulgão era capaz de atravessar uma xícara de café a nado, ele não sabia o que era uma maçã e nunca havia nadado em um lago. Embora nunca houvesse lido Melville, conhecia de cor as obras da maioria dos poetas

bolivianos antiamericanos. Embora rechaçasse o puritanismo em seus textos indigesta, não era capaz de cantar, dançar nem agitar os braços.

— Pegue o prefeito — disse Craig Binky.

— Ele escreveu um livro?

— É claro que não. Mas ele não quer me dar detalhes sobre aquele navio.

— O que isso tem a ver comigo?

— Ataque!

— Isso me deixa ressentido, Sr. Binky. Não sou assassino, nem cão de guarda, nem guarda-costas, nem bandoleiro...

— É claro que é. Você é o melhor. O que eu adoro em você, Bindabu, é o fato de disfarçar muito bem as suas habilidades em todas as palavras longas que usa.

— Mas, Sr. Binky, o prefeito é seu aliado. Tem certeza de que quer que eu o persiga?

— Persiga-o, espanque o seu cérebro, morda o traseiro dele!

No dia seguinte, o *The Ghost* publicou um ataque escandaloso contra o prefeito, no qual ele foi chamado, entre outras coisas, de palhaço, cafetão, crocodilo, nazista, populista, fascista, pederasta, porco-espinho e vagalume.

O *The Sun* imediatamente saiu em sua defesa, colocando os dois jornais em lados opostos de uma questão na qual a ordem parecia estar invertida. Tanto o *The Sun* quanto o *The Ghost* começaram a perder leitores. Como aqueles que liam um jornal eram incapazes de ler o outro, devido à dificuldade que havia em um dos lados e ao asco que permeava o outro, muitos leitores, ainda que relutantemente, passaram a ler o *The Dime*, um tabloide irresponsável que custava um dólar. O *The Sun* e o *The Ghost* estavam novamente em guerra. Mas ninguém que trabalhava no *The Sun* entendia ou compartilhava do apoio de Harry Penn em

relação ao prefeito. Houve pedidos de demissão e mudanças de lado. Alguns acharam que era o efeito poderoso do milênio que se aproximava. Dois mil anos — é claro, diziam, as coisas tendem a ficar confusas conforme nos aproximamos por entre as corredeiras em direção à cachoeira cintilante que está apenas a alguns meses de distância.

Mesmo em setembro, ventos gelados chegavam do Canadá e enfurnaram as pessoas em suas casas, ao redor das suas lareiras, fazendo-as pensar na cidade de antigamente. O inverno, dizia-se, era a estação na qual o tempo era supercondutor — a estação em que o mundo frágil poderia se despedaçar diante de eventos impressionantes, para posteriormente se reconstituir em um novo corpo, tão sólido e perfeito quanto o gelo novo e transparente.

Hardesty Marratta e Praeger de Pinto pedalavam em suas bicicletas ao longo da avenida que margeava o rio, impulsionados pela pressão do trânsito atrás deles, que, conforme as luzes traçavam a extensão da via, avançava como se fosse um cruzamento entre uma onda de maré e a Carga da Brigada Ligeira. As rodas cromadas das bicicletas cantavam em meio ao azul indolente do outono. Naquela estação, as cores foram as mais vivas de todos os tempos. Apesar da sua imersão em um lago de ar frio e limpo, pareciam cores quentes, caribenhas, metálicas. Sombras escuras passavam por sobre a paisagem, silenciosamente, a ponto de causar um retinir nos ouvidos, e depois de meses perdidos em meio à névoa do verão, os contornos do horizonte da cidade haviam subitamente voltado a ganhar foco.

Praeger destacara secretamente uma dúzia de repórteres e pesquisadores para investigar a questão de Jackson Mead. Estavam trabalhando incansavelmente em arquivos, bibliotecas, centros de informática e nas ruas. Cinco deles deram sequência à vigilância. Hardesty, Praeger, Virgínia, Asbury e Christiana dedicavam bastante tempo à questão. Christiana espionava Harry Penn (sem ser diretamente intrusiva; mesmo assim, seus olhos e ouvidos estavam atentos a tudo), e os outros seguiam pistas da

melhor maneira que conseguiam. Tudo o que recebiam era registrado em um computador, que associava e reassociava os dados em busca de correlações ocultas. Como tudo isso acontecia sem o conhecimento ou a aprovação de Harry Penn, Praeger sentia-se como uma verdadeira raposa. Mal sabia que Asbury — que ele imaginou estar trabalhando diretamente sob seu comando — estava na realidade usando a maior parte do seu tempo para procurar motores pela cidade, e que Christiana estava muito menos preocupada com Jackson Mead do que com sua busca por um certo cavalo branco.

Praeger e Hardesty estavam a caminho dos terminais de carga de Erie Lackwanna, porque ouviram o rumor de que vários trens haviam chegado pelo oeste e descarregado equipamentos pesados de construção civil. Conforme avançavam para o sul, Praeger falou a Hardesty sobre uma enorme instabilidade nos mercados de futuros para investimentos em metais. Bedford relatara que duas dúzias de novas empresas estavam comprando quantidades enormes de metais estratégicos. Pagavam adiantado, em dinheiro vivo, e já haviam jogado cerca de um bilhão de dólares no mercado. Os metais estavam armazenados em depósitos espalhados por todo o país, mas aguardavam o traslado para Nova York.

— O que o governo diz a respeito? — perguntou Hardesty. — Não suspeitam do envolvimento de alguma potência estrangeira? Não estão investigando?

— De acordo com Bedford, o governo afirma que não há nada de errado — respondeu Praeger. — Eles dizem que estão familiarizados com as empresas, que os deslocamentos são apenas temporários, e que não há razão para preocupação. Mas Bedford foi conversar com o diretor da Comissão de Controle de Commodities, e disse que o homem parecia estar drogado ou hipnotizado.

— Você acha que Mead está por trás disso — opinou Hardesty, pedalando contra um vento tão forte que quase o fez levantar voo.

— Tenho a sensação de que ele está, sim.

— Um bilhão de dólares é dinheiro demais para um único homem investir em titânio não refinado.

— Acho que ele seria capaz de pagar a conta com os trocados que tem no bolso. Estamos lidando com algo muito diferente do que estamos acostumados. Coisas deste mundo não parecem ser obstáculo para ele, e os problemas dele ficam em outro lugar, com certeza. Se ele está tendo problemas, como parece estar, pode ser de algum jeito que nem conseguimos imaginar. O reverendo Dr. Mootfowl e o Sr. Cecil Wooley não são os assistentes típicos de um bilionário.

— Por que você diz isso? — perguntou Hardesty, sarcástico.

— Não consigo tirar da cabeça que tanto o gordo quanto o magrelo usavam chapéus chineses e sapatos pontudos de seda. E, de acordo com os especialistas em arte com quem conversei, o quadro que mostra a ascensão de Santo Estêvão — cuja autoria, supostamente, é creditada a Buonciardi — nunca foi pintado.

— Quem o pintou, então?

— Eles não sabem. Mas isso não é nada. Um dos pesquisadores estava procurando registros de outras ocasiões em que navios desconhecidos entraram no estuário. Ele estava pesquisando os arquivos da Comissão de Quarentenas, já que eles, provavelmente mais do que a Alfândega, estariam interessados nas origens de um navio. Durante algum tempo a Comissão de Quarentenas esteve encarregada dos cemitérios nos arredores da cidade. Por curiosidade, ele começou a examinar os registros desse departamento (que estão em ordem alfabética), e ficou chocado com o que encontrou. No início do século, certo reverendo Dr. Mootfowl foi entregue para os coveiros dos cemitérios das redondezas da cidade por um homem chamado reverendo Overweary. No registro, ao lado do nome de Mootfowl, o reverendo Overweary escreveu: “Assassinado por um garoto irlandês chamado Peter Lake, e seu amigo gordo e de olhos em formato de frestas, Cecil Mature”.

— Aquele senhor Cecil Wooley não é o homem mais gordo e com os olhos no mais típico formato de frestas que você já viu? E você não acha que ser chamado de reverendo Dr. Mootfowl não é um fenômeno comum, e nunca foi?

— Sim, mas, supostamente, um deles matou o outro há aproximadamente cem anos. O Sr. Cecil Wooley não tem mais que vinte anos, e Mootfowl certamente tem menos de cinquenta. O que você está querendo dizer, exatamente?

— Estou dizendo que esses registros me causam calafrios na espinha.

— O assassinato foi denunciado às autoridades?

— Nem os jornais nem a polícia têm qualquer registro a respeito. A cidade estava no meio de uma guerra de gangues, e ninguém dava muita importância a assassinatos individuais.

— Desde quando alguém dá importância a eles? — indagou Hardesty.

Eles acorrentaram suas bicicletas a uma cerca e atravessaram os túneis do metrô até o outro lado do Hudson, em Nova Jersey, onde os pátios ferroviários moribundos há meio século estavam subitamente voltando à vida. Embora fosse sábado, máquinas automáticas, robôs e mil trabalhadores da construção civil inundavam o pátio, e capacetes amarelos de pedreiro proliferavam com tanta abundância como os dentes-de-leão que cresciam entre os dormentes. Até onde os olhos conseguiam enxergar, filas e mais filas de trens de carga estavam estacionados em fileiras organizadas. Vagões de carga longos e sem paredes transportavam escavadeiras, guindastes e peças desmontadas de máquinas de construção que eram maiores do que uma casa.

— O que vão fazer com tudo isso? — perguntou Praeger a um operário barbudo. — Esse pátio estava abandonado há vários anos.

— Duas novas linhas estão chegando — disse o operário, tentando fazer com que sua voz fosse ouvida acima do barulho das

máquinas fixadoras de trilhos e dos bate-estacas. — Terminaremos em duas semanas.

— Linhas férreas? — questionou Praeger, incrédulo, pois nenhuma nova ferrovia era construída havia décadas.

— Linhas férreas. Uma vem do noroeste, da Pensilvânia. E a outra vem do oeste, só o diabo sabe de onde.

— O que é aquilo? — perguntou Hardesty, apontando para uma área cercada na qual uma dúzia de prédios arruinados parecia se amontoar uns sobre os outros.

— Não sei — respondeu o operário, observando por trás de óculos espelhados que refletiam a incrível luz do outono. — Devia ser uma doca de carregamento, mas muitos desses caras aqui — disse ele, indicando os outros trabalhadores — não querem nem chegar perto daquele lugar. Por isso, parece que nunca vai ser uma doca de carregamento, mesmo que as plantas de construção indiquem que deva haver uma plataforma de concreto bem no meio daquele terreno.

— Por que não querem chegar perto dali? — investigou Praeger.

— Porque são um bando de loucos. Dizem que é um lugar sagrado. Sempre aparecem uns caras assim em um canteiro de obras. A construção é algo especial. Não sei explicar, e tenho de voltar ao trabalho. Mas pode acreditar no que eu digo. Acontece.

Hardesty e Praeger foram até um ponto mais discreto para observar o trabalho. Os pátios de trens estavam mortos havia muito tempo, mas agora a impressão geral era que estavam apenas esperando o momento certo para renascer. Trilhos enferrujados e desgastados, dormentes apodrecidos empilhados como se fossem cadáveres, estruturas feitas com folhas de metal que balançavam sob o próprio peso e embarcadouros carcomidos que cheiravam a piche estavam rapidamente se transformando em florestas de trilhos reluzentes, novas plataformas, torres sólidas e junções férreas e sinais que recobriam a esplanada suja como se houvessem crescido ali, como uma plantação.

Como Hardesty e Praeger estavam com fome, decidiram andar até a Broth House. Para fazer isso, tiveram de passar por cima de mais de cinquenta cercas e de uma dúzia de vagões de carga estacionados. A fuligem e a sujeira das cercas e das escadas nas laterais dos vagões cobriam suas mãos, e, quando limpavam o suor de seus rostos, a fuligem escorria por suas têmporas. Foram perseguidos por cães de guarda ferozes que estavam soltos no pátio, e, em determinado momento, Praeger ficou acuado em uma torre de sinalização por um cão que mais parecia ser um lobo, e que parecia gritar: “A vingança é minha”.

Quando chegaram a Broth House, seus rostos estavam vermelhos pelo frio e pelo exercício, suas roupas estavam rasgadas e imundas, os dois estavam agradavelmente cansados e se encaixaram sem muitos problemas nos trabalhadores e marinheiros que estavam lá; misturaram-se em círculos densos, loucos e sem sentido, ameaçando todos os que estavam ao redor com os olhos, permanecendo eretos e intocados em uma exibição de manobras e evasões, que era o mais próximo que alguém conseguiria chegar de nadar em meio a um maremoto sem se molhar.

— Praeger — declarou Hardesty. — Essas são as mesmas pessoas que batem seus carros nas grades de proteção. Você sabe, aqueles que roubam joalherias, fogem sem que ninguém consiga persegui-los e que passam diante de um policial a cento e cinquenta quilômetros por hora. Durante as perseguições eles fazem curvas como se as leis da física simplesmente não existissem, e se chocam contra as grades de proteção. As grades de proteção são o destino dessa gente.

— Cale a boca — ordenou Praeger. — Aquele cara ali está prestando atenção, parece ser bem malvado, e está ofendido.

Hardesty queimou os dedos no caldo de ostras escaldante, preparado em um caldeirão de cobre no balcão do bar e servido de graça aos clientes. Pediram dez camarões graúdos grelhados e os comeram com pão, molho picante e uma cerveja, ou duas, ou três — e logo estavam entorpecidos em meio à música e ao barulho,

como se fossem irmãos dos homens das grades de proteção. Toda Broth House parecia estar balançando agradavelmente ao sabor do vento, como um dos veleiros que, havia muito tempo, lançado âncora nos embarcadouros da redondeza. Sentiam que estavam no mar, e a fumaça que se erguia no centro do salão se transformou em nuvens, velas náuticas e gaivotas.

Hardesty esqueceu rapidamente dos seus problemas e se concentrou com desejo e sem qualquer culpa na corajosa garçonete que, equilibrando bandejas nas mãos, navegava repetidamente as corredeiras perigosas da Broth House e seus clientes depravados. Para manter as bandejas equilibradas e mover-se por entre a multidão faminta, ela tinha de fazer uma espécie de dança. Era uma mulher pequena, mas esbelta, forte e sensual o bastante para enlouquecer todos os homens na Broth House. Estava muito bronzeada pelos dias que passara sob o sol, tinha pernas musculosas (praticava corrida, sem dúvida) e seus braços longos e graciosos tinham uma musculatura levemente aparente que fez com que Hardesty fosse incapaz de virar o rosto ou de desviar o olhar. Ela usava uma camisa branca que estava aberta o bastante para mostrar que o seu colo era liso e moreno. Seus cabelos eram negros e armados, e penteados em uma onda circular que se erguia sobre a cabeça, como o de uma cantora popular que era a última moda naqueles dias.

Hardesty começou a enlouquecer. Ele, caminhoneiros com chapéus de cowboy, moradores do bairro de Hoboken, ex-marinheiros, estranhos que vieram de Manhattan e a turma das barreiras de proteção ficavam encantados com ela. Quando passava por Hardesty, ela tinha de se virar para ficar de frente para ele, da mesma forma que alguém faz quando está passando por um corredor abarrotado de gente em um trem europeu. Para Hardesty, que estava sem fôlego e completamente atarantado, era como se um relógio houvesse badalado meia-noite quarenta vezes sem parar, pois, quando a mulher passava por ele (que Deus abençoe a América), diminuía o passo, a multidão se comprimia, e ela era empurrada em sua direção como se os dois estivessem em uma

prensa. Quando sentiu os seios e os mamilos pequenos da garçonete roçando lentamente no seu peito; quando olhou para o seu rosto queimado pelo sol; quando cheirou o seu perfume aquecido pelo calor do corpo; quando seus olhos negros bateram nele como uma lança e deslizaram por ele, da cabeça aos pés, com um prazer profundo e extrativo; quando ela sorriu durante a passagem e o toque daquelas coxas e seios e ele viu um lampejo claro de dentes grandes, perfeitos, brancos e reluzentes; e quando, fosse como piada, um convite, um movimento involuntário ou uma comemoração, ela brevemente empurrou seu quadril contra o dele, as pernas de Hardesty se recusaram a mantê-lo em pé, e ele desabou com um prazer excruciante, caindo ao chão com um grito estranho de frustração e satisfação ao mesmo tempo que fez Praeger girar a cabeça em busca do seu amigo.

— Onde está você? — perguntou Praeger. — Para onde você foi?

Hardesty estava rastejando pelo chão, perseguindo os tornozelos da garçonete conforme eles recuavam em meio à floresta lúgubre de pernas e calças. Os clientes do bar não gostaram de sentir uma onda sob os seus pés. Aquilo os incomodava, e, quando Hardesty começou a derrubar pessoas, Praeger percebeu que o ninho de marimbondos fora agitado com força demais.

Eles começaram a brigar, cada homem contra o outro, como se a enchente estivesse chegando e só houvesse um último lugar à disposição na arca. Havia algum tipo de poesia naquilo, na qual homens eram arremessados em belas parábolas com o formato do pescoço de um cisne e soltavam profundos gritos de angústia. Mesmo assim, aquele era o tipo de anarquia noturna que frequentemente acontece no mês de setembro, e Hardesty tinha a sorte de contar com um amigo que não o abandonou nem por um momento. Praeger conseguiu arrastá-lo para longe do quebra-quebra e jogá-lo pela porta da rua.

— Onde está ela? — implorava Hardesty, enquanto Praeger o puxava rumo ao velho terminal de Erie Lackawanna.

O lugar se parecia com um bolo de casamento, tão elegante quanto uma senhora velha e teimosa, feito de pedras cor de creme e ferro pintado. E estava completamente deserto. Eles cambalearam por entre seus corredores escuros até chegarem a uma rampa da balsa de Barclay Street, desativada havia muitos anos. Sentaram-se em sua beirada e deixaram as pernas penderem por cima da superfície da água como se fossem lampiões.

Do outro lado do rio, Manhattan cintilava sob a luz da lua, com quilômetros de prédios brancos reluzindo como uma floresta de vagalumes. Hardesty ainda estava pensando na garçonete, mas Praeger estava sentado e olhava por cima da água como um cachorro louco. Manhattan, uma jaula feita de grades brancas e uma massa de cristais reluzentes, parecia estar quase viva. A beleza que havia na paisagem os elevou muito acima de seus inimigos e dos seus problemas, como se estivessem olhando para a vida pela perspectiva dos mortos. Subitamente tomados por uma afeição em relação às pessoas que amavam, eles viam à sua frente a cidade do sol e das sombras, agora coberta pelo luar, e a amaram tanto que quiseram tê-la em seus braços.

Enquanto observavam, uma imensa barreira de nuvens começou a se aproximar pelo noroeste. Mais branca do que o gelo e reluzindo com a mesma suavidade de um vilarejo suíço nas montanhas, a cidade parecia não perceber a imensa muralha negra e roxa que se aproximava. Hardesty pensou nas cidades medievais que caíram diante dos mongóis e dos turcos e, se tivesse alguma serventia real, poderia gritar um alerta. Os prédios pálidos pareciam tão vulneráveis quanto algodão-doce, e as nuvens avançaram, com suas enormes protuberâncias arredondadas como os quartos de cavalos de batalhas ou ombreiras de armaduras. E o seu séquito de serpentes, os relâmpagos brancos e prateados, golpeavam o chão diante dos cavaleiros.

A primeira investida atingiu Nova York quando o vento ganhou força e transformou o Hudson em um estreito impossível de atravessar. As rampas suspensas por cabos onde Hardesty e

Praeger estavam sentados começaram a balançar de um lado para outro, mas eles se seguraram com força nos corrimãos, incapazes de tirar os olhos da cidade. Dez mil relâmpagos atingiram as torres mais altas, riscando-as com ouro branco e enchendo o ar com trovoadas sobre trovoadas que faziam todos os objetos fixos tremerem. O estrondo espantou os ratos das suas tocas e os enxotou, em um pânico raro, guinchando por entre as ruas tomadas pela chuva. Criou vários incêndios na cidade dos pobres, mas a chuva caía com tanta força que eles foram debelados com a mesma rapidez com que começaram — o que fazia com que eles se parecessem com esferas de fogos de artifício que se desintegravam lentamente. Quando a tempestade chegou ao ápice, parecia que as ondas estavam quebrando sobre a cidade, empurradas por um mar que flutuava e recrudescia nos céus. Mas a cidade não se esquivou, não piscou e não recuou por um único momento. Permaneceu ereta e impávida como uma cordilheira de montanhas majestosas e recolheu os relâmpagos em si. Durante todo o tempo em que a tempestade castigou a cidade, Nova York permaneceu serena e com as luzes acesas, pois as fileiras de torres firmes foram construída sobre rocha dura. E, no final, quando o céu estava azul e branco outra vez, e lentos rios de relâmpagos entoavam apenas lamentos melódicos por meio de trovões, ela ainda estava brilhando, inocente e concentrada.

Por um momento, Hardesty pensou haver visto algum aspecto da cidade perfeitamente justa. Quando a tempestade havia quase terminado, ele olhou para Praeger, que estava encantado e resoluto, olhando diretamente para o meio das nuvens trovejantes e a grossa chuva cinzenta.

— Fui conversar com Binky — contou Praeger. — Vendi minha alma, e vou ser o prefeito. Eu serei o prefeito... daquilo — declarou ele, olhando por sobre a água. — E vou fazer as coisas de uma maneira que nunca foram feitas antes. Todos os prefeitos que a cidade já teve causaram alvoroço, consertaram coisas às pressas, manipularam e correram. Nós os medimos de acordo com as batalhas que eles conseguem evitar. Como estão evitando batalhas

há cem anos, eles dividiram e armaram a cidade de modo que, se houver um confronto, ele será tão grande quanto o Armagedom. Não quero isso. Ninguém quer. Ninguém nunca quis. Mas, se houver um enfrentamento, vou liderar a cidade quando ela cair... para que eu possa liderá-la quando se levantar.

Embora estivesse emocionado pela sinceridade e a magia da resolução de Praeger, Hardesty ainda estava ancorado na razão, e perguntou:

— Como você sabe?

Se rostos humanos são um incentivo para a clarividência, então Praeger, naquele momento, era a pedra fundamental sobre a qual o futuro seria construído. Ele olhou para Hardesty e sorriu. Hardesty viu nos olhos azuis frios, nos cabelos loiros cuidadosamente cortados, nos dentes incisivos levemente lascados e numa expressão que comunicava uma força enorme, um sofrimento extenso e humor eterno, de tal forma que Praeger fora arrebatado pela mesma coisa que o próprio Hardesty estava procurando. Embora não soubesse por quê, acreditava nele e ficou triste ao ver que o rosto de Praeger indicava aquela batalha futura com muita certeza, como se ela estivesse gravada em algum monumento.

Estar louco é sentir com uma intensidade excruciante a tristeza e a alegria de uma época que ainda não chegou ou que já se foi. E, para proteger a visão delicada que têm daquela outra época, loucos justificarão sua condição com uma lealdade tocante, e irão cercá-la com milhares de distrações. Essas distrações, por sua vez, os empurram cada vez mais rumo à escuridão e à luz (que é a sua mortificação e sua recompensa) e os confronta com uma escolha. Eles podem arrefecer e recuar, aceitando o alívio de uma visão racional e a aprovação das outras pessoas, ou podem optar por seguir adiante, e, depois da queda, erguer-se. Quando e se, por sua teimosia imperdoável, eles finalmente conseguem chegar a mundos e mais mundos de luz imóvel, não são mais chamados de perturbados ou insanos. São chamados de santos.

Peter Lake nunca chamaria a si mesmo de santo. E ele tinha razão, pois não era um santo, e nunca seria. Mesmo assim, ele certamente estava ficando cada vez mais biruta conforme os dias passavam, e sabia que, se as coisas continuassem a acontecer daquele jeito, ele não conseguiria mais se refugiar em meio à razão, mesmo que quisesse. Uma agonia terrível o possuía, deixando-o eufórico e fazendo com que ele caminhasse sem rumo e tagarelasse histericamente. Tudo era impressionantemente claro ou irremediavelmente negro. Embora o seu único meio-termo fossem as máquinas, até mesmo elas o levavam aos devaneios incontroláveis que seus companheiros de trabalho passaram a perceber. Eles aprenderam a conviver com Peter Lake, pois sua loucura não se transformou em crueldade nem em ganância. Mas, como suspeitavam, quando Peter Lake estava com eles, agia como se estivesse sob controle. Fora dali, a situação era bem diferente.

— Me dê ovos alpinistas espanhóis — pedia ele alegremente, com o seu sotaque irlandês típico de Madison Square. — Três com gema mole, dois bem crocantes e úmidos como gnus recém-nascidos encharcados pelo líquido amniótico, e um com gema dura — o deus asteca do sol. Tá entendendo? Tem problema? O gato comeu a sua língua? Sabe o que é um gato? Vou lhe dizer... de-va-gar. O gato é uma desculpa para que uma mulher solitária possa conversar consigo mesma. Isso é um gato. Seu rebocador. Mas, para o café da manhã, eu gosto de bananas. Exijo que venham junto as minhas refeições. Exijo! Traga-me algumas. Não! Espere! Vou comer um bolo de pé. Seu rebocador. Sou pobre, é verdade. Sou uma daquelas pessoas sobre as quais ninguém sabe de nada, mas esta cidade é minha. Então me diga: por que é que eu olho ao redor e estou ali, lá em cima, o mestre de nada do que vejo? Será possível que neste continente da Terra existam criaturas primitivas que nunca usam chapéu, operários de estradas de ferro e garotas que saem de dentro de bolos, porretes, ferramentas, geringonças e aparelhos que não existem mais do que eu existirei ou não, e aceitarão aquilo que quase não pode ser? Impossível. É impossível! Não é mais provável, digamos, do que uma igreja batista sem um

ônibus escolar. Diga o que quiser, meu amigo de cara saudável, que está aí, jovial feito o velho Humpty Dumpty. Gosto da sua paciência. Entretanto, há algo intensamente frustrante em conversar com você, e eu acho que preferiria velejar por entre a névoa dourada. Seu rebocador.

Ele prosseguia:

— Certo, certo, eu desisto. Mude o meu pedido. Traga-me um pão de macaco de Wildenstein, linguiça de fígado quente, coco e espuma marinha. Isso sim é um bom café da manhã. Percebe para onde estou indo? Eu desejo... eu desejo. Estou confuso, como você deve estar percebendo. Mas eu me esforço! Eu me esforço! E tenho essa força que me empurra para lá, que me empurra para lá. Dói, mas eu estou indo. Estou indo. Seu rebocador.

Ele continuava por horas e horas, transbordando com palavras que se quebravam e ressurgiam em uma desordem estranhamente ordenada, e que caíam dos seus lábios como a espuma que imaginava gostar de comer no café da manhã. Falava e falava, cada vez mais rápido, até chegar a uma velocidade impressionante, exigindo isso, exigindo aquilo, batendo com o punho fechado na mesa, gritando sobre a ordem no mundo, o equilíbrio, recompensas, justiça e veracidade. Não havia justiça, dizia ele. Oh, é claro que havia. Mas era algo muito elevado e muito complexo, e para entendê-la era necessário entender a beleza, porque a beleza era a justiça sem equação. — Seu rebocador.

Ninguém se opunha, ninguém se incomodava e ninguém ficava assustado. Sem dúvida, isso acontecia porque Peter Lake não estava em um restaurante e não estava conversando com um garçom nem com um cozinheiro. Em vez disso, estava nos limites de um estacionamento, conversando com uma caixa de correio. Se alguém chegasse para postar uma carta, Peter Lake ficava em silêncio, apoiava-se no objeto que era o seu interlocutor e sorria enquanto o estranho empurrava o envelope pela garganta da caixa. Em seguida, ele perguntava à caixa de correio:

— Quem era aquele homem? Você o conhece? Ele vem sempre aqui? — Sentia ciúmes.

Quando a noite chegava, ele frequentemente sentia fome e sede, e ia até a Times Square para comprar suco de mamão. Adorava o suco de mamão porque, quando o bebia, fazia com que ele se sentisse como qualquer outra pessoa, apenas um empresário ou um enfermeiro qualquer. Talvez, porque o suco lhe causasse essa sensação, ele transformara o ato de comprá-lo num obstáculo quase intransponível. Enquanto atravessava as ruas, praticava o pedido em uma voz cheia e melíflua, da qual até mesmo o melhor locutor profissional sentiria inveja. É desnecessário dizer que falar a plenos pulmões conforme passava pelas multidões que atravessavam as ruas ao cair da noite não servia para melhorar a sua reputação, assim como acontecia quando ele declamava para as caixas de correio, botijões de gás e sidecars acoplados a motocicletas. Mesmo assim, ninguém em Nova York tinha qualquer reputação que fosse digna de nota.

— Um suco de mamão grande, para viagem — pediu ele. — Um suco de mamão grande, para viagem. Um suco de mamão grande, para viagem. Um suco de mamão grande, para viagem.

Dizia aquilo mil vezes. Mas, quando finalmente chegava perto do vendedor sonolento e manchado de suco no balcão dos mamões, perdia completamente a noção do que ia perguntar.

— O que você quer? — perguntava o vendedor sujo de mamões a Peter Lake.

Em vez de responder, Peter Lake começava a rir, gargalhar e bufar. Explodia em berros mal contidos, fechava os olhos em meio à histeria, e balançava o corpo de um lado para outro até que seu riso se transformava em uma série de gemidos animalescos e gargalhadas, e ele mal conseguia se manter em pé. Esse era o problema que o mantinha longe do suco de mamão.

Finalmente, ele assumia o controle de si mesmo. Tinha de parar de rir porque seu peito e sua barriga doíam. Abria os olhos e

limpava a garganta. Mas, quando encarava o olhar desconfiado do vendedor de mamões, que apertava um olho para examiná-lo, ele explodia em um grito sem fôlego que tomava posse de todo o seu corpo.

Em uma histeria dolorosa, rindo durante todo o percurso, ele retornava à cidade dos pobres, onde entrava em um cortiço abandonado, ia até o porão e se deitava, aos prantos, sobre um saco de carvão. Não chorava por muito tempo. A exaustão o poupava disso e o jogava rumo ao limbo.

Em algum momento durante a noite, quando as ruas haviam se aquietado e a lua de outubro estava prestes a descer sobre as florestas da Pensilvânia, Peter Lake acordou abruptamente. Sentiu seu coração saltar quando começou, em pânico, a se debater com aquilo que o agarrara pelas costas. Assim que estava desperto o suficiente para pensar, ele presumiu que três ou quatro atacantes, todos eles com uma força imensa, o haviam descoberto enquanto ele dormia sobre o saco de carvão. Esperava sofrer as torturas estranhas que as pessoas que entram em porões de cortiços abandonados às quatro da manhã infligem às pessoas que já estão ali. Sua única esperança era conseguir assustar seus agressores com a sua insanidade. No entanto, sentia-se tristemente no controle de todas as suas faculdades mentais naquele momento. Estava tão lúcido, racional e tranquilo que poderia até mesmo passar por um diplomata escrevendo suas memórias diante de uma fogueira crepitante nos territórios de caça ao norte de Boston.

— Cavalheiros! — gritou ele quando foi erguido com bastante força, mas não conseguiu pensar em mais nada que pudesse pedir.

Admirado pela firmeza absoluta com que foi erguido, ele imaginou que os grandalhões que o cercavam fossem halterofilistas olímpicos. Girou a cabeça alguns graus em cada direção, mas não conseguiu ver-lhes os pés. Também não conseguiu ouvir a respiração deles. Nem sentir as suas mãos.

Embora não fosse completamente impossível que criminosos se dedicassem ao seu trabalho com tamanho refinamento, a ação que estava sofrendo também não era provável. Peter Lake tentou olhar por cima do ombro, mas estava contido com firmeza, como se fosse um filhote de gato preso pela pele ao redor da nuca. Ele pigarreou e iria fazer um apelo aos seus agressores outra vez, quando viu que estava se movendo com muita rapidez pelo porão. A aceleração era tanta que ele sentiu o vento sibilar em seus ouvidos, e estava apontado para a parede mais distante. A parede se aproximou tão rápido que ele nem teve tempo de pensar (muito menos de protestar) antes que sua cabeça batesse diretamente contra a superfície.

Mas, em vez de morrer com o impacto, ele atravessou a parede completamente, com uma lufada de ar que desgrenhou seus cabelos. Logo depois, viu-se em outro porão, ainda acelerando, diretamente na direção de outra parede. Esperando o pior, ele fechou os olhos. Mas atravessou outra vez a parede, e continuava a ganhar velocidade. Dentro de pouco tempo ele aprendeu a manter os olhos abertos e agradecer pelo ritmo em que se deslocava. Paredes após paredes apareceram, e foram ultrapassadas como se não fossem nada além de ar. Estava viajando com tanta rapidez que via os porões passarem por ele como se fossem os fotogramas de um filme — até que as paredes não eram mais visíveis.

Ele voou por baixo da terra como um jato supersônico, zunindo por entre a terra, pedras e inúmeros porões, cisternas, túneis, poços de água e, finalmente, sepulturas. Mesmo que não estivesse fazendo qualquer esforço para voar pelo ar limpo, Peter Lake foi levado em uma rota que passou por todas as sepulturas do mundo. Embora passassem por ele com tamanha rapidez que não pareciam ser nada além de um facho de luz mortiça, ele conseguiu examinar cada uma delas individualmente, como se cada lampejo da sua jornada fosse uma averiguação detalhada. Ele viu os rostos e as roupas dos recém-enterrados, e absorveu suas expressões sem emoção.

Os olhos de Peter Lake eram a única parte que se movia em seu rosto enquanto via as imagens que passavam rapidamente. Moviam-se com uma velocidade mecânica, sobrenatural, detendo-se precisamente em cada detalhe, percebendo um vislumbre e mais de cada um dos bilhões que ele deveria ver. A velocidade e o ritmo daquelas muitas vidas se combinavam em um assobio puro e etéreo, como o de um pássaro nas profundezas de uma floresta em uma noite clara e tranquila. Os mortos estavam deitados em todas as posições possíveis. Alguns não eram mais do que poeira; outros eram os ossos brancos que as crianças temem, luminosos de maneira inquietante. Em cenas e posições infinitas, eles seguravam amuletos, ferramentas e moedas. Eram enterrados com estatuetas, fotografias, recortes de jornal, livros e flores. Alguns estavam vestidos com mortalhas puídas e outros estavam cobertos com fita adesiva. Alguns jaziam em berços de seda e madeira, enquanto muitos, muitos outros estavam deitados sem qualquer anteparo entre seus corpos e o chão, macio ou rochoso. Alguns ele encontrou em câmaras de aço, esmagados sob o mar, e alguns em enormes massas, empilhados uns sobre os outros como se fossem gravetos. Correntes, cordas e grilhões de ferro estavam em evidência ao redor dos pescoços, assim como pérolas e ouro.

Eram pessoas de todas as idades — crianças, guerreiros com espadas ainda presas às suas coxas, intelectuais que haviam morrido tranquilamente e criados renascentistas com gorros vermelhos. Conforme passavam por ele, hesitavam por um instante ínfimo para saudá-lo. Peter Lake voou por cima de suas enormes legiões enterradas na escuridão do chão, e seus olhos continuavam a trabalhar, registrando os barbudos, os banguelas, os risonhos e os insanos, as mulheres preocupadas e as sorridentes; identificou também os sábios e aqueles que não sabiam nada além do que um peixe sabe, os que haviam vivido suas vidas no gelo e ainda estavam lá, perfeitamente preservados em cofres brancos de paredes lisas, e aqueles que tinham sido levados pela correnteza de rios quentes e perdido tudo, exceto a pequena fagulha no meio da lama que revelava sua última posição.

Peter Lake ficou de queixo caído, mas seus olhos continuavam a trabalhar. Alguma coisa dentro dele se recusava a não honrar cada uma daquelas pessoas. Assim, como se houvesse nascido para cumprir aquela tarefa, ele viu e lembrou-se de cada cabeça sem pele, cada mão esbranquiçada, e cada órbita ocular cavernosa.

As sepulturas do mundo passavam por ele com a velocidade hipnótica dos contrarritmos que correm pelos dentes de uma roda em movimento. Não tinha emoções e não sentia compaixão, pois estava ocupado demais e seus olhos também, correndo de um lado para outro rapidamente. Havia muito a ser feito. Ele tinha de conhecer todos. E, em seu voo louco e sem ar, não deixou passar nenhum, mas trabalhou como se tivesse sido criado para registrar cada um deles — a mola mecânica, o observador fiel, o compilador de almas, o bom operário.

No final da tarde de um dia no meio de outubro, a luz da rua 57 Oeste criou as condições perfeitas que os clérigos medievais usaram para elaborar a ideia do paraíso. Virgínia estava retornando de um ancoradouro em North Pier, para onde fora enviada para entrevistar um exilado político notório — que não aparecera para conversar com ela, pois fora secretamente arrancado do seu navio no mar e enviado para Washington em um helicóptero. Ela teria várias horas livres até o momento de voltar para casa e acordar seus filhos da soneca da tarde, e decidira fazer compras na Quinta Avenida. Abby não estava se sentindo bem, provavelmente devido à mudança das estações. A Sra. Solemnis dizia que a menina estava dormindo tranquilamente e não tinha febre.

Virgínia precisava de um casaco para o inverno. Como era alta, mesmo para uma Gamely, ela sempre comprava tamanhos grandes. Isso, combinado com sua frugalidade bastante enraizada, significava que ela provavelmente teria de procurar bastante para encontrar algo feito de maneira decente e que fosse quente o suficiente para o Lago das Coheeries. Fazia anos desde que vira sua mãe pela última vez. Tanto Virgínia quanto Hardesty sabiam que teriam muita dificuldade para chegar às Coheeries, e que talvez não

conseguissem retornar. Se isso acontecesse, Hardesty estava disposto a se tornar um fazendeiro e cuidar de plantas à beira do lago, e passar seus invernos usando esquis, navegando em barcos corta-gelo e patinando por vários quilômetros para ir de um vilarejo a outro e de uma hospedaria à outra. Eles planejavam viajar em dezembro ou janeiro, se as condições estivessem favoráveis. Cobririam as crianças com lã, mantas forradas com plumas de ganso e peles, e tomariam o trem no início de uma manhã em que a fumaça das poucas chaminés que ainda existiam permanecesse esguia e ereta no ar frio, como coveiros aguardando diante de uma igreja. Pelo menos, aqueles eram os seus planos. Mas, como faziam esses planos havia muitos invernos e nunca tinham conseguido partir, os planos pareciam sonhos. Todo inverno eles pensavam em voltar para as Coheeries, mas algo sempre ocorria e os forçava a adiar sua viagem por mais um ano.

Ao passar pelo Carnegie Hall, Virgínia percebeu uma multidão formando uma fila para assistir a um concerto, e viu em vários pôsteres que a famosa orquestra de Canadians P. (este era seu nome completo) iria tocar *As Extravagantes Danças Anfibológicas* de Mozart. Como era difícil identificar o que havia naquele programa confuso, poderiam ser o *Divertimento em Dó Menor* de Mozart e *As Extravagantes Danças Anfibológicas* de Minoscrams Sampson. Isso parecia mais razoável. Ela decidiu continuar andando quando, bem diante de si, rápido e redondo como uma bola de mercúrio, a coisa gorda e com olhos em forma de fendas que chamavam de Sr. Cecil Wooley subiu saltitando pelos degraus do Carnegie Hall. Com certeza, pensou ela, o quinteto de Jackson Mead não incluía em seu repertório obras como *As Extravagantes Danças Anfibológicas*, e o jovem Sr. Wooley, apreciador de formas mais suaves, escapulira do museu para assistir ao concerto. Não havia como confundir o seu andar dissimulado. Ele tinha o ar de um estudante cujos olhos correm de um lado para outro em um perjúrio alucinado, enquanto tenta fingir que estava entrando em uma sauna feminina porque se esqueceu de ler a placa.

Ela correu para o saguão. Ele havia acabado de comprar seu ingresso, e estava indo para a plateia no balcão. Ela se aproximou do funcionário da bilheteria.

— Está vendo aquela coisa gorda ali? — perguntou ela, apontando para Cecil Mature assim que ele foi engolido por um dos pórticos. — Me dê um assento logo atrás dele.

— Mas, minha senhora — protestou o homem da bilheteria —, eu teria de lhe dar o assento 46, na fileira Q. É o pior assento da casa. A menos que sua mãe seja uma coruja e seu pai seja um gavião, a senhora não vai conseguir ver nem ouvir nada.

— O que foi? — perguntou Virgínia. — Fale mais alto!

— Ah! — exclamou o homem da bilheteria, e lhe entregou o ingresso.

Ela correu pelas escadas acarpetadas. Cecil resfolegava à sua frente, vários lances acima. Ao chegar no topo da escada, Virgínia parou para deixar que Cecil ocupasse o assento dele. Em seguida, deu a volta e sentou-se logo atrás do rapaz, sem que a presença dela fosse percebida. Se não fosse por meia dúzia de policiais que dormiam profundamente, Virgínia e Cecil seriam os únicos a ocupar o balcão superior. Ela olhou para baixo e levou a mão ao peito, assustada. Do lugar onde estava sentada, o palco não era nada além de uma bolacha em forma de leque, coberta por pequenas formigas vestidas de preto e branco.

As luzes ficaram mais fracas, e Cecil Mature saltou para cima e para baixo, ansioso e alegre. Ele abriu uma pequena embalagem branca que tirou do bolso do seu casaco. Os sentidos de Virgínia foram sobrecarregados pelo aroma de lagosta à moda cantonesa. Quando o concerto começou, e os fagotes, flautas e tambores começaram a tocar (sob os aplausos dos fãs de Mozart e Minoscrams Sampson — e dos policiais, que aplaudiam silenciosamente enquanto dormiam), Cecil Mature começou a comer a lagosta à moda cantonesa, usando os dedos para enfiá-la na boca, e os dentes para quebrar a carapaça.

Virgínia logo se deixou encantar pelas tristes harmonias anfibológicas. A música era como nadar sobre ondas gentis, ou passear de carro pelas colinas de Cotswolds, na Inglaterra. Ela erguia e elevava seus espectadores com suavidade, como se fossem soldados feridos voltando da guerra. Era uma coisa muito estranha, e Cecil Mature adorava aquilo. Virgínia pensava que ele poderia ser um fã da obra, assim como a Sra. Gamely era fã da obra de A. P. Clarissa. Exceto pelo fato de que Cecil era jovem e ligeiramente desordeiro. De vez em quando ele erguia o braço no ar e dizia:

— Toquem essa música! Toquem! Isso mesmo!

Quando o concerto estava terminando, Virgínia foi até o corredor para que pudesse esbarrar em Cecil acidentalmente. Quando as luzes se acenderam, Cecil surgiu na saída do balcão.

— Sr. Cecil Wooley! — exclamou ela como se estivesse surpresa, e como se o conhecesse havia muito tempo.

Ele ficou paralisado pela surpresa, semicerrou os olhos estreitos e tensionou os maxilares.

— Como vai? — disse ele, com uma angústia evidente.

Virgínia prosseguiu.

— Que surpresa saber que você gosta de Minoscrams Sampson. Sem dúvida, ele é o meu compositor favorito. Você sabe, ele não morava muito longe do lugar onde cresci, em um enorme moinho de vento à beira do lago, e todos os dias...

Antes que Cecil percebesse o que estava acontecendo, Virgínia o apanhou e começou a levá-lo rumo à rua 57 Leste. Cecil não podia protestar, dizendo que tinha de voltar para casa (ou seja lá para onde tivesse de ir), porque ela estava tagarelando sem parar, sobre isso e aquilo, e não soltava do seu braço. Na verdade, ele estava muito orgulhoso por ser visto ao lado de uma mulher tão alta e bonita, e ela poderia levá-lo para onde quisesse. Ele enrubescia e piscava os olhos, numa mistura de orgulho e constrangimento. Era

como se os dois estivessem no meio de um encontro romântico. Todos os executivos a caminho de suas casas ao cair da tarde os veriam, e, como a rua 57 era a rua onde as pessoas podiam ser vistas, o que poderia haver de melhor? Pensando que as pessoas poderiam imaginar que ele e Virgínia eram marido e mulher, Cecil Mature sentiu um calafrio de prazer.

Virgínia estalou os dedos.

— Já sei! — lançou ela em resposta a uma pergunta que não fora feita. — Vamos tomar um sorvete com refrigerante no bar do Hotel Lenore. Eles fazem um creme especial de chocolate com gengibre que os meus filhos adoram. Acho que você vai querer experimentar.

Cecil parou onde estava, e balançou a cabeça de um lado para outro.

— Qual é o problema, Sr. Wooley?

— Não posso — disse ele em tom grave.

— Não pode o quê?

— Não posso. Não temos permissão para ir a bares, tomar sorvetes, refrigerantes, comer chocolate, conversar com estranhos nem para ficar sozinhos à noite, longe do navio.

— Quem disse isso?

— Jackson Mead.

— Ele precisa saber? — perguntou Virgínia.

— Eu não seria capaz de fazer isso.

O Hotel Lenore tinha um bar elegante, onde aqueles que não conheciam as redondezas iam para se sentir importantes, mas faziam as melhores combinações de sorvete com refrigerante da cidade.

— Olhe aquela bela senhora ao lado da coisa gorda e de olhos puxados — observou um dos bartenders para o outro. — O que uma gata como ela quer com uma bola de banha como ele?

— Não sei — respondeu o outro bartender. — Há mulheres que gostam de comer alguma salada maluca junto com a carne, se é que você me entende.

Já que, sentado na banqueta do bar, Cecil parecia a esfera de um memorial no alto de uma coluna da vitória (o que estava correto do ponto de vista arquitetônico), ele sentia um toque de autoconfiança que não conseguiria apreciar de outra maneira. Mesmo assim, sentia-se incrivelmente desconfortável.

— Dois cremes de chocolate com gengibre e refrigerante — pediu Virgínia. — E caprichem bastante, bastante, bastante mesmo no ingrediente especial. — O ingrediente especial era o rum.

Um sorvete com refrigerante de sessenta e cinco dólares devia ser servido sem demora, e os dois juntos valiam cento e trinta, grandes como dois baldes, em barricas Baccarat com colheres de platina e canudos de ouro. Cecil estava estupefato. Ele agradeceu Virgínia e pegou o canudo, mas, depois de meio gole, a encarou e disse:

— O sabor é bom, muito bom, mas há algo nesse doce que me faz lembrar a tetra-hidrozolina.

— É o gengibre — disse Virgínia, e tocou o canudo de ouro com seus belos lábios.

Cecil hesitou no início, mas logo começou a se refestelar. Enquanto Virgínia tomava apenas alguns goles curtos no chocolate gelado, Cecil poderia ter sido muito útil a Mussolini quando ele decidiu drenar os mangues Pontinos. Como uma poderosa bomba de sucção, ele murmurava com o prazer do trabalho, e, embora as barricas Baccarat nas quais o Lenore servia os sorvetes tivesse ranhuras especiais para impedir o “Aarchhh... Roooooch!” final quando o cliente chegava ao fundo, a velocidade de Cecil acabou inutilizando aquela peculiaridade do design, e o “Aarchhh... Roooooch!” ecoou como um jato de pedras vulcânicas em erupção. Ele se recostou levemente e apontou seus olhos vidrados na direção de Virgínia. Havia sugado um galão inteiro em cinco

minutos, mas foi a dose generosa de rum que entorpeceu seus olhos. Agora, Virgínia o tinha na palma da mão.

A pequena quantidade de rum que Virgínia ingeriu lhe concedeu um brilho suave e difuso. Ela estava um pouco fora do compasso natural do mundo, o suficiente para conseguir olhar nos olhos de Cecil Mature e arrancar-lhe tudo o que ele quisesse dizer, embora ela não estivesse olhando realmente em seus olhos. Afinal, era mais difícil conseguir enxergar os olhos de Cecil do que enxergar o que os soldados de um esquadrão inimigo estavam lendo pelas frestas do seu bunker.

— Havia alguma coisa dentro daquele sorvete, não é? — perguntou ele em tom de acusação.

— Um litro de rum — respondeu ela.

— Um litro e meio — disse o bartender ao passar pelo balcão.

— Meu Deus! — exclamou Cecil, irritado por um momento. — Por que você fez isso? — Ele golpeou o ar com o punho fechado. — Não importa. Nada de adeus, nada de despedida.

— O que isso significa? — perguntou Virgínia.

— Não sei. Às vezes eu tomava uma taça de vinho ou um copo de cerveja. Eu tinha a impressão de que isso me ajudava a apreciar a comida, limpava o paladar, ajudava na digestão e me deixava embriagado. Mas e isso, agora? Não sei o que vou fazer. Quanto tempo demora até que o efeito de um litro e meio de rum passe?

— Meia hora.

— Ah, não é tão ruim. Mas o que acontece é... estou me sentindo muito vulnerável. E se Pearly entrar por aquela porta? Peter Lake não está aqui para me proteger. — Seus olhos ficaram marejados e sua boca se entortou em uma expressão abissal da mais pura tristeza.

— Quem era Peter Lake? — indagou Virgínia. O nome lhe era vagamente familiar.

Lágrimas rolavam pelas bochechas de Cecil, e ele recuperou o controle depois de alguns minutos.

— Eu me lembro daqueles dias — disse ele. — Nós costumávamos morar em caixas d'água e nos telhados dos prédios. Às vezes, conseguíamos empregos sob nomes falsos e trabalhávamos em oficinas de ferreiros ou ferramenteiros. Eles nem imaginavam a qualidade do trabalho que fazíamos. Mootfowl sabe mais sobre esse assunto do que qualquer pessoa no mundo, e ele nos ensinou. Trabalhávamos sempre que queríamos. Às vezes eu ganhava dinheiro como tatuador em um serviço ou outro, e carregávamos tudo o que tínhamos em valises de pedreiro. O tempo era ótimo. Os céus sempre estavam limpos. E, se chovesse, íamos visitar alguma das namoradas de Peter Lake. Íamos muito à casa de Minnie. Eu sempre dormia no outro quarto e ficava escutando as molas da cama rangerem quando Peter Lake e Minnie estavam na cama. Mas não tinha problema. Se sentisse ciúmes demais, eu ia ao mercado. Quando voltava e começava a cozinhar, eles já teriam terminado, e todos sentávamos à mesa para comer abobrinhas. Eu fazia uma abobrinha maravilhosa. Até onde sei, podíamos viver apenas com abobrinhas, o tempo todo. Mas Peter Lake queria rosbife, pato e cerveja, então nós íamos a alguns lugares para comer. Foi quando os problemas começaram. Quando Pearly jogou a maçã nele.

Escutar aquela história era algo muito confuso para Virgínia. Não parecia ser um relato contemporâneo. E, embora Cecil fosse somente um adolescente, suas palavras pareciam sinceras. Ela queria descobrir mais. Mas, quando estava prestes a fazer mais perguntas, as portas do Lenore foram abertas por lacaios fantasiados e Craig Binky entrou, seguido por um grupo enorme de puxa-sacos e bajuladores.

Fizeram sua entrada como se estivessem seguindo as marcações de palco para um espetáculo de ópera: "Craig Binky entra pela esquerda, junto a um grupo de jovens aristocratas rebeldes retornaram da caçada, enrubescidos pela alegria". Cercando

Virgínia e Cecil, eles logo tomaram todas as banquetas e cadeiras do lugar, e começaram a pedir, em francês, cada um dos pratos de duzentos e cinquenta dólares e cada uma das bebidas de cento e cinquenta.

— E então eu disse ao primeiro-ministro — declarou Craig Binky, sem se dirigir a ninguém em particular. — O que o seu país precisa é de um toque de Binky. Com mais de meio bilhão de pessoas, nenhum recurso natural e uma renda per capita de trinta e cinco dólares por ano, há uma boa chance de você acordar um dia e descobrir que está muito encrencado. E ali estava eu, Craig Binky, falando com o líder de todos aqueles milhões! E vocês sabem o que ele queria saber? Vou lhes dizer: ele estava muito interessado em aprender comigo o procedimento para abrir uma conta bancária em Zurique. O que pode ser melhor do que isso? O homem era um santo. Com todos os problemas domésticos no seu país, o homem queria ajudar a pequena e insignificante Suíça!

Virgínia puxou Cecil pelo braço até conseguir manobrá-lo para fora do Lenore. Não foi fácil, pois ele continuava a falar, embora ela não fosse capaz de ouvi-lo. Foi somente quando o levou até a calçada que conseguiu voltar a prestar atenção à confissão que ele fazia.

— ... e, como as coisas aconteceram assim, eu tive de ir embora. Depois, ele desapareceu. Foi uma surpresa para todos nós, porque Jackson Mead achava que esse ia ser o arco-íris eterno, o verdadeiro, aquele que não tem fim. E foi então que ele e o cavalo simplesmente desapareceram. Eu disse a eles que Peter Lake conhecia a cidade melhor do que qualquer um. Se ele quisesse se esconder, poderia fazê-lo por quanto tempo quisesse. E tudo é inútil agora, sem ele... acho que ainda não é o momento certo, talvez.

Não com lágrimas, mas com certeza, Cecil acrescentou:

— Eu o amava. Ele era como um irmão para mim. Ele me protegia. E ele nunca soube quem ele realmente era.

Hardesty observou a névoa chegar em meio a um vento sibilante que a trazia em serpentinas brancas e afastava as massas silenciosas de onde elas eram puxadas. Como São Francisco era cercada por um mar de águas frias, quando os ventos do oceano decidem colocar a cidade para dormir e reclamar suas terras de volta ao Pacífico Norte, eles o fazem sem alarde, e a atiram em meio a um limbo de céu azul, névoa branca e linhas de vento entalhadas em silêncio por toda a extensão da baía.

Do alto de um quarto no quinquagésimo andar, ele podia ver quase por inteiro a cidade onde nascera. Podia ver a sua casa em Presidio Heights, a maior estrutura em seu campo de visão, branca como uma geleira, e a torre do escritório, facilmente identificável contra as verdes florestas da região de Presidio, logo atrás. Quando a névoa a capturava por inteiro, quando a deixava imponente e seca, ou quando flutuava sobre a maré branca, parecendo uma casa no ar, Hardesty perguntava a si mesmo se as nuvens gentis que cortavam o espaço e o tempo também sentiam compaixão e permitiriam que ele visse a si mesmo, junto a seu pai, sentados ao redor da longa mesa de madeira, virando as páginas de um velho livro enquanto seu pai explicava suas minúcias. Os eventos que haviam passado e que eram os alicerces das nossas vidas devem estar em algum lugar, pensou ele. Deve ser possível recapturá-los, mesmo que somente num mundo perfeito. Seria muito justo se a nossa recompensa final nos transformasse em senhores do tempo, e se aqueles que amamos pudessem viver novamente — não somente na memória, mas de verdade. Uma luz se acendeu na torre e brilhou momentaneamente por entre a escuridão antes que a névoa engolisse o lar dos Marratta em meio à noite. Hardesty sentiu saudade e dor, porque suspeitava de que, naquela luz que piscou do outro lado do nevoeiro, havia uma presença viva e livre das barreiras do tempo.

Quando Jackson Mead falou sobre o “arco-íris eterno”, Hardesty foi transportado para o passado e só conseguiu pensar no oceano Pacífico e nas florestas logo acima, encharcadas pelo nevoeiro. Sentia que a resposta à charada de Jackson Mead estava em algum

lugar dos pinheiros da região de Presidio, onde passou metade da sua infância como se não vivesse realmente na cidade, mas sim em uma cordilheira isolada. Fez reservas em uma companhia aérea e em um hotel para que pudesse revisitar o passado. Exceto por uma breve visita à sepultura do seu pai (onde Evan certamente não estaria), Hardesty estava em São Francisco unicamente para ir até Presidio, para ver se, ao fazer isso, seria capaz de decifrar duas das palavras de Jackson Mead.

No dia seguinte ele atravessou a cidade, caminhando para o norte sob a luz do sol até que, nas florestas que ele conhecia tão bem, o sol desapareceu e a névoa se enfiou por entre as árvores como um exército de feiticeiros de cabelos brancos. A névoa sibilou e cantou como um coro de harpas ruidosas e dissonantes. Sombras e neblina isolaram o resto do mundo, e Hardesty se viu em meio a um bosque enorme de árvores delicadas. Ele caminhou no sentido contrário ao fluxo da neblina até não conseguir mais ver as árvores ou o chão. Depois de atravessar um terreno coberto por trepadeiras macias, percebeu que estava em pé na beirada de um penhasco alto, de frente para o mar. O vento era branco, e, embora ele soubesse onde estava devido ao som e aos respingos do mar, não conseguia ver nada. O ruído do mar estava tão alto que ele teve de se ajoelhar para não perder o equilíbrio. O uivo do vento o empurrou para o chão como se ele estivesse sendo agredido pelas ondas. Como o chão plano parecia estar girando em círculos no ar, ele se agarrou com força às plantas rasteiras e pressionou o corpo contra a vegetação e a areia. Parecia um lugar seguro, e, coberto pela névoa, ele lutou contra a tontura e a exaustão por meio do sono.

Hardesty Marratta esteve no céu em seus sonhos por várias vezes, pois eles eram como todas as telas que Brueghel já pintara, combinadas com cores quentes e etéreas que se moviam em cores lancinantes e giravam à sua volta sem parar. Mas esses sonhos, que não eram nenhum trabalho amador, estavam agora eclipsados conforme ele se erguia silenciosamente rumo ao céu. Por um instante ele não pôde ver, mas logo a névoa desapareceu e o ar se tornou claro como o éter. Ele percebeu que estava em uma casa de

madeira e vidro, num lugar muito alto, sobre um lago azul. No início ele não sabia para onde ir ou o que fazer, mas logo percebeu a presença de uma mulher que flutuava em sua direção — que voava em sua direção, na realidade. Uma mulher cujos cabelos eram graciosos e elásticos ao vento, como se fossem feitos para o ar e o movimento. Ela estendeu as mãos e o conduziu por entre a luz dourada, dirigindo-se (embora não tocasse o chão com os pés) até um terraço elevado com vista para o lago azul — que não era exatamente o lago, mas um efeito causado pela luz. Parecia circundá-los em uma cúpula azul-escuro e sem peso que se estendia até o horizonte e estava repleta de uma luz de um tipo diferente, uma luz cheia de tons de ouro e prata, airosa, quente e ofuscante. Ele segurou nas mãos da mulher enquanto ela flutuava à sua frente, sorrindo, e tentou reconhecê-la, memorizar suas feições; mas ela não permitiu que Hardesty fizesse aquilo. Com seus olhos, ela confundia a visão de Hardesty. Diferente de qualquer coisa que ele já vira antes, aqueles olhos eram de um azul líquido, elétrico, brilhante e inflexível, e ela o deixava transfixado. Os olhos dela o trespassavam, queimando-o e congelando-o ao mesmo tempo.

Ele acordou ao cair da noite no Presidio, em meio ao crepúsculo, deitado sob uma leve garoa. A neblina fora retalhada pela chuva, e o mar estava visível mais abaixo. As ondas que arrebentavam contra a praia estavam cinzentas, escuras e sujas. Exausto e com o corpo dolorido, sentia-se como se fosse um par de olhos transportado por ossos.

Encharcado, passou por baixo da ponte Golden Gate a caminho da cidade. A praça do pedágio estava abarrotada de carros que rumavam para o norte, e a própria ponte era uma curva levemente inclinada de olhos brilhantes e vermelhos. O lugar estava tão escuro, úmido e feio quanto Manhattan em uma noite do início do inverno após um dia inteiro de chuva e granizo.

Hardesty encontrou um pequeno parque abandonado logo depois das cabines de pedágio. No centro de uma plataforma de pedras havia um busto de bronze montado sobre uma pilastra. Hardesty

estava tão exausto que se apoiou contra a pilastra. Pensou que aquele era um lugar ruim para uma estátua, já que o parque e o seu memorial eram quase inacessíveis ao público, e deu a volta para descobrir quem era o homenageado. Embora já estivesse escuro, ele conseguiu identificar uma inscrição.

1870 JOSEPH B. STRAUSS 1938

Ele saltou um parágrafo de letras menores e concentrou-se na linha que havia abaixo:

ENGENHEIRO-CHEFE DA PONTE GOLDEN GATE

1929-1937

Em seguida, retornou ao parágrafo com letras menores e leu uma inscrição de bronze que esteve ali, paciente e imóvel, durante a maior parte do século. Ele já vira aquela inscrição antes. E agora, mesmo naquela semiescuridão, o bronze opaco parecia brilhar quase tanto quanto o sol.

AQUI EM GOLDEN GATE ESTÁ

O ETERNO ARCO-ÍRIS QUE ELE CONCEBEU

E AO QUAL DEU FORMA. UMA PROMESSA SÓLIDA

DE QUE A RAÇA DOS HOMENS

DURARÁ POR TODA A ETERNIDADE.

Como um paraquedista pronto para saltar, Hardesty fechou os olhos por um breve momento. Em seguida voltou a abri-los, e, com um sorriso curto e irônico, ergueu o olhar para encarar o rosto de Jackson Mead, que estava em meio à névoa e à neblina o tempo inteiro, olhando para São Francisco há mais de sessenta anos. Hardesty teve a certeza de que, em outros lugares, havia outras estátuas com outros nomes, mas o olhar que mirava para o horizonte distante era o mesmo.

Em um dos salões do museu, onde Hardesty estivera no início da manhã para entrevistar Jackson Mead, havia uma enorme pintura que retratava cientistas trabalhando na corte de Frederico, o Grande — que estava no meio de vários homens e um complicado aparato de laboratório, posando heroicamente em um casaco cinza e preto.

Quando foi informado por um assistente de que poderia entrar para conversar com Mead, Hardesty percorreu um longo corredor com o piso e paredes feitos com a mesma pedra polida em tons de bege que frequentemente é usada na decoração dos museus. Tomado por uma pretensão que já durava alguns dias, ele subitamente sentiu-se como se estivesse a caminho de uma audiência com Frederico, o Grande, e ficou um pouco abalado ao perceber que, na realidade, talvez fosse exatamente isso o que iria acontecer. Nem Mootfowl nem o Sr. Cecil Wooley estavam presentes, e os cavaletes e quadros haviam sido removidos. Jackson Mead estava sentado longe da sua mesa, em uma simples cadeira de madeira e vime. Sob a luz artificial de março, fumando um cachimbo com tabaco e cereja, ele parecia ser um homem contemplativo e gentil. Fez um gesto para que Hardesty se sentasse. Quando Hardesty estava acomodado confortavelmente em um sofá de veludo cinza, ele pegou seu próprio cachimbo, encheu-o, acendeu-o e começou a fumar em silêncio.

Depois de algum tempo, Jackson Mead olhou para o chão e disse:

— Às vezes eu fico desanimado. — Em seguida, voltou a se concentrar em seu cachimbo, como se não houvesse dito nada.

— É mesmo? — perguntou Hardesty.

— Ah, com certeza. Profundamente desanimado. Não é fácil arquitetar esses projetos enormes; é como tentar manter um império unido. Sem um equilíbrio perfeito entre a arte, a paixão e a sorte, todos os elementos tendem a sair voando, seguindo seus próprios caminhos. Além disso, há a oposição. Sempre tenho a impressão de que estou sendo perseguido por algum elitista de aspirações

arrogantes, que assumiu para si a responsabilidade de proteger de mim e do meu trabalho as pessoas as quais ele tem certeza de que estarão permanentemente abaixo do seu próprio ego; ou então tenho a impressão que estou sendo perseguido por grupos de pessoas que se autodenominam intelectuais que passaram décadas ruminando sobre uma bola de pelos marxista que, por sua vez, transformou seus pensamentos em fel. Por exemplo, o seu amigo Praeger de Pinto, um candidato muito improvável ao cargo de prefeito, parece estar concentrando sua campanha em mim. Por que ele simplesmente não me deixa em paz? Não vou fazer nada para prejudicar o rebanho dele.

— Praeger não é um desses elitistas dos quais você está falando — afirmou Hardesty. — Ele é o homem mais igualitário que já conheci.

— Então ele é um marxista.

— É claro que não. Marxistas são pessoas cujas entranhas são rasgadas dia após dia, porque eles querem governar o mundo e ninguém tem a mínima intenção de publicar sua carta ao editor. Praeger é o editor. Além disso, ele cresceu na cidade dos pobres. Você sabe tão bem quanto eu que, neste país, o marxismo é uma paixão religiosa da classe média.

— Então por que é que ele está tão interessado em me perseguir? Qual dos princípios de Praeger exige que ele meta o nariz nos meus assuntos? Nenhuma cidade, nenhuma civilização, nada disso pode ser administrado por seus próprios críticos. Críticos não são capazes de construir, nem de explorar. Tudo que eles fazem, na realidade, é dizer sim ou não. E complicar a situação. (Não os críticos literários, é claro. Estes só ficam abaixo dos anjos.)

— Ele não está lhe perseguindo por causa de princípios. Ele está lhe assediando porque é curioso, apenas isso.

Jackson Mead suspirou.

— Em algum momento eu satisfarei a curiosidade dele, mas preciso de tempo para colocar as coisas em seus devidos lugares. É

a minha única chance.

— Eu sei — disse Hardesty. — As ferrovias que vêm das regiões produtoras de aço têm de ser completadas. As docas de recepção e os embarcadouros têm de ser colocados em seus devidos lugares. As pilhas de ferramentas e de ligas metálicas têm de ser montadas e transportadas.

Jackson Mead tirou o cachimbo da boca. Perguntou a si mesmo se aquilo era tudo o que Hardesty sabia, e imaginou que fosse. Mas Hardesty prosseguiu. Relaxou o corpo no sofá de veludo, e seus cabelos brilharam sob a luz simulada do dia.

— Você tem de cuidar de desapropriações, e movimentar sabe lá Deus quantas pessoas. Você tem de demolir fábricas, casas e prédios comerciais. Só depois é que pode começar a construir os alicerces. Tudo tem de estar certo antes que você construa essa ponte, Sr. Mead, pois esse eterno arco-íris irá irritar a cidade, e o que você tem em mente é tão maior do que qualquer coisa que já foi vista antes, e você sabe muito bem que as pessoas não gostam de se sentir pequenas ou de serem deixadas para trás enquanto a dobradiça do futuro é colocada em seu devido lugar por alguém como você. Antigamente, eles queimavam as manufaturas e prendiam seus filósofos naturais. Hoje em dia, eles acham que têm o dever de amarrar os construtores no chão e humilhá-los com o cheiro do chão. E eles adoram fazer isso, sem qualquer reserva.

— Eu odeio essa gente! — gritou Jackson Mead, erguendo-se até o topo da sua estatura, andando de um lado para outro.

— Eles não entendem que temos ordens a seguir. Não posso simplesmente me recusar a construir essas coisas: é a minha responsabilidade. Todos os motores, pontes e cidades que construímos não são nada em si mesmos. São apenas marcadores daquilo que entendemos como o tempo — como a separação das notas na música. Por que as pessoas resistem a elas? São símbolos e produtos da imaginação, que é a força que garante a justiça e impulso histórico em um mundo imperfeito, porque, sem

imaginação, não teríamos os recursos para desafiar a certeza, e nunca poderíamos nos elevar acima do patamar onde já estamos. Mas veja! Já colocamos as rodas para girar. Seu progresso nos impele adiante em igual proporção, e, quando eles se elevarem, nós também nos elevaremos. Uma elevação como essa, Sr. Marratta, marcará o fim da história como a conhecemos até hoje, e o começo da idade que a imaginação sempre conheceu. As máquinas desafiam a certeza muito bem. Elas não deveriam ser capazes de se mover. Mas se movem. Elas giram, se movem, e nunca param — sempre há um motor funcionando em algum lugar — como gerações de corações de prata que mantêm a fé do mundo e atiçam a imaginação em sua rebelião esplêndida e contínua.

— Mas o que me diz dos corações reais daqueles que atravessam o seu caminho? — perguntou Hardesty. — Não há nada maior do que aquilo que pode ocorrer nesses corações humildes. O menos nobre dentre eles é capaz de erguer mil pontes sobre mil rios.

— Nos corações deles existe o potencial de derrubar mil pontes. No meu coração há a veracidade de construir uma. Qual das opções tem mais mérito?

— O mundo precisa de ambos, igualmente.

— Não vou negar isso. Talvez a vontade dessas pessoas seja mais justa que a nossa. Na realidade, eu sou um servo deles. Mas, para sê-lo, primeiramente eu preciso agir como mestre. Além disso, não tenho qualquer escolha nessa questão, não é? Tudo isso já aconteceu antes. Eu e eles lutaremos como cães. Mesmo assim, eu acabarei vencendo. A vontade mais forte é a que prevalece, porque os ossos do mundo são feitos de rocha e aço.

Jackson Mead interrompeu o passo e ficou diante de Hardesty. Os dois cachimbos produziam colunas iguais de fumaça branca. Ele questionou Hardesty:

— Como você soube de tudo isso?

— Uma dúzia de repórteres passou quatro meses investigando o caso, mas, no final, a solução surgiu por acidente. Eu encontrei a estátua de Joseph Strauss, o engenheiro-chefe da ponte Golden Gate. E, quando olhei nos olhos dele, era você que estava olhando para mim.

— Uma coincidência. Eu conheci Strauss. Nós dois éramos parecidos quando eu era mais jovem, embora não tanto quanto agora.

— Seja como for — respondeu Hardesty. — Eu consegui descobrir o que você quer dizer com “arco-íris eterno”.

— Os outros sabem?

— Não.

— E de que lado você está? Com Praeger de Pinto ou comigo?

— Não sei. No momento, as coisas parecem estar equilibradas, e estou inclinado a deixá-las assim. Gostaria de saber o que há naquele navio que você trouxe até a cidade e ancorou no porto.

— As ferramentas e materiais para construir a ponte.

— Não creio que sejam do tipo convencional.

— Você tem razão.

— Como vai chamá-la?

— O nome não é importante, mas vamos chamá-la de Ponte de Battery.

CAVALO BRANCO, CAVALO NEGRO

Enquanto Hardesty Marratta e Jackson Mead discutiam o futuro, a cidade continuava seguindo seu rumo silencioso. Praticamente imunes às mudanças da estação e esquecidas pela história, as pessoas da cidade dos pobres lutavam para sobreviver dentro de um império atemporal que se estendia de Manhattan até o mar, sobre terrenos forrados por tijolos onde as fábricas se erguiam como cidades muradas e cuspiam flâmulas serpenteantes de fumaça preta das suas chaminés. Por mais que Hardesty Marratta e Jackson Mead discutissem sob a perpétua luz de março da galeria do museu, a cidade dos pobres continuava sendo a mesma, e sempre seria. Era uma arma pronta para disparar, uma escopeta na boca daqueles que não achavam que precisavam ficar de joelhos para chegar aos céus, mas imaginavam que chegariam lá de cabeça erguida, em alguma máquina dotada de rodas.

O cavalo branco sobreviveu no moinho por mais de quatorze meses, durante os quais a sua vida se estendeu mais do que a de muitos dos seus mestres, e ignorou muitas oportunidades de fugir. Enquanto marchava em círculos hipnotizantes, acabou por perder a noção do tempo e passou a acreditar que estava dando corda num mecanismo eterno, do qual outros companheiros dos campos estrelados foram transformados em aprendizes durante muito tempo. Como o moinho que macerava o sal do mar, a trave à qual o cavalo estava preso tinha de continuar girando. Ele pensava que estava quase terminando, e queria ver seu combate contra a infinidade chegar ao fim. Trabalhando no moinho para conseguir acabar consigo mesmo de modo que pudesse retornar ao local de onde viera, ele continuou a girá-lo, e se recusava a morrer.

Às vezes, nos horários mais estranhos, e como a cidade dos pobres havia sido desligada do relógio que marcava a passagem dos dias e das noites fazia muito tempo, cabeças surgiam por trás da cerca de madeira que escondia Athansor de um beco que ele não podia ver. Crianças olhavam para ele. Bêbados pareciam estar admirados porque ele tinha a ousadia de ser um cavalo. Criminosos em fuga, ou aqueles que haviam acabado de roubar uma bolsa, sorriam como se quisessem indicar que ele era um dos seus. As cabeças podiam surgir de repente, às quatro da manhã ou ao meio-dia, e com frequência conversavam com ele. Talvez por presumir que Athansor estava num patamar mais baixo do que eles, aquelas pessoas agiam da pior forma possível — eram cruéis, vulgares e vulneráveis, tudo ao mesmo tempo. E a coisa mais espantosa sobre essas marionetes era que o que elas diziam e faziam era totalmente inconsequente. Ele chegou até mesmo a desejar que uma cabeça surgisse por trás da cerca e lhe desse algo com o qual valesse a pena se preocupar.

Embora não chegasse a ser um desejo muito intenso, ele lhe foi concedido. Aquele outubro foi extraordinariamente frio, e todos sabiam que o inverno que se aproximava seria apocalíptico. Certa noite, quando o vento norte transformou a água da chuva acumulada nos barris em gelo, Athansor estava, como sempre, preso à trave do moinho e andando em círculos. Passando pela cerca, sentiu que alguém o observava. Deu outra volta. Embora o cavalo branco não houvesse parado uma única vez nos últimos quatorze meses, o homem que olhava para ele por trás das tábuas da cerca o deixou imóvel. Suas narinas se dilataram e seus olhos recuaram para dentro das órbitas.

Ainda preso à trave do moinho, ele quebrou as amarras e a própria trave quando se empinou sobre as patas traseiras, e urrou como um cavalo de batalha. Mas, embora seus cascos voassem, seus olhos se iluminassem e o chão tremesse, ele não assustou o homem que estava com os cotovelos apoiados sobre a cerca.

O intruso sorriu, e seus olhos ficaram elétricos, perfurando a carne de Athansor como se fossem brocas. Faíscas voaram e o vento trouxe o trovão.

— Você não sabe há quanto tempo eu o procuro, cavalo — disse ele. O homem ergueu a mão esquerda, com os dedos abertos e o polegar contra a palma. — E, agora que eu o encontrei, espero que esteja devidamente surpreso.

Athansor se livrou das correias que restavam em seus arreios e avançou contra a cerca, quebrando as tábuas e derrubando não somente Pearly Soames, mas também um enorme contingente malvestido que estava atrás dele.

— É isso mesmo, seu bastardo de mármore — disparou Pearly enquanto Athansor galopava para longe, em meio aos terrenos cobertos por tijolos castigados pelo vento e as florestas de árvores mortas e lascadas. — Vá encontrá-lo para mim. Leve-me direto até onde ele está.

Nevou no dia 20 de outubro. Não foi uma nevasca inclemente, mas também não foi somente uma fina camada branca que cobriu as plantas. O chão estava coberto com quase cinquenta centímetros de neve branca e fresca que não derretia, como geralmente aconteceria no início do outono, mas permanecia corajosamente no lugar enquanto um sonho paralisante sobre a possibilidade de que a temperatura chegasse ao zero absoluto vinha do Canadá e transformava o céu do inverno em um arco frágil e azulado. As máquinas que limpavam a neve estavam presas em suas garagens e sem manutenção, e as ruas continuaram cobertas pela neve depois que o Prefeito de Arminho decretou que ninguém jogasse sal grosso ou areia sobre as ruas ou calçadas.

— Ora — começou ele, em um magnífico gesto pré-eleitoral. — Se a natureza acha que este lugar é o Yukon, vamos aceitar seu julgamento. A neve não será perturbada, todas as escolas permanecerão fechadas enquanto ela não derreter e os funcionários

públicos, com exceção daqueles que trabalham em serviços essenciais, não precisarão ir trabalhar.

Mesmo que desejasse apenas parcialmente satirizar o decreto do Prefeito de Arminho, Praeger de Pinto fez uma declaração prometendo que, se fosse eleito prefeito, a cidade teria os mais belos invernos de toda a sua história, que a neve branca e os céus azuis estariam por todos os lados por vários meses, que trenós e esquis se transformariam em meios de transporte convencionais, que os cavalos voltariam às ruas, que todas as casas teriam lareiras, que as noites negras cintilariam com estrelas, que os patinadores teriam todos os rios apenas para si, fogueiras arderiam nos parques, as bochechas das crianças ficariam mais vermelhas do que framboesas e que a neve cairia quase incessantemente, em estonteantes danças e valsas de inverno que fariam a população saltitar de tanta felicidade.

Atordoadas no começo, e depois hostis, as pessoas começaram a acreditar nele. Chamavam-no de “Apóstolo do Inverno”, “Rei das Neves” e “Papai Noel”.

Praeger podia ser muitas coisas, mas não era ganancioso. Queria ganhar a eleição, mas não estava disposto a acabar consigo mesmo para isso. Assim, sua campanha se tornou pouco ortodoxa, mesmo para o azarão mais improvável entre os azarões. Embora Craig Binky o apoiasse, a população estava passando por uma de suas ondas periódicas de ressentimento em relação ao seu editor preferido e não dava muita importância ao fato de que o rosto sorridente de Praeger estivesse exposto por toda a extensão do *The Ghost*, ou que Craig Binky aparecesse nos noticiários da televisão para declarar de maneira hipócrita: — Votem de acordo com sua consciência. Votem de Pinto.

Praeger começou a campanha com 6% de intenções de voto. O candidato independente Crawford Bees IV tinha 13%, e o Prefeito de Arminho contava com 81%.

Longe de desanimar Praeger, aquelas pesquisas serviram para deixá-lo ainda mais inflamado, e, por sua vez, ele começou a inflamar os eleitores. Enquanto a maioria dos políticos, incluindo o Prefeito de Arminho, prometia prontamente coisas que nunca seria capazes de cumprir, tais como ruas limpas ou ausência de crimes, a abordagem de Praeger era diferente, e isso lhe dava vantagens enormes sobre os outros. O Prefeito de Arminho poderia abordar um grupo de pessoas e dizer que aumentaria o número de policiais nas ruas em 30%, intensificaria a coleta de lixo e diminuiria os impostos. Claro, todos sabiam que, no próximo mandato, independentemente de quem estivesse no cargo, o contingente da polícia nas ruas seria 30% menor, as pilhas de lixo ficariam cada vez maiores e os impostos aumentariam. Mas eles aplaudiriam assim mesmo.

Em seguida, Crawford Bees IV proclamaria outro conjunto de números, e eles o aplaudiriam educadamente também.

Mas, depois, era a vez de Praeger de Pinto se levantar. Ele nunca falava sobre o lixo, a eletricidade ou a polícia. Falava apenas sobre o inverno, cavalos e a vida no campo. Falava quase hipnoticamente sobre o amor, a lealdade e a estética. E, quando pensavam que ele estava começando a parecer um pouco fútil, ele subitamente ficava muito firme, com o típico estilo da rua Havemeyer, e fuzilava o prefeito por conspirar com Jackson Mead. Desferia golpes baixos, exatamente nos pontos mais dolorosos. Era terrivelmente cruel (e as pessoas adoravam isso). Em seguida, voltava ao seu mundo de luzes para fazer a multidão se curvar e orar, saudosa da pureza do inverno. Prometia-lhes encontros amorosos e corridas de trenós, viagens sobre esquis pelas principais avenidas e as nevascas esmagadoras que sopravam do lado de fora e faziam os corações dançarem.

Eles pensavam, ou pelo menos se dizia na época, que, se tivessem de ouvir mentiras, pelo menos que escolhessem o melhor mentiroso. Como Praeger de Pinto conseguia deixá-los de queixo caído e coração acelerado quando descrevia o seu mundo, avançou lentamente nas pesquisas de intenção de voto. O Prefeito de

Arminho entrou em Pânico e fez declarações ferozes sobre o lixo e os impostos. Praeger não se deixou abalar e continuou devaneando com um magnetismo sem paralelo, encantando o eleitorado com suas visões sobre a justiça e o paraíso.

— Não podemos ir para as Coheeries. Pelo menos, não hoje. As estradas ao norte estão bloqueadas, e as ferrovias estão bloqueadas porque os trens limpa-trilhos ainda estão sendo reequipados — relatou Hardesty quando retornou a Yorkville em um sábado gelado de outubro, depois de esquiar por toda a cidade em busca de informações.

— Quem se importa com trens? — perguntou Virgínia, desdenhosa.

— Tem alguma outra sugestão? — retrucou ele.

Ela o encarou como se Hardesty fosse um idiota e respondeu:

— Vamos de trenó.

— Trenó?

— Sim. O fato de não funcionarem em São Francisco não significa que eles não funcionam aqui.

— Você andou prestando atenção demais aos discursos de campanha de Praeger. Aposto que até mesmo vai votar nele.

— É claro que vou — rebateu ela. — E você também vai. Agora, vá lá fora e consiga um trenó. Vou preparar as crianças.

— Que trenó? Onde eu vou conseguir um trenó? — questionou ele.

— Isso é problema seu, mas não se esqueça de arranjar também um cavalo para puxá-lo, além de feno, aveia e um cobertor para o cavalo. Podemos passar vários dias na estrada antes de chegarmos à hospedaria de Fteley.

— Fteley?

— Ande logo! — comandou ela.

Ele retornou ao cair da noite com um belo trenó equipado com arreios macios e esquis prateados reluzentes. Conduzindo o trenó havia uma égua esbelta, negra como a obsidiana.

— Não podemos partir agora — informou ele a Virgínia. — Vai escurecer dentro de poucas horas.

— É assim que se faz as coisas — afirmou ela. — À noite, quando a lua cheia está no céu e o mundo fica branco.

Abby estava escutando aquela conversa, e decidiu que não iria participar de nada que estivesse relacionado ao Lago das Coheeries ou a viagens noturnas de trenó. Ela foi até a cozinha, pegou cinco bolinhos e duzentos gramas de chocolate em pó que estavam em um armário e escondeu-se na prateleira mais alta do armário de roupas de cama, onde pretendia ficar até chegar a época de ir à faculdade.

— Onde está Abby? — perguntou Hardesty a Martin.

— Não sei — respondeu Martin. Embora soubesse exatamente onde sua irmã estava, não queria que o esconderijo fosse revelado, já que fora ele que o descobrira primeiro.

Procuraram freneticamente por Abby durante duas horas. Pensaram que ela havia caído da sacada, mas, obviamente, aquilo não acontecera. Foram até os apartamentos vizinhos, às lojas do bairro e olharam até mesmo no armário das roupas de cama, mas ela havia se escondido no fundo da prateleira mais alta, atrás de uma muralha de travesseiros, e não respondeu quando Martin chamou seu nome — embora soubesse que ele tinha noção de onde ela estava.

Após algum tempo ela começou a sentir muita fome, e eles a pegaram saindo da cozinha com um pedaço fresco de massa de biscoito nas mãos. No momento em que os viu, ela deu meia-volta e saiu correndo, gritando:

— Não quero ir!

— É por isso que não conseguimos achar você? — gritou Hardesty. — Você estava se escondendo?

— Não quero ir! — gritou ela novamente, e escondeu-se embaixo da mesa da cozinha, onde era capaz de ficar em pé sem precisar baixar a cabeça.

— Lamento, mas você terá de vir conosco — afirmou seu pai, agachando-se. — Agora saia daí, porque temos de vesti-la com o seu casaco para neve antes que fique muito tarde.

— Não.

— Abby. Venha aqui! — ordenou ele, estalando os dedos.

A menina estava aterrorizada, mas se recusava a sair de debaixo da mesa.

— Vou entrar aí embaixo para pegar você — ameaçou ele, fingindo estar irritado dessa vez, porque a expressão no rosto da filha, com o seu pequeno vestido amarelo em forma de sino e seus olhos de um azul intenso, cheios de rebeldia, o emocionou muito. Mesmo assim, ele ficou de joelhos e estendeu os braços debaixo da mesa. Ela jogou a massa de biscoito nele, e errou o alvo. A massa deslizou pelo piso da cozinha. Logo depois, Hardesty a agarrou. Em dois minutos ela estava enfiada no traje para neve, agarrada a Teddy, seu coelho de pelúcia cinzento de olhos vermelhos e roupa de algodão, um presente dado por Harry Penn.

Eles encheram o trenó com provisões e presentes para a Sra. Gamely, e subiram no assento dianteiro. Hardesty tomou as rédeas; Virgínia sentou-se ao seu lado, com Abby em seu colo; e Martin estava sentado na parte externa, com uma chibata curta em sua mão e instruído para nunca bater na égua; devia apenas tocá-la nos quartos traseiros quando Hardesty dissesse. Abby estava embrulhada em um casulo forrado com peles e plumas de ganso. Seu rosto pequeno estava circundado por um capuz forrado com pelos prateados, como o de uma menina esquimó, e seus olhos corriam de um lado para outro, antecipando a partida. Vestido como o filho de um casal de nômades, Martin estava coberto por roupas

de couro de foca e pele de coiote. Sua mãe usava o casaco de pele de marta, e Hardesty usava novamente o casaco de lã de carneiro que ganhara nas Montanhas Rochosas. Grossos cobertores de lã xadrez os cobriam até a cintura.

— Tudo em ordem? — perguntou Hardesty.

— Sim — respondeu Martin.

Virgínia fez que sim com a cabeça.

— Certo — disse Hardesty. — Para o Lago das Coheeries, então.

Ele fez as rédeas estalarem e o trenó partiu. A égua era forte e estava descansada, e parecia estar louca por um passeio noturno, especialmente porque, sendo uma égua, sabia quanto a lua brilharia naquela noite.

Atravessaram o parque, com os sinos do trenó tocando, e logo chegaram a Riverside Drive, rumando para o norte enquanto o último pedaço do sol desaparecia por trás das Palisades como um lingote de metal derretido, ardendo em chamas. O rio estava estrangulado pelos blocos e pedaços de gelo. Luzes piscavam e lareiras eram acesas nos apartamentos de Riverside Drive quando a família Marratta passou com seu trenó, quase em silêncio, se não fosse pelo som dos cascos da égua e o toque suave dos sinos. Depois de atravessarem as cabines de pedágio desertas, eles cruzaram a ponte Henry Hudson e prosseguiram por ruas que estavam completamente vazias e brancas.

Em um pequeno vale de Westchester entre duas colinas baixas, eles avistaram um brilho no céu. O cavalo acelerou o passo instintivamente, e, quando eles chegaram até uma pradaria de jardins nevados e campos pequenos, viram a lua escondida por trás de um pomar, pronta para escalar um emaranhado de galhos até sua cor de pérolas claras se transformar num branco intenso. Quando o globo frio finalmente repousava no topo dos galhos negros e delicados, parecia estar tão perto que Abby estendeu os braços e tentou tocá-lo.

Em seguida, a lua subiu até o seu lugar habitual, entre as estrelas, e a família Marratta acelerou para o norte por entre as sombras escuras da sua luz esbranquiçada.

Em algum lugar da região de Dutchess, quando a lua alcançou o seu apogeu e as crianças estavam dormindo, eles perceberam que estavam correndo por entre ravinas e lugares escuros como o piche, onde corujas e águias salpicadas pela neve se empoleiravam em afloramentos de rocha e árvores mortas como se fossem os rebordos de alguma fortaleza de fora-da-lei encravada nas montanhas. O caminho estava ficando difícil para uma égua tão elegante, acostumada a puxar carruagens e criada nos estábulos de Belmont.

— Siga pela esquerda naquela bifurcação — orientou Virgínia.

— Você conhece este lugar? — perguntou Hardesty.

— Conheço o terreno. É parecido com as montanhas que levam às Coheeries. Uma estrada como essa tem de descer até o rio. A égua está cansada porque foi criada na cidade e suas pernas são magras demais para correr a noite inteira entre as colinas. Nossos cavalos, com seus corpos musculosos, podem correr por uma semana inteira sem parar, assim como os ursos polares que passam um mês inteiro nadando no mar sem parar, ou as focas que migram do Alasca para o Japão. Se quisermos que ela sobreviva a esta noite, vamos ter de encontrar um caminho mais plano. Vamos levá-la até o rio, que estará congelado.

— Iááá! — gritou Hardesty, algo que não era muito característico no trato com os cavalos daquela região. Agitando as tiras de couro tratado com óleo, ele puxou as rédeas para a esquerda e a égua de Belmont seguiu naquela direção.

Estava ainda mais escuro quando chegaram ao rio, a verdadeira morada das corujas e águias, um lugar assombrado por pios misteriosos e ameaçadores. A égua negra prosseguiu quase como se estivesse nas pontas dos cascos, maldizendo os sinos que revelavam sua posição para os fantasmas com cabeça de abóbora

que viviam entre os despenhadeiros. A única maneira de seguir pela estrada era acompanhar a faixa levemente iluminada do céu por entre as árvores. Os passageiros do trenó e a égua ergueram as cabeças para enxergar a trilha pálida e empoeirada acima. Se houvesse uma parede de tijolos bloqueando a trilha, eles bateriam de frente contra ela, mas a estrada estava totalmente desimpedida, e eles conseguiram navegar sem problemas por entre suas curvas descendentes usando somente as árvores e o céu como referência.

Quando chegaram à margem do rio, eles avistaram uma autoestrada branca sobre o gelo coberto pela neve. Sabendo que o gelo era capaz de aguentar seu peso, a égua avançou diretamente sobre ele, percorrendo a transição entre a terra e o gelo com um pequeno solavanco que agitou o trenó e acordou as crianças. Hardesty assobiou e a égua guinou para o norte. Logo ela estava satisfeita e calma, e encontrou um ritmo que começou a devorar os quilômetros. A neve cobria a maior parte do rio, mas, nos lugares onde o vento a espalhava para longe, lagos estonteantes de gelo prateado refletiam o movimento preciso da lua. As montanhas na margem oeste se estendiam até o horizonte em cadeias brancas que, conforme a lua baixava, pareciam se erguer contra ela como se fossem uma escadaria.

— Olhem — disse Hardesty às crianças, e, quando Abby não conseguiu enxergar, apontou. — Abby, olhe ali. Aquelas montanhas são as escadas que levam à lua. Gostaria de ir até lá? Tudo que temos a fazer é virar à esquerda antes que ela desapareça depois do último degrau...

Enquanto consideravam a oferta do seu pai, os rostos das crianças foram banhados pela luz da lua. Sentada no alto da escadaria formada pelas montanhas, o astro era tão volumoso, perolizado e encantador que elas concordaram silenciosamente. Sim, queriam ir. Abririam mão da terra, que mal conheciam, em troca de um lugar eterno e redondo onde tudo brilhava em tons de creme e prata. Subiriam alegremente a escadaria das montanhas rumo a outro mundo, e ficaram tristes quando a oportunidade

desapareceu. A lua, sempre fiel às suas obrigações, desapareceu por trás das balaustradas glaciais que escureceram após sua partida.

Depois de uma hora na qual a temperatura caiu até os níveis dos reinos cristalinos e o rio se estendeu em uma imensa linha reta que prometia trazer a aurora boreal (se eles estivessem dispostos a segui-la), eles estavam ouvindo satisfeitos o chiado dos esquis do trenó sobre a neve e o gelo, pensando que tudo que lhes restava era encontrar a curva certa, passar pela hospedaria de Fteley e esperar que fossem capazes de penetrar o túnel invisível que encerrava o Lago das Coheeries. Mas ninguém nunca conseguiu chegar facilmente até o Lago das Coheeries.

Eles estavam se aproximando de um dos afluentes do Hudson que vinha de um lugar tão alto entre as montanhas e caía com tanta rapidez que não chegava a congelar. Podiam ouvi-lo a vários quilômetros de distância, e, conforme se aproximavam, viam que ele continuava a correr, mostrando-se como um longo e irritadiço cordão de águas brancas. Não conseguiam tirar os olhos do rio, e não viram que a turbulência das águas criara alguns lagos no meio do gelo. Sem suspeitar de nada, eles galoparam a toda a velocidade rumo a um desses estreitos.

O gelo se partiu debaixo da égua em duas placas brancas que se afastaram dos seus cascos, e o trenó bateu na água com um ruído percussivo. Tanto o animal quanto o trenó flutuaram sobre a água, eretos. O impulso que a égua tomou e os seus instintos fizeram com que ela conseguisse colocar as patas dianteiras novamente em cima do gelo. Ela puxou com todas as forças, subindo sobre o banco de gelo à sua frente, e o gelo aguentou.

Contudo, ela não teve força suficiente para puxar o trenó de volta para cima do gelo, embora se esforçasse bastante. Quando o trenó começou a se encher de água, Hardesty decidiu jogar todas as pessoas sobre o gelo e tentar soltar a égua antes que ela fosse puxada pelo peso do veículo inundado de volta para o rio, foi então que ele ouviu o gelo trovejar atrás de si. Antes que tivesse tempo de

se virar, algo enorme saltou por cima da sua cabeça, e pousou ao lado da égua.

Um enorme cavalo branco surgiu, vindo de lugar nenhum, e puxou a égua para a frente com ele como se a fêmea estivesse presa por um campo magnético. O trenó saltou para cima do gelo antes que Hardesty percebesse o que estava acontecendo, e os dois cavalos começaram uma corrida feroz. Correndo junto com o garanhão, a égua foi capaz de puxar o trenó como se ele fosse um foguete. Os Marratta se curvaram para a frente em meio ao vento frio conforme os dois cavalos, quase uma ilusão em branco e preto, atingiram uma velocidade sobrenatural. Os esquis de aço do trenó brilhavam com o calor e derretiam o gelo por onde passavam. Os cavalos galopavam tão rápido que pareciam estar prestes a destroçar o trenó, que vibrava e estremecia, assustando bastante a pequena Abby.

Em seguida, sem qualquer aviso, viraram à esquerda rumo às montanhas, disparando diante da hospedaria de Fteley com um estrondo e arrancando as portas das suas dobradiças quando passaram, subindo pela estrada com a mesma velocidade que o fariam se estivessem descendo, levantando enormes quantidades de neve atrás do trenó conforme contornavam os cantos altos e desolados da trilha em meio às escarpas.

Subiram até a divisa mais alta e seguiram rapidamente até a imensa planície das Coheeries. Virgínia ficou muito feliz ao enxergar, ao longe, um cordão iluminado com pequenas pérolas — os vilarejos ao redor do lago, suas fogueiras e lampiões ardendo no início da manhã, logo antes do nascer do sol.

Os cavalos os levaram até a planície e galoparam pela estrada. Com certeza, pensavam eles, o cavalo era uma ilusão causada pelo frio e as estrelas que giravam no céu, porque, quando se separou da égua, ele saltou para a esquerda e desapareceu em meio a uma nuvem branca. Mesmo depois que ele se foi a égua continuou a correr até o nascer do sol, quando levou a família Marratta

gentilmente por sobre o oceano tranquilo de campos nevados que margeavam o Lago das Coheeries.

Eles entraram na vila do jeito que os viajantes forasteiros sempre faziam — abalados, exaustos e felizes. Pouco antes de rumar para a casa da Sra. Gamely, passaram por Daythril Moobcot, que estava puxando um pequeno trenó cheio de tocos de madeira.

— Daythril! Como está a minha mãe?

— Ela está ótima — gritou Daythril em resposta. — Espero que você tenha trazido o seu dicionário.

Nova York sempre foi uma cidade destinada a ser governada por almofadinhas, ladrões e homens parecidos com ovos cozidos. Aqueles que se envolviam em sua política eram as pessoas que jogavam gasolina em fogueiras, esfregavam sal nas feridas e levavam brasas a Newcastle. E o seu governo era o epítome do absurdo, um redemoinho de loucuras, um homem moribundo obrigado a subir escadas correndo. A razão para essa condição era mais complexa do que acidental, pois milagres não são calculados sem alguns percalços. Em vez disso, envolvem subjugar uma anarquia aparente e transformá-la em um projeto coerente. Assim como a música deve ser como uma colmeia de abelhas, onde cada nota que segue seu próprio caminho está gentilmente atrelada a um plano maior, a força de um grande império depende dos elementos que acabarão por despedaçá-lo. O mesmo acontece com uma cidade, que, se deseja deixar sua marca no mundo, deve ser corajosa, instável e ingovernável. Uma cidade tranquila com boas leis, bela arquitetura e ruas limpas é como uma classe cheia de retardados obedientes, ou um campo com touros castrados; por outro lado, uma cidade anárquica é uma cidade promissora.

Praeger de Pinto estava convencido de que isso era verdade. Acreditava que as instituições humanas frequentemente mostram seu maior brilho no momento em que sua decadência cresce. Assim, não se deixava impressionar pela anarquia ou a loucura de uma cidade que não conseguia nem mesmo alcançar seu desejo

aparentemente mais distante, que era imitar o inferno. E estava determinado a mergulhar de cabeça na corrupção da política da cidade como um ferro em brasa em um barril de água, e fervê-la até que secasse. Quanto mais as campanhas amadureciam, menos ele se importava com a ideia inicial que gerou a candidatura ou com Jackson Mead. Agora ele percebia que a cidade estava indo de encontro a uma tempestade, quando, na virada do milênio, as leis confrontariam as leis e os direitos confrontariam os direitos. E queria guiar a cidade por entre essa passagem tumultuada até chegar às águas calmas que existiam mais além.

Se suas suposições estivessem corretas, e a grande batalha conseguisse encontrar sua orientação no meio da desorientação, ele teria de fazer o mesmo. Essa era a lógica por trás da sua estratégia de abandonar os métodos tradicionais e usar o inverno como tema de campanha. Seria muito desonesto, pensou ele, vencer a eleição por meios convencionais, e depois embarcar em um mandato não convencional como aquele que vinha planejando. Em vez disso, ele se arriscaria a se indispor com o eleitorado contando a verdade nua e crua, em toda a sua plenitude abjeta.

— Broches de campanha? — perguntou ele ao seu coordenador de campanha. — Isso é desperdício de dinheiro. Aqui, mande imprimir isto: “Esta é a minha opinião a respeito de broches de campanha. Nenhum broche do candidato De Pinto será fabricado para esta ou qualquer outra eleição. Qualquer um que consinta em usar seu corpo (sem receber pagamento) como outdoor ambulante é um tolo que espera participar do fenômeno degradante de influência e coerção em massa, e não pretendo tomar parte nisso. As pessoas que usam esses broches têm a cabeça tão vazia quanto as mulheres que usam os próprios seios para ganhar dinheiro. Não quero os votos desse tipo de gente”.

— E o que diremos, Sr. De Pinto, sobre a Mansão Gracie?

O Prefeito de Arminho quase havia perdido a última eleição para o conselheiro Magiostra depois que o conselheiro prometera morar em seu barraco no Bronx em vez da mansão oficial.

— Não pretendo morar lá.

O coordenador de campanha suspirou aliviado, porque o Prefeito de Arminho já estava tirando seus pertences da mansão e havia alugado um lugar pequeno e prestigioso no Boulevard Madre Cabrini.

— Usaremos a Mansão Gracie como centro de conferências — anunciou Praeger. — Será ótimo fazer conferências ali, com vista para o hospital Bird S. Coler e aquela bela fábrica de cestos de vime. Mas eu não quero morar ao lado de nenhuma maldita fábrica de cestos de vime.

— Isso é ótimo. Vamos arrancar esse cavalo de debaixo do Prefeito de Arminho.

— Certo. Há muito dinheiro proveniente de impostos nesta cidade. O prefeito da maior cidade do mundo deveria ter um lugar adequado para morar, um lugar que tem algo a ver com o principal tema presente na arquitetura da cidade. Vamos pegar um pouco desse dinheiro dos impostos, talvez um bilhão, e construir um palácio prefeitural. Podemos comprar os andares mais altos e os direitos sobre de circulação e construção da área que existe acima de quatro ou cinco arranha-céus, ligá-los por vigas de sustentação e usar a plataforma que criamos para formar a base e os jardins de uma estrutura pequena, aérea e inspirada em Versalhes. Mas... o que é que eu estou dizendo? Não precisamos comprar arranha-céus. Podemos usar o direito de desapropriação e simplesmente tomá-los.

— Mas... as empreiteiras e os fundos imobiliários! Eles nos deram a maior parte do dinheiro para a campanha!

— Eles que vão para o inferno — esbravejou Praeger. — Devolva tudo. Se já gastamos tudo, pague em notas promissórias. Esse pessoal das imobiliárias e empreiteiras não passam de um bando de milionários pomposos — especialmente Marcel Apand. Fico enjoado só de ver aquela bandeira dele, com o punho do gorila, tremulando no alto de metade dos prédios dessa cidade. É hora de falar a

verdade sobre essa gente, e sobre Apand em particular. São corruptos e mercenários. Agende uma entrevista coletiva com a imprensa.

— Mas... os banqueiros! Não podemos devolver as nossas notas promissórias. O senhor já condenou os banqueiros.

— Eles bem que merecem — afirmou Praeger. — Aqueles sanguessugas desgraçados. Vou condená-los outra vez.

— Pelo menos essa será uma medida populista. As pessoas adoram políticos que atacam os banqueiros. Se não for específico demais, talvez o senhor consiga executar essa manobra.

— Populista? Eu acho que todos os malditos marimbondos gananciosos que vendem suas almas para comprar carpetes que vão de uma parede à outra e televisões em cores merecem ser explorados sem piedade. Eles e os banqueiros foram feitos uns para os outros.

O coordenador de campanha estava bastante perturbado, e tamborilou os dedos no cantil de uísque que trazia no bolso.

— Você está dizendo que, quando condenar os bilionários, vai incluir o Sr. Binky na sua lista?

— Já não é hora de darmos nome aos bois?

— Craig Binky é o seu principal apoiador.

— Não o superestime.

— Sr. De Pinto, ninguém vai votar no senhor.

— Votarão, sim. Votarão em mim porque eu digo a verdade.

— Mas o senhor nem sempre diz a verdade. Às vezes mente como um cachorro.

— E eles votarão em mim porque sou o melhor mentiroso, porque eu minto honestamente, com certa *finèsse*. Eles sabem que verdades e mentiras são coisas muito próximas, e que há algo muito bonito entre essas duas coisas. Quando minto para eles, à minha

maneira, confio simultaneamente a eles a minha compreensão e a dor pela condição em que se encontram, a esperança que tenho neles e meu desprezo pelos eternos problemas que nunca são resolvidos. Isso me torna um deles. Afinal de contas, eu sou um deles. Você verá em quem eles votarão.

— Tudo bem, tudo bem — disse o coordenador de campanha. — Não tenho condições de debater filosofia com o senhor. Entretanto, há uma questão prática que eu queria discutir.

— E o que seria?

— O seu próximo comício.

— E qual é o problema?

— Quem diabos vai a um comício no parque The Cloisters? O objetivo de um comício é juntar uma massa de pessoas para que as câmeras de TV possam mostrá-las enquanto você discursa. Duvido que muitas pessoas queiram ir ao The Cloisters ao raiar do dia, com a temperatura em doze graus negativos, para ouvir as suas denúncias. Por que não faz o comício na hora do almoço, em Grand Central Station ou em Foibles Park?

— Veja bem — disse Praeger, inclinando-se para a frente. — Não se pode forjar essas coisas. As sementes caem onde têm de cair.

— Mas este é um dos três comícios que o senhor programou. É um desperdício de... Pelo menos deixe-me programar mais alguns!

— Não. Eu odeio comícios. Se há uma coisa que eu não suporto, é uma multidão.

Depois que seu chefe de gabinete se retirou, quase aos prantos, Praeger se recostou no banco de madeira que era a única mobília em seu comitê de campanha (ele ainda não havia se decidido em relação a instalar ou não um telefone). Ficou preenchido com uma certeza profunda e inabalável de que estava a caminho da vitória. Se estivesse concorrendo em Chicago, Miami ou Boston, provavelmente não teria essa sensação. Mas Nova York era como um cavalo desgarrado que levou uma ferroada de abelha. A única

maneira de agarrar esse cavalo, de acordo com o que Praeger pensava, era segui-lo enquanto ele corria e aumentava a sua velocidade — exatamente o que ele pretendia fazer com a cidade improvável que queria liderar, porque a amava de uma maneira improvavelmente intensa.

O comício no parque The Cloisters foi feito ao amanhecer de um dia frio e de céu claro. Praeger ficou em pé por meia hora observando o rio ganhar vida em azul e branco conforme o sol da manhã atingia o gelo acumulado e depois a água. O número de pessoas que compareceu foi baixo, já que ninguém apareceu, nem mesmo seus auxiliares ou cabos eleitorais, e muito menos repórteres ou espectadores. Na verdade, como fazia tanto frio e o sol ainda tinha de batalhar contra as sombras que permeavam os espaços entre as árvores, o parque Fort Tryon, que sempre tinha muitos animais, não enviou um único esquilo, pombo ou roedor politizado para se sentar em uma mureta e escutar o candidato, ou para abrir frestas na neve com seus dentes ou bicos no que Craig Binky descreveria como “um glorioso café da manhã para levantar fundos para a campanha, assistido por apoiadores vestidos com peles de luxo”.

Praeger estava completamente sozinho. Sem se deixar abalar, ele deu início a um belo discurso político que não era simplesmente elegante e melífluo, mas brilhante em sua análise de um amplo espectro de problemas políticos. Esse foi o discurso no qual suas qualidades como técnico, estadista e historiador do presente seriam observadas com maior clareza. Qualquer um que o ouvisse acabaria se convencendo de que votar em De Pinto garantiria uma administração precisa, benevolente, cuidadosa e responsável dos assuntos da cidade. Os banqueiros e magnatas do mercado imobiliário adorariam o panegírico. Tinha todas as belezas da estabilidade e nenhuma das suas desvantagens. Aqui, finalmente, estava a síntese correta. Ele não falava nem do inverno e nem do Armagedom. Em uma manhã fria e ensolarada, suas habilidades e o seu bom senso se combinavam no tipo de apelo político que é, ao mesmo tempo, invencível e tecnicamente impecável.

Quando terminou, ficou chocado ao ouvir aplausos. Um homem de cabelos ralos com um bigode aparado em estilo antigo estava em pé no meio da neve, não muito longe. Parecia-se com um mecânico habilidoso, o que correspondia à verdade, é claro. Praeger imaginou que o homem viera ao parque para passear com seu cachorro.

— Não tenho cachorro — disse Peter Lake. — E, se tivesse, eu não o traria até aqui em uma manhã tão fria. Vim para ver você.

— Está falando sério? — perguntou Praeger, espantado.

— Isso mesmo. Você fez um belo discurso, pelo que percebi. Gostei do que você falou sobre o inverno. Não sei se devo acreditar ou não, mas não parece importante o fato de ser verdade, se é que você me entende. A música é verdadeira? Não se pode dizer se é ou não é, e mesmo assim nós depositamos nossa fé nela. Eu deposito. Ou, pelo menos, eu costumava fazer isso, mas não me lembro de quando o fiz. Mas, ultimamente, a minha mente está ficando mais clara, e eu me lembro de certas coisas — confessou ele. — Coisas como refrãos em um piano. Mas não consigo me lembrar de onde os ouvi. Está me entendendo?

— Não.

— É como se eles viessem do passado, como se o passado fosse uma luz que surge por entre as trevas. Eu o sinto com muita força, mas não consigo vê-lo, não consigo me lembrar. Mas há um piano tocando ali, com certeza. Fico feliz por vê-lo sozinho, senhor — continuou ele. — Perceba, o que estou tentando dizer é muito difícil. Mas as coisas estão ficando mais claras nesta última semana, e eu estava imaginando se... talvez... bem, deixe-me dizer isso de maneira direta. Você é um de nós? Digo, nós somos a mesma coisa?

— Um maçom? — perguntou Praeger, confuso. — Não sou um maçom, se é isso que você quer dizer.

— Não, não é isso que estou perguntando — explicou Peter Lake, balançando a cabeça negativamente e tentando outra vez. — É mais pessoal e mais importante do que isso.

— Se eu sou gay? Certamente que não.

— Não, senhor. Não estou querendo saber sobre essas coisas.

— O que quer saber, então?

— De onde você vem? — perguntou Peter Lake, olhando-o nos olhos.

— Eu nasci no Brooklyn.

— Em que era?

— Nesta era.

— Tem certeza? Porque... bem, eu acho que não nasci nesta era. E a maneira como você fala sobre invernos me faz acreditar que você também não nasceu, porque descreve como o futuro aquilo que foi o passado. Eu sei. Já estive lá.

— Eu...

Peter Lake ergueu a mão.

— Não se preocupe — disse ele. — Está tudo bem. Votarei em você, embora não tenha certeza de que estou registrado. Vou me registrar em Five Points, e votarei uma dúzia de vezes em você. Estou muito agradecido, porque, depois que você começou a falar sobre o inverno, eu comecei a ouvir o piano — e ver que o passado está se iluminando à nossa volta. Achei que talvez você pudesse me ajudar mais, mas você já ajudou bastante.

— O que é que o piano está tocando?

— Bem, eu... eu não saberia dizer, mesmo que conseguisse ouvir com clareza.

— E quem é que está tocando?

— Receio, senhor, que eu não tenha a menor ideia. Mesmo assim, seja lá quem for, está tocando muito bem.

Pessoas solitárias têm um entusiasmo que nem sempre pode ser explicado. Quando alguma coisa lhes parece engraçada, a

intensidade e duração do seu riso é um espelho da profundidade da sua solidão, e elas são capazes de rir como hienas. Quando algo mexe com as emoções dessas pessoas, corre por seus corpos como fez Paul Revere quando precisou avisar a milícia colonial sobre a chegada das tropas britânicas antes das batalhas de Lexington e Concord. A pobre Sra. Gamely estava sozinha havia vários anos. Quando se viu subitamente diante da sua filha e de uma família nova e completa que agora também era sua, ela mal conseguiu absorver o choque, e se desfez em uma tempestade de choro.

Virgínia abraçou sua mãe e chorou também. Logo depois, as crianças começaram a chorar como filhotes de gato, embora não soubessem exatamente por quê. Até mesmo Hardesty, tocado pelo amor entre mãe e filha, lembrou-se dos seus pais e teve de lutar para conter as lágrimas.

Mas o choro continuou por muito tempo depois que os olhos de Hardesty estavam secos, e, quando o relógio bateu o quarto de hora (até mesmo os sinos do relógio provocavam novas ondas de choro nas mulheres e crianças), ele começou a andar de um lado para outro, impaciente, esperando que terminassem.

— O que é isso? — perguntou ele. — O sistema de distribuição de água da cidade?

Em seguida, ao ver o terno cinza em tom de carvão de Virgínia por dentro das dobras do sobretudo que ela usava, ficou tão emocionado pela versatilidade entre a jornalista urbana vestida com uma saia e um paletó elegantes e a filha das Coheeries totalmente à vontade no interior que colocou seus braços ao redor dela, afastou os cabelos do seu rosto avermelhado pelo choro e beijou-a com tanta afeição que o coração da Sra. Gamely ficou leve como um balão de ar quente.

Naquela noite as crianças mal conseguiram dormir. A ansiedade delas por acordar e ver o Lago das Coheeries sob a luz do dia era mais forte do que a ansiedade pelo Natal, e, como esperavam, logo

se perderam em meio à beleza dos dias azuis do inverno no lago e noites frias que não tinham começo e nem fim. Como era um bom marinheiro, Hardesty não demorou para aprender a manejar um barco corta-gelo. Eles geralmente embarcavam no Katerina, o maior e mais lento dos barcos; enchiam-no com provisões e cobertores e saíam no início da manhã para navegar pela imensidão do lago. As crianças dormiam no colo das mulheres até que o sol estivesse forte, e quando acordavam ficavam maravilhadas ao ver que não havia nada além de céu azul e gelo liso como um espelho, sobre o qual sobrava uma nuvem quase invisível de flocos de neve. A enorme velocidade do vento arrancava a beleza dos flocos de neve, e eles passavam em disparada pelos passageiros como pedaços de vidro resplandecente em uma nuvem que se parecia com uma bandeira caída.

Nessas expedições eles deslizavam sobre o gelo por horas, até estar tão distantes de qualquer afloramento de terra firme ou qualquer outro barco que poderiam até mesmo ser as únicas pessoas no mundo. Ao meio-dia, eles baixavam a vela e enterravam os freios do barco sobre o gelo. Com o Katerina entre eles e o vento norte, e o sol brilhando em seus rostos avermelhados, a família armava uma fogueira em uma caixa cheia de areia e fervia um caldeirão cheio de um cozido espesso e borbulhante. Comiam o cozido com bolinhos amanteigados quentes e o chá dos índios Algonquinos. Poderiam patinar no gelo por algum tempo (Hardesty e Martin jogaram uma partida informal de hóquei e descobriram que Virgínia conseguia facilmente roubar o puck dos dois, e mantê-lo sob seu controle por tanto tempo quanto quisesse) ou fazer um buraco no gelo para, em dez minutos, apanhar tantos salmões, percas e trutas quanto quisessem. Depois, empilhavam os peixes, perfeitamente congelados, na forquilha de brandal do Katerina. Ou poderiam simplesmente velejar rumo ao infinito, perfeitamente felizes por viajar por centenas de milhas em meio a um mundo sedutor de gelo e sol que pertencia somente a eles. Geralmente, no dia seguinte à sua partida, após passarem a noite enrolados nas colchas e cobertores mais macios, eles voltavam para casa depois

do escurecer — navegando a esmo por sobre o gelo estrelado. A Via Láctea era tão brilhante que a Sra. Gamely os avisou para não olharem para as estrelas por muito tempo:

— O velho Barrow Moobcot, avô de Daythril Moobcot, ficou cego quando fez isso — declarou ela. — Esta noite, se a lua surgir no céu, vamos precisar de óculos escuros.

Eles se entregaram às estrelas da mesma forma que os nadadores podem se entregar às ondas, e as estrelas os receberam sem resistência. Os dias e noites sobre o gelo transformaram as crianças para sempre. O vilarejo às margens do Lago das Coheeries se erguia sobre o horizonte de gelo como um cordão luminoso incrustado nas colinas brancas que ficavam ao lado do lago como um garanhão deitado sobre o feno. Em seguida, Hardesty apontava o Katerina na direção da luz mais forte e saía em disparada. Embora as crianças adorassem a corrida de volta para casa, queriam ficar no lago para sempre.

Conforme o tempo avançava, tomando os dias dourados e as noites prateadas para entremeá-los em uma trança delicada, eles esquiavam e passeavam de trenó nas colinas e florestas de pinheiros e abetos. Em seguida, iam até a hospedaria para se divertir com danças como o Grapesy Dandy e o Birdwalla Shuffle. Faziam o doce tradicional de bordo das Coheeries em forma de lua crescente, e passavam horas e horas sentados enquanto a lua verdadeira, os planetas e as estrelas ditavam os horários, e a lenha queimava tranquilamente no fogão. O galo da Sra. Gamely, Jack, chegou perto de aprender a jogar damas com Martin, mas nunca conseguiu entender o conceito de promover uma peça a dama quando ela atingia o lado oposto do tabuleiro.

Certa noite o frio chegou bem mais intenso do que o habitual. Um vento ártico veio do norte e cobriu o vilarejo com uma grossa camada de gelo. Conforme a casa da Sra. Gamely se acomodava aos cinquenta graus negativos que congelavam o mundo exterior, a estrutura rangia como se fosse um navio no mar. A casa tinha um bom isolamento, mas um jato de ar que entrasse por um buraco do

tamanho da cabeça de um alfinete era o bastante para resfriar um cômodo inteiro. A família alimentou e atiçou o fogo até que ele brilhou como se fosse a fornalha de uma locomotiva em disparada.

Abby e Martin estavam construindo uma casa com sabugos de milho secos. Vestidos com roupões e sapatos forrados com plumas de ganso, estavam sentados no chão entre o fogão de lenha e a lareira. A Sra. Gamely balançava-se em sua cadeira, para a frente e para trás, observando seus netos. Virgínia, enrolada em um xale, estava lendo a velha edição da *Enciclopédia Britânica* de 1978. Hardesty estava na janela, especialmente porque o termômetro fora instalado ali. O fato de a coluna de mercúrio ficar cada vez menor e estar bem abaixo dos cinquenta graus negativos, para alguém com o seu temperamento, era uma atração irresistível. Mas o verdadeiro motivo para estar diante da janela era poder olhar para as estrelas. Em meio ao frio, longe das luzes da cidade, elas brilhavam como fósforo branco.

Havia uma movimentação intensa entre as estrelas naquela noite, e as idas e vindas davam a impressão de que o espaço entre as estrelas e a terra era um porto movimentado, abarrotado de lanchas. Riscos reluzentes que poderiam ser meteoritos terminavam em explosões brancas que se transformavam em cascatas suaves, assim como as raspas de gelo voam para longe do freio de um barco corta-gelo. Os pequenos respingos de luz floresciam e em seguida sumiam. Hardesty se lembrou do momento em que o cavalo branco se separou deles na planície, ascendendo ao céu logo antes do amanhecer em um risco recurvo de luzes brancas que se dissolveu com um chiado suave.

Queria chamar Virgínia para que ela viesse observar lampejos que brilhavam no horizonte. Eram diferentes de tudo que já tinha visto, exceto pelo rastro de luz deixado pelo cavalo branco. Mas, quando se virou, Hardesty viu Virgínia e a Sra. Gamely curvadas sobre Abby, que estava deitada no chão, com o polegar na boca, respirando com dificuldade.

— O que houve? — perguntou ele.

— Abby está com uma febre horrível — respondeu a Sra. Gamely. — Ela está queimando.

— Provavelmente pegou uma friagem no lago hoje — disse Virgínia, erguendo a menina e levando-a para o sótão, onde as crianças dormiam. Mas hesitou no meio do caminho. — Está frio demais lá em cima. Vamos ter de armar uma cama para ela aqui.

Hardesty tocou a testa de Abby e lamentou:

— A febre começou de repente — afirmou ele.

— Ela estava fazendo a casa com os sabugos há um minuto — choramingou Martin.

— Está tudo bem, Martin. Ela vai melhorar — ponderou Virgínia, em uma voz que estava um pouco trêmula demais para ser reconfortante.

Depois de colocarem Abby na cama, mediram sua temperatura. Estava em quarenta graus. — Não é muito alto para uma criança pequena. — Hardesty tentou abrandar a situação.

Em seguida, moveram a cama e organizaram as coisas ao redor, em silêncio.

— Onde fica a casa do médico, Sra. Gamely? — perguntou Hardesty.

— Quer que eu prepare um emplastro? — ofereceu a Sra. Gamely.

— Para o inferno com esse emplastro — disse Hardesty. — Onde fica a casa do médico?

— No final da rua, entre a hospedaria e o lago.

Hardesty calçou suas botas, as luvas e vestiu uma jaqueta pesada, e logo saiu pela porta. O ar frio inclemente o atingiu com a força de uma marreta e quase o derrubou. Ele correu pela cidade; seu caminho estava iluminado pelas estrelas.

Quando chegou ao seu destino, viu homens subindo a rua apressadamente, indo na direção contrária do lago. Eles também estavam apertando os casacos contra o corpo, e portas batiam por todo o vilarejo. Mas não havia tempo para ser curioso, então ele foi direto à casa do médico. A esposa do médico apareceu na porta em resposta às batidas agitadas de Hardesty (por sua própria experiência, ela sabia serem as batidas típicas do pai de uma criança doente).

— Ele não está em casa agora — disse ela. — Voltará dentro de uma ou duas horas. Direi a ele para ir direto à casa da Sra. Gamely quando voltar. Enquanto isso, por que não volta para casa e aplica um emplastro na garotinha?

— Não fale de emplastros — exigiu Hardesty. — Para onde ele foi?

A esposa do médico limpou a garganta:

— Ele foi junto com todos os outros para o celeiro de ovelhas da família Moobcot, cerca de três quilômetros mais adiante na estrada.

— Por quê?

— Não sei por quê. Vários homens armados vieram bater à porta. Meu marido pegou sua maleta de médico e saiu correndo. Não me disse o que estava acontecendo. Ele nunca...

Hardesty não ficou ali para escutar. Em vez disso, atravessou a estrada coberta de neve que levava até os campos mais altos. Não estava em condições de alcançar os homens das Coheeries, que, quando chegaram ao trem enterrado na neve, pareciam tão fortes e capazes quanto soldados especializados em terreno montanhoso. Sozinho na estrada aberta, ele descobriu que as estrelas em todas as direções e acima da sua cabeça o deixavam tonto e fora de controle.

Um enorme celeiro de ovelhas era visível sobre uma pequena elevação no meio dos campos. A porta estava entreaberta, e uma luz forte se espalhava sobre a neve pela fresta.

Hardesty entrou. As ovelhas estavam todas reunidas em um dos cantos. Os homens das Coheeries estavam postados em um semicírculo compacto, encarando a parede oposta à porta, e as luzes do celeiro ardiam acima das suas cabeças. Hardesty percebeu que, como as coronhas das armas estavam dispostas em um arco, os canos estavam todos apontados para a mesma direção. Vários homens estavam discutindo. Um deles disse:

— Estes são diferentes dele. Obviamente, não são iguais.

Outro respondeu:

— Eles chegaram ao mesmo e da mesma maneira. Não gosto da cara deles. Simplesmente não gosto. Estão tentando parecer inofensivos, mas você acredita nisso?

— O que você quer fazer, Walter? Matá-los? — perguntou uma voz que vinha do outro lado. Hardesty tentou enxergar por cima dos seus ombros.

— Sim — foi a resposta, seguida por um murmúrio de desaprovação.

Hardesty subiu em um balde e olhou por cima das cabeças dos homens. Sentados em uma pilha de fardos de feno, batendo os pés contra o chão, sorrindo e mastigando ramos de palha, ali estavam cinquenta ou sessenta dos homens de aparência mais estranha que ele já vira.

Seus rostos eram achatados, ou compridos e angulosos como serrotes. Narizes curtos, sobrancelhas muito grossas, queixos enormes em forma de luva de boxe e pernas bastante tortas em curva estavam entre suas características mais marcantes. Mas cada um deles trazia em seus olhos um vazio que era incrivelmente ameaçador, mesmo que não se conseguisse identificar exatamente o motivo. Estavam vestidos como atores de teatro *vaudeville*, com chapéus-coco, e pareciam não achar que havia qualquer problema. Também ostentavam ternos eduardianos completos, com paletó, calças e colete, relógios de bolso presos em correntes e bengalas, todos desgastados e deselegantes. Exibiam sorrisos magnéticos

daqueles que não precisam disfarçar uma natureza cruel e violenta. Será que havia alguma evidência, e qual seria a acusação? E de onde vieram?

— De repente, eles estavam por toda a parte — foi a resposta à pergunta que Hardesty fez em voz alta. — Revirando os celeiros das pessoas, tentando afanar trenós e roubando cavalos. Apanhamos uns vinte deles fazendo isso. E depois, quando pensávamos que já estávamos com todos eles, esbarramos em outros cinquenta em um campo perto do moinho. Quem sabe? Talvez haja mais deles por aí.

— De qualquer maneira, nós pegamos o principal — afirmou alguém.

— Quem? — perguntou Hardesty.

Uma dúzia de homens apontou pelo pórtico que levava a outra parte do celeiro, na direção do médico e vários outros homens. A correia da maleta de médico estava apoiada sobre seu ombro, e sua escopeta estava apontada para aquilo que ele estava observando. Quando foi até lá, Hardesty chutou uma pilha de algo que retinia. — Arrancamos tudo desses ratos — disseram a ele. Ele se curvou para examinar a pilha, e viu pistolas folheadas a ouro e prata, incluindo algumas com empunhaduras de pérola, um ou dois derringers pequenos o bastante para caber em uma casa de boneca, socos ingleses com lâminas de estilete acopladas, porretes com espigões em uma das pontas, cassetetes, uma escopeta em miniatura e garrotes com manoplas de marfim. Não havia rifles. Nada de esquis, sapatos para a neve ou roupas pesadas. Fossem lá quem fossem aqueles homens, não estavam equipados adequadamente para enfrentar o Lago das Coheeries.

Hardesty colocou a mão no ombro do médico e gentilmente afastou-o para poder ver. Quando conseguiu avistar, ele recuou, tentando recuperar o fôlego e permanecer em pé.

— Em nome de Deus, quem é esse aí? — perguntou ele, ainda sem equilíbrio.

— Eu poderia dizer, mas não quero — respondeu o médico.

Logo depois, Hardesty andou por entre os homens com as armas e olhou para dentro da pequena sala onde mantinham o prisioneiro, que era maior que os potros nas corridas de cavalos, mas não tão grande assim, e bastante magro. Tinha um rosto horroroso, e seus membros se moviam em espasmos, quase tanto quanto a sua língua — que parecia ter vida própria e estava obviamente além da sua capacidade de controlá-la. Seus olhos também se moviam como se tivessem vida própria, como ratos furiosos tentando escapar de uma gaiola. Hardesty teve a distinta impressão de que aquele homem era um construto. Nem seus olhos nem os dedos ossudos pararam de se mover por um segundo. Com frequência, algum tipo de eletricidade parecia se acender dentro dele, e, de maneira muito clara, havia uma agonia destruidora aprisionada dentro daquele corpo, algo completamente inapropriado em relação à paz das Coheeries.

— Quem é ele? — perguntou Hardesty.

— Pergunte a ele — foi a resposta.

— Eu? — disse Hardesty.

O médico olhou para Hardesty pelo canto do olho.

— Sim, você.

— Quem é você? — inquiriu Hardesty em uma voz quase inaudível. Em seguida, controlando-se, ele se aproximou do prisioneiro e repetiu a pergunta com uma firmeza e uma autoridade admiráveis.

Pearly Soames se eriçou. Suas convulsões elétricas enchiam o ar como se ele fosse uma centena de cascavéis penduradas em um candelabro. Hardesty suspeitava que esse homem estranho e seus companheiros não eram realmente prisioneiros, mas, em vez disso, estavam simplesmente descansando em um celeiro quente onde os fazendeiros foram hospitaleiros o bastante para levá-los. Essa noção foi confirmada pela estranha força que agitava as paredes do celeiro quando Pearly ficava irritado.

Mas, até onde Hardesty percebia, aquilo não tinha nada a ver com a doença de Abby. Assim, ele simplesmente arrancou o médico de perto dos homens das Coheeries, privando-os das opiniões cultas do médico enquanto eles debatiam o que fazer com as criaturas estranhas que descobriam em seus campos e celeiros.

Na noite seguinte, sob a luz prateada da lua minguante, Hardesty guiou o trenó para fora do vilarejo do Lago das Coheeries a uma velocidade impressionante. Estalou o chicote perto da cabeça da égua até que ela começou a devorar a estrada à sua frente como se fosse um cão faminto. Embora estivesse animada com a corrida, Hardesty achava que ela não estava indo rápido o suficiente. Enquanto observava a paisagem em todas as direções, gritou para que a égua fosse mais rápido. Uma escopeta automática estava ao seu lado. Virgínia tinha outra em seu colo. E a Sra. Gamely, dentro de uma tenda improvisada na traseira do trenó, com Martin e Abby, estava com a sua Ithaca de cano duplo, calibre 12, bem ao seu lado.

Os cavalheiros estranhos foram escoltados para fora da cidade até a estrada nas montanhas. Agora, os Marratta e a Sra. Gamely teriam de passar por aquele grupo em seu trajeto, porque o doutor disse que não seria capaz de tratar de Abby. Ela teria de ser levada a um hospital sem demora. Agora, não podiam mais se dar ao luxo de ficar isolados em meio à tranquilidade e à segurança das Coheeries. Agora, precisavam da cidade tanto quanto, anteriormente, precisavam escapar dela. Na verdade, muito mais. O médico não quis lhes passar mais informações sobre a doença:

— Isso virá mais tarde — disse ele. — Vocês desejarão saber tudo a respeito do problema, e saberão. Não fará muita diferença.

A família ficou chocada, e não acreditou nele. Afinal, o que é que um médico em uma cidadezinha do interior saberia? Mesmo assim, partiram imediatamente.

Partiram armados até os dentes, esperando que os prisioneiros que tinham acabado de ser libertados tentariam roubar o trenó e a égua. Havia somente uma estrada, e a neve estava alta demais

para viajar em terreno aberto. Hardesty calculou que acabaria por interceptar aquele estranho grupo de homens ainda nas planícies, antes de chegar ao pé da montanha. Nesse caso, quanto mais rápido isso acontecesse, melhor seria, pois a égua andaria mais rápido no terreno plano do que nas colinas. Ele a instigava a correr o mais rápido que podia — não apenas porque precisavam tirar Abby dali com rapidez, mas porque queria avançar o máximo que pudesse por entre os bandidos antes que eles percebessem que o trenó os alcançara.

A égua parecia entender. Mesmo que não entendesse, ela os puxou a uma velocidade delirante, como se fosse uma locomotiva, deslizando pela estrada coberta de neve.

Quando atravessaram a maior parte da planície, eles chegaram a uma elevação de onde era possível visualizar a estrada que seguia por entre as montanhas. Aqui, eles pararam para examinar as estepes em busca dos homens.

Com exceção da respiração da égua e do discreto farfalhar dos cobertores do trenó sob a brisa da noite, não havia qualquer som. Embora a temperatura estivesse abaixo de zero, a brisa parecia até mesmo morna. Somente depois que Hardesty e Virgínia examinaram cuidadosamente os seus arredores para ter certeza de que não havia ninguém por perto, eles olharam novamente para cima para ver o brilho suave do céu noturno. Contra as estrelas e o firmamento, havia manchas vermelhas tão achatadas e simétricas quanto cogumelos, graciosas como paraquedas e que desapareciam tão rápido quanto estrelas cadentes, desfraldando-se e sumindo em seguida, flutuando enquanto caíam em direção à terra. De tempos em tempos uma dessas coisas aparecia e em seguida sumia, embora, outras vezes, várias delas aparecessem de uma vez ou em uma rápida sucessão.

— Paraquedistas — disse Hardesty. — E eles não param de chegar. Quem sabe fique assim a noite inteira. Talvez continuem a descer. E não é a 82ª divisão aerotransportada, também.

Depois, olharam para baixo; quando seus olhos se ajustaram à mudança da luz, viram que a planície estava cheia de formas individuais — indivíduos cinzentos e formações escuras que se esforçavam para atravessar a neve e chegar até a estrada, onde compuseram uma coluna irregular que se estendeu por vários quilômetros. Aqueles soldados da noite se moviam silenciosa e deliberadamente. Um baque soou em meio à neve nas proximidades, e Hardesty e Virgínia viram uma forma encurvada se endireitar e descer correndo pela encosta da montanha como se fosse um rato. Era um homem, segurando o chapéu com as mãos para que a brisa que subia pela colina não o arrancasse da sua cabeça.

— Podemos passar ao redor deles? — perguntou Virgínia.

— A égua afundaria na neve até a altura do peito. Não conseguiria puxar o trenó.

— Existe alguma outra estrada?

— Você sabe melhor do que eu que não — replicou Hardesty. — Solte a trava de segurança da escopeta — disse ele, empunhando sua própria arma. — E use os pés para se equilibrar. Sra. Gamely?

— Sim, querido? — A resposta veio da tenda improvisada na traseira do trenó.

— A senhora consegue recarregar essa coisa rapidamente?

— Rápido o bastante para fazer com que um prato de torta fique flutuando no ar com os meus disparos. — afirmou a Sra. Gamely. — Antes de Virgínia nascer, Theodore e eu tínhamos de ir até Bucklenburg de vez em quando, no meio das colinas. Os lobos naquele lugar eram do tamanho de pôneis e famintos como estectálios. Foi lá que eu aprendi.

— Abby e Martin estão dormindo? — perguntou Virgínia.

— Como dois anjos, aqui atrás de mim — respondeu a Sra. Gamely. — Jack está em sua caixa. Teddy também.

— Certo — disse Hardesty. — Vamos para a floresta. — Ele bateu as rédeas e a égua começou a avançar, ganhando velocidade conforme descia pela colina. O som dos seus cascos estava abafado pela neve, e os sinos do trenó foram removidos.

Conforme os esquis sibilavam ao longo da estrada tranquila, eles passaram por retardatários que mal tiveram tempo de sair do caminho. Mesmo assim, o trenó começou a trombar em formações de dez ou quinze homens, espalhando-os como se fossem os sacos do correio arremessados pela janela de um trem. Tiros de pistola foram disparados para alertar os que estavam mais adiante, que ainda não sabiam exatamente o que estava vindo em sua direção em meio à escuridão. O cavalo começou a trombar contra aqueles que tentavam permanecer no meio da estrada. Isso acabou por diminuir sua velocidade. Lampejos nos canos de armas de fogo começaram a pipocar à frente do trenó e dos dois lados. As crianças acordaram e começaram a gritar, e várias dúzias dos homens que marchavam pela neve estavam agarrados ao trenó ou tentando entrar nele.

Hardesty, Virgínia e a Sra. Gamely abriram fogo com suas escopetas, e o ruído ensurdecedor foi amplificado pelos gritos dos homens na estrada. A massa de marchadores parecia ser capaz de interromper o percurso do trenó, e eles logo diminuíram o passo para um trote. A égua estava ferida. Suas narinas estavam dilatadas, e ela mostrava os dentes. Não era Athansor, não era um cavalo de batalha, e, enquanto sangrava, gritou para tentar chamá-lo. Como estava presa pelas traves do trenó, só era capaz de usar as patas dianteiras, e somente contra quem estivesse diretamente à sua frente. Ainda assim ela golpeou, derrubando seus atacantes e puxando os esquis do trenó, afiados como facas, por cima dos seus membros e corpos. Mas havia tantos deles que, após algum tempo, ela acabou ficando imobilizada.

Embora recarregassem suas armas com bastante agilidade, Hardesty, Virgínia e a Sra. Gamely não conseguiam recarregar rápido o bastante.

— Não parem de atirar! — disse Hardesty enquanto eram gradualmente cercados e sobrepujados por várias fileiras de combatentes atarracados e insistentes que resmungavam e gemiam, e seguravam-se ao trenó com mãos enodoadas e carnudas. Quanto mais os Marratta pareciam se aproximar de serem vencidos, mais encarniçadamente eles lutavam. Havia centenas e centenas de homenzinhos se amontoando ao redor do trenó.

Ninguém viu a trilha branca no céu mais adiante, muito mais brilhante do que na ocasião anterior, quando era apenas um risco que se curvava a sudeste. Agora ela aparecia como um cometa, soltando um milhão de centelhas brilhantes como diamantes que luziam brevemente e enchiam o céu com uma fumaça branca. A luz passou por cima deles como um projétil serpenteante e desceu até a batalha, iluminando o cavalo branco no final da trajetória do seu raio de luz.

No início ele deixou os Rabos Curtos paralisados pelo espanto, e, em seguida, abriu caminho por entre eles até chegar ao trenó. Quando se empinava sobre os quartos traseiros, suas patas dianteiras giravam como uma roda de facas brancas, abrindo um rasgo sangrento na neve. Quando escoiceava, os pobres coitados que recebiam o golpe eram lançados ao ar como se fossem balas de canhão. E, quando Athansor usava sua cabeça, pescoço e dentes para golpear, se movia tão rápido que era como se houvesse vários dele.

Em seguida, num milagre de graça feroz e letal, ele começou a avançar, atravessando a massa de bandidos, ganhando velocidade até o momento em que lutava e corria ao mesmo tempo. A égua seguiu. Hardesty parou de atirar e pegou as rédeas do trenó. Eles estavam galopando agora, passando pelas fileiras cada vez menores dos Rabos Curtos. Com um corpo e meio do cavalo branco posicionado adiante, eles finalmente se afastaram do grupo e correram para as montanhas.

Athansor os levou sem dificuldade até o topo, de onde puderam ver as Coheeries se estendendo sob a noite, ao longe. O lugar parecia estar perto demais das estrelas para ser tão frio, um mirante alto e tranquilo onde não existem sentidos, apenas o espírito. O cavalo branco estendeu seu longo pescoço até a neve e depois se endireitou. Deu algumas voltas ao redor do trenó e se aproximou da égua. Tinha o dobro do tamanho dela. Baixou sua enorme cabeça e tocou-lhe logo atrás do focinho. Ela recuou um passo ou dois. Em seguida, ele concentrou suas atenções nos ferimentos da fêmea. Lambeu-os, um a um, e eles foram curados. Depois, deu alguns passos para a frente e começou a galopar a passos largos.

Quando os Marratta deram por si, estavam sozinhos, e uma faixa branca que se estendia pelo céu estava começando a desaparecer. Ouviram um leve sibilar.

Agora a manhã estava quase chegando, a lua já desaparecera por trás do horizonte e as estrelas estavam cansadas. Hardesty agitou as rédeas, e a égua os levou rumo às florestas nas montanhas.

Velhos vereadores com barbas que lhes cobriam a papada, cabos eleitorais obstinados, oficiais partidários, ex-prefeitos e articulistas políticos insistiam que um dos debates pré-eleitorais contemplasse um tópico ou dois que não fosse a santidade do inverno e a teoria do equilíbrio e da graça. Bastante habilidoso na arte das manobras políticas e acostumado a dizer aos eleitores exatamente o que queriam ouvir, o Prefeito de Arminho finalmente forçou Praeger a participar de uma série de debates copatrocinados pelo *The Sun* e pelo *The Ghost*. Nenhum dos jornais apoiava Praeger, já que Craig Binky abandonara a campanha de Praeger depois que o candidato o denunciara em público como (entre várias outras coisas) “o bobalhão retardado que administra o *The Ghost*”, “nosso palhaço mais querido” e “o panaca de résistance que voa por aí em um dirigível que chama de *Binkopede*”.

Como já era um velho rinoceronte na arena política, o Prefeito de Arminho tinha certeza de que seria capaz de atropelar o jovem idealista de rosto barbeado nos debates, que era uma espécie de plebeu elevado à casta dos patrícios, e que abriu a guarda para receber ataques com a loucura da sua conversa sobre o inverno. No início aquela estratégia foi bem-sucedida, mas agora os eleitores estavam famintos por coisas mais sólidas, e o Prefeito de Arminho estava ansioso para desferir aquele ataque frontal no novato, ansioso para esmagá-lo sob o peso da experiência, da idade e da incumbência do cargo público.

O primeiro debate teve de ocorrer no Central Park porque Praeger se recusava a aparecer na televisão. Ele odiava a televisão, e atacava-a sempre que podia. Como uma das principais propostas de campanha de Praeger pregava a abolição da televisão, ninguém ficou surpreso quando os donos das emissoras declararam seu apoio ao Prefeito de Arminho e transmitiram sua propaganda política gratuitamente. Eles se recusavam a cobrir a campanha de Praeger, mas, de qualquer maneira, Praeger não permitia que câmeras de televisão se aproximassem dele. Atacava impiedosamente o que chamava de escravidão eletrônica, e implorava aos seus ouvintes que reafirmassem a primazia e a santidade da página impressa.

Era a primeira vez em meio século que alguém tentava ser eleito para um cargo público sem usar elétrons capturados. No debate, somente o Prefeito de Arminho era televisionado, e os telespectadores tinham a impressão de que ele estava discutindo com um fantasma. Depois de dez minutos, o Central Park começou a se encher com pessoas que abandonaram o calor das suas lareiras para ver o primeiro homem na história com a coragem de desafiar aquele que havia se tornado o mais poderoso instrumento de persuasão já criado. Praeger, sabiamente, insistiu que o parque fosse usado como o palco do debate. Embora a noite estivesse frígida, ele finalmente estava diante de vários milhões de pessoas e implorou a elas que quebrassem suas televisões. Para muitos, aquilo era chocante e quase inconcebível. As pessoas ficaram ali por horas, em meio ao frio, batendo os pés para se aquecer

enquanto os vendedores de bebidas quentes vendiam seus produtos no meio da multidão.

— Quem é esse personagem que fala sobre o inverno e lhes diz para jogar fora os televisores que foram comprados com tanto trabalho e esforço? — perguntou o prefeito, em tom de zombaria.

Mas Asbury Gunwillow estava no meio da multidão, e respondeu:

— Praeger de Pinto! Praeger de Pinto! — até que o coro se espalhou por entre os milhões, e o prefeito foi forçado a mudar sua abordagem.

— Bem, na verdade, eu quase não assisto à televisão — acrescentou ele. — Apenas os melhores programas. Vocês sabem, coisas relacionadas à cultura.

— Que diferença faz o que você assiste? — rebateu Praeger. — Quando a torrente de elétrons hipnóticos começa a penetrar o seu cérebro, você está acabado, destruído, condenado ao inferno. Não importa o que seja. Se você não mover os olhos e não controlar o ritmo em que as informações são absorvidas, seu intelecto estará sentenciado à morte. Perceba, a mente é como um músculo. Para permanecer ágil e forte, ela precisa trabalhar. A televisão impede que isso aconteça. Além disso, Minho (era a maneira como ele às vezes se referia ao Prefeito de Arminho), você só assiste àquelas dramatizações da literatura porque desaprendeu a ler.

— Você não está falando somente de mim, senhor — disse o Prefeito de Arminho. — Está insultando todo o eleitorado!

— O número de cérebros deficientes e eletronicamente destruídos não é a questão aqui, Sr. Prefeito — afirmou Praeger. — O que importa é que pode ser que os escravos queiram se libertar.

— Está chamando nossos cidadãos de escravos?

— Sim. São escravos dos olhos piscantes que amarrados em seus sofás, com alguém lhes dizendo o que devem pensar, o que devem comprar e quantos cobertores devem colocar em suas camas a cada noite.

Forçado a ficar na defensiva, o prefeito prosseguiu:

— A televisão é o denominador comum, a ágora da democracia, a grande comunicadora.

— Isso está correto, mas ela só comunica em uma direção — respondeu Praeger. — Ela sujeita todas as pessoas aos seus decretos, e não discute nenhum deles. Ela não somente arranca os direitos, mas também a capacidade de falar. Além disso, não quero me comunicar com mentes deficientes.

A multidão estava muito animada. Não conseguiria demonstrar mais gratidão, nem mesmo se ele começasse a distribuir vários milhões de canecas de rum amanteigado quente.

— Olhe para todos eles — continuou Praeger. — Eles têm pernas. Têm músculos. Podem respirar e sair de casa à noite. Podem até mesmo andar no frio. Na verdade, aposto que são até mesmo capazes de caçar, esquiar, cortar lenha, tecer, entalhar madeira e consertar máquinas enormes. Dê-me uma noite ao redor da fogueira com um livro em minhas mãos, e não aquela caixa luminosa desgraçada que grita todas as noites em todas as salas desta terra.

— Isso é retrógrado — declarou o Prefeito de Arminho.

— Já expus meus argumentos — respondeu Praeger.

Em seguida, o mediador apresentou a questão de abolir ou não a academia de treinamento dos coletores de lixo em Randall’s Island, já que a maioria dos cadetes dos últimos tempos não foi capaz de passar no teste de fazer ruído.

— Não vou falar sobre isso — disse Praeger, depois que o Prefeito de Arminho descreveu um longo tratado sobre como bater numa lata de lixo. — Quero falar apenas sobre coisas importantes: um salário decente em troca de trabalho duro e honesto. Tirar os criminosos da rua, proibir a circulação de automóveis em Manhattan. Quero falar sobre coisas grandiosas, sobre história e sobre a cidade, sobre para onde estamos indo, sobre as pequenas e

as grandes tiranias que devem ser derrubadas, sobre o meu amor pela cidade onde nasci e onde cresci.

— Não me importo com latas de lixo. Mas me importo com pontes, os rios e o labirinto das ruas. Acredito que tudo isso tem vida própria....

— Vejam bem — começou Praeger. — Às vezes eu quero desistir de tudo, sair da campanha e abandonar a cidade. É um lugar duro. Grande demais para a maioria, e quase sempre incompreensível. Mas, nesses momentos, eu paro com tudo o que estou fazendo, afasto minhas ambições e vejo a cidade como um todo. Ao fazer isso, sinto-me imensamente estimulado. Em momentos como esse, o fogo da cidade queima a névoa que frequentemente a encobre. Em seguida, ela se mostra como uma obra de arte única cercada pelas galerias do clima, sempre em transformação, uma escultura trabalhada até os mínimos detalhes montada no piso de um planetário, cheio de luzes brilhantes e sóis dourados. Se você nasceu aqui, ou se veio até aqui de um lugar muito distante, ou se está vendo a cidade se erguer sobre campos e florestas em uma casa que não fica tão longe, então você sabe do que estou falando. Rico ou pobre, você sabe que o coração da cidade começou a bater quando o primeiro machado atingiu a primeira árvore que seria derrubada. E ele nunca cessou, pois a cidade é algo vivo, muito maior do que simplesmente sua fumaça, suas luzes e suas pedras.

Com uma emoção que tocou até mesmo o seu oponente e o encantou no ritmo das palavras que fluíam, Praeger acrescentou:

— A cidade não é o complemento menor da afeição divina em detrimento da própria vida, ou das perfeições exatas do universo iluminado. Ela está viva, e, com paciência, é possível perceber isso apesar da anarquia, da feiúra e do fogo. No final das contas, ela é completamente justa e completamente gentil. — Cobrindo os olhos e baixando a cabeça, ele concluiu: — Meu Deus, eu a amo. Eu realmente a amo. Perdoem-me.

O prefeito não se atreveu a quebrar o silêncio da multidão que se estendia desde Sheep Meadow até a rua 86, em uma bela noite fria, banhada pela luz prateada dos holofotes. Com o queixo caído, o mandatário temia que o seu desafiante, que estava diante de si, totalmente tomado pela emoção, venceria a eleição porque conseguiu ver a alma da cidade e se apaixonou profundamente por ela. Temia que a cidade fosse atender ao apelo incomum de Praeger. E foi o que aconteceu. Não somente seus cidadãos estavam encantados, mas, quando Praeger ergueu os olhos, a cidade se mostrou de maneira muito clara. Estava à sua volta, inteiramente, e brilhava como um diamante.



O CÃO BRANCO DO AFEGANISTÃO

Peter Lake pensava que os poderes curativos do tempo haviam finalmente vencido a sua loucura, e estava aprendendo a viver em harmonia com outros homens. De fato, quando o homem em quem votou doze vezes no distrito de Five Points venceu por maioria esmagadora, Peter Lake começou a se sentir como se fosse um líder político. Na véspera da eleição, estava intensamente satisfeito consigo mesmo. Foi fácil reforçar aquela pompa nascente. Peter Lake foi até a Fippo's, a melhor loja de roupas para homens da cidade, e comprou um traje que não era apenas respeitável, mas também bastante elegante. Depois de cortar o cabelo, fazer a barba e aparar cuidadosamente o bigode, seu rosto surgiu por entre a barba branca e desgrenhada e os olhos brilhantes e arregalados como dois ovos que eram a trombeta da sua loucura, e ficou surpreso ao perceber que realmente se parecia com um líder político. Se não um líder político, pelo menos, um corretor de ações, ou, no mínimo, o dono de um navio mercante.

Seu rosto envelheceu e se reconfigurou até que ele se parecesse com o tipo de veterano de guerra que não fala sobre os combates, um homem de família, um bom cidadão, um empresário envolvido com a política cujas ambições já haviam esfriado fazia um bom tempo — paternal, compreensivo, amante da boa música e da poesia que guardava um grande segredo em sua alma, assim como todos os homens. Um segredo que nunca poderia ser revelado.

O maior choque foi perceber que seu rosto era gentil. Onde, perguntou ele a si mesmo, encontrou tempo ou oportunidade para se tornar gentil? Ele não associava a gentileza com o passado recente no qual atravessara as paredes de porões e subsolos como se fosse uma bala de canhão. Em vez de ficar pensando naquilo,

decidiu aproveitar totalmente a sua nova tranquilidade, que encontrou o caminho que levaria até o seu coração.

Conseguiu um lugar decente para morar. Seu salário no *The Sun* se acumulou, e ele tinha mais do que o suficiente para viver de maneira confortável. Escolheu um pequeno quarto em um prédio antigo na região de Chelsea. Era um lugar tão pouco urbanizado que voltar para casa todas as noites era como voltar para uma fazenda. Os detalhes em madeira entalhada ao redor da lareira e na junção entre as paredes e o teto, que tiveram a tranquilidade e a paciência para permanecer nos mesmos lugares por cento e cinquenta anos, eram um belo conforto.

À noite, Peter Lake acendia a lareira e sentava-se em uma cadeira de balanço, movimentando-se para a frente e para trás e escutando o tique-taque do relógio no corredor. Como todos os velhos relógios, ele dizia: “Dakota do Norte, Dakota do Sul. Dakota do Norte, Dakota do Sul. Dakota do Norte, Dakota do Sul”. Embora não soubesse o motivo, sempre ia às lágrimas quando ouvia o som de cascos de algum cavalo que passasse por perto. Mesmo quando estava deitado em sua cama pela manhã, escutando o som das mulheres que andavam de salto alto por sua rua rumo ao trabalho, ele imaginava estar ouvindo um cavalo que puxava uma carroça de leite. Talvez, esperava ele, isso fosse o suficiente — o relógio que dizia Dakota do Norte, Dakota do Sul; o quarto antigo e tranquilo; a lareira, as sombras, um cavalo que passava ocasionalmente por perto, o corte eduardiano do seu terno. Talvez fosse perdoado por não se lembrar do que realmente não era capaz de se lembrar. Talvez aquele tempo estivesse realmente perdido, e ele, como outros que foram jogados para a frente ou para trás, sucumbiriam e acabariam por se adaptar, transformando-se em um cidadão pacato com lembranças distantes e inexplicáveis.

Esse caminho era fácil. Os pequenos prazeres eram intensamente satisfatórios — não somente o relógio eloquente, mas o belo som do piano, que ele fingia estar ouvindo por entre os andares do prédio, vindo do apartamento de um jovem músico (mas

ele sabia que, na verdade, o som vinha de dentro dele mesmo). Não importava, pois a música era bonita e ele não a questionava. Ele tinha de descansar, tinha de sobreviver. Que maravilha, a sobrevivência. Evitando as refeições no *The Sun* (pois preferia ficar sozinho), ele comia em um restaurante chamado French Mill, onde os garçons lhe traziam uma prancha que exibia o nome de dez coisas. Ele indicava o que queria e o prato era trazido sem alarde. A comida era sempre muito boa, barata e acompanhada por uma taça de vinho alpino frutado.

Toda noite, após o jantar, ele ia aos banhos públicos. Em primeiro lugar, um barbeiro lhe fazia a barba e aparava o seu bigode para o dia. Depois, Peter Lake guardava suas roupas em um armário e tomava uma ducha de alta pressão em um cubículo de mármore entre centenas de outros. Depois disso vinha uma série de experiências alternadas — banhos de vapor, mergulhos na água gelada, saunas, hidromassagem e duchas, até ele sair cambaleante, limpo como uma pérola recém-extraída (e até mesmo suas entranhas pareciam estar lavadas e enxaguadas), preparado para sentar em sua cadeira de balanço diante da lareira por uma hora ou duas e, posteriormente, para dormir sobre lençóis limpos e um enorme edredom forrado com plumas de ganso.

Ele não tinha dificuldade para pegar no sono. Além de caminhar quinze quilômetros por dia para ir e voltar do *The Sun*, Peter Lake não era o tipo de mecânico-mestre que delegava o trabalho pesado para seus aprendizes magricelas. Quando uma placa de proteção, um pistão ou um eixo de rolagem tinha de ser movido, Peter Lake se esforçava tanto quanto todos os outros, e cinco horas em uma academia de ginástica não causariam o mesmo efeito em sua musculatura.

Os exercícios, o ar puro em suas longas caminhadas, os legumes frescos e as carnes magras no French Mill, a taça comedida de vinho que tomava diariamente, os banhos restauradores, os lençóis e cobertores limpos em sua cama todas as noites e a confiança que depositava na Swedish Hand (uma lavanderia do bairro) para lhe

dar camisas engomadas e meias limpas todos os dias eram estímulos excelentes à saúde e ao vigor. Mas seu corpo continuaria a ser o desastre que era há algum tempo se não fosse pela recuperação mágica da sua mente.

E isso, em sua opinião, era devido à tranquilidade campestre do seu velho quarto, do tique-taque do relógio, da fala mansa do fogo na lareira, das muitas e muitas horas de solidão e do repouso que lhe sobreveio depois do seu sonho inenarrável de passar em disparada por todas as sepulturas do mundo. Ele tentou afastar aquela imagem da sua mente, pois nada poderia estar mais oposto à nova serenidade e equanimidade da sua vida em Chelsea do que a verdade assustadora daquela questão — ele, Peter Lake, o mecânico-mestre, o cidadão que imaginava que havia finalmente se acomodado na vida e encontrado a paz, era realmente o cronista vivo dos mortos, e era capaz de recontá-los, em todas as suas multiplicidades, cada um deles, todos eles, um por um.

Certa noite, Peter Lake estava sentado sozinho no French Mill, esperando que o garçom lhe trouxesse um filé, batata palha, uma salada e uma taça de vinho montanhês Brennero. Como geralmente acontece antes do solstício de inverno, mas nunca depois dele, a escuridão que caiu cedo sobre a cidade era alegre e promissora, mesmo para aqueles que não tinham nada. Para Peter Lake, que tinha um pouco mais do que nada, as luzes que se estendiam pela rua Hudson eram como as de uma árvore de Natal.

Ele se encostou em uma parede e observou a rua enquanto as pessoas corriam por entre o vento exageradamente gelado que soprava naquele mês de novembro. Bombardeado por cristais de gelo que eram os emissários de uma nevasca, um condutor do metrô, segurando seu chapéu firmemente contra a cabeça, correu para o subsolo em busca de abrigo e calor. Uma mulher vestida com roupas caras, que, a julgar por sua aparência, não parecia sair com frequência da região de Upper East Side, passou por ele com uma expressão de dor no rosto. O frio se esgueirava por baixo das suas peles de maneira bastante escandalosa. As pérolas que ela

ostentava deram um susto doloroso em Peter Lake. Ele procurou se lembrar daquele detalhe, pois aquilo havia acontecido antes.

Ele teve de considerar as mulheres pela primeira vez desde que despertara e vira a jovem médica de cabelos ruivos ao lado do seu leito, no hospital. Não lhe ocorreu que parte da razão pela qual se tornara um mendigo pode ter sido o desejo de evitar as mulheres. E não tinha lembranças de quaisquer compromissos, exceto pelo fato de que era incapaz até mesmo de olhar diretamente para uma mulher que tivesse olhos azuis. Algumas meninas pequenas com certo formato de rosto causavam o mesmo efeito. E agora, as pérolas.

A porta principal do French Mill se abriu, deixou entrar alguns flocos de neve e depois se fechou. No início, Peter Lake pensou que aquilo fora causado pelo vento, mas em seguida olhou naquela direção e viu dois homens baixos caminhando até uma mesa do outro lado do salão. Não eram notáveis somente por terem menos de um metro e meio de altura, mas ambos usavam chapéus-coco e paletós esfarrapados que, antes de serem cortados na parte de trás, tinham caudas de fraque. Tinham os olhos fundos nas órbitas, a pele dos seus rostos tinha a aparência e a textura do couro; tanto as maçãs do rosto quanto a boca deles eram ossudas, e seriam grandes e dentuças demais até mesmo para homens com o dobro do seu tamanho. As mãos deles eram pequenas bolas gordas de carne com polegares achatados e infantis, tão delicados e estranhos quanto as patas de uma perereca. Suas vozes combinavam com o resto de seus corpos, pois eram miúdas e tinham o som suplicante de homens que são casados com lenhadoras ou carcereiras.

Embora não sentisse antipatia, simpatia ou curiosidade, ainda assim Peter Lake não conseguia tirar os olhos de cima deles. Os dois não estavam conversando; estavam conspirando. Pareciam odiar um ao outro com ferocidade, e, mesmo assim, aparentavam bastante proximidade. Rapidamente eles começaram a discutir, e, quanto mais inflamados ficavam, mais saltavam em seus assentos.

Suas vozes estranhas continuaram a se exaltar conforme eles ficavam mais agitados e irritados.

A comida de Peter Lake foi trazida por um garçom que apontou na direção dos anões gritalhões com chapéus-coco e fraques com as caudas cortadas, e depois revirou os olhos como se quisesse dizer: “La Madonna!” (Todos os garçons no French Mill eram, naturalmente, italianos da região do vale do Brenta).

Peter Lake começou a comer, esforçando-se para ignorar os dois homenzinhos. Mas, por mais que tentasse, não conseguia ouvir as palavras que eram enfatizadas na discussão. Ele queria degustar seu filé, mas, em determinado momento, quase engasgou.

A conversa fluiu desta maneira: — Algumacoisa algumacoisa, algumacoisa algumacoisa, algumacoisa algumacoisa algumacoisa... o Cão Branco do Afeganistão... algumacoisa algumacoisa algumacoisa, algumacoisa, algumacoisa, alguma outra coisa, e ainda outra coisa que era completamente ininteligível.

“O Cão Branco do Afeganistão.” Essas palavras se prenderam em Peter Lake como se fossem um anzol.

Quando deu por si, estava andando rapidamente contra o vento que vinha do norte. Ele passou por Chelsea e rumava em direção à parte central da ilha. Seja lá o que fosse o “Cão Branco do Afeganistão”, aquilo exerceu um efeito poderoso nele, e Peter Lake temia que seu equilíbrio recentemente reencontrado pudesse estar em perigo. — Merda! — esbravejou ele, impelido para a frente por pernas que mal estavam sob seu controle. — Diabos! — Ele nem sabia por que estava andando, mas sentia que, se retornasse ao seu quarto, acabaria por estragar tudo.

— Salve o relógio, salve o relógio, salve o relógio que faz tique-taque — dizia ele a si mesmo, como nos seus velhos dias de indigência. E, quando chegou perto dos bairros comerciais iluminados e abarrotados de gente, ele descobriu que, apesar de estar limpo e de estar usando boas roupas, as pessoas na rua estavam mais uma vez se afastando dele.

— Não! — gritou ele inadvertidamente, atraindo para si o luxo de um espaço aberto à sua frente. — Pare! Pare! Pare. Pare... — e, em seguida, muito suavemente: — Pare. — Ele conteve seus passos ensandecidos. — Vou comprar um cachorro — disse para si mesmo. — Vou comprar um cachorro branco, e vou levá-lo ao meu quarto. Vai ser um bom companheiro. Sempre adorei cachorros. Bem, não sei se isso é realmente verdade, mas vou comprar um assim mesmo, um cachorro branco, um cachorro branco do Afeganistão. Deve ser isso. Devo estar com vontade de ter um cachorro. — Ele limpou a garganta. — Aaarrch! É isso, então. Um cachorro. Um cachorro branco.

Nem mesmo Kublai Khan poderia haver decretado a existência de um distrito de compras melhor do que aquele. Para qualquer lugar que alguém olhasse, qualquer pessoa seria capaz de comprar qualquer coisa, porque havia de tudo em toda a parte, em lojas de departamentos que ocupavam uma área de quase um quilômetro quadrado, com cem andares de altura, e que ladeavam as avenidas como peças de dominó. As pessoas da cidade dos pobres podiam ver esses templos do materialismo do outro lado do rio distante, com seus letreiros elétricos piscando no meio da noite ou reluzindo como baionetas fixas sob a luz do dia.

Peter Lake encontrou uma loja de cães, onde pediu um cão branco.

— Gostaria de um belo Shar Mein? — perguntou o vendedor.

— Não, obrigado. Já jantei — respondeu Peter Lake.

— Um Shar Mein, senhor, é um belo cão branco.

— Ah, sim... tudo bem. Vamos dar uma olhada nele.

O vendedor desapareceu dentro da loja, e retornou com um cachorro debaixo do braço.

— Pelo amor de Deus — exclamou Peter Lake, olhando para o cachorro. — Não quero um esfregão. Onde estão os olhos dele? Isso aí serve para uma velha senhora que nem sabe o que é um

cachorro. Não me traga nada que não seja capaz de saltar sobre um cavalete.

— Que tal Ariadne, então? — sugeriu o vendedor, apontando para uma bela São Bernardo branca como a neve.

— Ora, essa aí é bonita — respondeu Peter Lake. Ele foi até Ariadne e acariciou sua cabeça gorda. — Boa menina, boa menina — disse ele.

— Não há nenhuma melhor do que ela — acrescentou o vendedor.

— Ela é adorável — disse Peter Lake. — Mas receio que ela não seja grande o bastante.

— Não é grande o bastante?

— Não. Eu tinha em mente... um cachorro branco bem grande — respondeu ele. — Um cachorro de tamanho heroico.

— Você terá que ir até a Ponmoy's — aconselhou o vendedor. — Eles são especializados em cães gigantes.

A Ponmoy's não ficava muito longe, e era mais fácil de encontrar do que o Terceiro Círculo. Cães gigantescos estavam por toda a parte, puxando as grossas correntes de aço inoxidável que os prendiam, rugindo como os loucos em uma noite de lua cheia e babando às baldadas — a baba lhes escorria por papadas flácidas que se penduravam como as cortinas do Roxy. Os funcionários atiravam filés de búfalo de oito quilos para os animais e cortavam seus pelos com enormes tesouras de jardineiro.

— Estou procurando por um cachorro branco bem grande — disse Peter Lake ao dono da loja, o Sr. Ponmoy.

— Grande? — perguntou Ponmoy. — Bem aqui.

Ele mostrou ao seu cliente um mastim da cor da neve, com um metro e meio de altura. Peter Lake deu algumas voltas ao redor do animal e fez um sinal negativo com a cabeça.

— Na verdade, eu estava pensando em um cão ainda maior.

— Maior? Este é o maior cachorro da loja. Pesa cento e cinquenta quilos. Não há cães maiores do que este.

— Tem certeza? Por algum motivo eu tenho a sensação de que quero um cachorro branco realmente grande, muito grande.

— Você não quer um cachorro — disse Ponmoy. — Quer um cavalo!

Peter Lake ficou paralisado por um momento, a imagem da placidez, felicidade, contentamento e satisfação.

— Sim... — concordou ele. — Eu não poderia guardá-lo no meu quarto, mas há um estábulo nas proximidades. Eu poderia cavalgá-lo no parque. Um cavalo...

Em pouco tempo, a estante de livros no quarto de Peter Lake, onde ele costumava guardar exemplos de engrenagens bem fresadas ou rolamentos dignos de estudo, tornou-se o lar de uma centena de livros sobre cavalos. Havia clássicos, é claro, como *O Cuidado e a Alimentação do Cavalo*, de Robert S. Kahn, *Anatomia Equina*, de Burchfield, e o *Adestramento*, de Turner. Mas ele passou um pente-fino pelas livrarias, quase com o mesmo empenho com o qual passou pelas sepulturas, e encontrou uma bela coleção de obras secundárias, terciárias e trigésimo-septesimais também. Livros que, como a maioria das vidas, conheceriam apenas a mais efêmera glória, e depois seriam relegados ao Dia do Juízo. Havia o *Memórias de um Cavalariço Militar*, de Moffet Southgate (que trabalhou a vida inteira no estábulo de uma estação naval), *Catálogo de Escovas Equinas do Alabama*, 1760-1823, por Georgia Fatwood, *O Estilo Afro-Californiano de Saltos*, por Sierra Leon, *Cavalgue Feito o Diabo, seu Filho de uma Puta!*, de Fulgura Frango, e um livro de arte que pesava 22 quilos, impresso em pergaminho fino, encadernado em seda, com as letras gravadas em ouro e com o preço equivalente a uma semana do salário de Peter Lake: *Imagens dos Grandes Cavalos Brancos*.

Este último manteve Peter Lake acordado por várias noites; ele folheava o livro com uma concentração tremenda que tentava extrair

da ponta da sua língua, pelo que parecia, uma conexão com um daqueles animais, ou a razão pela qual ele precisava procurá-los. Peter Lake passava horas olhando para as belezas brancas e rampantes no Camargue ou decoradas em prata e escarlate em um desfile na Inglaterra, e obtinha uma misteriosa satisfação ao fazer aquilo. Menos satisfeitos, com certeza, estavam os vizinhos de Peter Lake, que eram despertados em horas estranhas quando aquele cavalheiro, um homem normalmente respeitável, galopava em seu pequeno alojamento ou relinchava — não porque pensava que era um cavalo, mas porque estava tentando entender o que havia naqueles cavalos que tanto o atraía.

Ele estendia os braços diante de si, imitando as patas dianteiras de um cavalo congeladas em uma fotografia, mas não havia qualquer possibilidade de conseguir reproduzir a graça de um cavalo de corrida com a crina branca, em perfeito equilíbrio. Havia a foto de um cavalo fogoso correndo com tanta velocidade na pista que suas quatro patas estavam no ar ao mesmo tempo, e sua cabeça estava erguida como se houvesse acabado de fazer uma curva fechada, sentindo o peso de uma carga atrás de si. Essa fotografia era a obsessão de Peter Lake, que, ao examiná-la, tentava olhar nos olhos do cavalo, girando o livro para os lados e colocando-o de cabeça para baixo, e usando até mesmo uma lente de aumento que trouxera da sala de ferramentas do jornal. Havia alguma coisa no movimento do cavalo, como se ele estivesse planando sobre o chão.

Tudo o que Peter Lake tinha a fazer era fechar os olhos, e logo estaria voando também. A diferença entre estar no chão e estar a vários metros acima dele não podia ser minimizada. As poucas polegadas que separavam os pés torpes e relaxados de um homem e a superfície de onde haviam se erguido e sobre a qual podiam flutuar sem qualquer esforço eram iguais a uma jornada mais longa do que qualquer pessoa pudesse imaginar. Peter Lake se perguntava se, após tanto tempo em pura suspensão, os anjos se lembrariam da sensação de ficar em pé, e se algum deles seria capaz de diferenciar os artistas que trabalhavam em prol de um

propósito superior daqueles que não o faziam — não somente pela profundidade dos olhos dos anjos, mas também pela tranquilidade dos seus braços e pernas. Ele mesmo vira esse tipo de suspensão, no Petipas, quando a criança se ergueu até chegar aos seus braços, passando por cima das pedras do terraço com muito mais suavidade e mais lentamente do que a física permitiria.

Mas isso poderia ser uma das coisas que ele imaginara; uma das muitas coisas que, como o conhecimento aterrorizante que tinha sobre os mortos, era um enorme peso em seus ombros. Ele nunca seria capaz de explicar essas ilusões, já que não fazia a menor ideia de quem era. Os cavalos, entretanto, eram ao mesmo tempo o mistério inexplicável que o atraía para uma coisa ou para outra, e a realidade da carne e do sangue. Ele se apegava aos animais pela ideia bastante sensata de que, mesmo que o encanto que sentia por eles fosse sobrenatural, ainda assim eles podiam ser vistos puxando carroças de sucatas ou transportando turistas ao redor do parque. E certamente era fácil amar cavalos, pois eram excessivamente bonitos e excessivamente gentis. Assim, Peter Lake fitava fotos de cavalos brancos sem entender por que, e seu amor por um cavalo branco que ele não sabia que já havia visto o preenchia com emoções inexplicáveis.

Após algum tempo, não havia nenhum estábulo na cidade que não conhecesse seu rosto. Se houvesse cavalos sendo leiloados ou exibidos, Peter Lake estava lá. Ele frequentemente se sentava em uma pedra acima da trilha que tinha o maior tráfego de charretes no Central Park. Se estivesse preso na loucura de alguns meses atrás, ele nunca conseguira compreender nada do que estava passando. Mas agora ele estava em paz, e começou a entender algumas coisas. Em um período bastante curto de tempo, ele foi capaz de perceber, muito mais por conta do seu padrão de comportamento do que pela compreensão dos seus desejos, que estava procurando um cavalo específico. Desesperava-se na tentativa de encontrar exatamente aquele que buscava, pois não sabia o motivo pelo qual o procurava nem qual cavalo estava procurando, já que havia muitos cavalos brancos e grandes nas redondezas.

Porém, quanto mais ele se empenhava, mais perspicaz ficava. Conforme se curava e ganhava forças, suas faculdades mentais o serviam mais prontamente. Não fosse por isso, talvez nunca chegasse a perceber a existência de Christiana.

Não era difícil notá-la. Ela era o tipo de mulher que... bem, nós sabemos como ela era. Estranhamente, Peter Lake sentia-se confortável na presença dela, ao contrário dos outros homens, que sentiam algo estranho; talvez Peter Lake se sentisse assim porque ela não tinha nenhum dos atributos que o melindravam, tais como olhos azuis, o hábito de usar pérolas e o tipo de rosto que ele não conseguia confrontar sem sentir uma dor profunda e saudade. Ele percebera Christiana havia algum tempo, depois de passar por ela várias vezes quando estava saindo ou entrando em um estábulo. Ele a viu observando os cavalos de carga na reunião matinal dos animais que ocorria em Red Hook (em sua maioria, eram pequenos Shetlands que puxavam carroças carregadas com flores e eram levados a festas de aniversário, mas ocasionalmente havia um cavalo grande branco, ou até mesmo um garanhão branco). Ele se curvava discretamente ao reconhecê-la quando a encontrava em exibições equestres. E percebeu, nos leilões, que tanto Christiana quanto ele mesmo eram as únicas pessoas que não ofereciam lances pelos cavalos.

Quando finalmente conversaram, ficaram maravilhados ao descobrir que não tinham em comum somente o interesse por cavalos (nenhum se atreveu a comentar com outro sobre aquilo que não imaginavam ser uma obsessão mútua), mas também o *The Sun*. Peter Lake disse a ela que era o mecânico-chefe do jornal, e ela disse:

— Você deve ser o Sr. Portador, então.

— Como você sabe? — perguntou ele.

Ela sabia porque seu marido havia lhe contado. E quem era o marido dela? Era o homem que pilotava a lancha do *The Sun*. Na verdade, o vínculo de Christiana com o *The Sun* (e, por extensão,

com Peter Lake) era ainda mais forte, pois ela era uma das governantas na residência da família Penn, e frequentemente lia para Harry Penn quando Jéssica saía em turnê ou quando ela tinha de comparecer a cerimônias representando Praeger de Pinto, na época da corrida eleitoral para a prefeitura.

— Eu o conheço — disse Peter Lake. — Votei nele doze vezes, e conheço o seu marido. Às vezes ele me dá peixes. Levei uma das anchovas que ele me deu ao French Mill, e eles a grelharam com manteiga e ervas. Os mecânicos sempre aguardam ansiosamente pelas visitas de Asbury, mesmo que ele não traga peixes, porque ninguém tem tanta paciência para ouvir nossas explicações sobre as máquinas do jornal. Ele quer saber tudo sobre cada uma delas.

— Ele não tem muitas coisas para fazer nestes dias — relatou Christiana. — O estuário está coberto pelo gelo, e ele mandou a lancha para o estaleiro porque está tendo muitos problemas com o motor. É um modelo antigo, e ele não sabe como pode consertá-lo.

— Por que ele não me pediu?

— Provavelmente porque Asbury não quis incomodá-lo.

— Incomodar? Eu adoro motores. Diga-me quando ele estará no cais.

— Ele fica lá praticamente o tempo todo nesta época.

— Vou até lá amanhã e verei o que posso fazer.

Peter Lake se despediu de Christiana um pouco atordoado, porque parecia ter feito uma amizade. Uma amizade trazia consigo a ideia de felicidade, e felicidade demais poderia fazer com que ele desistisse da sua luta. Mesmo assim, por que não consertar o motor de Asbury? Certamente, aquilo não poderia causar nenhum mal. A lancha pertencia ao *The Sun*, de qualquer maneira. E, até onde ele sabia, cuidar das máquinas e dos motores do *The Sun* era a razão da sua existência.



ABYSMILLARD REDUX

Em determinada semana de novembro surgiu o modismo da compra de igrejas entre os gigantes corporativos. Craig Binky não queria ficar fora disso, e acabou comprando meia dúzia de igrejas batistas na região de Upper West Side. Por fim, ficou deprimido porque, pelas regras do jogo, os imóveis eram pouco significativos. Afinal de contas, Marcel Apand tinha três episcopais na região central de Manhattan e uma grega ortodoxa em Astoria, e Crawford Bees havia comprado sessenta sinagogas.

Binky ficou profundamente magoado quando Praeger de Pinto se virou contra ele durante a campanha, e frustrado quando Praeger venceu a eleição. Ele sentia que, no mínimo, alguém lhe devia alguma informação sobre o navio que estava ancorado no Hudson, mas o prefeito eleito se recusava a lhe dizer qualquer coisa, dizendo que ele mesmo anunciaria o projeto em dezembro, e que Craig Binky receberia as informações junto a todas as outras pessoas.

— Mas eu sou um jornal! — esbravejou Craig Binky. — Vou perder leitores se não souber dessas coisas. Eu apoiei a sua campanha. Agora, você me pede para praticar esqui aquático e não me dá os esquis!

Antes mesmo que pudesse perceber que não havia descoberto nada, Craig Binky estava de volta ao seu escritório.

— Eu sou a única pessoa nesta cidade que não sabe de coisa nenhuma — disse ele a Alertu e Scroutu. Ele frequentemente dizia “coisa nenhuma” em vez de “nada”. — Vou dar um jeito nisso.

Ele recorreu ao submundo, gastando cem mil dólares para saber que a figura central era Jackson Mead, e cinquenta mil para cada um dos nomes dos seus asseclas: reverendo Mootfowl e Sr. Cecil

Wooley. Em um dos vários banquetes editoriais do outono, Harry Penn, que ouvira os rumores sobre a compra e que Craig Binky pensava saber mais do que qualquer outra pessoa, precisou apenas de um olhar de relance para saber que os boatos eram verdadeiros. Craig Binky estava inflado como uma galinha choca da Cornualha (como ele mesmo diria), tão feliz consigo mesmo que, embora estivesse sentado, estava saltitando em seu assento. Depois do discurso de Craig Binky (que supostamente elogiaria o colunista E. Owen Lemur, mas acabou por soar assim: “Ele sempre gostou muito de mim. Achava que eu era uma ótima pessoa. Certo dia, disse que eu...”), Craig Binky não conseguiu resistir à vontade de se levantar outra vez e dizer: — Eu conheço os nomes das pessoas que estão no navio que ancorou no Hudson! — Em seguida, sentou-se outra vez.

Harry Penn se inclinou discretamente para murmurar no ouvido do homem:

— Está falando de Jackson Mead, do reverendo Mootfowl e do Sr. Cecil Wooley? Craig, seus repórteres já sabem disso, e você não precisava ter oferecido duzentos mil dólares a Sol Fappiano para descobrir a mesma coisa.

— Como eles descobriram? — perguntou Craig Binky, mais pálido do que uma colher de açúcar de confeiteiro.

— Eles souberam pelo *The Sun* — mentiu Harry Penn. — Eles sempre leem o *The Sun*. Achei que você soubesse.

Craig Binky decidiu que, para preservar a integridade da sua posição, enfrentaria qualquer dificuldade, pagaria qualquer preço e descobriria exatamente o que estava se passando. Tinha de redimir sua honra. Decidiu perguntar a um computador.

Equipou um de seus carros de passeio com pneus para a neve e dirigiu rumo às partes mais distantes de Connecticut, onde, empoleirado sobre um penhasco de calcário, um enorme prédio de aparência militar se erguia diante de um vale pacífico. Era um dos terminais do Computador Nacional em Washington. Na maior parte

do tempo, o mastodonte do silício na capital ficava ocupado com coisas que ninguém entendia, mas ocasionalmente a máquina trabalhava por alguns minutos em benefício do público em geral.

— É isso aí? — perguntou Craig Binky ao diretor das instalações quando foi levado até uma sala do tamanho de duzentos celeiros grandes, preenchida até o teto com bancos e mais bancos de lápides eletrônicas.

— Isso? — rebateu o diretor. — É claro que não. Esta instalação é somente o terminal. Aqui nós convertemos a linguagem dos usuários em um algoritmo específico que o enorme computador em Washington é capaz de compreender.

— Está dizendo que o computador de Washington é maior do que este?

— Na realidade, não. Ele tem somente o tamanho de uma casa, mas o seu núcleo é mantido à temperatura de zero absoluto. Um dos seus módulos de memória RAM, do tamanho de um grão de areia, tem a mesma capacidade de um modelo do tamanho de uma sala inteira, como aqueles construídos em, digamos, 1990. É como um cérebro, e os terminais são os sentidos distribuídos pelo corpo. Faça uma analogia com o seu próprio cérebro, que, apesar de ter o tamanho de uma...

— Bola de basquete — interviram Alertu e Scroutu.

— Certo, o tamanho de uma bola de basquete. Ainda assim, é muito menor do que o seu corpo, mas muito mais inteligente.

— Vamos logo com isso, então — disse Craig Binky, impaciente.

— Trouxe o dinheiro?

— Que dinheiro? Eu só quero fazer uma pergunta.

— Somente uma pergunta?

— E por que não?

— A taxa de utilização é um milhão de dólares.

— Para mim, vale a pena.

— Muito bem. Qual é a pergunta?

— Quem é Jackson Mead?

— Vai lhe custar um milhão de dólares apenas para acessar o servidor em Washington.

— Pergunte logo a ele, pelo amor de Deus!

Um operador se aproximou de um terminal e digitou uma série de códigos e ordens. Em seguida, digitou: “Quem é Jackson Mead?”

Um momento depois, algumas palavras brilharam em uma tela vermelha de rubídio: “Não sei.”

— O que ele está dizendo? Como pode não saber? — gritou Craig Binky. — Deixe-me falar com ele!

— Podemos acionar um módulo de reconhecimento de voz.

— Deixe-me falar com essa coisa maldita.

— Eu não recomendo que faça isso.

— Coloque esse filho da puta na linha! — gritou Craig Binky.

— Tudo bem, vá em frente.

— Olhe aqui, seu filho da puta desgraçado — começou Craig Binky. — Eu paguei um milhão de dólares para lhe fazer uma pergunta simples, e você diz que não sabe a resposta.

— E daí? — escreveu o computador.

— Você deveria saber de tudo.

— De maneira alguma.

— Você é uma farsa. Eu devia ir até Washington e arrebentá-lo inteiro.

— Está me ameaçando? — perguntou o computador.

— Sim — respondeu Craig Binky, saltitando sobre um pé e sobre o outro, com os punhos erguidos. — Estou ameaçando, sim. Porque

você é um covarde!

O computador ficou em silêncio por alguns segundos e em seguida escreveu:

— Você é um idiota.

— Experimente vir me cobrar — esbravejou Craig Binky quando deu as costas e saiu pisando duro.

O computador procurou pelos registros de todos os instrumentos financeiros da enorme carteira de investimentos de Craig Binky, e, antes que ele saísse pela porta, uma ordem judicial já havia sido impetrada e acatada, julgada procedente; as contas bancárias de Binky haviam sido bloqueadas, as taxas e multas apropriadas cobradas e as notícias sobre o caso surgido em todos os jornais do país. Exceto no *The Ghost*.

— Aquele autômato maldito! — vociferou Craig Binky no carro para Alertu e Scroutu. — Autômato desgraçado!

Ainda assim, ele não sabia nada a respeito de Jackson Mead, e todo mundo sabia. Dia após dia os detalhes eram revelados na imprensa e em outros lugares, como parte dos preparativos para o anúncio de Praeger de Pinto no dia 1º de dezembro. Para Craig Binky, tudo era muito frustrante. Embora ele não soubesse, até mesmo Abysmillard sabia.

Abysmillard? Sim, Abysmillard.

Dentre todas as criaturas de Deus, Abysmillard era o mais abissal. Mesmo quando bebê, Abysmillard era uma criatura estranha e desagradável, e, conforme cresceu, suas abysmillaridades floresceram. Os Catadores de Ostras o mantiveram entre si (a única pessoa que expulsaram da comunidade foi Peter Lake, por não ser verdadeiramente um deles), mas sempre esperaram, secretamente ou não tão secretamente, que alguma coisa rápida e eficiente acabaria por dar cabo dele — um ataque de índios, uma ostra podre, uma tempestade repentina que o atingiria longe da terra firme em sua canoa de musgo.

Sua mãe morreu de susto durante o parto. Como nenhuma mulher entre os Catadores queria amamentá-lo, ele foi deixado em um velho alojamento militar com uma cabra cega. Nunca aprendeu a falar nada além de grunhidos e arrotos, e mesmo assim era tão eloquente quanto um deputado que bebera demais. Quando os Catadores de Ostras estavam de luto, Abysmillard ficava tomado por uma euforia incrível; quando os Catadores festejavam, Abysmillard ficava em algum canto, resmungando. Tinha um olho que ficava apontado para a direita, e outro que estava permanentemente virado para esquerda e para o alto. Para prestar atenção em algo que gostaria de observar, ele tinha de balançar a cabeça cabeluda e coberta por uma pele com a textura do couro. Nas vezes em que fez isso, chegou a nocautear várias pessoas idosas e crianças, e derrubou também vários caldeirões de caldo de ostra pelo chão.

Os Catadores eram famosos por não tomarem banho, e, quando o assunto era não tomar banho, Abysmillard era o campeão absoluto. Tinha de morar sozinho em sua própria cabana, no meio de um terreno isolado dos outros — especialmente considerando que as outras pessoas gostavam de comer enguias vivas. Ainda assim, tinha um forte desejo pelas garotas, e causava muitos problemas com seus flertes assustadores e monstruosos.

Seus dentes eram como os postes de sinalização que aparecem nos acampamentos mais remotos dos exércitos expedicionários para indicar o caminho que leva aos locais mais agradáveis e iluminados do mundo. Projetavam-se em todas as direções. Feridas marchavam ao redor do seu corpo e eram visíveis por todo o seu cabelo ensebado e coberto com esterco — assim como as coisas vivas que, ocasionalmente, brotavam de dentro dele. De longe, era o mais solitário entre todos os homens: nem mesmo o próprio Abysmillard era capaz de suportar sua presença, e ele era frequentemente visto correndo pelas águas rasas — agitando os braços, gritando, tentando se livrar da casca horrorosa que o cercava e o torturava.

Presumia-se que as suas deformidades, seu enorme tamanho e a maneira desagradavelmente agitada de viver o mandariam rapidamente para a cova, e os Catadores de Ostras ficavam confusos ao perceber que ele continuava a viver enquanto os outros morriam. Achavam que ele não tinha qualquer razão para viver, mas estavam errados. Abysmillard amava borboletas, e secretamente acreditava que ele, assim como as lagartas, acabaria por deixar o seu corpo monstruoso para se tornar uma criatura bela e graciosa que todos amariam. Conforme os anos passaram, ele esperou por sua metamorfose, imbuído por um único propósito e extraindo forças de uma única expectativa. Ficava tão revigorado por essa crença, na verdade, viveu muito além do seu tempo, até se tornar terrivelmente velho, mesmo entre um povo famoso por sua notável longevidade. Quando o inverno chegou, logo antes do terceiro milênio, ele era a última pessoa que restava no mangue, e estava sozinho havia várias décadas. De certa forma, não era nada ruim o fato de que os Catadores não estavam mais ali para ver o que acontecera com o mundo deles, e que o único que continuava por ali fora treinado durante toda a vida para enfrentar qualquer tipo de provação e enxergar somente o futuro distante e cheio de esperança.

As dificuldades, a prosperidade e a guerra — em resumo, a história — foram a alavanca para o desenvolvimento da região do estuário do Hudson e para o declínio do mangue (do qual os Catadores dependiam completamente). Em épocas de expansão rápida, as fábricas e o porto se estenderam por cima dos juncos e da lama, transformando o terreno vivo em algo mais produtivo do que simples rochas. Durante as depressões, equipes de serviços públicos vinham para aterrar as margens entre a terra e a água; como era impossível caminhar por ali ou ir até lá em um barco, essas áreas eram vistas como inimigas do corpo político. Durante a guerra, a terra era tomada e transformada em estaleiros, terminais de carga e depósitos de armas e munições. Novas estradas, começando com a rodovia elevada Pulaski, trespassavam o coração do mangue como se fossem flechas e lanças, e os aerobarcos e

helicópteros lhe arrancavam a profundidade e a serenidade. As águas foram envenenadas e contaminadas com graxa e sujeira. Mais de cinquenta refinarias e indústrias químicas transformavam o ato de respirar em um esforço heroico. A muralha de nuvens retrocedeu para um lugar diferente. Embora surgisse de vez em quando para trazer alguma alma confusa ou puxar outra quando se afastava, a muralha parecia preferir o mar aberto.

Alguns dos Catadores foram mortos pela polícia nos limites do mangue, outros, esmagados por enormes navios nas estradas expandidas, e outros ainda foram abalroados por iates em alta velocidade que cruzavam os canais em disparada tocando música alta e repletos de banhistas que tomavam sol nos conveses das embarcações. Conforme o século avançou e as refinarias aumentaram sua produção, as crianças começaram a nascer com formas fantásticas, mas, diferente do que aconteceu com Abysmillard, a maioria delas não tinha talento para sobreviver. Após algum tempo, restaram apenas Humpstone John, Abysmillard e um rapaz mais novo chamado Boojian. Humpstone John morreu após ser acometido pela febre dos pântanos. Boojian avançou demais sobre o estuário congelado e foi arrebatado pelo mar do inverno.

Abysmillard tentou morar no que restou da sua casa, mas os caçadores de patos e outros que caçavam peles de animais foram atraídos até o local, na esperança de poder usar a cabana como abrigo ou como um lugar para armazenar equipamentos. Se encontravam o seu proprietário ali dentro, geralmente reagiam com tanto medo e desprezo que começavam a atirar como se fosse uma espécie de terapia, tentando exorcizar a criatura que jazia naquela escuridão. Embora errassem o alvo quando atiravam, faziam muitos buracos no teto e nas paredes. Temendo que algum dia os caçadores acabassem acertando seu alvo, Abysmillard passou a morar em um buraco úmido, cavado em meio à terra fofa — uma toca de rato-almiscareiro da qual ele tomou posse depois que os roedores fugiram. A água naquelas paragens havia ficado oleosa demais para eles. Era uma espécie de sepultura, mas pelo menos tinha uma saída.

De quando em quando, ele saía em meio à escuridão para procurar comida. Alimentava-se de brotos de junco, caramujos, pequenos peixes que capturava nas redes que ainda conseguia tecer e uma ostra ou duas quando conseguia encontrar. Se tivesse sorte, poderia mesmo encontrar um salmão ou um bacalhau que, por algum acidente de percurso, chegava às águas contaminadas pelo arco-íris resultante da deposição de óleo sobre a superfície. Outras vezes, poderia apanhar algum pássaro que tivesse a ousadia de pousar ali. Tudo o que ele comia tinha o mesmo sabor de coisas que foram criadas ou plantadas em garagens, mas ele não comia muito, e acabava sendo salvo.

Durante a maior parte da sua vida, Abysmillard foi um homem enorme — dois metros e doze centímetros de altura e cento e trinta e oito quilos. Pouco antes do início do terceiro milênio, ele tinha somente um metro e meio e cerca de um terço do seu peso anterior. Por mais vinte anos, enquanto jazia em sua toca, respirando devagar, olhando para tudo com uma expressão vazia como se estivesse acometido pela febre, ele foi se transformando. Foi uma mudança tão lenta que nem ele mesmo percebeu, mas sua carne estava se reorganizando.

Os dentes haviam gradualmente se alinhado até não apontar mais para todas as direções, mas continuavam apontando somente para uma delas; e seus olhos finalmente estavam focados na mesma direção. Que alívio não ter mais de olhar em duas direções diferentes ao mesmo tempo! E agora que era capaz de perceber a profundidade, ele sentia que pertencia mais ao mundo, em vez de ser um mero observador de imagens achatadas. Conforme o seu corpo se consumia, demonstrava uma disciplina admirável em absorver primeiramente aquilo que havia de pior. As bolhas, as feridas e os depósitos de fungos desapareceram. Seus cabelos, que não estavam mais ensebados depois que ele quase se afogou em uma cisterna cheia de solventes e querosene (isso serviu para matar todos os parasitas também), agora eram brancos e esvoaçantes. Completamente lavadas pela primeira vez na vida, suas roupas também ficaram tão macias e agradáveis ao toque

quanto no dia em que as mulheres dos Catadores de Ostras a teceram com a lã das ovelhas criadas na praia e dos javalis do mangue.

Abysmillard sabia apenas que estava definhando aos poucos, que as estações passavam e que ainda estava vivo. Assim como os animais, ele era capaz de permanecer imóvel por períodos que pareciam durar uma eternidade. Não fazia muito mais do que olhar para a luz e escutar o vento. No inverno, ele via os flocos de neve caindo bem diante da entrada da sua toca, e o sol baixava no horizonte até brilhar como a lanterna de um caçador e ofuscá-lo quando lançava seus raios para aquecer o subsolo. Ocasionalmente as nevascas castigavam o mangue, divertindo-o com seus silvos e concussões. Se um avião voasse baixo por cima do mangue, Abysmillard tinha a impressão de que um anjo estava se aproximando para buscá-lo.

Aquele definhamento poderia continuar até que ele estivesse magro como um cordão, e nesse ponto ele poderia ser devorado pelo ar ou carregado pelo vento até algum lugar distante, como a Polinésia. Mas foi forçado a sair do seu lugar de repouso.

Nos antigos sonhos de fogo dos Catadores de Ostras, os últimos dias, embora difíceis, não deveriam ser temidos. De acordo com a Décima Terceira Canção, um sinal claro da chegada dos últimos dias seria “quando um arco-íris sólido brotar da terra e saltar por cima da cortina branca, e em seu arco de luzes piscantes houver mil degraus sorridentes”. Enquanto os trabalhadores passavam noites inteiras colocando-os por todo o mangue, Abysmillard conseguiu ver os embarcadouros e os alicerces desse arco-íris. Embora os locais estivessem abarrotados por imensos andaimes e telas de proteção, eles frequentemente se iluminavam e brilhavam, e a luz em suas muitas cores praticamente queimava por entre as lonas esvoaçantes. Como conhecia a Décima Terceira Canção, Abysmillard suspeitava que esses atracadouros logo criariam vigas que seriam unidas em um arco único e magnífico.

Ele ficaria contente em esperar tranquilamente que aquilo acontecesse, mas o gelo estava tão grosso que ele não conseguia mais encontrar comida. Tentou quebrar o gelo com o seu enxó, e até mesmo com a sua espada (uma espada que raramente era degradada com esse tipo de tarefa). Nunca vira um espelho tão perfeito antes. E, na última vez que tentou cavar um buraco, Abysmillard viu nos cabos-guia que estavam conectados nos alicerces que a luz na superfície não era nada quando comparada com as ruas e avenidas multicoloridas que se espalhavam por todo o mundo congelado mais abaixo. As vigas trançadas se acenderam como pó de magnésio e continuaram diante dos olhos de Abysmillard por meia hora enquanto ele tateava à sua volta, tentando encontrar suas ferramentas.

Sua única esperança era conseguir chegar até a borda da banquisa, onde o gelo encontrava o mar. Lá ele poderia pescar diretamente sobre a beirada da plataforma de gelo ou perfurar um buraco, pois ali o gelo não era tão estável quanto aquele que cobria as áreas de terra firme. Muito tempo antes, quando o estuário congelava e os Catadores de Ostras existiam aos milhares no mangue, em dezenas de vilarejos, eles iam ao mar e perdiam muitos homens. Às vezes, de acordo com a lembranças de Abysmillard, ondas de dois metros e meio saltavam por cima do gelo como uma enorme língua e arrastavam os pescadores para o oceano gelado. Homens desapareciam por entre os fragmentos ondulantes de gelo afiados como navalhas, e eram cortados em tantos pedaços que, quando seus amigos chegavam ao lugar do acidente, a única coisa que conseguiam ver era uma mancha vermelha que se espalhava suavemente contra a parte inferior da plataforma transparente na qual eles estavam.

Ir até lá sozinho, durante a noite, era uma das coisas mais perigosas que alguém podia fazer, e o oceano espalhava suas marés rastejantes por vários quilômetros ao longo da superfície. No escuro havia poucas chances de vê-las ou evitá-las. Não era provável, entretanto, que ele conseguisse alcançar o mar, já que uma caminhada de vinte quilômetros em meio ao vento e

temperaturas abaixo de zero não era algo fácil para alguém com a sua constituição frágil. Como acontecia com todos os Catadores de Ostras, o perigo o atraía. Ele partiu em uma noite em que a lua iluminou o caminho e o frio era um anjo empunhando uma espada de gelo.

Embora não estivesse completamente ciente, Abysmillard havia finalmente completado a sua transformação. Movia-se com graça, seus olhos se tornaram gentis e inteligentes, seus longos cabelos brancos esvoaçavam como a cabeleira de um patriarca e agora ele estava pronto para entrar nas comunidades prósperas das quais fora excluído durante toda a vida. Mas não havia mais ninguém ali! Embora houvesse chegado ao fim, ele chegou a esse ponto de sua vida sem nunca haver sido aceito. Supunha que havia outros como ele, talvez legiões inteiras. E imaginava que não seria justo que tantas pessoas tivessem de viver em um estado de tanta solidão sem alcançar uma recompensa final. Isso lhe deu a coragem necessária para empreender sua última caminhada sobre o gelo.

As pessoas ficaram muito animadas pela chegada súbita de um inverno tão forte e (de acordo com o que pensavam) sem precedentes. Mesmo aqueles que temiam e odiavam o frio e a neve foram rapidamente seduzidos pelas noites polares e prateadas, juntando-se em um festival medieval de trenós, reuniões ao redor de fogueiras e noites sob as estrelas. Era como se a paralisia alegre e ocasional que o inverno às vezes deixa aos pés do Natal houvesse chegado mais cedo. Camadas de roupas deixavam a pele mais misteriosa e atraente do que fora em vários anos; certa cortesia generalizada foi restaurada, e a luta contra os elementos reduzia todas as pessoas, proporcionalmente, a perceber que uma das qualidades fundamentais da humanidade era e sempre seria a sua sensibilidade. Os cidadãos, encantados, não iam a tantos lugares diferentes nem trabalhavam com tanto empenho quanto normalmente faziam, mas viviam muito melhor do que jamais haviam vivido.

Um dos passatempos preferidos era patinar pelos rios congelados até chegar ao porto. Ventos fortes mantinham a superfície do gelo livre da neve e a empilhavam contra as margens do Hudson, do rio East e nas margens da baía, em plataformas do tamanho de prédios pelas quais foram escavados — no mesmo estilo das catacumbas romanas — cem mil túneis e passagens que levavam às câmaras de neve que serviam como restaurantes, hotéis, lojas e hospedarias improvisadas. A informalidade e a variedade desses locais sem nome eram muito mais atraentes que as lojas convencionais da cidade, e os nova-iorquinos faziam tudo o que podiam para escapar dos quadrados e retângulos nos quais Manhattan fora esquartejada e para chegar até as cidades serpenteantes de neve.

Semicírculos, círculos, galerias à meia-luz com trilhas parcialmente inclinadas e salas que levavam a câmaras que levavam a cadeias de salões, cavernas e lugares secretos faziam muito para libertar e alegrar aqueles que haviam sido criados em meio aos ângulos retos. Patinadores deslizavam de um lugar para outro, perdendo a noção do tempo e desaparecendo durante vários dias em meio às cidades construídas nas margens cobertas pela neve. Famílias inteiras iam até lá para dormir nos quartos de neve, comer carnes assadas em espetos minúsculos e participar de corridas na neve — para depois perceber que estavam fora de suas casas havia vários dias, e que todos os seus compromissos haviam sido violentamente despedaçados. Mesmo assim, não era incomum que as pessoas com quem eles deviam se encontrar também tivessem se esquecido dos seus compromissos e também pudessem ser encontradas no meio de todo aquele gelo. Todavia, os bancos de neve e os rios congelados eram apenas o meio para se conseguir chegar à região do porto, que, durante o dia, parecia uma planície sobre a qual os exércitos haviam se formado, e, à noite, se assemelhava à mistura entre um festival popular e um observatório de estrelas.

Milhares de tendas tinham sido armadas no gelo, rivalizando até com os palácios de neve. Se alguém se recusasse a andar por entre as tendas, poderia facilmente se perder em meio a um labirinto de

becos e avenidas cheios de patinadores, mercadores e equipes de jogadores de hóquei vestindo roupas coloridas, patinadores ou jogadores de curling que rumavam para os campeonatos nas enormes quadras erguidas aleatoriamente em meio à cidade das tendas. Sobre inúmeras caixas de areia que serviam de base para fogueiras, caldeirões fumegavam e borbulhavam, lagostas rolavam e toneladas de ovos se agitavam nas danças histéricas dos carecas e sem pernas. Carnes assadas, bebidas quentes e tortas de frutas com aromas apetitosos e que eram assadas em fornos de tijolos construídos sobre o gelo estavam por toda a parte e com preços muito baixos. Patinadores artísticos, malabaristas, acrobatas, estudantes de música e porcos dançantes se apresentavam nos cruzamentos mais movimentados.

Crianças passavam em disparada em seus patins como insetos supersônicos, e se lançavam por entre as multidões e por baixo de mesas abarrotadas com produtos ou comida à venda. Os garotos de nove anos pareciam ser os mais ligeiros e mais audaciosos. Eram magros como tiras de elástico, não conheciam o perigo e paravam apenas durante o tempo necessário para enfiar confeitos de frutas em suas bocas. Em seguida, voltavam a deslizar a cento e cinquenta quilômetros por hora, esquivando-se, acelerando e gritando sem parar em vozes estridentes para que todas as pessoas saíssem da sua frente. Rápidos como píons, múons e quarks encantados, estavam em todos os lugares ao mesmo tempo, cheios da mais pura e ilimitada energia.

À noite, as fogueiras ardiam até as nove horas, e depois eram apagadas e colocadas sob grades para não interferir nas observações astronômicas. Um estranho resquício de calor permanecia ao redor das pessoas até bem depois da meia-noite, permitindo um exame bastante apurado dos céus. Alguns empreendedores mais ousados alugavam colchonetes e cobertores grossos para as pessoas que queriam deitar sobre o gelo, absortos pela esfera celeste. Embora os habitantes de Nova York mal percebessem as estrelas nos últimos cem anos, agora estavam bastante enamorados por elas.

Não apenas os astrônomos, mas vários astrólogos, charlatões e pilantras com chapéus pontudos e botas enfeitadas com lantejoulas discursavam em troca de uma pequena quantia sobre as Plêiades, as Sextantes, Rígel, Kent, Pavo, Gacrux, Argo Navis, Betelgeuse, Bellatrix e Átria. Livretos que descreviam as estrelas estavam enfiados nos bolsos traseiros de muitas calças; telescópios e tripés proliferavam em uma floresta de árvores com três pernas, e a população começou a perceber, pela primeira vez em muito tempo, que existia alguma coisa que todos podiam amar e que nunca lhes faltaria. Se continuasse, isso poderia levar a cidade muito longe. Mas toda noite a maravilha nos céus era contrabalançada pelo flagelo de ventos tão fortes e gelados que as tendas desabavam. O gelo era abandonado de maneira tão absoluta que, pela manhã, tudo que restava eram os fornos em forma de caixa — e até mesmo eles eram movidos pelo vento, colidindo uns com os outros como as pedras do jogo de curling. Conforme os dias ficaram mais curtos e o verdadeiro inverno empilhou sua severidade sobre o inverno encantador, o gelo ficou cada vez menos hospitaleiro, e as horas de observações astronômicas foram reduzidas substancialmente.

Em certa manhã, bem cedo, Peter Lake foi até a baía do *The Sun* no ancoradouro de Whitehall para ajudar Asbury a consertar o motor da lancha.

Embora o sol houvesse acabado de sair e estivesse clareando tudo com uma luz fresca e vigorosa, o ar ainda estava muito frio, e os dois mal conseguiam conversar. Fizeram uma fogueira dentro de um tonel de óleo vazio, e, a cada cinco ou dez minutos, precisavam subir até o fogo para esquentar as mãos. Como estavam trabalhando com peças e componentes de aço e precisassem tocar neles com frequência, seus dedos logo ficavam entorpecidos. Quando Peter Lake e Asbury se agachavam ao redor da fogueira, olhavam por sobre a planície deserta de gelo que se formara sobre o estuário, que, até pouco tempo antes, costumava ficar bastante movimentado.

Cem mil pessoas estavam ali na noite anterior, mas, naquela manhã, não havia uma única alma. Todas as tendas haviam sido recolhidas e todas as pessoas voltado para a cidade na neve ou para suas casas na cidade de aço e concreto. O gelo estava limpo, com exceção de alguns fornos de alvenaria que se pareciam com marcadores de quilometragem em estradas, ou estacas enfiadas no chão de gelo. Quando o sol bateu no alto das casas de Brooklyn Heights, a região do porto ganhou uma cor azul e branca, e um vento tremulante foi criado quando a luz do sol despertou o ar frio por cima do gelo. As chamas da fogueira de Peter Lake e Asbury ficaram mais altas, e eles baixaram as cabeças para proteger os olhos do vento. Pedaços de papel voavam diante deles em meio ao ar, junto a restos de sucata (latas, pequenos fragmentos de madeira, bastões e as estacas das barracas), e deslizavam por cima do gelo como pucks de hóquei, enfiando-se nas paredes das cidades de neve. Esse era o vento que arrancava tudo o que estava sobre o gelo, com exceção dos pesados fornos de alvenaria, que se moviam a uma velocidade comparável à de um elefante doente.

— O que é aquilo? — perguntou Asbury, apontando para uma coisa parecida com um saco que deslizava sobre o gelo. A julgar pela maneira como se movia, os dois tiveram a impressão de que devia ser algo pesado. Às vezes a coisa ficava presa em alguma ranhura no gelo até que o vento a empurrasse. Em seguida, continuava a deslizar, lentamente no começo, mas logo ganhava mais velocidade. E, quando parava, o movimento era tão gradual como quando começava a se mover. Diferente dos projéteis menores, que passavam quase voando, aquela coisa parecia estar se movendo de maneira deliberada e graciosa.

Apenas quando viram os braços entorpecidos agitando-se mansamente os dois perceberam que aquela figura era um homem. Não havia dúvida de que ele morrera congelado, mas a movimentação constante manteve os seus ombros flexíveis, e seus braços giravam ao longo do seu corpo tão delicadamente quanto as pétalas que caem de uma rosa.

Asbury e Peter Lake correram por sobre o gelo, onde agarraram e viraram o corpo do homem, deixando-o com o rosto para cima. Com o rosto contorcido por uma careta e imóvel, coberto por uma fina camada de gelo e neve, um rosto típico de Papai Noel os encarou por baixo de uma massa de farrapos tecidos à mão, feitos com lã e peles de animais.

Por um momento, Peter Lake hesitou. Ele quase deixou a oportunidade passar. Mas, apoiando-se sobre um dos joelhos, ele ergueu aquele corpo para afastá-lo do gelo e o segurou em seus braços. — Abysmillard — sussurrou ele, sendo rapidamente jogado um século em direção ao passado por uma forte lembrança do estuário, quando os Catadores de Ostras eram os seus mestres. Embora o rosto de Abysmillard estivesse coberto pelo gelo, ele transmitira uma impressão de eterno verão a Peter Lake.

Agora ele se lembrava de remar uma canoa por águas rasas infinitas e de saltar para arrastá-la para cima de bancos de areia da cor de manteiga. A própria cidade estava muito distante, obscurecida pela névoa e pelas ondas de calor. Nunca quis olhar naquela direção quando era garoto, mas sempre soube que a cidade estava lá. Via, em suas memórias, uma criança vestida com roupas puídas, perdida e contente no mundo do mangue, onde parecia ser verão o tempo inteiro. A força e a precisão da sua lembrança sugeriam que, embora ele houvesse deixado aquele tempo para trás, tudo ainda estava acontecendo diante dos seus olhos.

— Você o conhece? — perguntou Asbury. — De onde ele veio? — Especialmente na condição encarquilhada e congelada em que se encontrava, Abysmillard não se parecia muito com um homem moderno.

— De lá — respondeu Peter Lake, olhando na direção do lugar que antigamente era Bayonne Marsh. — Antigamente havia pessoas que moravam ali, como os índios. Havia mariscos, ostras, moluscos, lagostas, peixes, aves marinhas, javalis costeiros, frutas,

turfa e madeira que boiava sobre as águas. Mas isso foi há muito tempo, e as coisas mudaram. Agora, o mangue é um inferno.

— Ele devia ser o último habitante dali — disse Asbury, assustado pelo rosto selvagem e nada familiar de Abysmillard.

— Não — disse Peter Lake. — Sou eu.



EX MACHINA

Talvez o conhecimento instintivo sobre o Juízo Final seja bastante disseminado porque uma vida que leva à morte é um emblema perfeito para uma história que, em determinado momento, será julgada: as duas serão interrompidas, desnudadas e iluminadas pela mesma luz poderosa. Ou talvez seja porque, no decorrer dos anos, uma pessoa terá uma vida de desordem e um ou dois momentos que serão indiscutivelmente grandiosos. Embora tais momentos possam ocorrer no campo de batalha, em uma catedral, no pico de uma montanha ou durante tempestades no mar, costumam acontecer com mais frequência ao lado de uma cama de hospital, na praia ou em tribunais de justiça embolorados, ou ao dirigir por rodovias aquecidas pelo sol em tardes tranquilas de verão. Isso acontece porque os castelos da era moderna são divididos em cômodos muito pequenos. Esses cômodos, apesar disso, estão frequentemente abarrotados com um número enorme de pessoas porque a história sempre favorece as massas, e oferece a grandiosidade com mais rapidez quando todos os soldados de um exército estão reunidos no mesmo campo, quando uma catedral está apinhada até o teto, ou quando o nevoeiro se desfaz e os navios de uma invasão descobrem que, em vez de estarem sozinhos, são uma armada naval incrível.

Muitas vezes, ao caminhar pelas ruas magnéticas e reverberantes da cidade, Praeger de Pinto ficara impressionado pela quantidade de luz que emanava por a toda a parte, por ondas de energia que ecoavam pelos cânions cinzentos como o arrebentar de uma corda. E, às vezes, quando a cidade era tão característica que chegava a estremecer e se agitar, o espírito de Praeger era elevado aos eternos corredores que se estendiam, invisíveis, acima e através

das ruas, próximos das fricções ofuscantes que conectavam todas as formas e existências. Para ele, o apito grave da barca, aquele rosnado elementar, abria corredores e mais corredores por entre não somente o nevoeiro translúcido e sedutor.

Esses eventos haviam sido preparações excelentes para o dia em que tomou posse do cargo de prefeito, quando conseguiu o que queria e se perdeu ao mesmo tempo. A cerimônia foi muito parecida com uma execução, embora não o houvessem matado. Mesmo assim, ele foi retirado da vida normal e separado dela permanentemente. Em outras eras, mais amistosas, o prefeito era simplesmente mais um dos rapazes. Agora, estava enclausurado em meio a uma grave responsabilidade, e sua juventude se esvaía do seu corpo — como pombos que, preferindo ignorar o curso tradicional das coisas, subiam aos céus e escolhiam cuidadosamente seu caminho por entre gravetos cobertos pelo gelo que retalhavam o céu da manhã em células estonteantes.

O Prefeito de Arminho saiu, vestido com os paramentos e adereços forrados com pele de arminho — o gorro de arminho, a estola de arminho e as ombreiras de arminho. Ele observava por detrás da massa de pelos negros, brancos e roxos e, com a aparência de um pica-pau traumatizado e efeminado, caminhou sobre o palanque para se colocar, entristecido, ao lado do prefeito eleito.

Virando-se para cumprimentar o prefeito, Praeger viu que, atrás da coisa peluda que vinha em sua direção, havia uma linha de líderes sentados no palanque. Atrás deles havia outra linha de líderes, e outra, e mais outra, até o fundo das paredes cor de creme da prefeitura, onde o palanque terminava. Por que todos os líderes políticos, com pouquíssimas exceções, tinham um metro e oitenta e cinco centímetros de altura e cem quilos de peso corporal, narizes vermelhos e bochechas vermelhas em rostos carnudos cobertos por cabelos brancos ou grisalhos? Eram quase todos assim; alguns poucos eram pessoas baixas e magricelas com bigodes finos, vozes roucas e óculos escuros permanentemente colocados diante do

rosto. Os gordos e vermelhos não tinham pescoço, e os pequenos e magros sempre mancavam ligeiramente quando caminhavam. Com certeza, pensou Praeger, isso deve fazer parte de algum plano divino.

Ele foi o primeiro prefeito a ser eleito sem o apoio dos líderes políticos. Agora, eles e todas as personalidades na cidade estavam reunidos para ouvir o seu discurso. Não sabiam o que esperar dele. Praeger poderia falar sobre os encantos do inverno, atacar os malefícios da televisão ou filosofar em voz alta sobre o destino da cidade. Tendo exatamente um mês antes da virada do milênio, ele decidiu que o seu discurso inaugural abordaria o equilíbrio metafísico que informava todos os eventos e, portanto, era tão característico da cidade a ponto de poder ser a sua marca registrada.

— Vejo muitos rostos confusos — afirmou ele. — Por quê? Não entendem que esta cidade é o berço para o mecanismo que mantém as coisas em ordem? Ah, já sei. Vocês o chamaram erroneamente de contraste, observaram suas lições sociais e depois viraram as costas. Mas acham que o patrício coberto com trajes de arminho realmente tem mais direitos do que o mendigo sentado diante de uma porta no inverno, morrendo aos poucos? Minha mãe costumava me dizer, quando eu era pequeno, que, se eu estudasse jiu-jitsu com o barbeiro das redondezas que dava lições no segundo andar da sua loja, eu seria capaz de derrubar um homem grande com apenas um dedo. “Quantos homens grandes têm apenas um dedo, mãe?”, perguntava eu, compreendendo a coisa de maneira literal. Mas, quando eu me dei conta do que ela queria dizer, não fiquei surpreso. Já havia percebido antes daquilo que a adversidade tem suas compensações. Que, ao cair, e quando fracassamos, nós nos erguemos. É como se houvesse uma mão por trás de nós que endireita todos os desequilíbrios. Por que vocês creem que os santos raramente têm o poder temporal que nós erroneamente identificamos com os frutos da justiça? Vocês acham que eles precisavam desse poder, ou se importavam com eles?

Os líderes políticos começaram a suar, apesar do frio. O novo prefeito não estava falando somente como se fosse um homem da igreja; fazia também os mesmos gestos eclesiásticos. Eles sempre souberam que a única verdadeira ameaça ao seu poder era a teocracia, e não estavam simplesmente suando apesar do frio; o próprio suor que escorria de seus corpos estava gelado. Por sua vez, os religiosos que estavam reunidos como cacatuas multicoloridas nas fileiras traseiras do palanque ficaram cada vez mais animados. Perguntavam a si mesmos se os seus sonhos, havia muito abandonados, viriam a ser realizados por esse homem que tomara a prefeitura de assalto pela porta dos fundos. Estavam loucos para saber qual era a sua religião, de modo que pudessem assimilá-lo. Com o sobrenome “De Pinto”, ele poderia ser católico, judeu sefardita ou até mesmo ortodoxo grego. Quem poderia saber?

— Não confundam as minhas perspectivas sobre o poder temporal e a riqueza material com uma estratégia para proteger a ordem social atual. Eu vejo os marxistas na fileira 30 se retorcendo em seus assentos. Parem de se remexer. Redistribuam a riqueza, se é isso que os deixa felizes. Eu concordo, de certa forma, com suas noções de igualdade, embora não o bastante para aceitar a tirania que as pessoas como vocês, que não têm olhos para admirar a graça, criariam se pudessem governar somente de acordo com seus preceitos mecanicistas. Como acredito que os resmungões em suas poltronas têm a mesma possibilidade de enxergar o mundo que o mendigo que citei antes, não faço qualquer objeção a tirar o mendigo do frio e deixar que ele coma carne assada também. Na verdade, isso é simplesmente um sinal de justiça, mas, se analisarmos friamente, é uma teoria do mais baixo nível. Muito além disso, entretanto, existe um equilíbrio recorrente, perene e artístico. É possível vê-lo na natureza e nas leis, nas estações, nos terrenos, na música, e, em sua forma mais magnífica, nas perfeições da esfera celeste. Mas ele também está ilustrado aqui, na cidade. Em cada esquina a cidade apresenta cenas de triunfo e cenas de derrota. É um caleidoscópio de sol e sombras que representa a nossa condição muito melhor do que a roda da fortuna, pois tal

aparato, embora seja corretamente polar, não permite a fragmentação adequada de tempo e eventos. A simplicidade perfeita da salvação está quebrada sobre essas rochas que construímos, e está espalhada para que ponderemos e a agrupemos em um teste que avalia a nossa paciência e a nossa compreensão. Aprendemos que a justiça nem sempre segue um ato justo, que a justiça pode passar anos adormecida e despertar quando menos se espera, que um milagre não é nada além de uma justiça latente de outra época chegando para compensar aqueles que cruelmente abandonou. Quem souber disso está disposto a sofrer, pois sabe que nada acontece em vão.

E então, o prefeito praticamente empossado concluiu:

— Agora, permitam-me falar sobre a ponte que Jackson Mead vai construir.

Craig Binky estava sentado em um lugar de destaque, e nenhuma daquelas almas deixou passar um fragmento daquilo que veio a seguir. Ele levou as mãos ao peito como um homem que está sofrendo um ataque cardíaco e um acidente vascular cerebral ao mesmo tempo, seguido por várias caretas feitas rapidamente em sequência, algo que poderia fazer Pantaleão corar de vergonha. E, conforme Praeger prosseguia, Craig Binky caiu de joelhos como um homem em penitência, agitando-se em movimentos espasmódicos que representavam a ganância e o desgosto em vez de uma iluminação ou de uma redenção recém-descoberta.

— Ele me mostrou os planos — disse Praeger. — Nos esboços e elevações que eu vi no início, a curva dos enormes cabos de sustentação parecia ser capaz de suportar o peso de todo o planeta sobre si mesma, reluzente e coberta de joias. Imaginem a minha surpresa quando ele disse que aquilo era somente um esboço da estrutura principal. Em seguida, exibiu várias plantas-baixas de pontes impressionantes, diferentes de tudo o que já vimos, e explicou que aquelas se estenderiam da extensão central como ramificações. Não havia nenhum desenho que retratasse a porção central. Será feita com a luz. Ele fala com autoridade ao querer usar

o mar e o gelo como uma lente para raios que serão gerados por várias estações que já estão em construção. Luzes de todas as frequências serão misturadas, reorientadas, armazenadas, amplificadas, refletidas, reverberadas, refratadas, realinhadas, organizadas e concentradas para que possam acumular sua própria força. A chave para conseguir um feixe de energia infinita, pelo que ele me disse, não está na magnitude da sua geração, mas na sutileza do controle. A luz, sob uma tutela sem falhas, é algo que não tem limites, e Jackson Mead se propôs a reunir e domar uma quantidade imensa de raios separados, guiando-os por um labirinto complicado de desenvolvimento e amplificação, até que se combinem em um feixe sólido e frio sobre o qual será possível viajar. Embora um dos acessos esteja planejado para ser construído em Battery Park, ele não disse para onde a ponte irá levar, preferindo deixar isso a cargo da minha imaginação. Da mesma forma que deixarei a mesma ideia a cargo da imaginação dos senhores.

Um protesto imediato emergiu do meio da multidão. Bairros seriam destruídos, pistas expressas teriam de ser reorientadas e os recursos vitais seriam direcionados para uma ponte do arco-íris que não tinha fim. Seria mais fácil convencer os cafetões da Times Square a reconstruir Chartres do que reunir os cidadãos práticos para o discurso de posse com o intuito de fazê-los concordar em coordenar seus esforços daquela maneira. A indignação os sufocava como chumaços de algodão. A campanha inicial de Praeger de Pinto, antes de enganar as pessoas com a loucura do inverno, não estava em oposição direta a Jackson Mead?

Já prevendo aquela questão, o novo prefeito a respondeu declarando que ele era meramente contra o sigilo que envolvia o projeto.

— Agora, o sigilo chegou ao fim.

Os líderes ficaram enfurecidos; afinal, era assim que ganhavam seus salários. Quando ficavam furiosos, iluminavam-se como uma fileira de máquinas caça-níqueis exibindo a combinação vencedora

de símbolos, todas ao mesmo tempo, porque cada um dos líderes queria que as pessoas da sua zona eleitoral testemunhasse o luxo daquela indignação. Até mesmo os clérigos começaram a se perguntar se essa ponte não iria resultar na degradação das suas catedrais, depois que todos pudessem caminhar por ela e desaparecer em meio às nuvens.

— A cidade dos pobres não vai aceitar isso — disse alguém. — Eles vão imaginar que a ponte é mais um inimigo em um mundo cheio de inimigos. Vai levar algum tempo até que tomem uma atitude, mas, quando isso acontecer, eles estarão motivados pela vingança.

Tudo o que restava na cerimônia de posse era que o conselho dos anciões anunciasse o novo título do prefeito. Praeger estava apreensivo, acreditando que, após perder sua influência em anos recentes, o conselho teria de agir de maneira muito econômica. Temia a possibilidade de ser chamado de Prefeito da Carne de Porco, ou Prefeito das Latas, e poderia até mesmo aceitar algo pouco ofensivo como o Prefeito Pássaro. Até onde a memória das pessoas conseguia se lembrar, houve prefeitos dos ossos, prefeitos-ovos, prefeitos das águas e prefeitos de madeira. Depois do último prefeito dos ossos, o conselho embarcou em uma tendência inexplicável e empolgante, intitulando um Prefeito das Árvores, um Prefeito Verde e um Prefeito de Arminho. Praeger achava que aquilo não poderia durar para sempre.

Quando o relógio anunciou o meio-dia e as árvores cobertas de gelo se agitaram como pandeiros, o Prefeito de Arminho removeu o seu manto (que foi logo dobrado por seu assistente), ajoelhou-se e entregou o cetro que representava o cargo a Praeger. Não houve aplausos, pois a plateia estava furiosa e confusa. Em seguida, o conselho de anciões (incluindo Harry Penn) marchou em fila até o púlpito. Craig Binky foi convocado, mas, como perdeu a reunião, não teve coragem de aparecer. O diretor do conselho acautelou a população, pedindo-lhe que se abstivesse de especulações desnecessárias.

— O que dissermos aqui não é necessariamente o futuro. Não somos tão sábios assim. Mas, assim como vocês, nós também podemos sonhar. — Em seguida, ele anunciou que Praeger de Pinto deveria ser chamado de Prefeito de Ouro.

A multidão soltou um gemido de surpresa, e os líderes políticos também. Sua estrutura, pelo que lhes parecia, estava se fragmentando. Temiam não apenas por seu sustento, mas também por suas vidas, porque sabiam que uma estrutura que se fragmenta é como uma guerra em si mesma. O que, em sua enorme sabedoria, eles fizeram para merecer aquilo? Todos eles saíram correndo do palanque como um exército em debandada e correram para suas casas por entre as ruas cobertas de neve para ampliar seus estoques de comida, lenha e uísque.

Não parecia justo confinar Abby Marratta junto a homens velhos à beira da morte, ou fazê-la passar por eles nos corredores enquanto era levada de um lugar para outro em uma longa maca com rodas e sobre a qual estavam penduradas bolsas de sangue e soro fisiológico. Até mesmo os velhos que estavam acostumados a transformar sua própria miséria em uma guarda de honra esqueciam-se completamente de si mesmos quando ela passava. Ficavam muito emocionados ao perceber que uma boa porção daquela maca não era utilizada, e que a criança estava deitada apenas em uma pequena área central.

No início ela foi levada de um lugar para outro por auxiliares de enfermagem que chegavam a todo momento, mesmo no meio da noite, como se a sobrevivência da menina dependesse de quantas salas ela visitasse e de quantas pessoas diferentes ela encontrasse. Essas jornadas longas e frequentes por corredores que eram limpos e estéreis como ossos envelhecidos irritava Hardesty e Virgínia, até que as viagens pararam. E isso os irritou ainda mais. Agora ela estava confinada em seu quarto, abandonada pela maioria dos especialistas e técnicos, sozinha com exceção da companhia dos seus pais, de um ou dois enfermeiros e de uma jovem médica de cabelos ruivos que cuidavam dela, em turnos, vinte e quatro horas

por dia. Abby frequentemente acordava, e, quando o fazia, eles tinham a tarefa difícil de erguê-la, colocar seus braços ao redor dela e segurá-la como se a floresta de tubos plásticos que havia ao redor da menina não estivesse ali.

E havia também os especialistas, meia dúzia deles — não, uma dúzia. Foram recomendados por pessoas e médicos de confiança, e os nomes de médicos em quem eles deviam confiar eram tão numerosos quanto as contas de um rosário. Hardesty tinha tantos pedaços de papel com os números de telefone de médicos anotados neles que a longa lista que ele digitou para mantê-los em ordem ocupava uma página inteira. Cada um dos especialistas cujo nome estava na lista, supostamente, era “o melhor entre os melhores”.

Depois de uma semana inteira de desgaste devido aos inúmeros rostos e diagnósticos vagos, Hardesty imaginou o pior. Ninguém oferecia qualquer esperança. Eles simplesmente a transferiam de um médico para outro, até que o último que ele consultou sentiu pena e lhe contou a verdade.

Não havia autoridade maior, pois ele era o chefe dos chefes da instituição médica de maior prestígio na cidade. Amigos haviam lhe enviado os prontuários, e ele os estudou cuidadosamente; o médico visitou Abby não uma vez, mas duas. E convidou Hardesty para vir ao seu consultório com vista para o rio East, pois sabia que a majestade do lugar, a pintura de Lavoisier, a mobília pesada, a tranquilidade e os jardins cobertos de neve do lado de fora fariam com que Hardesty acreditasse mais facilmente no que ele iria dizer.

— A melhor coisa do mundo é a verdade — começou o médico. — De qualquer maneira, você sempre acaba descobrindo, mais cedo ou mais tarde.

Claro, ele não precisou dizer mais nada. Hardesty lutou para conter as lágrimas.

— Faça com que sua filha se sinta o mais confortável possível. Não a exponha a nenhum sofrimento, e não diga a ela o que vai

acontecer. Você tem outros filhos, não é?

— Sim — respondeu Hardesty.

O médico assentiu e olhou para ele por um longo momento, com um leve sorriso no rosto.

Hardesty piscou os olhos, respirou fundo e foi até a janela. No início ele viu os jardins, cobertos com a neve. Depois, mais adiante, o rio. O vento soprou sobre o gelo, trazendo consigo o ronco dos motores e os apitos das barcas e rebocadores presos em suas docas como cães de caça confinados pela neve alta. Embora a tarde ainda não houvesse terminado, as luzes começaram a se acender ao longo do rio, e, no bairro do Queens, a fumaça que saía das chaminés denunciava muitas lareiras sendo acesas ainda cedo. Talvez nada seja tão triste quanto a luz mortiça em uma cidade pacata.

— Minha mãe morreu quando eu era criança, e, quando meu pai morreu — contou Hardesty, olhando para a neve que caía leve, mas insistentemente, diante da janela do quarto de Abby —, eu era jovem demais para cuidar dele, mesmo sendo homem. Não era o meu lugar. Talvez pudesse ter assumido a responsabilidade e feito com que ele descansasse mais, ou que comesse outras coisas, ou fazer qualquer outra coisa para prolongar seus anos, mas os meses extras que ele poderia ter ganhado estariam todos errados. Ele era o meu pai, e eu não tinha direito de tratá-lo como se fosse meu filho. Eu não soube o que fazer quando o vi ficar cada vez mais fraco. Fiquei paralisado. Mas ele achou que aquilo era um bom sinal. Ele disse: “Guarde suas forças para cuidar dos seus próprios filhos. Isso é o melhor que você pode fazer por mim. Somente um tolo gastaria a sua energia com um homem tão velho quanto eu, e estou feliz por ver que você tem cabeça para conservar a sua coragem e usá-la no momento em que realmente é necessária”. Ele me deixou com a sensação de que eu não havia fracassado em relação a ele, e me ensinou a morrer da maneira adequada.

Com uma fúria controlada e o rosto se empedernindo com a determinação, Hardesty acrescentou:

— Mas... Não posso deixar que isso aconteça a Abby. Não devia ser assim. É errado. Não estou simplesmente dizendo que isso é desagradável, ou que não quero que aconteça. Estou dizendo que é errado. Ainda não chegou a hora dela. Ela é jovem demais.

— O que podemos fazer? — Quando Virgínia fez essa pergunta, não o fez de maneira totalmente retórica. Estava disposta a acreditar que alguma coisa poderia ser feita, e que ela e Hardesty tinham a responsabilidade de tentar. Todos com quem comentavam a respeito os aconselhavam a ter cuidado, dizendo que, em seguida, eles nunca perdoariam a si mesmos por imaginar que tinham o poder de intervir no desfecho da situação quando, na verdade, não tinham.

— Mas quem disse que não temos esse direito? — perguntou Hardesty, lembrando-se daquelas palavras. — Coisas mais milagrosas certamente já aconteceram. Ouvimos falar sobre exércitos inteiros que foram ressuscitados, ou salvos por um mar que se fecha sobre os inimigos. Pilares de fogo surgem no meio do deserto, trovões e relâmpagos explodem por toda a parte e colinas saltam como se fossem carneiros para proteger os crentes de inimigos ferozes e implacáveis.

— Você realmente acredita que um pilar de fogo surgiu no meio do deserto?

— Não — respondeu Hardesty. — Não acredito nisso. Acredito que o relato do pilar de fogo foi apenas uma metáfora para algo muito maior e mais poderoso do que um simples pilar de fogo. E acredito que essa imagem, mesmo com toda a sua beleza, não faz justiça ao que realmente aconteceu.

— Não é inútil pensar que temos condições de acessar esse mesmo poder apenas porque queremos?

— Acho que não — respondeu Hardesty. Ele parecia estar planejando alguma coisa. — Acho que seria vaidade imaginar que

podemos receber uma graça sem esforço. Vejo que os milagres vêm para as pessoas que arriscam tudo para consegui-los. Eles vêm para aqueles que se esgotam completamente em uma luta para conquistar o impossível. Eu me contive quando meu pai morreu. Ele disse que aquilo era o meu dever, e que eu tinha razão. Seu último desejo era que eu me poupasse para uma batalha que não compreenderia. Sabe o que foi que ele disse? “A maior batalha acontece quando você está lutando no meio da fumaça e não consegue ver com seus próprios olhos”.

Peter Lake queria ir até o mangue para ver do que conseguiria se lembrar. Como o estuário estava congelado, ele não precisou usar um barco. Em vez disso, comprou um par de patins de gelo e os amarrou com firmeza aos pés. Em seguida, amarrou os cadarços dos seus sapatos um no outro e jogou-os por cima do ombro. Partiu no início da manhã para atravessar o gelo, com as mãos nos bolsos, enquanto um forte vento do leste pressionado pelo sol nascente se espalhava pelas ruas escuras do Brooklyn e avançava sobre o estuário. Peter Lake percebeu que não precisava patinar; bastava se apoiar a favor do vento e deixar que ele o empurrasse rumo ao mangue. Conforme avançava por vários quilômetros sem precisar se esforçar, ele viu outra vez o contorno familiar da península de Bayonne, e a aparência antiga do lugar começou a voltar à sua memória, mesmo que agora estivesse coberta por fábricas, ancoradouros e imensos canteiros de obras. Em meio ao alvorecer gelado, milhares de homens trabalhavam sob os holofotes e havia várias fileiras de lâmpadas incandescentes que faziam as ensecadeiras e as estruturas de aço que estavam sendo erguidas se parecerem com navios iluminados para alguma celebração. Shooters Island surgiu à sua frente. Os Catadores de Ostras a chamavam de Fontarney Gat, e antigamente havia água fresca e árvores frutíferas ali.

Quando passou pelo estreito de Kill van Kull, que os Catadores chamavam de Siltin Allandrimore, ele se virou para olhar para a cidade. Levou um choque; o lugar era muito familiar daquela

perspectiva, e a lembrança foi tão forte que ele pensou que havia se desligado dos dois mundos. Ainda assim, sentiu certo prazer ao ver os penhascos da cidade iluminados pela alvorada, como vira tantas vezes antes. Embora os paredões de vidro brilhassem intensamente e a luz que passara por eles cobrisse a margem de Nova Jersey com arco-íris refletidos, ainda havia boa quantidade de prédios relativamente antigos para dar a Manhattan o ar de uma ilha feita de penhascos rochosos, e fazer com que Battery Park se parecesse com um queixo muito forte e audacioso.

Peter Lake estava prestes a subir pelo estreito de Kill van Kull e explorar as baías, as margens cobertas de juncos e os canais de água salgada quando percebeu um grupo de pontos negros no gelo, quase imperceptíveis, vários quilômetros atrás de onde ele estava. Ele não poderia ter a certeza de que aqueles pontos estavam atrás dele se não fosse pelos movimentos suaves e graciosos que faziam conforme avançavam em alta velocidade, mudando sua trajetória em momentos diferentes, mas mantendo o mesmo rumo. Sabendo que, na mecânica física, a aparição daquela lisura poderia significar uma precisão sobrenatural ou alta velocidade vista de longe, Peter Lake não se perguntou por que haveria patinadores no gelo ao amanhecer, mas por que estavam patinando com tanta determinação e velocidade.

Em vez de desaparecer em meio ao Kill, ele patinou para o leste contra o vento, e observou o espetáculo inebriante e belo das formas, muito maiores agora, conforme se realinhavam de acordo com a posição onde ele estava. Estavam se dirigindo para um lugar mais à frente de Peter Lake, num curso de interceptação. Ele deu meia-volta e acelerou para o oeste. Num movimento preciso, os outros patinadores fizeram uma curva graciosa para a direita e o mantiveram, assim como antes, em sua alça de mira.

Peter Lake fez uma parada súbita, com seus patins lascando o gelo em uma cascata que caiu sobre a superfície lisa e se quebrou em cristais que o vento logo se encarregou de espalhar. Ele olhou para os patinadores que se aproximavam. Moviam-se com muita

firmeza, sem precisar fazer o esforço daqueles que não têm a sorte de ter o vento às suas costas. Estavam se aproximando. E vinham direto na direção dele.

Apesar do perigo aparente, Peter Lake ficou contente por se encontrar no que parecia ser uma situação familiar, e sentiu uma onda de força e energia que não parecia apropriada para um homem da sua idade — como se as forças estranhas que o agrediram e o degradaram enquanto ele estava pelas ruas, e os poderes que agiram contra ele e o castigaram com relâmpagos e trovões, estivessem agora dentro do seu ser.

O sol alcançou os perseguidores. Havia pelo menos uma dúzia deles, e a maneira firme e determinada com que se moviam era ameaçadora. Peter Lake seguiu para a ilha. Estavam a favor do vento e não havia possibilidade de escapar para a direita ou para a esquerda, pois, se tentasse isso, tudo o que eles precisariam seria mudar um pouco a sua trajetória para poder interceptá-lo. Também não faria sentido continuar indo para o oeste. Os mangues não eram mais os mesmos, e ele não tinha certeza se o seu conhecimento sobre a área ainda estava intacto. A melhor estratégia era dar a volta ao redor da ilha e ir até o meio do lado mais distante. Quando ele os visse chegando por um lado ou por outro, viraria para o nordeste, com uma breve dianteira, e o vento estaria contra todos.

Ele chegou até o lado oposto da ilha e ficou ali por tempo suficiente para perceber que, se fossem espertos, optariam por se dividir em dois grupos para cercá-lo.

Depois de um salto em alta velocidade por cima das tifas, ele pousou na praia e enfiou as lâminas dos seus patins na neve e na areia enquanto atravessava a ilha de maneira desajeitada. No ponto mais alto, Peter Lake percebeu que seus perseguidores haviam realmente se dividido em dois grupos, e se organizavam em duas falanges que acabariam por encurralá-lo se ele houvesse seguido sua estratégia original.

Ele já estava descendo rumo ao gelo aberto. Mas os outros patinadores com suas casacas pretas não seriam despistados facilmente. Deixaram dois dos seus a uma boa distância da ilha, ainda no gelo. A única coisa que Peter Lake podia fazer era ir diretamente contra eles, e foi isso o que fez.

Eles o viram pouco depois que Peter Lake chegou à superfície do gelo. Abriram uma distância de cem metros entre si e dispararam dois tiros no ar para chamar os outros. Peter Lake passou entre os dois. Conforme ele ganhava velocidade contra o vento, os dois algozes firmaram seus patins no chão e dispararam contra Peter Lake. Ele ouviu as balas cortando o ar e ficou grato, pois os projéteis arremessados contra o ar pareciam ser a sua vocação.

Enquanto atiravam metodicamente e com bastante precisão contra Peter Lake, mas erravam o alvo porque ele se esquivava com bastante agilidade e patinava com velocidade, foi possível olhar de relance para os seus perseguidores. Eles usavam casacas pretas com um corte antiquado, muito parecidas com as casacas que Peter Lake viu nos dois homens baixos que estavam no restaurante. Ainda não sabia quem eles eram. Suas táticas eram magistrais, e foi somente por sorte que Peter Lake conseguiu permanecer ileso.

Mas os perseguidores não eram tão espertos quanto poderiam ser. Peter Lake descobriu isso quando passou voando por aqueles dois. Ambos estavam mirando suas pistolas nele, esperando pelo momento em que Peter Lake estaria mais próximo — que, obviamente, foi o instante em que ele cruzou a linha que existia entre um e outro. Os dois giraram de maneira mecânica e tinham boa pontaria. Quando Peter Lake atravessou a linha, eles dispararam com uma precisão que os identificava como criaturas oriundas da geometria. Ao prever isso, Peter Lake se agachou até quase tocar o chão, baixou a cabeça e escutou o efeito Doppler duplicado das balas que convergiam quando passavam bem acima do seu corpo. Foi um som incrivelmente longo, semelhante a um eixo. Erguendo-se para voltar a patinar, Peter Lake ficou contente ao

ver que seus dois atacantes haviam matado um ao outro com uma pontaria invejável, e estavam estirados sobre o gelo, imóveis.

— Minhas mais sinceras condolências — disse ele, em voz alta, enquanto acelerava sem parar, sem querer gastar um único segundo para olhar para os outros que vinham atrás e sabiam que ele estava ganhando velocidade. Foi direto para o trecho mais cheio de gelo que ficava sob as pontes do rio East. Uma vez lá, poderia desaparecer em meio às tendas que estavam se erguendo e às paredes de neve e tocas construídas ao longo das margens.

Peter Lake patinou sem muito esforço, tomando longos impulsos para a frente que faziam seus patins vibrarem e ameaçarem rachar as lâminas de aço. Em seguida, avançando rumo a Manhattan, lembrou-se de que, na última vez que retornara à cidade sobre o gelo, ele estava montado em um cavalo branco. Tais fragmentos de memória encaixando-se em seus devidos lugares eram algo comum agora, e, embora fossem mais encantadores do que edificantes, ele tinha certeza de que acabaria sabendo de tudo se as coisas continuassem a acontecer assim.

A cidade de gelo sob as pontes do Brooklyn e de Manhattan e suas cidades-irmãs ao norte eram o terreno intermediário entre Manhattan e a cidade dos pobres. Embora, diferentemente dos seus primos ricos, os pobres não temessem por sua segurança física em bairros distintos daqueles em que residiam, sentiam-se muito desconfortáveis nos enclaves cintilantes que viam todos os dias e todas as noites. Caminhar por uma rua limpa e bem cuidada enquanto os porteiros os observavam e as senhoras os fitavam com expressões de desaprovação era uma experiência a ser evitada. As duas cidades estavam polarizadas havia muito tempo, e, embora os limites não fossem físicos, eles existiam, assim como os limites invisíveis de Five Points podiam comprovar.

Quando os rios congelavam, entretanto, novos territórios se abriam e uma zona neutra era estabelecida. Embora o contato entre os ricos e os pobres pudesse provocar uma troca positiva, eram os

apetites mais basais de cada um que os mandava rumo à cidade no gelo. Enquanto a maioria das pessoas estava no estuário olhando para as galáxias, uma transação cínica ocorria debaixo das pontes. Os ricos vinham para abandonar as virtudes com as quais poderiam ter contribuído e se refestelar numa paródia grotesca do que imaginavam ser a moral dos pobres; os pobres, por sua vez, vinham como tubarões para atacar os ricos. Um grupo queria comprar escravos e seguidores; o outro queria dinheiro, relógios e joias.

Aquilo acabava por transformar a região em um lugar de nervos à flor da pele e de muita feiúra, completamente diferente das outras cidades de gelo nas outras margens, pois, como quase sempre acontece, a arquitetura seguia o plano traçado pelas almas dos habitantes. Peter Lake chegou patinando na hora do café da manhã, ziguezagueando pelas estruturas construídas em meio ao gelo até se perder no meio delas. Depois de uma última curva, percebeu que estava diante de uma hospedaria. Muros de neve foram erguidos para proteger o lugar do vento, e o fogo ardia em um forno de tijolos que fora roubado de algum lugar sobre o gelo aberto mais ao sul. Em uma enorme mesa de madeira, um grupo de festejadores estava sentado aguardando a sua refeição, que seria composta por um mingau de grãos de milho e um cereal com leite, misturados até virar uma pasta amarelenta. As expressões das pessoas que estavam à mesa eram muito características: ricos e pobres, homens e mulheres, até mesmo os cachorros que estavam enrodilhados ao redor de si mesmos diante do forno: olhos gananciosos, queixos e narizes que se projetavam para a frente e formavam um focinho indisciplinado; sorrisos frouxos e embriagados que surgiam com muita facilidade, as barrigas inchadas que mal conseguiam ficar presas ao corpo e as fileiras de dentes em formato de ferradura que se exibiam como se fossem colares de pérolas sujas em bocas que não paravam de latir.

Peter Lake ocupou um lugar à mesa e recebeu uma tigela de madeira com aquele caldo. A comida era trazida aos clientes em uma prancha feita com tábuas grossas e toras de lenha. Para transportar onze cumbucas pequenas de sopa, dois homens tinham

de carregar uma prancha de cento e vinte quilos. A comida não era ruim, e todos, com exceção de Peter Lake, comeram como se fossem porcos, rendendo-se aos seus apetites e à comida. Os olhos de Peter Lake corriam de um lado para outro para absorver a cena: prostitutas nas janelas dos andares superiores se exibiam publicamente, aos beijos — que não se pareciam tanto com beijos e sim com drenagens de pântanos. E os pântanos que drenavam eram criaturas desmazeladas e com o rosto coberto de bolhas, costas peludas e lábios da cor de carne fresca. Antes de chegar à metade da sua tigela, Peter Lake viu duas carteiras serem furtadas e depois viu alguém roubar algo do bolso de um dos batedores de carteiras.

Por um instante, Peter Lake se esqueceu de onde estava e acabou se perdendo em suas memórias, tentando se lembrar de uma rima da sua infância em Five Points que tinha a ver com paus e pica-paus, e o que um podia fazer com o outro. Mas, olhando por entre os pilares do terraço de neve, ele viu uma enorme delegação de patinadores vestindo casacas pretas, passando como se fossem os centuriões de uma cidade romana.

Peter Lake rapidamente entrou debaixo da mesa, vislumbrando as panturrilhas gordas e os pés cheios de frieiras. Ele percebeu que, enquanto comiam, metade daquelas pessoas estavam com as mãos em seus próprios genitais ou nos de outra pessoa. Na verdade, ele compartilhava o seu esconderijo com uma mulher pobre e anônima que estava ajoelhada no gelo, prestando serviços entre as pernas de ambos os sexos em troca de uma moeda oferecida pela mão de uma pessoa que nunca a veria. Os casacas negras se aproximaram e interrogaram os clientes da hospedaria, que não haviam percebido a presença de Peter Lake e não foram capazes de lhes dar quaisquer informações. Estavam tão bêbados que não eram capazes de responder nenhuma pergunta com exatidão. Peter Lake espiou por entre uma moita de varizes e enxergou a parte superior do corpo dos seus perseguidores. Eles vestiam casacas que se pareciam com caudas decepadas abruptamente.

— Isso... eles são... Oh, Jesus! Rabos Curtos! — exclamou ele, batendo a cabeça contra o tampo da mesa.

Os Rabos Curtos ouviram o baque e derrubaram os clientes sobre o gelo. Peter Lake se ergueu com um salto, derrubando a mesa para o outro lado. Com os Rabos Curtos em seu encalço, ele correu para a hospedaria e subiu as escadas em disparada. Embora as paredes fossem brancas, o interior estava escuro como breu. No terceiro andar, Peter Lake se deteve e quase recuou, andando de costas. Uma criança que provavelmente pertencia a uma das prostitutas e certamente estava envolvida nas atividades que aconteciam naquele estabelecimento saiu de um dos quartos a passos trôpegos e foi até a escada. A menina tinha entre quatro e cinco anos, mas usava um vestido folgado e sujo e andava como se fosse uma velha bêbada. Peter Lake ficou tão chocado com aquela imagem que quase deixou os Rabos Curtos lhe alcançarem. Mas ele logo acordou para a realidade e prosseguiu.

O topo da escadaria era um beco sem saída. Para todo lugar que olhasse havia uma parede de neve, e, às suas costas, os Rabos Curtos estavam esmagando e destruindo os degraus. Peter Lake lembrou-se de um momento da sua vida de mendigo e jogou-se de cabeça contra uma das paredes.

Depois de atravessar a parede e chegar ao bordel adjacente, onde trinta pessoas estavam gemendo em uma banheira de leite de coco grosso, ele pediu licença, desceu as escadas correndo e patinou de volta para a cidade.

Na cidade sólida e verdadeira, os Rabos Curtos estavam por toda a parte, como baratas no meio da farinha. Embora nem todos o reconhecessem, aqueles que percebiam quem ele era o perseguiam. Ele retribuía a atenção atravessando janelas com saltos, caindo cinematograficamente sobre toldos cheios de neve e abrindo caminho à força por entre multidões que não desconfiavam de nada e nas quais as pessoas eram jogadas de um lado para outro como bolas de bilhar. Pacotes voavam pelos ares em arcos balísticos.

Por mais que as fugas fossem difíceis, Peter Lake adorava aquelas situações, e não conseguia imaginar um esporte melhor do que ser perseguido de um lugar para outro e ter de escalar as paredes dos prédios, esconder-se em bueiros e saltar de um teto para outro. Aquilo o mantinha tão ocupado e era tão aprazível que ele se esquecia de tudo, exceto da cidade em si; e isso tinha um valor tremendo quando ele precisava decidir para onde ir ou como se esconder, porque toda a cidade agora parecia estar em seu sangue, e ele era capaz de correr a uma velocidade impressionante sem nunca dar um passo em falso. Parecia uma bela sina, e ele ficaria desapontado se não fosse acossado em todos os lugares aonde fosse. Às vezes, ele saltava para alcançar uma escada de incêndio e deixava o corpo cair sobre dois Rabos Curtos enquanto eles corriam embaixo de onde ele estava, batendo a cabeça de um contra a do outro com selvageria. Certa vez, Peter Lake acuou um dos Rabos Curtos em um prédio abandonado. Aterrorizado, seu perseguidor tinha cabelos longos e oleosos, que insistia em retorcer em pequenas espirais com a mão esquerda, enquanto, com a arma na outra mão, andava de um lado para outro procurando por Peter Lake, que estava escondido em um armário. Quando o Rabo Curto abriu a porta do armário, Peter Lake gritou “Buu-huu-huu!” com tanta ferocidade que o facínora começou a dançar e saltar de um lado para outro, disparando sua pistola contra o chão em intervalos rítmicos e incontroláveis. Quando todas as balas foram disparadas, Peter Lake disse:

— Essa é uma bela dança. Você devia ensaiar mais e tentar se apresentar no Rainbow Room. — Os dentes do homem batiam como se fossem um grampeador automático. Alguns acabaram se soltando e caíram no chão. — Quando conseguir se recompor, você vai precisar de um bom dentista — provocou Peter Lake, calmamente. — Eu lhe acertaria com uma bela pancada, mas ficar assistindo é bem melhor. Infelizmente, preciso ir. Quando terminar, poderia apagar as luzes e demolir o prédio, por gentileza?

Em seguida, Peter Lake desaparecia na escuridão, na neve, no vasto mar de luzes e nas colunas de vapor que, numa noite de

inverno, são as penas que enfeitam o chapéu da cidade.

Ele não se atreveu a voltar para o seu quarto, pois, fossem lá quem fossem, eles o haviam descoberto. Peter Lake sabia que eles eram chamados de Rabos Curtos e que tinham o dever de perseguilo, mas não sabia o motivo; além disso, ainda sabia muito pouco sobre si mesmo.

— Até onde sei — proclamou ele em voz alta, marchando pela Quinta Avenida em uma noite em que o local estava cheio de pessoas fazendo compras —, isto é um sonho, e eles podem me perseguir até o dia do Juízo Final.

Mas ele tinha de dormir. Foi uma bênção, então, ser capaz de se lembrar de mais um pedaço de um passado extraordinariamente rico. E Peter Lake foi direto a Grand Central Station.

Passageiros e transeuntes atravessavam o piso da estação como sempre faziam, em um silêncio que convidava os olhos a se erguer e observar o teto abobadado. Era como se o próprio prédio tivesse sido construído para ser um espelho da vida na terra e das suas maiores consequências, e para refletir a maneira pela qual os homens cuidavam das suas vidas sem olhar para cima, sem saber que estavam deslizando pelo fundo de um mar muito vasto. Em meio às sombras da galeria acima da avenida Vanderbilt, Peter Lake olhou para cima e viu o céu e as constelações retratados de forma magistral contra o imenso teto recurvo. Era um dos poucos lugares no mundo onde a escuridão e a luz flutuavam como nuvens e se chocavam sob um teto.

Os responsáveis pela manutenção negligenciaram as luzes das estrelas durante várias décadas, e, sem iluminação, o céu parecia estar tempestuoso e sombrio. Talvez ninguém se lembrasse de como fazer aquilo, ou mesmo que as estrelas foram colocadas ali para serem iluminadas. Ele foi direto à portinhola escondida, onde encontrou uma tranca familiar.

— Eu sei como arrombar esta tranca — disse ele, pegando seu estojo de ferramentas finas, sem perceber que fora ele mesmo

quem fechara aquela tranca havia quase cem anos. — É um velho McCauley 6 de latão. — Peter Lake abriu o cadeado com tamanha delicadeza que finalmente lhe ocorreu a ideia de que ele poderia ter sido um ladrão. Mas, como não se lembrava de nada daquilo, acabou por deixar a ideia de lado.

Quando entrou e se viu sobre o forro onde o céu fora pintado, ele acionou um interruptor familiar e todas as estrelas se iluminaram. Não havia uma única lâmpada faltando ou que estivesse queimada. Sobre a floresta de pilares de aço acima do teto abobadado, Peter Lake ouviu o som de motores distantes que o distraiu, algo que, antigamente, ele imaginava ser a tempestade rítmica que anunciava o futuro. Ele foi até a sua cama, que, após quase cem anos, estava empoeirada, mas intacta. Latas de comida que agora eram provavelmente mais letais do que uma arma química. Pilhas de exemplares da Police Gazette e jornais velhos e amarelados estavam ao lado da cama. Ele olhou para tudo aquilo, admirado.

Peter Lake deitou-se na cama, contente. Era inverno, as estrelas estavam iluminadas e ele estava em segurança, atrás do teto da estação. Abaixo dele, as pessoas ainda passavam em silêncio pelo piso de mármore sem olhar para cima. Mas, se o fizessem, veriam agora as estrelas brilhando intensamente contra um céu verde-mar.

Hardesty andava pelas ruas com uma fúria hipnótica que não o distinguia dos milhares que já estavam lá. Dentre todos os lugares do mundo, Nova York era onde se podia facilmente fazer o sangue ferver. Bastava sair para as ruas e você imediatamente se sentiria pronto para colocar duas pernas humanas para correr contra os pôneis do Belmont. Hardesty sabia que, nas avenidas e vias expressas, o vento sempre soprava com força. Seu plano era se agitar até conseguir descobrir algum segredo aleatório com o qual pudesse salvar a vida da sua filha. Embora não houvesse muito tempo ou muitas oportunidades para isso, ele buscava vorazmente aquilo que Peter Lake nunca conseguiu evitar. Estava disposto a arriscar tudo, e não sabia exatamente o que estava procurando.

Seu primeiro desejo envolvia brigar, e havia muitas oportunidades para isso. As ruas estavam cheias de homens armados e desesperados que haviam sido treinados desde a infância para roubar e matar. O fato de eles também não terem medo e buscarem a violência do mesmo jeito que as abelhas buscam o mel não o incomodava.

— Por que está na rua? — foi o que lhe perguntaram dois homens que bloquearam o seu caminho naquela noite, já em um horário avançado, quando ele passava pela rua 87.

— Como é? — rebateu Hardesty, sorrindo de uma maneira que os homens imaginaram ser uma tentativa de conciliação. Na verdade, era uma espécie de prazer.

— O que você está fazendo neste pedaço? Responda direito! — disse um deles, dando um passo à frente agressivamente.

— Eu moro aqui — respondeu Hardesty, perfeitamente calmo.

— Onde? — gritaram eles, um depois do outro, de maneira calculada para aterrorizá-lo.

— Na 84.

— Essa rua não faz parte deste pedaço, cara. Perguntei o que você está fazendo aqui — insistiu o maior deles, apontando um dedo para o chão conforme sua raiva aumentava.

— Você não costuma pensar muito, não é? — perguntou Hardesty, retoricamente. Os dois valentões estavam surpresos. — Isso acontece porque vocês dois são uns cabeças-duras. Mas eu gosto de cabeças-duras, e vou lhes dizer exatamente o que estou fazendo aqui. Estou aqui porque é hora de apostar, seus cabeças-duras. Fui para casa pegar dinheiro, que eu havia deixado no bolso esquerdo do meu casaco. É tanto dinheiro que eu tenho de guardá-lo num daqueles envelopes grossos para documentos. Não cabe na minha carteira. O bolo de notas é grosso demais. Bem, e para ter certeza de que os dois cabeças-duras entendem o que eu estou dizendo, estou falando sobre dinheiro de verdade. Trinta mil dólares,

e uns cinco ou dez mil dólares a mais na carteira. — Hardesty, na verdade, tinha menos de oitenta dólares no bolso, e não recuou um centímetro.

Seus agressores piscaram, e começaram a se afastar.

— Deixe-nos em paz — disseram eles, mas Hardesty começou a avançar, os olhos semicerrados com a vontade de brigar.

— Qual é o problema? Vocês não vão me assaltar? Estão com medo?

Os dois começaram a correr, e Hardesty correu atrás deles. Perseguiu os valentões por dez quarteirões, gritando a plenos pulmões. Quando eles saltaram por cima do muro e entraram no parque, ele os seguiu, correndo por sobre a neve iluminada.

As gotas de suor no rosto dos assaltantes faziam com que ele parecessem estar cravejados com pequenas luas dançantes. Eles se viraram para disparar suas pistolas, mas isso fez Hardesty correr mais rápido, e ainda gritando. Em seguida, eles jogaram as armas no chão e saíram em disparada, temendo por suas vidas, finalmente conseguindo desaparecer em meio à grossa vegetação perto da casa de bombeamento na parte norte do parque. Com um passo acelerado e ensandecido, Hardesty saiu do parque e chegou a West Side. Era uma hora da madrugada. Ele calculou que deveria começar pela Broadway e arrebentar a espinha da avenida.

Sua primeira parada foi um salão de bilhar perto do cruzamento da rua 80, um lugar onde todos os gestos de todos os frequentadores eram calculados para transmitir a elegância e autoconfiança exigidas pelo jogo. A ideia é fazer com que outros pensem que você é um excelente jogador de bilhar e que está tentando esconder sua habilidade. Os verdadeiros campeões não precisam fazer qualquer tipo de pose, porque aqueles de quem extraem seu sustento ficam ocupados demais cultivando a própria imagem para perceber qualquer outra coisa ou, de qualquer maneira, para conseguir jogar bilhar com competência. Era de rigor que cada jogador tivesse algo entre os dentes — um charuto,

cigarro, cachimbo ou palito — para acompanhar o uso do taco de bilhar, assim como uma adaga complementa uma espada. Os movimentos estudados dos jogadores de bilhar, que andavam ao redor das mesas tomando decisões sobre ângulos e forças, eram apropriadamente geométricos.

Hardesty, que chegou até o lugar sem nada além de um par de olhos insanos, tirou o casaco, pagou os cinco dólares do ingresso e pediu para saber quem era o melhor jogador da casa. Isso fez com que todos os jogadores ficassem em silêncio, e eles permaneceram imóveis enquanto Hardesty foi conduzido por uma área cheia de mesas iluminadas até o canto do salão onde o melhor jogador se exibia para o restante da corte. Geralmente, profissionais como aquele eram muito gordos, ou, por outro lado, fisicamente inexpressivos. Tinham a tendência a se parecer com caipiras de West Bend obcecados por garçonetes que trabalhavam em lanchonetes de beira de estrada. Andavam ao redor das mesas nas pontas dos pés como se fossem cogumelos sobre rodas, e raramente agiam de maneira extravagante. Os extravagantes eram os jogadores fajutos que queriam assustar possíveis concorrentes, porque estes não se atreveriam a desafiá-los.

O principal jogador daquele lugar, entretanto, não era somente extravagante; era um sujeito imenso, com quase dois metros de altura, vestindo um smoking com uma camisa elegante e cravejada com pequenos diamantes. Tinha o tipo de rosto que, quando colocado em um corpo enorme, fazia até mesmo um homem como Hardesty (que não era nenhum anão) sentir-se do tamanho de uma ervilha. O jogador tinha mechas loiras enormes nos cabelos penteados para trás, o que, junto à sua estrutura óssea que projetava seu corpo para a frente e uma expressão de imensa autoconfiança, fazia com que ele se parecesse com um acrobata que se apresenta sobre a asa de um avião em voo, cortando um vento de quinhentos quilômetros por hora. Ele e seu círculo de seguidores se deliciaram com a presença de Hardesty.

Os óculos de aro de tartaruga de Hardesty, combinados com o seu terno da Brooks Brothers (ele não tinha condições de comprar no Fippo's), indicavam que ele era um homem de certa responsabilidade, honestidade e também que tinha algum dinheiro. Não sabiam se ele era capaz de jogar bilhar, e não se importavam.

— Não quero saber o quanto você é bom, ou o quanto não é — disse o Acrobata Aéreo. — Tenho dez mil dólares e aposto qualquer quantia até esse valor, e mais mil.

— Apostemos dez mil, então.

— Está com o dinheiro?

— Não. Tenho somente dois dólares e alguns trocados. Mas vou lhe dar meus dados e meios para me encontrar.

— Quer jogar o bilhar de oito bolas, o jogo da tartaruga ou planetário?

— Podemos ficar com o jogo da tartaruga — respondeu Hardesty. — Mas você terá de me explicar as regras.

— Ora, espere um momento — disse o Acrobata Aéreo, pressentindo que havia algo errado.

— Não se preocupe — garantiu-lhe Hardesty. — Se eu perder, eu pagarei. — Em seguida, falou com a voz quase inaudível: — Pretendo ganhar.

— Então por que precisa que eu explique o jogo?

— Veja bem — disse Hardesty enquanto aplicava giz na ponta do seu taco. — Eu não jogo bilhar. A última vez que joguei foi quando estava na faculdade, e isso faz muito tempo. Eu não era muito bom naquela época, e nunca mais joguei desde então. — Ele ergueu os olhos outra vez. — Mas vou ganhar de você.

— Como você espera fazer isso? — perguntou o Acrobata Aéreo. — Eu nunca caio em blefes. Então, é melhor que você não esteja blefando.

— Eu nunca blefo — declarou Hardesty. — Vamos jogar.

O Acrobata Aéreo sorriu.

— Conheço o seu tipo — disse ele. — Já conheci caras como você antes. Você é do tipo que ama o impossível.

— No momento, sim.

— E por quê? — perguntou o Acrobata Aéreo, demonstrando um pouco de simpatia enquanto se preparava para derrotar Hardesty e ganhar seus dez mil.

O que Hardesty disse a seguir deixou o Acrobata Aéreo um pouco nervoso:

— Para trazer os mortos de volta à vida. — Mas Hardesty não estava interessado no efeito, somente no feltro verde e brilhante da mesa mais nova da casa.

Depois que o Acrobata Aéreo explicou as regras do jogo da tartaruga, eles disputaram para ver quem daria a primeira tacada. A bola do profissional retornou e parou a pouco mais de dois centímetros da borda da mesa. Hardesty se preparou para dar a tacada, e foi assim que ele fez.

No início, pensou no que estava fazendo e por que estava fazendo aquilo. Era por Abby. Era para aprender a sensação do impossível, de modo que pudesse saber o que fazer quando chegasse a hora em que ninguém jamais sabe o que fazer. Era um ato de rebeldia, perigoso não somente pelo dinheiro que estava apostando, mas também porque era uma forma de desafiar a onipotência. Mas o que o movia era o amor, e ele acreditava que se daria bem em sua tentativa de atravessar por uma sucessão de portais que raramente haviam sido abertos. Para tanto, teria de se concentrar.

E realmente se concentrou. Assim como os anjos que foram expulsos do céu, ele arrancou da sua mente todos os pensamentos ou desejos que não estavam diretamente relacionados com a mesa à sua frente. Não via nem ouvia os espectadores, seu oponente, nem nada que estivesse vivo ou morto além do feltro verde. Não

pensava em vencer ou perder, nem nos cabelos esvoaçantes do Acrobata Aéreo ou em sua camisa cravejada com diamantes; tampouco pensou no horário ou onde estava, nem mesmo na natureza da sua aposta. Pensava apenas em uma coisa: na geometria à sua frente. Aqui estava Deus, falando em Sua linguagem simples e absoluta, de acordo com a mesma gramática que Ele usou para lançar os planetas em sua dança suave e harmônica. Com pureza e concentração, Hardesty forçaria seus olhos imperfeitos a executar os movimentos certos e a sentir a verdade das distâncias. Forçaria cada célula e cada fibra de cada músculo a seguir suas ordens, utilizar a força e a pontaria necessárias no taco para atingir a bola branca com um impulso que permitiria a ela, por sua vez, servir a um propósito maior sem uma degradação subsequente.

Eles observaram Hardesty enquanto ele se preparava, e sentiram o calor emanar dele como se houvesse uma fogueira acesa no meio do salão. Viram que ele estava tenso como o aço, e sabiam que o Acrobata Aéreo teria um jogo difícil pela frente. Cento e cinquenta espectadores se reuniram ao redor da mesa para assistir à partida, e muito deles faziam algo impensável em um salão de bilhar: estavam em pé sobre as mesas. Mas as luminárias sobre a mesa brilhavam como dois sóis, e a escuridão reinava por toda a parte, exceto no piso verde do universo.

Ele controlou as mãos úmidas de suor e posicionou o taco. Com uma admiração profunda pela força exata e verdadeira que traria a bola para perto do ponto inicial, ele deu a tacada. Seus olhos a seguiram quando ela rolou suavemente até o lado oposto da mesa. O impacto contra a borda foi tão chocante quanto a colisão entre dois trens expressos. Em seguida a bola retornou, desacelerando de forma constante e suave, elevando os murmúrios dos espectadores. Devagar, cada vez mais devagar, ela passou pela bola do Acrobata Aéreo, encostou-se silenciosamente contra a borda da mesa e parou. Aplausos ecoaram ao redor. As pessoas adoraram aquilo. Mas Hardesty não as ouviu, pois estava se preparando para dar a tacada inicial. Também não viu o rosto do Acrobata Aéreo, cuja

expressão indicava que ele também estava preparando tudo o que tinha. A partida estava valendo dez mil dólares, mas havia algo muito mais valioso em jogo: a ideia da certeza em si.

Duzentos espectadores estavam reunidos ao redor da mesa de canto agora, e o dinheiro trocava de mãos com tanta rapidez que fazia com que eles se parecessem com uma academia de manipuladores de repolhos. Enquanto estudava o aglomerado de bolas de bilhar, Hardesty sentia que estava descarrilando aos poucos, mas estava tranquilo o suficiente para perceber que os apostadores que estavam em pé nas mesas e cadeiras eram como espectadores em uma rinha de galos. Isso, por sua vez, fez com que ele visualizasse o triângulo de bolas multicoloridas como uma formação de ovos de páscoa recém-pintados. Quaisquer outras associações ameaçariam a sua concentração. Assim, em vez de segui-las ou negá-las, Hardesty as transformou em uma agulha curva, que apontou para o coração do problema. Ali estavam os planetas, subitamente desordenados, reunidos em um único plano orbital sob dois sóis. Era sua tarefa endireitar as coisas, limpar a savana das esferas que a cobriam. Mas como faria isso? Uma coisa era bater na bola branca com força suficiente para que ela retornasse até voltar ao ponto inicial, mas as variáveis que ele tinha à sua frente eram incrivelmente caóticas. A experiência de uma vida inteira do Acrobata Aéreo e os olhos distantes um do outro em seu rosto, capazes de julgar ângulos com precisão, não poderiam ser duplicados apenas pela força de vontade. Hardesty voltou a sentir como se estivesse descarrilando, e suas mãos suavam tanto que ele precisava enxugá-las repetidamente no tecido das calças.

Quanto mais nervosismo ele aparentava, mais as apostas subiam contra ele. Enquanto o Acrobata Aéreo começava a respirar com mais tranquilidade, Hardesty tremia e sentia lágrimas incipientes se formarem. Para escondê-las, olhava diretamente para os sóis brilhantes acima da mesa. Seus raios eram difratados nas lágrimas que ele tinha nos olhos, criando arco-íris, estradas e feixes quadrados de luz que guilhotinavam a sala como um espinheiro de espadas cristalinas. Aquela luz estrondosa, capaz de estilhaçar

diamantes, o levou de volta à catedral em North Beach, onde um trecho de Dante entalhado na fachada sempre o amparou em tempos de dificuldade. Várias vezes ele ia até o parque, ficava diante da catedral e lia a inscrição com enorme satisfação:

La gloria di colui, che tutto move,
per l'universo penetra e risplende

Ele sempre acreditou que a justiça definitiva seria trazida pela luz (embora não houvesse considerado que o oposto, na verdade, poderia ser mais provável e mais esplêndido).

— Calem a boca! — ordenou ele aos espectadores desordeiros.

O que ele estava a ponto de fazer exigia um silêncio primordial. Hardesty se lembraria do que o pai lhe ensinara, e aplicaria as leis da mecânica celestial para conseguir reordenar o modelo maravilhoso, mas desordenado, do sistema solar que estava à sua frente. Não era uma tarefa fácil. Tinha de calcular todos os possíveis efeitos da velocidade, aceleração, impulso, força, reação, equilíbrio estático, momento angular, fricção, elasticidade, estabilidade orbital, força centrífuga, conservação de energia e alinhamento de vetores que seriam aplicados às dezesseis esferas, às caçapas que estavam à espera, às qualidades mecânicas da borda da mesa, ao coeficiente de arrasto do feltro, além de calcular a força e o impacto exatos do big bang provocados pelo taco. Teria de fazer isso sem o benefício de medições precisas, e em um tempo relativamente curto. Consolou a si mesmo ao pensar que, como todas as formas de medição eram relativamente imprecisas, e nunca eram tão perfeitas quanto a teoria de onde se originaram, conseguiria sucesso mesmo que tivesse de agir com seus olhos e instintos.

Hardesty trabalhou com os cálculos, executando a matemática de uma maneira que deixava os espectadores um pouco nervosos. Tinha de ordenar tantos agrupamentos numéricos e depois abandoná-los para um uso posterior que, mesmo com seu estado de consciência ampliada, era difícil trabalhar com os números e lembrar-se deles ao mesmo tempo. Ele resolveu esse problema

transformando os espectadores em uma espécie de ábaco para a sua memória. Ao associar seus rostos e roupas com os vetores, coeficientes e números pelos quais eram expressos, ele conseguiu armazenar uma quantidade impressionante de informações. Fragmentou cada um dos homens em estantes anatômicas, associando várias somas e ângulos aos joelhos, pés, cabeças, pescoço etc. Isso fazia com que as comparações categóricas fossem muito mais fáceis.

Mas, para conseguir fazer isso, precisava impedir que eles se movessem. Se as pessoas mudassem de posição, todo o seu esforço iria pelo ralo.

— Não se movam! — comandou ele.

As pessoas e o Acrobata Aéreo consideraram aquilo estranho. Mas não era nada comparado com o que Hardesty fez a seguir: andou ao redor da mesa e olhou fixamente para as pessoas que estavam ali, conversou consigo mesmo num ritmo rápido, erguendo volumes invisíveis (seus números) com os dedos e movendo-os de um homem para outro. E, se não atendessem aos seus comandos, ele esbravejava com ferocidade, chamando-os pelo nome da função que dera a cada um deles. — Cale a boca, Sigma! — gritou ele para um homem baixo e gordo que usava uma camisa havaiana. — Cosseno! Que diabos! Fique parado! — berrou ele, apontando para um negro alto que usava uma jaqueta de couro. Sentindo o suor lhe escorrer por conta de todos os cálculos que tinha de fazer, ele descobriu que estava agindo mais rápido do que seus lábios eram capazes de se mover, e começou a cantarolar os cálculos em uma canção estranha e etérea. Após cinco minutos, ele havia terminado, e estava quase morto pela exaustão. Havia calculado o ponto exato para mirar no grupo de bolas, suas coordenadas de aproximação e a força necessária para cumprir a tarefa.

— Tudo bem — disse ele, fazendo um gesto para as pessoas que, boquiabertas, inadvertidamente representavam os números para ele. — Apaguem. — Hardesty já tinha seus cálculos em mãos.

Havia apenas umas poucas coisas para se lembrar, e ele havia memorizado a maior parte delas visualmente.

Ele anunciou:

— Vamos começar o jogo. A bola 1 vai para a caçapa do lado esquerdo; vou colocar as bolas 3, 5 e 14 na caçapa do canto esquerdo oposto; as bolas 2, 4, 16 e 7 na caçapa do canto direito próxima de mim; a 6 e a 10 ficam na caçapa do meio, na direita; as bolas 9, 11 e 12 no canto esquerdo mais próximo; a 13 e a 15 ficam na caçapa direita mais próxima; e, finalmente, a 8 na caçapa direita do canto oposto. — Pigarreando, ele acrescentou: — Bem, isso se tudo correr de acordo com o plano. — E esfregou o giz nervosamente na ponta do taco.

— Não vai me dar nem uma chance de jogar? — perguntou o Acrobata Aéreo, com ironia.

— Não — respondeu Hardesty, e tomou posição.

Ele teve de aplicar uma força enorme na bola branca, pois as bolas numeradas não tinham apenas de encontrar suas caçapas; precisavam fazer um longo percurso e bater nas bordas da mesa para chegar aos seus destinos, enquanto outras tinham de ser impulsionadas para desviar a trajetória das suas confrades mais relutantes. E, mesmo assim, a força não poderia ser maior do que aquela que seria necessária para fazer as bolas saltarem por cima da beirada da mesa. É desnecessário dizer que Hardesty posicionou a bola branca com todo o cuidado. Alinhou-se com a mesa, colocou o taco na posição, moveu o braço para trás e fez a jogada.

Quando o agrupamento de bolas explodiu, Hardesty olhou para o Acrobata Aéreo e disse:

— Isso vai levar algum tempo.

Hardesty estava perfeitamente relaxado, e observou com um olhar de aprovação enquanto as bolas começaram a mergulhar nas caçapas. Quatro ou cinco foram encaçapadas imediatamente. As outras, entretanto, pareciam se mover com a paciência de um

tatuador executando sua arte. Deslizavam sobre a mesa, passando umas pelas outras, colidindo de vez em quando, e outras vezes até mesmo parando. Mas, quando paravam, recebiam um toque sutil de uma de suas primas que passava rapidamente por ali, e recuavam envergonhadas rumo à boca de uma caverna nas proximidades. Como Hardesty previra, levou algum tempo até que finalmente a bola 8, após um longo percurso pelo campo verde, rolou com ar profissional e alojou-se cuidadosamente na caçapa do canto direito.

Ninguém ousou se mover ou falar, exceto o Acrobata Aéreo. Com um bolo de notas em sua mão, aproximou-se corajosamente de Hardesty. O rosto do Acrobata Aéreo estava se contraindo em um espasmo, uma mistura de confusão e timidez.

— Não quero o seu dinheiro — disse Hardesty, já perdido na consideração do que faria a seguir. — Não fiz isso por dinheiro. — Em seguida, ele saiu do salão de bilhar.

Talvez aquelas pessoas acabassem seguindo Hardesty, se não estivessem enraizadas em seus lugares. Após algum tempo, elas começaram a estremecer e a ter espasmos. E começaram a gritar e gemer como devotos fanáticos que acabaram de testemunhar o surgimento de um anjo. Aqueles homens eram muito fortes e muito grandes, mas seus gritos eram estridentes e esganiçados. Não sabiam o que estava acontecendo com eles, e as pessoas que passavam pela rua olhavam para cima, admiradas, imaginando que haviam esbarrado no ápice de um enorme vodu urbano.

Hardesty já estava a quase um quilômetro de distância dali, caminhando para o sul.

No início de uma manhã, depois de vários dias famintos repletos de encontros terríveis e testes físicos inenarráveis, dos quais não conseguiu extrair nada, Hardesty acordou no que parecia ser uma catedral bizantina que fora convertida em academia de ginástica. Sem qualquer lembrança de como viera parar ali, sabia somente que havia acordado de um sono frio e desconfortável, e percebeu que estava deitado em um colchonete de exercícios. Ele atravessou

um longo corredor e chegou até um saguão deserto, onde descobriu que estava em um espaço de exercícios e tratamento estético que ficava em Wall Street. Tinha todo o lugar só para si. Ao investigar o relógio de ponto, descobriu que o primeiro funcionário geralmente chegava ali às dez horas da manhã.

Assim que o relógio bateu o sinal das seis da manhã, o ambiente começou a esquentar. Apitos baixos, plumas e o estranho cheiro de água salgada da fumaça dos aquecedores atraíam a atenção de Hardesty em meio aos canos de metal. No enorme salão onde ele havia acordado, a luz do sol nascente atingiu um grupo de vidraças embaçadas e explodiu em vapores brancos e amarelados que coloriram as cordas e as traves de equilíbrio, aquecendo as fibras das amarras e a madeira. Hardesty observou o sol seguir seu caminho. Quase exausto, não conseguia pensar em nada, e tinha tão pouca energia que ignorou o equipamento de ginástica que o chamava.

Se aquilo houvesse acontecido alguns dias antes, ele tentaria se equilibrar nas argolas, ou desafiar a gravidade na barra fixa, apenas para verificar o que conseguiria com tais coisas. Mas, agora, ele sentia dificuldade até mesmo para erguer sua cabeça para olhar na direção do sol que brilhava nas janelas no alto da cúpula bizantina.

A luz clara da manhã fora retorcida pelo círculo de vidraças até se transformar em uma plataforma dourada e perfeitamente redonda que recobria a cúpula de maneira estonteante. Hardesty levantou-se. A corda de escalada que pendia do centro da cúpula agora parecia ser o caminho até a primeira plataforma do paraíso. Até mesmo a corda reluzia como uma grossa trança dourada.

Trinta metros acima, o disco dourado estava mais espesso. Parecia sólido, e Hardesty quis subir até lá. Mas mal era capaz de aguentar o peso do próprio corpo, muito menos de escalar, e havia cortes em suas mãos, como se ele houvesse passado os dias anteriores puxando cabos de aço. Pela maneira como o sol estava se movendo, injetando ouro na plataforma até dar a impressão de que a redoma não seria mais capaz de aguentar o peso, Hardesty

percebeu que, assim como a luz estava sendo entregue como uma dádiva, ela seria removida também. E começou a escalar.

Ao escalar, ele encontrou as agonias mortais reunidas que procurava, e, ao subir cada vez mais alto na corda dourada, ele realmente se elevou. A corda ficou tingida de escarlate pelo sangue que escorria do seu corpo como água quente escapando de um cano rachado. Embora as fibras abaixo dele estivessem agora tão vermelhas quanto já tinham estado douradas, ele continuou subindo sem parar, pensando apenas que, se conseguisse alcançar a plataforma, não precisaria de sangue ou força. A pele das suas palmas se abriu em carne viva, e a corda estava tão escorregadia que ele teve de agarrá-la com os seus ossos. Em meio à agonia e ao delírio, ele viu mãos esbranquiçadas e ossos secos que o erguiam e o puxavam para cima. Na metade da escalada, as mãos se transformaram em coisas mecânicas com vida própria. Conforme subia, parecia estar carregando cada vez mais peso. Que peixes, perguntou ele a si mesmo, estão presos nesta rede que parece tão imensa e inclemente?

Quase no topo, a corda explodia em labaredas gentis que se enrolavam ao seu redor em uma trajetória helicoidal suave. Ele moveu a mão esquerda até a sua base. Estava quente, mas não queimava, e, ao se mover contra as chamas, o sangue em suas roupas desapareceu e suas mãos começaram a se curar.

A plataforma acima quase chegava a ser brilhante demais para ser vista. Mais além, as janelas estavam tingidas por uma camada de gelo branca e prateada. Hardesty viu que havia uma infinidade de formas entalhadas com precisão nas superfícies de vidro. Linhas em forma de asas pareciam estar se movendo sob o sol como revoadas de anjos negros. Bem no meio do aglomerado de entalhes havia paisagens reluzentes, e em cada painel de vidro os desenhos entalhados levavam a mundos dentro de mundos. Quanto mais profundamente se estendiam, em longos túneis que iam até o ponto de fuga, mais amplamente se abriam e mais pareciam ser capazes de abarcar eternas batalhas; campos que queimavam quando forças

aéreas lutavam acima deles e sóis redondos que sangravam em gotículas douradas deslocavam-se rapidamente em ondas de azul. O sol atravessava a floresta de linhas no vidro, cortando-as em feixes que fluíam como punhados de trigo ceifado.

Hardesty Marratta tentou enfiar a cabeça no disco dourado. Foi imediatamente empurrado de volta. Ele agarrou a corda e ergueu-se com um forte impulso, mas foi forçado a voltar com a mesma ferocidade. Finalmente, lutou com toda a força que tinha, erguendo-se como um foguete, para tentar atravessar a superfície impenetrável acima da sua cabeça. E foi estapeado como uma mosca.

Ele caiu para trás, com os braços abertos e os dedos estendidos, uma queda de 30 metros. De nada adiantaria conseguir se virar como um gato para cair da maneira que quisesse. Trinta metros eram 30 metros, e era melhor aceitá-los da maneira que viessem. Mas, enquanto caía, ele percebeu que estava indo da direita para a esquerda, balançando em arcos pendulares, e caindo muito lentamente. O ar ao seu redor se movia com o bater de milhares de asas invisíveis que amorteciam sua queda e o colocavam com tanta gentileza no chão que, por um segundo ou dois, ele planou sobre o colchonete.

Hardesty abriu os olhos. Vários homens com roupa de ginástica o seguravam pelos braços.

— Você é um de nós? — perguntaram eles.

— Quem são vocês? — retrucou Hardesty. Logo depois, olhou para as expressões no rosto deles. — Devem ser banqueiros e corretores de ações.

— Você é sócio deste lugar?

— Está tudo nos seus números — afirmou Hardesty. — Se conseguirem lê-los da maneira certa.

— Ele deve ter vindo da rua — sugeriu um dos homens. — Por um momento, achei que ele fosse um sócio que tinha sofrido um

acidente.

— Eu flutuei como uma borboleta — declarou Hardesty enquanto eles o erguiam e o levavam para fora como se estivesse em uma espécie de liteira invisível. — Quando subi até a chama e caí, achei que fosse atingir o chão. Mas eu flutuei como uma borboleta.

Ao passar diante do relógio no saguão, ele viu que já eram onze horas. Com a mistura entre reverência e desdém que as pessoas têm pelos lunáticos, os homens da academia o jogaram na rua.

— Só mais uma coisa — disse ele.

— O que é? — respondeu um deles enquanto subiam as escadas.

— Sua academia estava cheia de anjos.

Eles não ouviram.

No frio de dezembro, sem um centavo no bolso e sem comer nada havia dias, Hardesty começou a caminhar por Manhattan. Havia fracassado na tentativa de salvar Abby, e, ao fracassar com ela, fracassara com seu pai também. O orgulho que o fez pensar que teria a força para fazer um ataque ao céu agora o enchia de náusea e medo.

Ao passar por pessoas correndo aos milhares pelas ruas, ele viu a glória em seus rostos. Viu a maneira como os olhos estavam dispostos no rosto — incrustados em suas faces avermelhadas e em suas expressões de esperança, determinação ou raiva — qualquer coisa que os transformasse em mais do que apenas esqueletos e carne, pois a vida em seus rostos transcendia muito o material no qual havia se alojado. E mesmo assim, se tentasse agarrá-la, tudo o que teria nas mãos seriam as lapelas do casaco de um pedestre surpreso e assustado. Embora a luz que buscasse estivesse brilhando por toda a parte, ele não era capaz de capturá-la.

Hardesty podia pensar no caixão pequeno (como uma amostra grátis dada por um vendedor) no qual sua filha teria de ser enterrada. Mas, em seguida, a vida nas ruas e a glória nos rostos das pessoas eram absorvidas pelo seu sangue, e ele voltava a acreditar que seria capaz de mantê-la viva, se conseguisse ao menos compreender a força que existe por trás das muitas cenas vitais da cidade: a expressão atormentada de um garoto encapuzado empurrando um cabideiro de roupas por ruas cobertas de neve; um alfaiate curvado sobre sua máquina no distrito dos casacos de pele, costurando em meio à eternidade dos alfaiates; uma esquadrilha de operários atacando o concreto com uma britadeira, numa concentração digna de uma divisão de infantaria em marcha — havia alguma coisa que unia todas aquelas cenas e as empurrava para a frente. Os corredores vazios e formas que se erguiam guardavam o segredo que repousava invisível sobre a cidade, como uma coluna de ar limpo. Mesmo assim, quando ele cerrava os punhos e sentia vontade de jogá-la no chão, ela não estava lá. Completamente derrotado, acabou sendo engolido pela multidão. Estava fraco e desorientado, e ficou impossível resistir às maré humana que tomava as ruas logo antes do Natal.

Como um estilhaço em meio à correnteza, ele vagou de um lado para outro nas avenidas. Foi levado para dentro de imensas lojas de departamentos e cuspido para fora. Seguiu o fluxo até os degraus do metrô e avançou por uma ou duas estações até ser levado de volta para a rua. E viu que estava preso em um cruzamento, como se estivesse preso num redemoinho. Cruzando e recruzando mais de mil vezes, entorpecido, febril e derrotado, era pego de maneira completamente aleatória por milhões de pessoas que galopavam de um lado para outro como se suas vidas dependessem disso.

Quando os escritórios liberaram seus funcionários às cinco horas, uma enchente de gabardines e lãs tomou conta das ruas em cinza e azul. Todos estavam correndo. Em alguns lugares, as ondas de balconistas e datilógrafos tinham três ou quatro camadas de profundidade. O som que faziam era parecido com a água, ou com o do incêndio em um capinzal empurrado pelo vento. Às cinco e meia,

as ruas da região central de Manhattan pareciam ser os corredores de um teatro em chamas.

Finalmente, em uma convergência que se parecia com o rio Niágara despejando suas águas nas cachoeiras Horseshoe, uma massa esmagadora de casacos enfurecidos e rostos sisudos entrou no Grand Central Terminal, arrastando Hardesty consigo. Ele teve a sorte de ficar na margem do fluxo e conseguiu manobrar até chegar a uma posição de segurança em um terraço com vista para o piso principal. Aqui, especialmente devido ao incrível temor de ter de viajar a Hartsdale no trem das cinco e vinte, ele descansou por uma hora, até que a maré de gente recuou e ele começou a se sentir aquecido outra vez.

Com exceção de grupos de viajantes que ainda passavam pelas portas e escadarias que levavam ao piso principal, a marquise da avenida Vanderbilt estava quase deserta, e o amplo terminal começou a mostrar espaços vazios onde era possível enxergar o mármore da cor do caramelo, e onde pequenas ilhotas se formavam em meio ao percurso de todas as idas e vindas desde 1912. Ninguém olhava para cima. O teto estava escuro e enevoado havia tanto tempo que fora esquecido. Embora para muitas pessoas o teto recurvo estivesse alto demais para que se importassem com ele, Hardesty lentamente ergueu a cabeça até que, ao se inclinar para trás, foi capaz de enxergá-lo inteiramente.

As estrelas estavam acesas. Brilhavam em amarelo incandescente contra o fundo verde. Desde quando? Supostamente, estavam extintas havia muito tempo. Acreditava-se que as lâmpadas das estrelas haviam se queimado uma a uma e colocadas num lugar alto demais para que pudessem ser alcançadas ou trocadas. Ninguém tinha tentado fazer a manutenção, e, com o tempo, elas foram sendo esquecidas e relegadas ao limbo. Mas, agora, estavam iluminadas. E não faltava nenhuma.

— Olhe — disse Hardesty, instruindo uma mulher jovem que usava um uniforme de assistente odontológica. — As estrelas estão acesas.

— Que estrelas? — perguntou ela, sem olhar para o teto, e correu em direção aos túneis para pegar o seu trem.

— Aquelas estrelas — afirmou Hardesty a si mesmo, olhando para o céu verde.

Conforme seus olhos esquadrinhavam a área do teto, ele viu algo se mover no centro. Parecia que um terremoto havia ocorrido no firmamento e um pedaço do céu fora tirado do seu lugar. Ele pensou que aquilo fosse uma ilusão de ótica. Mas uma fresta apareceu. E sumiu em seguida, mas apareceu uma segunda vez e oscilou, como se alguém estivesse tentando abrir uma porta pesada. Subitamente, um pedaço do céu verde foi puxado para cima e um quadrado escuro apareceu no teto. Hardesty sentiu dificuldade para respirar. Aquela portinhola não poderia se abrir sozinha.

Embora não fosse possível ver ninguém, Hardesty esperou pacientemente até que alguém aparecesse, e sua paciência foi recompensada quando, lá no alto, um rosto surgiu por entre as sombras para observar os exércitos de pessoas vestidas em gabardines e lãs.

PELOS SOLDADOS E MARINHEIROS DE CHELSEA

Em tempos antigos, momentos de grande energia e lucidez são como ilhas úmidas em um mar seco, e, em acessos poderosos de fúria e de alegria incontida, um homem velho com uma bengala pode descobrir que seus muitos anos não acrescentaram nada à sua inocência além de provas e evidências, e que, por mais que ele tenha aprendido em sua longa vida, não é capaz de enxergar tão longe quanto na época em que tinha sete anos. Harry Penn frequentemente se via em um desses momentos, durante os quais se sentia eletrizado ao descobrir que estava aprendendo o que já sabia havia muito tempo, antes de pagar o preço para descobrir.

Ele cresceu com o milênio em seus olhos, e agora queria que a ponte de Jackson Mead se estendesse e se erguesse o máximo que fosse possível imaginar e além, atravessando a muralha de nuvens como uma lança. Para que isso acontecesse, ele sabia que as condições em terra tinham de ser improvavelmente perfeitas. Nenhuma agência humana era capaz de ver os muitos alinhamentos, costurar os nós desatados ou trazer a justiça completa e retumbante que se exigia; ainda assim, tudo tinha de estar no seu lugar e todos teriam de andar de maneira rápida no palco iluminado, agindo exatamente de acordo com seus papéis. Harry Penn acreditava que ainda não havia completado a tarefa da sua vida, e isso o entristecia. Envelhecer, por si só, não era o bastante. Ele queria milagres. Queria que houvesse vida onde não havia vida, que houvesse a negação do tempo e que o universo se revestisse em ouro — mesmo que apenas por um único e maravilhoso momento. Queria ver as enormes nuvens brancas como as plumas cerimoniais nos cavalos que puxavam carruagens,

as mesmas que seu pai lhe prometera que se ergueriam sobre a cidade para anunciar a chegada da era de ouro.

Assim, ele se envolvia com seus livros e enciclopédias sem sucesso, lembrava-se tanto quanto podia das coisas que vira em sua vida e mantinha-se alerta à arquitetura do espírito conforme ela sofria suas devastações e restaurações periódicas e alegóricas. Com frequência, ele enchia o enorme tanque de ardósia com água e mergulhava nele, apenas para deixar seus pensamentos flutuarem livremente, mas eles nunca flutuavam de maneira livre o bastante para prepará-lo para o milênio que se aproximava rapidamente.

Certa noite, um dos espetáculos em que Jéssica iria atuar foi cancelado devido ao frio intenso. Por toda Manhattan, conforme os materiais se contraíam sob as baixas temperaturas, ouvia-se o som de cabos se rompendo e alvenaria rachando — chicotadas localizadas que eram as respostas do inverno aos relâmpagos. Conforme os pequenos estrondos reverberavam, Jéssica voltou do teatro para a casa do pai em um trenó puxado por um cavalo. Lá, preparou carne de carneiro com ervilhas, e eles jantaram diante da lareira. Embora esperassem a chegada de Praeger mais tarde, estavam sozinhos. Christiana estava com Asbury e Boonya fora visitar sua irmã, que vivia em Malto Downs.

Depois de limpar a mesa e lavar os pratos, Jéssica voltou com duas canecas de chá preto e uma lata de biscoitos amanteigados, em cuja tampa havia a imagem de um fuzileiro escocês vestido com um kilt da divisão de Black Watch. O chá forte fazia bem para a imaginação de Harry Penn. Conforme o fogo queimava, as toras de pinheiro resinoso e nogueira seca se tornavam uma reprodução da batalha de Waterloo, com linhas vermelhas que avançavam umas sobre as outras e estalidos curtos. Harry Penn ainda estava atormentado. O chá e o fogo da lareira o deixaram atiçado.

— O que acontece quando você esquece suas falas? — perguntou ele a Jéssica.

— Eu não esqueço.

— Nunca?

— É muito raro. Quase nunca. Quando interpreto um personagem, eu memorizo as falas para me transformar no personagem, mas a recíproca não é verdadeira. Quando eu me transformo nela, fica impossível esquecer as falas. É impensável.

— Quer dizer que aprender as falas para o teatro não está relacionado com a memória?

— Exatamente. Somente atores ruins memorizam suas falas. Bons atores as criam perpetuamente enquanto atuam.

— Mesmo que o autor já as tenha escrito.

Ela assentiu com um movimento de cabeça.

— Não é meio presunçoso?

— O autor entende.

— Você entra em uma espécie de transe, então.

— Sim.

— O espetáculo foi escrito, mas ainda é novidade para você. Quando você diz as falas, você as pronuncia pela primeira vez. As frases são suas, tanto quanto são do autor. Como explica isso?

— Não sei explicar, mas posso lhe dizer que essa é a qualidade que distingue os bons atores dos maus.

— Bem, digamos então que você esteja meio distraída ou num dia não muito bom, e que, ao final de uma apresentação longa e complicada, você esquece suas falas — filosofou Harry Penn, olhando para a tampa da lata de biscoitos. — O que você faria?

— Provavelmente, eu não teria tempo de pensar na situação, e diria qualquer coisa que viesse à minha mente. As outras falas seriam um presente, e eu receberia as falas que improvisei como um presente também, embora, talvez, fossem um presente de uma fonte diferente.

Uma batida forte na porta da frente ecoou pela sala.

— Praeger chegou — anunciou Harry Penn.

— O prefeito — acrescentou Jéssica, orgulhosamente.

— Isso não faz a menor diferença — declarou Harry Penn. — Ele é um ótimo rapaz. Abra a porta para ele antes que o coitado morra congelado. Alguns anos antes de eu nascer, como você sabe, o Prefeito das Framboesas morreu congelado em Newton Creek.

Quando Jéssica trouxe Praeger ao escritório do seu pai, eles viram Harry Penn em pé diante da lareira, com a tampa da lata de biscoitos na mão, chorando.

— O que foi?

— O fuzileiro escocês — disse ele. — Estas latas estão no mercado há vários anos, e eu nunca olhei para o rosto dele com atenção. Agora eu consigo ver.

— Ver o quê? — perguntou Praeger.

— Lembra-se daquele mendigo no Petipas?

— Sim.

— Este é o rosto dele, mais ou menos, se estivesse limpo e barbeado.

Praeger olhou para a caixa. — Não está muito claro para mim — disse ele. — Não me lembro muito bem dele.

— É porque você nunca o viu antes.

— E você viu?

— Sim.

— Quando?

— Quando eu era menino. — Ele colocou o retrato do fuzileiro na cornija da lareira e recuou alguns passos. Virando-se para Praeger, o prefeito da cidade, Harry Penn mandou que ele fosse até o estábulo e que prendesse os três melhores cavalos ao trenó mais rápido. — Quero que você me leve para o norte.

— Para as Coheeries? — perguntou Jéssica.

— Sim — respondeu seu pai, sorrindo. — Finalmente eu encontrei o meu lugar neste mundo.

Praeger saiu da casa. Quando a luz do estábulo se acendeu do outro lado do pátio, Harry Penn olhou para a sua filha e lhe disse que um milagre havia acontecido, e bem a tempo.

— Que milagre? — perguntou ela.

— Peter Lake — foi a resposta.

Harry Penn era o único homem na cidade capaz de mandar o prefeito ir buscar o seu trenó e atrelar-lhe cavalos, mas nem chegou a pensar no que estava fazendo, pois Prager trabalhara para ele e era virtualmente o seu genro havia mais de dez anos. Além disso, um homem saudável de cem anos tem direito às maiores convenções do protocolo e não precisa se curvar a presidentes ou reis; afinal de contas, presidentes e reis chegaram a um posto tão alto que, se tiverem qualquer substância, pensarão somente na história, e um homem de cem anos é a história personificada.

Os três cavalos que Praeger prendeu ao trenó de competição estavam loucos para correr, e em pouco tempo já estavam atravessando Riverside Drive, rumando para o norte em disparada.

— Desça pela rua 125 e entre no rio — instruiu Harry Penn ao prefeito.

— Será que a água está totalmente congelada na região de Spuyten Duyvil? Os redemoinhos lá nunca congelam, e há também o canal de navegação.

— É claro que estará congelada — declarou Harry Penn. — Em um inverno como este, sempre há uma ponte sólida de gelo entre Spuyten Duyvil e o canal. Ela faz uma curva leve para o oeste e depois segue para o leste outra vez, e se ergue um pouco, quase como se fosse uma pradaria. Depois disso, o gelo estará limpo até a desembocadura. Poderemos acelerar quanto quisermos.

Praeger estalou as rédeas com força, e o trio de cavalos virou à esquerda e desceu rumo ao rio.

— Como você sabe disso?

— Eu faço essa viagem há quase cem anos. Se você conhece apenas uns dez ou doze invernos, a situação toda parece ser bem caótica. Mas, após uma centena deles, você começa a perceber onde certos padrões emergem e se entrelaçam. Eu sempre sei o que vai acontecer com o clima. Isso é fácil. E eu conheço o gelo. Isso também é fácil.

— E o que me diz de relações humanas?

— Você está com algum problema?

— Não, apenas curiosidade.

Houve um breve silêncio.

— Não é tão fácil, mas é possível.

— E o que a história tem a ver com isso?

— A história é algo muito difícil. Uma quantidade quase infinita de ondas interage com um número infinito de conjunções. Como você deve suspeitar, ultimamente há uma forte tendência ao alinhamento, e muitas ondas diferentes estão correndo juntas, em sequência. Mesmo assim, não consigo vislumbrar a possibilidade de que elas possam estar alinhadas quando o ano 2000 chegar, daqui a duas semanas, a menos que aconteça um evento catastrófico.

— E o que vai acontecer depois? — perguntou Praeger, pois ele também tinha suas ideias em relação àqueles assuntos, e já imaginara a cidade girando por cima de si mesma em uma queda emocionante, silenciosa e infinita.

— Depois, teremos de estar lá para ver — respondeu Harry Penn.

O trenó bateu no gelo com força suficiente para causar uma rachadura de quase um quilômetro de extensão. Com a área livre depois de Spuyten Duyvil, o trio de cavalos disparou para o norte com tanta rapidez que as sentinelas nas cidades ao longo do rio

anotaram em seus registros que algo escuro passara pelo gelo e desaparecera antes que pudesse ser identificado. Praeger não sabia que as cidades nas colinas, iluminadas como lanternas nos penhascos, estavam em uma época diferente. E Harry Penn não lhe contou, porque, já que o futuro imediato prometia ser tão decisivo, não queria que Praeger fosse seduzido pela maravilha de um passado vivo. Eles passaram pelas cidades e deixaram a luz dourada das lanternas para trás, rumando para o norte e subindo as montanhas que levavam ao Lago das Coheeries.

Chegaram ao lago no início da noite do dia seguinte. Estavam exaustos, e a gargantas doíam. Diferente dos vilarejos às margens do Hudson, os agrupamentos de casas às margens do lago, incluindo o vilarejo de Lago das Coheeries, estavam escuros. Harry Penn se levantou no trenó e examinou a margem do lago, olhando de um lado para outro.

— Esse lugar nunca fica escuro — disse ele. — Alguma coisa está errada.

A estrada que atravessava o platô que levava ao Lago das Coheeries não era percorrida desde a última nevasca. O próprio vilarejo aparecia em uma silhueta, totalmente escuro, contra a enorme cortina formada pelo céu e as estrelas. Eles entraram no vilarejo lentamente, esbarrando no que achavam que fosse um tronco de árvore no meio da rua. Mas não era um tronco; era Daythril Moobcot.

Havia corpos espalhados por toda a parte. Estavam jogados sob os batentes das portas e curvados e congelados sobre as cercas, como animais que foram caçados e deixados para secar sob ao sol. Rifles e escopetas estavam jogados ao lado dos mortos. Parecia que uma batalha horrível acontecera naquele lugar, e as ruas estavam cheias de móveis e pequenos objetos pessoais, a evidência da evisceração e do saque feito às casas. As portas abertas das residências balançavam de um lado para outro, aterrorizadas e à mercê do vento, ou se fechavam com força como tiros de pistola.

— Eu cheguei a imaginar algo assim — confessou Harry Penn a Praeger. — Mas não pensei que realmente fosse acontecer. — Praeger estava chocado. — Mas, se tinha de acontecer, então que seja. Eles estão mortos. Acabou. E isso significa que uma centena de épocas finalmente chegou ao fim. Siga para aquele lado.

Eles passaram pelo mirante e subiram sobre o lago congelado. Não avançavam tão lentamente agora. Dirigiam-se para a residência dos Penn em uma ilha perdida em meio às ilhotas e promontórios da margem oposta. — Um pouco para a esquerda — orientava Harry Penn, com a voz trêmula, ou: — Um grau para a direita — quando queria guiá-los. Manobrando ao redor de ilhas rochosas e cobertas por pinheiros que foram deixadas havia muito tempo para os mergulhões, eles chegaram até uma enorme casa que surgiu abruptamente no final de uma curva branca e suave. Estava intacta.

— Pelo menos este lugar estava escondido — disse Praeger.

— Isso não tem muita importância, como você verá. Eles não roubariam a única coisa que importa aqui. Além disso, se formos pensar em danos... bem, em breve isso não fará tanta diferença.

Primeiramente eles foram até o estábulo, onde Harry Penn esvaziou no chão uma saca inteira de aveia diante dos cavalos. Estava extremamente agitado, quase como se a batalha na cidade ainda estivesse acontecendo. — Traga-me aquelas ali — ordenou a Praeger, apontando para duas vassouras que foram descartadas porque suas cerdas estavam cobertas com piche.

Depois de lutar para atravessar a neve que chegava até a altura dos joelhos, eles alcançaram a varanda da casa, uma enorme galeria com mais de trinta metros de comprimento e sete de profundidade. A porta de entrada continuava sólida e imóvel.

— Como você entraria nesta casa? — perguntou Harry Penn, indicando a porta com um movimento de cabeça.

— Com uma chave — respondeu Praeger.

Harry Penn riu.

— Dê uma olhada na fechadura. Ela é sólida, pintada na porta com uma técnica de perspectiva falsa chamada *trompe l'oeil*. Meu pai tinha uma obsessão por ladrões e gostava de pregar peças neles. Naquela época, a ladroagem era uma profissão mais respeitável do que hoje. Um pouco parecida com o xadrez. Meu pai gastou muito dinheiro e tempo tentando levar a melhor sobre os ladrões. Imagino que um gatuno moderno simplesmente quebraria uma das janelas para entrar na casa, mas, naquela época, havia certa etiqueta. Dê uma olhada aqui.

Harry Penn colocou as duas mãos na maçaneta e a girou como se fosse o câmbio de um carro, em um código de dez partes. Ao final da sequência, a porta se abriu automaticamente por um sistema de contrapesos.

Praeger estava maravilhado.

— Gostou? — perguntou Harry Penn. — Fico feliz que tenha visto o mecanismo, porque esta é a última vez que este aparato em particular será acionado. — Em seguida, ele desapareceu dentro da casa, e Praeger o seguiu.

Harry Penn pegou um isqueiro e aproximou sua chama das vassouras. Elas foram tomadas por chamas enormes e amarelas. Praeger comentou que era sorte o fato de o teto ser tão alto. Caso contrário, acrescentou ele, provavelmente acabaria se incendiando. Harry Penn não disse nada e conduziu o prefeito de Nova York pelos cômodos enormes e gelados.

Com as tochas ardendo, eles pararam aqui e ali, erguendo o fogo no ar para iluminar pinturas que os observavam nas paredes, em uma tristeza imensa. Embora os retratos mostrassem rostos predominantemente felizes ou contentes, anos e anos de silêncio e imobilidade conferiram às pessoas retratadas a expressão magoada de fantasmas abandonados. Pareciam se ressentir do fato de estarem esquecidos, e talvez estivessem horrorizados ao perceber que o homem velho e encarquilhado que agora caminhava entre eles com uma tocha já fora a criança na qual eles depositaram sua

esperança. Surgindo em meio à escuridão por um segundo ou dois, os retratos pareciam estar amargos e irritados por haverem sido condenados à estagnação eterna, e que, apesar de seus sacrifícios e a preocupação que nutriram pelas futuras gerações, a casa acabou sendo abandonada ao vento e à noite.

— Estes são os membros da família Penn — disse o velho. — Eu poderia lhe dizer os nomes da cada um deles e muito mais, porque eram pessoas que eu amava. Todos estão mortos, agora. Mas até mesmo eles podem ficar surpresos; quando despertarem.

— Quando despertarem?

— Sim. Eu acredito que há uma possibilidade distinta de que isso aconteça, e vou lhe dizer a razão. Existe uma ilha no meio do lago onde todos somos enterrados, ou onde seremos. Minha irmã, que morreu antes da Primeira Grande Guerra, foi colocada lá. Mas ela não está lá agora. Ela partiu rapidamente, pelo que parece. E a explicação é que a sua sepultura foi destruída por um meteorito. Um meteorito! Ninguém parece se importar com o fato de que os meteoritos caem contra a Terra, e não o contrário. O fato de que a sepultura se desintegrou completamente se encaixa no epitáfio: “Partiu para o mundo da luz”. Não sei explicar, mas acredito que ela realmente fez o que disse que iria fazer.

Ele parou na entrada de uma sala de estar cavernosa, e olhou para Praeger.

— Ela me deu instruções quando estava em seu leito de morte. Não entendi na época. Achei que ela estava delirando. Ela disse que eu deveria cumpri-las na próxima vez que visse Peter Lake, que estava lá, junto conosco. Ele partiu logo depois que ela morreu, e, embora esperássemos que ele voltasse a qualquer momento, ele nunca retornou. E eu não o vi outra vez... até aquela noite no Petipas.

— Como pode ter certeza?

— Não posso.

— E quem era ele, exatamente?

— Vou lhe mostrar.

Harry Penn o acompanhou para dentro da sala. As sombras tinham um ritmo próprio conforme se erguiam e desciam, e Praeger conseguia sentir o cheiro da leve umidade dos tapetes e da mobília coberta por lençóis. O ar começou a se encher com a fumaça do piche que obscurecia o teto, dando a impressão de que eles estavam em uma caverna muito profunda ou sob o céu de novembro. Harry Penn foi até a lareira e ergueu a sua tocha até que duas pinturas, uma sobre a lareira e outra colocada na parede oposta, se iluminaram.

— Beverly, a minha irmã — mostrou ele. — E aquele é Peter Lake.

Embora frágil e enfraquecida, ela estava sorrindo e era bonita. Peter Lake parecia estar confuso e deslocado.

— Mesmo quando estes retratos foram pintados, ele não se sentia muito à vontade conosco — explicou Harry Penn a Praeger. — Achava que Beverly era boa demais para ele, e que nós não gostávamos dele por causa das suas origens, e pelo que ele fazia para ganhar a vida.

— E o que ele fazia?

— Peter Lake era um ladrão — respondeu Harry Penn. — E era um dos bons, evidentemente. Era um mestre na arte da mecânica, e havia se envolvido com algum tipo de problema. Eu nunca soube como ou por quê. E agora, um século mais tarde, ele está em algum lugar na cidade, e não envelheceu um único dia. Olhe para o fundo da tela: cometas e estrelas. Olhe para os rostos deles. Essas pessoas não estão mortas... tenho certeza. Por favor, tire os quadros da parede para mim.

Quando Praeger deu um passo atrás e colocou os retratos no chão, ele se virou e viu Harry Penn ateando fogo nas cortinas e nos móveis.

— O que você está fazendo? — gritou Praeger.

— Seguindo as instruções dela — respondeu Harry Penn. Sua própria voz também estava ardendo.

— E os retratos?

— Eles teriam de ser queimados também, mas eu preciso deles. Venha. Traga-os com você.

Eles caminharam rapidamente pelos corredores e galerias, e Harry Penn tocava as paredes e os móveis com sua tocha. Quando chegaram à porta da frente, a casa estava brilhando mais do que uma tarde límpida de verão. As chamas rugiam no interior da residência, transformando os cômodos em câmaras ocas e alaranjadas e em bolas de fogo ofuscantes. Labaredas serrilhadas engoliam as escadas como uma imensa serpente que saíra do lago para procurar as crianças. A casa parecia dançar e girar, como se o fogo fosse uma reprodução acelerada dos eventos que haviam ocorrido ali dentro; como se cem verões estivessem queimando debaixo da mesma lente, e todos os fogos das lareiras, as danças, os beijos e os sonhos que uma vez tinham estado ali dentro estivessem sendo liberados para girar em redemoinhos brancos e ardentes e queimar a madeira frágil com aquela súbita rebelião. E, como se fosse um foguete, o fogo sibilou para cima e abriu um buraco no telhado.

Eles colocaram os retratos na traseira do trenó. Praeger conteve os cavalos agitados enquanto Harry Penn incendiava o celeiro. Toda a enseada verde brilhava como se estivesse à luz do dia. Deram uma volta ao redor da casa, e os cavalos galoparam em pânico rumo à vila que estava do outro lado do lago. O vento atiçou as chamas das tochas como cabelos afastados da testa, e as fagulhas desapareceram em meio à escuridão. Os cavalos relinchavam ao correr sobre o gelo porque não gostavam de sentir a proximidade do fogo das tochas no trenó, inescapável.

Harry Penn e Praeger incendiaram o vilarejo. As casas começaram a queimar rapidamente, e logo as ruas se

transformaram em uma grade de chamas.

— Estão todos mortos — disse Harry Penn, ao deixarem a cidade. — Fico imaginando se o passado pode ser deixado totalmente para trás como Beverly queria, ou se as suas expectativas acabarão sendo frustradas.

Os dois chegaram até o alto da colina e viraram o trenó para que pudessem observar a cidade e o lago. Do outro lado do gelo, a casa da família Penn ainda estava queimando ferozmente, e a cidade estava iluminada como se algo estivesse embebido em parafina.

Não havia muito a dizer. A lua agora estava no céu e brilhava com força. Harry Penn jogou as tochas na neve e Praeger manobrou os cavalos na direção oposta ao Lago das Coheeries, rumo às montanhas.

Hardesty subiu correndo pelos primeiros lances das escadas que levavam às galerias cercadas por vidraças. Ele presumia que os degraus os levariam até além do céu. Quando chegou ao topo do quarto lance de escadas, foi interrompido de súbito por um bloco azul formado por seis policiais e um sargento que bloqueavam completamente o caminho. Eles estavam tomando café em copos de papel e equipados com todos os seus cassetetes e revólveres.

— Para onde está indo? — perguntou o sargento, agressivo.

— Vou pegar o das seis e vinte para Cos Cob! — gritou Hardesty para despistá-los, pois o trabalho dos policiais era manter as pessoas longe das galerias.

— Por ali — disseram eles, apontando. Hardesty seguiu naquela direção e voltou a descer.

De volta à marquise sobre a avenida Vanderbilt, ele olhou mais uma vez para o espaço aberto no céu e viu que o mesmo rosto continuava a observar o movimento tranquilamente. Hardesty tinha de saber quem era aquela pessoa. Se necessário, atacaria a polícia. Se pudesse pegá-los de surpresa, poderia matar ou ferir quatro deles imediatamente. Poderia subjugar os outros dois com o

conhecimento que tinha sobre táticas de combate e sua disposição em receber ferimentos. Mas, para fazer isso, ele precisaria de pelo menos duas pistolas, o que significava que teria de subjugar dois outros policiais, pelo menos. Não parecia razoável o fato de que oito homens precisariam morrer apenas para que ele pudesse subir algumas escadas. Talvez pudesse suborná-los. Mas onde conseguiria o dinheiro? Mesmo que assaltasse cinquenta pessoas, as chances de conseguir juntar os milhares de dólares de que precisava não eram muito altas. Mas Hardesty tinha de subir até lá.

O alçapão se fechou, selando os céus.

— Diabos! — reclamou para si mesmo.

Decidiu dar a volta ao redor da polícia. Foi até o corrimão da marquise e começou a escalar a parede de mármore que cruzava com a cortina de vidro diante das passarelas. Havia muito tempo, artesãos pacientes entalharam ramos, ovos e dentículos naquele canto. Os parapeitos e suportes que aquelas estruturas ofereciam tinham o tamanho exato dos dedos de Hardesty. Para se equilibrar, ele tinha de apoiar as costas contra o vidro.

Ousando escalar a parede, mas sem se atrever a olhar para baixo, ele avançou rápido e sem qualquer cuidado com a própria segurança, conseguindo se prender à parede especialmente pelo movimento que fazia para cima. Se parasse, teria caído após passar um ou dois segundos aterrorizantes arranhando o mármore como um gato. Não havia nada ali que o ajudasse a ascender sem esforço como ocorreu com a corda dourada. Havia, entretanto, contradições e paradoxos na física, e, embora ele não tivesse tempo para considerá-los, seus dedos, músculos e coração os conheciam perfeitamente bem. Se não tivesse força para ficar na parede sem se mover, como poderia ter força para subir? Será que o equilíbrio era tão delicado que a força do primeiro passo que dera para sair do chão poderia elevá-lo até o ponto mais alto possível, desde que a sua aderência fosse igual à força que o puxava para baixo? Nesse caso, será que conseguiria se segurar nos ovos, ramos e dentículos em uma postura inteiramente neutra? Havia pelo menos uma

pequena quantidade de mágica envolvida em escaladas imprudentes, o suficiente para anular as leis da conservação, e talvez até para restaurá-las posteriormente. Mas agora, com a bênção, a anistia e o encorajamento que os bons escaladores retiram do próprio ar, ele subiu por uma coluna quase vertical no interior do Grand Central Terminal.

Quando finalmente chegou a um beiral sujo de fuligem acima do nível do chão, ele colocou sua mão direita sobre o rebordo e respirou aliviado. Embora estivesse pendurado a uma altura que era mais do que suficiente para matar qualquer pessoa que caísse dali (quatro dedos o mantinham suficientemente a salvo para que o seu polegar pudesse ficar solto), Hardesty sentia-se tão seguro de que não iria cair como se estivesse deitado de bruços no chão. Depois de descansar por um momento, ele suspendeu o corpo até o beiral.

A polícia estava vários andares abaixo, e provavelmente nem poderia imaginar que alguém passara por eles e agora estava quase tão livre quanto as andorinhas que dominavam os andares superiores. E, mesmo que os passageiros dos trens olhassem para cima para ver as estrelas (algo que não faziam), provavelmente não veriam o homem correndo ao longo de um beiral alto e desprotegido.

Uma das folhas mais baixas de uma vidraça arqueada estava quebrada. Talvez um pássaro houvesse se chocado contra ela, ou talvez ela tivesse sido atingida por uma bala. Hardesty rastejou pelo espaço e deparou-se com um corredor mal iluminado. O piso estava coberto por uma poeira grossa que exibia as pegadas de uma pessoa subindo por uma escada em espiral do outro lado do corredor. Após dar sete giros em sua subida pela escada de ferro, ele chegou a um pequeno quarto com o teto recurvo que parecia uma capela, diante de uma pequena porta de metal que fora trancada pelo lado interno.

Hardesty, que conhecia muito pouco sobre a arte de arrombar fechaduras, começou a jogar o corpo contra a porta. E ela gradualmente começou a se soltar.

Peter Lake estava deitado em sua cama sobre as vigas de ferro, lendo uma *Police Gazette* de novembro de 1910. Agora, já estava acostumado com muitas coisas estranhas, e não observava as páginas das revistas com espanto, mas sim com prazer. Eram as imagens de vândalos carrancudos e pilantras com expressões pensativas, e ele não sabia que conhecera todos eles. Conforme virava as páginas, ele viu novamente certos tipos como James Casey, Charles Mason, Dr. Long e Joseph Lewis. Embora aqueles rostos lhe parecessem tão familiares, ele não sabia ao certo onde se encaixaria ali. Por que uma velha fotografia de William Johnson, o batedor de carteiras, o emocionava tanto? Seria por causa do chapéu-coco e do terno eduardiano dele (que hoje em dia estaria vaporizado, assim como seu proprietário), que o faziam lembrar de uma época em que nem a natureza nem o homem tinham o controle definitivo, mas haviam alcançado uma trégua que permitia que o mais grosseiro dos homens, independentemente da sua cultura ou ambiente, pudesse refletir sobre suas circunstâncias com resultados notáveis? De que outra maneira ele poderia explicar aqueles olhares tristes e intensos? William Johnson (um nome falso, é claro — um dentre vários outros), um batedor de carteiras, mostrava no brilho dos seus olhos que havia conseguido enxergar através do tempo e que tinha compreendido quem o sucederia. Quando a escória do tempo se afastasse, os batedores de carteiras, os vigaristas e os ladrões acabariam se transformando nos possuidores dos rostos mágicos e dadivosos que os pintores da Renascença usavam para retratar santos e anjos.

Estranhamente emocionado pelo olhar confiante e paternal de William Johnson, Peter Lake estava prestes a virar a última página e ver uma enorme fotografia que mostrava... seu próprio rosto, mas foi arrancado do conforto da sua cama por Hardesty Marratta, que jogou o corpo contra a porta de metal. O exemplar da *Police Gazette* saiu voando das suas mãos como se fosse uma galinha assustada, e caiu no chão com o retrato de Peter Lake para baixo, sobre a poeira. Por pura coincidência, a expressão no rosto do ladrão

retratado na Galeria dos Procurados e a expressão do mecânico-mestre, sólida e confiante, eram exatamente a mesma.

Ele fora trazido à delegacia sem que houvesse um indiciamento formal, logo antes de um assalto ao restaurante Delmonico's, para o qual tivera de se vestir com bastante elegância, e a polícia o agredira porque sabia que teria de soltá-lo em seguida. Quando estavam prontos para acionar a câmera fotográfica, depois que ele ajustou o colarinho rasgado da camisa e os restos da gravata-borboleta e estava pronto para posar, Peter Lake ouvira os gritos de alguém em agonia mortal do outro lado da parede. Embora sempre houvesse sido exposto a tais coisas, ele nunca ficava completamente insensível, e a fotografia revelava uma expressão de compaixão que era apropriada para um homem tentando enxergar através da parede. Do outro lado dela, um dos seus estava sendo assassinado. Peter Lake estava alerta, apreensivo, e ainda assim sardonicamente frio, como se quisesse dizer: "Bem, se eu sou o próximo, então que seja. Mas não contem com isso". Essa era exatamente a expressão que ele tinha no rosto enquanto Hardesty Marratta, enlouquecido e incorrigível, jogava-se várias e várias vezes contra a porta, como um carneiro que tivesse engolido um bule inteiro de café forte.

Como Peter Lake se esquecera da porta que levava até a parte externa do telhado, pensou que não havia para onde ir. Ficou paralisado no início, mas logo desativou o interruptor que controlava as estrelas. Elas continuaram acesas, pois agora estavam iluminadas para sempre. Talvez, pensou ele, se eu abrir a porta quando ele tentar abalroá-la, ele vai trombar contra aquele pilar de ferro e cair duro no chão. Não, isso não vai funcionar; seja lá quem for, esse cara tem a cabeça dura. Vou deixá-lo se cansar um pouco, e depois verei o que faço conforme a situação se desenrolar.

Peter Lake subiu até as vigas e escondeu-se parcialmente nas sombras enquanto Hardesty continuava a castigar a porta. Tanto Hardesty quanto a porta estavam sofrendo enormemente em uma guerra de atrito que a porta acabaria por vencer, se o seu oponente

não estivesse convencido de que, se conseguisse atravessá-la, poderia começar a chegar até a raiz dos problemas que o acometiam. Os intervalos entre os abalroamentos ficaram cada vez maiores, as pancadas ficaram cada vez mais lentas, e a porta ficou cada vez mais parecida com um dente frouxo, agradavelmente perto de se soltar.

Finalmente ele conseguiu derrubar a porta. Deu alguns passos para dentro, girou, cambaleou e desabou no chão. Peter Lake esperou que outros o seguissem. Quando ninguém mais surgiu, ele se abaixou, fechou a porta e arrastou Hardesty até a cama. Hardesty estava bastante machucado e respirava com dificuldade, em espasmos. Pensando em como poderia ajudá-lo, Peter Lake pegou uma lata que, noventa anos antes, servira para guardar uma porção de cozido de carneiro da Nova Zelândia. Ele a encheu com água morna e despejou-a sobre o rosto de Hardesty.

Hardesty fez movimentos espasmódicos como se estivesse se afogando e abriu os olhos.

— Por que você arrombou a porta para entrar aqui? — perguntou Peter Lake.

— Eu vi você olhando pelo alçapão. Queria descobrir quem você era e como entrou aqui.

— Por que olhou para cima? Ninguém nunca faz isso.

— Não sei. Quando vi que as estrelas estavam acesas, não consegui mais parar de olhar.

— Você não tinha que tomar um trem?

— Não.

— Como conseguiu subir? — perguntou Peter Lake, desconfiado. — Você é amigo dos policiais?

— Eu subi pelas laterais, pelos entalhes de ramos e ovos e segurando nos dentículos sujos.

Peter Lake parecia estar cético.

— É difícil de acreditar. Você é alpinista?

— Na verdade, sou sim — respondeu Hardesty. — Eu era...

Ele se deteve no meio da frase, afastou o rosto latejante e encarou Peter Lake cuidadosamente. Peter Lake fez o mesmo (a diferença é que o seu rosto não estava latejando). Eles se reconheceram da noite no Petipas. Suas gargantas se apertaram e eles estremeceram, da maneira que uma pessoa faz quando descobre forças maiores e sobrenaturais que se mascaram audaciosa e descaradamente como coincidências.

— Quem é você? — perguntou Peter Lake.

Hardesty fez um sinal negativo com a cabeça.

— Isso não importa — disse ele. — Quem é você?

Jackson Mead acionou todas as forças que vinha preparando e conservando em um espetáculo estarrecedor que duraria dez dias até a chegada do novo milênio, e não cessaria mesmo que a cidade estivesse consumida pelo fogo e a desordem civil causada pela própria ponte do arco-íris.

Depois de séculos e séculos de construção, ele aprendeu exatamente como as coisas deveriam ser feitas. Acreditava em uma lei de igualdades que coordenavam um equilíbrio perfeito. Sempre que algo fosse erguido, alguma outra coisa precisava cair, e não havia formas livres, pois toda forma tem sua sombra e contraparte. Portanto, seu oposto. Ele os respeitava e não tinha o desejo de convencê-los, pois isso implicaria que acreditava que estavam lutando sem razão. Suas ações também eram justas, e Jackson Mead poderia até mesmo estar lutando ao lado deles. Mas não estava, pois sua tarefa era mover as coisas para a frente; e, para fazer isso, precisava lutar contra eles. Jackson Mead gostava de dizer que nunca houvera nenhum empreiteiro incapaz de compreender o que era uma guerra.

Jackson Mead passara quase um século preparando as ações que tomariam de assalto aqueles últimos dez dias, e Cecil Mature e

o reverendo Mootfowl eram seus generais improváveis. Apesar de suas esquisitices pessoais, eram perfeitamente adequados às suas responsabilidades, e o acompanhavam havia muitos anos, sem nunca envelhecer, donos de um conhecimento que disfarçavam sem qualquer sentimento de culpa — não exatamente para enganar os outros, mas para satisfazer seus próprios temperamentos.

O solstício de inverno trouxe a Sandy Hook uma armada de navios gigantescos — bastou o tamanho e o peso deles para acalmar os mares. Em seus conveses teve início uma transferência de máquinas e materiais sem precedentes. Centenas de helicópteros de carga, cobertos ao longo dos trinta metros da sua fuselagem com luzes piscantes e sinalizadores azuis penetrantes, rugiam pelo céu, carregando sob os seus corpos mantídeos coisas que tinham muitas vezes o seu peso e tamanho.

O barulho dos motores desses helicópteros podia ser ouvido a vários quilômetros de distância. Conforme se aproximavam, eles agitavam o chão e congelavam todas as criaturas vivas com as frequências paralisantes que emanavam dos seus motores misteriosos. Suas luzes piscantes e os comprimentos de onda dos sinalizadores estavam perfeitamente sincronizados com os sons rítmicos em harmonias e contrapontos excessivamente complicados. Podiam girar em qualquer eixo, e pairar em qualquer posição. Eram tão delicados quanto borboletas e tão grandes quanto os maiores aviões a jato. Cruzando-se constantemente em suas trajetórias acima do estuário, sem nunca colidir, eles faziam o trajeto entre os navios e os canteiros de construção.

Portas enormes se abriram nas laterais do navio de Jackson Mead no Hudson. Em terra firme ou sobre o gelo, era possível ver que o vasto interior da embarcação era dividido em muitos andares, todos iluminados com cores diferentes. Dentro do navio havia várias estradas empilhadas umas sobre as outras, dez ou quinze delas, sobre as quais viajavam pequenos veículos ligeiros que corriam em várias direções (puxando vários vagões atrás de si ou sozinhos), deslizando pelas artérias sob luzes piscantes e urgentes. Em

intervalos que eram estonteantes em sua precisão e frequência, empilhadeiras surgiam de dentro desse imenso hangar e saíam a uma velocidade impressionante, girando no ar com um jato de vento que polia o gelo e fazia com que cristais soltos e montes de neve se transformassem em nuvens que se expandiam cada vez mais; algumas delas eram bem mais altas do que os arranha-céus mais próximos.

Torres transparentes com vinte andares de altura se erguiam do navio como telescópios. Dia e noite as operações eram coordenadas ali dentro, em uma luz suave cor de bronze que sugeria outro tipo de luz do dia perpétua — não a luz de março, mas a de agosto. Os próprios canteiros de obras derrubaram seus tapumes, revelando mais de cinquenta plataformas de concreto liso que estavam firmemente enraizadas no chão. Sobre as suas superfícies foram instalados todos os tipos de máquinas trazidas dos navios e dos trens de carga que nunca chegavam ao estuário, mas eram descarregados pelo ar. Cada um dos vagões era erguido e separado da sua composição, de modo que os outros trens pudessem chegar e descarregar suas cargas sem parar.

Também foram colocadas subestruturas em forma de blocos e caixas enormes sobre os alicerces e os cabos e vigas de sustentação graciosos que suportariam o peso da ponte. O céu estava cheio de helicópteros que carregavam motores multicoloridos, imensas estruturas de silício transparente, agregações redondas de fogo que iam de um lado para outro como se fossem pequenos sóis, máquinas antigas e arcanas que se pareciam com imensas lentes de Priestley ou com telescópios de Herschel mais do que qualquer outra coisa moderna; havia também espirais pulsantes de cristal que eram os gêmeos gelados dos pequenos sóis e redes pendentes de fios e circuitos que faziam os helicópteros se parecerem com águas-vivas enquanto pairavam pelo ar acima do porto.

Assim que a população atordoada achava que havia recuperado o fôlego, alguma estrutura bela e desconhecida era subitamente

erguida de um dos navios, o tráfego aéreo dobrava e a rede de sons se intensificava. A estratégia de Jackson Mead era fazer com que cada hora fosse mais intensa do que a hora que a precedeu. A ideia era mantê-los na expectativa, chocá-los, desorientá-los, interferir em seu bom senso, cegá-los com luzes ofuscantes e atingi-los cada vez com mais força, de modo que seus opositores ficassem incapacitados e a ponte pudesse ser erguida. No final das contas, mesmo com toda a força e o planejamento, a ponte era uma construção delicada e frágil que dependia de circunstâncias sobre as quais Jackson Mead poderia somente investir sua fé e seus desejos.

Virgínia estava sentada na beirada da cama de Abby, observando a luz que lentamente se esvaía em meio à neve grossa e tranquila que caía. A hora em que as luzes eram acesas para dar esperança e energia à noite passara serena em silêncio. Como Abby era alimentada por sondas intravenosas, ninguém que estivesse no quarto com ela tinha qualquer expectativa em relação à alegria ambivalente das refeições hospitalares, que vinham em bandejas feias que se pareciam com moedas gigantes.

Hardesty estava sumido havia mais de uma semana. Era improvável que, mesmo depois de mil anos de busca e sofrimento, ele seria capaz de redimir a sua filha. Ainda mais depois de apenas alguns poucos dias. Nada que ele visse ou imaginasse poderia salvar Abby. As crianças de fato morriam. Certa vez, havia relativamente pouco tempo, elas tinham conhecido a morte com muito mais frequência do que seus pais. Embora não fosse capaz de explicar, Virgínia tinha certeza de que se lembrava de um cemitério anônimo nas redondezas da cidade no qual cinquenta caixões pequenos jaziam sob a neve que caía, esperando para serem enterrados, enquanto os coveiros se apressavam para terminar seu trabalho antes do cair da noite. Como nunca chegara a ver algo assim, ou nada que fosse vagamente parecido com aquela imagem, Virgínia se perguntava como aquilo podia estar gravado de maneira tão vívida em sua memória, e pensou que, talvez, em

momentos difíceis, o passado e o futuro fossem capazes de emergir das sombras. Na galeria fixa de cenas infinitas, todos os eventos sempre estavam acessíveis. Nada se perdia, nunca. Os coveiros naquele pequeno cemitério, apressando-se para conseguir terminar seu trabalho antes do escurecer, passariam toda a eternidade apressados, tentando terminar antes do anoitecer.

Ela teve um sonho naquele início de noite. Uma trovoada súbita encontrou seus tornozelos junto à neve fresca enquanto uma carruagem escura puxada por um cavalo escuro passou em disparada. Suas rodas eram quatro estudos perfeitos sobre a arte da hipnose. Sem saber onde estava, ela se virou para ver o que havia às suas costas. Embora as grades de ferro, as árvores e os postes de luz da rua estivessem cinzentos devido à neve que caía, ela lentamente flutuou até uma cena de verão na qual se viu empurrando um carrinho de bebê às margens de um lago. O lugar ficava em um parque, e havia bancos e um passeio público pavimentado às margens da água.

As árvores do outro lado do lago estavam refletidas em sua superfície, enevoadas e indefinidas; a cidade estava cheia de florestas escuras. Ela se curvou sobre a borda do carrinho para ver a criança, mas o carrinho estava vazio porque o bebê fora levado pelo lago, e estava em algum lugar sob a água. Logo depois a tarde de verão se transformou em trevas, e ela percebeu que estava em um corredor mal-iluminado. Painéis de madeira desgastados reluziam sob a luz mortiça. O chão estava coberto por cascalho. Conforme seus olhos se ajustavam àquela escuridão, ela viu uma criança em pé com uma camisola antiga, ao lado do corrimão. Seus cabelos haviam caído, e a criança estava com a mão na boca, tremendo com algum tipo de paralisia cerebral. Ela estava morrendo, totalmente sozinha e de pé. Virgínia estendeu os braços para abraçá-la, mas não conseguiu se mover porque estava amarrada ao corrimão. Ela falou com uma voz estrangulada, mas a criança não a ouviu, e continuou a balançar para a frente e para trás como se não soubesse que os doentes e os moribundos têm o

direito inalienável de se deitar. Virgínia fazia força contra as suas amarras, chorando por não poder se mover.

— Acorde, acorde — disse a Sra. Gamely, agitando sua filha. — Você está sonhando. Acorde.

Virgínia se levantou com um sobressalto quando a Sra. Gamely acendeu a luz.

— Como ela está? — perguntou a avó.

Olhando para Abby, em meio aos tubos, sondas e eletrodos, Virgínia respondeu que ela estava do mesmo jeito.

A Sra. Gamely disse:

— Quando a médica vier hoje à noite, acho que devermos sair para caminhar e tomar um pouco de ar fresco. Você não sai deste quarto há uma semana.

— E onde é que você esteve? — perguntou Virgínia, pois as bochechas da sua mãe estavam mais vermelhas do que a maçã mais rubra das Coheeries.

— Fui assistir a uma palestra, querida. Bem, não fique brava; foi proferida por aquele homem que a irrita bastante, o Sr. Binky. Eu até que gostei dele, embora seu vocabulário precise melhorar bastante. Ele falou coisas emocionantes sobre o seu trisavô, Lucky Binky, aquele que afundou com o *Titanic*. Fiquei muito comovida, pois o Sr. Binky não parava de se referir ao *Titanic* como o Gigantic.

A Sra. Gamely não sabia que Craig Binky fixara seus olhos nela durante todo o seu discurso e que mandara que Alertu e Scroutu a encontrassem depois. Eles começaram a tatear pela cidade, tentando encontrar uma senhora de cabelos brancos, de constituição imperturbável e com traços de bolinho de arroz que Craig Binky descrevera apenas como “aquela Serafina, aquela mulher adorável, aquela rosa branca!”.

Virgínia olhou para sua mãe, sem conseguir acreditar. Como ela fora capaz de se afastar do leito de Abby para ir a uma palestra

ministrada por Craig Binky? Mas a Sra. Gamely achou que aquilo era perfeitamente adequado, pois, diferentemente da sua filha, dos médicos e dos outros especialistas, ela sentia que, embora a criança estivesse gravemente doente, a única coisa necessária para ajudá-la a se recuperar era fazer a aplicação de um certo emplastro. Para garantir, ela sempre trazia um pote com o remédio caseiro em sua bolsa. Mesmo assim, toda vez que sugeria o emplastro, as pessoas gritavam com ela como se a pobre senhora fosse uma idiota. Isso a deixava bastante desanimada, pois sentia pena de ver uma criança sofrer tanto porque os médicos confiavam demais em máquinas estranhas e medicamentos imbecis que não funcionavam. Considerou a possibilidade de desautorizá-los. Talvez conseguisse fazer isso, porque, entre as traquitanas que levava consigo em sua valise (tais como, por exemplo, um galo vivo, embora meio sonolento), havia um instrumento bastante persuasivo que ela chamava de escopeta. Mas não tinha a mesma autoconfiança de antigamente. Esse lugar não era as Coheeries. Deixou que eles agissem como quisessem, e, embora sempre trouxesse o emplastro consigo, não se atreveu a aplicá-lo. E se o remédio deixasse a criança ainda mais doente?

A médica chegou tarde naquela noite, mas, depois que fez seus exames, a Sra. Gamely e Virgínia saíram do hospital e caminharam sobre a neve enquanto uma enfermeira ficou cuidando de Abby.

— Para onde você quer ir? — perguntou Virgínia.

— Qualquer lugar — respondeu a sua mãe. — Olhe para você. Está tremendo. Você precisa andar e recuperar as forças.

Elas caminharam por horas, em círculos e em curvas longas e sinuosas, andando silenciosamente por entre prédios de apartamentos austeros e tristonhos que a neve havia coberto como se fossem bolos açucarados. Virgínia começou a contar seu sonho à Sra. Gamely.

— O bebê se levantou do lago e bateu palmas? — interrompeu a Sra. Gamely, com um senso de urgência surpreendente.

— Não. O bebê nunca chegou a sair do lago. Mas eu o vi depois, quando era mais velho, no corredor de um cortiço — disse Virgínia, e relatou o resto do sonho. — Acho que é óbvio — declarou ela ao finalizar.

— Você acha que a criança no sonho era Abby, e que teve esse sonho por causa da sua ansiedade.

— O que mais poderia significar?

— Talvez não signifique nada, e seu único valor esteja em si mesmo. Um sonho não é uma ferramenta para este mundo, e sim um portal para o próximo. Aceite-o da maneira que ele é.

— E o que eu devo fazer com ele?

— Nada. É como uma coisa bonita. Você não precisa fazer nada com ele.

— Ah, mãe — exclamou Virgínia, quase se desfazendo em lágrimas. — Abby está quase morrendo, e tudo o que você e Hardesty fazem é caminhar pela cidade, conversando como se fossem místicos ou mafiosos. Metade das vezes eu nem entendo o que vocês estão falando. Não sei que diabos isso significa, e nada disso vai fazer qualquer diferença para Abby.

— Virgínia... — disse a Sra. Gamely, querendo abraçar sua filha.

— Não! — disse Virgínia.

A mulher idosa tomou o braço da filha, e as duas começaram a caminhar pela neve, indo de volta ao hospital. Fizeram o percurso em silêncio, exceto pelo som do vento e dos sinos da igreja que bateram a hora e seus quartos. Apesar do frio e do nevoeiro, as duas se sentiam quentes e secas por dentro.

Em uma pequena praça de Chelsea elas viram a estátua de um soldado da Primeira Grande Guerra. Ele estava coberto pela neve e quase perdido em meio às nuvens brancas de bruma e neve que sibilavam pelas ruas e criavam redemoinhos nas praças. As duas

mulheres pararam para ler uma inscrição no pedestal, que dizia: Pelos Soldados e Marinheiros de Chelsea.

— Lembra-se desta estátua? — perguntou a Sra. Gamely.

— Não — respondeu Virgínia. Sua resposta tinha um toque de quem pede desculpas.

— Quando você era uma garotinha, Virgínia, nós viemos até a cidade para nos encontrarmos com seu pai quando a guerra terminou. Não se lembra?

— Não, não me lembro.

— Foi muito difícil chegar até aqui, mas conseguimos. E esperamos vários meses enquanto os destacamentos de tropas estavam chegando. Muitos homens foram mortos, mas suas famílias receberam telegramas. Embora não tivéssemos novidades sobre ele, presumimos que Theodore estava bem, pois também não recebemos nenhuma má notícia. Durante a época em que ficamos esperando, moramos no West Side, nos limites de Chelsea, perto do rio. Às vezes vínhamos até este parque. Você dizia às outras crianças que este era o seu papai. O seu pai nunca voltou. Ele foi morto alguns meses antes, mas a notícia não chegou até nós.

— Como você descobriu? — questionou Virgínia.

— Quando a divisão dele retornou, fomos até Black Tom, onde eles estavam desembarcando. Você estava muito empolgada. Eu a vesti com uma roupa nova, e você tinha um pequeno buquê de flores que passou o dia inteiro carregando, mesmo depois que descobriu. Você não largava aquelas flores por nada. Tirei elas das suas mãos apenas depois que você dormiu naquela noite. Foi Harry Penn quem nos contou.

— Harry Penn?

— Ele era o comandante do regimento do seu pai. Todos os homens das Coheeries estavam juntos. Você o fez chorar. Não se lembra?

— É claro que não — disse Virgínia, balançando a cabeça negativamente.

— Ele nunca mencionou esse dia? Você já trabalha para ele há anos.

— Eu poderia fazer tudo que eu quisesse, e mesmo assim ele não me demitiria. Acho que foi essa a maneira que ele encontrou de abordar o assunto.

— Você o emocionou demais, Virgínia. Você estava alegre e feliz, e ele teve de lhe contar que seu pai estava morto. Isso partiu o coração dele. Era o início do verão. Você ficou doente naquele dia e teve uma febre que durou até o começo do inverno... Estava tentando se juntar ao seu pai. Eu teria feito isso também, mas tive de cuidar de você.

— Se esse é o motivo pelo qual Harry Penn nunca levantou um dedo contra mim, para que serviu tudo isso?

— Se durante todo esse tempo você não fazia ideia de quais eram as razões que ele tinha, então por que você imagina que saberia quais são seus efeitos? Um ato benevolente é como um gafanhoto: ele fica adormecido até ser chamado. Ninguém disse que você teria de viver para ver a repercussão de tudo o que faz, ou que você teria garantias, ou que não seria obrigada a vagar pelo escuro, ou que tudo seria provado para você e cuidadosamente comprovado como se fosse algum aspecto da ciência. Nada acontece desse jeito; pelo menos, nada que valha a pena. Eu não a criei para andar somente sobre terrenos firmes. Eu não a ensinei a pensar que todas as coisas devem estar sob o nosso controle e a nossa compreensão. Não é mesmo? Se fiz isso, eu estava errada. Se você não se arriscar, então os poderes que você recusa porque não é capaz de explicá-los irão transformá-la em um reles macaco, como dizem por aí.

— Isso já aconteceu.

— Certo, Virgínia — disse a Sra. Gamely. — Você fracassou em alguns momentos. Mas ainda está viva. Talvez não encontre uma

maneira de salvar a sua filha. Mas você tem de tentar. Você deve isso a ela, e deve isso ao mundo em geral.

A neve começava a cair com ferocidade agora, sibilando suavemente como acontece quando cai em rajadas. Mãe e filha se abraçaram.



A CIDADE ILUMINADA

No início, nem mesmo o corpo de bombeiros ou a polícia sabiam que havia algo errado. Visitantes que iam aos mirantes de observação nas mais altas torres eram capazes de ver pilares de fogo ao longe. Mesmo assim, como todos os visitantes que sobem aos lugares mais altos, eles presumiram que todas as coisas no nível do solo estavam sob controle.

Mas os pilares de fogo que se erguiam por cima da cidade dos pobres passaram despercebidos pelos oficiais que se fixavam categoricamente nas incríveis atividades de Jackson Mead. Não era incomum haver fogo na cidade dos pobres também. Fosse no inverno ou no verão, as chamas continuavam a arder, consumindo-se em incêndios criminosos que se autopropagavam. Dessa vez, no entanto, as chamas estavam maiores e em mais locais do que o habitual. Enquanto o resto de Nova York se escondia do frio e ficava dentro de suas casas confortáveis, onde as crianças brincavam e os cães cansados do inverno dormiam diante das lareiras, um exército marchava pelas ruas da cidade dos pobres.

Dois dias depois do Natal, homens e mulheres jovens estavam dançando no Plaza, os motores dos helicópteros rugiam sobre a zona portuária, as pontes para o Brooklyn e o Queens estavam iluminadas pelo trânsito da noite e as fábricas haviam tinham retomado o movimento com o seu trabalho rítmico. Advogados que nunca dormiam analisavam bateladas de fatos e regulamentações e cuspiam argumentações vinte e quatro horas por dia. No subsolo, homens especializados em manutenção estavam em guerra com canos e cabos para manter a cidade acima deles iluminada e quente. Moviam-se com a determinação incansável de uma divisão de tanques em uma batalha entre blindados, esforçando-se para

girar imensas chaves inglesas de três metros de comprimento, cavando como loucos, correndo em esquadrões e batalhões por túneis escuros, com as lâmpadas instaladas em seus capacetes de pedreiro balançando acima de rostos sujos e atemporais.

A polícia lutava em encontros mortais e incidentes espalhados por toda a cidade; corretores das casas de câmbio seguravam seis telefones em cada mão; intelectuais dividindo a mesma sala da biblioteca estavam, mesmo assim, em mil lugares diferentes conforme cada um deles se curvava sobre seu livro em um dos feixes límpidos de luz das luminárias. E eles dançavam no Plaza — mulheres em vestidos brancos ou rosa-salmão, e os homens com smokings, gravatas-borboletas e faixas coloridas ao redor das cinturas. Violinistas calvos, com bigodes finos e rostos incrivelmente dissolutos, enchiam o salão e suas colunas de mármore com música. Serpentinas grossas pendiam das colunas e dos tetos em tons de rosa e dourado que conferiam um brilho típico do verão aos dançarinos. Os encostos das cadeiras estavam forrados com castor, martas e outras peles felpudas que, como se pudessem trazer recordações sobre o frio, estavam frescas ao toque. Do lado de fora, carruagens passavam pela rua, e os ventos aguerridos do norte balançavam as árvores cobertas de estalactites de gelo como se fossem sinos de cristal. A elegância e os movimentos suaves, a saúde e a dança, e toda aquela alegria, logo iriam se desfazer.

Em algum lugar da cidade dos pobres, onde as ruas e avenidas já se haviam erodido e o que restara era uma esplanada enegrecida pontilhada por poços e barracos, estavam um senhor idoso e sua esposa que tinham conseguido ganhar seu sustento no decorrer dos anos administrando uma pequena loja. Suas estantes de madeira estavam quase vazias, mas de quando em quando conseguiam estocar alguns pacotes de arroz e açúcar, algumas garrafas de refrigerante cheias de querosene, utensílios domésticos de segunda mão e alguns legumes encarquilhados e mutilados. O único cômodo era iluminado por um lampião que queimava sebo de carne e restos de óleo usado. Quando o frio ficou forte demais naquele inverno, o velho e a sua esposa vestiram todas as roupas que tinham e

buscaram refúgio nos fundos da loja, atrás de uma cortina improvisada feita com sacos de estopa e costurada à mão. Às vezes o velho saía para tentar encontrar restos de madeira, que ele posteriormente queimava em uma lata de café. O casal sentia frio demais para tremer. Seus lábios estavam azulados, e eles passavam o tempo inteiro imóveis para não ofender o frio, esperando que ele lhes permitisse a sobrevivência. Embora a onda de frio não cessasse, e não viesse a cessar por um bom tempo depois que o casal morreu, eles não haviam morrido por causa do frio. Tinham morrido por causa do calor.

No momento em que o baile no Plaza estava chegando ao seu apogeu e as mulheres de ombros nus dançavam a valsa em uma harmonia sensual, o velho e sua esposa ouviram o início de algo que ribombava com um som que era metade como a arrebentação das ondas e metade como o fogo.

Eles ouviam o vento e as pessoas correndo a passos largos, assim como animais fogem de incêndios na floresta, com saltos enormes e assustados. Em seguida, chegaram os vândalos e os saqueadores. Alguém bateu com força na porta da loja. O velho engoliu em seco, assustado demais para se mover. Sua esposa olhou para ele e chorou. As lágrimas correram pelo seu rosto em intervalos regulares, uma de cada vez. Antes que pudessem molhar o vestido dela, a porta foi derrubada e bateu no chão com um baque explosivo. Num piscar de olhos, cinquenta pessoas estavam ali dentro. Tudo o que havia nas prateleiras desapareceu imediatamente. Em seguida, as próprias prateleiras foram arrancadas. Qualquer coisa que estivesse em pé era chutada e jogada por todos os lados. Caixotes e caixas batiam no teto e ricocheteavam contra as paredes, tochas acesas encostavam na madeira, e, conforme a casa começava a queimar e a turba já estava saindo, alguém rasgou a cortina de estopa. Alguns dos homens pareceram ficar ofendidos com o fato de que os donos da loja se atreveram a ficar escondidos e imóveis do outro lado, e os queimaram.

As roupas do casal se queimaram, e em seguida os dois queimaram como o sebo das velas. À medida que tudo se erguia em chamas, o interior modesto se transformou em uma muralha de branco e prata. Sob as vigas de sustentação do teto que começavam a envergar, uma bolha de fogo dourado se ergueu como se fosse a parte superior de uma caverna. De longe, isso parecia ser um pequeno pilar rodopiante que se erguia pelo telhado, dançando por alguns segundos sobre um leito de faíscas.

Por toda a paisagem escura que revelava a sua pobreza por não ter luz, pequenos pilares tremeluziam e cresciam. Às vezes eles se combinavam, até que pequenas tempestades de fogo giravam loucamente como sistemas de irrigação de jardins, tateando cada contorno do terreno, avançando de um lado para o outro, buscando madeira, árvores mortas e terra encharcada em óleo nos bancos dos riachos de água estagnada e nos canais imundos.

Jackson Mead estava em completo silêncio em uma sala escura que tinha vista para o porto. Escolhera o 30º andar de um prédio de tamanho médio como seu último posto de observação, mesmo que pudesse estar muitos andares mais acima. Mas, devido ao que esperava testemunhar, não fazia muita diferença estar a trinta andares do chão ou a quinze quilômetros. E essa perspectiva — nem tão alta, nem tão baixa — estava perfeitamente adequada ao que queria, porque ele sempre dissera, de maneira relativamente críptica: “Todas as eras passam de maneira mais rápida pelas portas medianas”. Nem mesmo Mootfowl ou o Sr. Cecil Wooley sabiam ao certo o que ele queria dizer com aquilo, mas sabiam que tudo o que Jackson Mead fazia ecoava o seu propósito central; e, quando ele escolheu os andares médios, foi uma decisão que evoluiu no decorrer de muitos milhares de anos, e que teve sua origem em um evento grandioso, quando algo imenso, fragmentado e cercado por labaredas caiu pelos ares depois de ser lançado de um lugar tão brilhante que, se o sol fosse comparado a ele, pareceria uma esfera tão negra quanto o piche.

A máquina que ele estabeleceu não precisava mais do seu controle, apenas que a observasse enquanto hierarquias impressionantes floresciam abaixo de onde ele estava. Mil diretores estavam diante de mil telas poderosas. Eles, por sua vez, eram controlados por supracontroladores que tinham seus capitães e capitães dos capitães. Em uma infinidade de enormes câmaras subterrâneas e em torres de cristais nos navios, o trabalho prosseguia na velocidade máxima. O chão já havia sido preparado exaustivamente.

Na tranquilidade do seu refúgio cuidadosamente protegido, Jackson Mead via seu plano se desdobrar. Cecil Mature e Mootfowl se aproximavam dele de maneira discreta e diziam algumas palavras. Mas, na maioria das vezes, ele observava enquanto seus helicópteros e navios batalhavam para construir, em ritmo frenético, sobre o gelo que cobria o estuário.

Mootfowl se aproximou de Jackson Mead, que estava olhando pelas vidraças levemente escurecidas na direção das luzes que se moviam de um lado para outro sobre o estuário.

— A cidade está começando a queimar — avisou Mootfowl em voz baixa. — Há uma revolta generalizada.

— Onde? — perguntou Jackson Mead, com extrema tranquilidade.

— Nas partes mais remotas da cidade dos pobres, a cerca de oitenta quilômetros de distância. Provavelmente o limite dos oitenta quilômetros já foi ultrapassado neste momento.

— Há tempestades de fogo?

— Sim. Pequenas e esparsas. Do alto das torres mais altas, os cinturões exteriores se parecem com pequenos tufos de fogo, como se houvesse um incêndio que avança lentamente num pasto.

— Em alguns dias haverá pilares de fogo diante dessas janelas, altos como as nuvens, e o céu, negro com toda a fumaça, estará tão

pesado e maciço quanto um teto abobadado — afirmou Jackson Mead.

— Quer que eu informe o novo prefeito?

— Ele já não sabe disso?

— De acordo com as nossas informações, ele não sabe.

— Deixe que descubra por si mesmo, então.

— Se nós o avisarmos agora, talvez ele consiga conter a insurreição.

Balançando a cabeça devagar em uma negativa, Jackson Mead encarou seu subordinado.

— Doutor Mootfowl, sempre que falhamos antes, embora chegássemos perto dos nossos objetivos, não foi porque nos faltava a ciência. Em vez disso, foi porque nos faltavam as circunstâncias — contou ele.

— Senhor?

— É bem verdade que as orações que o senhor entoa de maneira tão esplêndida em busca da graça divina, reverendo, se acumulam. Mas elas ainda precisam desencadear o evento que permitirá que o nosso empreendimento tenha sucesso. A nossa ponte já está pronta para se erguer. Mas, a menos que algo nos leve para perto da margem oposta, não teremos qualquer chance.

— Os incêndios, então?

— Não os incêndios em si, mas o que ocorrerá dentro deles. A enorme energia e dissociação, as abstrações da luz e do fogo e os extremos aos quais eles impelem a alma humana são muito mais poderosos e potentes do que os nossos belos mecanismos. A cidade vai queimar porque seu tempo acabou. Tudo o que existe no mundo, Mootfowl, se resume ao amor ou a uma luta, que, quando estão quentes o bastante para se transformar em chamas, erguem-se e combinam-se. Se os fogos impulsionarem uma alma humana

até o mais alto estado de graça, será nesse momento que ergueremos a nossa ponte.

— Não importa o quanto habilidoso você seja, meu amigo. Você não conseguirá laçar um cavalo em campo aberto a menos que o traga para perto de si.

— Compreendo — respondeu Mootfowl.

Cecil Mature emergiu das sombras.

— Os incêndios atravessaram a marca de cinquenta quilômetros — avisou ele. — Ninguém sabe por que o fogo está se alastrando tão rápido.

— E Peter Lake? — perguntou Jackson Mead, tirando os olhos do panorama pela primeira vez.

Cecil balançou a cabeça e fechou os olhos estreitos. Ele bufou, e, em seguida, espirrou.

— Nenhum sinal dele.

Abby estava imóvel havia tanto tempo que sua própria mãe só percebeu que ela estava morta quando o monitor ao lado da cama indicou uma linha reta e começou a disparar alarmes que trouxeram enfermeiras e médicos ao quarto às pressas. Apesar de tudo o que fizeram, apesar das máquinas que trouxeram em carrinhos que deslizavam silenciosamente sobre rodinhas, não conseguiram reanimar Abby Marratta. Ela provavelmente já estava farta de máquinas, após ter ficado tanto tempo ligada a elas.

Para Virgínia, o zunido eletrônico do monitor de sinais vitais parecia ser a música que anunciava o fim do mundo. Mesmo depois que foi desligado, que as máquinas foram removidas e que o lençol foi puxado para cobrir sua filha, Virgínia continuou a ouvir aquele som.

A Sra. Gamely baixou a cabeça e chorou. Não queria acreditar que uma criança pequena, com apenas alguns anos de vida,

morreria antes dela. Não parecia certo, de acordo com a sua visão de um futuro que tinha certeza que pertenceria à sua neta.

Virgínia tinha dificuldade para respirar. Não conseguia imaginar que teria qualquer outro momento em sua vida onde se visse livre da dor e do terror. Ela olhou fixamente para o lençol que cobria Abby, tentando encontrar algum sentido na trama do tecido, mas não encontrou nenhum. Segundos se passaram, e depois longos minutos e longas horas em um silêncio imóvel durante o qual nada aconteceu e não houve nenhuma redenção, nenhuma ascensão, nenhum milagre.

Até que uma imagem intensa e brilhante surgiu diante dos seus olhos. Ela ficou constrangida por imaginar uma imagem tão vívida no momento em que o mundo deveria ser irremediavelmente cinzento. Era como rir em uma capela durante um sermão profundo e comovente. Virgínia viu algo bonito e saltitante em um sonho acordado que a levou para outra época.

Era um verão forte e maravilhoso. A névoa estava tão espessa e quente sobre e estuário que transformava tudo em sépia e preto. Mas tudo o que era branco, por outro lado, brilhava com uma força incomum e parecia flutuar mansamente na paisagem iluminada pelo sol. Uma barca com uma chaminé alta e negra se materializou no meio da névoa e chegou cada vez mais perto dos pilares pintados de branco que ficavam logo ao lado de Battery Park. Virgínia observou, sem conseguir acreditar. Não era um sonho. Era mais forte do que qualquer coisa que já sentira em sua vida. Pela posição do sol e pelo calor, ela sabia que só poderia ser o mês de julho — noventa ou cem anos antes, a julgar pelo frescor e pela integridade da barca e escaleres que passavam por ali, que pareciam totalmente diferentes das peças surradas de museu que, nos dias de hoje, boiavam tristemente sobre a água quando o rio não estava congelado.

Os passageiros da barca estavam em pé nos conveses com uma sensação de expectativa, esperando para desembarcar em uma manhã de julho que ocorrera havia muito tempo, e observando em

silêncio a convergência entre o barco e a doca, como se eles mesmos estivessem no timão. Dezenas de sombrinhas brancas, leves como dentes-de-leão flutuantes, dançavam com impaciência e agitavam o ar com gentileza. Homens sem seus paletós brilhavam como lanternas brancas em suas camisas de algodão e linho, cuidadosamente passadas a ferro. Olhavam com desdém do embarcadouro para a cabine de comando para protestar se a atracagem fosse menos do que perfeita. Mas a barca se aproximou da sua baía e tocou suavemente contra o concreto. Os motores foram desligados e jatos de água fluíram pelas tubulações da sentina como se a própria barca estivesse suspirando aliviada. Os portões reluzentes foram baixados, e todas as pessoas passaram por Virgínia como se fossem o fluxo de um rio caudaloso. Virgínia estava com os olhos fixos na parte de trás da multidão, em uma jovem que ela não conhecia e nem reconhecia. Mesmo assim, ela seguiu aquela garota frágil e bonita, que não poderia ter mais do que quinze ou dezesseis anos, pela rampa e posteriormente pelo terminal.

A simples presença da moça comoveu Virgínia profundamente e a deixou muito feliz. A garota passou por portões de ferro pelos quais Virgínia não teria permissão para atravessar e desapareceu em meio aos cânions altos e escuros que zumbiam com o verão, como se a própria luz fosse um enxame de mosquitos famintos. Quando ela desapareceu, Virgínia sentiu vontade de cair de joelhos e gritar, pois, enquanto a garota continuava em sua linha de visão, até que sua blusa branca se transformou em um minúsculo reflexo branco que não mais parecia ser real, Virgínia ficou tomada por uma sensação de benevolência e gratidão.

Mas ver a pequena forma que estava sob a mortalha a deixou incrivelmente amargurada. Virgínia não conseguia suportar o contraste entre a imagem poderosa e reconfortante que viu tão claramente em sua mente e o fato de que Abby estava morta. Ela precisava de Hardesty. Onde, em nome de Deus, perguntou ela a si mesma, estava Hardesty?

— Sabe de uma coisa? — disse Hardesty entre um fôlego e outro enquanto ele e Peter Lake corriam por um túnel escuro do metrô. — Quando você compra aquele bilhete, ele lhe dá mais do que apenas o direito de usar o túnel.

— Eu sei disso — respondeu Peter Lake, correndo sem esforço, enquanto, atrás dele, Hardesty se esforçava para acompanhar seu ritmo.

— Então por que estamos fazendo isso?

— Você não os viu?

— Quem?

— Aqueles homens com as casacas pretas!

Hardesty resfolegava. Era difícil manter a conversa com esse mecânico que devia treinar para competir nas Olimpíadas em suas horas vagas, pois ele passava em disparada pela plataforma de manutenção aparentemente sem fazer esforço, refreando-se apenas para não deixar seu companheiro para trás.

— Os caras baixinhos?

— Sim, aqueles que matam, roubam e incendeiam. Eles estão bem atrás de nós.

Os dois pararam. Após respirar fundo, Hardesty conseguiu prestar atenção, e ouviu o que pareciam ser milhares de passos em perseguição, como se fosse um exército de ratos. Em seguida, viu uma movimentação ondulante e trêmula conforme os passos alternados dos Rabos Curtos os faziam subir e descer, e eles bloquearam as luzes fracas que havia no túnel.

— Eles sempre estão por toda parte, embora, às vezes, costumem desaparecer — afirmou Peter Lake. — Estou feliz por eles existirem. Quando eles me perseguem, sou capaz de fazer certas coisas que nunca imaginei que conseguiria.

— Eu os vi nas Coheeries — disse Hardesty. — Não sabia que eles estavam aqui, mas devia ter imaginado, porque pareciam estar

se dirigindo a um lugar com sede de vingança. E as pessoas geralmente levam suas vinganças a Nova York.

— As Coheeries — repetiu Peter Lake. — Isso me parece familiar, mas não consigo imaginar o motivo.

— A família Penn tem uma casa de veraneio lá.

Peter Lake não respondeu.

— Harry Penn — disse Hardesty. — Nosso patrão.

— Não o conheço — respondeu Peter Lake, surpreendendo-se com a própria rispidez.

Quando chegaram à estação da rua 37, saltaram por cima da plataforma, surpreendendo os passageiros do metrô, que ficaram muito mais atordoados quando cem ou mais Rabos Curtos, com gritos gorgolejantes parecidos com o pio de pássaros e vozes estridentes, saltaram em perseguição numa torrente de roupas formais baratas do século 19, que foram alteradas e mutiladas por alfaiates, pela fricção e pelo tempo. Os Rabos Curtos portavam facas com manoplas com encaixes para os dedos e incrustadas em madrepérola, e também pistolas entalhadas com modelos nuas e reclinadas que alguém poderia ver decorando o balcão de um bar.

Hardesty e Peter Lake correram diretamente através de Gramercy Park — sem abrir o portão, que pareceu se desfazer quando eles passaram e se rematerializar somente quando os Rabos Curtos estavam dentro do parque, presos como um rebanho de doninhas encapotadas, xingando uma fechadura que não eram capazes de arrombar por dentro, dependurados pelos suspensórios depois de tentar escalar os postes e escorregar. Mas uma boa quantidade conseguiu passar por entre as grades, ou por baixo delas, para continuar a perseguição, que enveredou de maneira rápida por Madison Square, que se exibia espalhafatosamente com restaurações e a gentrificação das residências e dos novos escritórios empresariais. Eles correram sob as velhas passarelas de cobre com laterais pintadas de branco e que brilhavam sob a luz do vapor de mercúrio como luas de metal, e passaram pelos enormes

relógios antigos decorados com amoras incandescentes que informavam o tempo em vermelho e branco. Agora Hardesty já estava aquecido, e seguia os passos longos e leves de Peter Lake com alguns dos seus próprios passos leves.

Pensaram que podiam despistar os Rabos Curtos tomando um atalho por entre o Village. Mas, sempre que viravam uma esquina, eles viam mais Rabos Curtos, tão onipresentes quanto a fumaça fina e acre que empesteava o ar e não permitia enxergar as partes mais distantes das avenidas. As sentinelas dos Rabos Curtos chamavam outros, e a caça à raposa continuava: não com trombetas de caça e fraques vermelhos de cavalgada, mas com uivos e gorgolejos guturais, gritos esganiçados, berros de bruxas e suspiros de anões.

Peter Lake teve uma ideia.

— Olhe — disse ele. — Eles estão por toda a parte, e sempre estarão. E admito que eles são assustadores. Mas, sempre que lutei com eles, eu venci; e parece que estou ficando cada vez melhor nisso. Deve haver uns cinquenta atrás de nós no momento. Embora eu nunca tenha enfrentado cinquenta de uma vez só, enquanto eu estava no forro do céu da estação tive a sensação de que seria capaz de fazer alguma coisa com as minhas mãos, algo totalmente desconectado das leis físicas, algo maravilhoso. Sou mecânico e trabalho de acordo com as proporções universais e leis indestrutíveis. Mas algumas coisas estranhas aconteceram ultimamente, e eu desconfio de que, embora as leis continuem as mesmas e não possam ser burladas, podemos não conhecer completamente a variedade das suas aplicações. Em outras palavras, estou falando de talentos que, de acordo com a lógica...

— Fale de uma vez! — exigiu Hardesty.

— Tudo bem. Por que não escolhemos um belo beco sem saída para o qual atrairemos esses demônios e testamos essa coisa que eu acho que posso fazer?

— Por que não? — respondeu Hardesty.

— Se eu não conseguir fazer o que planejo, eles vão nos matar. Malditos desgraçados de cara achatada.

— Vamos colocar a sua magia à prova em Verplanck Mews — disse Hardesty. — A área é larga, e o lugar é um beco sem saída.

— Não tem nada a ver com magia — declarou Peter Lake quando eles entraram no beco. — Estou falando de algo que pode ser chamado de redistribuição concentrada e inesperada.

— Seja lá o que for — acrescentou Hardesty, com a voz crepitando pela empolgação. — Esta é a sua chance.

Os Rabos Curtos apareceram na entrada do beco como um rebanho de ovelhas que chegavam à embocadura de um desfiladeiro: formaram uma linha que se estendeu aos poucos até que a entrada estivesse completamente bloqueada. Do lado oposto de Verplanck Mews, Hardesty e Peter Lake ouviam o que parecia ser o funcionamento de um enorme cassino girando suas roletas e pagando seus prêmios, com metal deslizando sobre metal, conforme os Rabos Curtos engatilhavam suas armas, acionavam as lâminas dos seus canivetes e empunhavam garrotes e correntes cravejadas de lâminas.

— Certo — disse Peter Lake, dando início ao que parecia ser uma explicação tranquila. — Foi nisso que pensei quando estava sobre o céu...

— Ande logo com isso! — gritou Hardesty. — Não fique aí bancando o professor. Eles estão aqui!

— Não se preocupe com eles — repreendeu Peter Lake. — Observe.

Ele arregaçou a manga direita da camisa, fechou o olho esquerdo e estendeu a mão, apontando para os Rabos Curtos como se seu braço fosse um rifle. Em seguida, fechou o punho lentamente, segurando o ar.

De repente, um dos Rabos Curtos largou as suas armas e pareceu se comprimir sob seu próprio peso. Parecia um homem que

estava sofrendo de espasmos raros e intratáveis. Seus braços estavam presos ao seu corpo e seu rosto ficou roxo pela falta de ar. Os Rabos Curtos estavam impressionados.

Com o braço firme, Peter Lake ergueu o punho à sua frente. O Rabo Curto imobilizado se ergueu no ar.

— Oh! — exclamou Hardesty, quase desmaiando de satisfação.

— Certo — disse Peter Lake, com o mesmo ar distraído de antes, com a mesma postura de um professor de ciências do ensino médio. — Vamos ver se funciona.

— É claro que funciona! — gritou Hardesty.

— Não — disse Peter Lake. — Estou falando disto aqui. — Ele baixou o punho, esmagando o Rabo Curto contra o chão, e depois o ergueu o mais rápido que podia, abrindo a mão no ponto mais alto.

O Rabo Curto foi lançado aos céus como um foguete. Mesmo a distância era possível ver as suas bochechas bulbosas e seu nariz carnudo quando a força G os achatou em uma expressão digna de um Buda. Ele decolou em meio a um clarão branco, ganindo como uma bala na fumaça cada vez mais espessa que cobria a cidade.

— Realmente funciona — afirmou Peter Lake. — Agora, quero tentar um truque de laço que inventei.

— Fique à vontade — disse Hardesty. — Vou adorar ver o que você planejou.

Com a mesma técnica, Peter Lake agarrou um Rabo Curto e o ergueu até um ponto acima dos telhados. Girando o punho fechado ao redor da cabeça, ele fez o Rabo Curto se mover em círculos com uma velocidade fenomenal, três metros acima dos frontões e das chaminés dos prédios ao redor. O Rabo Curto se deslocava cada vez mais rápido, e seus comparsas giravam suas cabeças como se fossem um grupo de cães seguindo uma abelha cheia de energia. Até que ele começou a deixar um rastro de fumaça e subitamente explodiu em chamas. Uma chuva de faíscas frias, tudo o que sobrou

dele, caiu sobre o beco. Como os Rabos Curtos não tinham Pearly por perto para moldar sua coragem, deram meia-volta e fugiram.

Peter Lake agarrou um deles de longe, virou-o de cabeça para baixo e balançou-o até que as moedas e armas caíram dos seus bolsos e tilintaram no chão. Em seguida, ele virou o algoz mais uma vez, deixando-o de cabeça para cima, e permitiu que fugisse.

— Pelo que me lembro, esses homens de casacas pretas, que são chamados de Rabos Curtos, me perseguiram há algum tempo — contou Peter Lake enquanto eles caminhavam pacificamente pelo Village, sem serem perturbados. — E a mesma coisa aconteceu. Estou ficando cada vez melhor quando luto com eles, mas eles estão vindo em quantidades maiores.

A dois blocos do hospital St. Vincent, enquanto Hardesty e Peter Lake estavam atravessando o miasma espesso que tomou conta da cidade, um Rabo Curto solitário veio correndo até onde eles estavam, surgindo de uma rua lateral, com toda a velocidade que suas pernas curtas podiam desenvolver. Eles se prepararam para um ataque, mas, logo antes de alcançá-los, o homenzinho se jogou na neve, arrastando-se de bruços até chegar aos pés de Peter Lake, a quem, em seguida, o homem começou a encher de beijos.

— Eu imploro! Eu imploro! — suplicou ele, acidentalmente engolindo um punhado de neve e engasgando-se nela. — Mestre! Poupe-me!

— Não estou perseguindo você — disse Peter Lake, erguendo o corpo do Rabo Curto. — Não vou lhe fazer mal se você agir de forma civilizada.

O Rabo Curto passou a mão sobre o seu casaco e sua calça com estampa quadriculada para limpar-se da neve. Seu chapéu era de um verde-fígado repulsivo, quase da mesma cor das moscas.

— P-P-Pittsburgh! — gritou ele, ainda cuspindo neve. — P-Pittsburgh!

— O que houve lá? — perguntou Peter Lake.

— O que aconteceu onde? — rebateu o Rabo Curto, cujo nariz se curvava como uma sela inglesa, mas demonstrando sinceridade.

— Em Pittsburgh.

— Ah, Pittsburgh — respondeu ele, com um maneirismo levemente mecânico, como se repentinamente estivesse com medo de alguma coisa. — Eu nasci em Pittsburgh. Eles me sequestraram e mataram meus pais. Ou melhor, mataram meus pais e me sequestraram. Forçaram-me a ir à escola deles — uma escola para macacos, todos os tipos de coisas voadoras, insetos horríveis, morte. Forçaram-me a ir à escola deles e, bem, aprender coisas horríveis. E eu não quero mais ficar com eles. Quero ficar com o seu grupo.

— Não tenho um grupo — disse-lhe Peter Lake.

O Rabo Curto olhou para ele com uma expressão incrédula.

— Quer dizer que são somente vocês dois?

— Acho que podemos encarar as coisas dessa maneira.

— E o cavalo?

Peter Lake foi catapultado para uma sensação de melancolia. Parecia que estava prestes a perceber alguma coisa, como se o amanhecer estivesse surgindo diante dos seus olhos.

— Está dizendo que não encontrou o cavalo?

— Não... não... eu... eu acho que...

— Não temos medo de você — afirmou o Rabo Curto quase em triunfo — se não estiver com aquele maldito cavalo!

Com um movimento fluido que fez Hardesty imaginar um mágico puxando algo de dentro da sua capa, o Rabo Curto sacou uma faca de dentro da sua casaca e a enfiou no abdômen de Peter Lake.

O silêncio de Peter Lake se agravou, e sua respiração foi interrompida pelo golpe. Ele levou a mão até a faca e puxou a lâmina, até retirá-la do seu corpo. O sangue jorrou em um arco

vermelho e vívido. Cambaleando, ele avançou alguns passos e cobriu o ferimento com a mão esquerda.

O Rabo Curto ria com uma gargalhada de satisfação, mas estava amedrontado demais para correr.

— Você está rindo — disse Peter Lake com enorme dificuldade. — Apesar daquilo que vou fazer com você.

— Você é um maluco! Você é um maluco! — gritou o Rabo Curto, com um terror cada vez maior. — Não vim de Pittsburgh. Sou um deles, desde aquela época distante. Você confiou em mim!

Peter Lake agarrou o ar e prendeu os braços do homenzinho ao lado do seu corpo.

— Nem mesmo a minha avó, se eu tivesse uma, confiaria em mim! — gritou o Rabo Curto. Ele fez uma careta enquanto era erguido no ar.

Apertando o ferimento, Peter Lake moveu o braço para trás como se fosse um lançador de dardos olímpico, e arremessou o Rabo Curto para a frente com toda a sua força, fazendo-o voar por toda a extensão da Sexta Avenida em um borrão que zuniu com um ruído estridente, incendiando-se e passando sobre trenós e táxis como um cometa em chamas, até desaparecer em uma lufada de fumaça cinzenta e malcheirosa.

Praeger de Pinto estava estudando um imenso livro encadernado em couro com balancetes e relatos contábeis, tentando descobrir na história do século anterior uma solução metafísica para os problemas financeiros trágicos e intratáveis da cidade. O relógio indicou as nove horas. Ele percebeu que não conseguia enxergar o que havia do lado de fora do seu gabinete na prefeitura, mas presumiu que aquilo era devido a nuvens espessas que logo trariam a neve.

Subitamente, um dos seus assistentes recém-indicados entrou no gabinete sem bater. Lágrimas escorriam pelo seu rosto.

— O que foi? — perguntou Praeger. O jovem histérico tentou falar, mas um soluço átono foi a única coisa que emergiu dos seus pulmões, e mais lágrimas brotaram.

— O que está havendo? — gritou Praeger, mais assustado do que irritado.

Em seguida, o comissário da corporação de bombeiros, Eustis P. Galloway, um homem enorme com grande autoridade e dignidade, apareceu por trás do jovem assessor. Colocou um braço ao redor dos ombros do rapaz e fez uma declaração assustadora.

— A cidade está em chamas — anunciou ele.

— Onde?

— Por toda a parte.

— Como assim? Como pode estar queimando “por toda a parte”? — indagou Praeger, olhando pela janela.

Embora os prédios circunvizinhos estivessem intactos, o céu que havia atrás deles estava tingido pelas labaredas alaranjadas como nas pinturas apocalípticas que sempre haviam ficado guardadas descuidadamente nos porões das sociedades de historiografia. Mesmo a uma enorme distância, era uma imagem soberba e extraordinária. Galloway, o forte e gigantesco Galloway, o Rochedo de Gibraltar, falava com um leve tremor em sua voz.

Praeger, o homem, desapareceu; e Praeger de Pinto, o mandatário, surgiu. Imediata e mágica, essa separação e elevação era algo apropriado aos antigos comandantes e líderes de impérios e clãs. O gabinete o envolveu com seus mantos poderosos, investindo-o com a força e a frieza de nervos que fariam com que fosse fácil entregar sua própria vida, ou mesmo a vida da sua família, porque Praeger já não era mais ele mesmo. Havia se tornado o prefeito, e a responsabilidade do cargo o colocara em um transe altruísta que amplificou seus poderes, reforçara sua capacidade de julgamento e arrancara para sempre o medo do seu coração.

O prefeito encarou o seu comissário.

— O que você fez até agora?

— Cada companhia está cobrindo a sua própria seção da melhor maneira que pode, atenta para isolar os focos naturais dos incêndios. Mas o fogo está se alastrando mais rápido do que o normal. É como se houvesse dez mil incendiários à solta na cidade. E realmente existem dez mil incendiários à solta na cidade.

— Temos reservas? E as outras cidades?

— Acabamos de fazer um apelo geral a todas as cidades num raio de quinhentos quilômetros. Não temos mais nenhuma reserva. Todos os homens estão na rua.

— Ótimo — disse Praeger. Nesse momento, seu gabinete estava se enchendo de assessores e comissários. Ele os organizou e ditou as instruções.

— Primeiro: peguem um caminhão e levem os equipamentos de radiotelefone e radioteletipo para a plataforma de observação em Fifth Grand Tower. Tirem todas as pessoas de lá e montem um posto de comando. Segundo: digam ao comissário de polícia para me encontrar lá, com linhas de emergência para todas as delegacias. Depois, liguem para o governador. Digam que vou falar com ele assim que for possível, mas que, enquanto isso, estou pedindo que ele mobilize toda a milícia do estado. Diga-lhe para arregimentar tropas de todas as fontes que conseguir e mandá-las para a cidade. Vou designar as áreas de patrulha antes que cheguem. Se ele reclamar, digam-lhe que temos uma insurreição generalizada e que a cidade inteira está queimando. Mandem todos os comissários para o posto de comando e organizem uma operação de emergência para enviar colchonetes, cobertores, comida, cadeira e escrivaninhas até a torre.

Uma dúzia de folhas de papel foi arrancada de uma dúzia de blocos conforme seus subordinados começaram a agir.

Praeger e o comissário da corporação de bombeiros partiram para a torre de observação. O comissário falava em seu rádio enquanto eles atravessavam rapidamente o pequeno parque que havia diante da prefeitura, que, por ser cercado por torres altas em um anel sem saída, sempre dava a impressão a Praeger de que era o fundo de um poço profundo.

Fifth Grand Tower era o prédio mais alto da cidade. Era preciso cinco minutos para chegar até o topo usando um elevador expresso, e, quando eles entraram, os últimos turistas estavam sendo arrebanhados em cabines de vidro para a longa viagem de volta ao solo. Um guarda do observatório entregou binóculos potentes a Praeger e a Eustis Galloway, e disse-lhes que havia desativado o mecanismo coletor de moedas em todos os telescópios do alto do prédio.

Quando Eustis Galloway e o prefeito entraram na enorme plataforma cercada de vidro, olharam primeiro na direção norte. Praeger pensava em repreender o seu comissário por deixar as coisas saírem do controle daquela maneira, mas, quando viu a rapidez com que o fogo se espalhava, percebeu que não podia fazer aquilo. Certamente havia incendiários trabalhando, pois as áreas escuras eram o pano de fundo para faíscas e explosões súbitas que rapidamente se transformavam em incêndios e depois se combinavam em tornados rodopiantes e tempestades de fogo. Era como se o mundo houvesse começado a se consumir, como os mitos sempre profetizaram que aconteceria quando os novos milênios chegassem. Mas já fazia muito tempo que as pessoas não acreditavam mais nisso.

A cidade estava presa dentro de uma redoma de fumaça laranja que parecia tão sólida e lisa quanto alabastro. Não se conseguia ver nem uma estrela; nem mesmo olhando diretamente para cima, onde um redemoinho invertido girava e se erguia com uma velocidade impressionante. Diante do horizonte, nuvens de diferentes densidades — algumas refletindo as chamas em sua superfície, outras quebradas em fragmentos — circulavam no sentido dos

ponteiros dos relógios, acelerando conforme se aproximavam do redemoinho turbulento onde voltavam a ser espalhadas.

— Olhe ali — disse Praeger quando uma torre de vidro na região de Palisades foi subitamente tomada pelas chamas.

Em menos de um minuto, labaredas brotaram do lugar em asas frenéticas e anéis de fogo que fizeram o velho bombeiro respirar fundo. Antes de o prédio desabar, eles viram que o seu esqueleto de aço estava mais escuro e mais vermelho do que os jatos de fogo branco e dourado que, por um momento, iluminaram os cômodos por dentro.

Quando os depósitos de combustíveis explodiram, vomitando gasolina e óleo, imensas torrentes de fogo correram rumo aos rios e baías, abrindo desfiladeiros de chamas em meio ao gelo e suas centenas de metros de espessura. O fogo que ardia nessas trincheiras jogava enormes nuvens de vapor branco e fumaça negra de óleo para os céus, e se bifurcava lateralmente para formar cavernas. Uma seção do estuário com quase um quilômetro de diâmetro se transformou em um delicado teto de cristal sobre uma caverna escavada no gelo que havia por baixo. Conforme o incêndio se alastrava por baixo da superfície, o gelo se iluminava e brilhava como se fosse uma luminária gigantesca. A água e o vapor explodiram por rachaduras na crosta, criando gêiseres de mais de trezentos metros de altura.

Quando a rede de comunicações estava instalada, um técnico disse a Praeger que o governador estava na linha, e que tudo que teria de fazer era falar. Tudo seria amplificado, incluindo sua própria voz.

— O que você vai fazer com todos esses soldados que pediu? — ressoou a voz do governador pela plataforma de observação, sem vir de nenhum lugar em particular.

— Para começar, temos dez mil incendiários à solta pela cidade — disse Praeger.

— As tropas estaduais não são treinadas para fazer esse tipo de trabalho policial — disse a voz do governador.

— Que trabalho policial? — esbravejou Praeger em resposta, olhando ao redor para identificar de qual parte do ar vinham as vozes. — Eles não vão fazer nenhum trabalho policial. Vão atirar nos incendiários e em quem estiver saqueando as lojas e casas.

— E para quê? — perguntou o governador.

— A maldita cidade está queimando por inteiro — asseverou Praeger. — Quanto mais incendiários e ladrões nós derrubarmos, menos incêndios e saques haverá. Não é óbvio?

— Mas a que preço?

— Preço? Não vai sobrar ninguém aqui!

— Então, por que se incomodar com isso? — perguntou o governador, de modo a confirmar sua hostilidade em relação a uma cidade na qual ele raramente ousava colocar os pés.

— Vou lhe dizer o motivo, governador — retrucou Praeger. Suas palavras retumbavam por toda a parte. — A cidade não vai queimar para sempre. Nós vamos reconstruí-la. Quando chegar o verão, você verá. Ela vai se transformar em algo com que você jamais sonhou. E sabe o que mais? Se os incêndios forem extintos durante a noite, nós começaremos a reconstrução na manhã seguinte. Se forem extintos de manhã, começaremos a reconstrução após o almoço. Quando isso acontecer, quero que todos os incendiários estejam mortos, e quero que qualquer um que tenha a ideia de acender um fósforo possa se lembrar do que aconteceu com as pessoas que deram início a esse incêndio.

— Acreditarei no que você diz sobre reconstruir — disse o governador. — Mas apenas quando eu puder ver.

— Você verá. Somos os reconstrutores mais rápidos do mundo. Não falamos com a mesma velocidade com que agimos por nada. Por mais que o fogo tire coisas de nós, também tiraremos coisas dele. Vamos fingir que estamos lidando com um turista.

O governador cedeu. A milícia logo avançaria sobre a cidade.

— Eustis — disse Praeger, ainda eletrificado. — Mande todos os seus caminhões para a rua. Quero criar ilhas de segurança onde, se for necessário, poderemos proteger cada um dos prédios individualmente.

O comissário do grupamento de incêndio fez que não com a cabeça, como se quisesse dizer que o plano de Praeger era impossível.

— Faça isso agora — ordenou Praeger. — Escolha as ilhas e proteja-as. Se houver qualquer pessoa que não esteja agindo com rapidez, queime o seu contrato de trabalho. Ah... desculpe-me — acrescentou ele. — Creio que essa não era a expressão mais adequada, dadas as circunstâncias. — Em seguida, virou-se para observar a cidade.

— Ainda não há nenhum foco de incêndio em Manhattan — relatou um assessor. — Devemos tentar isolar todo o distrito?

— Não — respondeu Praeger. — Manhattan é grande demais. Não vai funcionar. Criem ilhas. Criem ilhas e mantenham-nas a salvo.

No pavimento do hospital St. Vincent onde Abby estava internada, uma fileira de vidraças altas voltadas para o norte mostrava o panorama da cidade.

— Olhe — disse Peter Lake quando viu a cor do céu.

— Que diabos é isso? — perguntou Hardesty, aproximando-se da janela. O céu estava todo vermelho. Mas, diferentemente de um pôr do sol ou de um alvorecer, o céu pulsava e bruxuleava. Enormes flocos de neve que haviam se formado ao redor de partículas de cinzas e fuligem caíam pesadamente sobre o chão, em linha reta.

— Deve ser um incêndio — opinou Peter Lake. — Isso explica toda a fumaça no ar. As chamas devem estar com mais de trezentos metros de altura.

Ao ouvir alguém na porta, Virgínia pensou que os funcionários do necrotério haviam chegado. Sem qualquer vontade de recebê-los, ela se encolheu em seu assento e ficou olhando para a frente, sem expressão. Mas, em seguida, levantou-se e atravessou o quarto vagarosamente. Quando abriu a porta, estava chorando.

Ao ver Hardesty, ela baixou a cabeça. Ele não quis acreditar que Abby estivesse totalmente coberta pelo lençol.

— Ela morreu — disse Virgínia.

— Eu conheço você! — disse a Sra. Gamely a Peter Lake, quase num tom de acusação. — Era você que estava conduzindo o trenó. Você não envelheceu, nem mesmo um dia. Como isso é possível? Por que está aqui agora?

— Pare de falar besteira, sua velha — comandou Peter Lake. A mulher estava histérica, e, embora tivesse uma vaga ideia do que ela estava dizendo, Peter Lake estava cansado de memórias inexplicáveis.

— Você não lembra do que eu estou falando? — perguntou ela. — Foi há muito tempo, no Lago das Coheeries. Beverly...

Peter Lake estremeceu.

— Cale a boca, velha! — gritou ele. — Cale a boca, ou vou jogá-la do outro lado do mundo!

A Sra. Gamely se encolheu. Martin correu para junto da avó, como se quisesse protegê-la de Peter Lake.

Com o ar de um chaveiro-mestre que foi chamado para abrir um cofre, Peter Lake andou até o lado do leito e puxou a mortalha. Olhando para a criança morta, ele tocou a cabeça da menina com dois dedos da mão esquerda, e olhou-a nos olhos. Hardesty achava que, talvez, esse homem — mendigo, mecânico ou fosse lá o que fosse — estivesse prestes a trazê-la de volta à vida. Mas logo ficou claro que ele não pretendia nem mesmo tentar.

A expressão no rosto de Peter Lake ficou momentaneamente suave, transformando-se em um sorriso quase imperceptível.

— Esta é a criança... — disse ele. — Essa é a criança que voou para os meus braços. E essa é a criança que estava no corredor. Isso foi há muito, muito tempo. Pelo que me lembro, eu achei que fosse um menino. Mas não importa. Ela estava morrendo e era cega, mas continuava em pé. Não sabia que tinha o direito de se deitar.

Virgínia se esforçou para falar, mas não conseguiu dizer uma única palavra. Havia um homem diante dela, falando sobre seu sonho como se não fosse um sonho, mas algo que realmente acontecera em outra época.

Naquele momento, as luzes se apagaram. Toda a cidade ficou às escuras. Até mesmo as torres mais distantes, onde as luzes nunca se desligavam, agora se pareciam com blocos lisos e negros. Pacientes gritavam e auxiliares de enfermagem passavam em disparada pelos corredores, derrubando uns aos outros. Sem as luzes, o incêndio parecia muitas vezes mais intenso do que antes. Era forte o bastante para iluminar o quarto. Nuvens de fumaça a quilômetros de distância refletiam a luz do fogo, que iluminavam as paredes e rostos como o facho de luz de um farol no litoral. As nuvens íngremes e refletivas estavam tão altas que a cidade parecia não ser muito maior que uma miniatura.

— Tenho de ver as máquinas do *The Sun* — anunciou Peter Lake. — Mesmo que não haja energia agora, aqueles velhos motores ainda podem funcionar, e alguém precisa cuidar para que isso aconteça. Os geradores precisam gerar e as turbinas precisam girar a toda a velocidade. Preciso mantê-los funcionando. Não tenho escolha.

Sentindo-se confuso, tanto pelo poder que tinha quanto por aquele que não tinha, Peter Lake caminhou por entre ruas enegrecidas sob um céu que pulsava com a luz do fogo. Apertando o seu ferimento com a mão, ele conseguiu estancar a maior parte do sangramento.

Mesmo assim, a perfuração doía muito, e ele temia que seu coração acabasse parando, ou que sangrasse até morrer.

Toda vez que via um Rabo Curto, ele o arremessava impiedosamente no ar para iluminar a rua que estava à sua frente. Parecia quase invulnerável a eles agora. Mesmo assim, de que lhe serviria a invulnerabilidade se ele não fosse capaz de proteger uma criança que sofria? Quando virou a esquina da rua Hudson, meia dúzia de Rabos Curtos que estavam escondidos em um terreno baldio correu em sua direção. Peter Lake os ergueu e os transformou em cometas com tanta rapidez que eles nem perceberam o que os atingiu. Quando atravessou a rua Chambers, percebeu outro grupo de Rabos Curtos a vários quarteirões de distância. Os últimos conseguiram correr quase um quilômetro pela Broadway antes que Peter Lake os agarrasse com a mão esquerda e os arremessasse rumo à ponte de Manhattan, sobre a qual explodiram como fogos de artifício.

Peter Lake ficou surpreso ao perceber que o *The Sun* estava tão escuro quanto o *The Ghost*, do outro lado de Printing House Square. Velas queimavam enquanto os repórteres do *The Sun* trabalhavam para fechar a edição dentro do prazo. No saguão, Peter Lake ficou espantado com a quantidade de repórteres, impressores e assistentes de redação que iam e vinham com castiçais nas mãos.

— O que é isso? — gritou ele. — Um monastério? — Mas eles subiam as escadas e atravessavam o pátio interno sem responder.

— Não há energia na cidade, Sr. Portador — informou um dos vigias.

— Eu sei disso — disse Peter Lake, indignado. — E as nossas máquinas?

— Eles não conseguem colocá-las para funcionar — informou ele.

A dor do seu ferimento ficou cada vez mais forte quando ele desceu as escadas até os andares inferiores, onde os mecânicos e aprendizes estavam trabalhando a duras penas sob a luz de velas. Quando eles o viram, correram até ele com os rostos enegrecidos

pelo óleo e lhe falaram sobre os seus esforços, durante vários dias, tentando fazer as máquinas funcionarem.

— Está tudo enguiçado! — gritou Trumbull, o mecânico-mestre anterior. — Duvido que até mesmo você seja capaz de consertar essas coisas. Todas as máquinas parecem estar soldadas em uma coisa só!

— Coloque a cobertura da presilha tripla de volta no lugar. — Essa foi a ordem que Peter Lake deu ao aprendiz que o seguira certa vez.

— Mas, Sr. Portador — protestou o aprendiz, em meio a um jardim de hastes e engrenagens que havia removido com o maior cuidado do mundo do interior da presilha tripla. — Preciso montá-lo outra vez.

— Então fique parado — comandou Peter Lake. O rapaz o observou, admirado, enquanto todas as peças de metal voaram como uma torrente de folhas de outono, e voltaram aos seus lugares dentro da presilha tripla.

Hastes se encaixaram, engrenagens se juntaram e as placas da cobertura cobriram a máquina com um baque satisfatório. E cada um dos parafusos girou em seu orifício como se fosse um dervixe. Se uma peça não se encaixava direito, ela balançava de um lado para outro com força até conseguir se encaixar com tranquilidade. E, em sua corrida através do piso, peças de metal com um peso esmagador passavam cuidadosamente ao redor do aprendiz de olhos arregalados.

— O que mais vocês desmontaram? — perguntou Peter Lake.

Depois que enumeraram as máquinas que haviam sido desmontadas, eles ouviram o farfalhar das peças, como se milhares de mecânicos habilidosos estivessem trabalhando em perfeita harmonia. O som era parecido com o de um cofre de lata sendo revirado várias e várias vezes, ou um exército de atacantes vestido com armaduras de malha de aço e esporas. As coberturas de metal

enchiam o interior com um estalo e os parafusos corriam para girar em seus buracos.

Peter Lake andou a passos trôpegos por entre os corredores das máquinas, tocando cada uma delas como se estivesse acariciando uma vaca. Cada vaca afagada daquela forma, por sua vez, respondia com um giro profundo, poderoso e bem lubrificado, e passava a funcionar como se houvesse aprendido o segredo do movimento perpétuo.

Quando Peter Lake passou por um dos geradores, as luzes nos painéis da máquina se iluminaram, e os mecânicos exaustos aplaudiram. Em seguida, os enormes motores a vapor lentamente se ligaram e sibilaram, expulsando colunas de vapor e exalações. Seus enormes braços e rodas elipsoides colocaram as luzes em ordem e organizaram os campos magnéticos em movimentos e ritmos obedientes.

Conforme Peter Lake passava pelos corredores, diferentes áreas do *The Sun* explodiam em luzes claras, uma por uma, e os funcionários gritavam e aplaudiam assim como os mecânicos fizeram. Quando as rotativas começaram a funcionar, os impressores sentiram uma onda de emoção, pois amavam aquelas máquinas tanto quanto Peter Lake amava as suas.

Depois de acionar cada uma das máquinas, Peter Lake caiu perto de uma enorme passarela. Quando viram o sangue que escorria do seu ferimento, os outros mecânicos quiseram ajudar, mas ele simplesmente os afastou. Pensando que nada poderia acontecer a Peter Lake que ele mesmo não permitisse, eles recuaram para encontrar seus lugares em meio aos motores, que funcionavam naquele instante de maneira perfeita.

Peter Lake, agora, sentia todo o poder das máquinas entre as quais jazia. E, se não fosse pelos movimentos que se contrabalançavam, ele certamente acabaria sendo despedaçado pelas forças que circulavam ao seu redor. Campos magnéticos que se moviam de um lado para outro, tão sinuosos quanto as luzes da

aurora boreal, o erguiam em ondas com o mesmo desenho dos pescoços dos cisnes. Enquanto engrenagens pesadas giravam sem qualquer trepidação, a rotação tranquila de toda aquela massa o atingia como se fosse uma série de bate-estacas. Embora tudo se movesse em borrões, ele nutria um carinho genuíno por cada peça que girava, e cada batida de cada pistão o atingia como se fosse um tambor. Mesmo assim, a luz era mais influente que o magnetismo ou as variações de massa. Ela emanava das lâmpadas claras e antigas instaladas em luminárias cônicas dependuradas como frutas acima das máquinas. Peter Lake observava o movimento. Rios lentos e capturáveis molhavam as superfícies de aço lubrificado e criavam arco-íris, joias e feixes reluzentes com braços abertos.

Enquanto cumpriam uma tarefa para o *The Sun*, Asbury e Christiana estavam dirigindo rumo a Manhattan por uma via expressa que circundava a cidade dos pobres quando perceberam a fumaça e o céu infernal. Alguns minutos depois, acabaram parando em meio a um congestionamento depois que um grupo de desordeiros derrubou uma plataforma de sinalização sobre a pista. A quase um quilômetro de distância, eles observaram a multidão começando a atacar os automóveis parados.

Temendo deixar os seus carros e ter de se aventurar na cidade dos pobres, especialmente porque havia pilares de fogo girando em meio aos destroços, a maioria das pessoas se trancava dentro dos seus veículos, petrificadas pelo medo, enquanto milhares de arruaceiros enchiam a autoestrada. Carros eram balançados de um lado para outro, vidros eram quebrados e pedaços de madeira em chamas eram jogados nos tanques de gasolina. Famílias eram arrancadas de seus carros e seus membros eram puxados separadamente para o meio da escuridão. Os acostamentos da estrada se tornaram um matadouro no qual vítimas trêmulas e lâminas reluzentes se chocavam para produzir rios de sangue. Conforme a turba avançava pela estrada e os carros começavam a balançar, os passageiros fechavam os olhos e faziam suas últimas preces.

Os primeiros helicópteros que transportavam soldados passaram acima daquele lugar em dez minutos de trovões incessantes, mas a matança que ocorria na estrada estava disfarçada no meio da fumaça.

Asbury e Christiana saíram do seu carro e pularam por cima da grade de proteção, chegando à planície coberta por tijolos.

— Até onde isso vai? — perguntou Christiana sobre a enorme pradaria de tijolos.

— São vários quilômetros.

— Pelo menos não há ninguém aqui. Se ficarmos no meio dos tijolos, talvez fiquemos em segurança — disse ela, lembrando-se do que testemunhara naquela ocasião e sabendo que havia homens capazes de correr sobre os tijolos como se fossem gazelas, e que, como uma ordem especializada de animais predadores, caçavam aqueles que se perdiam naquele terreno difícil e cheio de ângulos.

— Talvez — respondeu Asbury. — Mas ficaremos visíveis quando a luz do dia surgir. Assim, temos de chegar até o rio antes do amanhecer.

Os dois partiram, usando a massa enegrecida de prédios altos em Manhattan como guia. Havia pelo menos oito quilômetros entre eles e o rio. Metade do trajeto era composta por pilhas de tijolos, e a outra metade passava por ravinas desconhecidas que já estavam esquecidas havia muito tempo por todas as pessoas, exceto pelos habitantes do lugar, que não conheciam nada além daquilo. Eles saíram do meio dos tijolos várias horas antes do amanhecer, e passaram pelos barrancos com a maior velocidade que conseguiram.

Haviam planejado cruzar o rio East, mas o canal central agora era uma valeta de águas rápidas cercado por um berço de gelo em derretimento, cada vez mais profundo e coberto com uma camada de óleo em chamas que erguia uma parede de fogo de mais de trinta metros de altura.

— A única coisa que podemos fazer é chegar até o estuário e dar a volta nele — disse Asbury. — Mas teremos de esperar até o anoitecer.

Pensando em ficar escondidos o dia inteiro em meio aos destroços, eles voltaram ao barranco mais tranquilo, passando de um prédio queimado para outro e avançando somente quando não havia ninguém por perto.

Enquanto se afastavam de um cortiço arruinado coberto com escadas de incêndio enferrujadas que envolviam o prédio como se fosse uma trepadeira morta, foram interpelados por um velho que saltou de um fosso cavado no chão. Ele fez um sinal para que Asbury e Christiana se aproximassem dele, e assim eles o fizeram.

Em um dialeto que eles mal conseguiram entender, o velho disse-lhes que deveriam segui-lo até a igreja.

— Qual igreja? — perguntou Asbury, e foi informado no mesmo dialeto obscuro que as pessoas das ravinas sempre conseguiram se esconder em segurança no pátio de uma igreja.

Devido à maneira como os destroços haviam caído, era impossível avistar o pátio da igreja se alguém estivesse na rua. Havia longos claustros dispostos em suas laterais. No lado oposto, mil pessoas estavam reunidas, tão assustadas que até mesmo as crianças estavam imóveis. O velho estava orgulhoso por haver resgatado os estranhos e por mostrar a eles como conseguira esconder tantas pessoas. O velho virou-se para sair outra vez e salvar outros, mas Asbury pediu que ele ficasse.

— Se você continuar indo e voltando, alguém vai acabar encontrando este lugar.

— Ta feerst woones asay tha than — respondeu o velho, em seu dialeto ininteligível. — In’now saf be thay. — Ele abriu um sorriso sem dentes, e estapeou a coxa. — Tauntin uld Flinner gut mir chik fas thin rabbitin. Goone ameed feers com chik fas rabbitin! — disse ele, e voltou às ruas para trazer mais pessoas para aquele lugar seguro.

Asbury e Christiana estavam cercados por homens, mulheres e crianças com olhos fundos nas órbitas e barrigas inchadas, com ossos aparentes por baixo da pele amarelenta. Essas pessoas viviam por um tempo muito curto, e eram enterradas sem lápides. Eram as pessoas dos barrancos, que pensavam que os habitantes da cidade dos pobres eram ricos, e que as torres reluzentes que ficavam do outro lado do rio eram o lugar onde viviam os deuses. Tinham medo até mesmo de olhar para Asbury e Christiana, que eram bem mais altos do que o grupo.

— Vocês são capazes de se defender? — perguntou Asbury. — No caso de sermos descobertos?

Ninguém respondeu.

— Vamos ter de esperar até escurecer — disse Christiana. — E depois deixá-los à própria sorte.

O velho voltou trazendo sobreviventes estonteados, que se apoiavam contra as colunas de pedra escura e observavam as nuvens de fumaça e cinzas serem arremessadas pelo céu pelas bordas dos ciclones quentes. Era difícil dizer se era dia ou noite, e os sons das tempestades de fogo, explosões e artilharia vinham de todas as direções.

No meio da tarde, Asbury e Christiana olharam pra cima e viram o velho conduzindo orgulhosamente mais três homens pequenos vestidos com casacos pretos até o esconderijo.

— São eles! — gritou Asbury. — Você os trouxe até aqui!

Os Rabos Curtos empurraram o velho contra o chão e recuaram. Asbury implorou para os homens que estavam entre os sobreviventes acuados que o ajudassem a impedir que os Rabos Curtos saíssem, mas, mesmo enquanto os criminosos recuavam rumo à saída, brandindo suas armas, ninguém se mexeu.

Finalmente, quando os Rabos Curtos já haviam chegado à metade do pátio, Asbury correu na direção deles e Christiana o seguiu.

Ele pulou em cima de um dos Rabos Curtos e bateu com o punho em seu peito. O Rabo Curto disse algo em uma voz resfolegante, e rapidamente expirou. Mas os outros dois começaram a golpear Asbury com correntes. Ele não conseguia se separar daquele que havia matado, e sentiu-se sufocado pelo corpo, como se estivesse se afogando nele.

Depois de uma luta confusa contra os Rabos Curtos que restavam, Asbury matou um deles e o outro escapou. Eles tentaram fazer com que as pessoas no pátio da igreja se espalhassem, mas não adiantou. Trazidos pelo que havia escapado, os Rabos Curtos já haviam chegado. Alguns bloqueavam a saída e outros subiam correndo pelas escadarias até o teto, onde tomaram posições que antigamente eram ocupadas por gárgulas colocadas ali para proteger os monges. Encheram rapidamente o outro lado do pátio, incitados por um Rabo Curto que avançou e bateu no peito como se fosse um gorila. Asbury empunhou uma corrente, e o gorila recuou para trás dos seus camaradas. Asbury e Christiana permaneceram perto dos dois corpos, imaginando o que aconteceria quando os Rabos Curtos encontrassem a coragem para se aproximar. Até as gárgulas, que eram arqueiros, estavam com medo de disparar, e se contentavam com algumas flechas casualmente lançadas contra a multidão trêmula. O som das flechas encontrando seus alvos — como um machado afiado penetrando profundamente na madeira morta — por fim encheu os Rabos Curtos de coragem, e eles avançaram.

Mas Athansor surgiu por entre a fuligem que se movia com o vento e deu quatro saltos estonteantes que derrubaram as gárgulas vivas e as lançaram para longe das paredes e torres. Quando os Rabos Curtos olharam para cima, eles o viram descendo lentamente em sua direção, como se Athansor estivesse chegando em meio a um raio de luz. Christiana tinha certeza de que estava imaginando aquilo, mas ele desceu, batendo seus cascos no ar, deslizando, curvando seu pescoço branco e musculoso e arregalando seus olhos estreitos e terríveis.

Enquanto os Rabos Curtos se espalhavam, Athansor galopou pelo pátio, golpeando os muros com tanta intensidade que eles desabaram, e agarrando homenzinhos com os dentes. Ele os pisoteou, derrubou e escoiceou-os com um instinto assassino contra colunas de pedra. Alguns se levantaram para lutar, e contra estes ele se empinou sobre as patas traseiras, saltando a sete metros e meio de altura e caindo sobre eles com seus cascos.

Enquanto o cavalo branco lutava, o que restava dos claustros reverberava como se estivesse em um terremoto. Quando tudo estava acabado, ele se aproximou de Asbury e Christiana e relinchou.

Athansor baixou o corpo e Christiana montou em suas costas.

— Venha — disse ela, e Asbury a seguiu.

Em um salto silencioso, eles deixaram a igreja esfumaçada e subiram no gelo que cobria o rio. Um milhão de focos de incêndio piscavam na direção deles, e eles observaram uma paisagem trêmula e escura. Por causa das cinzas e da fuligem no vento, a noite chegou cedo. Enquanto voavam por entre as nuvens de fumaça, tiveram de fechar os olhos e inclinar os corpos para a frente, pressionando os rostos contra o pelo branco e macio do lombo impressionantemente amplo e espaçoso do cavalo. Asbury pensava que eles estavam sonhando, mas Christiana sabia que não estavam.

No último dia do último ano do segundo milênio, Hardesty e Virgínia colocaram o corpo da sua filha em um pequeno caixão de madeira e caminharam para o sul, em meio à cidade. Hardesty insistiu para que ela fosse enterrada antes da virada do milênio, que aconteceria naquela noite. Deixá-la para trás no grupo de mil anos no qual ela nasceu, enquanto eles avançavam para o próximo, parecia ser apropriado e decente. Não queriam provocá-la nem mesmo com uma hora ou um dia de um novo tempo que ela não chegaria a ver.

Foi uma procissão estranha — Hardesty seguia na frente, com o caixão sobre o ombro; Virgínia o seguia, com os olhos baixos; a Sra.

Gamely atrás da filha, e Martin caminhava ao lado da avó, segurando sua mão. No final daquela tarde, os desfiladeiros estavam escuros devido ao vento que trazia as cinzas e a fuligem e porque o sol se pusera cedo. A cidade das janelas de vidro, que havia pouco tempo era iluminada por um bilhão de frações espalhadas da luz do sol, agora estava negra como tinta. Eles navegaram pelos desfiladeiros estreitos, e seus pontos de orientação eram os prédios baixos cujos contornos estavam evidenciados pelo laranja latejante do céu iluminado pelas chamas. Após algum tempo o cortejo chegou a Battery Park, onde ouviu as torres de vidro da região central da cidade sendo engolfadas pelas chamas como velas romanas em meio às labaredas que se alastravam pelo norte.

Desceram até o gelo instável que queimava abaixo do velho muro de pedras do Battery, e seguiram para a Ilha dos Mortos, que ficava a cerca de dois quilômetros da margem, encravada no estuário. Geralmente uma pequena balsa fazia o percurso de ida e volta várias vezes por dia. Durante os meses em que o rio congelava, as pessoas simplesmente caminhavam atrás dos trenós que levavam os caixões. Mas, agora, rachaduras imensas rasgavam a plataforma grossa e resistente de gelo que havia pouco tempo cercava todas as ilhas e chegava a tocar o leito do estuário. Por entre dezenas de fissuras largas, as chamas às vezes se erguiam a centenas de metros acima dos rios de óleo chamejante que haviam entalhado aqueles canais. Paredes de fumaça negra e vapor branco se erguiam, gradualmente assumindo uma coloração rosada sob a luz do fogo. Gêiseres que vinham de cavernas cheias de água verde e turva e óleo em chamas explodiam abruptamente por entre um lago de gelo claro e arremessavam estilhaços afiados como facas por vários quilômetros. A superfície começou a derreter devido ao calor que irradiava do céu cheio de nuvens, e as lagoas com três ou cinco metros de profundidade que apareciam sobre as placas de gelo acabavam ocasionalmente sendo drenadas de maneira instantânea por uma nova rachadura, onde a água desaparecia em uma rede anárquica de túneis, cavernas e rios subterrâneos.

Eles atravessaram um lago de água morna, afundando até a cintura. Ao saírem dele, olharam para trás e viram que o lago havia desaparecido. Tiveram de desviar do seu caminho por mais de um quilômetro para dar a volta ao redor de uma rachadura que continha um milhão de toneladas de óleo em chamas. Havia riachos de correntes rápidas para atravessar sobre leitos de gelo molhado e espirais negras de fumaça pelas quais eles tiveram de passar; eles surgiram do outro lado e viram que o labirinto tinha muitas outras paredes.

Aparecendo subitamente acima deles e voltando a sumir em meio a estrondos monstruosos estavam os milhares de helicópteros de carga, voando baixo por entre a fumaça e o vapor revoltos, com suas luzes piscando ao longo dos trinta metros de fuselagem conforme iam de um lugar a outro. Suas hélices e turbinas partiam e agitavam as nuvens de modo que pequenos relâmpagos e seus trovões os acompanhavam pelo gelo, arrastando-se como se fossem um véu. Eles se interceptavam em guirlandas estranhas ao redor dos Marratta e da Sra. Gamely, que logo aprendeu a não se deixar abalar quando eles passavam. Hardesty perguntava a si mesmo o que iria acontecer com o plano de Jackson Mead agora que a enorme lente de gelo estava irremediavelmente quebrada, e imaginou que o mestre construtor havia cavado muito mais fundo do que apenas o nível da placa de gelo.

Tentaram encontrar um coveiro quando chegaram à Ilha dos Mortos. Aqueles eram os descendentes dos Catadores de Ostras e fugitivos daquilo que os Catadores chamavam de “hospitais para os congelados”. E eram dignos daquela imagem. Devido às peles de animais que cobriam suas roupas, suas barbas desgrenhadas, expressões lupinas e casacos surrados de couro cru, associados às suas expressões de confusão em meio ao abandono, pareciam ser os verdadeiros herdeiros de seus antepassados peculiares.

Hardesty encontrou um deles, entocado debaixo de uma imensa árvore com o tronco inclinado.

— Enterre-a — comandou ele, indicando o caixão.

O coveiro protestou, dizendo que era noite.

— Você verá a noite pelo resto da eternidade se não começar a cavar — ameaçou Hardesty.

— Pague-me.

Hardesty largou algumas moedas nas mãos do homem, posicionadas em formato de concha.

Já havia uma sepultura à espera. Eles foram até o lugar e baixaram o caixão.

A sepultura estava coberta bem antes da meia-noite. Sabiam que tinham de se apressar, mas, antes de fazer o percurso de volta sobre o gelo, que agora estava coberto com lagoas de água verde que logo desapareceriam, ficaram ali por algum tempo, sem acreditar. O mundo inteiro parecia estar morrendo. Virgínia chorava.

— Adeus, Abby — despediu-se ela.



UMA ERA DE OURO

Nas primeiras horas do novo milênio, Peter Lake estava dormindo, deitado entre as máquinas do *The Sun*. Os mecânicos fizeram o que ele pedira. Agora que haviam visto o que ele era capaz de fazer, estavam maravilhados e não ousaram incomodá-lo. Se tivesse outros seguidores, apoiadores ou mesmo amigos, eles poderiam acordá-lo logo antes da meia-noite, esperando que um milagre acontecesse. Mas eventos extraordinários raramente ocorrem com precisão milimétrica, e Peter Lake, inteiramente sozinho, estava dormindo no momento em que o relógio indicou a meia-noite e o ano 2000 chegou. Sua mão direita cobria o ferimento no lado esquerdo do abdômen, e sua boca estava levemente aberta ao reclinar o corpo contra uma máquina que ele mesmo chutara várias horas antes, quando ainda estava acordado. Não havia nenhum relógio à vista, mas os relógios do *The Sun* marcavam os segundos como se nada houvesse acontecido. Plantas continuavam em seus vasos e potes, e não ganharam a capacidade de se levantar e andar; as portas ainda rangiam quando eram abertas, e um faxineiro estava espalhando uma espécie de pó verde para atrair a poeira enquanto varria.

O *The Sun* e o *The Whale* estavam preparando uma edição conjunta, como era o costume quando as notícias assim o exigiam, e o dobro do número habitual de pessoas estava trabalhando. O lugar ganhou vida na calada da noite conforme os repórteres com expressões chocadas iam chegando, vindo de todos os distritos para descrever o que haviam visto à medida que a cidade era destruída. Como havia muitas histórias para contar sobre como a era antiga morreu, o jornal do dia seguinte teria quase a mesma espessura de um exemplar típico do *The Ghost* (entretanto, o *The*

Ghost interrompera suas atividades devido à falta de energia). Por exemplo, os animais nos zoológicos e os cavalos nos estábulos de West Side criaram um tumulto tão grande que tiveram de ser soltos. Em pânico por causa do fogo, galopavam em rebanhos, correndo de um lado para outro nas avenidas entre fileiras de prédios em chamas. Quando viravam uma esquina, escreveu um repórter do *The Sun*, a visão embaçada de suas pelagens lisas e de seus corpos musculosos sugeria um rio transbordando.

Comparados às pessoas, entretanto, os animais eram um estudo de retidão e autocontrole. As ruas estavam cheias de automóveis em disparada. Motoristas que buscavam rotas para sair da cidade viam que elas estavam bloqueadas pelo trânsito, pessoas ou destroços, e avançavam velozmente em busca da próxima saída. Mas não havia saídas, e o resultado era que todos tentavam sair por uma delas e depois arrancavam rumo à próxima. Todas as ruas de duas mãos ou avenidas de duas pistas eram atravessadas por carros correndo a cento e vinte, cento e cinquenta quilômetros por hora em ambas as direções. Quando havia alguma batida, e havia muitas delas, aqueles que sobreviviam simplesmente continuavam seguindo no rumo em que estavam antes. A cada minuto, em qualquer quarteirão, era possível ver um carro saindo de controle e avançando para dentro de alguma loja ou sobre as multidões amedrontadas nas calçadas. A tensão não fora aliviada pelo fato de que todos os caminhões de bombeiros e viaturas de polícia da cidade estavam correndo de um lado para outro com as sirenes ligadas, e os tanques e helicópteros da milícia estavam usando toda a sua gasolina na tentativa de encontrar as ilhas que Praeger de Pinto ordenou que vigiassem.

As pontes estavam abarrotadas com um número gigantesco de refugiados que atravessavam sua superfície escura, sem saber que os cinturões de cidades menores que circundavam Manhattan haviam se transformado em uma única muralha de fogo. Caminhavam em um silêncio estupefato, com crianças em suas costas, malas e trouxas em suas mãos. As ruas se transformaram um imenso amontoado de itens diversos conforme as pessoas

levavam consigo uma quantidade infinita de objetos que queriam salvar. Milhares e milhares fugiam com livros, pinturas, candelabros, vasos, violinos, relógios antigos, eletrodomésticos, sacos com talheres de prata, caixas de joias e — por incrível que pareça — aparelhos de TV. Aqueles que tinham uma mentalidade mais prática iam para o norte por Riverside Drive, com suas mochilas cheias de comida, ferramentas e roupas quentes. Mas que chances teria um homem com uma serra elétrica presa às costas, no ponto mais frio do inverno?

Não apenas dezenas de milhares, mas sim centenas de milhares de saqueadores e ladrões, invadiram os distritos comerciais. Como os mais ambiciosos entre eles tiveram a ideia de atacar as paredes dos bancos com escavadeiras, era possível ouvir explosões conforme os feixes de dinamite estouravam, um após o outro, abrindo um cofre depois do outro. Mas era impossível distinguir um estrondo do outro, visto que os estoques de combustíveis entravam em ignição pelos incêndios e a milícia explodia barreiras contra fogo ao redor das ilhas. Saqueadores empolgados e sobrecarregados moviam-se com a mesma velocidade de um bando de lesmas, empurrando ou puxando geladeiras, móveis obesos, cabideiros de roupas e sacos de dinheiro.

Os sacos de dinheiro eram os mais tristes entre os órfãos, pois, assim que encontravam um novo pai ou mãe, essa pessoa era morta a tiros e eles eram adotados por outra. Isso se repetia sem cessar. Se os sacos de dinheiro fossem rastreados, o rastro mostraria que suas trajetórias oscilavam como bolas que quicam de um lado para outro, manipuladas de maneira bizarra pelos poderes da cobiça insensata. Todas as coisas abandonadas pelas ruas faziam com que até mesmo os distritos mais elegantes se parecessem com favelas arruinadas e saqueadas, e era difícil dizer para onde aqueles que carregavam objetos roubados estavam indo. De maneira geral, andavam em círculos, tomados por uma alegria selvagem por terem um novo isso ou um novo aquilo. Como não havia mais lugares para morar, aqueles que roubaram móveis provavelmente nunca se sentariam ou se deitariam sobre eles, mas,

em vez disso passariam semanas ou meses carregando o produto do seu roubo sobre as costas.

Saqueadores de uma espécie diferente se juntavam em bandos embriagados que buscavam prazeres libertinos em meio aos destroços. Os móveis abandonados por aqueles que os achavam pesados demais para carregar serviam como estações para a cópula entre pessoas de todos os sexos e idades. As combinações desses grupos e indivíduos, os que queriam e os que eram forçados, eram terríveis e tristes.

A polícia não sabia em quem deveria atirar ou o que deveria defender, já que tudo parecia estar oposto a todo o resto, trovões e fogo por toda parte, criminosos que desapareciam facilmente por entre as cinzas e a fuligem levadas pelo vento e as ruas que estavam cheias de lunáticos carregando trouxas.

Os repórteres do *The Sun* também conseguiram fazer relatos sobre famílias que se mantiveram unidas e se defendiam contra o caos, sobre atos de caridade e sobre os bravos e os loucos que tentavam impedir que o caos dominasse a cidade. Esses atos eram incidentes raros e isolados que não conseguiam inverter o rumo das coisas — não por terem qualquer problema, mas porque não aconteciam nos momentos ou locais mais apropriados.

Ao testemunhar a desintegração da cidade, os repórteres de Harry Penn que não haviam sido mortos (muitos deles haviam sido) voltaram ao *The Sun* para escrever a respeito. Sentiam que essa era a coisa certa a fazer, mesmo que todo o resto houvesse se transformado em um inferno. Tinham uma boa noção das coisas para saber que, sempre que o mundo acaba, ele consegue recomeçar, e não tinham qualquer intenção de ser deixados para trás.

Enquanto a cidade queimava sob céus abarrotados por densas tempestades elétricas e suas máquinas trabalhavam com perfeição para iluminar o *The Sun*, Peter Lake dormia.

Praeger de Pinto mal virou o rosto para cumprimentar Harry Penn. Em pé no centro da plataforma com vista para o norte, observando pela janela com binóculos equipados com um dispositivo de visão noturna instalados sobre um tripé, o prefeito estava ocupado.

— Quem está cuidando da Ilha Seis? — perguntou ele pelo sistema de amplificação de voz, quase como se fosse um deus.

— Eu estou — respondeu uma voz humana normal em meio a um grupo de homens à sua esquerda: subcomissários, assessores e um policial ou dois que foram trazidos para preencher espaços vazios.

— Está vendo a brecha no lado sudoeste?

— Não consigo vê-la agora, senhor — foi a resposta. — A fuligem está densa demais. Mas eu a vi antes e avisei a guarnição.

— Eles confirmaram a situação?

— Não.

— A Ilha Seis foi cortada da rede de comunicações — anunciou um técnico.

— Quando? — perguntou Praeger.

— Faz cinco minutos.

— Tente recuperar a conexão. Eustis, mande um homem até o posto de comando, a pé, para informá-los sobre a brecha. E dê um rádio para ele. A Ilha Seis fica em Chelsea. Se ele correr, acho que consegue chegar lá em vinte minutos.

Enquanto a cidade ardia, diálogos como este ocorriam em meio a uma enorme tranquilidade conforme Praeger e os outros trabalhavam para manter suas defesas e salvar o máximo que conseguissem. Depois de várias horas, já haviam se acostumado a uma cidade feita de chamas e fumaça. Para Praeger de Pinto e sua geração, a noção de que o futuro seria observado a partir de postos de comando tranquilos e batalhas apocalípticas era algo com o qual eles se sentiam confortáveis desde o nascimento. A maioria dos homens na plataforma de comando era fria e não se deixava levar

pela emoção. A lógica das décadas anteriores, as guerras contra sonhos e ilusões e a vida repleta de expectativas em si mesmos, sem qualquer surpresa, fez com que tudo acontecesse daquela maneira. Na realidade, o ato de erguerem-se para enfrentar o desafio daquela inevitabilidade, em alguns momentos, parecia ser a realização de um desejo.

Mas Harry Penn era um velho com expectativas diferentes e sofria ao observar as dezenas de milhares de labaredas agitando-se na escuridão, procurando o que havia restado para queimar. Ficou profundamente magoado pelas nuvens triunfantes de fumaça e vapor, refletindo a luz alaranjada quando se erguiam sobre a cidade, girando sobre si mesmas e abrindo-se como massa nas mãos de um padeiro. Pareciam estar rindo dos blocos incinerados que haviam abandoado de maneira tão covarde.

Diferente dos outros, Harry Penn se lembrava da cidade quando ela era jovem. Em geral, as pessoas eram mais gentis e mais capazes do que seus descendentes, e a própria cidade era diferente, inocente. A curva da rota percorrida pelas charretes, extinta havia muito tempo; os flancos e as crinas dos cavalos que trabalhavam nas ruas, extintos havia muito tempo também; e até mesmo a forma como as pessoas costumavam se vestir, de maneira delicada e gentil, eram, em si mesmas, uma oração continuamente atendida. Deus e a natureza estavam contentes pelas curvas corretas e imortais, pelos cavalos, pelo caráter experimental da expressão, pela capacidade notável que a cidade tinha de entender seu lugar no mundo; e a cidade foi recompensada com ventos límpidos que vinham do norte e uma redoma de céu azul e profundo. A cidade que Harry Penn conheceu e amou era jovem e fresca.

Sentindo-se bastante tranquilo, Praeger virou-se para Harry Penn e viu que o rosto do velho, discretamente iluminado pela luz cruel do fogo, estava tomado pela dor.

— O que foi? — perguntou ele.

— Digamos que uma bela criança que eu conheci um dia envelheceu e se transformou em uma pessoa dura e severa — respondeu Harry Penn. — E agora está sofrendo uma morte dolorosa.

— Não é bem assim — disse Praeger. — A cidade não está morrendo. Isso vai apenas limpar o terreno.

— Sou velho demais para me apegar a uma única época — disse-lhe Harry Penn. — Ou mesmo para perder a fé.

— Veja. Ali fora, no meio da escuridão, eu percebo que uma nova cidade já está nascendo — apontou Praeger.

Harry Penn olhou pela janela e viu somente o passado com o qual frequentemente sonhava.

— De todas as pessoas, eu pensava que você fosse capaz de ver através da camada superficial — prosseguiu Praeger. — Achei que você soubesse. O *The Sun* vai publicar uma edição hoje, não é?

— Nós nunca deixamos de publicar, nem por um único dia.

— Neste exato momento, o *The Sun* é o único prédio iluminado nesta cidade. Como se fosse um farol — afirmou Praeger.

— Não é verdade — respondeu Harry Penn. — O *The Sun* está às escuras. As máquinas pararam de funcionar, e os mecânicos dizem que vai levar seis meses para consertarem tudo. Quando saí de lá, há algumas horas, todos estavam trabalhando à luz de velas, e iríamos publicar a edição conjunta manualmente, usando as prensas tipográficas manuais.

— Você precisa vir comigo, então — disse Praeger, colocando o braço ao redor dos ombros de Harry Penn e levando-o para a galeria leste. Amava aquele senhor profundamente.

No início, não viram nada, exceto por uma nuvem cinzenta que encobria a paisagem, imunda pela fuligem e pelas brasas. Logo depois, como se fosse suspensa por um sistema de roldanas, a

nuvem se ergueu de maneira desajeitada, e uma luz brilhou por entre o seu rebordo sujo.

Sozinho em meio à escuridão de Printing House Square, o prédio do *The Sun* era como uma joia lapidada. Fachos de luz recortados em ângulos fortes e precisamente alinhados emanavam das suas janelas. O piso da praça refletia um brilho difuso, sobre o qual estavam as projeções em forma de espada como se fossem os ramos de um espinheiro ou as fortes representações metálicas da luz na cruz de Santo Estêvão.

— Ali está — disse Praeger. — Uma das recompensas da virtude.

Mas Harry Penn sabia que não era bem assim.

— Até mesmo mil anos de virtude não são fortes o bastante para moldar a luz. Algo muito maior do que a virtude deve estar bem perto.

Depois, Harry Penn saiu para retornar ao *The Sun* e Praeger voltou ao comando da batalha difícil que se desdobrava abaixo de maneira silenciosa. Provavelmente seria a batalha para a qual ele nascera.

Enquanto Harry Penn atravessava a Printing House Square, emocionou-se tanto pelas luzes do *The Sun* que cortavam o vento sujo feito o bisturi de um cirurgião que não chegou a perceber que estava sendo seguido por três homens. Obscurecidos pelo miasma que ia e vinha como uma maré de águas poluídas, estavam numa trajetória que atravessaria o caminho de Harry Penn cinquenta metros antes das portas do *The Sun*. Pelo seu jeito de andar, eles perceberam que Harry Penn era um homem muito velho e rico. A maneira majestosa, cativante e surpreendente com que ele caminhava não expressavam apenas o otimismo de outra era, mas pareciam comunicar de forma clara que ele levava consigo uma boa quantia de dinheiro, um relógio de bolso de ouro e, provavelmente, abotoaduras, um alfinete de gravata ou um broche de lapela.

Além disso, velhos como Harry Penn não ouviam muito bem, seus reflexos eram lentos e caíam ao chão com um golpe rápido. Assim, os três homens que o perseguiam pela praça não foram cautelosos em sua aproximação. Se fossem Rabos Curtos (e não eram), seriam muito mais cuidadosos. Na época dos Rabos Curtos, homens na faixa dos cem anos de idade, mesmo que corressem muitos riscos, eram veteranos das fronteiras, da Guerra Civil e de períodos muito mais turbulentos do que aqueles que os Rabos Curtos conheciam.

Os três homens tinham a certeza de que conseguiriam agir sem dificuldades. E quase conseguiram, porque, antes de chegar ao *The Sun*, Harry Penn parou para tomar fôlego. Mas um dos imensos helicópteros de carga de Jackson Mead estava voando perigosamente por entre as torres, numa altitude baixa. Harry Penn se virou ao ouvir o barulho dos rotores e, quando a aeronave espalhou a fumaça, ele os viu. Os três continuaram avançando. A princípio, ele não tinha certeza de que corria perigo. Logo depois, viu as facas e os porretes. O olhar de surpresa e indignação que se formou lentamente em seu rosto serviu para divertir e enfurecer seus agressores.

Como já vivera por cem anos, Harry Penn era um homem absolutamente sem medo. Não tremeu, não alterou a respiração e não piscou. Considerava-se um representante da era de Theodore Roosevelt, do Almirante Dewey, dos formidáveis soldados da União, dos combatentes Índios e (como diria Craig Binky) de Wild Bill Buffalo.

Como seus reflexos eram bastante lentos, ele olhou fixamente para os três homens por um longo intervalo de tempo enquanto eles se aproximavam. Mesmo assim, conseguiu invocar o passado, e o passado surgiu para protegê-lo. Seus olhos brilharam. Ele sorriu. E colocou a mão no bolso, retirando uma garrucha pepperbox com quatro canos.

Aquela pequena máquina parecia ser ridícula e ineficaz. Tinha o mesmo ar inofensivo de um bacamarte. Os três homens estavam prestes a dizer isso quando Harry Penn disparou a bala que estava

no primeiro cano e derrubou o homem que estava mais próximo com um balaço no plexo solar. Os outros dois se assustaram e ficaram paralisados por um momento fatal — que serviu para que Harry Penn os matasse também.

Ele ficou ali por um momento, olhando para os três corpos dos quais a névoa e a fumaça se desviavam conforme o vento soprava. Em toda a sua longa vida, Harry Penn nunca matara ninguém, nem mesmo nas várias guerras de que participara. Tremia um pouco, mas pensou que já estava velho demais para se importar com aquilo. Já conhecia todas as lições terríveis que um homem mais novo tinha de aprender após fazer algo daquele tipo. Assim, ele deu meia-volta, colocou a velha garrucha de volta no bolso e caminhou para o escritório.

O *The Sun* se tornara um paradigma de luz e atividade. Isolado pelo quebra-fogo natural da Printing House Square, contava com vigias armados e posicionados atrás de sacos de areia nas entradas e no telhado (homens que ouviram os três disparos de Harry Penn, mas não conseguiam ver muito longe em meio à fumaça). Contando com seus próprios geradores de energia e com suas famílias abrigadas no pátio interno e por todo o vasto interior do prédio, os funcionários do *The Sun* trabalhavam como jamais haviam trabalhado antes.

Ao subir pelos vários lances de escadas, Harry Penn foi interpelado inúmeras vezes por homens e mulheres que queriam lhe mostrar que estavam fazendo seu trabalho e que estavam cheios de esperança. Fizeram-lhe perguntas desnecessárias, e ele respondeu todas cuidadosamente, como se quisesse estimulá-los. Sabia que, para reconciliar o ar festivo no *The Sun* com o que estava acontecendo lá fora, era preciso considerar a juventude dos seus repórteres.

Chegando ao alto da escada, ele se deparou com Bedford.

— Como você conseguiu acender as luzes?

Bedford deu de ombros.

— Elas simplesmente se acenderam. Acho que os mecânicos deram um jeito de consertar as máquinas.

Bedford desceu para entrevistar os mecânicos.

Quando voltou ao escritório de Harry Penn, algum tempo depois, viu que ele estava sentado em um sofá, fumando um charuto e olhando para os retratos de Peter Lake e Beverly.

— Os mecânicos disseram que todas as máquinas estavam completamente emperradas e travadas — relatou Bedford a Harry Penn, que não tirou os olhos das pinturas por um minuto. — Já haviam eviscerado metade delas e colocado as peças no chão, preparando-se para seis meses de trabalho, quando o mecânico-chefe retornou e consertou tudo em... bem, eles disseram que foi em um minuto.

— O quê? Trumbull? Duvido que Trumbull seja capaz de consertar qualquer coisa em um minuto. Ele leva um ano inteiro apenas para afiar o meu canivete suíço. Alguma coisa não está certa aqui.

— Eu não estava falando de Trumbull.

— Aquele mentiroso.

— Sr. Penn, ele não é mais o mecânico-mestre.

— Não é? Desde quando? Onde eu estava?

— Já faz algum tempo que os mecânicos têm um novo chefe. Eles mesmos o escolheram para o cargo.

— Mas que diabos, Bedford! — esbravejou Harry Penn. — Ninguém promove ninguém neste lugar além de mim. Ninguém indica os quinhões além de mim.

Bedford balançou a cabeça negativamente.

— Ele recebe os quinhões de aprendiz. Eles o escolheram como chefe porque, de acordo com eles, era tão bom no que fazia que o departamento não podia esperar.

— Quem é ele? Um desses garotos que trabalham com computadores? Traga o desgraçado até aqui. Quero conversar com ele.

— Não posso fazer isso.

— Que diabos — exclamou Harry Penn, olhando para o céu, exasperado. — Quem está no comando deste jornal?

Bedford tentou responder, mas as palavras não saíram. No início, Harry Penn estava lívido, mas logo depois ficou simplesmente admirado.

— Qual é o nome dele?

— Eles o chamam de Sr. Portador.

— Sr. Portador — repetiu ele.

— Isso mesmo.

Harry Penn estava indeciso entre recarregar a sua pepperbox ou ter um ataque histérico.

— Por que você não pode trazê-lo até aqui? — perguntou ele.

— Ele está tirando uma soneca.

— Tirando uma soneca?

— Sim, senhor. Eles não vão permitir que ninguém o incomode. Têm uma admiração profunda por ele. Parece que o consideram o rei dos mecânicos.

— Olhe aqui — disse Harry Penn com uma expressão feroz nos olhos, levantando-se do sofá. — Não quero saber se ele é o rei dos ciganos. Vou acordar esse “Sr. Portador”, vou despedi-lo e vou chutar o seu traseiro. E depois eu vou recontratá-lo como mecânico-mestre, e me ajoelhar diante dele por toda a gratidão que eu sinto pelo desgraçado porque ele foi capaz de manter as luzes acesas.

Enquanto Harry Penn descia as escadas, ritmicamente, degrau por degrau, sentiu primeiro um calafrio, depois seus cabelos se eriçaram, até que por fim não conseguiu mais sentir os degraus

sobre seus pés nem ouvir seus próprios passos ou o som das máquinas no subsolo. Não pode ser, pensou ele consigo mesmo logo antes de confrontar os mecânicos. Mas... o melhor mecânico do mundo, que consertara todas as máquinas em um único movimento, que fora promovido pelos outros mecânicos e que mesmo assim só recebia os quinhões de um aprendiz — era a única possibilidade.

Entorpecido pelo medo e pela expectativa, Harry Penn interrogou os mecânicos.

— Onde está o Sr. Portador? Ele está aqui?

— Sim, ele está aqui — respondeu um deles.

— Levem-me até onde ele está.

— Não devemos incomodá-lo — declarou Trumbull. — Ele está dormindo agora.

— Oh, não — disse Harry Penn, assumindo o mesmo tom reverente de Trumbull. Quero apenas olhar para ele.

— Ele está lá embaixo — afirmou Trumbull, apontando. — Chegue na segunda fileira, depois vire quando chegar ao compressor. O senhor verá uma pequena galeria de geradores...

Harry Penn já estava a caminho. Passou por duas fileiras, virou ao chegar ao compressor e seguiu a pequena galeria de geradores até chegar a um homem que estava dormindo, encostado em uma máquina que funcionava à perfeição.

No início, Harry Penn não conseguiu ver rosto dele. Então, ajoelhou-se, tremendo, e cobriu os olhos para protegê-los da luz forte de uma luminária em forma de cone. E foi então que ele viu. Viu o que nenhum homem tinha qualquer direito de esperar ver, mesmo em cem anos de vida. Viu o passado surgir. Viu o passado vitorioso. Viu o tempo e a morte sendo derrotados. Viu Peter Lake.

Ver que Peter Lake não havia mudado nada em oitenta e cinco anos não significava apenas que o tempo podia ser derrotado, como

também significava que aqueles que são amados não desaparecem simplesmente e para sempre. Harry Penn poderia ter morrido, tomado por uma sensação de contentamento no lugar onde estava enquanto Peter Lake dormia diante dele. Mas privilégios são coisas que não surgem sozinhas. Essa não seria a última coisa grandiosa que Harry Penn veria, e ele não escolheu aquele momento para finalmente exalar o seu último suspiro.

Ele agarrou o pulso de Peter Lake e puxou-o para acordá-lo. Ainda dormindo, Peter Lake recolheu o braço e disse:

— Não foi isso que eu lhe pedi.

— Acorde! Acorde! — gritou Harry Penn, feliz, mas, não importava quanto o agitasse, Peter Lake continuava dormindo.

Assim, Harry Penn recorreu a um velho e eficaz artifício que usava no seu tempo de soldado. Aproximando-se da orelha direita de Peter Lake, ele gritou com toda a sua força:

— Granada!

O corpo de Peter Lake se retesou em um relâmpago e saltou aos ares, onde, de alguma forma, ele conseguiu permanecer até conseguir examinar cada milímetro do chão. Quando desceu, viu um homem muito velho com um enorme sorriso no rosto.

— Por que fez isso? — perguntou Peter Lake.

— Você não estava acordando. É bom que... O que estou dizendo? Não é somente bom. É magnífico, uma glória, a coisa mais feliz que já aconteceu em minha vida, poder vê-lo outra vez.

Peter Lake observou o velho com um pouco de apreensão.

— Nós nos conhecemos?

Harry Penn arqueou a cabeça para trás e riu com uma satisfação louca.

— Eu sou Harry Penn! — afirmou ele.

— Você é o dono do *The Sun*. É o meu chefe. Mas nós nunca conversamos.

— Oh, é claro que conversamos — afirmou Harry Penn. — Há mais de oitenta e cinco anos! Eu não havia nem chegado aos quinze. Claro, você não me reconheceria agora, mas eu sei quem é você. Você não envelheceu um dia. Rá!

Peter Lake olhou cuidadosamente para o velho, esperando ouvir mais da história. Tentou imaginar como era a aparência de Harry Penn quando era menino, e teve dificuldade para fazê-lo.

Mas Harry Penn, ainda encantado (como ficaria até o dia em que morresse), bateu com a mão contra a coxa e se recompôs.

— Sabe de uma coisa? — disse ele, alegremente. — Isso me lembra de uma época em que eu era uma criança pequena e estávamos nas montanhas, a caminho das Coheeries. Acho que eu devia ter uns quatro anos. Era uma bela manhã de junho, e, na hospedaria onde passamos a noite, meu pai estava enviando um telegrama, ou esperando para receber um. Não me lembro direito. Eu estava louco para chegar às Coheeries, mas me disseram que só continuaríamos a viagem à tarde. Fui até um lugar mais alto, que parecia um mirante com vista para o mundo inteiro, e que recebia quase toda a luz do sol. Lá eu encontrei um campo de mirtilos. Não demorou muito até eu me perder no meio dos arbustos, e teria ficado por ali, comendo, até o meu pai me chamar — se não fosse pela aproximação de um trem que subia as montanhas. Os trilhos ficavam perto de onde eu estava, e eu sabia que ele passaria por mim. Enquanto eu observava o trem se aproximar, fiquei bastante agitado. Queria que ele parasse, porque percebi que, se ele viesse até onde eu estava, aquilo significava que depois me deixaria para trás também. E, como sofri antes mesmo que o trem partisse, decidi que iria pará-lo, mesmo que, para isso, eu tivesse de destruí-lo. Sabe como eu decidi fazer isso?

Peter Lake balançou a cabeça negativamente para indicar que não sabia. Harry Penn continuou:

— Eu ia jogar um mirtilo nele — disse Harry Penn, com um sussurro rouco. — Peguei o maior mirtilo que encontrei e fui até os trilhos para esperar. Estava arrasado pela culpa de saber que eu mataria um belo trem apenas pelo amor que sentia por ele. Lembro que, conforme ele se aproximou e começou a surgir na minha frente, eu estava tremendo de remorso. No momento exato em que aquela locomotiva de setenta toneladas passou por mim, eu renunciei ao mundo e joguei meu mirtilo nele. Quando dei por mim, vi o vagão correndo rumo às ravinas onde eu tinha medo de ir porque havia muitas abelhas em meio às flores. E o trem continuou em frente, desaparecendo em meio aos belos campos nevados no topo do barranco. Nunca, em toda a minha vida, eu me senti tão aliviado. Depois de tirar esse peso terrível do meu peito, eu desci a colina e voltei para o hotel, e decidi nunca mais jogar mirtilos em locomotivas... Achei que, quando você me visse, iria ficar tão impressionado quando eu fiquei ao vê-lo. Mas você não faz a menor ideia de quem eu seja, não é?

— Não, senhor. Realmente não faço.

— Acho que foi um pouco de vaidade da minha parte achar que você me reconheceria, ou que eu tivesse alguma importância. Assim como quando pensei que seria capaz de descarrilar uma locomotiva de setenta toneladas com uma fruta que encontrei no mato. Você mal me conhecia naquela época. Mas... não se lembra da minha irmã?

— Eu não saberia dizer. Veja, eu sei que o senhor tem razão quando fala sobre o que aconteceu há cem anos. Eu me lembro de coisas, imagens desconexas. Mas as coisas nunca são muito claras.

— Então você não sabe quem é, não é mesmo?

— Não.

— Eu sei.

— Eu ficaria muito aliviado se o senhor me contasse. Está na ponta da minha língua desde que eles me resgataram no estuário, mas eu simplesmente não consigo me lembrar.

— Não sabe nem mesmo qual é o seu próprio nome?

— Não, senhor. Nem mesmo isso.

— Então venha — disse Harry Penn. — Vamos subir até o meu escritório, e vou lhe mostrar quem você é. Não em palavras, mas em belas imagens que nunca poderiam ser falsificadas ou forjadas. E você saberá exatamente quem é, e para sempre, quando souber o que você ama.

Enquanto ele e Harry Penn subiam as escadas suspensas do *The Sun*, Peter Lake pressionava o ferimento que sofrera na região do abdome. Cada passo era uma agonia maior, pois a ferida ainda não havia se fechado. Ainda assim, ele quase flutuou pelas escadas, e, quando chegaram ao último pavimento, Peter Lake continuou a ascender além do piso, e teve de voltar ao chão para não bater no teto. Um jovem assistente de redação que testemunhou aquela proeza deixou cair tanto o próprio queixo quanto uma enorme resma de papéis que trazia em seus braços, e a brisa levou as folhas pelo corredor com a mesma leveza livre e graciosa que caracterizara a ascensão de Peter Lake pelas escadarias.

Peter Lake só conseguiu avançar pelos longos corredores, passo a passo, graças à disciplina e à concentração férreas que possuía. Sabia que, se perdesse o controle sobre si mesmo, ainda que por um único minuto, acabaria acelerando e atravessaria as paredes até chegar ao ar aberto — disparando rumo a alguma coisa que o puxava para a frente e com uma intensidade cada vez maior e sem limites. Ele imaginava consigo mesmo o que estaria lhe dando o poder de flutuar, de correr e de se elevar.

Tudo aquilo que estava se revirando dentro de Peter Lake perdeu a força em meio à aura azul e dourada de pinturas que estavam sobre uma longa mesa no escritório de Harry Penn, apoiadas em um ângulo sutil que fazia com que Peter Lake e Beverly parecessem estar olhando para um ponto muito distante.

Uma coroa de cores emanava dos retratos em tamanho real em tons de rosa, amarelo e azul que fervilhavam no ar, desdobrando-se

na perpetuidade, como os respingos de uma onda iluminados pelo sol que parecem pairar em meio à luz. Para Peter Lake e Harry Penn, parecia que os dois retratos estavam realmente vivos. O fundo escuro com sua leve luminescência (como se um facho intenso de luz estivesse passando de maneira discreta, exceto por reflexos sutis nas partículas de poeira) não estava vazio, de modo algum, e, mesmo que tivesse apenas alguns milímetros de tinta, conduzia o olho do observador até lugares muito distantes e profundos. Beverly parecia estar perpetuamente prestes a abrir um sorriso. Não tinha somente a aparência de graça e misericórdia que é comum àqueles que observam a partir do passado, mas parecia estar transbordando com o conhecimento sobre algo que era inacreditável e bom.

Em seu retrato, Peter Lake parecia incerto, desconfortável, e ainda sem admitir muito bem os mistérios brilhantes que cercavam Beverly de tanta força e confiança — apesar da maneira enigmática que a mão esquerda dela tocava as dobras de seda azul que cobriam seu ombro e estavam presas por uma presilha de prata. Mas, obviamente, ele logo aprenderia tudo aquilo. Na mão direita, Beverly segurava um leque fechado que tocava o cinza-pérola do seu vestido. Embora não fosse aparente nos retratos, eles estavam em pé, lado a lado, quando o artista os retratou, e a mão esquerda de Beverly estava estendida para tocar Peter Lake. Embora suas mãos não estivessem unidas, seria possível perceber, se alguém conhecesse as circunstâncias do dia da pose, que uma estava indo na direção da outra.

Estavam vivos. Dizer isso não era somente uma figura de linguagem, uma metáfora ou uma alegoria. Estavam vivos, e, além disso, ela já conhecia tudo.

— Seu nome é Peter Lake. E esta era minha irmã, Beverly — comentou Harry Penn.

Peter Lake ergueu a mão como se quisesse dizer “Shhh! Eu sei. É claro que sei.” E ele também sabia exatamente o que tinha de fazer, embora não soubesse como o faria.

Com uma última olhada nos olhos de Beverly, para tomar coragem, ele deu as costas para o retrato e saiu da sala. Harry Penn correu para acompanhá-lo.

Harry Penn mal conseguia manter o passo, e Peter Lake não se virou quando falou.

— Nós posamos para aquele retrato em um dia muito bonito — disse ele. — Eu queria que fosse ao ar livre, mas ela me fez ficar ao seu lado de manhã até a noite. Às vezes, quando ficava cansado de passar tanto tempo em pé, eu me ajoelhava em uma pequena banqueta atrás dela. Não vi o sol uma única vez naquele dia, apenas um céu perfeitamente azul através da parte superior de uma janela que ficava virada para o norte. Naquela mesma noite, fiquei surpreso ao perceber que os meus músculos estavam agradavelmente doloridos, e que meu rosto e meus braços estavam queimados pelo sol. Ela disse que era a minha recompensa, e que era apenas uma parte do que estava por vir. Eu não soube o que ela quis dizer naquele dia, mas agora sei.

Harry Penn parou e acompanhou Peter Lake com os olhos quando ele desapareceu pelas escadas. O velho havia feito a sua parte, e voltou para o seu escritório para comandar o *The Sun*.

Gordo, gentil e com seus olhos em forma de fendas, Cecil Mature estava tomado pela raiva. — Faça isso! Faça aquilo! Faça isso! Faça aquilo! — dizia ele, furiosamente, para uma escrivaninha apinhada com quantidades imensas de folhas de requisição, listas de materiais, papéis soltos, orçamentos, exigências e vários outros comunicados e circulares de Jackson Mead que chegaram ao mesmo tempo, todas com a mesma anotação: “Extremamente urgente, absolutamente, inadiavelmente, 1.000% prioritário. Se eu fosse um rei em tempos antigos, mandaria cortar a sua cabeça se você não cuidasse imediatamente de tudo isso”.

Ele fechou o punho com força até que ele se parecesse com uma pilha de rosquinhas e bateu-o com força em sua enorme escrivaninha, fazendo com que meia dúzia de telas de raios

catódicos tremeluzissem em um protesto discreto. Tomado por uma raiva que ameaçava suplantar a sua natureza demasiado meiga, ele tentou perder a calma como as outras pessoas faziam e tornar-se mau. Aproximando-se dos limites de uma natureza sem limites, percebeu-se em meio a uma luta entre uma voz externa ríspida e uma gentileza interna inaudível, mas onipotente.

— Ele só fica sentado ali, e nem mesmo se mexe — disse Cecil, tentando atiçar a própria raiva. — Só comanda, comanda e comanda. Seus lábios mal se abrem quando ele fala, tudo por causa da conservação de energia. “Sr. Wooley, mande vinte mil vagões de carga para os depósitos de ferro em Minnesota. Sr. Wooley, converta os superpetroleiros que estamos construindo em Sasebo para que passem a transportar hidrogênio líquido. Sr. Wooley, faça o projeto de uma fundição de titânio em Botswana. Sr. Wooley, faça isso. Sr. Wooley, faça aquilo.” Não aguento mais!

Mootfowl se aproximou, vindo de lugar nenhum.

— Ele quer que você o informe sobre o progresso do fogo. As chamas estão chegando pelo norte rapidamente, e ele disse que você deveria ir até lá, ver com seus próprios olhos e tentar descobrir alguma informação sobre os Rabos Curtos.

— E o que vou fazer com tudo isso? — perguntou Cecil, indicando a pilha de circulares e memorandos “urgentes”. — O que devo fazer com as flutuações de carga em Black Tom, a reversão da polaridade em Diamond Shoals, os interruptores que têm de ser mudados em South Bay? Como vou conseguir cuidar de tudo isso?

— Ele disse para não se preocupar.

— Não me preocupar? Depois de todos esses anos? Quer dizer que ele não está nem preocupado?

— Não está.

Cecil estava perplexo.

— E você? Não está nem mesmo um pouco tenso? Deus sabe que eu estou. A cidade está queimando; estamos sendo

pressionados por todos os lados; a área do porto está tão turbulenta que não imagino como as lentes conseguirão ficar estáveis, e elas têm de ficar completamente imóveis para que os raios se concentrem de maneira perfeita, já que as lentes de gelo desapareceram, e...

— Eu não perderia minhas noites de sono por causa disso, Cecil — aconselhou Mootfowl. — Eu não vou perder.

Cecil não conseguia acreditar no que estava ouvindo.

— Como pode dizer uma coisa dessas? — indagou ele. — Você? Você, o divino mais nervoso, sobressaltado, rígido e empertigado que já viveu? Estamos tão próximos!

— Cecil, você entende o que vai acontecer se erguermos essa ponte, e se ela realmente se firmar?

— A salvação eterna, o céu na Terra, a visão da face de Deus, a era de ouro... todos serão esbeltos e fortes — respondeu Cecil com uma espécie de encanto reverberante.

— Isso mesmo — confirmou Mootfowl. — E o que restará para nós?

— O quê? — retrucou Cecil, quase caindo da sua cadeira.

— Perderemos nossos empregos. Se tudo fosse perfeito, ninguém precisaria de nós, não é?

— Não é isso o que você quer?

— Para falar a verdade, não. Mudei de ideia. E ele está começando a pensar de outra maneira, também. Gostamos das coisas do jeito que estão. Estamos gostando dos equilíbrios incertos, da guerra contínua entre o bem e o mal, dos maravilhosos e pequenos triunfos da alma. Talvez seja cedo demais para acabar com tudo isso. Talvez precisemos de mais tempo para pensar no que está acontecendo.

— Mais cem anos? — perguntou Cecil.

— Estávamos pensando nas épocas excelentes que atravessamos, e decidimos que talvez seja melhor esperar mais mil... ou dois mil.

— E Peter Lake?

— Será que o triunfo dele deve ser absoluto? Isso não ocorreu com nenhum dos outros. Nem com Beverly Penn e nem com nenhum dos que vieram antes. Mesmo assim, quando chegar a hora de Peter Lake entrar em ação, talvez ele consiga uma vitória muito maior que as dos outros, e tire essa questão das nossas mãos.

— Não é assim que eles fazem.

— Ninguém nunca fez nada assim, ainda. Quem diz que ele não fará? Aliás, tudo está funcionando perfeitamente para ele, até onde sabemos.

— Você o encontrou!

— Mais ou menos às duas horas da manhã de hoje — disse Mootfowl. — Encostado em algumas máquinas, dormindo. Eu o treinei para fazer isso.

— Deixe de falar besteira — esbravejou Cecil. — Não se lembra do lugar onde o encontrou pela primeira vez?

— Bem, é claro que eu me lembro. Mas eu agucei os seus sentidos em relação à natureza das máquinas. Creio que você se lembra de que ele achava que as máquinas eram animais, não é?

— Onde ele está?

— Você sempre foi leal a ele, muito mais do que a qualquer um dos outros.

— Ele passou por maus bocados.

— Todos eles passaram — acrescentou Mootfowl. — A última notícia que recebi era que ele estava no *The Sun*. Não demore muito. Vamos erguer a ponte em algumas horas, e, se ela se firmar... se ela se firmar, eu imagino que você vai querer estar por perto.

A Printing House Square estava lotada com sobreviventes atarantados procurando pelas pessoas que amavam. Por medo de criar um contraste muito grande com aqueles que estavam perdidos e sozinhos, famílias cujos membros se encontravam reprimiam a alegria que sentiam, o que servia apenas para torná-la ainda mais forte. Os Marratta encontraram Asbury, Christiana e Jéssica Penn logo que entraram pela porta principal do *The Sun*. Sentaram-se juntos diante de um canteiro de palmeiras iluminadas por vários refletores presos ao teto. As máquinas a vapor do *The Sun* batiam e chiavam em um ritmo forte para mandar energia para as prensas e as luzes. Mas, do outro lado da Printing House Square, o *The Ghost* estava negro como piche. Seus funcionários olhavam para o rival triunfante, e seus rostos, iluminados alternadamente pela luz das chamas e pela luz do próprio *The Sun*, estavam tristes, enluarados, amarelentos e apoiados em mãos que não tinham nada com que se ocupar.

Quando Peter Lake chegou à base das escadarias, viu a família Marratta do outro lado do saguão, e foi até onde ela estava. Pouco antes de chegar ao canteiro de palmeiras, ele levou a mão ao ferimento no abdome, em reação a uma dor súbita que quase o derrubou, e ficou imóvel, esperando que a dor passasse. Eles estavam conversando. Hardesty e Asbury estavam falando sobre o cofre onde Hardesty deixara a bandeja. Com o peso em ouro da bandeja, o cavalo imenso e poderoso, a lancha e os muitos talentos e forças que os Gunwillows, os Marratta e a Sra. Gamely possuíam, eles poderiam encontrar um novo começo na cidade, independentemente da forma que ela tivesse, quando os incêndios arrefecessem e a manhã chegasse.

Peter Lake surgiu por entre as palmeiras. Nesse exato momento, Cecil Mature entrou no saguão do *The Sun*, sem fôlego após abrir caminho por entre a multidão. Quando viu Peter Lake, seus olhos, que mal eram visíveis, se encheram de lágrimas. Peter Lake também sentiu um estalo de afeição fraternal por Cecil, e, quando falou, sua voz estava embargada pela emoção.

— Você trouxe as ferramentas de que precisamos para explodir um cofre? — perguntou ele.

Cecil quase desmaiou de alegria ao perceber que sua velha amizade fora retomada de maneira tão súbita e perfeita.

— Posso buscá-las — respondeu ele, cheio de alegria.

— Temos escoras e martelos no *The Sun* — disse Peter Lake. — Mas o metal dessas máquinas é macio. Precisamos que nos traga brocas diamantadas de todos os tamanhos, nitroglicerina, mandris ajustáveis e sondas para arrombamento de cofres. Eu cuido do resto.

— Posso consegui-las sem dificuldade — gritou Cecil antes de partir. — Espere aqui.

Peter Lake se virou para Asbury.

— Fale-me sobre o cavalo que você mencionou. Ele é realmente imenso, tanto que quase é preciso uma escada para subir nele? É branco como a neve, e mais bonito do que qualquer estátua equestre? Ele luta de uma maneira que ninguém imaginaria que um cavalo fosse capaz de lutar, com as patas dianteiras girando e a cabeça balançando de um lado para outro como se fosse uma clava? E ele tem uma tendência a galopar com passos extremamente longos, e, se não houver ninguém para impedir, acaba levantando voo? Não estou falando de fugir, e sim de voar.

— Sim, tudo isso é verdade — respondeu Christiana.

— Vocês estão com o meu cavalo — declarou Peter Lake, de maneira tão convincente que Christiana baixou os olhos, triste por perdê-lo mais uma vez. Mas Peter Lake se virou para Virgínia. — Onde está a sua garotinha? — perguntou ele.

— Ela morreu — respondeu Virgínia.

— Mas onde ela está agora?

— Nós a enterramos na Ilha dos Mortos — respondeu Hardesty.

Peter Lake fechou os olhos e começou a pensar. Em seguida, assentindo como se houvesse acabado de se convencer de alguma coisa, abriu os olhos e disse:

— Desenterre-a.

— O que é que você está dizendo? — indagou Hardesty, subitamente irritado.

— O que estou dizendo? Estou dizendo que você deve ir até a Ilha dos Mortos e desenterrá-la. Exume-a, se quiser chamar assim. Tire-a da sepultura.

— Mas... por quê?

— Porque ela vai viver — afirmou Peter Lake em voz baixa. — E eu sei disso por causa de Beverly. — Em seguida, ele ergueu a mão — Apenas faça o que eu digo. Vou pegar o cavalo, porque ele é meu. Mas vou abrir o cofre e trazer a bandeja para você em retribuição.

— Você falou de Beverly — disse Hardesty a Peter Lake. — Está falando de Beverly Penn?

— Sim — respondeu Peter Lake. — Beverly Penn.

— Então eu sei quem você é, pelas fotos nos arquivos. Você era o homem que ficava ao lado dela em todas as fotografias, e que nunca foi identificado. Como conseguiu passar todos esses anos sem envelhecer?

— Essa é uma resposta que eu mesmo gostaria de ter — confessou Peter Lake. — Estou perplexo por causa disso há algum tempo. Mas, agora, Cecil Mature voltou. Se você me disser onde fica o cofre e o número da caixa de depósito, nós iremos até lá buscar a bandeja e deixá-la com vocês em troca do cavalo. Onde está o cavalo?

— Sr. Cecil Wooley — corrigiu Cecil, embora estivesse ofegante após trazer um saco de couro pesado cheio de brocas diamantadas e sondas de titânio. — Lembra?

— Eu me lembro — respondeu Peter Lake. — Sr. Wooley, gostaria de arrombar um último cofre? — Cecil abriu um enorme sorriso, e esfregou timidamente um pé no chão, movendo-o para a frente e para trás.

Hardesty passou o número da caixa de depósito e a localização do cofre.

— Eu me lembro desse lugar — comentou Peter Lake. — Naquela época, era o top ultra plus dos cofres de bancos. Com ferramentas e técnicas modernas, não deve ser muito difícil.

— Quer a combinação que abre a caixa e a chave que abre o cadeado da tampa? — perguntou Hardesty, tirando o chaveiro do bolso. Em seguida, ao perceber que havia insultado Peter Lake, colocou-o de volta no bolso.

Christiana disse a Peter Lake onde ele poderia encontrar o cavalo branco. Estava em um pátio em Bank Street. Ele percebeu que Christiana não queria se separar do cavalo.

— Eu também não vou ficar com ele — alertou Peter Lake. — Ele vai voltar para casa.

Durante aqueles diálogos, a Sra. Gamely estava sentada em silêncio em uma banqueta, acabrunhada. Peter Lake se aproximou dela.

— Sarah. Eu lamento muito por ter sido tão grosseiro com você há algumas horas. Eu realmente não me lembrava de nada. Pode me perdoar? — perguntou ele.

— Oh, é claro que sim — respondeu ela. — Você é Peter Lake, não é?

Ele confirmou com um aceno de cabeça.

Peter Lake e o Sr. Cecil Wooley — como Cecil preferia ser chamado (pois achava que, diferente das sílabas pesadas de “Mature”, “Wooley” tinha um som mais esbelto e gracioso) — partiram para arrombar o cofre.

Depois que se enfiaram pelas vidraças externas e pediram aos mecânicos que lhes passassem as outras ferramentas de que precisavam, Peter Lake e Cecil Mature deixaram o *The Sun* e foram para o banco que Hardesty escolhera vários anos antes, porque parecia uma instituição nobre, responsável e à prova de ladrões.

Se era possível passar de uma época para outra através da vontade, imaginação e desejo, Peter Lake e Cecil Mature fizeram isso no decorrer dos oitocentos metros que percorreram a pé. Existiam no presente apenas com uma enorme dose de sofrimento, e suspeitavam de que logo iriam ascender e voar para longe dali. Presos à era moderna apenas por um fio, eles quase eram capazes de ouvir os coros de vozes, os sons trêmulos que fariam o chão tremer e os tons que surgiriam por entre a fumaça que se espalhava em redemoinhos. Sentiam de modo muito forte o casamento iminente entre o caos e a ordem que parecia estar a caminho da cidade turbulenta cercada por baías azuis e tranquilas.

Eles viram imagens projetadas de muito longe em meio às nuvens revoltas de fumaça, e Peter Lake logo percebeu que o registro de todos os acontecimentos, embora estivesse se afastando e se distanciando em meio a uma infinidade desconhecida, ainda era capaz de emitir um reflexo forte e permanente. Viram, desdobrando-se de maneira rápida, o florescimento da cidade que conheceram — os cavalos puxando suas carroças, os limpadores de neve trabalhando duramente, os bombeiros e seus veículos que se pareciam com baús, o labirinto de fios telefônicos cobertos com estalactites de gelo, as velhas sedas e lapelas com diamantes, expressões inocentes e efêmeras que nasceram para iluminar um rosto ignorante por toda a eternidade.

Ouviam o bater dos cascos de cavalos, os apitos lamentosos das barcas carregadas, o tilintar dos arreios, as vozes dos mascates chamando fregueses e rodas de madeira sobre o calçamento de pedra das ruas. E Peter Lake sabia que essas coisas não eram nada além da maneira de se lembrar daqueles que amou, e se lembrar de que o poder do amor que ele conhecera fora repetido

milhões e milhões de vezes, sem parar, de uma alma para outra — todas importantes, todas sagradas, e nenhuma perdida. Ele deslizou por entre as ilusões que reluziam bravamente em meio à fumaça, e ficou muito comovido pela vontade que as coisas tinham de viver sob a luz.

O banco era um prédio velho e enorme feito de pedra. Todas as janelas e portas estavam cobertas por grades de ferro trabalhado que pareciam tão delicadas quanto renda. Mas as barras, longe de serem fios finos e decorativos, eram feitas de aço reforçado, tão duras quanto a cabeça de Craig Binky.

— Ora, esse é um banco digno de admiração — disse Peter Lake, apontando para o lema entalhado com letras de um metro de altura sobre a arquitrave: “Não sejas devedor, nem credor”.

— Nunca fizemos um trabalho como esse. Nunca fizemos nada que fosse próximo disso — disse Cecil, apreensivo.

— Eu já fiz — respondeu Peter Lake. — Algo bem parecido. Alguns dos cofres particulares que eu abri provavelmente eram tão grandes quanto o que está aqui dentro. Tudo o que você precisa é ter as ferramentas certas, paciência e um pouco de treino. É apenas metal.

— E como vamos entrar? Pela porta da frente?

— Poderíamos usar a porta da frente, já que não há nenhum policial por perto e está escuro. Mas os bancos sempre concentram suas forças nos lugares que o público consegue ver. Vamos ganhar quinze minutos se entrarmos por uma janela do segundo andar, nos fundos.

Eles deram a volta e subiram até um beiral largo que formava o peitoral de uma janela que, por sua vez, estava instalada atrás de grossas barras de ferro.

— Nos velhos tempos, nós tínhamos de cortar ou explodir essas barras, ou usar uma rosca hidráulica do tamanho de um poste

telefônico. Mas agora, graças aos nossos esforçados metalúrgicos, temos estas criaturinhas maravilhosas.

Ele colocou a mão dentro da sua bolsa e retirou dois macacos hidráulicos prateados, cada um do tamanho de um pão francês. Estavam comprimidos e afixados no centro de uma caixa de engrenagens e algo que parecia ser uma combinação entre uma barra rosqueada e uma chave de catraca. Peter Lake as colocou entre duas das barras de ferro da grade e prendeu as manivelas que ele e Cecil Mature começaram a girar. Depois de um minuto de giros furiosos, não havia quase nenhuma mudança visível.

Ele explicou que centenas de engrenagens finas como folhas de papel haviam sido montadas tão densamente que gerariam uma pressão mecânica equivalente a duas mil delas. Embora fosse necessário dar várias voltas nas manivelas, o aparato funcionaria, disse ele, e apontou para as pequenas rachaduras onde as barras estavam presas à pedra. Havia até mesmo modelos movidos a bateria, explicou ele ao seu parceiro. Mas para que se preocupar com isso? O que você iria fazer enquanto a coisa agia? Sentar-se em um beiral e comer o seu almoço, ou ler a edição mais recente de Field and Stream? A ideia era trabalhar junto à máquina.

Logo as barras começaram a cantar como velhas pastoras irlandesas que cuidam de ovelhas em meio aos nevoeiros do país. Dez minutos depois elas estavam suficientemente afastadas para que Peter Lake pudesse reverter os macacos, recolhê-los e passar por entre as barras. Entretanto, Cecil ficou encurralado entre as duas barras entortadas da grade, e só conseguiu passar por elas depois que Peter Lake o cobriu com grafite em pó e o puxou. O esforço fez com que o ferimento de Peter Lake voltasse a abrir, e ele se curvou com a dor.

— Estou bem — declarou ele. — Vamos em frente.

Agora eles estavam em terreno familiar, trabalhando juntos com as velhas ferramentas em um alarme à moda antiga para janelas composto por uma fita que acionaria o alerta se fosse rompida. Eles

fizeram vários buracos por toda a extensão da fita e os conectaram com sondas e fios de cobre. Depois, sabendo que a corrente não seria interrompida, cortaram cuidadosamente um buraco no vidro e puxaram o tampão com uma ventosa dupla, pousando-o entre a janela e a grade. Tomaram cuidado com os alarmes não por medo da polícia (que já estava bastante atarefada), mas por questão de orgulho. Assim, afixaram um sistema composto por uma roldana e um contrapeso na grade, passaram junto com suas ferramentas pela abertura no vidro, pisaram em um estribo na ponta da corda que descia pela roldana e desceram lentamente até o piso, dez metros abaixo do ponto por onde entraram.

Tocaram o chão com leveza e sem fazer barulho. Peter Lake olhou para a escuridão turbulenta que estava bem acima de si.

— Shhhh! — sussurrou ele para Cecil, que achava que a polícia poderia estar por perto. — Está ouvindo?

— O quê? — sussurrou Cecil em resposta.

— A música.

— Que música?

— Uma música tocada em um piano, um som muito suave e bonito. Escute.

Cecil fechou os olhos, prendeu a respiração e se concentrou profundamente. Mas não conseguiu ouvir nada. Peter Lake disse:

— Ah... lindo! Como é tranquila...

Cecil respirou fundo outra vez e tentou de novo.

— Eu gosto de música — disse ele, um minuto depois, após exalar. — Mas não ouvi nada.

— É bem sutil. Está circulando lá em cima, perto do alto da cúpula, como se fosse uma nuvem.

Eles passaram por uma pequena ala de mármore muito encerado. O caminho estava iluminado pelo brilho vermelho dos incêndios, e eles desceram por escadarias largas que levavam ao sepulcro no

qual o cofre estava encerrado. Não foi difícil passar por um portão cerimonial de barras de aço banhadas em bronze, bastando simplesmente golpear a fechadura com um formão reforçado e uma marreta. Quando passaram do portão, ligaram as lanternas de minerador que estavam atadas ao redor das suas testas e se aproximaram do cofre.

A porta tinha três metros de diâmetro, e os pinos das suas dobradiças tinham uma espessura que chegava a ser duas vezes maior que a de um hidrante de incêndio. As rodas e bastões de aço inox que estavam espalhadas em sua superfície faziam com que ela se parecesse com o interior de um submarino. Peter Lake não desanimou, e imediatamente começou a entoar um monólogo analítico, bastante parecido com o que Cecil Mature ouvia de Mootfowl quando ele tentava compreender alguma coisa que era difícil e desconhecida.

— Estas rodas aqui — disse Peter Lake, tocando metade dos cabrestantes enquanto falava — estão instaladas apenas para impressionar os clientes que alugam as caixas de depósito. Foram colocadas aí apenas para dar a impressão de que é impossível mover essa coisa. Elas giram, está vendo? Mas não têm nada a ver com o problema. Estas outras... — ele tateou duas engrenagens dentadas, cada uma com pouco menos de um metro de diâmetro — ... servem para girar os quatro ferrolhos internos. É isso. Se conseguirmos girar essas engrenagens, os ferrolhos vão sair dos cilindros como pica-paus fugindo das suas tocas. Cada ferrolho é grosso como uma tora e tem quase o mesmo diâmetro de um prato de sopa, e é feito de aço-vanádio maciço. Nos velhos tempos era possível manipular as fechaduras, mesmo as que tinham mecanismos de tempo. Era preciso perfurar para chegar ao mecanismo, mas mesmo assim era algo possível de fazer. Agora os mecanismos foram reformados e são controlados por aquelas pequenas peças de silício, umas bolachas que são mais espertas do que nós. Se quiser passar por eles, você tem de ser capaz de lidar com elétrons individualmente. Talvez Mootfowl seja capaz de fazer isso, mas não é o meu estilo. Assim, temos de passar pelo controle,

chegar aos quatro ferrolhos e destruí-los. Isso significa fazer três perfurações para cada ferrolho, e estourar o próprio ferrolho dentro do cofre, porque a parte de trás da porta é revestida somente com uma folha de aço de um quarto de polegada, que é fácil de arrancar. Os buracos têm de ser colocados no lugar certo.

Ele retirou um embrulho cheio de paquímetros e réguas da bolsa de couro e começou a entalhar um diagrama euclidiano na superfície convenientemente lisa do aço escovado. Começou a cantar enquanto trabalhava, o que deixou Cecil muito feliz (mesmo que Cecil não conseguisse ouvir o piano distante que Peter Lake estava acompanhando), pois o som daquela música era druídico, hipnotizante e vagamente oriental, fazendo com que Cecil se lembrasse dos anos em que trabalhara como tatuador. Em cerca de uma hora, todos os alvos estavam precisamente marcados com riscos feitos com a ponta de uma broca de diamante. Depois de perfurar buracos para ancorar os tripés que manteriam as brocas nos ângulos certos, eles montaram as brocas e as perfuratrizes e começaram a trabalhar.

Usaram as brocas elétricas de alta velocidade e refrigeradas a água que Peter Lake apropriara das ciências odontológicas e adaptara para as suas necessidades no *The Sun*. Quando os furos estavam abertos, em uma operação que quase não tomou tempo algum, eles despejaram a nitroglicerina que estava guardada em uma dúzia de garrafas de vidro, selaram os furos com goma, enfiaram longas sondas de cobre capazes de produzir faíscas por entre a goma seladora, conectaram-nas a um distribuidor que se parecia com um polvo, guardaram suas ferramentas e estenderam um fio para fora do cofre, indo até o outro lado do saguão cavernoso do banco.

Ao conectar os fios a uma caixa de detonação, Peter Lake disse:

— Eu detesto explodir cofres com nitroglicerina, mas a velocidade é essencial aqui, e essas peças eletrônicas bem que merecem. Os ferrolhos serão lançados contra o fundo do cofre como se fossem balas perfuradoras de blindagem. Espero que não atinjam a

bandeja. — Ele olhou para Cecil. — Lembra-se da prece pela nitroglicerina que Mootfowl fazia? — Cecil fez que sim com a cabeça. — Então diga-a. Logo depois eu apertarei o botão.

Cecil murmurou alguma coisa sobre uma bola de fogo, Peter Lake colocou a palma na alavanca, pressionou o ferimento outra vez e acionou o mecanismo.

O banco tremeu como se um terremoto tivesse atingido o lugar. Acima deles, um candelabro gigantesco que estava pendurado ao teto se iluminou de repente, e as suas várias toneladas de cristais surpresos e inquietos estavam balançando de um lado para outro.

— Pronto. A explosão serviu até para acender as luzes. Baterias... todos os bancos têm circuitos de baterias, exatamente para pessoas como nós. Vamos lá.

Eles correram até o sepulcro, que estava totalmente iluminado agora.

— Gire as engrenagens — comandou Peter Lake. — Não vou conseguir fazer isso. Esse ferimento está doendo demais.

Cecil girou as engrenagens para remover os restos dos ferrolhos de dentro dos cilindros. Em seguida, eles puxaram a imensa porta, que estava perfeitamente equilibrada em suas dobradiças grossas como hidrantes de incêndio, e o cofre estava aberto.

— Qual é o número da caixa? — indagou Cecil.

— Um-quatro-nove-oito — respondeu Peter Lake. Sofria com uma dor considerável, pois não conseguiu resistir ao impulso de ajudar Cecil a abrir a porta.

A caixa ficava na altura da cintura, do lado direito da câmara. Peter Lake se aproximou, ajoelhou-se diante dela e começou a trabalhar na combinação. Olhou para si mesmo no espelho que ocupava a parede inteira de um dos lados do cofre. Viu seus próprios olhos e olhou para a forma rotunda de Cecil, que estava de lado, saltitando pela ansiedade. Notou que havia uma poça de sangue se formando no piso de mármore, ao seu redor. Apesar da

dor, ele parecia estar ficando cada vez mais alerta e cada vez mais poderoso.

— Terminei — disse ele, levantando o trinco.

A portinhola se abriu, e Cecil puxou a caixa de depósito. Eles cortaram o gancho do cadeado, ergueram a tampa e desdobraram o tecido que envolvia a bandeja.

Peter Lake a ergueu diante deles.

O que tinha em mãos não era uma coisa estática. Como uma bela pintura, ela se movia. E, como a luz, ela se movia. Na interação eternamente vívida dos metais puros e reluzentes com os quais fora feita, a bandeja reluzia em milhares de cores, brilhando em brancos, azuis, pratas e dourados. Parecia estar em chamas, e iluminou os rostos dos dois.

— Ela está viva — afirmou Peter Lake. — Ninguém vai derretê-la. Ninguém seria capaz de fazer isso, nunca.

Chelsea havia se tornado uma ilha escura e silenciosa cercada por várias divisões de soldados nervosos armados com rifles e baionetas fixas. Como Cecil era baixo e atarracado, lembrava de certa forma um Rabo Curto, embora não tivesse o nariz achatado e recurvo nem o queixo quadrado. Os soldados, predominantemente garotos recrutados nas áreas rurais do interior do estado, não tinham muita certeza sobre como seria a aparência de um Rabo Curto visto de perto, e também não ficaram muito impressionados com as bolsas de couro cheias de ferramentas para assaltar bancos. Mas a bandeja os deixou atarantados, e eles permitiram que Peter Lake e Cecil passassem por suas barricadas.

Embora os incêndios houvessem liberado enormes quantidades de energia e numerosas inversões tivessem aprisionado o ar quente perto do nível do solo (fazendo com que algumas áreas ficassem quentes como o verão e a maioria da cidade estivesse imersa numa temperatura confortavelmente primaveril), ainda era inverno, e brisas geladas, como correntes gélidas em um rio de águas mornas,

corriam por entre as inversões como longas serpentes de gelo — ajuntamentos de água derretida que voltavam a se congelar, escorregando pelas paredes e contraindo enormes bolsões de ar em estranhas explosões fervilhantes. Chelsea estava quente. As árvores, cheias de folhas. Os arbustos haviam brotado e se erguiam volumosos, pressionados contra grades de ferro ou congregados na praça. Flores voltaram a dominar as floreiras, tão autoconfiantes quanto os gatos que dormem do lado de fora das casas em uma noite de verão.

— Provavelmente algum florista esteve aqui — comentou Cecil, com a boca levemente aberta, enquanto tentava absorver mais ar do que o normal, de modo que pudesse cheirar as flores.

— Um florista, com certeza — respondeu Peter Lake. — Essas são algumas das colunas. Algumas terão mais de um quilômetro de altura. Outras não serão maiores do que uma folha.

Eles entraram em uma passagem estreita que levava a um jardim cercado. Um portão de ferro preso com uma corrente para bicicletas interrompeu seu caminho. A chave do cadeado não poderia abri-lo com mais rapidez do que a destreza do mecânico-mestre do *The Sun* ao arrombá-lo. Ao final da passagem havia um jardim murado que corria do leste para o oeste por dois quarteirões. Os residentes dos prédios com vista para aquele jardim haviam arrancado as cercas que separavam os terrenos das suas casas para transformar aquela viela estreita em um parque particular.

Peter Lake sabia que seria melhor buscar Athansor sozinho. Ele parou e virou-se para o seu amigo, que sabia que outro momento curto estava terminando. Cecil não iria insistir para que Peter Lake o deixasse ficar com ele como fizera no início do século, implorando para ser o seu cozinheiro de abobrinhas, prometendo ganhar dinheiro com as tatuagens que fazia e acompanhando-o de perto sempre que ele saía, mesmo que fosse difícil andar no mesmo ritmo.

Com frequência, quando alguém morre, aqueles que ficam pensam consigo mesmos: se eu pudesse ter apenas mais um dia, eu o aproveitaria muito melhor. Ou uma hora, ou mesmo um minuto. Cecil Mature conseguira passar algum tempo com Peter Lake, mas seu momento havia terminado. Lágrimas rolariam pelo seu rosto se Jackson Mead e Mootfowl não o houvessem ensinado a não chorar. “Não faz bem para o sistema digestivo”, disse Mootfowl, de maneira tão severa quanto o coveiro de Connecticut que um dia ele fora.

— Tudo está mudado agora — disse Peter Lake. — Para nós, as coisas chegaram ao fim. Mas perceba: quando você dorme, tudo está acumulado com tanta força que você não sabe qual é o sonho e qual é a realidade. E, quando finalmente não restar nada, você será tomado pela força de outra época que virá (e pode acreditar no que eu digo) buscá-lo. Ela vai arrancá-lo de onde estiver e engoli-lo como se fosse uma truta comendo um inseto, toda a rapidez, toda a surpresa, algo reluzente que sai das profundezas. E você vai descobrir que tudo começa outra vez, porque nunca chegou realmente a terminar.

— Eu entendo. Mas isso não facilita as coisas.

— Você tem de virar as costas para mim e ir embora.

— Não posso.

— Pode, sim. Você terá de fazer isso em algum momento. Por isso, é melhor fazê-lo agora.

Cecil achou que seria impossível se afastar de Peter Lake. Mas Peter Lake estava sorrindo, e, talvez por causa da promessa que sentiu naquele sorriso, Cecil conseguiu se virar e ir embora.

Agora, Peter Lake estava sozinho no jardim. Andou devagar por entre as árvores até que, quando chegou à metade do jardim murado, percebeu que estava em uma pequena inclinação de onde podia ver a outra extremidade. Ali, em uma tranquilidade perfeita, olhando diretamente para ele, estava o seu cavalo branco.

No momento em que viu o cavalo branco, todos os poderes que o acompanharam até aquele instante o abandonaram para sempre, e Peter Lake tornou-se apenas um homem com um ferimento na lateral do corpo. O cavalo também não parecia mais ser a imensa estátua com o corpo e as patas poderosas que já fora. Parecia ser menor, talvez não fosse um combatente tão bom, e havia algo naquele animal que sugeria... um cavalo que puxava uma carroça de leite. Ele seguiu Peter Lake com os olhos e curvou o pescoço para um dos lados quando Peter Lake deu a volta ao redor de algumas moitas. Quando Peter Lake chegou perto, as orelhas de Athansor estavam apontadas para trás e o rosto estava projetado para a frente. As patas dianteiras tocavam o chão de maneira hesitante, da mesma maneira que ele costumava descansar quando estava puxando carroças de leite no verão e parava sob um chuveiro para cavalos diante da Sociedade dos Amigos dos Cavalos.

Peter Lake olhou nos olhos de Athansor. Embora o cavalo parecesse menor agora e seus ferimentos e cicatrizes não fossem nada agradáveis aos olhos, e também pelo fato de que ele não pareceria estar deslocado se fosse atrelado a uma carroça, ainda tinha os seus olhos redondos e perfeitos.

Depois de deixar a bandeja contra os novos galhos que teimosamente brotaram de um toco de árvore mal cortado, Peter Lake montou com um movimento rápido, e eles correram para o túnel que ficava do outro lado daquele jardim. Folhas verdes rasparam seus corpos como se fosse a primavera ou o verão, e, quando Peter Lake olhou para cima, soube que o dia não demoraria a raiar.

— Vamos lá — disse ele, guiando o cavalo branco por entre a folhagem escura. — Rápido, agora. Você vai voltar para casa.

Embora os incêndios houvessem arrefecido, quase tudo havia sido queimado, e as vigas dos prédios destroçados brilhavam pelo calor. Com exceção dessas barras vermelhas que transformavam a cidade

em uma planta-baixa luminescente do que fora antigamente, muito pouca coisa permanecera intacta. As ilhas protegidas se erguiam em meio a campos de destruição que uma vez mais refletiam as características naturais do terreno que havia por baixo, e os espaços abertos voltaram para Manhattan após vários séculos. A fumaça e o vapor se erguiam sobre os rios em brancos, cinzas e prateados. As ruas estavam desertas. A cidade fora conquistada e destruída, e parecia ser muito menor.

Pouco antes do amanhecer, Peter Lake e Athansor galoparam pelas longas avenidas. O passo de Athansor, inigualável em sua graça, os levava de um lado da ilha para o outro, e depois os trazia de volta, como se estivessem afiando uma navalha em uma tira de couro ou dispondo os fios de uma peça de tecido em um tear. Iam de um lado para outro com tanta suavidade que pareciam até mesmo deslizar sobre o gelo, e, conforme passavam, o tempo ficava comprimido nas ruínas, permitindo que vissem a cidade como ela era e como viria a ser, de uma só vez. Nunca se criou uma tapeçaria tão rica, pois aqui todo o tempo estava agindo. Eram capazes de vê-las, e não devido a algum dom especial ou porque eram superiores, e sim porque o faziam com humildade, e porque o mundo fora empurrado de volta conforme as imagens tranquilas se rebelavam e avançavam em meio à desordem e à vitória. Embora a cidade estivesse em ruínas, nada que havia ali parecia estar morto, e ela prosseguia como se o seu espírito nunca tivesse precisado das estruturas materiais que agora não mais existiam.

Eles avistaram uma tempestade de nuvens negras se aproximando de maneira rápida em um dia de verão e espalhando as crianças pelo parque, com seus cabelos esvoaçando ao sabor do vento súbito, argolas que rolavam livremente pelo chão, as fitas dos chapéus das meninas se agitando com a mesma violência que as asas de um pássaro preso dentro de uma casa. Viram um avião decolando sozinho na noite, suas luzes poderosas vindo na direção deles em meio ao vazio do ar como se Deus houvesse enviado um anjo. Avistaram navios e barcas correndo de norte a sul e sul a norte para abastecer regimentos distantes que estavam em perigo,

cortando a faixa azul do Hudson com espumas prateadas que brilhavam como espada. Depararam-se com lutadores extenuados no ringue, braços e pernas inconscientemente simétricos, paródias de pontes, vigas e formações rochosas. Testemunharam uma criança pobre beijando uma boneca.

Viram um bate-estacas de seis metros de altura hipnotizando uma multidão que se reunira na hora do almoço no distrito dos alfaiates, com os impactos impressionantes de metal sobre metal e as exalações loucas de vapor que erguiam o enorme peso várias e várias vezes, sem parar — algo parecido com os próprios alfaiates, que passavam horas e horas das suas vidas costurando e cerzindo. Avistaram uma família caminhando ao redor de uma lagoa, e perceberam pelas casas e muros de madeiras que os patos da lagoa nunca ouviram qualquer outra língua que não fosse o holandês. Viram barcos pequenos e corajosos passando por Hell Gate, dançando em meio à correnteza de águas brancas entre paredes de rocha, e viram também uma jovem atriz que, banhada pela luz rosada, interpretava o seu papel e dominava o seu medo. Contemplaram as pontes de aço cinzento sob a luz do sol e sob as nevascas, erguendo-se sobre a cidade como enormes cabeceiras.

Tudo isso se desdobrou diante deles como bandeiras desfraldadas ao vento, e pareciam ser uma parte importante da verdade, mesmo que somente apresentassem várias e várias vezes as mesmas curvas, as mesmas cores, as mesmas simetrias fluidas, as mesmas sensações, operações e ações. Todas elas, com o passar do tempo, falavam e cantavam em uma única linguagem e uma única canção sobre uma única beleza central.

Peter Lake cavalgou diante de salões de dança e orquestras sinfônicas que se agrupavam às dezenas no mesmo espaço, e descobriu que seus sons se combinavam em um tom único e perfeito. Uma parte da superposição daquelas imagens impressionantes parecia se dever ao fato de que Athansor estava liderando uma falange de cinquenta cavalos ou mais — éguas e garanhões, potros e potrancas, pôneis cinzentos, castanhos, negros

ou malhados, Shetlands vermelhos, Percherons com pelos ao redor das patas como se fossem dançarinos africanos, Árabes, cavalos de batalha, puros-sangues e cavalos de carga. Mas, quando Peter Lake os observava com cuidado, viu que eles eram reais. Mais que somente imagens, eram feitos de carne e osso, e haviam se juntado a Athansor conforme ele cruzava as ruas. Tirados de seus esconderijos em terrenos que estavam cheios de escombros, os animais haviam se unido em bandos, e agora todos trotavam com o mesmo galope elegante, com o cavalo da carroça de leite na dianteira.

Conforme o dia clareou o bastante para que fosse possível identificar formas ao longe, Peter Lake avistou Rabos Curtos atordoados, observando de queixo caído enquanto ele trotava na dianteira da procissão. Aquilo servia muito bem aos seus propósitos. Eles logo descobririam a rota que ele estava percorrendo e levariam a notícia a Pearly, que provavelmente também seria informado de que Athansor se transformara em cinquenta cavalos sincronizados.

Em sua última passagem pelo lado norte da ilha, eles mandaram os cinquenta cavalos rumo ao rio, e observaram-nos atravessar o curso d'água até Kingsbridge e escapar ao longo da margem do rio. Agora Manhattan não tinha mais nenhum cavalo, exceto um deles. Ao perceber que o sol estava prestes a nascer, Peter Lake e Athansor galoparam mais rápido dessa vez e pararam em algum lugar ao sul do parque. Não havia muitos pontos de referência que ainda estivessem em pé, e era difícil saber exatamente onde estavam.

O cavaleiro apeou. Não é possível abraçar um cavalo da maneira certa — eles são grandes demais. Assim, Peter Lake ficou contente simplesmente por poder olhar nos olhos de Athansor.

— Imagino que você saiba para onde está indo — disse ele. Athansor espirrou. — Acha que eles vão deixá-lo subir até lá com um resfriado? — perguntou Peter Lake. — Naqueles pastos, eles provavelmente não se importam com esse tipo de coisa. Mas, quem sabe? Talvez eles tenham um lugar para quem está de quarentena.

Talvez seja isso que impediu que eu fosse até lá. Agora é hora de você fazer o que é capaz de fazer e ainda não fez, por minha causa, sabe-se Deus por quanto tempo. Vá em frente. Não estarei com você. Vai ter de fazer tudo sozinho.

O cavalo não se moveu até que Peter Lake estalou a língua e acenou com a mão.

Logo depois, Athansor relinchou e começou a caminhar. O movimento tomou conta do cavalo, e ele começou a galopar, cada vez mais rápido, até que o chão tremeu sobre seus cascos e ele já estava bem longe de Peter Lake, que ficou profundamente entristecido. Nunca voltaria a ver o cavalo branco, mas acreditava que o animal encontraria o seu lugar certo e apropriado aonde estava indo. Para o seu lar.

Athansor tomou impulso como se fosse ascender. Apesar de voltar ao chão após voar por apenas três ou quatro metros, não desanimou. Tentou mais uma vez, com o mesmo ímpeto de um homem que acorda depois de sonhar que está voando. Encontrou uma avenida longa e sem destroços e começou a correr. No início ele trotou, contendo-se. Depois, começou a galopar. O ar assobiava ao passar por suas orelhas inclinadas para trás. Seus cascos pareciam tocar o chão com a mesma leveza e delicadeza quanto a mão que gira a roda de um artesão de cerâmica. Agora, por certo, com a velocidade que tinha, bastava flexionar suas pernas dianteiras, retesar o pescoço e empinar o rosto para o céu — como sempre fizera —, e ele voaria pelo ar em uma forte curva ascendente. Ele se jogou para a frente e para o alto e corajosamente se recusou a aceitar qualquer coisa que não fosse o voo.

Mesmo assim, apesar da sua coragem, ele caiu com força sobre o asfalto, rolando várias vezes em cambalhotas descontroladas e derrubando uma linha de latões de lixo que haviam formado uma barreira. O enorme estrondo o assustou, mas não tanto quanto a consciência de que estava preso à terra.

Após o choque e a humilhação de deslizar pela rua e derrubar as latas de lixo como se fossem pinos de boliche, ele recuou até o parque. Sozinho em um campo vazio, curvou-se até tocar no chão e colocou a cabeça entre as patas dianteiras até se transformar em um bloco compacto que lembrava uma estátua equestre esculpida por um artista cubista, ou, como Craig Binky poderia dizer, um artista cubano.

O propósito daquilo era fazer uma inspeção. Quando estava em vários estábulos ou mesmo na rua, ele observara várias vezes o processo solene e indiscutível em que um mecânico de automóveis elevava um carro na presença do seu proprietário silencioso e intimidado, examinando as entranhas do veículo por baixo. Assim, Athansor fez o mesmo com o próprio corpo. Não era mecânico nem veterinário ou anatomista, nem (indo direto ao ponto) um engenheiro aeronáutico. Tudo parecia estar perfeitamente bem — seus cascos estavam brilhantes, negros e duros; seus músculos eram fortes; os tendões por debaixo da pele eram fortes como cabos de aço, e a sua barriga era firme e tinha contornos harmoniosos.

Sentindo-se encorajado porque nada parecia estar fora do lugar, decidiu tentar outra vez. Ganharia velocidade em um galope furioso que o levaria para cima da passarela do Belvedere, saltaria por cima do lago e cruzaria o ar sobre os destroços na Quinta Avenida, alçando-se aos céus em uma inacreditável curva orbital apontada para o sul.

Subir pelas trilhas foi muito fácil, como se não houvesse acidentes no terreno. Até mesmo os degraus e as curvas da passarela não foram problema. Quando a inércia o projetava para fora das curvas, ele a contrabalançava com os quatro cascos contra a vegetação que ladeava o caminho, saltando para a frente como se estivesse descendo em disparada pela encosta de uma montanha. Ao chegar ao topo, ele correu sobre uma superfície plana de rocha e lançou-se ao ar com o poder dos quartos traseiros flexionados e comprimidos rapidamente. E subiu, encantado. Lembrando-se da sensação de

voar, Athansor experimentou a inacreditável falta de peso e ascensão que os anjos sentem. Em seguida, começou a cair.

Não era nada parecido com as trajetórias descendentes controladas às quais ele estava habituado, uma queda na qual cada momento de apreensão provocava um cessar-fogo com a gravidade, até que os dois assinavam um tratado de paz no chão. De maneira alguma: era uma queda vertiginosa, desesperada e descontrolada. Ele girava no ar, suas narinas se dilataram, seus olhos se arregalaram, e ele caiu no lago do Belvedere, que ficava a várias dezenas de metros abaixo da passarela, enviando jatos e ondas de água branca e espumante que, por um momento, pareciam ser asas brancas que brotavam dos seus flancos. Felizmente, ele não percebeu a triste ironia daquela imagem.

Apesar da maneira como caiu na água, ele conseguiu nadar de maneira muito graciosa e chegou até a margem, saindo da água com tanta nobreza quanto possível para um cavalo que emerge de um rio ou lago. Talvez porque estivesse encharcado, Athansor parecia enlouquecido ou tomado pelo pânico. Mas não se deu por vencido, e rumou para uma das avenidas longas e retas onde esperava conseguir galopar por tantos quilômetros quanto fosse necessário até conseguir voar.

Embora não fosse capaz de ver a sua cor na luz estranha que surgiu entre a escuridão e o amanhecer, depois que os incêndios arrefeceram e a lua surgiu por entre imensas nuvens de vapor e fuligem, a superfície do estuário estava tão verde e lisa quanto uma esmeralda. Asbury guiou a lancha por entre as águas rebeldes, manobrando por entre blocos de gelo que, sob a luz bruxuleante da lua, pareciam-se menos com icebergs do que com os inofensivos ursos polares nas pinturas eternamente imóveis e com apenas oito ou dez centímetros de altura.

Na Ilha dos Mortos, o coveiro já desaparecera. Ele fugira quando ouvira a lancha chegar, deixando para trás o seu chapéu e as suas pás. Hardesty ignorou o chapéu, pegou uma das pás e começou a

cavar. Não deixou que Asbury o ajudasse, e desejou poder morrer e acordar em outro mundo antes que a sua ferramenta batesse na madeira. Ergueu quilos e quilos de terra macia enquanto os outros o observavam.

Não demorou muito tempo até conseguir tirar o pequeno caixão de debaixo da terra.

— E agora? — perguntou ele, receoso e sem qualquer vontade de abri-lo.

— Tire-a daí. Não faz tanto tempo, e o chão está frio — disse Virgínia. Hardesty cerrou os dentes e enfiou a pá sob a fenda da tampa do caixão. Em seguida, ele a abriu, pegou-a em suas mãos e jogou-a violentamente para longe. Abby estava deitada ali dentro, praticamente da mesma maneira que estava quando eles a viram pela última vez. De longe, alguém poderia até pensar que estava dormindo.

Hardesty trouxe-a para perto de si, tentando perceber algum sinal de vida. Mas ela estava completamente imóvel. Ele a levou da mesma forma que já fizera várias vezes quando a trazia para casa à noite, depois que a filha caía no sono em seus braços.

Asbury segurou a lancha contra o atracadouro enquanto Hardesty embarcava, pegou Abby dos seus ombros e a deitou sobre a tampa do motor. Virgínia e a Sra. Gamely ergueram Martin para que ele entrasse e embarcaram logo depois. Christiana deu um empurrão na lancha para afastá-la da doca e saltou para a popa com um movimento ágil.

A vibração do velho motor sob a tampa de proteção afastou os cabelos de Abby do seu rosto. Martin foi o único que percebeu, pois foi o único que se atreveu a olhar para ela e era o único que realmente acreditava que ela iria despertar. Ajoelhou-se ao seu lado, esperando que seus olhos se abrissem. Num gesto de inquietação, a Sra. Gamely manipulava o frasco com o emplastro que trazia em sua bolsa, mas sabia que aquele medicamento servia para curar os doentes, não para trazer os mortos de volta à vida. Os demais

olhavam para todos os lugares, exceto para Abby, embora Virgínia mantivesse a mão sempre em contato com o ombro da garotinha. Eles atravessaram o estuário, por entre os blocos de gelo que derretiam e criavam ondas suaves com o seu balanço, e quase nenhuma marola.

O dia estava começando a clarear.

E realmente estava. O sol estava prestes a nascer no primeiro dia do terceiro milênio para testemunhar a destruição da cidade e ver com que prazer, determinação e audácia os seus habitantes encarariam este que era o mais novo dos seus dias. Como sempre, antes do amanhecer, havia certa sensação de urgência.

As mensagens e os mensageiros que chegavam até Jackson Mead em uma profusão crescente nas horas que antecediam a alvorada foram subitamente interrompidos. Ninguém chegou para quebrar o silêncio, e até mesmo Cecil Mature estava sentado de maneira tranquila em seu lugar, olhando entristecido pelas enormes vidraças diante do estuário verde. Em seu primeiro momento de tranquilidade em muitos anos, Mootfowl estava empoleirado em uma banqueta, um pouco atrás do lugar onde Jackson Mead estava. Ele orou em silêncio por pelo menos uma hora, embora ninguém soubesse exatamente qual o motivo daquelas orações.

No silêncio, Jackson Mead refletia sobre o que estava prestes a fazer, e duvidava que iria conseguir. Nunca conseguira alcançar o sucesso antes, quando os elementos eram mais simples, o ar era mais puro e o horizonte tremia com a presença imediata da muralha de nuvens. Mas agora quase ninguém sabia o que realmente era a muralha de nuvens, mesmo quando ela cobria a cidade e esmerilhava as almas das pessoas até o ponto de quase arder. E, embora as máquinas estivessem prontas para entrar em ação, Jackson Mead duvidava que as condições estivessem adequadas às suas intenções. Ele duvidava que o surgimento de um brilho dourado no céu traria consigo um instante de justiça perfeita e equilibrada, pois duvidava que qualquer um ainda se lembrasse ou

se importasse com a justiça, fosse a natural ou a divina. Todos a definiam de acordo com suas próprias luzes, o que significava que tinham de ser sempre rápidas e descomplicadas.

Demorou eras até que ele percebesse que tinha de criar uma ponte de luz sem um ponto final que fosse identificável. Antes disso, Jackson Mead criou maravilhas de leveza e proporções maravilhosas, estais de aço que cantavam ao sabor da brisa, muito acima dos estreitos castigados pelo vento no mundo inteiro, conectando um penhasco coberto por trepadeiras a outro ou casando os dois lados de uma cidade estrangulada e empobrecida. Foi correto e bom criar aquelas vastas curvas que, em si mesmas, eram uma síntese ideal da ascensão e queda, do desejo e do desespero, de rebelião e de submissão, do orgulho e da humildade. Em uma imitação das ondas universais, eram as estruturas mais fortes que já haviam sido construídas, e provavelmente as estruturas mais religiosas de todas, com exceção, talvez, dos campanários das igrejas que apontavam para o céu, rumo às mais incríveis distâncias.

Agora os feixes de luz estavam grossos e precisamente alinhados, perfeitamente paralelos, perfeitamente puros, apontando em uma curva tão gradual que, mesmo com todos os métodos de medidas, pareceria algo perfeitamente reto. Iria se enraizar em Battery Park e perfurar o ar com sua estrutura metálica multicolorida, reta como uma flecha, a quarenta e cinco graus.

Jackson Mead andou até uma vidraça de quatro metros de altura e a golpeou com um forte pontapé.

— Quero vê-la em suas cores verdadeiras — exclamou ele quando o vidro se estilhaçou e os cacos voaram para fora para cairem e serem espalhados ao sabor do vento.

A brisa bateu no rosto e empurrou-lhes os cabelos para trás, e eles tiveram de se inclinar para a frente enquanto observavam o que tinham diante de si. O céu estava coberto com plumas de vapor e fumaça. Altas e brancas, girando e se erguendo lentamente, com as

partes superiores já sendo tocadas pelo sol, pareciam-se com uma cordilheira dourada que estivesse longe demais, e não somente no horizonte, mas no céu também. Jackson Mead ergueu a cabeça e semicerrou os olhos ao ver aquilo, virando-se para Mootfowl em seguida. — Lá estão as nuvens de fumaça e cinzas. Não podemos mais esperar.

Em um gesto grandioso de mãos e olhos, ele fez o sinal para que a ponte fosse erguida.

Na lancha, eles imaginaram que haviam sido atingidos por um raio. O clarão espectral e ofuscante e a sua concussão os derrubaram na água. A única que não foi jogada do barco foi Abby.

Logo a leste do parque, olhando pela extensão de uma avenida aparentemente infinita e tentando reunir sua coragem, o fôlego do cavalo branco foi arrancado de repente pela súbita explosão de luz e o estrondo do trovão que rolou por cima da cidade, fazendo com que até mesmo as ruínas começassem a prestar atenção.

Em Battery Park, um belo facho de luz se ergueu, irradiando todas as cores. Cada seção era alta como um homem, com um metro de largura e um comprimento impossível de calcular. As cores mais quentes — os vermelhos, verdes, violetas e cinzas — eram o centro, e as cores mais etéreas e metálicas as envolviam como uma bainha. Vigas sólidas coroaram o ar, ergueram-se através das plumas e desapareceram muito além do alcance da vista. As vigas azuis, brancas, prateadas e douradas que compunham a bainha eram transparentes, ofuscantes e davam a impressão de estarem cravejadas de joias, com um halo que parecia ser forte o bastante para suportar o peso de uma pessoa e contornava a estrutura principal, transformando-a em uma estrada difusa, cintilante e prateada.

Conforme os minutos se passavam, Jackson Mead observava. — Quanto tempo? — perguntava ele, segundo a segundo, pois sabia que, mesmo à velocidade da luz, ou mais rápido (devido à curvatura), não levaria apenas minutos ou segundos, mas horas

antes de terem certeza de que a ponte estaria firme. Saberiam se o longo arco havia encontrado um lugar para descansar quando uma onda reversa retornasse por ele e fizesse a terra tremer. E, se a empreitada fracassasse, a ponte simplesmente se desintegraria, como se alguém houvesse soprado uma vela.

Eles não eram os únicos na cidade que estavam transfixados pelo que fizeram. Ninguém, em parte alguma, ousava se mover, por medo de quebrar o feitiço. Especialmente para aqueles que não estavam cientes do teste que ainda viria a acontecer, parecia que tudo estava funcionando a contento. As plumas de vapor e fumaça continuavam a se erguer. O sol estava tão próximo do horizonte oriental que, se alguém o observasse, provavelmente pensaria que toda a Europa estava em chamas. E a ponte parecia estar a caminho.

Mas Mootfowl, o especialista em mecânica, subitamente deu um passo à frente, pois ele vira entre a luz o que ninguém mais, nem mesmo Jackson Mead, fora capaz de enxergar. Cecil Mature desviou os olhos da ponte pela primeira vez e olhou para Mootfowl. Logo depois, Jackson Mead percebeu aquilo que Mootfowl descobrira.

O interior da ponte havia começado a vibrar, um sinal claro de que a ponte não iria se firmar. Quase imperceptível no início, a estrutura logo estava oscilando com um ritmo regular. Toda a ponte começou a tremer. Em seguida ela se agitou com um tranco, e, de maneira tão abrupta quanto na ocasião da sua ignição, ela desapareceu, deixando somente um reflexo discreto e confuso para aqueles que, agora, percebiam que estavam sob a luz da manhã, sofrendo com a lembrança da sua beleza.

O sol já estava no céu. Parecia estar apoiado sobre uma linha enegrecida composta pelos telhados dos prédios do Brooklyn, despejando ouro pelas ruas. Conforme o sol se erguia cada vez mais, ele derramava metal derretido pelas colinas e no estuário, transformando mil becos escuros em mil escoadouros dourados.

Nas ruínas da Catedral Marítima, Peter Lake observava a luz se aproximar por trás das colunas e dos contrafortes, afastando de maneira rápida as sombras e refletindo em quaisquer vidros que haviam sobrado nas janelas que ainda tinham alguma forma. Imaginava que, quando a catedral estava cercada pelo fogo, provavelmente estava mais negra do que o petróleo, e que luzes avermelhadas dançavam em recortes angulosos no teto alto. E talvez um clarão, como uma tubulação de gás explodindo, ou a súbita ignição de uma casa de madeira nas proximidades, mandou raios fortes de luz que foram filtrados pelo olho branco da baleia, o que dava a impressão de que as velas dos barcos de vidro estavam se inflando com o vento. Agora havia vigas chamuscadas espalhadas pelo chão, e, conforme a luz do sol entrava pelas janelas, Peter Lake via que, em muito pouco tempo, as pedras seriam cobertas por ervas daninhas.

Sem ter certeza do que devia esperar, Peter Lake ficou assustado com um ruído similar ao de uma mão enluvada batendo contra o metal. Ele protegeu os olhos e olhou na direção da porta, onde alguém estava andando a passos recalcitrantes, com as mãos na cabeça e com a luz do sol por trás, destacando a silhueta do seu corpo. — Só pode ser você, Pearly — gritou Peter Lake, embora não conseguisse enxergar claramente devido ao sol que castigava os seus olhos. — Somente Pearly Soames bateria a cabeça ao entrar por uma porta com doze metros de largura. — Indo até o centro da catedral, Peter Lake sentiu que o sangue lhe corria com força pelas veias. Não desejava estar preenchido pelo desejo de lutar, mas, como se houvesse surgido de lugar nenhum, a vontade de lutar havia retornado.

Depois de bater a cabeça com força em um cano metálico que caiu diagonalmente diante da porta, Pearly estava saltando de um lado para outro, tomado pela dor.

— Ou talvez não seja Pearly Soames — provocou Peter Lake. — Do jeito que está pulando de um lado para outro, parece ser algum coelho desgraçado que pisou em um prego. — Pearly se deteve e

ficou imóvel, a fúria ainda maior do que a dor que sentia. — Ora, mas Pearly Soames é um desgraçado maldoso e burro, também. Cai das escadas duas vezes por dia e atira em seus próprios comparsas por engano. Mistura as palavras porque sua língua é uma cobra que luta para se libertar. E ele sofre de convulsões horríveis, abjetas. Depois de cada surto, ele acorda e percebe que as suas mãos estão cheias de sangue, porque suas unhas longas e imundas arranharam seu corpo e atacaram seu rosto. Mas ninguém nunca viu esse bastardo — e estou dizendo isso literalmente, esse bastardo — pular por aí como um coelhinho. Então, quem está aí? Pearly ou um coelho?

— É Pearly, e você sabe disso — respondeu uma voz grave e arrastada, tomada por uma fúria que quase não conseguia conter. Pearly Soames caminhou lentamente pelo corredor central entre duas florestas de bancos que foram estraçalhados pela alvenaria que desmoronou.

Sua presença era tremendamente imponente. Peter Lake não se lembrava de que Pearly era tão grande, mas agora o seu algoz parecia ter mais de três metros de altura. Uma vez mais estavam ali os olhos que faziam os de Rasputin parecerem tão inofensivos quanto os de um carneiro. Até mesmo Peter Lake, em quem quase todos os tipos de poder chegaram a residir, estava impressionado pela mobilidade dos olhos de Pearly. Eram redemoinhos rasos que se consumiam eternamente, e que aterrorizavam não por causa das ameaças implícitas, mas devido ao seu vazio implacável. Eles perceberam o ferimento no abdome de Peter Lake.

— Estou vendo que o pequeno Gwathmi realmente lhe acertou — disse Pearly, considerando a possibilidade de que, assim como Peter Lake conseguira atravessar as barreiras do tempo, sua invulnerabilidade havia se desfeito. — Sylvane, o irmão dele, me contou o que houve, esperando que eu lhe desse alguma recompensa. Eu não acreditei no que ele disse e o matei.

— Vejamos, então — interrompeu Peter Lake, em tom de zombaria. — Com qual dos seus brinquedinhos você o matou?

Algum que tinha o cabo esculpido em marfim? Com o soco inglês dos cafetões? Um rabo de castor preto?

— Com as minhas próprias mãos. Sylvane era muito pequeno, ainda menor do que Gwathmi. Estendi o braço e quebrei o seu pescoço com a mão direita — explicou Pearly, cerrando os dentes enquanto imitava o que fizera. — E apertei até que ele se quebrou. Ele tentou sacar suas armas, mas não teve tempo. Já devia saber o que ia lhe acontecer.

— Você não pode fazer isso comigo, não é? — perguntou Peter Lake, olhando sem medo nos olhos de Pearly. — Você nunca conseguiu me tocar, lembra-se?

— Oh, não. Não era você — respondeu Pearly. — Não era você. Há uma mulher que o protege, Peter Lake, uma menina. Eu tentei, não é mesmo? Mas você realmente tem uma espécie de escudo. Ou, melhor dizendo, você tinha um escudo. Ela deve estar se cansando desse trabalho, pois deixou que Gwathmi o ferisse. Nada dura para sempre, Peter Lake. Nada, nem mesmo o amor que ela sente por você.

— O amor passa de uma alma para outra, Pearly. Ele realmente dura para sempre. Mas você nunca conseguiria saber disso.

— Talvez eu saiba. Você ficaria surpreso com as coisas que eu aprendi. Concordo quando você diz que ele passa de uma alma para outra, mas você deve concordar quando eu digo que o amor é algo finito, e que, conforme é repassado, deixa algumas almas desprotegidas e abandonadas.

— Acho que não — rebateu Peter Lake. — Creio que nada seja perdido durante essa transferência.

— Isso não passa de uma lenda — gritou Pearly. — E isso viola todas as leis! O mundo existe num equilíbrio perfeito. Quando você dá alguma coisa, você a perde. Quando você recebe, você ganha. Não há nada além disso.

— Nada disso — replicou Peter Lake. — As leis que você imagina serem absolutas são revogadas de vez em quando. De qualquer maneira, são imensamente complicadas, e aquilo que é aparente nem sempre corresponde à verdade.

— Tem certeza? — perguntou Pearly.

Peter Lake hesitou antes de responder.

— Não — respondeu ele. — Não tenho certeza.

— É claro que não, porque a sua proteção desapareceu — insistiu Pearly. — Você está abandonado agora, Peter Lake. Eu sabia que, se esperasse por tempo suficiente, conseguiria encontrá-lo quando você estivesse vulnerável.

— Minha proteção pode ter desaparecido — asseverou Peter Lake. — Mas você ainda tem de lutar comigo. — Em seguida, ele fez algo que ninguém jamais ousara fazer. Peter Lake se ergueu e cuspiu nos olhos de Pearly.

A espada curta de Pearly foi desembainhada em um instante e ele golpeou com força para baixo, mas Peter Lake rapidamente se esquivou, com um salto. Foi somente naquele momento que Peter Lake percebeu que havia Rabos Curtos empoleirados nas paredes, escondidos em meio aos bancos quebrados e cercando a área como um grupo de ratos acuados.

Quando Pearly gritou e golpeou com a espada da esquerda para a direita, Peter Lake se jogou para trás e pousou perfeitamente sobre a base de uma coluna quebrada. — O que o faz pensar que não sou capaz de acabar com você exatamente deste jeito? — provocou ele, desferindo um soco no ar. — O que o faz pensar que não posso lutar contra todos esses homenzinhos que estão aqui e jogá-los do outro lado de Canarsie? — Ardendo pela fúria, Peter Lake esqueceu-se por um momento do que pretendia fazer.

Pearly avançou sobre ele com a sua espada, tentando decepar-lhe os tornozelos. Dessa vez, em vez de se esquivar, Peter Lake

ergueu o pé esquerdo e prendeu a lâmina da espada contra a pedra. Por mais que tentasse, Pearly não foi capaz de movê-la.

— Por que você tem tanta certeza de que as coisas mudaram? — perguntou Peter Lake, com o pé apertando a espada firmemente.

Pearly sorriu.

— Por quê? — perguntou Peter Lake outra vez.

— Porque nós matamos o cavalo.

— Impossível — disse Peter Lake, com os olhos começando a se encher de lágrimas.

— Realmente o fizemos. Há pouco menos de dez minutos.

— Não acredito em você.

— Você não precisa acreditar em mim — disse Pearly. — Veja com seus próprios olhos.

Ele se virou para os homens que estavam reunidos atrás de si. Houve uma agitação em suas fileiras, e uma passagem se abriu no meio deles, pela qual passou uma dúzia de homens, todos encharcados de sangue e trazendo consigo as patas, flancos e a cabeça de um cavalo. Pareciam-se com os homens dos mercados de carne que carregam carneiros inteiros ou peças inteiras de carne sobre os ombros. Mas a pele ainda estava presa aos pedaços que eles traziam. Embora estivesse coberta de sangue, era possível ver que a pelagem era branca.

Assim, Peter Lake sentiu-se quebrar por dentro. Ele desceu da coluna e deixou a espada cair ao chão, de onde foi prontamente recuperada por Pearly.

— Como pode ver, aqui está a sua invulnerabilidade — disse Pearly, indicando o corpo esquartejado do cavalo. — Aqui está o resultado das suas crenças. Aqui está o que os seus sentimentos trouxeram, e aqui está o fim que você irá conhecer.

Peter Lake caiu de joelhos.

Pearly ergueu sua espada com as duas mãos, e apoiou a ponta entre a clavícula de Peter Lake e a base do seu pescoço.

— Sabe o que vai acontecer agora? — perguntou Pearly.

Peter Lake continuou em silêncio.

— Você vai apodrecer no chão até os cães voltarem à cidade. Eles vão brigar para poder comer os restos do seu cadáver e do cavalo, e vão levar os pedaços para as suas tocas debaixo dos atracadouros. Isso se os ratos não chegarem antes deles. E, em relação a Beverly Penn, você a viu pela última vez no início do século, e nunca mais voltará a vê-la. Você chegou a um fim comum e inevitável, embora tenha lutado tanto para chegar até aqui. Em um momento, você ficará mudo e esquecido para sempre. Não haverá ninguém que se lembre de você. Nada. Foi tudo em vão.

Peter Lake olhou para o céu da manhã e viu as grandes nuvens. Formas perfeitas, a muitos quilômetros de altura, elas estavam imóveis no ar frio e azul.

— São apenas nuvens de vapor e fuligem — insistiu Pearly. — Às vezes acontece, depois de um incêndio.

— Da maneira como eu imagino, elas deveriam ser mais do que isso... — disse Peter Lake. Mas, de repente, ele ficou imóvel, e seus olhos buscaram em vão aquilo que ele mal conseguia ouvir.

Quando Pearly se esforçou para ouvir, também, a ponta da espada se afastou do ombro de Peter Lake e ficou suspensa no ar. De algum lugar ao norte vinha um som parecido com o estrondo de trovões, que ficava cada vez mais alto conforme se aproximava. Era firme e eletrizante. Em seguida, passou por eles — cascos de cavalos batendo contra o chão. A ilha toda tremia.

Peter Lake olhou para Pearly outra vez.

— Achei que havíamos feito todos os cavalos da ilha atravessarem o rio rumo a Kingsbridge — disse ele. — Mas parece que pelo menos um animal teve o azar de não atravessar o rio — prosseguiu Peter Lake, indicando a carcaça amontoada ao seu lado.

Aquele é o cavalo branco — declarou Peter Lake, com seu braço direito estendido na direção do trovão. — E, pelo jeito como está correndo, logo vai conseguir atravessar.

Pearly não mudou sua posição. Peter Lake tocou a ponta da espada e levou-a de volta para o lugar em que estava antes, acima da sua clavícula. — E eu também, Pearly. Eu também, embora de uma maneira que nunca ficará clara para você. Perceba, tudo isso simplesmente funciona. Os equilíbrios estão exatos. O mundo é um lugar perfeito; tão perfeito que, mesmo que não haja nada depois, todas as coisas pelas quais passamos serão o suficiente. Agora eu sei disso, e agora tenho certeza do que devo fazer. E devo fazê-lo rapidamente.

Ele moveu a espada até o momento em que ela começou a cortar sua carne. Em seguida, olhou para cima, para muito além de Pearly.

— Somente o amor... — disse ele. — Empurre com força.

A espada foi cravada em Peter Lake até que o cabo repousou sobre o seu ombro e ele morreu.

Para as pessoas que o viam ou que o escutavam, e também para Peter Lake, com o som e a velocidade do galope, parecia que o cavalo que puxava a carroça de leite havia sido arrebatado pelos trovões. Mas, para o animal, foi uma transição fácil e tranquila na qual a terra e o ar se mesclaram em um sonho tranquilo que lhe deu a capacidade de voar. À medida que ganhava velocidade, a terra e o céu ficaram borrados em linhas de cores viscosas, e ele logo começou a se afastar do chão em saltos prodigiosos que deixavam apenas o som do vento sibilante que lhe passava pelas orelhas e pelas bordas dos cascos. Em seguida ele tocava o chão outra vez, lembrava-se da sensação de fazer parte das máquinas do mundo e conhecer em primeira mão as suas fricções, complicações e o seu amor. Mas descobriu que, em sua aceleração desimpedida, um silêncio tranquilo e perfeito o atraía — o sinal inconfundível de pastos onde as flores eram estrelas e onde enormes cavalos

brancos viviam em uma calmaria perpétua, e que mesmo assim nunca paravam de se mover.

Mesmo que o amor por aqueles que ainda estavam plenamente presentes no mundo o refreasse quando seus cascos tocavam o chão, o éter límpido o atraía para longe de seu longo sonho, e ele ascendeu às alturas. Viu a muralha branca se fechando ao redor das baías e enseadas. Ao voar por entre as nuvens, ele viu que essas pessoas eram exatamente como ele se lembrava delas. E mais uma vez, Athansor, o cavalo branco, tantas vezes castigado, atravessou a muralha de nuvens — para nunca mais voltar.

No jardim onde Christiana deixara o cavalo branco, a bandeja jazia à sombra de uma árvore, mas a luz atingia o muro logo acima dela, e, conforme o sol se erguia, a linha clara e perfeita entre a luz do sol e a escuridão começou a descer. No início, a bandeja foi iluminada somente ao longo de uma faixa estreita que queimava como um fio quente. Logo depois, conforme a luz baixou em uma cortina dourada, a bandeja pegou fogo. Quase tão forte quanto o próprio sol, ela iluminou o lado escuro do jardim com uma luz rica que emanava do metal polido em cores ofuscantes. Quando a inscrição refletiu a luz do sol, o jardim começou a se encher de um brilho dourado.

A lancha do *The Sun* atravessou as correntes frias que agora deixavam o estuário verde, dourado e branco, e seus motores cantavam em um tom profundo e enigmático conforme o barco cruzava gentilmente as ondas. Os passageiros olharam para o sul, onde uma muralha branca e vertical transformava o estuário em um mar infinito. Mesmo enquanto a muralha se agigantava e girava, expandindo-se em alguns lugares e contorcendo-se em outros, ela se estendia cada vez mais para o alto, muito além dos limites da visão. Hardesty disse que ela havia crescido com a fumaça e a poeira da cidade arruinada, e que algo assim poderia ser muito bonito se fosse visto sob a luz do sol da manhã.

A única pessoa que não estava olhando para a muralha de nuvens ou especulando sobre aquilo que estava por vir era Martin, que, quase como se aquilo fosse uma questão de fé, não tirou seus olhos de cima de Abby.

As reverberações do motor, logo abaixo da tampa de proteção onde ela estava deitada, tinham afastdo havia muito tempo o cabelo que lhe caía por cima do rosto. Faziam-na parecer como se estivesse se movendo por vontade própria, mesmo que não estivesse; e, às vezes, suas mãos giravam levemente em resposta aos movimentos do barco. Quando o seu dedo indicador se moveu, e depois voltou a ficar flácido, Martin prendeu a respiração. Imaginou que vira os lábios da irmã se contraírem, muito discretamente. Quando lhe disseram para olhar para a muralha de nuvens, ele não conseguiu desviar os olhos de Abby, porque ela estava se movendo. Tinha de ser por causa das vibrações do motor, e nada mais. Mas agora os dedos da menina estavam se esticando. E agora ela estava respirando. E agora, em um momento súbito e decisivo, seus olhos se abriram, em choque.

Quando Martin conseguiu encontrar suas forças, ele avisou os adultos. Ela já havia olhado para ele e aberto um sorriso. Quando Asbury viu que a criança abriu os olhos, ele segurou o timão com bastante força, porque, agora que encontrara o que estava procurando, e via aquilo tão de perto, era difícil manter a proa do barco apontada para Battery Park. A Sra. Gamely jogou o emplastro na água e chorou. Virgínia, com um autocontrole incrível, aproximou-se de sua filha como se a criança houvesse acabado de acordar de uma soneca. Embora Virgínia estivesse tremendo e com a visão embaçada pelas lágrimas, não fez nada que fosse abrupto, e simplesmente trouxe Abby para o seu colo.

Hardesty, como de costume, estava tentando juntar as peças. Ele sabia que, aos olhos de Deus, todas as coisas estão interligadas; sabia que a justiça realmente brota de maneira surpreendente dos atos e consequências de eras esquecidas muito tempo antes; e sabia que o amor não é desfeito pelo tempo. Mas ainda assim ele se

perguntava como, sem qualquer prova, seu pai poderia saber daquilo e como encontrou forças para acreditar. Os pensamentos de Hardesty se concentraram em Peter Lake. Mas ele foi interrompido por algo maravilhoso.

Naquele momento, em uma confusão esmagadora, ele viu diante de si as inúmeras horas afortunadas de todas as eras passadas e daquelas que ainda estavam por vir, um universo infinitamente leve e profundo, os olhos inocentes dos seus filhos e a cidade fragmentada de um milhão de linhas que, quando vista de cima, era tão tranquila e bela quanto uma pintura muito apreciada. O tempo todo estava comprimido, e ele e os outros ficaram agitados como folhas ao vento quando perceberam completamente o que havia acontecido, e por quê. E foram apanhados por um vento que surgiu de súbito e que os levou para cima em uma fé completa e triunfante. Conforme ascenderam, em cascatas que se sobrepunham umas às outras, viram que a grandiosa cidade que estava à sua volta era infinitamente complexa, sacrossanta e viva.

Subindo acima dela, devagar e em silêncio, eles viram que todas as suas partes formavam um inteiro, uma pintura feita com ouro em relevo e nuvens animadas, das quais as longas colunas se erguiam gentilmente, indo direto ao paraíso. As belas baías e rios que cercavam a cidade foram iluminadas, e o próprio mar estava tingido com um tom dourado claro e cintilante.

EPÍLOGO

Eles ascenderam até um ponto alto o suficiente para ver que o ouro que se movia na superfície era real, e que cobria todos os oceanos, desdobrando-se por cima de todas as coisas com a promessa de uma benevolência final que certamente seria cumprida. E, logo em seguida, voltaram de maneira gentil para baixo, pousando no coração de uma cidade nova que estava completamente tomada pela primavera e pelo sol.

Nós, por outro lado, devemos continuar subindo, rumo às ilhas e mares de nuvens revoltas para deixá-los em seu lugar renascido, que, para nós, só fica visível quando um lago se abre entre as nuvens para revelar suas cores vívidas e seus novos suspiros. Mas, quando partimos, há certas coisas que podemos saber.

Como a ponte de Jackson Mead não conseguiu penetrar no firmamento, ele, Cecil Mature e Mootfowl desapareceram sem deixar qualquer rastro, e logo foram esquecidos. Mas, como sempre, Jackson Mead estava convencido de que, da próxima vez, novos recursos ao seu dispor o permitiriam retornar ao lugar elevado de onde fora expulso. E sabia que, se não pudesse retornar, estava perfeitamente disposto a esperar até que chegasse o momento certo. Quando chegasse o momento de retornar, ninguém mais o reconheceria, e ele teria o imenso privilégio de começar tudo de novo.

Naquela manhã as pessoas começaram a reconstruir a cidade. Barcaças apareceram em longas filas, levando os destroços para o mar, e o som dos bate-estacas, as explosões abafadas sob redes de ferro, os gritos estridentes e otimistas das serras e o bufar e os apitos das máquinas do *The Sun* eram música.

Embora Harry Penn tenha vivido para ver um pouco da reconstrução, morreu logo depois que as obras começaram. Faleceu com plena fé, e, posteriormente, Jéssica Penn deu à luz o filho de Praeger de Pinto, um membro valoroso e inabalável da família Penn que acabaria por conduzir o *The Sun* a uma era que não podemos nem começar a imaginar.

Pearly foi deixado nas ruas. Encontrou seu lugar em uma cidade nova, um lugar tão jovem e inocente que não poderia conhecer o mal. Ele se recuperou, de certa maneira, e esperou por acontecimentos futuros. Afinal de contas, sem a sua presença tudo seria leite e rosas, o que não é o suficiente para transformar o mundo em ouro.

Tudo está branco agora... nós deixamos a cidade. Ela está por conta própria. Mas é preciso dizer algumas coisas.

Muitas coisas foram transformadas e renovadas, a tal ponto que algumas circunstâncias podem acabar nos confundindo. Mesmo assim, o fato é que a Sra. Gamely se casou com Craig Binky. Parecia que o casamento fora forjado nos céus, e o leão acabou se deitando com o carneiro.

Você se lembra das crianças que iam ao estúdio de Marko Chestnut e ficavam mudas e aterrorizadas enquanto ele pintava seus retratos e a chuva escorria pelo teto de ardósia, cascateando pela claraboia? Quase todas se tornaram pintores. Elas se lembravam. E Abby Marratta viu tudo. Seu futuro e a enorme exigência colocada em seus ombros, no fim, também seria algo que não podemos imaginar, embora talvez seja possível fazê-lo se examinarmos a boa-fé dos seus predecessores.

Agora não há mais lagos no meio das nuvens. A cidade está imersa em seu novo sonho de maneira profunda. E você pode perguntar: o que aconteceu com Peter Lake? O passado se abriu completamente para ele? Foi capaz de parar o tempo? Voltou a se encontrar com a mulher que amava? Ou o preço da cidade totalmente justa foi a sua queda irrevogável?

Pelo menos até que haja novos lagos em meio às nuvens que se abram sobre cidades vivas que ainda são desconhecidas, e talvez para sempre, essa é uma pergunta que você deve responder com o seu próprio coração.

NOTAS

[1] Lake é o termo em inglês para a palavra “lago”. (N. T.)